

MARY SHELLY

Ο **ÚLTIMO**  
**HOMEM**



TRADUÇÃO  
Jana  
Bianchi

PARATEXTOS  
Fábio  
Fernandes  
Jéssica  
Reinaldo

PLUTÃO

**PLU  
TĀO**

**PLUTÃO**

**O ÚLTIMO HOMEM**

MARY SHELLEY

tradução

JANA BIANCHI

# SUMÁRIO

*Assim vivemos agora*  
Mary Shelley: criadora e criatura

Introdução

Volume 1

I

II

III

IV

V

VI

VII

VIII

IX

X

XI

Volume 2

I

II

III

IV

V

VI

VII

VIII

IX

Volume 3

I

II

III

IV

V

VI  
VII  
VIII  
IX  
X

Sobre a tradução  
Sobre os autores  
Créditos  
Colofão

## PREFÁCIO

### Assim vivemos agora

“A história se repete. Primeiro como tragédia, depois como farsa.” Karl Marx escreveu essas palavras na abertura de seu livro *O 18 de brumário de Luís Bonaparte*. Publicado pela primeira vez em 1852, o livro trazia para reflexão algo que não era novo. A ideia de que as coisas vêm em ciclos está presente desde tempos quase imemoriais — está aí o *Eclesiastes*, que não nos deixa mentir, com outra frase famosa e muitas vezes repetida: “Não há nada de novo sob o sol”.

Este é o nosso caso hoje. No momento em que escrevo este prefácio, vivemos sob uma pandemia que em poucos meses infectou trinta e três milhões de pessoas e matou um milhão. Pegou o mundo de surpresa, mas talvez não devesse. Afinal, tivemos uma situação bastante parecida cem anos atrás. E — a história continua se repetindo — há praticamente duzentos anos um livro também já nos alertava a respeito. *O último homem* não é o livro mais famoso de Mary Shelley, mas seu tema agora é mais pertinente que o de sua obra-prima, *Frankenstein*.

A questão é que a literatura jamais é preditiva. É um grande erro supor que o escritor de ficção é de algum modo realmente um profeta. O poeta estadunidense Ezra Pound cunhou o termo “antena da raça” para falar justamente de quem está sintonizado com seu tempo. É um termo mais do que pertinente para tratar de razão e sensibilidade, para usarmos um termo muito caro a uma autora contemporânea de Mary Shelley, a também britânica Jane Austen.

Ao contrário do que costumam dizer, *O último homem* não é exatamente um romance distópico, ainda que a primeira parte nos jogue de cabeça numa Europa do futuro com o mesmo tipo de crise e conflito dos nossos tempos. Como muitos autores que vieram depois, Shelley não está particularmente preocupada — pois não costumava ser esse o escopo — com *worldbuilding*: a ideia não era mostrar um mundo novo, mas sim fazer comentários políticos e filosóficos sobre os tempos em que viviam os autores.

A praga começa de fato a afetar a humanidade em 2092, mas a ela se somam certos sinais e portentos de caráter bíblico, como o sol negro, e também climáticos, como grandes inundações. O interessante no livro, porém, é que suas cenas agem como um divisor de águas: a menção a Constantinopla na segunda parte traz em seu cerne a queda dessa cidade e alude ao fim da monarquia na Inglaterra, o que naquela época já seria considerado apocalíptico por si só, além, claro, do impacto da praga na humanidade.

Portanto, claro que *O último homem* é um livro apocalíptico. Chamá-lo de distópico é que talvez seja muito pouco, no fim das contas. Mas o impacto da realidade é demasiado forte neste momento em que releio a obra, pois, se por um lado aos autores de ficção não pode ser cobrado o status de profeta, por outro eles de fato vibram como antenas da raça — ou chips, como o músico e escritor Fausto Fawcett atualizou brilhantemente a metáfora — e percebem aquilo que nem todos os demais conseguem num primeiro momento: o fator humano.

Pois neste livro você também encontra negacionistas, ou líderes que afirmam que podem salvar seus seguidores. Não são poucos os teóricos literários que apontam este livro como representação do desencanto de Shelley com os românticos ingleses aos quais era afiliada. Na verdade, o grupo de Lionel é bem um espelho do grupo de poetas, entre os quais seu marido, Percy Bysshe, e lorde Byron, ambos presentes com ela na residência de Byron no lago Genebra, palco da criação de seu personagem mais famoso, o monstro de Frankenstein. Mas não é deste livro que estamos falando aqui. *O último homem* merece ser tão conhecido quanto o seu clássico de protoficção científica.

Assim como *Frankenstein*, porém, *O último homem* é um livro que não poupa seus leitores. Acho que posso dizer que, só pelo título, vocês já sabem o final da história, mas isso não nos impede de ler com avidez o livro para saber como Lionel chegou lá. E, no fim das contas, talvez essa leitura acabe sendo benéfica para nós também como uma espécie de manual de instruções para nossos tempos — sobre como lidar com a nossa impotência hoje, diante da pandemia da COVID-19, e sobre como não repetir nunca mais essa história, nem como tragédia, nem como farsa.

Fábio Fernandes [\*]

Setembro de 2020

## APRESENTAÇÃO

### Mary Shelley: criadora e criatura

Ainda me lembro como se fosse ontem da primeira vez que peguei um exemplar de *Frankenstein* para ler. Não faz tanto tempo assim, e eu já conhecia por alto a história de Mary Shelley, sua importância, seu trabalho — conhecia a força que *Frankenstein* carregava, como era bem falado e benquisto entre os aficionados por ficção científica e terror. Além disso, mesmo quem não é grande apreciador de ficção especulativa já ouviu falar da história do homem construído com pedaços de outros corpos, do cientista que tentou imitar Deus e da inimizade entre o criador e a criatura. Então, mesmo sem nunca ter lido uma linha de *Frankenstein*, eu já o conhecia.

Mas não fiquei menos surpresa quando finalmente nos encontramos. Foi mágico. Foi um momento de realização, eu acho. A importância desse momento é uma sensação que vou carregar para sempre comigo. Desde então, desde aquele dia, o nome de Mary Shelley ficou cravado no meu coração. Uma ferida que jamais seria cicatrizada, um nome que jamais seria apagado.

E é engraçado como algumas pessoas sobrevivem ao período entre os humanos — como alguns nomes se sobressaem e se mantêm na memória e história da humanidade. A jovem de dezoito anos que um belo dia resolveu escrever uma história de fantasmas aterrorizante o bastante para competir com lorde Byron e Percy Shelley com certeza não imaginava, em 1816, que seu nome seria um desses. Que iria se sobressair até aos seus pais, que na época já eram considerados grandes pensadores.

Mary Wollstonecraft Godwin nasceu em Londres, no dia 30 de agosto de 1797. Filha do filósofo William Godwin e da escritora Mary Wollstonecraft, infelizmente não teve contato com a mãe, que faleceu poucos dias após seu nascimento devido a uma infecção durante o parto. Mary cresceu em meio aos livros, influenciada e encorajada pelo pai. Foi aos dezessete anos, em 1814, que iniciou seu relacionamento com Percy Shelley, seguidor de Godwin e poeta em



ascensão. Percy ainda estava casado quando conheceu e começou a ter um caso com Mary. Em 1816 os dois se casaram, após o suicídio da primeira esposa de Percy. Muito se questiona sobre a conduta de ambos nesse caso, mas a história é como é.

No mesmo ano, o casal se reuniu a lorde Byron e John Polidori em um lago próximo de Genebra, na Suíça, para passar o verão, mas, graças ao monte Tambora, na ilha de Sumbawa, Indonésia, que em 1815 jorrou uma quantidade absurda de pó vulcânico e despejou toneladas de enxofre na atmosfera, 1816 ficou reconhecido como “o ano sem verão”. Estudiosos, muitos anos depois, atribuíram a esse evento o que aconteceu no ano seguinte: chuvas torrenciais e falta do sol típico do hemisfério norte. A temporada do grupo, então, não foi das mais aprazíveis, e os membros acabaram se mantendo em casa por boa parte do tempo.

Com o sol escondido e chuvas intensas, foi proposto um desafio: escrever o conto de fantasma mais assustador entre eles. Uma das grandes inspirações da proposta surgiu da leitura de uma edição francesa do livro *Fantasmagoriana*, traduzido por Jean-Baptiste Benoît Eyriès, com histórias de Johann August Apel, Friedrich Laun, Johann Karl August Musäus e Heinrich Clauren. O título remete ao *Fantasmagorie*, de Étienne-Gaspard Robert, um tipo de show com sobreposições de luzes, ventriloquismo e efeitos fantasmagóricos muito popular entre 1790 e 1800.

Um dos frutos do desafio foi o próprio *Frankenstein*. Criado para ser uma história curta, Percy Shelley encorajou a continuação da composição da esposa. Naquele verão, discutiram bastante sobre galvanismo e sobre a história de que o filósofo natural Erasmus Darwin, avô de Charles Darwin, havia reanimado matéria morta. Mary ficou impressionada e interessada na questão. Quando, certa noite, teve um pesadelo sobre o tema, utilizou-o para criar a obra dentro do desafio proposto. Em 1831, em um prefácio para uma nova edição do livro, Shelley contou que queria que seus leitores ficassem tão aterrorizados como ela. O livro foi publicado em 1818, e inicialmente não foi creditado a Mary, e sim a Percy. Logo, porém, o engano foi desfeito, e Mary assumiu a autoria de *Frankenstein*, que ainda hoje gera debates acalorados sobre maldade e bondade humana, certo e errado na relação tempestuosa entre as duas figuras centrais. Há elementos suficientes na obra para pensarmos sobre abandono, sobre até onde vai nossa responsabilidade criativa, sobre o homem nascer mau ou ser corrompido ao longo do caminho de sua vida.

Mas Mary Shelley não é só *Frankenstein*, e o livro que vocês estão prestes a ler é uma prova bastante real disso. Se você ainda não teve contato com outras obras de Shelley, só posso recomendar que aperte os cintos e se prepare para a viagem.

*O último homem* foi publicado originalmente em 1826, mas se passa no futuro, no final do século XXI, entre os anos 2073 e 2100. A história é narrada em primeira

pessoa por Lionel, filho de um nobre que caiu em desgraça e, sem ninguém para ajudá-lo, deixou seus filhos quase na miséria. Lionel se ressentia muito da condição do pai, mas isso muda quando ele conhece o filho do antigo e último rei da monarquia inglesa, um dos últimos amigos de seu pai, uma pessoa que Lionel acreditava que também lhe virara as costas. Uma amizade cresce entre as crias dos dois antigos amigos, e os dois passam a ser companheiros inseparáveis.

É nessa narrativa de memória, que compreende a juventude e vida adulta de Lionel e seus amigos, que conhecemos uma visão de futuro de Mary Shelley. A Inglaterra perdeu sua linhagem real, é comandada por um parlamento e um lorde protetor; desejos de igualdade se mesclam a desejos de ascensão; a manutenção da nobreza corre perigo, dependendo daquele que assumirá o governo do país. Ainda assim, com todos os acontecimentos do romance, Shelley nos demonstra ainda outra coisa: o governo não é nada frente à força destrutiva e aterrorizante da própria natureza.

Em determinado ponto da narrativa, uma praga cai sobre os ombros da humanidade. Pessoas começam a morrer aos montes, e nenhum governante sabe muito bem como lidar com isso. A praga se espalha rapidamente. Pastos são transformados em arados para dar conta da quantidade necessária de alimento para tantas pessoas que precisam de ajuda; nobres deixam de utilizar seus animais de serviço, como cavalos, e toda a configuração da cidade se transforma; a economia entra em colapso. Tudo está ruindo, ninguém tem muita esperança.

Entre 2092 e 2100, a situação piora consideravelmente: Adrian se esforça para assumir o controle da situação, assumindo o papel de lorde protetor, mas a Inglaterra se vê alvo de saques constantes. Entre viagens e perdas dos primeiros e únicos amigos de Lionel, falsos profetas e encontros que fazem qualquer um perder a esperança no pouco que sobrou da humanidade, nosso protagonista acaba assumindo o manto de último homem, aquele que dá nome ao título do livro, enquanto escreve suas memórias e tenta encontrar sobreviventes.

Apesar de todas as informações que cedi neste prefácio, o livro ainda tem muito mais a oferecer. Devo ter coberto bem o topo do iceberg, mas abaixo d'água ainda se encontra um universo rico, com discussões morais e questões humanas que são tão representativas do trabalho de Mary Shelley, uma pensadora capaz de evocar terrores e provocar a imaginação de seus leitores da forma mais assustadora jamais sonhada.

*O último homem* não teve uma boa recepção quando lançado. Foi chamado de doentio por alguns críticos, e outros afirmaram que a imaginação da autora era enferma, mas Mary, mais tarde, falou do romance com carinho e afirmou ser uma de suas obras preferidas. A crítica foi tão firme que o livro foi esquecido durante

mais de cento e trinta anos, reencontrando o público apenas em 1965, quando as pessoas ainda se lembravam da forte praga que, menos de cinquenta anos antes, acabara com muitas vidas: a gripe espanhola data de 1918 a 1920 e dizimou pelo menos cinquenta milhões de pessoas.

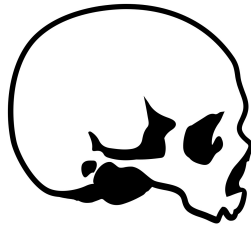
A praga de *O último homem* não é explicada em nenhum momento. Shelley reservou o direito de deixar que os leitores futuros descobrissem por si mesmos. Seus sintomas, entretanto, poderiam ser de uma série de doenças que conhecemos e para as quais temos tratamentos e remédios hoje em dia.

Agora passamos por outra pandemia. Ler as consequências de um governo despreparado e de como a humanidade pode atingir seu pior enquanto passamos por momentos aterrorizantes nas palavras de Mary Shelley é assustador, mas a obra é uma reflexão interessante do período em que a autora a escreveu — todas as falhas do governo, do ideal romântico, de uma possível queda da monarquia, que, naquele momento, ainda dominava com força. Mary, como mulher de seu tempo, escreveu sobre suas preocupações e, apesar de aterrorizante, é também um pouco fascinante perceber como algumas preocupações se repetem.

Por mais que Mary tenha sido levada a sério como escritora em vida, demorou muito para que ela recebesse as gratificações que merece e adentrasse no panteão de grandes escritores de todos os tempos. Seu trabalho é reflexivo e poderoso, questionador e incisivo. Fruto de dois pensadores incríveis, esposa de um jovem poeta romântico e de renome... nada disso faz jus ou delimita as qualidades de Mary Shelley, e seu nome deve valer por si mesmo. Quando pensamos nela, devemos pensar primeiramente em sua mente ágil e sagaz, que trabalhou duro para construir histórias que permaneceram tão relevantes depois de tantos anos, como *Frankenstein* e *O último homem*. A biografia da autora é interessante, e fiz um breve relato dos episódios de sua juventude para dar contexto aos leitores de suas aventuras antes da criação de sua obra-prima, mas é nas palavras, é nos textos que residem suas verdadeiras qualidades enquanto criadora e criatura.

Jéssica Reinaldo [\*]

Halloween de 2020



Visitei Nápoles no ano de 1818. Em 8 de dezembro, meu colega e eu atravessamos a baía para visitar as ruínas antigas espalhadas pelas praias de Baiae. As águas translúcidas e cintilantes do mar calmo cobriam fragmentos de antigas vilas romanas, entre as quais se emaranhavam algas marinhas, e assumiam um brilho adamantino quando banhadas pelos raios matizados do sol. O elemento era tão azul e diáfano que Galateia poderia deslizar sobre a superfície em sua carruagem de madrepérola; ou então Cleópatra, julgando-as mais adequadas que o leito do Nilo, poderia escolher aquelas águas como estrada para sua mágica embarcação. Era inverno, mas a atmosfera lembrava mais o início da primavera; o calor agradável contribuía para causar uma sensação de deleite plácido — quinhão de cada viajante que, enquanto se demora, lamenta deixar as baías tranquilas e os promontórios radiantes de Baiae.

Visitamos os chamados Campos Elísios e o lago Averno. Também vagamos por vários templos em ruínas, banhos e pontos turísticos; a certa altura, entramos na sombria caverna da Sibila de Cumas. Nossos *lazzeroni* carregavam tochas que brilhavam em um vermelho quase apagado nas sombrias passagens subterrâneas; nelas, a escuridão os cercava, parecendo ávida por absorver cada vez mais o elemento da luz. Passamos por um túnel natural que levava a uma segunda galeria e perguntamos se também não podíamos entrar ali. Os guias apontaram para o reflexo das tochas na água que cobria o chão, deixando que tirássemos nossas próprias conclusões; acrescentaram, porém, que era uma pena, porque aquele caminho levava à gruta da Sibila. Nossa curiosidade e entusiasmo foram inflamados por essa informação, e insistimos em tentar passar. Como geralmente acontece quando se leva a cabo esse tipo de iniciativa, as dificuldades diminuíram depois de uma análise da situação. Descobrimos, de cada lado do caminho úmido, “repouso para a planta do pé”.

Por fim, chegamos a uma caverna grande, deserta e escura, que os *lazzeroni* asseguraram ser a gruta da Sibila. Ficamos um tanto decepcionados, mas mesmo assim examinamos o espaço com cuidado, como se as paredes rochosas e vazias ainda pudessem conter resquícios da visitante celestial. Em um dos lados do espaço, havia uma pequena abertura.

— Aonde essa passagem leva? — perguntamos. — Podemos entrar aqui?

— *Questo poi, no* — disse o sujeito de aparência selvagem que carregava a tocha. — Podem avançar apenas por uma curta distância, e ninguém visita esse lugar.

— Vou arriscar de qualquer forma — disse meu colega. — Pode ser que leve à caverna real. Devo ir sozinho ou posso contar com a sua companhia?

Sinalizei minha disposição a continuar com ele, mas nossos guias protestaram contra a decisão. Com grande fluência, eles nos contaram no próprio dialeto napolitano — com o qual não tínhamos muita familiaridade — que havia fantasmas, que o teto poderia cair, que a passagem era estreita demais para permitir nossa entrada e que um buraco profundo e cheio de água se encontrava no fim do caminho, onde poderíamos acabar nos afogando. Meu amigo tomou a tocha do homem e deu fim à ladainha, e assim continuamos sozinhos.

A passagem na qual mal cabíamos no começo logo ficou ainda mais estreita e baixa; passamos a andar quase curvados, mas mesmo assim persistimos na ideia de seguir caminho. Depois de certo tempo, chegamos a um espaço mais amplo, com teto mais alto. Enquanto celebrávamos a mudança, nossa tocha foi apagada por um golpe de vento, e mergulhamos na mais profunda escuridão. Os guias tinham com eles materiais para reacender o fogo, mas nós, não — nosso único recurso era voltar por onde tínhamos vindo. Apalpamos toda a circunferência do espaço amplo em busca da entrada, e, depois de um tempo, achamos que havíamos conseguido. No entanto, só encontramos um outro corredor, que evidentemente ia para cima. Ele terminava como o anterior; porém, uma coisa que pareceu ser uma réstia de luz, vinda de algum ponto que não conseguimos precisar, enchia o espaço com uma penumbra bem questionável. Aos poucos, nossos olhos se acostumaram à baixa luminosidade, e percebemos que não havia nenhuma passagem direta que nos levasse adiante, mas que era possível escalar por um dos lados da caverna até chegar no arco baixo de um nível superior, que prometia um percurso mais fácil e parecia levar à origem da luz. Subimos com uma dificuldade considerável e chegamos em outra passagem com ainda mais iluminação, que, por sua vez, possuía outro corredor ascendente, como o anterior.

Depois de uma série desses caminhos, que fomos capazes de superar apenas com nossa resolução, chegamos a uma gruta larga com um teto arqueado como

uma abóbada. Uma abertura no meio deixava entrar uma luz celestial, mas ela estava coberta por moitas e vegetação rasteira que agiam como um véu, obscurecendo o dia e dando ao espaço um tom de solenidade religiosa. Era uma gruta espaçosa, quase circular, e um canto tinha um trono de pedra com mais ou menos o tamanho de um divã grego. O único sinal de que um dia houvera vida no local era o esqueleto perfeitamente branco de uma cabra, que provavelmente não havia percebido a abertura enquanto vagava pela colina acima da gruta e caído de cabeça. Era possível que eras inteiras houvessem passado desde aquela catástrofe, e o estrago causado no teto, por sua vez, havia sido reparado pelo crescimento da vegetação ao longo de centenas de verões.

O resto do mobiliário consistia em montes de folhas, fragmentos de casca de árvore e uma substância branca e pelicular parecida com a parte interna da capa verde que protege os grãos do milho indiano ainda imaturo. Estávamos cansados com todo o esforço necessário para chegar àquele ponto, então nos sentamos no divã de pedra enquanto o tilintar dos sinos das ovelhas e os gritos dos jovens pastores, lá de cima, chegavam até nós.

Por fim, meu amigo, que apanhara algumas das folhas espalhadas pelo recinto, exclamou:

— É a gruta da Sibila! São as folhas da Sibila!

Em uma análise mais minuciosa, descobrimos que todas as folhas, cascas e outras substâncias traziam caracteres inscritos. O mais surpreendente era que os escritos estavam em vários idiomas: alguns que meu colega não conhecia, caldeu antigo e hieróglifos egípcios, tão velhos quanto as pirâmides. Alguns, o que era ainda mais estranho, estavam em dialetos modernos, em inglês e em italiano. Era possível enxergar pouco naquela penumbra, mas as inscrições pareciam conter profecias, relatos detalhados de eventos passados pouco tempo atrás, nomes que agora são conhecidos, mas que não o eram na ocasião, e, não raro, exclamações de exultação ou pesar, de vitória ou derrota, gravadas naquelas finas e escassas páginas. Aquela certamente era a gruta da Sibila; não exatamente como descrita por Virgílio, mas a região fora tão agitada por terremotos e vulcões que mudanças não seriam de espantar, embora os sinais da ruína tivessem sido apagados pelo tempo. A preservação das folhas provavelmente se devia a um acidente que havia fechado a entrada da caverna, além de à vegetação de crescimento rápido que tornara a única entrada impenetrável às interpéries. Fizemos uma seleção apressada das folhas, escolhendo as que pelo menos um de nós seria capaz de entender, e, em seguida, carregados com nosso tesouro, demos adeus à caverna banhada pela penumbra. Depois de muita dificuldade, conseguimos nos reencontrar com os guias.

Durante a estadia em Nápoles, retornamos com frequência à caverna — às vezes sozinhos, deslizando sobre o mar iluminado pelo sol —, e toda vez acrescentávamos mais itens à nossa coleção. Desde então, contanto que as circunstâncias mundanas não me afastassem da função ou que meu estado de espírito não impedisse o estudo, dediquei-me a decifrar esses resquícios sagrados. O conteúdo, maravilhoso e eloquente, fazia com frequência valer meus esforços, confortando-me em momentos de pesar e dando asas à minha imaginação por voos ousados através da natureza e da mente humana. Durante certo tempo, meu trabalho não foi solitário. Tudo isso já passou, porém, e com meus companheiros incomparáveis e escolhidos a dedo, também se perdeu a recompensa mais cara a eles:

*Di mie tenere frondi altro lavoro  
Credea mostrarte; e qual fero pianeta  
Né nvidia insieme, o mio nobil tesoro?*

Trago a público minhas últimas descobertas nas delicadas páginas sibílicas. Por serem esparsas e desconectadas, precisei acrescentar certas ligações e modelar a obra para que tivesse um formato consistente. O principal conteúdo, no entanto, se encontra nestas rapsódias poéticas e na intuição divina que a donzela de Cumas recebeu do paraíso.

Refleti bastante sobre o objeto dos versos e sobre a versão inglesa da poesia. Chego a pensar que, por mais obscuros e caóticos que sejam, os versos devem a forma presente a mim, que os decifrou. É como se entregássemos a outro artista os fragmentos pintados da cópia do mosaico da *Transfiguração de Rafael* da Basílica de São Pedro; o artista os juntaria em uma obra, que tomaria forma pelo talento e mente peculiares dele. Sem dúvida, o conteúdo das folhas da Sibila de Cumas foi distorcido e reduzido em questão de interesse e excelência nas minhas mãos. Minha única desculpa para essa transformação é o estado de incompreensão da condição intocada.

O trabalho me brindou com longas horas de solidão, tirou-me de um mundo que há muito me negou a benevolência e que me levou a um resplandecer de imaginação e poder. Será que as pessoas que lerem a obra encontrarão consolo na narrativa de miséria e lamentável mudança? Eis um dos mistérios da nossa natureza, que paira sobre mim e de cuja influência não posso escapar. Confesso que não permaneci impassível ao longo do desenvolvimento da trama e que me deixei abater — ou melhor, agonizei — em algumas partes da narrativa, que transcrevi fielmente de meu material. Ainda assim, a natureza humana é tal que o estímulo da

mente me foi caro, e a imaginação, pintora de intempéries e terremotos — ou, pior, das tempestuosas e destruidoras paixões humanas —, amaciou meus pesares e infundáveis arrependimentos reais e vestiu os fictícios com a idealidade aferroada mortalmente pela dor.

Mal sei dizer se esse pedido de desculpas é necessário. Afinal, os próprios méritos da minha adaptação e tradução vão mostrar como dediquei meu tempo e meus poderes imperfeitos à tarefa de dar forma e substância às frágeis e tênues folhas da Sibila.



# **VOLUME 1**

Sou nativo de um recanto cercado pelo mar, uma terra ensombrada pelas nuvens; quando a superfície do globo se apresenta em minha mente, com seu oceano sem fim e continentes a perder de vista, esse local aparece apenas como um ponto desprezível no imenso todo. Mesmo assim, quando submetido à balança do poder mental, ele é muito mais significativo do que regiões de maior extensão e população mais numerosa. Esse poder é comprovado pelo fato de que a mente humana é criadora de tudo que é bom e grandioso para a humanidade, e que a própria Natureza foi apenas a primeira-ministra. A Inglaterra, localizada no extremo norte do mar turvo, agora visita meus sonhos na forma de um navio vasto e bem tripulado, que governou os ventos e passou a vagar orgulhoso pelas ondas. Na minha mocidade, essa terra era o universo para mim. Quando me punha nas colinas de minha terra natal e via planícies e montanhas se estenderem para além dos limites da visão, pintalgadas pelas habitações dos meus conterrâneos e submetidas à fertilidade pelo trabalho deles, aquele ponto era, para mim, o centro da Terra. O resto do globo era apenas uma fábula; esquecê-lo não teria custado minha imaginação nem exigido esforço nenhum.

Minhas riquezas foram, desde o princípio, exemplos do poder que a mutabilidade pode ter sobre os diferentes cursos da vida de um indivíduo. No meu caso, isso veio praticamente como herança. Meu pai foi um desses homens a quem a natureza concedeu generosamente os dons invejados da astúcia e da imaginação e que, depois, largou o receptáculo da vida para ser impelido pelos ventos sem a racionalidade como leme ou o juízo como timoneiro. A linhagem dele era obscura, mas as circunstâncias o levaram cedo ao reconhecimento público; logo, os parques bens de seu pai se dissolveram em uma peça esplêndida de estilo e luxúria na qual ele era o protagonista. Durante os breves anos da juventude imprudente, ele foi adorado pelos néscios da alta estirpe da época, assim como pelo jovem soberano — que escapava das intrigas da política e dos árduos deveres da rotina real para encontrar diversão infalível e alegria para o espírito na sociedade. Os impulsos do

meu pai, nunca sob o próprio controle, sempre o deixavam em situações difíceis das quais apenas a esperteza que tinha podia livrá-lo. As crescentes dívidas de honra e negócios, que teriam massacrado qualquer outra pessoa, eram suportadas com um humor leve e uma hilaridade nata. Por outro lado, a companhia dele era tão necessária nas mesas e esquemas dos ricos que seus descuidos eram considerados perdoáveis, e ele era sempre recebido com uma adulação intoxicante.

Esse tipo de popularidade, como qualquer outra, é evanescente: as dificuldades de todo o tipo aumentaram em quantidade assombrosa comparada às maneiras vãs que ele tinha de se livrar delas. Quando isso acontecia, o rei, com a afeição que tinha por ele, intercedia a seu favor e colocava o amigo para trabalhar. Meu pai fazia as mais sinceras promessas de melhora, mas seu temperamento social, a ânsia pela dose usual de admiração e, acima de tudo, o demônio da jogatina que o possuía completamente faziam com que as resoluções positivas fossem passageiras, e as promessas, vazias. Com a ágil sensibilidade peculiar a seu temperamento, ele percebeu que seu poder no círculo brilhante estava minguando. O rei se casou, e a arrogante princesa da Áustria — que, como rainha da Inglaterra, havia se tornado a líder dos costumes — olhava com maus olhos para os defeitos de meu pai e com desprezo para o afeto que o real esposo nutria por ele. Meu pai sentiu que a queda estava próxima, mas, em vez de usar a última calmária antes da tempestade para salvar a si mesmo, tentou esquecer do mal vindouro fazendo sacrifícios ainda maiores à divindade do prazer, árbitro cruel e traiçoeiro de seu destino.

O rei, um homem de excelente temperamento, mas facilmente influenciável, havia então se tornando um discípulo voluntário da soberba consorte. Assim, foi induzido a olhar com extrema desaprovação, ou no mínimo com desgosto, para as imprudências e loucuras de meu pai. É bem verdade que a presença dele dissipava essas nuvens; a franqueza de coração aberto, as tiradas brilhantes e a atitude confiante dele eram irresistíveis. Era só à distância, quando as novas histórias de seus erros eram despejadas no ouvido do amigo real, que ele perdia a influência. O manejo astuto da rainha foi utilizado para prolongar esses períodos de ausência e para reunir várias das acusações. Depois de certo tempo, o rei foi convencido a considerá-lo uma fonte de perpétua inquietação, sabendo que teria de pagar pelos efêmeros prazeres da sociedade com ladainhas tediosas — para não falar nas dolorosas narrativas sobre excessos, cuja verdade ele não podia negar. O resultado foi que ele decidiu fazer uma última tentativa de recuperar meu pai; em caso de insucesso, este seria renegado para sempre.

A cena seguinte deve ter sido de interesse profundo e paixão inflamada: um rei poderoso, notável por uma bondade que outrora o fizera dócil e agora cheio de conselhos altivos que alternavam súplicas e reprovações, implorando ao amigo que

atendesse seus reais interesses; que, de forma resoluta, evitasse as fascinações que o esvaziavam e usasse os grandes poderes que tinha em um campo útil — no qual ele, o soberano, seria o prumo, o estanque e o pioneiro. Meu pai sentiu essa bondade; por um momento, sonhos ambiciosos piscaram diante de seus olhos, e ele achou que seria por bem trocar os objetivos que então tinha por deveres mais nobres. Com sinceridade e fervor, ele cumpriu a promessa exigida: em troca de uma jura de serviço contínuo, recebeu do mestre real uma quantidade de dinheiro para quitar dívidas urgentes, permitindo que começasse a nova carreira sob ventos auspiciosos. Na mesmíssima noite, enquanto ainda estava cheio de gratidão e determinação, todo o valor, e mais um valor igual, foi perdido na mesa de apostas. Tomado pelo desejo de reparar a primeira perda, meu pai arriscou dobrar as apostas, e assim acabou incorrendo em uma dívida de honra que seria totalmente incapaz de pagar. Envergonhado por precisar pedir ajuda ao rei mais uma vez, ele deu as costas a Londres, a seus deleites falsos e misérias persistentes e, com a pobreza como única companhia, enterrou-se em solidão entre as colinas e os lagos de Cumberland. Sua astúcia, seus bons modos e os relatos de seus encantos pessoais, hábitos fascinantes e talentos sociais foram, por muito tempo, lembrados e transmitidos de boca em boca. Quem perguntava onde estava aquele favorito dos costumes — o companheiro dos nobres, o raio que se destacava e dourava com esplendor exótico as reuniões da corte e de quem se dava à diversão — ouvia que ele estava sob uma nuvem, que era um homem perdido. Ninguém achava que lhe cabia pagar seus prazeres com serviços reais nem que seu longo reinado de astúcia brilhante merecia uma pensão após a aposentadoria. O rei lamentou a ausência; amava repetir o que ele dizia, relatar as aventuras que haviam vivido juntos e exaltar seus talentos — mas a reminiscência terminava por aí.

Enquanto isso, meu pai, esquecido, foi incapaz de esquecer. Remoheu a perda do que era, para ele, mais necessário do que respirar ou se alimentar — a excitação dos prazeres, a admiração dos nobres, o modo de vida luxurioso e sofisticado dos grandes. A consequência foi uma febre nervosa. Enquanto acometido por ela, foi cuidado pela filha de um pobre camponês em cuja casa se abrigou. Ela era amável, gentil e, acima de tudo, carinhosa com ele; não seria de admirar que um antigo ídolo de beleza nobre pudesse, mesmo em um estado de decadência, parecer um ser de natureza elevada e maravilhosa aos olhos de uma humilde camponesa. A ligação entre os dois levou ao casamento malfadado do qual fui fruto. Não obstante a ternura e a doçura de minha mãe, seu esposo ainda lamentava o próprio estado de degradação. Desacostumado ao trabalho braçal, ele não entendia de nada que pudesse contribuir para o apoio da família que crescia. Às vezes pensava em se apresentar ao rei. Por um tempo, orgulho e vergonha o contiveram, e, antes que

suas necessidades se tornassem tão prementes a ponto de convencê-lo com considerável empenho, ele morreu. Apenas por um breve intervalo antes da catástrofe, ele olhou para o futuro e contemplou com angústia a situação desoladora na qual a esposa e os filhos seriam deixados. Seu último esforço foi escrever ao rei uma carta de comovente eloquência e lampejos ocasionais do espírito brilhante que era parte integral dele. Deixou como legado à viúva e aos órfãos a amizade com o mestre real, e sentiu-se satisfeito, pois, dessa maneira, a prosperidade deles estaria mais garantida em sua morte do que durante sua vida. A carta foi entregue aos cuidados de um nobre que, sem dúvida alguma, realizaria o último e gratuito favor de entregá-la nas mãos do rei.

Meu pai então morreu dominado pelas dívidas, e sua pequena propriedade foi tomada imediatamente pelos credores. Minha mãe, sem um tostão e com o fardo de duas crianças, esperou semana após semana, depois mês após mês, na expectativa doentia por uma resposta — que nunca chegou. Ela não tinha experiência alguma com o mundo além da choupana do próprio pai; a mansão do senhorial era o tipo mais elevado de grandeza que ela era capaz de conceber. Em vida, meu pai tivera familiaridade com os nomes da realeza e do círculo da corte; mas tais coisas, ruins segundo a experiência da minha mãe, pareciam-lhe, depois da perda daquele que dava substância e realidade a elas, vagas e fantásticas. Se, sob qualquer circunstância, ela chegou a reunir coragem suficiente para se dirigir às pessoas nobres mencionadas pelo esposo, a má experiência que tivera no passado a fez desistir da ideia. Ela percebeu, portanto, que não havia escapatória para a terrível miséria; a mistura de preocupação constante, luto pela perda daquele ser que a fascinava — pelo qual ela continuou a nutrir admiração ardente —, trabalho duro e saúde delicada acabou livrando-a da triste continuidade de desejo e miséria.

Deixou os órfãos em uma condição peculiarmente lamentável. O próprio pai havia emigrado de outra parte do país e morrido muito tempo antes. Não tinham nenhum parente para pegá-los pela mão — eram proscritos, miseráveis, seres indesejáveis com os quais a mais ínfima demonstração de pena era uma questão de gentileza. Eram tratados meramente como filhos de camponeses, mas ainda mais pobres que os mais pobres de todos, que ao morrer tinham deixado aos filhos a herança ingrata da caridade mesquinha da terra.

Eu, o mais velho dos dois, tinha cinco anos quando minha mãe morreu. Uma lembrança dos discursos dos meus pais e as informações que minha mãe conseguiu inculcar em mim a respeito dos amigos de meu pai, com a esperança vã de que um dia eu pudesse me beneficiar desse conhecimento, flutuavam como sonhos indistintos pelo meu cérebro. Convenci-me de que era diferente dos meus protetores e companheiros, e superior a eles, mas não sabia como ou por quê. O

sentimento de insulto associado ao nome do rei e dos nobres ficou gravado em mim; eu não podia tirar conclusão alguma desse sentimento, porém; não a ponto de servir como guia para ações. As primeiras lembranças que tenho são as de ser um órfão desprotegido vivendo entre os vales e colinas de Cumberland. Prestava serviços para um fazendeiro; com um cajado em mãos e o cão a meu lado, pastoreava um rebanho numeroso nos planaltos próximos. Não há muito o que enaltecer em uma vida assim. As dores excediam em muito os prazeres de vivê-la. Havia liberdade nela, e uma conexão com a natureza, além de uma solidão temerária, mas essas coisas, por mais românticas que fossem, não eram páreo para o amor pela ação e o desejo por simpatia humana, características da juventude. Tampouco o cuidado pelo meu rebanho ou a mudança das estações eram suficientes para domar meu espírito ardente; minha vida ao ar livre e meu tempo vago foram as tentações que me levaram cedo aos hábitos desregrados. Associei-me com outros sujeitos sem amigos como eu; transformei-os em um bando do qual eu era chefe e capitão. Todos nós, garotos pastores, aproveitávamos o tempo em que nossos rebanhos se espalhavam pelos pastos para planejar e executar várias diabruras maldosas, o que atraía a raiva e a vingança dos rústicos. Eu era o líder e protetor dos meus camaradas e, por me tornar notável entre eles, os delitos de todos geralmente recaíam sobre mim. Ainda assim, embora tivesse que aguentar a punição e a dor em defesa deles, com o espírito digno de um herói, consegui em troca sua admiração e obediência.

Nessa escola, desenvolvi um temperamento áspero, mas firme. A ânsia por admiração e o baixo autocontrole que herdei do meu pai, alimentados pelas adversidades, tornaram-me audacioso e imprudente. Eu era duro como os elementos e ignorante como os animais de que cuidava. Constantemente me comparava a eles; quando descobri que minha superioridade de chefe consistia em poder, logo persuadei a mim mesmo de que eu era apenas nisso inferior aos potentados mais notáveis do mundo. Portanto, iletrado em filosofia refinada e perseguido por uma inquietante sensação de rebaixamento do meu verdadeiro posto na sociedade, vaguei pelas colinas da Inglaterra civilizada, um selvagem tão bruto quanto os fundadores de Roma criados por lobos. Obedecia tão somente a uma lei: a lei do mais forte. Minha principal virtude era nunca ceder.

Permita-me, no entanto, uma retratação sobre essa afirmação que fiz sobre mim. Junto de outras lições meio esquecidas e mal-empregadas, minha mãe se encarregou de dar, com grande exortação, a proteção da outra filha à minha tutela fraternal; esse dever eu cumpri tanto quanto minhas habilidades permitiam, com todo o zelo e afeição que minha natureza permitia. Minha irmã era três anos mais nova do que eu. Cuidei dela desde que era uma criancinha; embora a diferença de

sexo nos garantisse ocupações variadas e, em grande medida, separasse-nos, ela continuava sendo o objeto do meu amor atento. Órfãos, no sentido mais amplo do termo, são os mais pobres dentre os pobres, e desprezados mesmo em meio aos desonrados. Se minha audácia e coragem me garantiam um tipo de aversão respeitosa, a juventude e o fato de ser mulher — aspectos que não incitavam ternura ao fazê-la parecer fraca — eram causa de inúmeras humilhações para ela. Seu próprio temperamento não era tão desenvolvido a ponto de diminuir os efeitos de seu posto inferior.

Ela era um ser peculiar e, como eu, havia herdado boa parte das inclinações de nosso pai. Seu semblante era pura expressão: os olhos não eram escuros, e sim impenetravelmente profundos. Era possível descobrir imensidões sem fim ao encarar seu olhar intelectual; dava para sentir que a alma que ali havia era formada por um universo de pensamentos compreendido pelo alcance de sua visão. Ela era pálida e toda clara, os cabelos dourados formavam cachos nas têmporas e o tom rico dos fios contrastava com o mármore vivo que havia embaixo. O vestido grosseiro de camponesa era pouco harmônico com o refinamento que o rosto expressava, mas ainda assim combinava com ele de maneira curiosa. Ela era como um dos santos de Guido, com o paraíso no coração e no olhar; quando alguém a via, só conseguia pensar no que ela guardava dentro de si, e trajes e mesmo compleição eram secundários comparados à mente que sorria em seu semblante.

Porém, embora fosse amável e cheia de sentimentos nobres, minha pobre Perdita (pois esse fora o nome extravagante que havia recebido do pai moribundo) não era, de modo algum, santa em caráter. Os modos dela eram gélidos e repulsivos. Se tivesse sido criada por pessoas que dessem valor à afeição, teria sido diferente, mas, mal-amada e negligenciada, ela pagava a ânsia por gentileza com desconfiança e silêncio. Era submissa a todos que exerciam autoridade sobre ela, mas uma nuvem perpétua lhe marcava o cenho; a impressão era de que esperava hostilidade de todas as pessoas que se aproximavam dela, e suas ações eram instigadas pela mesma sensação. Passava sozinha todo o tempo sobre o qual tinha controle. Perambulava até pelos lugares mais pouco frequentados, subia até alturas perigosas para que nesses lugares ermos pudesse se envolver em solidão. Não raro, passava horas inteiras caminhando para cima e para baixo nas trilhas da floresta, elaborava guirlandas de flores e vinhas ou assistia à oscilação das sombras e ao farfalhar das folhas. Às vezes, sentava à beira de um regato e, como se o pensamento tivesse sido pausado, atirava flores ou pedrinhas na água, observando como boiavam e depois afundavam. Também construía barquinhos feitos com cascas de árvores ou folhas, com uma pena servindo de vela, e depois assistia intensamente enquanto a embarcação navegava por entre as corredeiras e águas rasas do riacho.

Enquanto isso, sua ativa imaginação compunha milhares de combinações. Ela devaneava sobre “acidentes no mar e em terra” — perdia-se satisfeita nessas explorações que criava para si mesma e voltava com o espírito relutante para os detalhes enfadonhos da vida comum. A pobreza era a névoa que cobria suas excelências como um véu; tudo o que era bom nela parecia perecer diante do desejo pelo licor genial da afeição. Ela sequer tinha a mesma vantagem que eu em termos de lembranças de nossos pais; ela tinha a mim, seu irmão, como único amigo, mas a aliança dela comigo só reforçava o desgosto de possíveis protetores por ela — por isso, cada erro que ela cometia era exagerado e transformado em crime. Se tivesse sido criada na esfera da sociedade para a qual, por herança, a constituição delicada de sua mente e personalidade era adaptada, teria sido objeto de algo próximo à adoração, pois suas virtudes eram tão proeminentes quanto seus defeitos. Toda a geniosidade que enobrecia o sangue de nosso pai se expressava nela. Uma corrente generosa fluía em suas veias; falsidade, inveja ou maldade eram antípodas de sua natureza. Seu semblante, quando iluminado por amabilidade, poderia muito bem pertencer a uma rainha de grandes nações; tinha os olhos brilhantes e o olhar destemido.

Embora, por nossa situação e temperamento, nós dois tivéssemos sido quase igualmente eliminados das formas convencionais de relações sociais, contrastávamos fortemente um com o outro. Eu sempre necessitava dos estímulos do companheirismo e do reconhecimento. Perdita era autossuficiente. Apesar dos meus hábitos desregrados, meu temperamento era social; o dela, recluso. Eu passava a vida em meio a realidades tangíveis; ela, a sonhos. Poderia até dizer que eu amava meus inimigos, pois, ao me provocar, concediam-me certa felicidade; Perdita quase desgostava dos próprios amigos, pois interferiam em seus humores visionários. Todos os meus sentimentos, mesmo os de exultação e triunfo, transformavam-se em amargor quando não havia ninguém para compartilhar deles; Perdita, mesmo quando alegre, refugiava-se na solidão e era capaz de passar dia após dia sem expressar suas emoções ou sequer buscar sentimentos equivalentes em outras mentes. Veja bem, ela era capaz de amar e lidar com a ternura no olhar e na voz dos amigos, mas suas atitudes expressavam o afastamento mais gélido. Com ela, toda sensação virava um sentimento, e ela nunca falava até que tivesse mesclado as percepções sobre objetos externos àquelas que já eram criação da própria mente. Ela era como um solo fértil que absorvia os ares e orvalhos do paraíso e depois os dava de novo à luz na adorável forma de frutos e flores; mas era frequentemente obscura e áspera como o solo, arada e recém-semeada com sementes invisíveis.

Vivia em uma choupana cujos arredores de relva aparada desciam suavemente até as águas do Ulswater; atrás dela, um bosque de faias se estendia colina acima, e



um regato serpenteante descia o aclave, correndo por entre margens pontuadas por álamos até desaguar no lago. Eu vivia com um fazendeiro cuja casa era construída no topo da colina. Um penhasco escuro se erguia atrás dela e, na face norte, a neve se depunha entre as gretas mesmo no verão. Antes do nascer do sol, eu orientava meu rebanho até os pastos para ovelhas e o protegia ao longo do dia. Era uma vida dura; a chuva e o frio eram mais frequentes do que dias de sol, mas eu me orgulhava em desprezar as interpéries. Meu fiel cão cuidava das ovelhas enquanto eu escapava para os encontros com meus camaradas, e deles para as execuções dos nossos estratagemas. Ao meio-dia, voltávamos a nos encontrar, e com alegria aproveitávamos os espólios de camponês — acendíamos uma fogueira e avivávamos as chamas destinadas a cozinhar a caça roubada dos estoques vizinhos. Depois, vinham as incursões a regiões próximas, as brigas com os cães e as emboscadas e fugas conforme, à moda dos ciganos, enchíamos nossas panelas. A busca por uma ovelha perdida ou os esquemas com os quais evitávamos ou tentávamos evitar punições preenchiavam as horas da tarde; no começo da noite, meu rebanho voltava ao local de repouso e eu voltava à minha irmã.

Raramente escapávamos de fato; para usar uma expressão antiga, raramente livrávamos nossa pele. Nosso parco espólio era, com frequência, pago com bofetadas e prisão. Certa vez, quando tinha treze anos de idade, fui colocado por um mês na cadeia do condado. Saí de lá com as morais em nada melhores, mas com o ódio por meus opressores multiplicado por dez. Pão e água não domaram meu sangue; confinamento não me inspirou pensamentos gentis. Saí bravo, impaciente, miserável. Minhas únicas alegrias eram as horas durante as quais criava planos de vingança. Aperfeiçoei-os durante a solidão forçada, de modo que, por toda a temporada seguinte — e eu fui libertado no começo de setembro —, não falhei nem um dia em providenciar um abundante espólio em comida para mim e meus camaradas. Foi um inverno glorioso. A geada mordaz e as nevascas pesadas deixavam os animais mais dóceis e mantinham os cavalheiros do condado diante da lareira; conseguíamos mais carne do que éramos capazes de comer, e meu fiel cão chegou a engordar com nossos restos.

Os anos passaram; isso apenas aumentou meu amor pela liberdade e meu desprezo por tudo aquilo que não era tão selvagem ou bruto como eu mesmo. Aos dezesseis anos, minha aparência mudou de súbito para a de um homem. Era alto e atlético; era treinado em atividades que exigiam força e habituado à inclemência dos elementos. Minha pele era bronzeada de sol, meus passos eram firmes pela consciência do poder. Eu não temia pessoa nenhuma e não amava ninguém. Mais tarde na vida, olharia com assombro para a pessoa que havia sido; como teria me tornado alguém totalmente inútil se tivesse seguido o caminho desregrado. Minha

vida era como a de um animal; minha mente corria o risco de se degenerar em uma que transmitisse apenas a natureza bruta. Até então, meus hábitos selvagens não tinham me causado nenhum prejuízo radical. Meus poderes físicos tinham crescido e florescido assim; minha mente, submetida à mesma disciplina, estava impregnada pelas virtudes da brutalidade. Minha esbanjada independência, porém, me levava diariamente a cometer atos de tirania, e a liberdade começava a se transformar em libertinagem. Eu era quase um homem, e paixões fortes como as árvores de uma floresta haviam criado raízes em mim, começando a sombrear o caminho da minha vida com seu nocivo crescimento.

Ansiava eu por iniciativas além de meus esquemas infantis, e criava sonhos destemperados de ações que ainda empreenderia. Comecei a evitar meus antigos camaradas, e logo os perdi. Haviam chegado à idade em que saíam para cumprir seus destinos na vida; já eu, um proscrito, sem nada para servir de prumo ou me fazer avançar, havia parado. Os mais velhos começaram a me usar de exemplo do que não ser; os jovens, a pensar em mim como alguém diferente deles. Eu os odiava e, tomado pela última e pior degradação, passei a odiar a mim mesmo. Agarrei-me a meus hábitos ferozes, embora os repudiasse. Continuei a guerra contra a civilização, embora nutrisse o desejo de pertencer a ela.

Remoí diversas vezes o que lembrava das histórias da minha mãe sobre a vida pregressa do meu pai. Contemplei as poucas relíquias que tinha dele, coisas que contavam histórias sobre o grande refinamento que podia ser encontrado entre as choupanas da montanha; nada, porém, servia de prumo para me orientar na direção de um modo de vida mais agradável. Meu pai tivera conexões com os nobres, mas tudo o que eu sabia sobre elas dizia respeito à negligência posterior. O nome do rei — a quem meu pai moribundo dirigira as últimas preces e que o havia ignorado de forma bárbara — era associado apenas a ideias de falta de gentileza, injustiça e conseqüente ressentimento. Eu havia nascido para ser maior do que era naquele momento — e chegaria lá —, mas grandeza, pelo menos de acordo com minhas percepções distorcidas, não era associada à bondade, e meus pensamentos selvagens não eram validados por considerações morais quando se rebelavam em sonhos de ser nobre. Assim, lá estava eu, no topo de uma torre com um mar de maldades se agitando aos meus pés. Estava prestes a me jogar nele, precipitando-me como uma corrente sobre todas as obstruções no caminho dos meus desejos, quando a influência de um estranho foi trazida pela corrente da sorte e transformou o curso turbulento em algo que, em comparação, era como os meandros gentis de um córrego que cerca um prado.

## II

Eu morava longe dos tormentos frenéticos dos homens, e os boatos de guerras ou mudanças políticas eram desgastados até chegarem à nossa morada montanhosa na forma de meros ruídos. Pelo início da minha juventude, a Inglaterra fora palco de dificuldades momentâneas. No ano de 2073, o último dos reis, o antigo amigo de meu pai, abdicou do trono em anuência à gentil força dos protestos de seus súditos, e uma república foi instituída. Vastas propriedades foram asseguradas ao monarca destronado e à família. Ele recebeu o título de conde de Windsor, e o Castelo de Windsor, uma antiga propriedade real, assim como todos os bens dali, foi parte do patrimônio legado. Morreu logo depois, deixando dois descendentes: um filho e uma filha.

A ex-rainha, princesa da casa da Áustria, tentara por muito tempo compelir o marido a lutar contra as necessidades do momento. Era soberba e destemida; acalentava o amor pelo poder e um desprezo amargo pelo ex-rei que havia entregado o próprio reino. Foi só pelo bem dos filhos que aceitou permanecer, mesmo despida de realeza, como membro da república da Inglaterra. Quando enviuvou, direcionou todos os pensamentos à educação do filho, Adrian, segundo conde de Windsor, de modo que ele pudesse cumprir seus fins ambiciosos. Com leite materno ele foi impregnado, e a intenção era de que crescesse com o propósito firme de readquirir a coroa perdida. Adrian tinha, então, quinze anos de idade. Era viciado em estudar e, ao longo dos anos, foi absorvendo aprendizado e talento: segundo os relatos, logo começou a frustrar as ideias da mãe e a acalentar princípios republicanos. Independentemente disso, a altiva condessa não confiava a mais ninguém os segredos do ensino familiar. Adrian foi criado em meio à solidão e mantido à parte de potenciais companheiros da mesma idade e posição. Eis que circunstâncias desconhecidas levaram a mãe a afastá-lo da tutoria imediata, e soubemos que ele visitaria Cumberland. Milhares de boatos surgiram para tentar explicar a conduta da condessa de Windsor, mas é provável que nenhum fosse

verdadeiro. A cada dia, porém, ficava mais evidente que tínhamos entre nós o nobre herdeiro da antiga casa real da Inglaterra.

Em Ulswater, havia uma grande propriedade com uma mansão anexa, pertencente à família. Um dos apêndices era um grande parque com paisagismo de muito bom gosto, cheio de caça. Eu roubava com frequência daquela reserva; o estado negligenciado da propriedade facilitava minhas incursões. Quando ficou decidido que o jovem conde de Windsor visitaria Cumberland, funcionários vieram preparar a casa para recebê-lo. Os cômodos foram restaurados com um esplendor impecável, e o parque teve todo o abandono revertido, passando a ser guardado com um cuidado atípico.

Fiquei desproporcionalmente perturbado ao saber disso. O fato trouxe à tona minhas lembranças dormentes, meus sentimentos suspensos de prejuízo, que trouxeram consigo um novo sentimento de vingança. Eu não conseguia mais cuidar das minhas ocupações. Todos os meus planos e maquinações foram esquecidos: era como se começasse uma vida do zero, e as perspectivas não pareciam boas. A guerra, pensei, estava prestes a começar. Ele chegaria triunfante ao distrito para onde meu pai fugira com o coração partido; ele encontraria os herdeiros malfadados do homem, legados com uma confiança vã a seu real pai, reduzidos a pobres miseráveis. Que ele descobrisse nossa existência e nos tratasse pessoalmente da mesma forma insultuosa com que o pai nos tratara à distância e quando ausente era, para mim, a consequência certa de tudo o que já tinha se passado. E assim eu encontraria o rapazote — o filho do amigo de meu pai. Ele certamente estaria cercado de criados, nobres e filhos de nobres que lhe fariam companhia. A Inglaterra inteira repetia seu nome, e sua chegada era ouvida à distância como se fosse um trovão. Eu, iletrado e sem modos como era, quando entrasse em contato com ele e sob julgamento dos seguidores de sua corte, seria a evidência viva do tamanho da ingratidão que me transformara naquele ser degradado.

Com a mente cheia de ideias assim, era como se eu estivesse obcecado em assombrar a permanência planejada do jovem conde. Assisti ao progresso das melhorias; fiquei observando descarregarem as carroças, com vários artigos de luxo trazidos de Londres que eram retirados e levados à mansão. Parte do plano da ex-rainha era cercar o filho de magnificência principesca. Contemplei os ricos tapetes e as cortinas de seda, os ornamentos de ouro, os metais ricamente gravados, a mobília adornada e tudo o que havia de bom e de melhor sendo organizados, de forma que nada além do que era real em esplendor fosse visto pelos olhos de um dos descendentes reais. Mirei aquelas coisas; depois baixei os olhos para minhas próprias roupas ordinárias. De onde vinha aquela diferença? Ela vinha da ingratidão, da falsidade, da negligência que o pai do príncipe demonstrara diante

da simpatia nobre e do sentimento de generosidade. Sem dúvida, também ele — foco da prosperidade e nobreza do reino, cujo sangue era formado por uma corrente vinda da orgulhosa mãe — havia sido ensinado a repetir o nome de meu pai com desprezo e a zombar de minhas justas reivindicações por proteção. Eu me esforçava para acreditar que toda aquela grandiosidade era apenas uma infâmia gritante e que, ao fincar sua bandeira tecida em ouro ao lado do meu estandarte maculado e esfarrapado, ele proclamava não sua superioridade, mas sim seu rebaixamento. Ainda assim, eu o invejava. A criação de belos cavalos, as armas caras, os elogios que lhe faziam, a adoração que lhe dedicavam, a pronta servidão, o posto elevado e a alta estima — eu considerava tudo isso como tendo sido arrancado à força de mim, e o invejava com um amargor renovado e tormentoso.

Para coroar meu espírito de vergonha, Perdita, a visionária Perdita, parecia ter acordado para a vida real com a movimentação quando me disse que o conde de Windsor estava prestes a chegar.

— E isso a agrada? — Apenas a observei de mau humor.

— De fato me agrada, Lionel — respondeu ela. — Há muito gostaria de conhecê-lo. Ele é o descendente de nossos reis, o mais nobre homem desta terra. Todos o admiram e amam, e dizem que seu posto é o menor de seus méritos: é generoso, corajoso e afável.

— Contaram uma história bonita para você, Perdita — disse eu —, e você a repete tão literalmente que esquece as provas que temos das virtudes do conde. A generosidade conosco, que ele manifestou amplamente, a coragem na proteção que nos deu, a afabilidade quando reconheceu nossa existência. O posto dele é o menor de seus méritos, foi o que disse? Bom, todas as virtudes dele derivam tão somente de seu posto: como é rico, é considerado generoso. Como é poderoso, é corajoso. Como é bem servido, é afável. Deixe que o chamem assim, deixe que a Inglaterra acredite que ele assim é. Nós o conhecemos bem. Ele é nosso inimigo; nosso precário, covarde e arrogante inimigo. Se tivesse uma partícula das virtudes que alega ter, faria justiça sobre nossa situação. Mesmo que fosse só para se mostrar, para que, quando atacasse, não fôssemos um inimigo já caído. O pai dele prejudicou nosso pai; o pai dele, intocável em seu trono, ousou desprezar nosso pai, que se humilhou diante do monarca quando se prestou a se associar ao ingrato real. Nós, descendentes de um e de outro, também devemos ser inimigos. Ele precisa entender que ainda sofro esses prejuízos. Ele precisa aprender a temer minha vingança!

Alguns dias depois, ele chegou. Todos os moradores, até aqueles nas mais miseráveis choupanas, saíram para se juntar ao fluxo crescente que fluía para vê-lo: mesmo Perdita, a despeito da minha ladainha, ficou perto da estrada para

contemplar o ídolo de todos os corações. Eu, meio enlouquecido por encontrar grupo após grupo de aldeões descendo a colina em roupas de domingo, fugi para os cumes cobertos por nuvens. Olhando para as rochas estéreis abaixo de mim, exclamei:

— Elas não gritam longa vida ao conde!

Nem mesmo quando a noite chegou, acompanhada da garoa e do frio, eu voltei para casa. Sabia que cada choupana estaria repleta de elogios a Adrian; sentia meus membros ficarem cada vez mais adormecidos e gélidos, com a dor servindo de alimento para minha aversão insana. Quase consegui vencê-la assim, pois parecia me dar razão e desculpa para o ódio por meu adversário ignorante. Tudo atribuí a ele; misturei tão inteiramente a ideia de pai e filho que esqueci que este poderia nem saber da negligência daquele em relação a nós. Enquanto socava a cabeça com as mãos, gritei:

— Ele saberá de tudo! Eu serei vingado! Não sofrerei como um cão! Ele saberá que, mesmo pedinte e sem amigos como sou, não me submeterei mansamente à injúria!

A cada dia, a cada hora, aumentavam os equívocos exagerados. Os elogios a ele eram como picadas de víbora atingindo meu vulnerável peito. Quando o via à distância, montado em um belo cavalo, meu sangue fervia de ódio; o ar parecia envenenado pela presença dele, e meu próprio inglês nativo se transformava em um dialeto vil, pois cada frase que eu ouvia vinha acompanhada do nome e da honra do jovem conde. Eu ansiava por liberar o doloroso ardor no coração na forma de delitos que pudessem fazê-lo sentir uma amostra da minha antipatia. O que mais me incomodava era sua superioridade, o fato de causar em mim aquelas sensações intoleráveis, mas sequer se prestar a dar qualquer demonstração de saber que eu existia para senti-las.

Logo tornou-se de conhecimento geral que Adrian tinha grande apreço pelo parque e suas reservas. Ele não caçava, mas passava horas observando os bandos de amáveis e quase dóceis animais que o habitavam; dava ordens para que destinassem o maior cuidado possível a eles. E eis que surgiu ali uma brecha para meus planos de ataque, e eu a aproveitei com toda a impetuosidade bruta do meu modo ativo de vida. Propus uma caçada furtiva nas propriedades do jovem conde aos poucos camaradas que ainda tinha, os mais determinados e desregrados do bando. Todos, porém, se encolheram mediante o perigo, e fui abandonado à sorte de buscar minha vingança sozinho. No começo, minhas incursões passaram despercebidas, e eu fiquei cada vez mais ousado. Depois de certo tempo, pegadas na relva orvalhada e galhos quebrados me denunciaram aos guarda-caças. Eles passaram a prestar mais

atenção. Fui pego e enviado à cadeia. Adentrei as muralhas sombrias tomado por um acesso de êxtase triunfante.

— Ele sabe de mim agora! — gritei. — E saberá de novo e de novo!

Não passei nem um dia confinado: fui liberado no fim da tarde, como me disseram, segundo ordens do próprio conde. Essa notícia me derrubou do pináculo de honra que eu mesmo havia construído. “Ele me despreza”, pensei. “Mas agora aprenderá que eu também o desprezo, e que encaro com o mesmo desdém suas punições e sua clemência.” Duas noites depois da minha soltura, fui novamente pego pelos guarda-caças. Fui mais uma vez preso e liberado. E tamanha era minha obstinação que, na quarta noite, voltaram a me encontrar no parque proibido. Os guardiões ficaram mais enraivecidos pela minha insistência do que o próprio mestre. Haviam recebido ordens para me levar ao conde caso fosse pego novamente. A indulgência dele os fazia esperar uma conclusão que consideravam pouco adequada a meu crime. Um deles, o que desde o princípio fora o líder dentre os que me prendiam, resolveu aliviar o próprio ressentimento antes de me entregar a poderes superiores.

O pôr tardio da lua, assim como a cautela extrema que fui obrigado a usar na minha terceira expedição, consumiu tanto tempo que fui acometido por uma náusea de medo ao perceber a escuridão dando lugar ao alvorecer. Engatinhei em meio às moitas, apoiado nas mãos e nos joelhos, buscando a cobertura sombreada da vegetação rasteira. Enquanto isso, os passarinhos acordavam entoando uma canção indesejável acima de mim, e a brisa fresca da manhã, acarinhando os galhos, passou a me fazer demorar cada passada. Meu coração batia rápido quando me aproximei das estacas de proteção. Minha mão já repousava sobre uma delas — um salto me levaria ao outro lado — quando dois guarda-caças surgiram de uma emboscada e pularam sobre mim. Um deles me imobilizou no chão e começou a me açoitar severamente com um chicote. Ergui-me de um salto com uma faca em mãos. Estoquei na direção do braço direito erguido e consegui deixar uma ferida profunda em sua mão. A raiva e os gritos do homem ferido, assim como a execração uivante de seu colega — que respondi com amargor e fúria equivalentes — ecoaram pelo vale. A manhã seguiu nascendo, a beleza celestial pouco ornando com a escaramuça bruta e barulhenta. Eu e meu inimigo ainda lutávamos quando o homem ferido exclamou:

— O conde!

Livre-me do aperto hercúleo do guardião, arfando por causa do esforço. Direcionei um olhar furioso a meus perseguidores e posicionei-me de costas para uma árvore, decidido a me defender até as últimas consequências. Minhas vestes estavam rasgadas e, assim como minhas mãos, manchadas pelo sangue do homem

que eu tinha ferido. Em uma das mãos, segurava pássaros mortos — minha tão merecida presa. Na outra, minha faca. Meu cabelo estava emaranhado; meu rosto, sujo pelos mesmos sinais de culpa que pingavam da arma que eu segurava. Minha aparência era de exaustão e degradação. Alto e musculoso como era, devo ter parecido — uma impressão verdadeira — o mais baixo arruaceiro a pisar na face da terra.

O nome do conde me sobressaltou, e o sangue indignado que aquecia meu coração subiu às têmporas. Nunca o tinha visto antes. Pensei comigo mesmo que ele parecia ter uma juventude ativa e presunçosa, que usaria para me passar uma reprimenda — caso se dignasse a falar comigo — com toda a arrogância da superioridade. Minha resposta já estava pronta: uma afronta com o objetivo calculado de atingi-lo bem no coração. Nesse momento, ele se aproximou. Sua aparência afastou com um gentil sopro ocidental a névoa da minha fúria: diante de mim vi um rapaz alto, esbelto e claro, com a fisionomia expressiva da sensibilidade e do refinamento. Os raios de sol pintavam de dourado os cabelos sedosos e espalhavam luz e glória pelo semblante jovial.

— O que está acontecendo aqui? — exclamou ele. Os homens começaram a se defender. Ele os afastou, dizendo: — Dois de vocês contra um jovem! Que vergonha!

Ele se aproximou de mim.

— Verney — declamou. — Lionel Verney! É assim que nos conhecemos? Nascemos para ser amigos. Embora a má sorte nos tenha separado, não reconhece o laço hereditário da amizade que, creio eu, nos unirá de hoje em diante?

Conforme ele falava, seus olhos carinhosos, fixados em mim, pareciam ler minha alma. Meu coração, meu selvagem coração vingativo, sentiu a influência daquela doce bondade. Enquanto isso, a voz emocionante, como se fosse a mais doce melodia, acordou em mim um eco mudo, agitando até a mais profunda gota de vida em meu corpo. Eu quis responder, quis reconhecer a benevolência, aceitar a oferta de amizade, mas o dom das palavras — das palavras bonitas — não era para um serrano como eu. Teria estendido a mão, mas a mancha da culpa que havia nela me refreou. Adrian se apiedou do meu aspecto vacilante.

— Venha comigo — disse-me. — Tenho muito a falar ao senhor. Venha para casa comigo... Sabe quem sou?

— Sim! — exclamei. — Agora creio que conheço o senhor e que perdoará meus erros. Meu crime.

Adrian sorriu com gentileza. Depois de dar ordens aos guarda-caças, veio até mim e, dando-me o braço, caminhou comigo até a mansão.



Não foi sua posição social — depois de tudo o que eu disse, certamente não seria de pensar que a posição de Adrian era responsável — que subjugou o íntimo do meu coração e prostrou todo meu espírito diante dele. Tampouco eu era o único a sentir tão intimamente sua perfeição. Sua sensibilidade e cortesia fascinavam a todos. A vivacidade, a inteligência e o ativo espírito benevolente eram responsáveis por completar a conquista. Mesmo com tão pouca idade, ele havia lido muito e absorvido o próprio espírito da alta filosofia. Esse espírito lhe dava um tom de persuasão irresistível ao conversar com outras pessoas, a ponto de parecer um músico inspirado a tocar com habilidade inequívoca uma “lira mental”, produzindo assim uma harmonia divina. Na aparência física, mal parecia pertencer a este mundo. A estrutura franzina não fazia jus à alma que vivia dentro do corpo. Uma simples pena o superaria em força, mas o poder de seu sorriso era capaz de domar o mais faminto leão ou fazer com que uma legião de homens armados jogasse as armas a seus pés.

Passsei o dia com ele. A princípio, não mencionou o passado nem nenhuma ocorrência pessoal. Provavelmente queria me inspirar confiança e me dar tempo para pôr em ordem meus pensamentos bagunçados. Falamos sobre assuntos gerais, e ele me deu ideias que eu jamais concebera. Sentamos na biblioteca, e ele falou sobre antigos sábios gregos e sobre o poder que estes haviam adquirido sobre a mente da humanidade através da força do amor e da sabedoria, nada mais. O cômodo era decorado com o busto de vários deles, e Adrian descreveu as características de cada um para mim. Conforme ele falava, eu sentia que todo o orgulho e força dos quais me vangloriava haviam sido subjugados pelo tom adocicado do garoto de olhos azuis. O pequeno portão para a civilização, que antes eu considerava inacessível de minha bravia selva interior, fora assim aberto por ele. Eu entrei e senti que estava em meu ambiente natural.

Quando o fim da tarde começou a se aproximar, ele mencionou o passado.

— Tenho uma história a contar — disse ele — e muita explicação a dar no que tange ao passado. Talvez possa me ajudar a resumi-la. Será que se lembra do seu pai? Nunca tive a satisfação de conhecê-lo, mas o nome dele é uma de minhas primeiras lembranças. Está gravado em minha mente como exemplo de homem galante, amável e fascinante. De inteligência tão notável quanto a infinita bondade do coração, que depositava tanto em seus amigos que, infelizmente, sobrava apenas uma pequena quantidade para si mesmo.

Encorajado pelos elogios, respondi ao pedido de relatar o que me lembrava sobre meu pai. Por sua vez, ele me explicou as circunstâncias que haviam culminado na negligência da carta testamentária. Quando o pai de Adrian, então rei da Inglaterra, percebera o perigo da situação, com uma conduta que se tornava

cada vez mais constrangedora, pediu várias vezes para que o amigo que muitas vezes servia de obstáculo para a impetuosa ira da rainha fosse mediador entre ele e o Parlamento. Desde a saída de Londres — na fatal noite da derrota na mesa de jogos —, o rei não havia recebido notícia alguma sobre ele, e, com a passagem dos anos, quando se esforçou para descobrir seu paradeiro, todos os rastros já haviam se perdido. Com um arrependimento mais afetuoso do que nunca, ele se agarrou à memória que tinha. Deu ao filho a missão de, caso encontrasse o valioso amigo, prestar a ele todo o auxílio de que precisasse, garantindo assim que a conexão entre os dois enfim sobrevivesse à separação e ao silêncio.

Pouco tempo antes da visita de Adrian a Cumberland, o herdeiro do nobre a quem meu pai confidenciara o último apelo deixou a carta, com o selo ainda intacto, nas mãos do jovem conde. Ela fora encontrada largada em meio a papéis antigos, revelada por um mero acaso. Adrian a leu com profundo interesse, encontrando nas palavras o espírito vivo do ânimo e da esperteza de que ouvira falar com tanta frequência. Descobriu o nome do local para onde meu pai havia se retirado — e onde morrerá. Soube da existência dos filhos órfãos e, durante o pequeno intervalo entre a chegada a Ulswater e nosso encontro no parque, ocupara-se com perguntas sobre nosso paradeiro, preparando uma variedade de planos para nos beneficiar antes de se apresentar diante nós.

O modo como falava do meu pai acarinhava minha vaidade; o véu com que cobria delicadamente a própria benevolência, alegando o cumprimento do último pedido do rei, acalentava meu orgulho. Outros sentimentos menos ambíguos foram trazidos à baila pelos modos conciliatórios e pela calidez de expressões: respeito que eu raramente experimentara antes, admiração e amor — ele havia tocado meu coração de pedra com seu poder mágico, e um fluxo de afeição irrompia de mim, puro e imperecível. Despedimos-nos no fim da tarde. Ele apertou minha mão e disse:

— Vamos nos encontrar de novo. Venha me ver amanhã.

Espremi aquela mão gentil. Tentei responder, mas um febril “Deus o abençoe!” foi tudo o que minha ignorância chegou a produzir, e então eu corri para longe, oprimido pelas novas emoções.

Fui incapaz de repousar. Segui até as colinas. Um vento do oeste soprava sobre elas, e as estrelas cintilavam para mim. Corri sem me importar com obstáculos físicos, tentando usar a fadiga muscular para dominar o espírito inquieto dentro do meu corpo.

“Isso”, pensei “é poder! Não músculos fortes, coração duro, ferocidade e ousadia, mas compaixão e ternura”. Parando de súbito, juntei as mãos e, com o fervor de um novo prosélito, gritei:

— Acredite, Adrian! Também me tornarei sábio e bom! — E, deveras comovido, chorei em voz alta.

Com o passar do surto de emoção, senti-me mais composto. Deitei-me no solo e, dando corda aos pensamentos, repassei na mente toda a minha vida pregressa. Comecei a reviver, um a um, os vários erros do meu coração, tentando descobrir quão bruto, selvagem e desprezível eu havia sido até o momento. Sequer me sentia capaz de experimentar remorso, pois era como se tivesse nascido de novo. Minha alma se livrara de todo o fardo passado, disposta a começar uma nova carreira na inocência e no amor. Não restava nada bruto ou grosseiro diante dos sentimentos agradáveis que a conversa do dia havia inspirado. Eu era uma criança a declarar a devoção pela mãe, era como se minha alma tivesse sido remodelada pelas mãos de um mestre — algo a que não desejava nem era capaz de resistir.

Assim foi o início de minha amizade com Adrian, e comemoro esse dia como o mais feliz da minha vida. Foi então que comecei a me tornar humano. Adentrei os limites sagrados que dividem a natureza moral e intelectual do ser humano daquela que caracteriza os animais. Meus melhores sentimentos foram convocados para fazer jus à generosidade, sabedoria e amenidade do meu novo amigo. Com uma bondade nobre típica, ele ficou contente em conceder os tesouros de sua mente e fortuna ao filho negligenciado do amigo do pai, descendente do talentoso indivíduo cuja excelência e cujos talentos ouvira serem elogiados desde a infância.

Depois da abdicação, o falecido rei se retirara da esfera da política, ficando com um círculo doméstico que trazia a ele pouca satisfação. A ex-rainha não possuía virtudes da vida doméstica, e aquelas que lhe eram disponíveis, a coragem e ousadia, tornaram-se nulas depois da secessão do esposo: desprezava-o por completo, sequer tentando esconder os sentimentos. Movido pela cobrança da esposa, o rei havia descartado os velhos amigos, mas ela não o havia levado a fazer nenhum novo. Na carência por simpatia, ele recorrera ao filho, então praticamente uma criança, e o desenvolvimento precoce de talento e sensibilidade fizeram de Adrian um repositório adequado da confiança do pai. Nunca se fartava de ouvir os relatos repetidos dos velhos tempos do rei, nos quais meu pai tinha um papel notável. Seus comentários astutos eram repetidos ao menino, que os gravava na memória. A esperteza, as coisas que o fascinavam e até mesmo as falhas eram santificadas sob a luz do pesar. O rei lamentava sinceramente aquela perda. Nem mesmo o desgosto da rainha servia para privar o amigo favorito do esposo da admiração do filho: era amargo, sarcástico e desdenhoso, mas, como ela censurava igualmente as virtudes e os erros, as amizades devotadas e os amores frustrados, o desinteresse e a falta de prodigalidade, os modos agradáveis e a facilidade com que cedia à tentação, o ataque duplo se provou pesado demais, e caiu por terra antes

mesmo de acertar. Tampouco conseguiu evitar que Adrian imaginasse meu pai, como me dissera naquele dia, como um exemplo de homem galante, amável e fascinante. Assim, não era de estranhar que, ao ficar sabendo da existência dos herdeiros dessa pessoa tão celebrada, ele tivesse criado um plano para nos conceder todas as vantagens atribuídas por sua posição. E mesmo quando descobriu que eu não passava de um pastor vadio das colinas, um ladrão, um selvagem iletrado, não fraquejou na bondade. Além de considerar o pai em algum grau culpado da negligência para conosco, sentindo-se obrigado a nos suprir de qualquer possível reparação, ficava feliz em dizer que debaixo de toda minha rudeza brilhava uma elevação de espírito, distinta da mera coragem animal, e que eu herdara o semblante de meu pai, provando que as virtudes e os talentos não haviam morrido com ele. Meu amigo resolveu que quaisquer características legadas a mim não deveriam se perder para a falta de cultura.

Pensando nisso, logo após nosso encontro, ele me fez querer participar do cultivo que abençoava seu próprio intelecto. Minha mente ativa, depois de capturada pela nova ideia, banqueteu-se dela com extrema avidez. A princípio, o maior objetivo da minha ambição era rivalizar os méritos de meu pai e tornar-me digno da amizade de Adrian, mas a curiosidade logo floresceu, assim como um amor honesto pelo conhecimento, o que me fez passar dias e noites lendo e estudando. Já estava bastante familiarizado com o que costumava chamar de panorama da natureza, com a mudança das estações e com as várias manifestações do paraíso e da terra. Mas fui imediatamente arrebatado e encantado pela súbita expansão de percepção quando a cortina que me separava do mundo intelectual foi aberta e eu vi o universo — não só como apresentado aos meus sentidos externos, mas como se eu fosse o mais sábio homem vivo. A poesia e suas criações, a filosofia e suas pesquisas e classificações: ambas acordaram ideias adormecidas na minha mente e ainda criaram outras.

Sentia-me um marujo que, do topo do mastro, avistava a costa da América. Como tal, apressei-me a contar aos meus companheiros sobre as descobertas de terras desconhecidas. Mas eu parecia incapaz de despertar em outro coração o mesmo apetite de conhecimento que existia no meu. Nem mesmo Perdita parecia capaz de entender. Eu vivera no que costumava ser conhecido como o mundo da realidade, mas estava despertando em um novo território, onde descobria que havia um significado mais profundo em tudo diante de mim, muito além do que os olhos me faziam crer. A visionária Perdita encarou isso como um novo verniz sobre uma descoberta já antiga, e seu próprio conhecimento era suficientemente inesgotável para ela. Ela me ouvia, como fazia quando narrava-lhe minhas aventuras, e às vezes se interessava por aquele tipo de informação, mas de modo

algum o encarava, como eu fazia, como parte integral do próprio ser — que, uma vez obtido, não podia mais ser ignorado, como o próprio sentido do tato.

Ambos concordávamos no amor por Adrian: embora ela, ainda presa à infância, não pudesse, como eu, apreciar a extensão dos méritos ou sentir a mesma simpatia pelos interesses e pelas opiniões. Eu estava entregue a ele para sempre. Havia uma sensibilidade e uma doçura em sua disposição que davam um tom carinhoso e excelso à nossa conversa. E ele ainda era alegre como uma cotovia que cantarola pelos domínios celestes, afiado como uma águia, inocente como um pombo. Era capaz de dissipar a seriedade de Perdita e remover o veneno da torturante atividade de minha natureza. Passei a encarar meus desejos inquietos e as batalhas dolorosas que travava com meus colegas como um sonho conturbado, e me senti como se tivesse assumido uma forma cujos sentidos frescos e mecanismo nervoso alterassem o reflexo do universo aparente no espelho da consciência. Mas não foi o caso: eu ainda tinha a mesma força, o mesmo desejo fervoroso por simpatia, a mesma ânsia de empenho ativo. Minhas principais virtudes não me haviam abandonado, assim como Urânia havia poupado os cabelos de Sansão quando ele repousara aos seus pés; no entanto, todas elas haviam sido amaciadas e humanizadas. Adrian não me instruiu apenas nas gélidas verdades da história e filosofia. Por meio delas, ele também me ensinou a subjugar meu espírito temerário e inculto, abriu meus olhos para a vivacidade do próprio coração e permitiu-me sentir e entender seu maravilhoso caráter.

A ex-rainha da Inglaterra planejara incutir no filho, mesmo na infância, pensamentos ousados e ambiciosos. Vira que ele era dotado de um gênio e talentos incomparáveis e cultivou essas características para aprofundar os próprios propósitos. Encorajou a ânsia por conhecimento e a coragem impetuosa, tolerou até mesmo o indomado amor pela liberdade, com esperança de que o levasse — como é costumaz — à paixão por comandar. Ela tinha como missão fazê-lo ressentir e procurar vingança contra aqueles que haviam sido cruciais no processo de abdicação do pai. Ela não conseguiu. Tais testemunhos, por mais distorcidos que fossem, imbuíram-no com a ideia de uma nação mais ampla e sábia capaz de governar a si mesma, e isso conquistou sua admiração: logo cedo, ele se transformou em um republicano. Ainda assim, a mãe não se desesperou. Ao amor pelo reinado e ao arrogante orgulho ela acrescentou ambição, paciência e autocontrole. Devotou-se ao estudo das inclinações do filho. Por meio de elogios, censura e conselhos, tentou encontrar e dedilhar as cordas certas e, embora a melodia resultante parecesse dissonante aos próprios ouvidos, criou esperança com base nos talentos do filho e sentiu certeza de que, no fim, conseguiria conquistá-lo. O tipo de banimento pelo qual ele agora passava tinha origem em outras causas.

A ex-rainha tinha também uma filha, então com doze anos de idade. Adrian costumava chamá-la de irmã-fada — uma coisinha amável e cheia de vida, sincera e sensível. Com eles dois, seus filhos, a nobre viúva residia em Windsor. Não permitia visitantes, exceto os próprios partidários, viajantes da nativa Alemanha e alguns poucos ministros estrangeiros. Dentre estes, tido em sua grande estima, estava o príncipe Zaimi, embaixador da Inglaterra nos estados livres da Grécia; e a filha dele, a jovem princesa Evadne, passava muito tempo no Castelo de Windsor. Na companhia dessa espirituosa e inteligente garota grega, a condessa relaxava de seu estado usual. A visão que tinha dos próprios filhos fazia com que restringisse todas as palavras e ações dirigidas a eles; Evadne, porém, era um brinquedo que não precisava temer, e os talentos e a vivacidade da moça amenizavam — e não de forma suave — a monotonia da vida.

Evadne tinha dezoito anos de idade. Embora passassem muito tempo juntos em Windsor, Adrian era tão jovem que não havia qualquer suspeita quanto à natureza do relacionamento entre os dois. Mas ele tinha um ardor e uma ternura no coração que iam além da natureza comum dos homens, e já aprendera a amar, enquanto a beldade grega o favorecia. Era estranho para mim — que, mesmo mais velho do que Adrian, jamais amara alguém — testemunhar como meu amigo entregava todo o coração em sacrifício. Não havia ciúme, inquietude ou desconfiança em seus sentimentos. Tudo o que sentia era pura devoção e fidelidade. Sua vida fora englobada pela existência da amada, e seu coração batia em uníssono com a pulsação que dava vida ao dela. Aquela era a regra secreta de sua vida: amar e ser amado. O universo era para ele uma habitação a ser ocupada com sua escolhida, e não seria um esquema da sociedade ou encadeamento de eventos que provocaria nele alegria ou miséria. Não obstante, a vida e o sistema de interações sociais era um ermo, uma selva assombrada por tigres! No entanto, no seio de seus erros, na profundidade de seus recantos mais selvagens, havia um caminho livre e florido pelo qual os dois podiam caminhar em segurança e alegria. A passagem deles era como a travessia do mar Vermelho: atravessavam sem molhar os pés, com uma muralha de destruição suspensa de cada um dos lados do caminho.

Ah, mas por que insisto em registrar a desafortunada ilusão desse inigualável espécime da humanidade? Por que nossa natureza está sempre nos empurrando em direção à dor e à miséria? Não somos criados para a diversão. Por mais que sejamos capazes de usufruir de emoções prazerosas, a decepção é a timoneira infalível da embarcação da vida, e de forma implacável nos carrega na direção dos bancos de areia. Quem senão aquele jovem cheio de dotes seria melhor designado a amar e ser amado, a colher o júbilo inalienável da paixão sem culpa? Caso seu coração tivesse dormido por mais alguns poucos anos, ele poderia ter sido salvo, mas despertou

ainda durante a infância: tinha poder, mas não discernimento, e assim foi arruinado, tal qual o broto precoce é ceifado pela geada mortal.

Não acuso Evadne de hipocrisia ou intenção de enganar aquele que a amava, mas na primeira carta dela que vi já soube que não amava Adrian. Era escrita com elegância e, embora fosse estrangeira, havia ali uma demonstração de grande domínio do idioma. A caligrafia em si era muito bonita; havia alguma coisa na escolha do papel e no padrão de dobra que mesmo eu, que não estava apaixonado e era iletrado naquele assunto, discernia como de ótimo gosto. Havia muita gentileza, gratidão e doçura em suas palavras, mas não havia amor. Evadne era dois anos mais velha do que Adrian — quem, aos dezoito, era capaz de amar uma pessoa tão mais jovem? Comparei as plácidas cartas com as palavras ardentes de Adrian. Ele parecia destilar a própria alma nas palavras que escrevia; elas respiravam no papel, inundadas por uma dose da vitalidade do amor que também era dele. O próprio processo de escrita parecia exauri-lo: ele chorava sobre as epístolas, tomado tão somente pela emoção que desabrochava no coração.

A alma de Adrian tinha as cores de seu caráter, e dissimulação e falsidade eram o extremo oposto da franqueza nada temerosa de sua natureza. Evadne pediu com todo o coração que a história de amor entre eles não fosse revelada à mãe de Adrian, e, depois de contestar por um tempo o pedido, ele cedeu a esse desejo. Foi uma concessão vã: seu comportamento sob os olhos afiados da ex-rainha logo entregou o segredo. Com a mesma prudência desconfiada de tudo o que fazia, ela escondeu a descoberta, mas se apressou para tirar o filho do alcance da atraente grega. Foi por isso que fora enviado a Cumberland, mas o plano de correspondência entre os amantes, organizado por Evadne, permaneceu escondido da megera. Assim, o afastamento físico de Adrian, arranjado com o propósito de separá-los, tornou os laços mais estreitos do que nunca. Para mim, ele discursava sem parar sobre a amada jônica. O país em que ela nascera, suas narrativas ancestrais e suas mais memoráveis guerras — tudo contribuía com a glória e excelência da mulher. Ele aceitou se afastar dela porque foi o que ela o instruiu a fazer. Não fosse por essa influência, ele teria assumido o relacionamento diante de toda a Inglaterra, teria resistido com constância inabalável à oposição da mãe. Com prudência feminina, Evadne percebera como uma declaração seria inútil até que os anos dessem mais peso ao poder do jovem Adrian. Talvez houvesse por trás disso a aversão oculta a um relacionamento com um homem que ela não amava — ou que pelo menos não amava com todo o entusiasmo apaixonado que, segundo o próprio coração, ela um dia sentiria por outra pessoa. Adrian obedeceu e passou um ano exilado em Cumberland.



Mil vezes felizes foram os meses, semanas e horas daquele ano. A amizade, assim como a admiração, a ternura e o respeito, construiu um pavilhão de alegria no meu coração, antes inquieto como os ermos inexplorados da América, o vento vagante ou o alto-mar. A sede de conhecimento e a afeição irrestrita por Adrian mantinham meu coração e minha mente ocupados, e, conseqüentemente, eu estava feliz. E que outra felicidade é tão verdadeira e pura quanto o deleite excessivo e tagarela dos jovens? Em nosso barco, navegando pelo lago de minha terra natal e cercado pelos regatos e álamos nas margens, ou então em um vale ou no topo das colinas, com meu cajado largado ao lado, disposto a cuidar de um rebanho mais nobre do que um de ovelhas estúpidas — um rebanho de ideias recém-nascidas —, eu lia ou ouvia o que Adrian tinha a dizer. Seus discursos, fossem sobre seu amor ou sobre suas teorias de como melhorar a humanidade, enfeitiçavam-me do mesmo jeito. Às vezes meu ímpeto rebelde voltava; voltava meu amor pelo perigo, minha resistência à autoridade, mas isso só acontecia na ausência de Adrian. Sob o domínio suave de seus amáveis olhos, eu era obediente e bom como um menino de cinco anos que faz o que a mãe quer.

Depois de passar cerca de um ano em Ulswater, Adrian visitou Londres e voltou cheio de planos para nosso benefício.

— Você precisa começar sua vida — disse ele. — Já tem dezessete anos, e, se demorar mais, o processo de aprendizagem necessário será cada vez mais enfadonho.

Ele previa que a própria vida seria difícil, e eu precisava compartilhar o esforço com ele. Para me adequar melhor à missão, precisávamos nos separar. Ele conseguiu para mim um bom passaporte e uma nomeação, e atribuiu a mim a função de secretário particular do embaixador em Viena, onde eu começaria a carreira sob os melhores auspícios. Em dois anos, voltaria ao meu país com um nome conhecido e uma reputação estabelecida.



E Perdita? Bem, Perdita se tornaria pupila, amiga e irmã mais nova de Evadne. Com a usual ponderação, ele havia providenciado independência para ela na situação. Como eu poderia recusar as ofertas de um amigo tão generoso? Não queria recusá-las, mas em silêncio fiz um voto de dedicar minha vida, meu conhecimento e meu poder — coisas que, se tinham algum valor, era porque ele me agraciara com elas — e todas as minhas capacidades e esperanças apenas a ele.

Foi isso que prometi a mim mesmo enquanto viajava até meu destino com expectativas instigadas e ardentes — expectativas de enfim cumprir na maturidade todas as promessas de poder e deleite que fazemos a nós mesmos quando crianças. Pensei eu: a hora chegou. Era hora de deixar as preocupações infantis de lado e entrar na vida adulta. Mesmo nos Campos Elísios, Virgílio descreve a alma dos felizes como ansiosas por beber da onda que as devolverá ao fardo da vida mortal. Esses campos são raramente lugar para os jovens: seus desejos, que ultrapassam qualquer realidade, deixam-lhes pobres como um devedor comum. Somos alertados pelos mais sábios filósofos sobre os perigos do mundo, sobre as mentiras dos outros e sobre a traição do nosso próprio coração. Mesmo assim, é de forma igualmente destemida que zarpamos nosso frágil barco do porto, içamos as velas e forçamos os remos para alcançar as correntes multitudinárias do mar da vida. São poucos os que, no auge da juventude, fundeiam as embarcações nas “areias douradas” e coletam as conchas coloridas espalhadas pela praia. No fim do dia, porém, todos acabam se dirigindo à costa com o convés dilacerado e as velas destruídas, naufragando quando a alcançam ou encontrando algum abrigo castigado pelas ondas, alguma área deserta onde se jogam e morrem sem ninguém para velar o corpo.

Pois a filosofia que me perdoe! A vida está diante de mim, e me apresso em possuí-la. Esperança, glória, amor e ambição irrepreensível me servem de guia, e minha alma não teme coisa nenhuma. O que já passou, por mais doce que tenha sido, passou; o presente só é bom porque está prestes a mudar, e o que há adiante pertence apenas a mim. É o medo que faz meu coração palpitar? As grandes aspirações fazem meu sangue correr, meus olhos parecem enxergar além da madrugada enevoada do tempo, e é como se discernissem a realização de todos os desejos de minha alma em meio às profundezas da escuridão.

Mas alto lá! Durante minha jornada, devo sonhar, e com alegres asas devo alcançar o pico da alta construção da vida. Agora que cheguei à base, recolho as asas, vejo as poderosas escadarias diante de mim e, passo a passo, devo subir pelo maravilhoso templo...

Então alguém proclama: quem abrirá a porta para mim?

Diante de mim vejo uma nova capacidade. Ser um diplomata: mais um em meio à sociedade que busca prazeres em uma cidade alegre, um jovem promissor, o favorito do embaixador. Tudo era estranho e admirável para um pastor de Cumberland. Maravilhado e sem fôlego, entrei no alegre cenário, cujos atores eram os lírios que, esplendorosos como Salomão, crescem no campo, e não trabalham nem tecem.

Cedo, cedo demais, deixei-me levar pela vertiginosa espiral. Esqueci minhas horas de estudo e a camaradagem de Adrian. A busca apaixonada pela simpatia e a perseguição ardente pela possibilidade de ser um objeto de desejo ainda me caracterizavam. A visão da beleza me deixou em transe, e os modos atraentes dos homens e das mulheres conquistaram toda a minha confiança. Considerei-me arrebatado quando um sorriso fez meu coração acelerar, senti o sangue da vida correr em minhas veias quando me aproximei do ídolo que por um tempo venerara. O mero fluxo dos espíritos animais era o paraíso, e, ao cair da noite, eu desejava apenas a renovação daquela ilusão intoxicante. O resplandecer das luzes em cômodos enfeitados, as amáveis curvas envoltas em esplêndidos vestidos, os movimentos de uma dança, os acordes voluptuosos de uma música primorosa — tudo isso embalava meus sentidos em um sonho prazeroso.

E não é isso um tipo de alegria? Apelo aos moralistas e aos sábios. Pergunto-lhes: na calma de seus devaneios compassados, nas profundezas das meditações que ocupam suas horas, será que sentem o mesmo êxtase que um novato na escola dos prazeres? Será que o olhar calmo que irradia dos olhos desses sábios, olhos ávidos que buscam o paraíso, equipara-se ao lampejo de paixão mista que cega os do novato? Ou será que a influência da filosofia fria eleva a alma deles a uma alegria igual à deste, engajado em sua busca pelos banquetes da juventude?

Na realidade, porém, nem as meditações solitárias do ermitão e nem os arroubos tumultuosos do folião são capazes de satisfazer o coração do ser humano. Do primeiro, conseguimos a especulação inquieta; do segundo, a saciedade. A mente tremula sob o peso do pensamento e se inclina na direção da insensível interação daqueles cujo único objetivo é a diversão. A gentileza vaga não dá frutos, e rochas afiadas espreitam debaixo das ondulações sorridentes dessas águas rasas.

Assim, quando a decepção, o cansaço e a solidão voltaram ao meu coração, senti o desejo de buscar a alegria que me fora negada. Meu espírito cansado desejava algo que tivesse a ver com afeição; quando não encontrei nada disso, vacilei. Por mais prazer irracional que tenha encontrado naquele novo começo, a impressão que tenho é que minha vida em Viena foi simplesmente melancólica. Goethe já disse que é impossível ser feliz na juventude se não houver amor. Não amei, mas fui devorado pelo desejo incansável de significar alguma coisa para

outras pessoas. Tornei-me vítima de ingratidão e flertes vazios, depois vacilei e acreditei que minha insatisfação me dava o direito de odiar o mundo. Recolhi-me para a solidão. Recorri aos livros, e o desejo de voltar a encontrar Adrian virou uma ânsia ardente.

A necessidade de emulação, que em excesso quase assume as propriedades venenosas da inveja, só incrementou esses sentimentos. Nessa época, o nome e as proezas de um de meus conterrâneos encheram o mundo de admiração. Relatos de suas ações, além de conjecturas sobre o que faria no futuro, eram tópicos inesgotáveis da época. Não estava nervoso por mim mesmo, mas sim porque sentia que os elogios que aquele ídolo recebia eram folhas arrancadas das coroas de louro destinadas a Adrian. Mas preciso descrever mais a fundo o tal queridinho — o favorito daquele mundo que amava maravilhas.

Lorde Raymond era o último herdeiro de uma família nobre, porém empobrecida. Desde a tenra juventude, encarava a própria linhagem com complacência, e lamentava amargamente a própria falta de dinheiro. A coisa que mais desejava era ser grande, e os meios que usaria para chegar até esse ponto eram considerações secundárias. Arrogante, embora trêmulo diante de qualquer demonstração de respeito; ambicioso, mas orgulhoso demais para proclamar a ambição; desejoso de alcançar honra, contudo devoto do prazer — era assim que encarava a vida. A certa altura, foi recebido com insultos, reais ou imaginários, com repulsa vinda de onde menos esperava e com decepção, que foi o mais difícil de suportar por causa de seu orgulho. Foi massacrado por uma ofensa que não era capaz de vingar, então deixou a Inglaterra com a promessa de que não voltaria até o momento em que a pátria-mãe pudesse sentir o poder que então desprezava.

Tornou-se um aventureiro nas guerras gregas. Sua coragem imprudente e seus talentos abrangentes o fizeram ser notado. Tornou-se o herói daquele povo emergente. A identidade estrangeira — e ele se negava a descartar a cidadania de seu país natal — foi a única coisa que o impediu de subir aos cargos mais altos do governo. Embora outros pudessem estar acima dele na hierarquia e em patentes, porém, lorde Raymond ocupava um posto que ia muito acima e além de qualquer uma dessas coisas. Levou o exército grego à vitória; seus triunfos eram tão somente seus. Quando apareceu, cidades inteiras saíram para encontrá-lo, novas canções foram adaptadas como árias nacionais, cujos temas eram a glória, o valor e a generosidade do homem. Houve uma trégua entre os gregos e os turcos. Na mesma época, lorde Raymond, com uma sorte inesperada, tornou-se proprietário de uma imensa fortuna na Inglaterra — para onde retornou, coroado pela glória, para receber galardões de honra e distinção antes negados às suas pretensões. Seu coração orgulhoso então se rebelou contra essa mudança. Em que aquele Raymond

era diferente do que antes era desprezado? Se fora a aquisição de poder na forma de fortuna que causara a alteração, então seria esse mesmo poder que sentiriam como um jugo de ferro. Assim, o poder se tornou o objetivo de todos os seus esforços, engrandecimento se tornou seu alvo dali em diante. Fosse demonstrando ampla ambição, fosse provocando intrigas secretas, seu fim era o mesmo: chegar ao posto mais alto de seu país natal.

Esse relato me encheu de curiosidade. Os eventos que seguiram o retorno dele à Inglaterra me deixaram com os sentimentos mais apurados. Entre outras vantagens, lorde Raymond tinha uma beleza suprema. Todos o admiravam, e ele era um ídolo para as mulheres. Era cortês e tinha palavras doces — um mestre nas artes da fascinação. O que esse homem não seria capaz de obter no ocupado mundo da Inglaterra? Mudanças levaram a mais mudanças. Não sei de todos os detalhes da história: Adrian parou de me escrever, e Perdita era uma correspondente lacônica. Os boatos diziam que Adrian ficara — e como escrever a palavra fatal? — louco, pois lorde Raymond se tornara o favorito da ex-rainha e futuro esposo de sua filha. E mais: o aspirante a nobre passou a reivindicar a realeza da casa de Windsor. Diante do distúrbio incurável de Adrian e do casamento de Raymond com a irmã do príncipe, a cabeça do lorde estava prestes a receber a mágica coroa da realeza.

A história foi ganhando fama na boca de muitas pessoas, tornando minha longa estadia em Viena, longe do meu amigo de juventude, intolerável. “Devo agora cumprir minha promessa”, pensei. “Devo ficar ao lado dele, ser seu aliado e apoiá-lo até a morte.” Adeus, prazeres da corte! Adeus, intrigas políticas, adeus, labirinto da paixão e da extravagância! Salve a Inglaterra! Inglaterra, minha terra natal, receba teu filho! Receba-me, cenário de todas as minhas esperanças, magnífico palco do único drama que pode me conquistar de coração e alma e me fazer acompanhar seu desenrolar. Fui atraído de volta pela mais irresistível voz, um poder onipotente. Depois de dois anos fora de casa, desembarquei na costa da Inglaterra, onde não ousei fazer perguntas, temeroso do que poderia ouvir. Decidi que minha primeira visita seria à minha irmã, que morava em uma pequena casa de campo — parte do presente de Adrian — às margens da floresta de Windsor. Ela me contou a verdade sobre nosso protetor, contou por que se abstivera da proteção da princesa Evadne e explicou-me a influência que aquele grandioso e altaneiro Raymond exercera sobre a sorte de meu amigo.

Eu jamais estivera na região de Windsor, e a fertilidade e a beleza ao meu redor me encheram de admiração, que aumentava conforme eu me aproximava do antigo bosque. As ruínas de carvalhos majestosos que haviam crescido, florescido e decaído com o passar dos séculos marcavam os limites antigos da floresta. Já as cercas despedaçadas e a negligenciada vegetação rasteira mostravam que aquela área

fora desmatada para cultivo, cuja prática havia surgido no início do século XIX e que agora chegava à orgulhosa maturidade. A humilde habitação de Perdita ficava às margens da parte mais antiga. Diante dela se estendia a charneca de Bishopgate, que parecia interminável na direção leste, e a oeste fazia fronteira com o bosque de Chapel e os pomares de Virginia Water. Os fundos da casa eram sombreados pelas grandes mães da floresta, que, em maior parte ocas e deterioradas, formavam grupos fantásticos em contraste com a beleza convencional das árvores mais jovens, dando abrigo aos cervos que ali pastavam. As árvores nascidas em um período posterior permaneciam de pé, prontas para avançar sem medo pelo tempo que se aproximava. As retardatárias desgastadas, por sua vez, arruinadas e partidas, agarravam-se umas às outras, os ramos fracos suspirando com o vento — um bando castigado pelo tempo.

Uma cerquinha baixa rodeava o jardim que, com seu telhado baixo, parecia se submeter à majestade da natureza e se encolher em meio aos restos veneráveis de tempos ancestrais. As flores, filhas da primavera, adornavam o jardim e os batentes da casa da minha irmã. Em meio à fragilidade, davam um ar de elegância que combinava com o gosto gracioso da moradora. Com o coração acelerado, entrei no espaço. À porta ouvi a voz dela, melodiosa como sempre, provando de antemão que ela estava bem.

Pouco depois, Perdita apareceu diante de mim na forma de um botão fresco da juventude feminina — a mesma garota montesa que eu deixara para trás, mas ao mesmo tempo muito diferente. Seus olhos não podiam ser mais profundos do que eram na infância, tampouco seu semblante podia ser mais expressivo, mas a expressão mudara e melhorara: era possível ver a inteligência no cenho, e, quando sorria, o rosto era embelezado pela mais suave sensibilidade. A voz baixa e afinada parecia modulada pelo amor. Ela ostentava as mais femininas proporções. Não era alta, mas a vida na montanha dera-lhe certa liberdade de movimento, de forma que seu passo leve mal fez barulho quando cruzou o saguão para me encontrar. Quando nos separamos, apertei-a contra o peito com uma afetuosidade irrestrita. Agora que voltávamos a nos encontrar, novos sentimentos eram despertados. Quando nos encaramos, vimos que a infância havia passado; éramos então atores crescidos naquele mutante cenário. A pausa não durou muito: um dilúvio de conexão e do amor natural que fora deixado de lado tomou de supetão nossos corações, e, com a mais terna emoção, nos unimos em um abraço.

Depois de passado esse lapso de sentimentos, sentamo-nos juntos, já de pensamentos calmos, e falamos sobre o passado e o presente. Fiz alusão à sua frieza nas cartas, mas nos poucos minutos que passamos juntos ela já foi capaz de me explicar o motivo. Novos sentimentos haviam surgido dentro dela, coisas que era

incapaz de exprimir em palavras para uma pessoa que só conhecera na infância, mas naquele reencontro a intimidade foi renovada, e tudo era como se nada tivesse interferido nela. Detalhei minha estadia em terras estrangeiras, e depois a questioneei sobre as mudanças que haviam acontecido por ali, sobre as causas da ausência de Adrian e sobre a vida reclusa que ela levava.

As lágrimas que encheram os olhos de minha irmã quando mencionei nosso amigo, assim como o rubor que tomou seu rosto, pareciam atestar a veracidade do que havia chegado aos meus ouvidos, mas o significado era terrível demais para que eu desse crédito imediato às minhas suspeitas. Haveria mesmo uma anarquia no sublime universo de pensamentos de Adrian? Será que a loucura havia mesmo espalhado legiões por sua mente, de modo que ele não fosse mais mestre da própria alma? Ah, meu querido amigo, este mundo doentio não era lugar para um espírito gentil como o seu. Você entregou o domínio da própria alma à falsa humanidade, que arrancou as folhas dela como uma árvore no inverno, expondo assim a vida nua e trêmula ao sabor malévolos dos mais cruéis ventos. Então aqueles olhos gentis, aquelas “janelas da alma”, haviam perdido o significado? Ou será que apenas encaravam em silêncio o terrível desenrolar daquela aberração? Então a voz dele não mais produzia “a mais agradável música”? Horrível, que coisa mais horrível! Cobri os olhos, tomado pelo terror da mudança, e um fluxo de lágrimas foi testemunha do que senti ao pensar nessa ruína inimaginável.

A meu pedido, Perdita detalhou as circunstâncias melancólicas que haviam levado àquilo.

A franca e ingênua mente de Adrian, dotada como era de todas as graças naturais, presenteada com os poderes transcendentais do intelecto, intocada pela sombra de qualquer defeito — a menos que se considerasse um defeito sua independência destemida — fora entregue em sacrifício ao amor por Evadne. Ele confiara a ela os tesouros de sua alma, sua aspiração pela excelência e seus planos de melhoria da humanidade. Com a chegada da vida adulta, os esquemas e as teorias, longe de serem transformados por motivos pessoais e prudenciais, haviam adquirido nova força por meio dos poderes que ele sentia surgirem dentro de si. Assim, o amor por Evadne fincou as raízes mais profundamente, pois ficava mais certo a cada dia que o caminho que trilhava era cheio de dificuldade e que devia buscar sua recompensa não nos aplausos ou na gratidão de outras pessoas, tampouco no sucesso de seus planos, mas sim na aprovação da única dona de seu coração e no amor e na simpatia da princesa que tornaria mais leve cada fardo e compensaria cada sacrifício.

Sozinho e em devaneios cada vez mais distantes dos pensamentos que assombram os homens, ele amadureceu sua visão sobre a reforma do governo inglês

e as melhorias para o povo. Tudo teria dado certo se ele tivesse guardado os sentimentos para si até conquistar o poder que garantiria a aplicação prática de tais planos, mas ele foi impaciente com os anos de espera. Foi franco e destemido. Não apenas negou os planos da mãe, mas tornou públicas as intenções de usar a própria influência para diminuir o poder da aristocracia, garantir uma melhor distribuição de fortunas e privilégios entre todos e instaurar um sistema perfeito de governo republicano na Inglaterra. A princípio, a mãe tratou suas teorias como desvarios da inexperiência. Mas elas estavam organizadas de forma tão sistemática, com argumentos tão bem estruturados, que, apesar de ainda transparecer incredulidade, a ex-rainha começou a temê-lo. Tentou convencê-lo do contrário, mas descobrindo-o inflexível, aprendeu a odiá-lo.

E, por mais estranho que seja dizer isso, o sentimento se tornou infeccioso. O entusiasmo de Adrian pelo bem que não existia, o desprezo pela santidade da autoridade, o ardor e a imprudência eram todos antípodas da rotina convencional da vida. Os mais seculares o temiam, os mais jovens e inexperientes não entendiam a sublime gravidade de suas visões morais, e todos o consideravam diferente de si. Evadne entrou com relutância no sistema. Ela achava que ele fazia bem em impor a própria vontade, mas queria que ele fosse mais compreensível diante de um público mais amplo. Ela não tinha espírito de mártir nem inclinação para compartilhar a vergonha e derrota de um patriota caído. Sabia da pureza dos motivos dele e da generosidade de suas intenções, assim como da conexão verdadeira e ardente que tinha com ela; além disso, sentia grande afeição pelo príncipe. Ele recompensava esse espírito de gentileza com a mais apaixonada gratidão, fazendo dela a fortaleza de todas as suas esperanças.

Foi por essa época que lorde Raymond retornou da Grécia. E duas pessoas não podiam ser mais diferentes do que ele e Adrian. Mesmo com todas as incongruências de caráter, Raymond era, de forma empática, um homem do mundo. Suas paixões eram violentas, e como não raro o dominavam, ele nem sempre conseguia adequar a conduta à linha óbvia de interesse próprio, mas a satisfação era seu objetivo primário. Ele via a estrutura da sociedade como parte de um maquinário que formava a base da rede em que sua vida estava traçada. A terra se estendia diante dele como uma estrada. O paraíso acima de sua cabeça servia-lhe de abrigo.

Já Adrian sentia que fazia parte de algo maior. Tinha afinidade não apenas com a humanidade, mas também com toda a natureza: as montanhas e o céu eram seus amigos, os ventos do paraíso e a prole da terra eram seus companheiros. Quando focava apenas nesse poderoso espelho, sentia que a vida se mesclava ao universo de toda a existência. Sua alma era pura simpatia, e ele venerava a beleza e a excelência.

Adrian e Raymond então entraram em contato, e um clima de aversão surgiu entre os dois. Adrian desprezava as visões limitadas do político, e Raymond tinha supremo desdém pelas visões benevolentes do filantropo.

Foi assim formada a tempestade que arruinou os jardins de deleite e os caminhos protegidos que Adrian imaginava ter criado para si como refúgios da derrota e depreciação. Raymond — o libertador da Grécia, o gracioso soldado que trazia no semblante traços de tudo aquilo que, peculiar à região, mais agradava Evadne — caiu nas graças da princesa. Sobrepujada pelos novos sentimentos, ela sequer parou para examiná-los ou para regular a própria conduta de acordo com qualquer sentimento exceto o tirânico que de súbito usurpara o império de seu coração. Rendeu-se à influência dele, e a consequência deveras natural sobre uma mente desacostumada a emoções frágeis foi que Adrian se tornou indesejável aos olhos dela. A mulher ficou cada vez mais cheia de caprichos, e o tratamento gentil que dava a ele se transformou em aspereza e repulsiva frieza. Quando percebia os apelos descontrolados ou patéticos no expressivo semblante do rapaz, ela cedia, e por um tempo retornava à gentileza de antes, mas essas flutuações agitaram profundamente a alma do sensível jovem: antes, ele não mais considerava o mundo como seu objetivo, pois já possuía o amor de Evadne. Agora, sentia em cada nervo que as terríveis tempestades de seu universo mental estavam prestes a atacar seu frágil corpo, que tremia de expectativa.

Perdita, que então morava com Evadne, presenciou a tortura de Adrian. Ela o amava como a um gentil irmão mais velho. Ele a guiava, protegia e instruía sem a tirania frequente da autoridade paternal. Ela adorava suas virtudes e, em uma mistura de desprezo e indignação, viu Evadne acumular mais e mais dor sobre a cabeça do rapaz, tudo em benefício de um homem que sequer a notara. Em seu desespero solitário, Adrian ia com frequência ver minha irmã, e em palavras amenas expressava sua miséria enquanto coragem e agonia dividiam o trono de sua mente. Infelizmente, uma das duas se sobressairia em breve. A raiva, por sua vez, não fazia parte de seus sentimentos. De quem ele sentiria raiva? Não de Raymond, que mal sabia do desastre que causara, e tampouco de Evadne, já que por ela sua alma chorava lágrimas de sangue — pobre garota equivocada, nem escrava, nem tirana. Em meio à própria angústia, ele temia também pelo destino dela. Certo dia, uma carta dele chegou às mãos de Perdita. Estava manchada de lágrimas — com as quais qualquer um está susceptível a manchar uma carta.

“A vida”, começava ele, “não é como descrita nos romances. Não segue os passos de uma dança, chegando depois de várias evoluções a uma conclusão que permite que dançarinos e dançarinas se sentem e repousem. Não: há vida, mas há também ação e mudança. Seguimos conectando cada pensamento a outro que a ele



é familiar, realizando um ato depois do anterior. E nem a alegria, nem a tristeza morrem sem antes deixar prole, que sempre gera e é gerada, tecendo a corrente que forma nossa vida:

*Un dia llama a otro dia y ass i llama, y encadena llanto a llanto, y pena a pena.*

A verdadeira decepção é a divindade guardiã da vida humana, que se senta à beira de um tempo ainda por nascer e organiza os eventos conforme estes chegam a ela. Houve um tempo em que meu coração repousava leve no peito. Toda a beleza do mundo era dupla, iluminada pela luz do sol que irradiava de minha alma. Por que o amor e a ruína vêm sempre em conjunto neste sonho mortal? Quando preparamos em nossos corações um covil para a fera de aparência gentil, a contraparte entra na toca e, sem dó, destrói tudo que destinar-se-ia a ser lar e abrigo”.

Pouco a pouco, sua saúde foi abalada pela miséria, e seu intelecto cedeu à mesma tirania. Seu comportamento ficou cada vez mais selvagem: às vezes ficava feroz, noutras, absorto em uma melancolia silenciosa. De súbito, Evadne deixou Londres e foi para Paris. Adrian a seguiu, abordando-a quando a embarcação estava prestes a zarpar. Ninguém sabe o aconteceu entre eles, mas Perdita não o viu desde então. Passou a viver isolado, ninguém sabia dizer onde, servido por pessoas selecionadas pela mãe.

## IV

No dia seguinte, a caminho do Castelo de Windsor, lorde Raymond bateu no chalé de Perdita. O rubor e os olhos brilhantes de minha irmã revelaram-me pela metade o segredo dela. Ele era confiante, abordando-nos com cortesia e parecendo entender nossos sentimentos imediatamente, tornando-se um de nós. Analisei sua fisionomia, que mudava enquanto ele falava, mas que continuava bela a despeito de qualquer mudança. A expressão usual de seus olhos era suave, embora às vezes ele os fizesse cintilar com ferocidade. O semblante era neutro, e cada um de seus traços transparecia obstinação. Tinha um sorriso agradável, mas o desdém fazia os lábios se curvarem com frequência — lábios que, aos olhos femininos, eram o ápice da beleza e do amor. Sua voz, geralmente gentil, não raro assumia um dissonante tom agudo, que revelava que o tom usual era, na verdade, resultante mais de estudo do que por natureza. Assim, cheio de contradições — inflexível ainda que altivo, gentil ainda que intenso, terno ainda que negligente —, ele tinha algum dom peculiar de conquistar facilmente a admiração e afeição das mulheres. Às vezes as acariciava, às vezes as tiranizava, de acordo com seu humor, mas era um déspota em todos os aspectos.

Naquele momento, Raymond obviamente queria parecer amigável. Esperteza, hilaridade e uma observação profunda se mesclavam no jeito de falar, cada frase proferida brilhava como um lampejo. Ele logo conquistou meu desgosto latente, e resolvi que o observaria com Perdita, gravando na mente tudo que ouvisse para depois usar contra ele. Mas tudo parecia tão ingênuo, e ao mesmo tempo tão fascinante, que esqueci de tudo, exceto das vantagens que uma associação com ele poderia me trazer. Com a ideia de me iniciar na cena da política e sociedade inglesas, de que eu logo me tornaria parte, ele narrou uma série de anedotas e caracterizou vários dos personagens. Seu discurso, rico e variado, invadiu todos os meus sentidos com prazer. Teria triunfado de forma completa, não fosse uma coisa: ele falou de Adrian com o menosprezo que sempre acompanha certo entusiasmo. Ele sentiu a nuvem escura que se formava e tentou dissipá-la, mas a força de meus

sentimentos não permitiria que eu encarasse de forma superficial aquele assunto sagrado. Assim, eu disse com ênfase:

— Permita-me observar que sou devotamente afeiçoado ao conde de Windsor. Ele é meu melhor amigo e benfeitor. Reverencio sua bondade, concordo com suas opiniões e lamento amargamente a atual, e espero que temporária, doença. Essa doença, por sua peculiaridade, faz com que seja imensamente doloroso ouvi-lo mencionado em termos que não sejam de respeito e afeição.

Raymond respondeu, mas não houve nada conciliatório na resposta. Vi que desprezava quem se dedicava a venerar qualquer coisa além de ídolos mundanos.

— Todo homem — disse ele — sonha com algo: amor, honra ou prazer. O senhor sonha com amizade e se devota a um maluco. Bem, se esta é sua vocação, sem dúvida está no direito de segui-la...

Ele pareceu entender alguma coisa, e o espasmo de dor que contorceu seu rosto por um momento amenizou minha indignação.

— Felizes os sonhadores — continuou. — Que não sejam acordados! Quem dera eu pudesse sonhar... mas vivo no “dia amplo e garrido”. O olhar ofuscante da realidade inverte a situação para mim. Mesmo a sombra da amizade não existe mais, e o amor... — Ele se interrompeu. Era impossível saber se o desdém que retorcia seus lábios era direcionado à própria paixão ou a si mesmo, por ser escravo dela.

Que esse relato seja uma amostra de minha interação com lorde Raymond. Tornei-me íntimo dele, e cada dia me dava uma nova oportunidade de admirar mais e mais os talentos poderosos e versáteis que, junto à eloquência graciosa e astuta e à fortuna então imensa, faziam dele um homem mais temido, amado e odiado do que qualquer outro na Inglaterra.

Minha linhagem — que evocava interesse, se não respeito —, minha conexão anterior com Adrian, as graças do embaixador de quem fora secretário e, por fim, a intimidade que adquiri com lorde Raymond me deram acesso fácil aos círculos dos costumes e da política inglesa. A princípio, pareceu à minha inexperiência que estávamos em guerra civil: todos os partidos eram violentos, tóxicos e inflexíveis. O Parlamento se dividia em três facções: aristocratas, democratas e monarquistas. Depois que Adrian declarara predileção pela forma de governo republicana, o último partido quase morrera, sem líder e sem guia; mas, quando lorde Raymond assumiu a liderança, foi revivido com força redobrada. Alguns eram monarquistas por preconceito e afeição ao passado, e havia muitos de inclinação moderada que temiam tanto a tirania caprichosa do partido popular quanto o despotismo inflexível dos aristocratas. Mais de um terço dos membros se alinhavam a Raymond, e esse número era cada vez maior. Os aristocratas depositavam as

esperanças na fortuna e influência preponderante que já tinham, e os reformistas, por outro lado, confiavam na força da nação. Os debates eram violentos, e mais violentos ainda eram os discursos de cada grupo de políticos quando se juntavam para propor medidas. Epítetos infames eram proclamados para lá e para cá, e havia até ameaças de morte. As reuniões do populacho perturbavam a calma ordem da nação — no que aquilo tudo acabaria, senão em guerra? Quando as chamas destrutivas estavam prestes a irromper, observei-as em retrocesso, dissipadas pela ausência das forças armadas, pela aversão que tinham a qualquer violência, exceto a do discurso, e pela polidez cordial e até mesmo amizade que líderes hostis acalentavam quando se encontravam em particular. Por um milhão de motivos, fui induzido a seguir passo a passo o desenrolar dos eventos e a assistir a cada reviravolta com intensa ansiedade.

Era impossível não perceber que Perdita amava Raymond, e me parecia que ele também encarava a bela filha de Verney com admiração e carinho. Por outro lado, sabia que ele mal via a hora de se casar com a possível herdeira do condado de Windsor, cheio de uma expectativa intensa pelas vantagens que então teria. Todos os amigos da ex-rainha eram amigos dele. Não havia uma semana sequer em que ele não a visitasse em Windsor.

Eu jamais vira a irmã de Adrian. Ouvira dizer que era adorável, simpática e fascinante. Por que eu deveria conhecê-la? Há momentos em que temos um sentimento indefinível pela mudança inevitável, para bem ou mal, que decorrerá de um evento, e então tememos essa mudança, tentamos evitar o evento. Por isso eu evitava conhecer a moça. Para mim, ela era ao mesmo tempo tudo e nada, seu nome, quando mencionado por outra pessoa, fazia com que me sobressaltasse e tremesse. A discussão infinita sobre o casamento com lorde Raymond era uma agonia para mim. Eu pensava que, com Adrian fora da vida ativa e a bela Idris como uma provável vítima dos esquemas ambiciosos da mãe, era minha obrigação protegê-la de influências indevidas, evitar sua infelicidade e garantir sua liberdade de escolha, direito de todo ser humano. Mas como faria isso? Ela seria a primeira a desdenhar minha interferência. Como eu devia ser objeto de indiferença ou mesmo desprezo para dela, era melhor, muito melhor, evitá-la e não me expor diante dela e do mundo escarnekedor, com o risco de me prestar ao papel de um Ícaro carinhoso e estúpido. Certo dia, vários meses depois do meu retorno à Inglaterra, deixei Londres para visitar minha irmã. A companhia dela era meu principal consolo e alegria, e meu espírito sempre se elevava diante da expectativa de vê-la. Sua fala era pontuada de comentários inteligentes e discernimento. Em sua agradável alcova, que cheirava a flores e era adornada por magníficas esculturas, vasos antigos e cópias das mais belas obras de Rafael, Correggio e Claude, todas pintadas por ela

mesma, sentia-me como se estivesse em um retiro feérico intocado e inacessível às ruidosas disputas políticas e aos frívolos objetivos dos bons costumes. Quando cheguei lá, vi que minha irmã não estava sozinha, e era impossível não reconhecer a companhia: Idris, o objeto secreto de minha idolatria insana.

Que termos de maravilhamento e deleite, que expressões e floreios de linguagem poderia eu usar para tratar da mais amável, a mais inteligente, a melhor das damas? Como, com palavras tão pobres, posso descrever a aura de glória que a cercava, as milhares de graças que esperavam incansáveis em seu interior? A primeira coisa que saltava aos olhos ao encarar o charmoso semblante era a bondade e franqueza perfeitas que o tomavam. Candura repousava tranquila em seu cenho, simplicidade em seus olhos, benevolência celestial em seu sorriso. A silhueta alta e esbelta oscilava de forma graciosa como um álamo ao sabor da brisa, o sorriso divino era como o de um anjo recém-criado no mais alto pavimento do paraíso, a tez perolada apresentava várias nuances, sua voz lembrava o tenor baixo e moderado de uma flauta. Talvez seja mais fácil descrevê-la por contraste: já detalhei a perfeição de minha irmã, e ainda assim nem ela chegava aos pés de Idris. Perdita, mesmo quando amada, era reservada e tímida; Idris era franca e confiante. Uma se recolhia em solidão, onde se entrincheirava da decepção e da dor, enquanto a outra se exibia abertamente à luz do dia, crendo que ninguém lhe faria mal. Wordsworth chegou a comparar a mulher amada a dois belos elementos da natureza, mas os versos sempre me pareceram mais uma demonstração de contraste que de similaridade:

*Uma violeta ao lado de musgosa rocha  
Meio escondida do avistamento  
É bela como uma estrela que desabrocha  
e brilha sozinha no firmamento.*

A violeta era a doce Perdita, trêmula diante da expectativa de confiar no ar que respirava, escondendo-se de vista e ainda assim traída pela própria excelência, compensando com milhares de graças o esforço daqueles que a procuravam no solitário refúgio. Idris era a estrela, brilhando solitária em esplendor com uma suave aura de noite agradável, pronta para iluminar e deleitar o mundo comum, protegendo-se de qualquer mácula com a distância inimaginável de todos os seres que, ao contrário dela, não eram dignos do paraíso.

Encontrei essa visão de beleza na alcova de Perdita, onde conversava ardorosamente com a colega. Quando minha irmã me avistou, ergueu-se e, tomando minha mão, disse:

— Aí está ele, como se atendesse nosso pedido. Este é Lionel, meu irmão.

Idris também ficou de pé e pousou sobre mim os olhos de azul celestial. Com graça peculiar, disse:

— O senhor nem precisa de apresentação. Uma pintura que meu pai muito valorizava denuncia seu nome. É Verney, como tenho certeza de que não há de negar. Por ser amigo de meu irmão, sinto que posso confiar no senhor.

Depois, com as pálpebras úmidas por uma única lágrima e a voz trêmula, ela continuou:

— Caros amigos, não achem estranho que, visitando-os pela primeira vez, eu lhes peça ajuda e confie meus desejos e temores. Ouso falar apenas convosco. Ouvi elogios de pessoas imparciais e são amigos de meu irmão, então devem ser meus, também. O que posso dizer? Caso se recusem a me auxiliar, estarei de fato perdida!

Ela ergueu o olhar, encarando-nos calados. Depois, como se arrebatada pelas próprias emoções, exclamou:

— É meu irmão! Meu amado e azarado Adrian! Como falar de suas perdições? Sem dúvida, já conhecem a história, talvez até creiam nos boatos, mas ele não está louco! Mesmo que um anjo deixasse os pés do trono de Deus e descesse para me garantir essa loucura, eu jamais acreditaria. Ele foi enganado, traído, aprisionado! Salvem-no! Verney, o senhor precisa se incumbir disso. Procure a região em que ele foi encarcerado, encontre-o, resgate-o dos algozes, faça-o voltar a si, voltar a mim... Em todo o mundo, não tenho a quem amar senão ele!

O apelo sincero, expresso de forma tão doce e emocionada, encheu-me de admiração e simpatia. Ela então adicionou, com voz e olhar embargados:

— Aceita assumir essa empreitada?

E eu jurei, com energia e verdade, que me devotaria em vida e morte à recuperação e ao bem-estar de Adrian. Então conversamos sobre o plano que eu seguiria e discutimos os possíveis meios de descobrir o paradeiro do meu amigo. Em meio a essa intensa discussão, lorde Raymond chegou sem avisar. Vi Perdita tremer e ficar mortalmente pálida, e as bochechas de Idris brilharam com o mais puro rubor. Seria de pensar que o homem ficaria atônito com o conclave, talvez até perturbado, mas não transpareceu nada disso. Saudou minhas companheiras e me cumprimentou com uma mesura cordial. Por um instante, Idris pareceu perder as palavras, e depois, com extrema doçura, disse:

— Lorde Raymond, confio em vossa bondade e honra.

Sorrindo de forma arrogante, ele tombou a cabeça e respondeu:

— Será que confia mesmo, lady Idris?

Ela tentou ler o que se passava na cabeça dele, e enfim respondeu com dignidade:

— É claro. É sempre melhor não ocultar nada.

— Perdoe-me — respondeu ele — se a ofendi. Quer confie ou não em mim, conte comigo para realizar seus mais sinceros desejos, quaisquer que sejam eles.

Idris agradeceu com um sorriso e levantou-se para ir embora. Lorde Raymond pediu permissão para acompanhá-la até o Castelo de Windsor. Ela consentiu, e os dois partiram juntos. Minha irmã e eu ficamos para trás, como dois bobos que, depois de conseguir um tesouro de ouro, descobrem que é latão — ou ainda como dois insetos estúpidos e azarados que, depois de brincar em uma réstia de luz, são capturados em uma teia de aranha. Encostei-me no batente e me permiti assistir àquelas duas criaturas gloriosas até desaparecerem além das clareiras da floresta. Só então, virei-me. Perdita não havia se movido. Tinha os olhos fixos no chão, o rosto pálido, os lábios igualmente brancos, imóveis e rígidos. Com a expressão tomada pela aflição, sentou-se. Um tanto amedrontado, tentei pegar sua mão, mas ela a puxou de súbito e buscou se recuperar. Esforcei-me para fazê-la falar comigo.

— Agora não — respondeu ela. — Não fale comigo, caro Lionel. Não pode dizer nada, pois não sabe nada. Amanhã nos vemos. Até lá, adeus!

Ergueu-se para sair do cômodo, mas parou à porta e, recostando-se nela como se pensamentos intensos drenassem seu poder de sustentação, disse:

— Lorde Raymond provavelmente voltará. Diga a ele que não me procure hoje, pois não estou me sentindo bem. Pretendo vê-lo amanhã, se ele assim desejar, e digo o mesmo a você. É melhor que volte com ele para Londres. Lá, poderá levar a cabo a investigação com a qual concordou sobre o paradeiro do conde de Windsor. Lembre-se de me visitar amanhã, antes de seguir viagem. Até então!

Ela falou de forma vacilante, concluindo o discurso com um profundo suspiro. Concordei com o pedido, e ela enfim se retirou. Sentia que, da ordem sistemática do mundo, eu me encaminhara direto para o caos — obscuro, contrário, ininteligível. A ideia do casamento de Raymond e Idris se tornou mais do que intolerável, mas minha paixão, gigante desde o surgimento, era tão estranha, selvagem e imprevisível que eu era incapaz de sentir a tristeza que então percebia em Perdita. Como deveria agir? Ela não confidenciara aquilo a mim, e eu não poderia exigir uma explicação de Raymond sem correr o risco de trair aquele que talvez fosse o mais precioso segredo de minha irmã. Faria com que ela me contasse a verdade no dia seguinte, mas, enquanto me ocupava dessas reflexões sem fim, lorde Raymond voltou. Perguntou sobre minha irmã; entreguei a ele a mensagem de Perdita. Depois de remoer a informação por um momento, ele me perguntou se eu estava voltando a Londres e se faria o favor de acompanhá-lo. Aquiesci. Ele estava pensativo, e ficou silencioso durante boa parte da viagem. A certa altura, disse:

— Queira perdoar minha abstração. A verdade é que a moção de Ryland será hoje à noite, e estou pensando na resposta.

Ryland era o líder do partido popular; um homem cabeça-dura, mas eloquente à própria maneira. Conseguira autorização para apresentar um projeto de lei que transformava em traição a tentativa de mudar o atual estado do governo da Inglaterra no que tangia às leis republicanas. O ataque era direcionado a Raymond e suas maquinações para restaurar a monarquia.

Raymond me pediu para acompanhá-lo à Câmara naquela noite. Lembrei-me da busca de informações sobre o paradeiro de Adrian, e, sabendo que meu tempo ficaria totalmente comprometido, disse que não poderia estar com ele.

— Ora — disse meu companheiro —, posso liberá-lo desse compromisso. Sei que vai investigar o paradeiro do conde de Windsor, então posso dizer sem demora: ele se encontra no lar do duque de Atholl, em Dunkeld. Assim que acometido pela doença, viajou de um lugar para outro e, ao chegar nesse refúgio romântico, negou-se a ir embora. Organizamos o que era necessário com o duque para que Adrian continuasse no local.

Senti-me ferido pelo tom negligente com que ele me passou a informação e respondi de maneira fria:

— Fico grato pela informação, e tirarei proveito dela.

— Pois deve mesmo, Verney — disse ele. — E se ainda quiser seguir na empreitada, posso ajudá-lo. Mas primeiro presencie, por favor, o resultado da votação de hoje e o triunfo que estou prestes a conquistar. Se bem que não sei se devo chamar assim, pois creio que, nesse caso, a vitória significa minha derrota. O que posso fazer? Meus sonhos mais profundos estão prestes a se realizar. A ex-rainha me entregou a mão de Idris, Adrian está totalmente inapto a prosseguir como conde e, em minhas mãos, o condado tornar-se-á um reino. Em nome de Deus, esta é a verdade: o mero condado de Windsor não é suficiente para ele, aquele que herdará direitos que devem pertencer para sempre a quem os conquistou. A condessa é incapaz de esquecer que um dia foi rainha, e despreza a ideia de deixar uma herança inferior aos filhos. Com o poder dela e minha inteligência, reconstruiremos o trono, e esta cabeça será adornada por um diadema real. Posso fazer isso... Posso me casar com Idris...

Ele parou de súbito, com o semblante sombrio, e sua expressão mudou repetidas vezes sob a influência da paixão interna.

— Lady Idris o ama? — perguntei.

— Mas que pergunta — respondeu ele, rindo. — Ela certamente me amará, assim como eu irei amá-la quando nos casarmos.



— Pois está atrasado — disse eu ironicamente. — Dizem que o casamento é considerado o caixão, e não o berço, do amor. Então está prestes a amá-la, mas ainda não a ama?

— Não me catequize, Lionel! Tenha certeza de que hei de honrá-la! Preciso proteger meu coração do amor, expulsá-lo à força de sua torre, fazer barricadas para que não volte a entrar aqui. A fonte do amor deve secar, suas águas devem ser drenadas e todos os pensamentos dali devem ser deixados para morrer. Falo do amor que me dominaria, é claro, não o amor que seria eu a dominar. Idris é uma garota gentil, bela e doce; é impossível não se afeiçoar a ela, e minha afeição é o mais sincera possível. A questão é apenas que não me envolvo com o amor, que é ao mesmo tempo tirano e destruidor de tiranias, até hoje meu único conquistador, agora meu escravo. Esse fogo voraz, essa fera indomável, essa serpente de presas afiadas. Ah, não, não... Não tenho nada a ver com o amor. Diga-me, Lionel, o que acha de meu casamento com essa jovem dama?

Ele pousou os olhos aguçados em mim, e meu coração disparado veio à garganta. Respondi em uma voz calma — mas o pensamento por trás das minhas palavras plácidas era tudo, menos calmo:

— Jamais! Jamais concordaria com o casamento de lady Idris com alguém que não a ama.

— Pois o senhor a ama.

— Seria melhor que tivesse evitado essa provocação. Eu não a amo, jamais ousaria.

— Ao menos — continuou ele, arrogante — sei que ela não o ama. Não aceitaria me casar com uma soberana se não tivesse certeza de que o coração dela é livre. Mas, ah, Lionel! Um reino é uma palavra de poder, e os termos que compõem o estilo da realeza são suavemente ecoados. Não eram reis os mais poderosos homens? Alexandre, o Grande, foi rei. Salomão, o mais sábio homem existente, foi rei. Napoleão foi rei. César morreu na tentativa de se tornar um, e Cromwell, puritano e regicida, aspirava à realeza. O pai de Adrian portou o agora quebrado cetro da Inglaterra, mas pretendo reerguer a árvore caída, reunir suas partes desmembradas e exaltá-la acima de todas as outras árvores do bosque.

“O senhor sequer imaginaria caso eu dissesse que descobri o paradeiro de Adrian sem querer. Não suponha que sou maligno ou estúpido o suficiente para apoiar minha ambição em uma fraude que seria tão facilmente descoberta quanto uma falsa insanidade do conde. Acabei de voltar de uma visita a ele. Antes de decidir me casar com Idris, visitei-o para analisar sua probabilidade de recuperação, e digo que ele está irrecuperavelmente louco.”

Fiquei sem fôlego.

— Não entrarei em detalhes — continuou Raymond — sobre os pormenores melancólicos. Veja-o e faça seu próprio julgamento, embora eu tema que essa visita será inútil a ele e dolorosa ao senhor. Desde que o vi, sinto o peso em meu humor. O homem é magnífico e gentil mesmo com a razão tão prejudicada. Não o idolatro como o senhor, mas entregaria todas as minhas esperanças de conquistar a coroa e mais minha mão direita se pudesse vê-lo recuperado.

Sua voz expressava a mais profunda compaixão.

— Homem mais irresponsável — exclamei. — Em que direção tendem suas ações neste labirinto de motivos em que parece perdido?

— Em que direção, pergunto eu? Espero que na de uma coroa, uma coroa dourada e cravejada de pedras preciosas. Mesmo assim, não tenho certeza: por mais que deseje uma coroa, sonhando ou acordado, de vez em quando um diabo sussurra em meu ouvido e diz que o que busco na verdade é um chapéu de bobo da corte. Que, fosse eu sábio, ignoraria a coroa e ficaria com o que vale mais do que todas as coroas do leste e presidências do oeste.

— E o que seria isso?

— Se eu fizer essa escolha, com certeza ficará sabendo. No momento, não posso falar nem pensar nisso.

Mais uma vez, ele caiu em silêncio, e depois de uma pausa se virou para mim, rindo. Quando não era o escárnio que provocava sua hilaridade, quando era uma alegria genuína que pintava seu rosto com uma expressão de deleite, a beleza dele ficava em destaque, divina.

— Verney — disse ele —, minha primeira ação quando me tornar rei da Inglaterra será unir-me aos gregos, tomar Constantinopla e subjugar toda a Ásia. Desejo ser um conquistador. O nome de Napoleão ficará à sombra do meu. Os entusiastas, em vez de visitar o túmulo dele e exaltar os méritos dos caídos, adorarão minha majestade e magnificarão minhas conquistas ilustres.

Ouvi o que Raymond dizia com um intenso interesse. Era impossível não dar ouvidos ao sujeito que parecia governar o mundo todo em sua imaginação fértil e que só vacilava quando tentava governar a si mesmo. Assim, era das palavras e vontades dele que dependia minha própria alegria — o destino de tudo que me era caro. Dediquei-me a decifrar o significado oculto de suas palavras. O nome de Perdita não fora mencionado, e mesmo assim eu acreditava que o amor dele por ela provocava a vacilação de propósito comentada. E quem podia ser mais digna de amor do que a garota de mente nobre que era minha irmã? Quem merecia mais a mão daquele rei autoexaltado do que aquela cujo olhar pertencia a uma rainha? E que o amava como ele a amava? Mesmo assim, a decepção reprimira a paixão de Perdita, e a ambição dele se opunha diretamente à própria paixão.

Fomos juntos à Câmara naquela noite. Raymond, mesmo sabendo que seus planos e apostas seriam discutidos e votados durante o tão esperado debate, estava alegre e despreocupado. Um burburinho como o zumbido de milhares de colmeias cheias de enxames de abelhas nos atordoou quando entramos no salão. Grupos de políticos estavam reunidos com expressões ansiosas e vozes altas ou profundas. Os membros do partido aristocrata, os homens mais ricos e influentes da Inglaterra, pareciam menos agitados do que os demais, uma vez que a questão seria discutida sem a interferência deles. Próximos à lareira estavam Ryland e seus apoiadores. Ryland era um homem de berço obscuro e imensa fortuna herdada do pai, que fora um dono de fábrica. Presenciara ainda jovem a abdicação do rei e a amalgamação das duas Câmaras, a dos Lordes e a dos Comuns. Havia simpatizado com os avanços da facção popular, transformando em objetivo sua consolidação e aumento. Desde então, a influência dos proprietários de terra aumentara. A princípio, Ryland não dera muita atenção às maquinacões de lorde Raymond, que acabavam atraindo muitos dos partidários do oponente, mas a coisa estava indo longe demais. A nobreza mais pobre aclamava o retorno da monarquia como se ele fosse restaurar-lhes o poder e os direitos então perdidos. O espírito quase extinto da realeza cresceu na mente dos homens que, escravos voluntários, súditos autodeclarados, estavam prontos para baixar a cabeça diante da opressão. Alguns de espírito correto e humano permaneceram como pilares do estado, mas a palavra “república” já soava antiquada a ouvidos ordinários. Muitas pessoas — o acontecimento provaria que, na verdade, a maioria delas — permaneciam apegadas ao brilho e espetáculo da realeza. Ryland sentiu a necessidade de resistir: sabia que a própria tolerância permitira o crescimento do outro partido, mas o tempo de indulgência ficara para trás — em um único golpe, arrancaria as teias de aranha que cegavam os compatriotas.

Quando Raymond entrou no salão, sua presença foi celebrada aos gritos pelos amigos. Reuniram-se ao redor dele, contaram em quantos estavam e detalharam os motivos pelos quais receberiam o apoio de tais e tais membros que ainda não haviam se declarado. Depois que os serviços triviais da Câmara se desenrolaram, os líderes assumiram seus assentos no espaço. O clamor de vozes continuou até Ryland se erguer e falar — nesse momento, não se ouviu nem o mais sussurrado comentário. Todos os olhares se fixaram nele, que tinha um físico portentoso, uma voz sonora e modos que eram, embora não graciosos, impressionantes. Desviei o olhar de sua compleição rígida, como se fosse de aço, e me virei para Raymond. Seu rosto, tomado por um sorriso, não denunciava a preocupação, mas os lábios tremiam ligeiramente, e a mão agarrava o banco em que estava sentado com uma força convulsiva que fazia os músculos começarem a saltar.

Ryland começou com elogios pelo estado atual do império britânico. Passou a relembrar momentos passados: as pelejas miseráveis que na época de nossos pais quase culminaram em guerra civil, a abdicação do último rei e a fundação da república. Descreveu a república, expôs como a forma de governo permitia que cada indivíduo no estado tivesse importância e até mesmo soberania temporária. Comparou os espíritos real e republicano, expôs como o primeiro tendia a escravizar a mente dos cidadãos, enquanto todas as instituições do segundo serviam para elevar o mais malvado sujeito a uma posição grandiosa e boa. Ele expôs como a Inglaterra se tornara poderosa e como seus habitantes haviam se tornado valiosos e sábios através da liberdade que compartilhavam. Conforme falava, todos os corações se enchiam de orgulho, e cada expressão brilhava com o deleite de lembrar que cada uma das pessoas ali era inglesa, e que cada uma delas apoiava e contribuía para o estado alegre do que era comemorado. O fervor de Ryland aumentou: seus olhos se iluminaram, sua voz foi quebrada pela emoção.

— Havia um homem — continuou ele — que desejava mudar tudo isso e nos levar de volta aos dias de impotência e controvérsia. Um homem que ousaria arrogar a honra merecida de cada um que alega ter a Inglaterra como sua terra natal, um homem que pôs o próprio nome e os próprios interesses acima do nome e interesse deste país.

Nesse momento, vi Raymond mudar de cor. Seus olhos se afastaram do orador, voltando-se para o chão. Os ouvintes trocaram olhares, mas, no meio-tempo, a voz do homem voltou a encher o salão — e o tom trovejante das denúncias influenciou os sentidos dos presentes. A intensidade das palavras dava peso ao discurso. Todos perceberam que ele falava a verdade — uma verdade conhecida, mas não reconhecida. Ele arrancou da realidade a máscara com que fora fantasiada. Os propósitos de Raymond, antes furtivos e à espreita, foram expostos — mesmo à distância — como um cervo abatido, nítidos aos olhos de quem via as mudanças incontidas na expressão do homem. Ryland terminou propondo uma moção para que qualquer tentativa de restabelecer o poder real fosse declarada traição, e o proponente, um traidor que tentava mudar a forma atual de governo. Gritos e aclamações irromperam após a conclusão do discurso.

Quando a moção foi apoiada, lorde Raymond se ergueu. Tinha a expressão branda, a voz suavemente melodiosa e os gestos calmos. Sua graça e doçura soaram como uma flauta após os acordes do órgão que era a voz do adversário. Erguera-se, afirmou, para falar a favor da moção do honorável membro, mas com uma leve alteração. Estava disposto a se lembrar dos velhos tempos, recordar as contendas de nossos pais e a abdicação da monarquia. Disse que o ilustre último soberano da Inglaterra havia se sacrificado de forma nobre e grandiosa pelo aparente bem do

país. Despojara-se de um poder que só podia ser mantido a custo do sangue dos súditos que, não recebendo mais esse nome e agora como amigos e iguais, haviam agradecido com a oferta de alguns favores e distinções vitalícias a ele e à família. Uma ampla propriedade fora dada a eles, que assumiram os mais altos títulos entre os iguais da Grã-Bretanha. Ainda assim, podia-se pensar que não tivessem se esquecido da linhagem ancestral, e que era duro fazer com que os herdeiros sofressem como simples impostores caso tentassem recuperar o que lhes pertencia por direito de herança. Não disse que concordava com isso, mas que achava que uma tentativa assim deveria ser perdoada. Caso o aspirante não declarasse guerra, mas erigisse o pavilhão no que considerava um reino, o desvio deveria ser encarado com um olhar indulgente. Assim, na alteração ele propunha que fosse feita uma exceção em favor de qualquer pessoa que reivindicasse o poder soberano do condado de Windsor. Raymond não terminou antes de pintar, em cores vívidas e brilhantes, o esplendor de um reino como oposição ao espírito comercial do republicanismo. Alegou que todas as pessoas sob a monarquia inglesa deveriam continuar capazes de alcançar alta patente e poder — tendo como única exceção o primeiro magistrado, um cargo tão alto e nobre que nenhuma riqueza vacilante seria capaz de comprá-lo. E a que se devia a única exceção? Ao fato de a natureza dos ricos e influentes forçadamente restringir a lista de candidatos a um pequeno grupo dos mais afortunados. Isso em si era algo a ser temido, pois a insatisfação e discórdia decorrentes da corrida trianual desbalancearia as vantagens a olhos imparciais. Ainda me lembro um pouco do fluxo de linguagem e das reviravoltas graciosas da expressão dele, da inteligência e das provocações brincalhonas que davam vigor e influência a seu discurso. Seu comportamento, tímido a princípio, tornou-se firme — a face mutante se acendeu com brilhantismo sobre-humano, e a voz, oscilante como música, soava como encantamento.

E seria inútil registrar o debate que seguiu a arenga. Discursos foram feitos por diferentes partidos, envolvendo a discussão em hipocrisia e soprando com uma ventania de palavras o significado simples. A moção foi negada. Ryland se retirou, irritado e desesperado, enquanto Raymond, alegre e exultante, voltou a sonhar com seu futuro reino.

## V

Existe o amor à primeira vista? E, se existe, em que difere do amor que brota da longa observação e do lento crescimento? Talvez os efeitos daquele não sejam tão permanentes quanto os deste, mas são, enquanto duram, igualmente violentos e intensos. Caminhamos pelos vagos labirintos da sociedade, privados de alegria, até que encontramos uma pista que nos leva ao paraíso. Nosso brilho natural, como o de uma tocha apagada, dorme em um vazio disforme até a chegada do fogo, a vida da vida, a luz da lua e a glória do sol. Que diferença faz se o fogo é aceso com uma pederneira, alimentado cuidadosamente até se transformar em chama e enfim conectado lentamente ao escuro pavio ou se a radiante força da luz e do calor nasce de forma rápida através de um poder súbito, brilhando de imediato e trazendo refúgio e esperança? Uma pulsação fora despertada nas profundezas de meu coração. A memória me envolvia pelos lados, por cima e por baixo, como um manto. Jamais voltei a me sentir como me sentia então. O espírito de Idris pairava no ar que eu respirava, seus olhos estavam sempre e para sempre repousados nos meus. Quando pensava em seu sorriso, caminhava como se estivesse não sob um eclipse, na escuridão e na solidão — mas sim em uma luz nova e brilhante, completamente inédita, atordoante para meus sentidos humanos. Cada folha, cada partícula do universo estava gravada — como as lamentações impressas nos jacintos — com o talismã de minha existência: ELA VIVE! ELA EXISTE! Na época, não tive tempo de analisar meus sentimentos, de me dedicar a essa tarefa, de amarrar essa paixão indomável. Tudo o que tinha era um sentimento e uma certeza: ela era minha vida!

Mas os dados haviam sido lançados: Raymond se casaria com Idris. Os sinos do matrimônio badalavam em meus ouvidos. Podia ouvir a nação parabenizando o feliz casal depois da celebração. O ambicioso nobre alçaria o voo rápido da águia, de uma posição inferior à supremacia real — e ao amor de Idris. Ou não! Ela não o amava. Chamara-me de amigo, sorrira para mim, e a mim confiara seu mais profundo desejo: o bem-estar de Adrian. Essa ideia amoleceu meu sangue

congelado, e a corrente da vida e do amor voltou a fluir impetuosamente ao sabor da maré de meus pensamentos inquietos.

O debate terminara às três da manhã. Minha alma estava tumultuada, e avancei pelas ruas com rápidos passos ansiosos. Eu estava tomado pela loucura. O amor, que já nascera gigante, lutava corpo a corpo contra o desespero! Meu coração, o campo de batalha, era ferido pelo tacho de ferro de um e regado pelas lágrimas abundantes do outro. Amanheceu o odioso dia, e eu me retirei para o alojamento. Joguei-me em um sofá e dormi. Se é que é possível chamar aquilo de dormir — meus pensamentos ainda estavam à toda. Amor e desespero ainda lutavam, e eu me contorcia como se tomado por uma insuportável dor.

Acordei meio entorpecido. Sentia um peso sobre mim, mas não sabia de onde ele vinha. Entrei no que era como a câmara do conselho de meu cérebro e fiz perguntas a todos os ministros do pensamento que ali se reuniam. Lembrei-me de tudo rápido demais. Meus membros estremeceram sob o poder torturante, rápido demais. E muito rápido, rápido demais, percebi que era um escravo!

Subitamente e sem se anunciar, lord Raymond adentrou meu apartamento. Parecia alegre, cantava a canção tirolesa da liberdade. Cumprimentou-me com um gesto gracioso e largou-se em um sofá diante de uma cópia do busto de Apolo de Belvedere. Depois de um ou dois comentários triviais, os quais respondi de forma sombria, ele exclamou de súbito, olhando para o busto:

— Sou um vitorioso como ele! Não seria má ideia ter um busto feito esse. A cabeça serviria para estampar minha moeda, e seria um presságio de sucesso para todos os meus leais súditos.

Disse isso do modo mais alegre possível, ainda que benevolente. Depois, sorriu — não de forma desdenhosa, mas como se risse de si mesmo. Seu semblante então ficou sombrio, e, com a entonação estridente que lhe era particular, disse:

— Lutei bem ontem à noite. Nem os campos da Grécia testemunharam maior conquista minha. Agora sou o nome mais comentado no governo, tema de cada canção e objeto dos murmúrios de devoção das mulheres mais velhas. No que está pensando? Você, que tanto gosta de ler a alma humana, uma vez que sua lagoa interna conhece cada fresta e cada canto das colinas das cercanias... o que acha que sou? Um aspirante a rei, um anjo ou demônio? Qual desses?

O tom irônico contrastava com meu coração fervilhante prestes a arrebentar. A insolência do homem me cansou, e respondi de forma amarga:

— Nem anjo, nem demônio, mas sim um espírito condenado tão somente ao limbo.

Vi seu rosto empalidecer, e seus lábios se apertaram e tremeram. A raiva dele serviu apenas para reavivar a minha, e respondi com um olhar tão determinado que

seus olhos se estreitaram. Estes logo se desviaram, abatidos, e o que acreditei ser uma lágrima umedeceu os cílios escuros. Senti-me tocado. Com uma emoção involuntária, acrescentei:

— Não que você seja assim, meu caro lorde.

Fiz uma pausa, impressionado pela agitação evidenciada.

— Sim — disse ele, enfim, pondo-se de pé e mordendo o lábio enquanto caminhava para contar a emoção. — Sou exatamente assim! Não me conhece, Verney. Nem o senhor, nem nossa audiência da noite passada, nem a universal Inglaterra: ninguém sabe nada sobre mim. Cá estou, ao que parece, eleito rei. Esta mão está prestes a segurar um cetro, sinto no fundo de minhas entranhas que esta cabeça está prestes a ostentar um diadema. Pareço ter força, poder, vitória, impassível como colunas que sustentam um domo. E, de fato, sou como um junco! Tenho ambição, e ela age como deveria. Os sonhos que tenho ao dormir estão se realizando, as esperanças que sinto acordado, também. Um reino aguarda minha aceitação, meus inimigos foram subjugados. Mas aqui — disse ele, batendo no peito com violência —, aqui mora o rebelde, o obstáculo. Aqui mora meu coração soberano, cuja vida em algum momento drenarei. Mas enquanto a mais suave vibração existir, serei escravo dele.

Ele disse tudo aquilo com uma voz alquebrada. Depois, baixou a cabeça e, escondendo o rosto nas mãos, chorou. Ainda estava ressentido de minha própria decepção, mas aquela cena mesmo assim me oprimiu e aterrorizou. Não fui capaz de interromper o surto. Depois de um tempo, abrandou, atirando-se no sofá e ficando silencioso e imóvel, exceto pelas expressões que denunciavam um forte conflito interno. Por fim, ergueu-se e disse com o tom de voz usual:

— O tempo urge, Verney. Devo partir. Ah, já ia esquecendo o principal motivo da visita: quer me acompanhar a Windsor amanhã? Não há de se sentir desonrado pela minha companhia? Como é provavelmente o último serviço ou desserviço que me fará, pode aceitar esse meu pedido?

Ele estendeu a mão com um ar quase acanhado. De imediato, pensei: sim, serei testemunha da última cena desse drama. Além disso, ele me impressionara, e novamente um sentimento de afeição por ele encheu meu coração. Assim, disse que estaria às suas ordens.

— Que bom — disse ele, feliz. — Pois minha ordem neste momento é para que me encontre amanhã de manhã, às sete. Mantenha segredo e seja leal, e assim poderá se tornar encarregado do rei em pouco tempo.

Ao dizer isso, foi embora. Montou em seu cavalo e, gesticulando como se me oferecesse a mão para ser beijada, despediu-se com uma risada de adeus. Deixado com meus pensamentos, tentei com dolorosa intensidade adivinhar o motivo do



pedido e prever os eventos do dia seguinte. As horas se passaram sem que eu percebesse. Minha cabeça doía com o esforço do pensamento, e meus nervos pareciam fervilhar de preocupação. Apertei as têmporas como se minha mão febril pudesse medicar a dor que eu sentia. Fui pontual na manhã seguinte, e encontrei lorde Raymond esperando por mim. Entramos em sua carruagem e seguimos na direção de Windsor. Havia me preparado, e estava decidido a não externar sinal que revelasse minha agitação interna.

— Que erro cometeu Ryland — disse Raymond — quando achou que tinha me vencido ontem à noite. Falou bem, muito bem, mas aquele discurso teria mais efeito se tivesse sido proferido apenas para mim, e não para os tolos e patifes ali reunidos. Sozinho, eu o teria ouvido com desejo de encontrar razão em sua fala. No entanto, ao tentar conquistar-me no meu próprio território, usando minhas próprias armas, ele me injetou de coragem, e o resultado foi o que todos esperavam.

Sorri, incrédulo, e respondi:

— Concordo com o jeito de pensar de Ryland, e sou capaz de repetir todos os argumentos do homem, se quiser. Assim, poderemos ver o quanto é tocado por eles e é mesmo capaz de trocar o estilo real pelo patriótico.

— Seria inútil — disse Raymond. — Lembro-me bem deles e ainda tenho vários argumentos próprios com irrespondível persuasão.

Ele não se explicou, e eu tampouco comentei aquela resposta. Nosso silêncio durou algumas milhas, até que o interior se revelou em campos abertos, bosques e parques sombreados, uma bela visão para nossos olhos. Depois de alguma observação sobre o cenário, Raymond disse:

— Filósofos já chamaram o homem de microcosmo da natureza, encontrando reflexos na mente interna para cada parte deste sistema que funciona a nosso redor. Com frequência, essa teoria me entretém: já passei muitas horas vagas exercitando minha inteligência na busca pelas semelhanças. Não é lorde Bacon que diz que “a transformação da desarmonia em harmonia, que tem efeitos tão doces na música, é similar ao ciclo dos sentimentos, que voltam a ser positivos depois de alguns desagradados”? Que belo oceano formam as marés da paixão, cujas fontes pertencem à nossa própria natureza! Nossas virtudes são como areia movediça, que se escondem em águas calmas e rasas, mas basta que as ondas se ergam e os ventos as soprem, e um pobre diabo cuja confiança está na solidez do solo se depara com ele cedendo sob seus pés. Os aspectos do mundo, suas exigências, lições e buscas, são como ventos que governam nossos desejos, como nuvens sopradas em certa direção. Basta que uma tempestade se arme na forma de amor, ódio ou ambição para essa nuvem ser soprada na direção contrária, encarando o vento triunfante.

— Porém — respondi eu —, a natureza se desenrola diante de nós de forma passiva. Há um princípio ativo no ser humano capaz de sobrepujar a sorte e pelo menos resistir à ventania, isso se não conseguir conquistá-la.

— Há mais falácia que verdade em sua análise — disse meu companheiro. — Será que construímos a nós mesmos, escolhendo nossas disposições e nossos poderes? Eu mesmo, por exemplo, enxergo-me como um instrumento de cordas, mas não tenho o poder de girar as cravelhas ou entoar meus pensamentos em um tom mais agudo ou mais grave.

— Outros sujeitos — comentei — podem ser músicos melhores.

— Não falo de outros, apenas de mim — respondeu Raymond. — E sou um exemplo tão bom quanto qualquer outro. Não posso afinar meu coração em um tom específico nem modificar de forma voluntária o que penso. Nascemos, mas não escolhemos nossos pais ou nosso local de origem. Somos depois educados por outras pessoas e pelas circunstâncias do mundo. Esse cultivo, unido à nossa disposição inata, é o solo em que crescem nossos desejos, nossas paixões e nossas motivações.

— Há muita verdade no que diz — comentei eu. — Porém, ninguém jamais agiu segundo essa teoria. Quem, quando faz uma escolha, pensa “Escolhi assim, pois sou obrigado a tal”? Não é o contrário? As pessoas não sentem em si o livre arbítrio que, embora chame de falacioso, ainda age enquanto tomam decisões?

— Exatamente — respondeu Raymond. — É só mais um elo em uma corrente inquebrável. Se eu estivesse agora prestes a cometer um ato que aniquilasse todas as minhas esperanças, arrancando as vestes reais de meus membros mortais para vesti-los com vegetação ordinária, acha que isso seria um ato de livre arbítrio de minha parte?

Conforme conversávamos, notei que não estávamos no caminho usual para Windsor, mas que atravessávamos Englefield Green na direção da charneca de Bishopgate. Comecei a entender que o lar de Idris não era o destino de nossa jornada. Eu estava era prestes a presenciar a cena que decidiria o destino de Raymond — e de Perdita. Raymond obviamente vacilara durante a jornada, e sua irresolução transparecia em cada gesto enquanto entrávamos no chalé de Perdita. Observei-o com atenção. Eu estava determinado a, caso essa hesitação continuasse, ajudar Perdita a vencer as próprias emoções. Ensinaria minha irmã a desdenhar o amor vacilante dele, que se alternava entre a posse da coroa e sua mão, cuja excelência e afeição superavam em muito o valor de um reino.

Encontramo-la em sua alcova adornada por flores. Lia a reportagem no jornal sobre o debate no Parlamento, que aparentemente a fadara à desesperança. O sentimento arrasador estava ilustrado em seus olhos fundos e em suas atitudes sem

vida. Uma nuvem ocultava sua beleza, e suspiros frequentes eram a marca de seu sofrimento. Estes tiveram efeito imediato em Raymond: seus olhos sorriram com afeto, e o remorso envolveu seus gestos com fervor e sinceridade. Sentou-se ao lado dela e, tirando o jornal de suas mãos, disse:

— Minha doce Perdita, não deve ler mais nem uma palavra dessa discussão de loucos e tolos. Não posso permitir que conheça a amplitude de minha ilusão, e menos ainda que me odeie. No entanto, foi o desejo de me apresentar à senhorita não como conquistado, mas sim como um conquistador, que me inspirou durante a batalha de palavras.

Perdita o encarou, maravilhada. Seu semblante expressivo brilhou por um instante, cheio de ternura: vê-lo era pura alegria. Mas um pensamento amargo logo sombreou sua felicidade. Ela fitou o solo, tentando dominar as lágrimas que ameaçavam assolá-la. Raymond continuou:

— Não hei de representar um personagem, minha querida, nem fingir que não sou o que sou: fraco e indigno, mais apto a despertar seu desdém do que seu amor. Ainda assim, sei que me ama. Sinto e sei que me ama, e por isso esboço aqui minhas esperanças mais profundas. Se for guiada pelo orgulho, ou mesmo pela razão, rejeite-me. Faça isso caso seu elevado coração, incompatível com minha fraqueza de propósito, recuse-se a ceder à baixeza do meu. Afaste-se de mim, se achar melhor e se for capaz. Caso sua alma não anseie por me perdoar, caso seu coração não abra as portas para permitir que eu entre e ocupe seu centro, renuncie-me, nunca mais fale comigo. Mesmo pecando contra a senhorita, quase além de qualquer remissão, também sou orgulhoso. Seu perdão deve ser completo. Sua afeição deve ser entregue sem possibilidade de arrependimento.

Perdita olhou para baixo, confusa, mas satisfeita. Minha presença a constrangia, de modo que não teve coragem de encarar o amado nos olhos nem erguer a voz para assegurá-lo de sua afeição. Um rubor tomou suas bochechas, e a aparência desconsolada foi substituída por uma de alegria profunda. Raymond enlaçou-a pela cintura e continuou:

— Não nego que oscilei entre ficar com a senhorita e realizar o maior sonho de qualquer homem mortal, mas não tenho mais dúvidas. Aceite-me. Molde-me conforme desejar, possua meu coração e minha alma por toda a eternidade. Caso se negue a contribuir com minha alegria, deixarei a Inglaterra esta noite e jamais porei os pés aqui novamente.

“Lionel, o senhor me escutou. Testemunhe por mim. Convença sua irmã a perdoar a dor que lhe causei. Convença-a a ser minha.”

— Convencimentos não são necessários — disse Perdita, corada. — Tudo o que precisamos são suas belas promessas e meu coração disposto, que sussurra que

elas são verdadeiras.

Naquela mesma noite, caminhamos os três juntos pela floresta e, com a loquacidade inspirada pela alegria, os dois detalharam sua história de amor. Era agradável ver o arrogante Raymond e a reservada Perdita transformados pelo amor em crianças tagarelas e brincalhonas. Ambos pareciam ter deixado para trás a característica dignidade em troca da plenitude da satisfação mútua. Uma ou duas noites antes, lorde Raymond, com o cenho tomado pela preocupação e um coração oprimido pela reflexão, destinara suas energias a silenciar ou persuadir os legisladores da Inglaterra de que um cetro não era pesado demais para sua mão, enquanto visões de dominação, guerra e triunfo flutuavam diante dele. Ali, porém, brincalhão como um garoto ativo que se divertia sob o olhar aprovador da mãe, seu desejo de ambição se completava ao pressionar a pequena mão pálida de Perdita contra os lábios. Ela, radiante de deleite, mirava o lago plácido — não admirando a própria imagem, mas sorvendo arrebatada o reflexo da imagem de si com o amado, juntos pela primeira vez em carinhosa união.

Afastei-me deles. Se o êxtase dos dois era de sentimentos correspondidos, o meu era de esperança restaurada. Olhei para as torres reais de Windsor. Alta era a muralha e forte era a barreira que me separavam da minha Estrela da Beleza. Mas não impenetrável. Ela não seria dele. “Viva mais alguns anos no seu jardim nativo, doce flor, até que eu adquira por mérito e com o tempo o direito de colhê-la”, pensei eu. “Não se desespere e não me incite ao desespero! O que devo fazer agora? Primeiro, devo procurar Adrian e devolvê-lo à irmã. Devo fazê-lo recuperar a paciência, gentileza e afeição irrestrita — caso seja verdade, como disse Raymond, que está louco. Energia e coragem hão de libertá-lo da prisão injusta”.

Os amantes se juntaram a mim mais uma vez, e jantamos juntos no chalé. Foi um jantar quase etéreo: embora o ar estivesse perfumado pelas frutas e pelo vinho, nenhum de nós chegou a comer ou beber. Até mesmo a beleza da noite passou despercebida: o êxtase do casal não podia ser incrementado por objetos externos, e eu estava absorto em devaneios. Perto da meia-noite, Raymond e eu nos despedimos de minha irmã e voltamos à cidade. Ele era puro júbilo. Trechos de canções escapavam de seus lábios, e todo pensamento em sua mente — cada objeto ao nosso redor — cintilava sob o sol de sua alegria. Acusou-me de melancolia, mal-humor e ciúme.

— De jeito nenhum — disse eu —, embora deva confessar que meus pensamentos não estão tão ocupados e felizes quanto os seus. Prometeu-me facilitar a visita a Adrian, e agora rogo que cumpra sua promessa. Não posso me demorar. Desejo amainar, talvez até curar, a doença de meu primeiro e melhor amigo. Preciso partir para Dunkeld imediatamente.

— Ó pássaro da noite — respondeu Raymond. — Que eclipse projeta sobre meus pensamentos luminosos, forçando-me a lembrar daquela ruína melancólica que se ergue em uma desolação mental mais irreparável que um pedaço de coluna entalhada em um campo coberto de heras... Acha que é capaz de recuperá-lo? Dédalo nunca cometeu erro tão inextricável ao criar justo um labirinto ao redor de Minotauro, pois, depois de preso nele, a loucura consumiu sua própria razão. Nem o senhor, nem nenhum outro Teseu é capaz de escapar do labirinto da insanidade, cuja resposta talvez resida em alguma rude Ariadne.

— Faz alusão a Evadne Zaimi, mas ela não está na Inglaterra.

— E mesmo que estivesse — disse Raymond —, eu não aconselharia vê-la. É melhor decair em absoluto delírio do que ser vítima da metódica insensatez de uma amante mal-intencionada. A longa duração de sua insanidade provavelmente apagou quaisquer vestígios dela de sua mente, e é bom que essa imagem não volte a ser registrada. Poderá encontrá-lo em Dunkeld. Gentil e dócil, vive vagando pelo topo das colinas ou pelos bosques, ou então fica sentado ao lado da cachoeira para ouvir suas águas. Logo o verá com o cabelo adornado de flores selvagens, os olhos cheios de um significado indistinguível e a voz alquebrada, reduzido a uma sombra. Colhe flores e ervas e tece coroas com elas, ou então solta folhas amarelas e pedacinhos de tronco nos fluxos d'água como se fossem barquinhos, deleitando-se quando chegam ao destino em segurança e chorando quando naufragam. A mera memória me desanima. Pelos céus! As primeiras lágrimas que derramei desde a infância tomaram meus olhos quando o vi.

Eu sequer precisava desse último relato para decidir visitá-lo. Só não sabia se deveria ou não ver Idris mais uma vez antes de partir. Decidi apenas no dia seguinte. Bem cedo, Raymond veio me ver. Recebera a informação de que Adrian estava perigosamente doente, e parecia impossível que seu corpo debilitado sobrevivesse ao mal.

— Amanhã — disse Raymond —, a mãe e irmã de Adrian irão para a Escócia para vê-lo de novo.

— Pois eu vou ainda hoje — exclamei. — Agora mesmo embarcarei em um balão fretado. Devo chegar lá em no máximo quarenta e oito horas, talvez menos, se o vento estiver favorável. Adeus, Raymond. Seja feliz por escolher viver o melhor da vida. Essa reviravolta do destino me anima. Eu temia a loucura, não a doença... Tenho um pressentimento de que Adrian não morrerá. Talvez essa doença seja apenas uma crise, e ele ainda se recupere.

Tudo favorecia minha viagem. O balão alçou voo até chegar a cerca de meia milha de altitude e disparou pelo ar, soprado por um vento favorável, com a quilha empenada cortando a plácida atmosfera. Apesar do objetivo melancólico de minha

jornada, meu ânimo estava eufórico pela esperança revitalizada, pelo rápido movimento da embarcação aérea e pelo clima ensolarado e ameno. O piloto mal precisava mover o timão: o esbelto mecanismo das asas, totalmente abertas, soltava pequenos ruídos agradáveis aos sentidos. Planícies e colinas, rios e milharais eram visíveis lá embaixo enquanto acelerávamos como um cisne selvagem em plena migração primaveril. O veículo obedecia aos mais delicados movimentos do timoneiro, e o vento que soprava constantemente não era impedimento nem obstáculo para nossa viagem. Era esse o poder da humanidade sobre os elementos. Um poder muito buscado e, embora conquistado apenas recentemente, previsto desde tempos imemoriais pelo príncipe dos poetas — cujos versos declamei para o piloto, que ficou chocado quando disse que haviam sido escritos centenas de anos antes.

*Ó inteligência humana, buscas coisas muito além  
Mexes com peculiares artes: como achas que convém  
A um pesado homem alçar voo como uma ave  
E pelo vazio celeste achar o caminho que lhe cabe?*

Desembarquei em Perth. Embora estivesse muito cansado da exposição constante ao ar por muitas horas, decidi que ainda não procuraria repouso: mudei meu meio de transporte e, pela terra, fui a Dunkeld. O sol já nascia quando adentrei o vale. Com a revolução das eras, a colina de Birnam estava novamente coberta por uma floresta jovem. Pinheiros mais antigos, plantados no início do século XIX pelo então duque de Atholl, tornavam a cena mais solene e bela. O sol nascente primeiro pintou o topo dos pinheiros. Minha mente — profundamente suscetível às graças da natureza por ter crescido entre as montanhas, e então prestes a rever meu amigo mais amado e talvez moribundo — foi estranhamento influenciada pela visão dos distantes raios do sol. Pareciam um presságio, e como tal os considerei: bons augúrios para Adrian, de cuja sobrevivência minha alegria dependia.

Pobre camarada! Estava deitado em um leito doentio, com as bochechas brilhando nos matizes da febre, os olhos semicerrados e a respiração irregular e dificultosa. Ainda assim, era menos dolorido vê-lo dessa forma do que encontrá-lo seguindo normalmente as funções do corpo, mas tendo a mente adoecida. Sentei-me ao lado da cama, e lá permaneci dia e noite. Era uma tarefa amarga presenciar seu espírito oscilando entre a vida e a morte. Ver seu rosto cálido e saber que o mesmo fogo que ali queimava consumia sua energia vital. Ouvir sua voz murmurante, que talvez nunca mais voltasse a articular palavras de amor e

sabedoria. Presenciar os movimentos ineficazes de seus membros, que logo seriam envolvidos em uma mortalha. Depois de três dias e três noites assim, o destino cobrou o preço de meus serviços, e eu fiquei abatido e com uma aparência espectral por tanta ansiedade e vigília. Enfim, seus olhos se entreabriram de leve, mas com uma aparência de vitalidade recuperada. Ele estava pálido e fraco, mas a rigidez de sua expressão se aliviou com a aproximação da convalescença. Ele então me reconheceu. Que bela dose de alegre agonia senti quando seu rosto se avivou pela primeira vez com um olhar de reconhecimento! Quando apertou minha mão, mais febril que sua própria, e depois pronunciou meu nome! Não havia ali resquício da insanidade anterior para abater minha alegria com pesar.

Nessa mesma noite, a mãe e a irmã chegaram. A condessa de Windsor era, por natureza, repleta de sentimentos enérgicos, mas era muito raro que permitisse que as emoções mais concentradas de seu coração se revelassem em seu rosto. A imobilidade calculada de seu semblante, os modos lentos e uniformes e a voz doce, embora nada melodiosa, eram como uma máscara: escondiam suas paixões mais ardentes, assim como a impaciência de sua disposição. Os filhos nem de longe se pareciam com ela. Os olhos, negros e brilhantes, eram muito diferentes do azul franco e benigno de Adrian ou Idris. Havia algo grandioso e majestoso em seus movimentos, mas nada persuasivo ou amável. Era alta, magra e esguia. Tinha um rosto belo, cabelos pretos levemente grisalhos e uma testa arqueada e que seria bela, não fossem as sobrancelhas um tanto afastadas. Era impossível não se sentir arrebatado a ponto de quase temê-la. Idris era a única que parecia resistir à mãe, a despeito da extrema brandura de seu jeito de ser. Mas havia nela uma intrepidez e uma franqueza que diziam que jamais usurparia a liberdade de ninguém, mas que considerava a própria sagrada e inexpugnável.

A condessa não dirigiu olhar de bondade à minha figura desgastada, embora depois tenha me agradecido friamente pelos cuidados prestados ao filho. Tampouco Idris me deu atenção — seu primeiro olhar recaiu sobre o irmão. Ela tomou a mão dele entre as suas, beijou suas pálpebras e debruçou-se com um olhar cheio de compaixão e amor. Os olhos dela se encheram de lágrimas quando veio me agradecer. A graciosidade de sua expressão aumentou, e não cedeu com o fervor, que a fazia quase titubear enquanto falava. A mãe, atenta a tudo que via ou ouvia, logo nos interrompeu. Percebi que desejava me dispensar agora que os familiares estavam ali, como se eu não passasse de um serviçal cujo trabalho não era mais necessário. Sentia-me importunado e doente, determinado a não abandonar meu posto, mas ainda sem saber como tornar isso claro. Foi quando Adrian me chamou e, apertando minha mão, pediu que não o deixasse. A mãe, que parecia não prestar

atenção, entendeu imediatamente o acontecido e, vendo que sua vontade acabaria subjugada, cedeu.

Os dias que se seguiram foram os mais dolorosos. Eu às vezes chegava a me arrependeu de não ter obedecido à arrogante dama, que observava cada gesto meu e transformava a apreciada tarefa de cuidar de meu amigo em um serviço cheio de dor e irritação. A condessa de Windsor, mais do que qualquer outra mulher, parecia ser feita tão somente de razão. Suas paixões haviam dominado suas vontades, até mesmo suas necessidades naturais: dormia pouco e quase não comia. Ela evidentemente pensava no corpo como um mero mecanismo, cuja saúde era necessária apenas para realização de seus esquemas — e os sentidos não tinham função alguma. Há algo temível em uma pessoa que consegue conquistar a parte animal da natureza, considerando que a vitória não seja efeito da virtude perfeita. Não foi sem um pouco desse sentimento que contemplei a condessa acordada enquanto outros dormiam, jejuando quando eu — já naturalmente abstêmio e desgastado pela febre que se abatera sobre mim — era forçado a recorrer à comida. Estava decidida a evitar ou diminuir as probabilidades de que eu adquirisse influência sobre os filhos, então passou a contornar meus planos com uma resolução silenciosa e obstinada que não parecia humana. Finalmente, a guerra entre nós foi silenciosamente reconhecida. Travamos várias batalhas durante as quais nenhuma palavra foi emitida, nenhum olhar foi trocado, mas onde nenhum um de nós decidiu se entregar. A condessa tinha a vantagem de sua posição. Assim, eu estava sempre em desvantagem, mas não disposto a ceder.

Meu coração adoeceu. Meu semblante se pintou nos tons da doença e do desgosto. Adrian e Idris perceberam e atribuíram a situação à minha longa vigília e à ansiedade. Insistiram que eu descansasse e que me cuidasse mais, e eu os assegurei com toda a sinceridade de que meu melhor remédio eram os desejos de melhora dos dois — assim como a convalescença de meu amigo, cada dia mais clara. Um tom suave de róseo retornara a seu rosto, e a pele não tinha mais o tom cinzento de palidez que sugeria um colapso iminente. Isso já bastava como recompensa para minha atenção incessante, e o generoso céu apenas dava retribuição ainda maior quando me agraciava com os agradecimentos e sorrisos de Idris.

Depois de algumas semanas, deixamos Dunkeld. Idris e a mãe voltaram imediatamente para Windsor, enquanto Adrian e eu seguimos em uma jornada lenta, cheia de paradas frequentes causadas pelo longo período de fraqueza. Conforme atravessávamos os vários condados da fértil Inglaterra, tudo exaltava meu companheiro, que, por conta da doença, ficara muito tempo isolado do gozo do clima e das paisagens. Passamos por vilarejos movimentados e planícies cultivadas. Os fazendeiros colhiam as safras abundantes, e as mulheres e crianças,



ocupadas com tarefas mais leves, formavam grupos felizes e sadios cuja visão já trazia alegria ao coração. Certo fim de tarde, saímos de nossa estalagem e avançamos por um caminho sombreado, depois subimos um aclave gramado até chegar a um ponto elevado. Dali, foi possível ver as colinas e os vales, os rios serpenteantes, os bosques escuros e os vilarejos iluminados. O sol começava a se pôr. As nuvens, vagando a esmo como ovelhas recém-tosadas nos vastos campos celestes, eram pintadas de dourado pelos últimos raios de luz do dia. Os planaltos distantes brilhavam, e o burburinho da movimentação noturna chegava ao nosso ouvido harmonizado pela distância. Adrian, que sentia todo o fresco espírito infundido pela saúde que retornava, apertou as mãos, feliz, e exclamou em um quase frenesi:

— Ah, alegre mundo e alegres habitantes da Terra! Que majestoso lugar Deus construiu para você, ó humanidade! E como é digna desta habitação! Eis aos seus pés o verdejante tapete, e acima, a azulada cúpula. Eis os campos que geram e nutrem todas as coisas, e o caminho para o paraíso, que contém e ampara todas as coisas. Agora, a esta hora da tarde, neste período de repouso e reconstrução, entendo que todos os corações entoam um hino de amor e gratidão. Nós, como sacerdotes do passado no topo das montanhas, damos voz ao sentimento das coisas deste mundo.

“Decerto foi um poder benigno que construiu a majestosa trama que habitamos e desenhou as leis segundo as quais ela funciona. Se a mera existência, e não a alegria, fosse o fim absoluto de nosso ser, por que existiriam as luxúrias abundantes de que desfrutamos? Por que nossa habitação seria tão adorável, e por que os instintos da natureza nos trariam sensações tão prazerosas? O próprio sustento de nosso mecanismo animal é deleitoso. E o que nos sustenta, os frutos dos campos, são pintados de tons transcendentais, dotados de odores agradáveis e saborosos ao paladar. Qual seria a razão disso, se ELE não fosse tão bondoso? Precisamos de lares para nos proteger contra o tempo, e veja só os materiais que temos à disposição, como as altas árvores com adornos de folhas e as rochas empilhadas nas planícies para tornar a paisagem mais diversa com sua irregularidade agradável.

“E os objetos inanimados não são os únicos receptáculos do Espírito da Bondade. Veja a mente humana, que é reinada pela sabedoria. Nela repousa a imaginação, a pintora, com seu pincel mergulhado em tintas de cores mais amáveis que as do pôr do sol, adornando a vida familiar com tons brilhantes. Que dádiva mais nobre é a imaginação, digna de quem a criou! Ela tira da realidade sua paleta de cores principal. Envolve o pensamento e os sentidos com um véu radiante e, com uma demão de beleza, nos conclama a deixar os estéreis mares da vida e visitar

seus jardins, seus caramanchões e suas clareiras de bem-aventurança. E não seria o amor um presente dado pela divindade? O amor e sua filha, a esperança, que pode conferir fortuna onde há pobreza, força onde há fraqueza e alegria onde há dor.

“Meu destino não tem sido tão venturoso. Precisei superar um longo luto, adentrei o obscuro labirinto da loucura e dele emergi, mas apenas meio vivo. Mesmo assim, agradeço a Deus por estar vivo! Agradeço a Deus por ter vislumbrado Seu trono, o paraíso e a terra, que é a banquetta em que pousa os pés. Sou grato por ter presenciado Suas mudanças sobre o dia. Por ter presenciado o Sol, fonte de luz, e a gentil Lua andarilha. Por ter visto o fogo desenhando flores no céu, e as floridas estrelas da terra. Por ter testemunhando o plantio e a colheita. Sou grato por ter amado e por ter vivido a alegria compassiva e o luto junto das criaturas assim como eu. Sou grato por sentir agora a corrente de pensamento que flui por minha mente, assim como flui o sangue pelas articulações de meu corpo. Minha mera existência é prazerosa, e agradeço a Deus por estar vivo!

“E vocês, alegres crias da mãe terra, não ecoam minhas palavras? Vocês que são ligadas pelos laços afetuosos da natureza, que são companheiras, amigas e amantes! Vocês que são pais e que trabalham com alegria em nome da prole, ou que são mulheres, que, ao contemplar a vida dos filhos, esquecem as dores da maternidade. E vocês, crianças, que não aram nem tecem, mas amam e são amadas!

“Ah, que a morte e a doença sejam banidas de nosso lar terreno! Que o ódio, a tirania e o medo não mais façam seu covil no coração humano. Que cada pessoa possa encontrar fraternidade na pessoa ao lado, além de um ninho para repouso em meio às amplas planícies da hereditariedade! Que a fonte de lágrimas seque, e que os lábios não mais formem expressões de dor. Mesmo dormitando sob os benevolentes olhos do paraíso, é possível que o mal a visite, ó terra, ou que o luto nine em suas covas vossos filhos desafortunados? Não responda aos sussurros, deixe que os demônios escutem e se regozijem! A escolha cabe a nós, então deixe que a assumamos e que assim nosso lar se torne um paraíso. Pois a força de vontade do ser humano é onipotente, desviando as flechas da morte, amenizando a cama da doença e enxugando as lágrimas de agonia. E qual é o valor de cada ser humano, senão disponibilizar a própria força para ajudar seus iguais? Minha alma é uma faísca que se apaga, minha natureza é frágil como uma onda passageira. Ainda assim, dedico todo o intelecto e a força que permanece em mim a esse único trabalho. E que assim se abata sobre mim essa tarefa: que eu, até onde for possível, possa derramar bênçãos sobre meus companheiros!”

Ele tinha a voz trêmula, os olhos erguidos para o céu e as mãos entrelaçadas. Seu corpo frágil se curvava, como se acometido pelo excesso de emoção. O espírito

da vida parecia se demorar em seu corpo, como uma chama moribunda que em um altar tremula em torno das brasas de um sacrifício aceito.

## VI

Quando chegamos a Windsor, descobri que Raymond e Perdita já haviam partido para o continente. Mudei-me para o chalé de minha irmã, considerando uma bênção poder viver em um lugar de onde era possível ver o Castelo de Windsor. É curioso pensar que foi nessa época — quando, pelo casamento de Perdita, tornei-me parente de um dos indivíduos mais ricos da Inglaterra, e quando estava vinculado pela mais íntima amizade ao mais nobre habitante do país — que vivi a maior pobreza de toda minha vida. Meu conhecimento dos princípios mundanos de lorde Raymond me impediu de recorrer a ele, por mais profunda que fosse minha miséria. E foi em vão que repeti a mim mesmo que as economias de Adrian estavam à minha disposição — que, quando duas pessoas são ligadas pela alma, como era nosso caso, suas fortunas também eram compartilhadas. Fui incapaz, quando estava junto dele, de pensar em sua riqueza como uma solução para minha pobreza. Rechacei sem pensar duas vezes suas ofertas de recursos, assegurando-lhe falsamente que não precisava de nada. Como podia dizer àquele ser generoso algo como “Sustente-me em minha ociosidade. O senhor, que dedicou seus poderes mentais e financeiros ao benefício de sua espécie, agora deve direcionar mal seus esforços para manter na inutilidade os fortes, saudáveis e capazes”?

E tampouco ousava pedir-lhe que usasse sua influência para me ajudar a obter um rendimento honrado para mim mesmo — pois, assim, seria obrigado a deixar Windsor. Passei um longo tempo vagando pela muralha do castelo, debaixo das copas dos bosques sombreados. Meus únicos companheiros eram meus livros e meus pensamentos amorosos. Estudei a sabedoria dos ancestrais e mirei as alegres muralhas que protegiam o ser mais amado de minha alma. Todavia, minha mente devaneava. Debrucei-me sobre a poesia antiga, estudei a metafísica de Platão e Berkeley. Li histórias sobre a Grécia, sobre Roma e sobre o passado da Inglaterra, e observei os movimentos da dama de meu coração. À noite, podia ver a sombra dela nas paredes de seus aposentos. Durante o dia, via-a nos jardins floridos ou cavalgando pelo parque com as companhias de sempre. Pensava que um feitiço se

quebraria se eu fosse visto, mas ouvia a música de sua voz e ficava feliz. Passei a atribuir sua beleza e excelência sem igual a cada heroína das histórias que lia — assim fiz com Antígona, enquanto guiava o cego Édipo ao bosque das Eumênides e realizava os ritos funerais de Polinices. Assim fiz com Miranda na erma caverna de Prospero. Assim fiz com Haidée nas areias das ilhas Jônicas. Estava louco de excesso de devoção apaixonada. O orgulho, porém, indomável como o fogo, tomava minha natureza e me impedia de trair-me com uma palavra ou um olhar.

Nesse meio-tempo, enquanto me mimava com ricos repastos mentais, até um camponês teria desdenhado de minha escassa alimentação, que às vezes roubava dos esquilos da floresta. Sentia-me frequentemente tentado a recorrer às faanhas desregradas de minha juventude e abater os faisões quase domesticados que se empoleiravam sobre as árvores e me encaravam com seus olhos brilhantes, mas eles eram propriedade de Adrian e queridos por Idris. Embora a privação transformasse minha imaginação em sentidos, fazendo-me pensar que os faisões dariam melhores espetos em minha fogueira do que as folhas da floresta, eu controlava meus desejos altaneiros e não os comia.

Em vez disso, alimentava-me de sentimentos e sonhava de forma vã com os “mais doces bocados”, uma vez que acordado não podia tê-los.

A essa altura, porém, todo o esquema de minha existência estava prestes a mudar. O filho órfão e negligenciado de Verney estava às vésperas de ser conectado ao mecanismo da sociedade por uma corrente dourada, apresentado a todos os deveres e afeições da vida. Milagres estavam prestes a acontecer a meu favor, e o maquinário da vida social tentava resistir com grande esforço. Acompanhe, cara pessoa que mê lê, enquanto narro essas maravilhosas histórias!

Um dia, enquanto Adrian e Idris cavalgavam pela floresta com a mãe e os companheiros usuais, Idris, que se destacara do resto do grupo junto ao irmão, perguntou-lhe de súbito:

— Que fim teve seu amigo, Lionel Verney?

— Daqui mesmo — respondeu Adrian, apontando para o chalé de minha irmã — é possível ver seu lar.

— De fato! — disse Idris. — E por que, morando tão perto, ele não vem nos visitar, juntando-se à nossa companhia?

— Eu o visito com frequência — respondeu Adrian —, mas não é difícil entender os motivos pelos quais ele evita visitas, já que sua presença pode incomodar algumas das pessoas daqui.

— Já imaginava — disse Idris. — E, conhecendo as tais pessoas, não me arriscaria a combatê-las. Diga-me, porém: de que forma ele passa o tempo? O que faz e pensa naquele chalé?

— Ah, cara irmãzinha — respondeu Adrian. — Pergunta-me mais do que posso responder. Mas se tem interesse nele, por que não o visita? Ele ficará muito honrado, e assim poderá retribuir parte do favor que devo a ele e compensar pelos agravos que a vida lhe causou.

— Pois de bom grado acompanharei sua próxima visita — disse a dama. — Não que ache que podemos pagar nossa dívida; esta, que não é menos do que sua própria vida, é impossível de ser quitada. Mas vamos! Amanhã, cuidarei para que possamos cavalgar juntos. Quando chegarmos naquela parte da floresta, poderá chamá-lo.

Na tarde seguinte, embora a chegada do outono tivesse trazido frio e chuva consigo, Adrian e Idris adentraram meu chalé. Encontraram-me como Cúrio, alimentando-me de poucas frutas no jantar. Mas traziam presentes mais valiosos do que os tesouros dos sabinos, e fui incapaz de negar a inestimável oferta de amizade e alegria que me concediam. Os gloriosos gêmeos de Latona não podiam ter sido mais bem recebidos — tendo, na infância do mundo, vindo para embelezar e iluminar este “estéril promontório” — do que o angélico par que acolhi na minha humilde residência e no meu grato coração. Sentamo-nos ao redor da lareira como se pertencêssemos à mesma família. Conversamos sobre assuntos que não tinham conexão com as emoções que evidentemente ocupavam cada um de nós. Mas éramos capazes de adivinhar os pensamentos uns dos outros, e, enquanto nossas vozes falavam de assuntos indiferentes, nossos olhos, em uma linguagem muda, contavam milhares de coisas que nenhuma das línguas seria capaz de proferir.

Deixaram minha casa depois de uma hora. Deixaram-me feliz — indescritivelmente feliz. Eu não precisava dos calculados sons da linguagem humana para proferir a história de meu êxtase. Idris me visitara. A mesma Idris que eu logo voltaria a ver — minha imaginação não era capaz de ir além da completude desse conhecimento. Tornei-me aéreo. Nem a dúvida, nem o medo, nem mesmo a esperança me perturbavam. Envolvi com a alma a plenitude do contentamento, satisfeito, altruísta, beatificado.

Por muitos dias, Adrian e Idris continuaram a me visitar. Nesses caros encontros, o amor, disfarçado de uma entusiasmada amizade, infundia cada vez mais seu espírito onipotente. Idris sentiu isso. Sim, divindade do mundo, vejo suas características nos olhares e gestos dela. Ouço-a ecoar sua voz melodiosa. Preparou para nós um caminho suave e florido, todo adornado de pensamentos gentis. Seu nome, ó Amor, não foi mencionado, mas permaneces o Gênio da Hora, oculto. E apenas o tempo, e nenhuma mão mortal, será capaz de erguer essa cortina. Nem mesmo órgãos de articulado som seriam capazes de proclamar a união de nossos corações, pois a situação desfavorável não permitia que houvesse oportunidade de

expressar o que pairava em nossos lábios. Ah, minha pena! Apresse-se a registrar o que houve antes que o pensamento sobre o que foi retenha a mão que a empunha. Se erguer os olhos agora e vir a terra deserta, sentir que aqueles belos olhos perderam seu brilho mortal e que aqueles belos lábios agora estão calados, com suas “folhas carmesins” desbotadas, ficarei para sempre mudo!

Mas está viva, minha Idris! É como se pudesse vê-la diante de mim agora mesmo! Pois havia uma clareira, ó pessoa que lê estas palavras! Uma abertura no meio do bosque. Nela, as árvores aposentadas sacrificaram as copas aveludadas para formar um templo de amor. O prateado Tâmis a cercava de um lado, e um salgueiro curvado tocava as águas com seus cabelos de Náíade, desgrenhados pela mão invisível do vento. Os carvalhos ao redor da clareira eram lar de um bando de rouxinóis. É lá que me vejo agora. Idris, em seu primor juvenil, está ao meu lado. Lembre-se: nesse momento, tenho apenas vinte e dois anos, e apenas dezessete verões passaram pelo coração de minha amada. O rio está caudaloso por conta das chuvas de outono, inundando as terras baixas, e Adrian está em seu barco preferido, entregando-se ao perigoso passatempo de tentar alcançar o mais alto galho de um carvalho submerso. Será que está cansado da vida, ó Adrian, e por isso brinca com o perigo?

Ele consegue o que quer e guia o barco pela correnteza. Nossos olhos estão fixados nele, cheios de temor, mas a corrente o carrega para longe. É forçado a descer muito adiante, muito abaixo de onde estamos, e a percorrer um caminho considerável para juntar-se a nós.

— Ele está em segurança! — disse Idris quando ele saltou para a terra, agitando o galho acima da cabeça como uma prova do sucesso. — Vamos esperar por ele aqui.

Ficamos sozinhos, só eu e ela. O sol já se pusera, o cantar dos rouxinóis havia começado. A estrela vespertina brilhava distinta na luz que ainda não sumira totalmente no oeste. Os olhos azuis de minha angelical garota estavam fixos naquela doce representação de si mesma.

— Como a luz pulsa — disse ela. — É a vida dessa estrela. É como se o esplendor vacilante dela dissesse que seu estado, assim como o nosso sobre a terra, é oscilante e inconstante. Tem medo, acredito eu, e também ama.

— Não olhe para a estrela, cara e generosa amiga — exclamei. — Não leia amor em seus raios trêmulos. Não olhe para mundos distantes e não fale sobre a mera imaginação de um sentimento. Há muito estou em silêncio. Antes mesmo da doença de Adrian, já queria falar com a senhorita e submeter-lhe minha alma, minha vida, todo o meu ser. Não mire a estrela, meu amor, ou talvez faça exatamente isso, permitindo que seu eterno brilho interceda por mim. Deixe que

seja minha testemunha e minha defensora, tão silenciosa quanto brilhante. O amor para mim é o que a luz é para essa estrela: enquanto não for eclipsado pela aniquilação, irei amá-la.

A representação desse momento deveria ser ocultada para sempre do insensível olhar do mundo. Ainda sinto seu corpo gracioso recostado contra meu coração preenchido — minha visão, meu pulso e minha respiração ainda se enfraquecem e falham com a lembrança desse primeiro beijo. Lentamente e silenciosamente, avançamos para nos encontrarmos com Adrian, cuja aproximação logo ouvimos.

Supliquei a Adrian que voltasse depois de levar a irmã para casa. Nessa mesma tarde, caminhando pelas trilhas da floresta banhada pelo luar, derramei por inteiro meu coração, assim como a emoção e a esperança que havia nele, ao meu amigo. Por um momento, ele pareceu perturbado.

— Devia ter previsto isso — disse ele. — Que contenda precisaremos encarar agora! Perdoe-me, Lionel, e não pense que a expectativa da discussão com minha mãe afeta meus sentimentos. Só preciso confessar, encantado, que minhas maiores esperanças se tornaram verdade, e poderei entregar minha irmã à sua proteção. Caso ainda não conheça, conhecerá em breve o ódio profundo que minha mãe sente pelo nome Verney. Falarei com Idris. Farei tudo o que um amigo pode fazer. A ela caberá apenas o papel de amada, se for capaz de desempenhá-lo.

Enquanto irmão e irmã ainda cogitavam a melhor forma de trazer a mãe para seu lado, ela, suspeitando de nossos encontros, confrontou-os. Acusou a bela filha de falsidade e de ter um relacionamento indecoroso com aquele cujo único mérito era ser filho do libertino favorito do imprudente pai — e que sem dúvida era tão inútil quanto o homem cuja ascendência ostentava. Diante disso, os olhos de Idris flamejaram. Ela respondeu:

— Não negarei meu amor por Verney. Prove-me que ele é inútil, e nunca mais voltarei a vê-lo.

— Senhora minha mãe — disse Adrian. — Suplico que fale com ele e cultive sua amizade. Perceberá então, como eu, a extensão de suas conquistas e o brilhantismo de seus talentos.

Perdoe-me quem me lê, porém isto não é vaidade fútil — e digo que não é fútil porque saber o que Adrian pensava de mim traz alegria ao meu solitário coração.

— Garoto louco e tolo! — exclamou a raivosa dama. — Escolheu destruir meus esquemas com sonhos e teorias buscando enaltecimento próprio, mas não fará o mesmo com os planos que desenhei para sua irmã. Entendo bem demais a fascinação que age sobre vocês: tive a mesma luta com seu pai para que expulsasse o parente desse jovem, homem que escondia propensões maléficas com a suavidade e sutileza de uma víbora. Naquela época, quanto não ouvi sobre seus atrativos, a



amplidão de suas conquistas, sua esperteza e seus modos refinados... Não há problema quando a teia dessa aranha captura apenas moscas, mas e quando pessoas poderosas e bem nascidas baixam a cabeça diante do jugo frágil dessas pretensões inexpressivas? Se a sua irmã fosse mesmo a pessoa insignificante que merece ser, eu a entregaria sem hesitar para esse destino, esse infeliz destino de ser esposa de um homem cuja própria aparência, similar como é à do pai, deveria lembrá-los da insensatez e dos vícios que ele representa. Mas lembre-se, lady Idris, que não é apenas o sangue real da Inglaterra que dá cor às suas veias: você é uma princesa da Áustria, e cada gota de sangue em seu corpo vem de imperadores e reis. Será que seria adequada para um pastor inculto cuja herança é o nome maculado do pai?

— Tenho apenas um pedido em minha defesa — respondeu Idris. — O mesmo que fez meu irmão: veja Lionel, converse com meu pastor e...

A condessa a interrompeu, indignada:

— Seu? — gritou. Depois, abrandando a feição inflamada com um sorriso desdenhoso, continuou: — Falaremos sobre isso em outro momento. Tudo que peço agora, tudo que sua mãe pede, Idris, é que não veja esse arrivista por um mês.

— Não posso obedecer — disse Idris. — Isso traria muita dor a ele. Não tenho direito de brincar com seus sentimentos, aceitando seu amor declarado para depois ferroá-lo com descaso.

— Isso está indo longe demais — respondeu a mãe, com os lábios trêmulos e os olhos novamente acesos pelo ódio.

— Não, minha mãe — disse Adrian. — A menos que minha irmã consinta em nunca mais o ver, separá-los por um mês é decerto um tormento desnecessário.

— Certamente — respondeu a ex-rainha com desprezo amargo. — Quer dizer então que o amor dos dois e esses devaneios infantis são comparados aos meus anos de esperança e ansiedade, ao dever dos herdeiros de um rei ou ainda à conduta elevada e digna que alguém com a linhagem dela deveria perseguir... Mas é inútil continuar com discussões e reclamações. Talvez tenham a bondade de me prometer que ao menos não se casarão nesse intervalo?

A pergunta foi feita com uma quase ironia, e Idris se perguntou se a mãe a forçaria a fazer um juramento solene ou não, algo que jamais sonharia em acatar — mas uma promessa foi pedida e devidamente feita.

Depois disso, tudo correu bem. Encontramo-nos de novo e falamos sem medo sobre nossos planos futuros. A condessa passou a tratar os filhos de forma tão gentil — ou mais, talvez até amável — que eles começaram a criar esperanças de que, no fim, ela consentisse com o casamento. Eram muito diferentes, tão estranhos nos gostos que era difícil encontrar alegria na companhia da mãe ou no prospecto de continuidade. Mesmo assim, ficaram satisfeitos com a conciliação. Adrian chegou a

propor que ela me recebesse. Ela negou com um sorriso, lembrando-lhe de que haviam prometido ser pacientes.

Certo dia, depois da passagem de quase um mês, Adrian recebeu a carta de um amigo em Londres, pedindo sua presença imediata para a discussão de algum assunto importante. Sempre inocente, Adrian não temeu enganação. Cavalguei com ele até Staines. Ele estava de bom humor e, como eu não podia ver Idris enquanto ele estivesse ausente, prometeu-me um retorno rápido. Seu júbilo, que era extremo, teve em mim o estranho efeito de despertar sentimentos contrários. Tive um mal pressentimento e voltei devagar, contando as horas até que pudesse ver Idris de novo. Qual poderia ser o motivo daquilo? Que mal poderia acontecer nesse meio-tempo? Será que a mãe de Adrian se aproveitaria da ausência dele para pedir algo que estivesse além do que Idris era capaz de aguentar, talvez até aprisioná-la? Resolvi que, independentemente do que pudesse acontecer, iria vê-la e conversar com ela no dia seguinte. Essa determinação me acalmou. Amanhã, pensei, minha amada e preferida, esperança e alegria de minha vida, amanhã nos veremos! Ah, que tolo fui de sonhar antes da hora!

Fui dormir. Já era depois da meia-noite quando fui acordado por batidas violentas na porta. O inverno ia longe. Nevara, e ainda nevava. O vento assobiava por entre as árvores desfolhadas, arrancando delas os flocos brancos que caíam. Por um tempo, o terrível gemido delas e o som das batidas se misturaram aos meus sonhos, mas enfim acordei. Vesti-me apressado e corri para descobrir a causa daquela perturbação. Quando abri a porta, encontrei uma visitante inesperada. Diante de mim, pálida como a neve que cascadeava, com as mãos entrelaçadas junto ao peito, estava Idris.

— Salve-me! — exclamou ela, e teria desfalecido no chão se eu não a tivesse apoiado.

Ela se recuperou logo, porém, e com energia, quase com violência, urgiu que eu selasse dois cavalos para levá-la para longe — para Londres, até o irmão, ou para qualquer lugar que a salvasse. Mas eu não tinha cavalos. Ela retorceu as mãos.

— O que posso fazer? — exclamou. — Estou perdida! Estamos ambos perdidos para sempre! Mas venha, Lionel, venha comigo. Não podemos ficar aqui! Podemos pegar uma carruagem, talvez tenhamos tempo! Venha, venha comigo! Salve-me, proteja-me!

Com esses lamentos, enquanto retorcia as mãos com o vestido todo amarrotado, o cabelo desgrenhado e o olhar estupefato, ocorreu-me a ideia de que ela também estivesse louca.

— Meu bem — disse, e puxei-a contra o peito. — É melhor repousar agora do que continuar vagando por aí. Descanse, meu amor. Vou acender o fogo... Está

gelada.

— Descansar? — gritou ela. — Repousar? Que disparates, Lionel! Se demorarmos, estaremos perdidos! Venha, eu imploro, a menos que esteja disposto a se separar para sempre de mim!

Que Idris, nascida princesa, filha da fortuna e da luxúria, tivesse deixado o lar real em plena noite tempestuosa de inverno e estivesse ali, na porta de minha humilde casa, implorando-me para que cavalgasse com ela pela escuridão e a tempestade... só podia ser um sonho. Ainda assim, o tom lamentoso da voz dela e a visão de seu encanto me asseguraram de que não era apenas imaginação. Ela olhou timidamente em volta, como se temesse ser ouvida, e sussurrou:

— Descobri que amanhã... ou melhor, hoje, na manhã que se aproxima, antes mesmo do nascer do sol, estrangeiros austríacos contratados pela minha mãe me levarão à força para a Alemanha, para prisão ou casamento, qualquer coisa, exceto para o senhor e meu irmão! Leve-me embora, antes que cheguem aqui!

Fiquei assustado com sua veemência, e pensei que podia haver algum erro na história que contava, mas não mais hesitei em obedecê-la. Ela viera sozinha do castelo, atravessando três longas milhas em plena madrugada, em meio à nevasca pesada. Precisávamos chegar a Englefield Green, a uma milha e meia de distância, para pegar uma carruagem. Disse-me que conseguira manter a força e a coragem até chegar no chalé, e que depois ambas haviam acabado. Ela mal podia caminhar. Mesmo com meu apoio, ainda andava com dificuldade. Depois de meia milha e muitas paradas, acessos de tremores e quase desmaios, ela se soltou do meu braço e jogou-se na neve. Com lágrimas fluindo dos olhos, afirmou que seria levada, pois não conseguia continuar. Ergui-a em meus braços, acomodando o corpo leve contra meu peito. Não sentia peso nenhum, exceto o fardo interno de emoções contrárias que brigavam entre si. Fui tomado por um deleite transbordante. Logo depois, seus membros gélidos tocaram-me em um rompante, e eu tremi, simpático à sua dor e a seu medo. Sua cabeça repousava no meu ombro, sua respiração fazia tremular meus cabelos, seu coração batia ao lado do meu. A emoção me fazia tremer, cegava-me, aniquilava-me — até que um gemido contido que escapou de seus lábios e o bater dos dentes, que ela tentava suprimir em vão, ambos sinais do sofrimento pelo qual passava, lembraram-me de que eu precisava ser rápido e socorrê-la. Por fim, disse a ela:

— Englefield Green está logo ali. Há uma estalagem no vilarejo, mas se a virem em circunstância tão peculiar, cara Idris, seus inimigos poderão saber de sua fuga cedo demais. Não é melhor que eu vá buscar a carruagem sozinho? Você ficará em segurança nesse meio-tempo, e eu retornarei imediatamente.

Ela respondeu que eu estava certo e que podia seguir com meu plano. Vislumbrei a janela entreaberta em uma pequena construção. Abri-a com um puxão e, com o feno que havia ali, fiz um colchão para Idris. Depositei seu corpo exausto sobre ele e a cobri com meu casaco. Temia deixá-la, pois parecia muito abatida e fraca, mas ela logo recuperou a animação e, com ela, o medo. Novamente, implorou-me que não demorasse. Falar com as pessoas na estalagem e conseguir uma carroça e cavalos, embora eu mesmo tenha precisado arreá-los, foi coisa de minutos — minutos com o peso de eras. Avancei um pouco com a carruagem, esperei até que os funcionários da estalagem voltassem para dentro e fiz com que o garoto do estábulo a levasse até o ponto onde Idris, impaciente, embora um tanto recuperada, esperava por mim. Ergui-a e a pus do meu lado. Assegurei-lhe que, com quatro cavalos, chegaríamos em Londres antes das cinco — hora em que ela seria procurada e na qual dariam falta dela. Roguei que se acalmasse. Um fluxo de lágrimas gentil a aliviou, e, aos poucos, Idris me contou o começo de sua história de medo e perigo.

Na mesma noite da partida de Adrian, a mãe discutira com ela acaloradamente sobre o relacionamento comigo. Cada explicação, cada ameaça e cada insulto nervoso foi em vão. Ela parecia pensar que Idris perdera Raymond por minha causa. Eu era a influência maligna em sua vida, acusado até mesmo de aumentar e reforçar a loucura e a apostasia de Adrian com intuito de me beneficiar e engrandecer, e agora esse montanhês miserável queria roubar-lhe a filha. Em nenhum momento, de acordo com Idris, a raivosa dama recorrera à gentileza ou persuasão. Se tivesse feito isso, o esforço da resistência teria sido muito mais doloroso. Como aconteceu, a natureza generosa de minha doce garota se inflamou para defender e para se aliar à minha causa desprezada. A mãe terminou a conversa com um olhar de desdém e triunfo disfarçado, despertando por um instante as suspeitas de Idris. Quando se separaram à noite, a condessa disse:

— Tenho certeza de que seu tom mudará amanhã. Recomponha-se, pois a deixei agitada, e vá descansar. Enviarei a você um remédio que sempre tomo quando estou inquieta demais. Ele permitirá que tenha uma noite tranquila.

Quando deitou a cabeça no travesseiro, tomada de preocupações, a criada da mãe levou-lhe um sonífero. A novidade da situação a fez suspeitar de alguma coisa alarmante o suficiente para que decidisse não tomar o remédio, mas o desgosto com a conversa e um desejo de descobrir se suas conjecturas estavam certas a fizeram — segundo me contou — fingir que tomava, contradizendo sua franqueza costumeira. Depois, agitada como estava com a violência da mãe e então tomada de temores pouco habituais, viu-se incapaz de dormir, sobressaltando-se a cada ruído. Em pouco tempo, sua porta se abriu, e, em resposta ao sobressalto, ouviu alguém

sussurrar “Ela ainda não dormiu” e voltar a fechar a porta. Aguardou uma nova visita com o coração acelerado. Quando, depois de certo tempo, sua câmara foi invadida mais uma vez, assegurou-se de que os invasores eram a mãe e uma criada e controlou-se para fingir estar dormindo. Alguém se aproximou da cama. Ela não ousou se mexer, lutando para acalmar a própria palpitação, que parecia cada vez mais violenta. Ouviu a mãe sussurrar:

— Bobinha, mal sabe que sua diversão já chegou ao fim...

Por um momento, a pobre garota pensou que a mãe acreditava que ela tivesse bebido veneno. Estava prestes a se levantar quando a condessa, já a certa distância da cama, falou baixo com a criada, e mais uma vez Idris ouviu:

— Apresse-se — disse ela. — Não há tempo a perder. Já passa das onze, e eles estarão aqui às cinco. Separe apenas as roupas necessárias para a viagem, mas não se esqueça do porta-joias.

A criada obedeceu. Mais algumas palavras foram trocadas, mas foram essas que chamaram a atenção da vítima. Ouviu alguém chamar sua própria dama de companhia pelo nome.

— Não, não — respondeu a mãe. — Ela não vai conosco. Lady Idris deve esquecer a Inglaterra e tudo relacionado a ela.

Ouviu ainda:

— Ela só acordará amanhã à tarde, quando já estará em alto-mar.

— Está tudo pronto — anunciou a mulher depois de um tempo.

A condessa voltou à cama da filha.

— Na Áustria, pelo menos — disse —, você me obedecerá. Na Áustria, onde a obediência pode ser aplicada à força e não há escolha senão uma prisão honrada ou um casamento adequado.

Ambas então se retiraram. Enquanto saía, a condessa disse:

— Não faça barulho. Estão todos dormindo, mas os demais não foram medicados como ela. Ninguém pode desconfiar, senão ela pode resistir e talvez até fugir. Venha comigo para meu quarto. Ficaremos lá até a hora combinada para a chegada deles.

E, enfim, saíram. Idris, tomada de pânico, embora animada e até mesmo fortalecida pelo medo extremo, vestiu-se com pressa. Desceu correndo uma escadaria, evitando a proximidade dos aposentos da mãe, e conseguiu escapar do castelo por uma janela baixa. Depois, avançou em meio à neve, ao vento e à escuridão até seu chalé. Não perdeu a coragem até chegar, quando, depositando seu destino em minhas mãos, entregou-se ao desespero e ao cansaço que a sobrepujavam.

Confortei-a tão bem quanto consegui. A alegria e exaltação de estar com ela de e salvá-la tomavam-me. Mesmo assim, para não a fazer ficar agitada novamente, “*per non turbare quel bel viso sereno*”, contive meu deleite. Esforcei-me para acalmar a ansiosa dança do meu coração. Desviei os olhos dela, sorrindo com muita doçura, e, orgulhoso, para a noite escura e o tempo inclemente, expressei minha forte emoção. Chegamos a Londres — cedo demais, pensei. Mesmo assim, fui incapaz de me arrepender da viagem tão rápida quando presenciei o êxtase com que minha amada se atirou nos braços do irmão, segura contra qualquer mal e sob sua incensurável proteção.

Adrian escreveu uma breve carta à mãe, informando-lhe que Idris se encontrava sob seus cuidados. Vários dias se passaram até a chegada de uma resposta endereçada de Colônia. “É inútil”, escreveu a arrogante e decepcionada dama, “que o conde de Windsor e sua irmã voltem a se dirigir à mãe magoada cuja única esperança de tranquilidade corresponde ao esquecimento de sua existência. Seus desejos foram arruinados, seus esquemas, destruídos. Ela não reclama, porém: não encontrará na corte do irmão a compensação pela desobediência dos filhos, que em nenhum momento admitiram a própria crueldade, mas sim um estado de coisas e um modo de vida que a ajudarão a se reconciliar com o próprio destino. Diante dessas circunstâncias, ela declina de maneira direta qualquer comunicação com eles”.

Foram assim os acontecimentos estranhos e inacreditáveis que permitiram minha união com a irmã de meu melhor amigo, minha adorada Idris. Com simplicidade e coragem, ela deixou de lado os preconceitos e a oposição que eram obstáculos para minha felicidade, sem temer entregar a mão em casamento a quem já entregara o coração. Ser digno dela, alçar-me a sua altura através do empenho de talentos e virtudes e retribuir seu amor com ternura devotada e incansável eram as únicas coisas que podia dar em troca daquele presente de valor imensurável.

## VII

E agora deixemos que a pessoa que lê estas palavras seja devidamente apresentada ao nosso alegre círculo. Adrian, Idris e eu nos estabelecemos no Castelo de Windsor. Lorde Raymond e minha irmã foram morar em uma casa que ele construía às margens do Grande Parque, perto do chalé de Perdita, como ainda chamávamos a casinha de telhado baixo onde nós dois, pobres até mesmo em esperanças, havíamos recebido a garantia da própria felicidade. As ocupações eram distintas, mas tínhamos as mesmas diversões. Às vezes, passávamos dias inteiros sob a cobertura folhosa da floresta, com nossos livros e nossa música. Isso acontecia nos raros dias da região em que o sol se sentava em seu trono etéreo com sua majestade livre de qualquer nuvem, e o ar sem vento era como um banho de água grata e translúcida, envolvendo os sentidos em tranquilidade. Quando as nuvens cobriam o céu e o vento as espalhava por todos os lados, destruindo o telhado que formavam e dispersando fragmentos pelo plano aéreo, cavalgávamos atrás de novos locais cheios de beleza para repousar. Quando as frequentes chuvas nos obrigavam a ficar dentro de casa, os estudos matinais eram seguidos de atividades recreativas abertas com músicas e canções. Idris tinha um talento musical nato. Sua voz, que fora cuidadosamente cultivada, era cheia e doce. Raymond e eu participávamos da apresentação, enquanto Adrian e Perdita apenas ouviam com atenção. Nessa época, éramos alegres como insetos no verão, brincalhões como crianças. Sempre tínhamos sorrisos uns para os outros, vendo o contentamento e a felicidade nas expressões. Nossas melhores festividades aconteciam no chalé de Perdita, e nunca cansávamos de falar do passado ou sonhar com o futuro. Não havia inveja e inquietude entre nós, e temores ou desejos de mudança tampouco perturbavam nossa tranquilidade. Outros diziam: “Bem que poderíamos ser felizes”. Nós dizíamos: “Somos felizes”.

As poucas vezes em que nos separávamos era quando Idris e Perdita saíam juntas, e nós outros três ficávamos discutindo assuntos políticos e a filosofia da vida. A diferença de nossas disposições dava sabor a essas conversas. Adrian era

superior em aprendizado e eloquência, enquanto Raymond tinha um poder rápido de infiltração e um conhecimento prático da vida que geralmente o faziam se opor a Adrian nesse quesito. Assim, sempre tínhamos o que discutir. Em outras oportunidades, fazíamos excursões de vários dias de duração e atravessávamos o país atrás de qualquer ponto notável por sua beleza ou relevância histórica. Às vezes, íamos a Londres, divertindo-nos e nos misturando à multidão. Outras vezes, visitantes da cidade invadiam nosso recanto. Essas ocasiões só nos tornavam mais sensíveis aos deleites dos relacionamentos dentro do nosso círculo íntimo, da tranquilidade de nossa divina floresta e de nossas noites alegres nos salões do amado castelo.

O comportamento de Idris era peculiarmente franco, suave e afetuoso. Estava sempre calma. Embora fosse firme e resoluta sobre qualquer assunto que tocava seu coração, costumava ceder àqueles que amava. A natureza de Perdita era menos perfeita, mas a ternura e alegria melhoravam seu temperamento e aliviavam sua timidez natural. Ela entendia as coisas de forma clara e compreensiva. Tinha uma imaginação vívida, e era sincera, generosa e razoável. Adrian, meu incomparável irmão de alma, o sensível e excelente Adrian, que a todos amava e era amado por todos, parecia ainda assim incapaz de encontrar sua alma gêmea, que era o que faltava para completar sua alegria. Com frequência ele nos deixava para trás e vagava sozinho pela floresta ou navegava em seu bote, tendo livros como seus únicos companheiros. Não raro, era o mais alegre do grupo, e ao mesmo tempo o único que tinha momentos de desânimo. Sua compleição franzina parecia sobrecarregada pelo peso da vida, e sua alma parecia mais habitar seu corpo do que ser parte dele. Eu era quase tão devotado a minha Idris quanto era ao irmão, e ela o amava e o considerava seu professor, seu amigo e o benfeitor que garantiria a realização de seus mais profundos desejos. Raymond, o ambicioso e inquieto Raymond, repousava a meio caminho da grande estrada da vida, e estava feliz por ter aberto mão de todas as ambições de soberania e fama para se juntar a nós, simples flores do campo. Seu reino era o coração de Perdita, e seus súditos, os pensamentos da amada. Por ela, ele era amado, respeitado como superior, obedecido e ansiado. Nenhuma obrigação, nenhuma devoção, nenhuma vigília era enfadonha a ela quando dizia respeito a ele. Ela se sentava longe de nós e o observava. Chegava a chorar de alegria ao pensar que ele era dela. Erigira um templo para Raymond nas profundezas de seu ser, e cada uma de suas capacidades eram como sacerdotisas devotadas a serviço do homem. Às vezes ela podia ser rebelde e caprichosa, mas seu arrependimento era amargo, sua redenção completa, e mesmo essa iniquidade de temperamento combinava com ele, cuja natureza não era apenas flutuar a esmo na correnteza da vida.



Durante o primeiro ano de casamento dos dois, Perdita apresentou Raymond com uma adorável menininha. Era curioso identificar nesse modelo em miniatura as características do pai. Ela tinha os mesmos lábios meio desdenhosos e o mesmo sorriso de triunfo, os mesmos olhos inteligentes, o mesmo cenho e os mesmos cabelos castanhos. Até as mãos e os dedos afunilados da menina lembravam os de Raymond. Como Perdita a amava! Com o passar do tempo, eu também virei pai, e nossos filhinhos queridos, nossos brinquedos e encantos, despertavam em mim milhares de sentimentos novos e deliciosos.

Anos se passaram assim. Muitos anos. Cada mês trazia seu sucessor, e cada ano trazia outro como o que passara. Nossas vidas eram um comentário sobre aquele belo sentimento de Plutarco, que dizia que “nossas almas têm uma inclinação natural ao amor, nascidas para igualmente amar, sentir, pensar, entender e lembrar”. Falávamos sobre mudança e objetivos ativos, mas continuávamos em Windsor, incapazes de quebrar o feitiço que nos conectava a nossa vida reclusa.

*Pareamo aver qui tutto il ben raccolto  
Che fra mortali in piu parte si rimembra.*

Como nossos filhos também nos ocupavam, encontramos desculpas para a ociosidade na ideia de garantir para eles uma carreira brilhante. Mas, por fim, nossa tranquilidade foi perturbada. O curso dos eventos, que por cinco anos fluiu em uma tranquilidade silenciosa, foi quebrado por ondas e obstáculos que nos despertaram desse agradável sonho.

Um novo lorde protetor seria escolhido para a Inglaterra. A pedido de Raymond, mudamo-nos para Londres a fim de presenciar e até mesmo participar da eleição. Se Raymond tivesse se unido a Idris, o posto teria sido o primeiro degrau em direção à dignidade, e seu desejo por poder e fama teria sido coroado da forma mais completa possível. Ele trocara um cetro por um alaúde, um reino por Perdita.

Será que pensava nisso enquanto viajávamos para a cidade? Eu o observava, mas ele deixava transparecer pouca coisa. Estava feliz brincando com a filha, transformando cada palavra em brincadeira. Talvez ele fizesse isso porque via uma nuvem sobre o cenho de Perdita. Ela tentou se animar, mas eventualmente seus olhos se enchiam de lágrimas. Olhava melancólica para Raymond e a menina, como se temesse que algum mal pudesse acontecer a eles. Foi quando ela sentiu. Um mau pressentimento se abateu sobre ela. Ela se inclinou na direção da janela, olhando para a floresta e para os torreões do Castelo. Quando eles foram ocultados, ela exclamou:

— Cenário de alegria! Cenário sagrado ao amor devoto, quando será que voltarei a vê-lo? E, quando vê-lo, será que ainda serei a amada e alegre Perdita? Ou será que estarei com o coração partido, perdida por aí, vagando entre os bosques como um fantasma de quem sou?

— Ora, bobinha — replicou Raymond. — O que lhe passa na cabeça para ficar tão sombria de uma hora para a outra? Anime-se, senão hei de entregá-la a Idris e chamar Adrian para esta carruagem. Vejo, pelo comportamento dele, que simpatiza com meu bom humor.

Adrian estava a cavalo. Cavalgava ao lado da carruagem, e sua alegria, combinada à de Raymond, dissipou a melancolia de minha irmã. Adentramos Londres no fim da tarde e seguimos para nosso local de hospedagem perto do Hyde Park.

Na manhã seguinte, lorde Raymond visitou-me bem cedo.

— Vim vê-lo — disse ele — meio certo de que me ajudará em meu projeto, mas decidido a seguir com ele, quer me ajude, quer não. No entanto, peço que prometa manter segredo. Se não for contribuir para meu sucesso, pelo menos não me prejudique.

— Certo, prometo. O que pode ser?

— Por que acha que viemos até Londres? Acha que foi para estarmos presentes na eleição do protetor e dar nosso sim ou não para um qualquer? Ou para aquele barulhento do Ryland? Acha mesmo, Verney, que os trouxe à cidade para isso? Não, teremos nosso próprio protetor. Vou inscrever um candidato e garantir que ele tenha sucesso. Nomearemos Adrian e faremos o possível para investir nele o poder que lhe pertence por direito de nascença, poder que merece por virtudes próprias.

“Não responda. Sei quais são suas objeções, e as responderei uma a uma. Primeiro: ele consentirá ou não em se tornar um homem importante? Deixe comigo a tarefa de persuadi-lo, não vou pedir que me ajude nisso. Segundo: ele está disposto a trocar a rotina de colher frutas e cuidar de perdizes feridas na floresta pelo comando da nação? Meu caro Lionel, somos homens casados, e já é ocupação bastante admirarmos nossas esposas e dançarmos com nossos filhos. Mas Adrian é sozinho, não tem esposa nem filhos, tampouco ocupação. Venho observando-o faz tempo. Ele anseia por algum interesse na vida. Seu coração, exausto pelo que sofreu tão cedo, está pronto como um membro que acabou de se curar, encolhido de empolgação. Mas sua sabedoria, sua caridade e suas virtudes precisam de um campo para se exercitarem e aparecerem, e procuraremos esse campo para ele. Além disso, não é uma pena que a genialidade de Adrian suma da terra como uma flor em uma trilha por onde ninguém passa, sem gerar frutos? Acha que a natureza o fez assim para nada? Acredite em mim, o destino dele é ser autor de infinitos bens para

a Inglaterra. Ela não incutiu nele cada dom de prodigalidade? Nascimento, fortuna, talento, bondade? Ele não é amado e admirado por todos? E não se deleita no manifesto de seu amor por todos? Vejo que já está persuadido e que me apoiará quando eu propor o nome de Adrian hoje à noite no Parlamento.”

— Seus argumentos são todos muito bons — respondi. — E, se Adrian consentir, é impossível contrariá-los. Tenho apenas uma condição: que não faça nada sem o consentimento dele.

— Muito bem — disse Raymond —, ainda que a princípio eu tenha pensado em fazer as coisas de modo diferente. Mas que assim seja. Terei com Adrian imediatamente. Se ele estiver inclinado a consentir, sei que você não destruirá meu trabalho persuadindo-o a voltar a ser um bichinho silvestre na floresta de Windsor. Idris, tenho certeza de que também não nos trairá.

— Pode confiar em mim — respondeu ela. — Serei inteiramente neutra.

— De minha parte — disse eu —, estou convencido do valor do nosso amigo e de como serão ricos os frutos que a Inglaterra poderá colher desse protetorado. Não há por que privar o país de uma bênção assim, se Adrian concordar em concedê-la.

À noite, Adrian veio nos visitar.

— Vocês também conspiram contra mim? — disse ele, rindo. — Vão se juntar a Raymond, arrastando das nuvens um pobre visionário para cercá-lo de fogos e rojões de grandeza terrena em vez dos raios e ares divinos? Achei que me conheciam melhor.

— Conheço o suficiente — respondi — para saber que ficaria feliz com uma situação dessas. O bem que poderá fazer aos outros é um incentivo, pois enfim chegará o momento em que poderá colocar suas teorias em prática. Vai enfim poder fazer reformas e mudanças, e levará o país ao sistema de governo que tanto gosta de enaltecer.

— Fala de um sonho quase esquecido — disse Adrian, obscurecendo a expressão de leve conforme falava. — As visões da minha infância há muito desapareceram sob a luz da realidade. Agora sei que não sou um homem apto a governar nações. É suficiente para mim manter íntegro o pequeno reino de minha mortalidade.

“Mas não vê, Lionel, a tendência que expressa nosso nobre amigo? Talvez desconhecida para ele, mas tão clara para mim. Lorde Raymond não nasceu para ser um zangão e para encontrar contentamento em nossa vida pastoral. Ele pensa que ficará satisfeito. Imagina que a situação atual impedirá qualquer possibilidade de engrandecimento. Não planeja, nem mesmo no próprio coração, mudar a si mesmo. Mas não veem que, sob a ideia de me enaltecer, ele está abrindo um novo caminho para si? Um caminho para a ação que ele há muito percorre?”

“Vamos ajudá-lo. Ele, o nobre, o bélico, o grandioso em todas as qualidades que podem adornar a mente e o caráter de um homem — ele é digno de ser protetor da Inglaterra. Se eu... ou melhor, se nós propusermos o nome dele, certamente será eleito, e descobriremos, nas funções desse alto cargo, escopo para usar os poderes imponentes de seu cérebro. Até mesmo Perdita ficará feliz. Perdita, cuja ambição era uma fogueira abafada até se casar com Raymond, cujo evento foi, por um tempo, a realização de seus sonhos. Perdita ficará feliz com a glória e o engrandecimento de seu marido — e, sendo tímida e graciosa, não aceitará de malgrado o que lhe cabe. Enquanto isso, nós, os sábios da terra, retornaremos ao castelo e, tal qual Cincinato, voltaremos às nossas funções de sempre até que nosso amigo necessite de nossa presença e assistência aqui.”

Quanto mais Adrian falava sobre o esquema, mais factível ele parecia. A determinação dele em jamais entrar na vida pública era incontornável, e a delicadeza de sua saúde era argumento suficiente contra isso. O próximo passo era induzir Raymond a confessar os desejos secretos que nutria pela dignidade e pela fama. Ele chegou enquanto conversávamos. A maneira como Adrian recebera o projeto de Raymond para indicá-lo como candidato ao protetorado e sua resposta já haviam acendido na mente do outro homem o panorama geral do que estávamos discutindo. Seu semblante e seus modos denunciaram a indecisão e a ansiedade que sentia, mas essa ansiedade nascia do temor de não conseguirmos cumprir o plano, e a indecisão era pela dúvida sobre devermos ou não arriscar uma derrota. Poucas palavras nossas foram o bastante para que ele se decidisse, e vimos esperança e alegria cintilarem em seus olhos. A ideia de embarcar em uma carreira que tanto combinava com seus hábitos antigos e sonhos mais profundos encheu-o de energia e coragem. Discutimos as chances que tinha, os méritos dos outros candidatos e a disposição dos eleitores.

E, no fim, calculamos mal. Raymond perdera muito de sua popularidade, e acabou sendo abandonado por seus peculiares partidários. A ausência dele o fizera ser esquecido pelo povo. Seus antigos apoiadores no Parlamento consistiam principalmente em monarquistas que haviam estado dispostos a transformá-lo em um ídolo quando este apareceu como possível herdeiro do Condado de Windsor, mas que, no entanto, eram indiferentes no que dizia respeito a outros atributos e distinções que julgavam comuns a vários homens do próprio grupo. Ele ainda assim tinha muitos amigos, admiradores de seus talentos transcendentais. Sua presença na Câmara, sua eloquência, seu modo de falar e sua beleza imponente eram calculados para causar um efeito elétrico. Adrian, apesar dos hábitos reclusos e das teorias, e de ser tão averso ao espírito de um partido, também tinha muitos

amigos que podiam ser facilmente induzidos a votar no candidato que ele escolhesse.

O duque de xxx e o sr. Ryland, velho antagonista de lorde Raymond, eram os outros candidatos. O duque era apoiado por todos os aristocratas da república, que o consideravam seu verdadeiro representante. Já Ryland era o candidato popular. Assim que lorde Raymond foi adicionado à lista, sua chance de sucesso pareceu tornar-se pequena. Retiramo-nos do debate que se seguiu à indicação. Nós, que o havíamos indicado, estávamos mortificados, e ele, por sua vez, em completo desalento. Perdita nos repreendeu amargamente. As expectativas dela haviam sido muito inflamadas. Nada dissera contra o projeto — muito pelo contrário, ficara evidentemente satisfeita com ele. Porém, o evidente fracasso mudou a maneira como pensava. Sentia que, uma vez desperto, Raymond jamais voltaria a Windsor com o coração leve. Tinha ele modos desequilibrados. Sua mente inquieta acordara da dormência, e agora a ambição seria sua companheira pelo resto da vida. Se não fosse bem-sucedido na tentativa, ela previa que haveria apenas infelicidade e um descontentamento incurável adiante. Talvez a própria decepção de minha irmã afiasse seus pensamentos e suas falas. Não nos poupou, e nossas próprias reflexões aumentaram nossa inquietação.

Era necessário continuar com nossa indicação e persuadir Raymond a se apresentar aos eleitores na noite seguinte. Por um longo tempo, ele resistiu. A princípio, queria embarcar em um balão e voar para uma região erma do mundo, onde ninguém conhecesse seu nome nem sua humilhação. Mas isso não ajudaria em nada: seu nome fora registrado, e sua intenção, publicada para o mundo. Seu nome jamais seria apagado da memória dos homens. Dava na mesma falhar depois de uma longa batalha ou fugir naquele momento, logo no começo da empreitada.

Assim, a partir do momento em que aceitou a ideia, ele se transformou. Sua depressão e ansiedade desapareceram. Tornou-se pura vida e animação. Um sorriso de triunfo brilhava em seu semblante. Estava determinado a perseguir seu objetivo até o fim, e seu comportamento e sua expressão pareciam um agouro de que alcançaria o que desejava. O mesmo não podia ser dito sobre Perdita. Ela parecia assustada com essa empolgação toda, pois temia uma reviravolta maior no final. A nós, a aparência dele inspirava esperança. A ela, porém, doía ainda mais em seu estado de espírito. Temia perdê-lo, mas também se aterrorizava com a ideia de notar qualquer mudança no caráter de sua mente. Ouvia com avidez o que ele tinha a dizer, mas se sentia tentada a atribuir às palavras um significado alheio à verdadeira interpretação, contrariando as próprias esperanças. Perdita não teve coragem de estar presente na votação. Ficou em casa, uma presa fácil para a preocupação dupla que sentia. Chorava sobre a filha, parecia e falava como alguém

que teme o acontecimento de alguma terrível calamidade. Estava meio louca com os efeitos da incontrolável agitação.

Lorde Raymond se apresentou à Câmara com uma confiança destemida e um tom insinuante. Depois que o duque de xxx e o sr. Ryland terminaram seus discursos, foi a vez dele. Claramente não decorara direito a lição: a princípio hesitou, fazendo pausas na elaboração das ideias e na escolha das expressões. Pouco a pouco, foi aquecendo o discurso. As palavras passaram a fluir com facilidade — sua linguagem era repleta de vigor, e sua voz, de persuasão. Mencionou sua vida pregressa, seus sucessos na Grécia, suas vantagens na terra natal. Por que perderia agora, se o passar dos anos, o aumento da prudência e o compromisso que fizera com seu país no casamento apenas aumentavam, e não diminuía, as razões para confiarem nele? Falou sobre o governo da Inglaterra e sobre as medidas necessárias para assegurar sua segurança e garantir sua prosperidade. Desenhou uma imagem muito vívida da situação atual. Conforme falava, outros sons desapareciam, cada pensamento era suspenso pela atenção profunda. Sua eloquência graciosa capturava os sentidos de quem o ouvia. De certa forma, ele parecia apto a reconciliar todos os partidos. Seu berço agradava à aristocracia, e o fato de ser um candidato indicado por Adrian, um homem intimamente aliado ao partido popular, fazia com que os votantes sem grandes alianças nem com o duque e nem com sr. Ryland fossem para o lado de lorde Raymond.

A votação era acirrada e imprevisível. Adrian e eu estávamos mais ansiosos do que estaríamos se fosse nosso próprio sucesso que dependesse daqueles esforços. Mas tínhamos instigado nosso amigo a aceitar a empreitada, e agora nos cabia a missão de assegurar seu triunfo. Idris, que cultivara a mais alta opinião sobre as habilidades do lorde, estava profundamente interessada no evento. Já minha pobre irmã, que sequer se permitira ter esperanças e cujo medo era sua miséria, estava mergulhada em uma febril inquietação.

Passaram-se dias em que discutíamos nossos projetos ao longo de toda a tarde, e todas as noites eram ocupadas por debates que não chegavam a lugar nenhum. Por fim, o clímax veio: a noite em que o Parlamento, que tanto atrasara a escolha, enfim tomaria uma decisão. Com o passar da meia-noite e o chegar de um novo dia, o Parlamento se dissolveu pela força da constituição, e seu poder foi extinto.

Reunimo-nos na casa de Raymond, junto com nossos partidários. Às cinco e meia, fomos à Câmara. Idris tentou acalmar Perdita, mas a agitação da pobrezinha a destituía de todo autocontrole. Andava de um lado para o outro e levantava a cabeça com violência quando alguém entrava, imaginando que pudesse ser aquele que anunciaria seu destino. Preciso defender minha irmã: não era por si mesma que temia. Ela sabia melhor do que ninguém o peso que Raymond atribuía ao próprio

sucesso. Ele chegava a nos convencer com sua alegria e esperança, e o fazia tão bem que não éramos capazes de adivinhar o que se passava em segredo por sua cabeça. Às vezes, porém, um tremor nervoso, um desafino na voz e acessos momentâneos de desatenção revelavam a Perdita a violência que ele impunha sobre si, ao passo que nós, focados em nossos planos, víamos apenas o riso fácil, as piadas que fazia em qualquer ocasião e as marés de seu humor, que pareciam jamais baixar. Além disso, era Perdita quem estava hospedada com ele. Ela via o mau humor que se seguia à hilaridade forçada, notava o sono inquieto e a dolorosa irritabilidade. Depois que o viu chorar, não pôde mais controlar o próprio pranto, pois presenciara as grandes lágrimas de decepção que o orgulho fizera juntar nos olhos dele, mas que o mesmo orgulho era incapaz de dissipar. Não era de espantar, portanto, que os sentimentos dela fossem forjados naqueles moldes! Por isso, atribuí a culpa dessa agitação a mim mesmo, mas isso não foi tudo, e o que aconteceu em seguida revelou mais uma justificativa.

A certa altura, nos encontramos antes da partida para nos despedirmos de nossas amadas damas. Eu tinha poucas esperanças de sucesso, e pedi a Idris que cuidasse de minha irmã. Quando me aproximei de Perdita, ela me tomou pelas mãos e levou-me para outro cômodo, onde se atirou em meus braços e chorou e soluçou amarga e longamente. Tentei acalmá-la, pedir que tivesse esperança. Perguntei então quais eram as consequências tão drásticas que se abateriam caso falhássemos.

— Meu irmão — lamentou ela —, protetor de minha infância, meu caro, caríssimo Lionel: meu destino está por um fio. Vocês são tudo que me resta agora. Você, meu companheiro de infância. Adrian, tão caro a mim como se tivéssemos laços de sangue. Idris, minha irmã de coração, e sua linda filha. Mas esta, ó Lionel, pode ser a última vez que me vejo cercada por todos vocês!

Ela parou de forma abrupta, e então exclamou:

— Ah! O que estou dizendo? Que garota mais falsa e tola sou eu! — Olhou-me então com ferocidade e, acalmando-se de súbito, pediu perdão pelo que chamou de palavras desmedidas. Disse que devia estar mesmo perdendo a razão, pois, enquanto Raymond vivesse, seria feliz. Depois, embora ainda chorasse, desejou-me tranquilidade na partida. Raymond apenas pegou sua mão na despedida, encarando-a de forma expressiva. Ela respondeu com um olhar de entendimento e aquiesceu.

Pobre garota! O que sofreu então! Nunca perdoarei Raymond completamente pelos ordálios impostos a ela tão somente por um sentimento egoísta da parte dele. Pois ele planejara, caso falhasse, embarcar para a Grécia sem se despedir de nós e nunca mais voltar à Inglaterra. Perdita concordara, pois o contentamento do

esposo, soberano de seu prazer, era o principal objetivo de sua vida, mas deixar-nos todos, companheiros de seus anos mais felizes, e nesse meio-tempo esconder essa decisão assustadora, quase foi demais para ela. A ela fora atribuída a missão de organizar a partida. Durante aquela noite decisiva, prometera a Raymond que aproveitaria nossa ausência para arranjar os primeiros passos da jornada. Ele, caso a derrota fosse certa, escaparia de nós e se juntaria a ela.

Quando fui informado desse esquema, porém, senti-me amargamente ofendido pela pouca preocupação de Raymond com os sentimentos de minha irmã. Depois de certa reflexão, cheguei à conclusão de que ele agiu sob efeito de excitação tamanha que foi privado da própria consciência — e, conseqüentemente, da noção de culpa. Se tivesse permitido que testemunhássemos sua agitação, talvez agisse sob uma maior orientação da razão. Porém, ao tentar fingir compostura, agiu com tal violência contra os próprios nervos que destruiu o poder do autocontrole. Hoje acredito que, na pior das hipóteses, ele acabaria voltando do porto para se despedir e para permitir que nos juntássemos à comitiva, mas aquilo não amenizaria nem um pouco a dor imposta a Perdita. Fizera-a cumprir um juramento de silêncio. Como precisava interpretá-lo sozinha, seu papel nesse drama foi mais agonizante do que ela previra. Mas voltemos à narrativa.

Os debates até o momento haviam sido longos e exaltados, adiando a resposta meramente por conta do atraso. Porém, estavam agora com medo de perder o momento fatal, mesmo que a escolha ainda não tivesse sido feita. Um silêncio pouco habitual reinava na Câmara. Os membros falavam aos sussurros, e os assuntos regulares eram discutidos às pressas. Durante o primeiro estágio da eleição, o duque de xxx fora eliminado. Restava escolher, portanto, entre lorde Raymond e o sr. Ryland. Este último tivera certeza da vitória até a chegada de Raymond. Desde a inclusão do nome deste como candidato, o sr. Ryland passara a prospectar com avidez. Fora à Câmara todas as noites, cheio de raiva e impaciência no olhar. Sentado do outro lado da capela de Santo Estêvão, onde se davam as sessões do Parlamento, franzia o cenho em nossa direção como se o mero olhar fosse capaz de eclipsar nossas esperanças.

Tudo na constituição inglesa havia sido pensado para garantir a preservação da paz. No último dia, para evitar, se possível, uma derradeira disputa entre os dois candidatos finais, um valor em dinheiro deveria ser oferecido àquele que resignasse voluntariamente às pretensões. Ele receberia um lugar de grande emolumento e honra, e seu sucesso seria facilitado em uma eleição futura. No entanto, surpreendentemente, jamais acontecera de um dos dois candidatos recorrer a isso. Em consequência, a lei se tornara obsoleta e nunca fora mencionada a nenhum de nós durante as discussões. Para nossa extrema surpresa, quando foi determinado



que formássemos um comitê para a eleição do lorde protetor, o membro que nomeara Ryland se ergueu e nos informou que seu candidato havia resignado. A informação foi inicialmente recebida com silêncio. A ela, seguiu-se um murmúrio de confusão e, por fim, quando o presidente da Câmara declarou que lorde Raymond fora devidamente escolhido, todos irromperam em gritos de vitória e aplausos. Ao que parecia, ao contrário do que tínhamos, mesmo que o sr. Ryland não tivesse resignado, as vozes teriam se unido em favor do nosso candidato. De fato, não existindo mais a ideia de uma votação, todos os corações voltaram o respeito e a admiração ao nosso amigo vitorioso. Todos ali sentiam que a Inglaterra jamais havia visto um Protetor tão capaz de cumprir as árduas missões que o cargo exigia. Uma única voz formada por muitas ecoou pela Câmara, e ela entoava o nome de Raymond.

Ele entrou. Eu estava em um dos assentos mais altos, e o vi caminhar pelo corredor que levava ao púlpito. A modéstia natural expressa em seu semblante havia se juntado à alegria do triunfo. Ele olhou ao redor, tímido. Era como se houvesse uma névoa diante de seus olhos. Adrian, que estava ao meu lado, correu até ele. Saltando sobre os bancos, subiu ao palco para acompanhá-lo. A aparição do rapaz reanimou nosso amigo. Quando ele enfim falou e gesticulou, a hesitação sumira, e ele passou a resplandecer em suprema majestade e vitória. O antigo Protetor o induziu a fazer os juramentos e entregou a ele a insígnia do cargo, realizando assim a cerimônia de posse. A Câmara, então, dissolveu-se. Os membros mais altos do governo se reuniram ao redor do novo magistrado e o conduziram ao palácio de governo. Adrian desapareceu de súbito. Quando os apoiadores de Raymond se reduziram somente aos nossos amigos mais íntimos, ele voltou com Idris para parabenizá-lo pelo sucesso.

Mas onde estava Perdita? Preocupado em garantir uma fuga silenciosa no caso da derrota, Raymond se esquecera de estabelecer uma forma de avisar minha irmã da vitória. Ela, por sua vez, estivera agitada demais para pensar nessa circunstância. Quando Idris entrou, Raymond estava tão completamente esquecido daquilo que perguntou a ela onde estava minha irmã. Uma única palavra sobre seu misterioso desaparecimento foi suficiente para lembrá-lo. Adrian já saíra à procura da fugitiva, imaginando que, àquela altura, a ansiedade indomável a teria levado até os arredores da Câmara e que algum acontecimento sombrio a tivesse impedido de chegar. Mas Raymond, sem se explicar, de súbito nos abandonou, e pouco depois o ouvimos galopando pela rua, apesar do vento e da chuva que tempestavam sobre a terra. Não sabíamos que distância ele precisaria percorrer, então logo nos separamos, supondo que em pouco tempo ele estaria de volta com Perdita e não se importaria de ter um momento a sós com ela.

Perdita já chegara com a filha em Dartford, chorando inconsolavelmente. Ela organizava o resto dos preparativos para o prosseguimento da viagem. Depois de colocar no berço o amável peso que tinha nos braços, passara várias horas em um sofrimento intenso. Às vezes observava a batalha dos elementos, pensando se eles também haviam declarado guerra contra ela, e ouvia o tamborilar da chuva em um desespero sombrio. Às vezes se inclinava sobre a filha, analisando a semelhança que tinha com o pai, temerosa de que no futuro ela pudesse demonstrar as mesmas paixões e os mesmos impulsos incontroláveis que o tornavam tão infeliz. Mais uma vez, sentindo um lapso de orgulho e encanto, observou na expressão da menina o mesmo sorriso bonito que via com frequência no semblante de Raymond. A visão a acalmava. Passou a lembrar então a preciosidade que era a afeição de seu lorde: pensou nas conquistas dele, muito superiores às de qualquer contemporâneo, na genialidade e na devoção que ele nutria por ela. Então pensou que estava disposta a sacrificar tudo o que possuía no mundo se em troca pudesse garantir o bem supremo que depositava nele. Não demorou para que imaginasse que o destino estava mesmo exigindo dela um sacrifício como prova de sua devoção por Raymond, e esse sacrifício precisava ser feito com alegria. Pegou-se imaginando a vida deles na ilha grega que o marido escolhera como refúgio. Pensou também em como seria dela a função de tranquilizá-lo, como cuidaria da bela Clara, sua companheira, e, por fim, como a dedicação à criança seria seu consolo. A ideia se descortinou diante dela em cores tão brilhantes que ela passou a temer o inverso: a vida de magnificência e poder em Londres — onde Raymond não seria mais apenas dela, e ela tampouco seria a única fonte de alegria para ele. A essa altura, começou a ansiar pela derrota. Seus sentimentos vacilaram apenas quando ouviu o próprio Raymond chegar galopando no pátio da estalagem. O que mais a visão dele sozinho, encharcado de chuva, sem se importar com nada além da velocidade poderia significar senão que, vencidos e solitários, eles deveriam partir da Inglaterra natal, palco daquela vergonha, para se esconder nos bosques de mirto das ilhas gregas?

Em um momento, ela estava nos braços do amado. A informação de que havia sido eleito fazia tão parte dele que Raymond se esqueceu de que era necessário compartilhá-la com a companheira. Ela sentiu no abraço dele tão somente a garantia de que, enquanto ele estivesse com ela, não haveria por que se desesperar.

— Isso é tão gentil — choramingava ela — e tão nobre, meu amado! Não tema a desgraça nem a má sorte enquanto tiver sua Perdita! Não tema a tristeza enquanto nossa filha viver e sorrir. Leve-nos para onde desejar, e o amor que nos acompanha impedirá qualquer arrependimento.

Ela disse isso enlaçada em seu abraço. Enfim, tombou a cabeça, procurando pelo reconhecimento de suas palavras nos olhos de Raymond — e só então viu que eles resplandeciam com uma felicidade indescritível.

— Ora, por que diz isso, pequena lady protetora? — disse ele, brincalhão. — Por que tecer essa trama de exílio e obscuridade quando uma teia mais brilhante, feita de seda entrelaçada com ouro, é o que nos contempla?

Ele beijou-lhe a testa. A garota voluntariosa, porém, meio infeliz com o triunfo e agitada pela mudança de pensamento, escondeu o rosto no peito do esposo e chorou. Ele a confortou. Depois, instilou nela os próprios sonhos e desejos, e logo seu semblante sorriu com simpatia. Como foram felizes naquela noite! Quão abundante, quase prestes a transbordar, era a alegria que sentiam!

## VIII

Depois que nosso amigo se instalou apropriadamente no novo gabinete, voltamos os olhos para Windsor. O castelo ficava tão próximo de Londres que afastou a sensação de separação dolorosa quando nos despedimos de Raymond e Perdita. Despedimo-nos deles no Palácio do Protetorado. Era muito bom ver minha irmã entrar daquela forma no espírito do drama e vê-la se empenhar para ocupar o espaço que lhe cabia com dignidade crescente. Mais do que nunca, o orgulho e a humildade que ela tinha dentro de si estavam em guerra. Sua timidez não era artificial, mas vinha do temor de não ser adequadamente apreciada — a mesma expectativa leve de negligência que também caracterizava Raymond. Mas Perdita considerava o que os outros pensavam com mais frequência do que ele. Parte de seu acanhamento vinha do desejo de sentir nos outros um senso de inferioridade — algo que jamais passara por sua cabeça. Pelas circunstâncias de berço e educação, Idris seria mais adequada às fórmulas da cerimônia, mas a mesma naturalidade que acompanhava suas ações, nascidas do hábito, as tornava tediosas. Perdita, por outro lado, mesmo com todos os pontos negativos, apreciava a situação. Ela estava por demais tomada de novas ideias para sofrer quando partimos. Despediu-se de nós de forma afetuosa e prometeu voltar para nos visitar, mas não se arrependia das circunstâncias que provocavam nossa separação. O ânimo de Raymond parecia não ter amarras: não sabia o que fazer com seu novo poder, e tinha a cabeça cheia de planos. Ainda não decidira nada a respeito de nenhum deles, mas prometera a si mesmo, aos amigos e ao mundo que seu mandato como lorde protetor seria marcado por algum ato de incomparável glória. Foi o que falamos e discutimos enquanto, em menor número, retornávamos ao Castelo de Windsor. Sentimos extremo deleite ao chegar em nosso refúgio da agitação política, e recorreremos ao isolamento com prazer redobrado. Não precisávamos de ocupação, mas minha disposição ávida estava focada exclusivamente no exercício intelectual. Descobri que estudos aplicados davam um ótimo remédio para a febre de espírito que duvido que teria sido capaz de amainar com a indolência. Perdita nos permitira

levar Clara de volta conosco para Windsor, e ela, junto de meus dois amados filhos, eram fonte perpétua de interesse e diversão.

A única circunstância que perturbava nossa paz era a situação da saúde de Adrian. Ele decaía de forma evidente, sem nenhum sintoma que nos levasse a crer que era alguma doença — os olhos brilhantes, o olhar vago e as bochechas rosadas nos faziam temer a possibilidade de tuberculose, mas ele não sentia dor ou medo. Ele mesmo se refugiou nos livros com ardor, descansando de seus estudos na companhia de quem mais amava: sua irmã e eu. Às vezes, ia a Londres para visitar Raymond e assistir ao progresso dos eventos. Clara o acompanhava com frequência nessas excursões — parte porque queria ver os pais, parte porque Adrian se deleitava com a tagarelice e o olhar inteligente da amável criança.

Enquanto isso, tudo ia bem em Londres. As novas eleições haviam terminado, o Parlamento fora estruturado, e Raymond se ocupava com milhares de esquemas benéficos. Canais, aquedutos, pontes, prédios estatais e vários edifícios de utilidade pública começaram a ser construídos. Ele estava sempre cercado de engenheiros e projetos, cujo objetivo era levar a Inglaterra a um patamar de fertilidade e magnificência. A pobreza seria erradicada, e as pessoas seriam transportadas de um lugar para o outro com a mesma facilidade dos príncipes Houssain, Ali e Ahmed em *As mil e uma noites*. O estado físico do ser humano logo seria páreo para a beatitude dos anjos, as doenças seriam erradicadas, e os trabalhos, aliviados do fardo mais pesado. Nada disso parecia absurdo. As artes da vida e as descobertas da ciência aumentavam em uma razão impossível de calcular. A oferta de comida disparou espontaneamente — havia maquinário para suprir com facilidade a necessidade de toda a população. Ainda havia intenções maléficas, e não eram todos os cidadãos que estavam felizes — não porque não podiam, mas porque não tinham vontade de conquistar obstáculos autoimpostos. Raymond precisaria inspirá-los com sua disposição benéfica e, assim que os mecanismos da sociedade fossem organizados de acordo com regras irrepreensíveis, eles jamais descambariam novamente para a desordem. Por tais sonhos, ele abandonou a ambição havia muito acalentada de entrar para os anais da nação como um guerreiro bem-sucedido — tendo aposentado a espada, a paz e suas glórias duradouras tornaram-se seu objetivo, e o título que cobiçava então era o de benfeitor do país.

Entre outras obras de arte nas quais estava engajado, Raymond projetou a construção de uma galeria nacional para esculturas e pinturas. Ele mesmo era dono de várias das obras, com as quais pretendia presentear a República. Como a própria construção seria o grande ornamento de seu mandato como lorde protetor, foi muito meticuloso na escolha do projeto que usaria para construí-la. Centenas foram apresentados, e ele rejeitou todos. Pediu até que buscassem projetos na Itália

e na Grécia — mas, como queria que o fossem caracterizados tanto pela originalidade quanto pela perfeita beleza, a empreitada passou um tempo sem resultado. Por fim, ele recebeu um projeto com um endereço para onde as cartas deveriam ser enviadas, mas sem o nome do artista. A planta era nova e elegante, mas tinha algumas falhas. Tantas que, embora fosse claro o dom do artista, também era evidente que a pessoa em questão não era arquiteta. Raymond contemplou os desenhos, deleitado. Quanto mais olhava para eles, mais satisfeito ficava, embora os erros se multiplicassem sob seu olhar. Escreveu para o endereço indicado no desenho, pedindo para conhecer o autor — queria que algumas alterações fossem feitas, e ele as sugeriria em uma reunião com o criador original do projeto.

Quem apareceu foi um grego. Era um homem de meia-idade, com gestos que demonstravam certa inteligência, mas com uma fisionomia tão comum que Raymond mal acreditou que ele era, de fato, o criador daqueles desenhos. O homem reconheceu que não era arquiteto, mas a ideia da construção lhe ocorrera, e então enviara os desenhos com uma esperança mínima de que fossem aceitos. Era um homem de poucas palavras. Raymond fez perguntas a ele, mas as respostas contidas logo fizeram com que o lorde protetor passasse a falar do projeto. Ele indicou os erros e as alterações que gostaria que fossem feitas. Ofereceu ao grego um lápis para que pudesse corrigir os rascunhos ali mesmo, mas o visitante recusou, dizendo que entendera perfeitamente e que trabalharia nas alterações em casa. Por fim, Raymond permitiu que partisse.

Ele voltou no dia seguinte. A planta havia sido refeita, mas ainda havia muitos defeitos, e várias das instruções de Raymond haviam sido mal entendidas.

— Vamos lá — disse Raymond. — Cedi a seu pedido ontem, agora atenda o meu e pegue este lápis.

O grego pegou o instrumento, mas não o manuseava como um artista. Depois de um tempo, disse:

— Devo confessar, milorde, que não fiz este desenho. É impossível que conheça o verdadeiro autor, então suas instruções devem passar por mim. Peço por gentileza que tenha paciência com minha ignorância e que me explique todos os seus desejos. Tenho certeza de que ficará satisfeito.

Raymond fez mais perguntas, mas em vão. O misterioso grego não disse mais nada. Será que um arquiteto de Raymond poderia ver o artista? Isso também foi recusado. Raymond repetiu as instruções, e o visitante foi embora. Nosso amigo, no entanto, estava decidido a não permitir que seu desejo fosse frustrado. Ele passou a suspeitar de que a pobreza pudesse ser a causa do mistério, e de que o artista não desejava ser visto com os trajes que usava e no local em que vivia. Raymond ficou ainda mais empolgado para vê-lo depois desse pensamento.

Impelido pelo interesse que tinha por talentos ocultos, ordenou que uma pessoa com as habilidades necessárias seguisse o grego e observasse o local em que entraria. O emissário obedeceu e voltou com a informação desejada: seguira o homem até uma das ruas mais miseráveis da metrópole. Para Raymond, não era de admirar que, ali situado, o artista quisesse sumir de vista, mas nem essa descoberta mudou sua determinação.

Na mesma noite, foi sozinho à casa apontada pelo emissário. Foi recebido por pobreza, sujeira e uma miséria sórdida. “Infelizmente”, pensou Raymond, “ainda tenho muito a fazer antes que a Inglaterra se transforme em um paraíso”. Ele bateu, e a porta foi aberta por uma corda manipulada de um ponto mais alto. A escadaria quebrada e deplorável logo se apresentou diante dele, mas ninguém apareceu. Ele bateu novamente, em vão. Por fim, impaciente com a demora, subiu pelos degraus escurecidos e cheios de rangidos. Seu maior desejo, principalmente depois de testemunhar o lar abjeto do artista, era atender às vontades daquela pessoa — que tinha talento, mas que era desfavorecida pela necessidade. Imaginou em sua mente um jovem cujos olhos brilhavam de genialidade, mas cujo corpo era mirrado pela fome. Temeu desagradá-lo, mas confiava que sua gentileza generosa seria administrada de forma delicada para não causar repulsa. Qual coração humano é fechado à gentileza? E, embora a pobreza excessiva possa tornar o sofredor inepto a aceitar o que encara como a degradação de um benefício, o zelo do benfeitor deve ao menos relaxá-lo até chegar a um estado de gratidão. Esses pensamentos encorajaram Raymond à porta do cômodo mais alto da casa. Depois de tentar em vão entrar em outros aposentos, ele percebeu um pequeno par de chinelas turcas bem em frente àquele umbral. A porta estava entreaberta, mas o interior do cômodo estava em silêncio. Era provável que o morador não estivesse ali, mas, movido pela certeza de que tinha encontrado a pessoa correta, nosso aventureiro lorde protetor foi tentado a entrar, deixar uma bolsa de dinheiro na mesa e partir sem falar nada. Com a intenção de fazer exatamente isso, empurrou a porta gentilmente — mas havia alguém no quarto.

Raymond nunca visitara os aposentos de uma pessoa tão carente, e a cena com que se deparou o golpeou no coração. O chão havia cedido em vários pontos, o reboco das paredes estava quebrado e à mostra, o teto tinha marcas de exposição ao tempo, e uma cama esfarrapada se encontrava em um canto. Não havia mais nada no cômodo além disso, duas cadeiras e uma mesa quebrada com um candelabro de latão aceso — ainda assim, no meio de tanto horror e pobreza, havia uma atmosfera de ordem e limpeza que surpreendeu o lorde protetor. O pensamento foi fugaz, pois sua atenção foi atraída imediatamente pela pessoa que habitava tais aposentos deploráveis. Era uma mulher. Ela estava sentada à mesa. Com uma das

mãos, protegia os olhos da chama da vela, enquanto na outra tinha um lápis. Seus olhos estavam fixos em um desenho diante dela, que Raymond reconheceu como a planta com que fora presenteado. Toda aquela aparência despertou no homem o mais profundo interesse. Os cabelos escuros dela estavam trançados e atados com grossos nós, como os das estátuas gregas. Usava vestes simples, mas seu porte poderia muito bem ser apontado como um modelo de graciosidade. Raymond teve a confusa impressão de que já vira aquela pessoa antes. Quando cruzou o cômodo, ela sequer ergueu os olhos, mas perguntou em grego quem estava ali.

— Um amigo — respondeu Raymond na mesma língua.

Ela o mirou, curiosa, e ele viu que era Evadne Zaimi. Evadne, que um dia fora o objeto idólico das afeições de Adrian. A mulher que, pelo homem que a visitava, desdenhara o jovem nobre e depois, negligenciada pelo homem que amava, retornara à nativa Grécia com as esperanças despedaçadas e um profundo sentimento de tristeza. Que reviravolta no destino poderia tê-la levado de volta à Inglaterra, e naquela situação?

Raymond a reconheceu, e seus modos mudaram de benevolência polida às mais cálidas demonstrações de gentileza e simpatia. A visão da mulher naquela situação perfurava seu coração como uma flecha. Ele se sentou ao lado dela, tomou-lhe as mãos e disse milhares de coisas que transmitiam o mais profundo espírito de compaixão e afeição. Evadne não respondeu. Seus olhos negros estavam baixos, e, depois de um tempo, uma lágrima brilhou em meio aos cílios.

— E é assim — disse ela em um lamento — que a gentileza realiza a proeza que nenhuma carência ou miséria jamais conseguiu: fazer-me chorar.

E ela, de fato, chorava. Sua cabeça afundou-se inconscientemente no ombro de Raymond, que segurou a mão da moça e beijou seu rosto marcado pelas lágrimas. Ele disse a ela que seus sofrimentos haviam chegado ao fim. Ninguém era tão bom na arte de consolar outra pessoa quanto Raymond — ele não argumentava nem dava sermões, mas seus olhos brilhavam com simpatia; ele incitava quem sofria a pensar em imagens agradáveis, e seus carinhos não geravam desconfiança. Pelo contrário: surgiam do sentimento que leva uma mãe a beijar o filho que se machucou, um desejo de demonstrar de todas as formas possíveis a honestidade de seus sentimentos, além da avidez em tratar com bálsamos a mente dilacerada dos infelizes. Conforme Evadne se recompunha, os modos de Raymond ficavam ainda mais animados. Ele até gracejou com a ideia da pobreza da garota. Alguma coisa lhe dizia que não eram os males da miséria que pesavam no coração dela, e sim a degradação e desgraça decorrentes deles. Conforme conversavam, ele despojou a situação dessas sensações — às vezes, falando da coragem dela com um enérgico tom elogioso, e, às vezes, aludindo ao passado e chamando-a de princesa disfarçada.



Fez a ela cálidas ofertas de serviço, mas a moça estava perdida demais em pensamentos mais prementes para aceitá-los ou negá-los. Por fim, ele a deixou com a promessa de repetir a visita no dia seguinte. Raymond voltou para casa cheio de sentimentos mistos — dor causada pela miséria de Evadne, mas prazer pela expectativa de aliviá-la. Por alguma razão que ele não sabia apontar nem para si mesmo, não contou a Perdita sobre a aventura.

No dia seguinte, disfarçou-se tanto quanto possível com uma capa e capuz para visitar Evadne. Parou ao longo do caminho e comprou um cesto de caros frutos nativos do país da garota. Acrescentou a eles várias flores belas e seguiu para o miserável buraco onde a amiga vivia.

— Eis aqui — exclamou ele enquanto entrava — a comida que trouxe para meu pardalzinho em sua casa no topo das árvores.

Evadne então contou a ele a história de sua desgraça. Apesar de ser do alto escalão, o pai dela havia esgotado a fortuna. Chegara a destruir a própria reputação e influência depois de uma série de atitudes indulgentes. Sua saúde piorara além de qualquer perspectiva de esperança ou cura, e, antes de morrer, seu maior desejo passou a ser preservar a filha da pobreza que constituiria toda sua herança quando ficasse órfã. Assim, aceitou em nome dela, e depois a persuadiu a aceitar, uma proposta de casamento com um rico mercador grego instalado em Constantinopla. Assim, ela deixou sua nativa Grécia e, quando o pai morreu, foi aos poucos vendo serem cortados todos os laços que tinha com amigos e com a própria juventude.

A guerra entre a Grécia e a Turquia, que estourara cerca de um ano antes desses acontecimentos, trouxe consigo muitas reviravoltas no destino. O marido de Evadne faliu. Depois, durante um tumulto e uma ameaça de massacre pelos turcos, os dois foram obrigados a fugir no meio da madrugada. Com um bote, chegaram a uma embarcação inglesa que já estava em alto mar, e ela os levou até a ilha. As poucas joias que haviam conseguido salvar os sustentaram por um tempo. Toda a força mental de Evadne estava dedicada a apoiar o humor decadente do esposo. Somadas, a perda de suas propriedades, a desesperança quanto às perspectivas futuras e a falta de ocupação à qual a pobreza o condenou o reduziram a um estado que beirava a insanidade. Cinco meses depois de chegarem à Inglaterra, ele cometeu suicídio.

— O senhor deve estar se perguntando — continuou Evadne — o que fiz desde então. Ou então por que não pedi ajuda aos gregos ricos que aqui moram, ou ainda por que não voltei a meu país natal. Minha resposta a essas perguntas não parecerá satisfatória, mas foi suficiente para me fazer avançar dia após dia, suportando todas as desgraças em vez de procurar ajuda por esses meios: deveria a filha de um nobre, da pródiga família Zaimi, apresentar-se como pedinte diante de

seus iguais ou inferiores, pois superiores não há? Deveria baixar minha cabeça diante deles e, com um servil gesto, trocar a nobreza pela vida? Caso tivesse um filho ou qualquer laço que me conectasse à existência, aceitaria me rebaixar dessa forma, mas a vida foi para mim uma cruel madrasta. De bom grado eu deixaria o lar que ela parece ressentir, e apenas depois de morta esqueceria meu orgulho, meus problemas e meu desespero. E esse momento logo chegará: a dor e a fome já começaram a carcomer as bases do meu ser, e em muito pouco tempo partirei deste mundo. Estarei então imaculada pelo crime da autodestruição, ilesa da memória da degradação. Meu espírito abandonará este tumulto miserável e encontrará recompensa na força e resignação, como merece. Pode soar louco aos seus ouvidos, mas sei que o senhor também tem orgulho e resolução. Assim, não pense que meu orgulho é indomável nem que minha resolução é inalterável.

Ao terminar sua história, e dadas as satisfações que achava necessárias para justificar os motivos pelos quais se abstera de procurar ajuda junto aos conterrâneos, Evadne fez uma pausa. Mas ela parecia ter mais a dizer — coisas para as quais não tinha palavras. Enquanto isso, Raymond falou. A vontade de fazer com que a amada amiga voltasse a ocupar o lugar que tinha na sociedade e que recuperasse sua antiga prosperidade o animou, e assim ele despejou com energia todos os desejos e todas as intenções que tinha em relação ao assunto. Mas ele encontrou um obstáculo: Evadne pediu que Raymond promettesse que esconderia de todos os amigos dela sua presença na Inglaterra.

— A família e os amigos do conde de Windsor — disse com altivez — sem dúvida acham que eu o machuquei. Talvez o próprio conde seja o primeiro a me absolver, mas provavelmente não mereço absolvição. Na época, agi, como era de costume, por impulso. Esta situação de penúria pelo menos prova o desinteresse em minha conduta. Não se preocupe: não desejo pleitear minha causa a nenhum deles, e tampouco o faria ao senhor, milorde, caso não tivesse me descoberto. O tom de minhas ações provará que eu prefiro morrer a ser alvo de escárnio: “Vejam a orgulhosa Evadne em farrapos! Vem passando a princesa pedinte!”. Um veneno espesso escorre dessa ideia... Prometa que meu segredo não será revelado pelo senhor.

Raymond prometeu, mas uma nova discussão começou. Evadne pediu outro comprometimento da parte dele: que ele não faria nada sem o consentimento dela para beneficiá-la, e tampouco que ofereceria ajuda direta.

— Não degrade a imagem que tenho de mim mesma — disse ela. — A pobreza há muito se tornou minha companheira. Ela é dura de encarar, mas honesta. Se a desonra, ou o que eu assim interpretar, aproximar-se de mim, estarei perdida.

Raymond apresentou muitos argumentos e tentou persuadi-la de forma ardente a desistir da resolução, mas ela continuou decidida e, agitada pela discussão, fez um voto solene, selvagem e apaixonado: iria fugir e se esconder em um lugar onde ele jamais a encontraria, onde a fome logo traria a morte para encerrar seus sofrimentos, caso ele insistisse naquelas ofertas desonrosas. Ela era capaz de cuidar de si mesma, disse. Por fim, ela contou como, fazendo vários rascunhos e pinturas, conseguia alguma ninharia para sobreviver. Raymond cedeu, pelo menos naquele momento. Depois de ter inflamado um pouco a teimosia dela, tinha certeza de que, no fim, a amizade e a razão venceriam.

Mas os sentimentos que impulsionavam Evadne estavam enraizados nas profundezas de seu ser, e haviam crescido de tal forma que ele era incapaz de entendê-los. Evadne amava Raymond. Ele era o herói de sua imaginação, a imagem gravada pelo amor na textura imutável de seu coração. Sete anos antes, quando estava no auge da juventude, ela se apegara a ele. Raymond então servia seu país contra os turcos — na nação dela, adquiriu a glória militar tão peculiarmente cara aos gregos, ainda obrigados a lutar palmo a palmo pela própria segurança. Ainda assim, quando ele voltou e apareceu publicamente pela primeira vez na Inglaterra, o amor dela não o conquistou — e ele vacilou entre Perdita e a coroa. Antes mesmo de sua decisão, ela partiu da Inglaterra. Soube das notícias do casamento de Raymond, e seus sonhos — brotos pobremente cultivados — murcharam e morreram. A glória da vida não mais existia para ela. O halo róseo do amor, que antes imbuía tudo o que tocava com sua cor, sumiu. Ela aceitou de bom grado a vida como ela era, e resolveu fazer o melhor que podia com essa realidade de cores apagadas. Ela se casou. Levando a incansável energia de seu caráter para a nova vida, direcionou seu pensamento à ambição e mirou no título e poder de princesa da Valáquia. Assim, seus sentimentos patrióticos seriam apaziguados pela ideia do bem que poderia fazer a seu país quando o esposo se tornasse líder do principado. Passou a viver para encontrar a ambição, tão irreal e ilusória quanto o amor. Suas intrigas com a Rússia em benefício de seus objetivos despertaram a inveja de Porte e a animosidade do governo grego. Foi considerada traidora por ambos, e a ruína do esposo foi o resultado. Evitaram a morte fugindo no momento certo, e ela caiu da elevação de seus desejos à penúria na Inglaterra. Escondeu de Raymond boa parte dessa história. Tampouco confessou que, como criminosa convicta do pior dos crimes — trazer a foice do despotismo estrangeiro para ceifar os brotos das liberdades de seu país —, tudo o que encontraria caso recorresse aos gregos seria repulsa e negação.

Ela bem sabia que essa era a causa da completa ruína do esposo, e forçava-se a aguentar as conseqüências. A reprovação despertada pela agonia — ou melhor, pela

depressão impassível e incurável que fazia com que sua mente vivesse mergulhada em torpor — não se tornava menos dolorosa com o silêncio e a imobilidade. Ela reprovava a si mesma pela morte do marido. A culpa e a punição decorrente a cercavam, e em vão ela tentava dissipar o remorso com as lembranças de sua verdadeira integridade. Todo o mundo, incluindo ela mesma, julgava suas ações pelas consequências. Rezava pela alma do esposo. Invocou o Altíssimo para que incutisse em sua cabeça o crime da autodestruição do homem, e passou a viver para expiar esse pecado.

No meio de tanta miséria que em breve traria sua destruição, um único pensamento lhe servia de consolo: ela vivia no mesmo país e respirava o mesmo ar que Raymond. O nome do lorde protetor era presença frequente em todas as bocas. Suas conquistas, seus projetos e sua magnificência eram tema de todas as histórias. Nada é tão precioso ao coração de uma mulher como a glória e excelência de quem ama. Assim, mesmo com todo o horror, Evadne se deleitava com a fama e prosperidade de Raymond. Enquanto seu marido era vivo, ela encarava esse sentimento como um crime, reprimido e digno de arrependimento. Com a morte dele, porém, as marés do amor recuperaram seu antigo fluxo. Ela inundava a alma em suas ondas tumultuosas e entregava-se como presa ao seu incontrolável poder.

Mas ele jamais — jamais! — deveria tê-la visto naquele estado degradado. Ele jamais deveria ter presenciado o declínio, como ela considerava, de seu estado de orgulho e beleza ao de uma mulher abatida pela pobreza e moradora de um buraco, com um nome que se tornara uma afronta e um fardo de culpa na alma. Mesmo impenetravelmente escondida dele, a condição de pessoa pública permitia que ela acompanhasse as ações, o dia a dia e mesmo as conversas do amado. Ela se permitia o luxo de ler os jornais todos os dias e banquetear-se nos elogios ao lorde protetor e nos registros de suas ações. Essa indulgência, no entanto, não era desprovida de sofrimento anexo: o nome de Perdita estava sempre ao lado do dele, e a felicidade conjugal de ambos era celebrada até mesmo pelo testemunho autêntico dos fatos. Eles estavam sempre juntos. Era impossível à pobre Evadne ler as sílabas que formavam o nome dele sem, ao mesmo tempo, ser presenteada pela imagem daquela que era sua fiel companheira na alegria e na tristeza. Suas excelências estavam em todas as linhas para as quais ela olhava, inoculando nela uma poção que envenenava seu sangue.

Foi no jornal que ela viu o anúncio que requeria o envio de projetos para a galeria nacional. Combinando com bom gosto o que se lembrava dos edifícios que conhecera no leste e usando seu dom para atribuir ao desenho um estilo único, ela desenhou a planta enviada inicialmente ao lorde protetor. Exultava com a ideia de que, mesmo desconhecida e esquecida como estava, seria capaz de conceder algo

bom ao homem que amava. Com orgulho entusiasmado, começou a sonhar com a execução de uma obra de sua autoria — que, imortalizada na pedra, avançaria marcada com o nome de Raymond. Ela aguardou ansiosa o retorno do mensageiro que enviara ao palácio. Ouviu atentamente o relato de cada palavra e cada olhar do lorde protetor. Sentiu êxtase pela comunicação com o amado, embora ele não soubesse a quem dirigia as instruções. O próprio projeto se tornou infelizmente caro a ela. Ele o vira e elogiara. Quando ela o retocou, cada movimento da pena foi como o acorde de uma música estimulante, dando a ela a ideia de um templo que era erigido nas mais profundas e indizíveis emoções de sua alma. Essas contemplações a envolveram quando a voz de Raymond chegou a seus ouvidos — uma voz que, uma vez escutada, nunca seria esquecida. Ela controlou o fluxo de sentimentos e o recebeu com gentileza tranquila.

Orgulho e ternura brigavam dentro dela e, depois de um tempo, entraram em um acordo. Ela veria Raymond, já que o destino o levara até ela, e sua perseverança e devoção mereceriam a amizade dele. Mas as prerrogativas que tinha em relação a ele e sua tão cara independência não seriam comprometidas pela ideia de interesse ou pela intervenção de sentimentos complicados que vinham junto da obrigação pecuniária e da relação entre benfeitor e beneficiada. A mente dela tinha uma força incomum — ela preferia deixar que seus desejos mentais subjugassem as vontades dos sentidos e que sofresse com fome e miséria do que entregar à sorte uma argumentação. Como é triste que, na natureza humana, um poço de disciplina mental como o dela, assim como a negligência desdenhosa dessa própria natureza, possam ser aliados à extrema excelência moral! Mas a resolução que a permitia resistir às dores da privação nascia da enorme energia de suas paixões. E a obstinação concentrada, da qual isso era um sinal, destinava-se a destruir o próprio ídolo de suas devoções a fim de preservar o respeito de que abrira mão ao descrever sua miséria.

A conversa continuou. Aos poucos, Evadne contou ao amigo toda sua história, inclusive como seu nome fora manchado na Grécia e como o peso do pecado a consumia em decorrência da morte do esposo. Quando Raymond se ofereceu para limpar sua reputação e demonstrar ao mundo seu real patriotismo, ela declarou que era apenas através do sofrimento que esperava aliviar a dor na consciência. Que, naquele estado mental, por mais doentio que pudesse parecer, a necessidade de ocupação era um remédio salutar. Ela acabou pedindo que ele promettesse que, por um mês, não discutiriam os interesses dela, e que depois disso ela cederia em parte às vontades dele. Não conseguia se convencer de que qualquer coisa diferente daquilo não a afastaria dele. Agora, viam-se todos os dias. A conexão dele com Adrian e Perdita nunca era mencionada. Para ela, ele era como um meteoro, uma

estrela solitária que, no horário marcado, surgia no hemisfério de sua vida e cuja aparição trazia felicidade — e que, embora se pusesse, jamais era eclipsada. Ele a visitava todos os dias na morada miserável, e sua presença a transformava em um templo com aroma de flores, radiante com a luz do próprio paraíso. Ele participava de seu delírio. “Eles construíram uma muralha entre si e o mundo”. Lá fora, milhares de harpias, loucas de remorso e tristeza, esperavam o momento adequado para a invasão. Lá dentro, havia a paz da inocência, da cegueira imprudente, da alegria ilusória e da esperança, cuja âncora repousava sob a água plácida, porém inconstante.

Assim, enquanto Raymond estava envolto em visões de poder e fama, enquanto ele ansiava pela dominação completa dos elementos e da mente humana, não percebia o que acontecia no território do próprio coração. E, daquela fonte desconhecida, surgiu uma poderosa corrente que sobrepujou sua própria vontade e carregou a fama, a esperança e a alegria para o mar do esquecimento.

## IX

Nesse meio-tempo, o que fazia Perdita?

Durante os primeiros meses do mandato como lorde protetor, Raymond e ela eram inseparáveis. Discutiam cada projeto juntos, e ela aprovava cada plano. Nunca vira ninguém tão perfeitamente feliz quanto minha doce irmã. Seus olhos expressivos eram como duas estrelas que irradiavam amor. A esperança e o coração leve estavam sempre presentes em seu semblante. Ela alimentava a adoração e glória de seu lorde até mesmo com lágrimas de alegria. Sua completa existência era um sacrifício único a ele — se na humildade de seu coração sentia autocomplacência, era porque conquistara o herói mais notável daquela era e o preservara por anos, mesmo depois de o tempo tomar do amor seu sustento usual. Os sentimentos eram os mesmos desde sempre. Nem cinco anos haviam sido suficientes para destruir a irrealidade atordoante da paixão. A maioria dos homens destrói sem perdão o sagrado véu ao redor do qual o coração feminino se envolve para adorar o ídolo de suas afeições. Mas não Raymond: ele era um feiticeiro cujo reino jamais seria diminuído, um rei cujo poder jamais cessaria. Mesmo nos detalhes da vida comum, ele demonstrava graça e majestade. Seria impossível despojá-lo do endeusamento inato com que a natureza o investira. Perdita crescia em beleza e excelência sob a proteção dele. Eu não era mais capaz de reconhecer minha tímida e absorta irmã naquela mulher fascinante e de coração aberto que era esposa de Raymond. A genialidade que iluminava seu semblante agora se unia a uma expressão de benevolência que atribuía uma perfeição divina para sua beleza.

A alegria é, em sua versão mais intensa, a irmã da bondade. O sofrimento e a amabilidade podem coexistir, e escritores e escritoras há muito amam retratar essa união. Há uma harmonia humana e tocante na representação. Mas a alegria perfeita é um atributo celestial. Quem a possui tem uma aparência angélica. Dizem que o temor é pai da devoção, inclusive do tipo que faz com que devotos sacrifiquem as vítimas humanas em seus altares. No entanto, a devoção que brota da alegria é de uma safra mais amável: é a devoção que faz o coração suspirar com

agradecimentos ferventes, que nos faz transbordar a alma diante de quem nos desperta esse sentimento. É também a devoção mãe da imaginação e ama da poesia, que instila inteligência benevolente nos mecanismos visíveis do mundo e transforma a Terra em um templo digno do paraíso. Era essa alegria, bondade e devoção que habitavam a mente de Perdita.

Durante os cinco anos que passamos juntos como um bando de seres humanos reunidos no Castelo de Windsor, o destino bem-aventurado de minha irmã foi tema frequente de minhas conversas com ela. Por causa do hábito e de uma afeição natural, ela preferia dividir seus transbordos de deleite comigo, e não com Adrian ou Idris. Talvez, mesmo sendo muito diferentes, alguma semelhança pouco evidente entre nós, descendentes da mesma linhagem, ajudasse nessa preferência. Com frequência eu caminhava com ela enquanto o sol se punha, perambulando pelos caminhos sombreados da floresta, e a ouvia com uma simpatia alegre. A segurança dava dignidade para sua paixão: a certeza de uma retribuição completa fazia com que ela não tivesse mais nada a desejar. O fruto da união dos dois, cópia perfeita de Raymond, apenas adicionou a seu contentamento, produzindo um laço sagrado e insolúvel entre Perdita e ele. Às vezes, ela se sentia orgulhosa de saber que era preferida ao sonho de assumir a coroa. Às vezes, lembrava-se da angústia afiada que sentira quando ele hesitou antes de escolher. Mas essa memória de descontentamento passado servia apenas para destacar a alegria presente. O que parecera uma conquista difícil era, então, depois de totalmente alcançada, duplamente querida. Eventualmente o via à distância, e era tomada pelo mesmo arrebatamento — ou melhor, por um arrebatamento muito mais exuberante! — do que o de uma pessoa que, depois de sofrer os perigos de uma tempestade, encontrasse no porto desejado. Ela corria na direção dele para se sentir mais segura em seus braços, sentir a realidade de sua glória. Esse afeto cálido, somado ao seu profundo entendimento das coisas e ao brilhantismo de sua imaginação, fazia com que fosse cara a Raymond em um nível que não podia ser explicado com palavras.

Quando algum sentimento de insatisfação lhe ocorria, surgia da ideia de que ele não era perfeitamente feliz. Um desejo de renome e uma ambição presunçosa haviam caracterizado a juventude de seu amado. O primeiro ele havia adquirido na Grécia, e o outro, sacrificado por amor. Seu intelecto encontrava campo suficiente para exercício intelectual naquele círculo doméstico — a maioria dos membros ostentavam refinamento e amor pela literatura e, como ele, eram distintos pela inteligência. Ainda assim, a vida ativa era o solo em que suas virtudes brotavam de verdade. Às vezes, sofria de tédio devido à sucessão monótona de eventos da nossa reclusão. O orgulho o fazia evitar reclamações. Geralmente, a gratidão e a afeição por Perdita agiam como um opiáceo para todos os seus desejos, exceto o de ser



merecedor do amor da moça. Todos presenciávamos a visita de tais sentimentos, e nenhum de nós lamentava tanto quanto a própria Perdita. A vida dela era dedicada a ele. Era um sacrifício pequeno para retribuir a escolha que ele fizera, mas era suficiente? E se ele precisasse de recompensas que ela era incapaz de conceder? Era essa a única nuvem a macular o céu azul de sua alegria.

O processo de conquista de poder dele foi doloroso para ambos. Raymond, no entanto, alcançou seu sonho, e enfim atuava na situação que a natureza parecia ter moldado para ele. Trabalhava em um ritmo saudável, de modo que não se sentia nem exausto, nem totalmente satisfeito. Seu bom gosto e sua genialidade encontravam uma expressão digna em cada um dos tipos de atividades que os seres humanos haviam inventado para aprisionar e manifestar o espírito da beleza. A bondade de seu coração fazia com que ele nunca se cansasse de garantir o bem-estar de seus companheiros. Seu magnífico espírito e suas aspirações ao respeito e amor da humanidade agora davam frutos. Sim, sua exultação era temporária, mas talvez fosse melhor assim. O hábito não amenizava seu prazer no poder que tinha, e tampouco havia dificuldades, decepções ou derrotas no fim da linha em que chegaria ao fim do mandato. Ele decidira extrair e condensar toda a glória, o poder e as conquistas que poderiam ser resultado de um longo reinado nos três anos como lorde protetor.

Raymond era eminentemente social. Tudo de que desfrutava não lhe traria prazer nenhum se não tivesse com quem compartilhar. Mas em Perdita ele tinha tudo o que seu coração podia desejar. Seu amor dava à luz a simpatia, sua inteligência a permitia entendê-lo com apenas uma palavra. Seus poderes intelectuais permitiam que ela o ajudasse e guiasse. Ele reconhecia o valor dela. Durante os primeiros anos da união, a disparidade do temperamento de Raymond e a obstinação insubmissa que coloria seu caráter eram pequenos inconvenientes para a plenitude de seu sentimento. Depois, quando uma serenidade imutável e um respeito gentil se somaram às outras qualificações, o respeito dele por ela se tornou tão grande quanto o amor. Os anos haviam apenas contribuído com o rigor do enlace. Não tentavam adivinhar nem interferir no caminho que tinham pela frente, ao mesmo tempo esperando e reverenciando a continuidade da bem-aventurança. A passagem de cinco anos garantiu uma sóbria certeza sobre suas emoções, sem privá-los da natureza etérea. Também deu a eles uma filha, mas isso não diminuiu em nada os atributos pessoais de minha irmã. A timidez, que nela era quase um embaraço, foi trocada pela firmeza graciosa de seus modos. Era a franqueza, e não a reserva, que caracterizava sua fisionomia, e sua voz era afinada de modo a ter uma suavidade emocionante. Ela vivera então vinte e três verões. Estava no auge de sua vida como mulher, cumprindo os preciosos deveres de esposa e mãe, em posse de

tudo que seu coração mais cobiçara. Raymond era dez anos mais velho. À sua beleza anterior, aos modos já nobres e à aparência dominante haviam se somado a mais gentil das benevolências, uma ternura crescente e uma atenção graciosa e infatigável de atender aos desejos da amada.

O primeiro segredo que houve entre os dois foi a ocasião das visitas de Raymond a Evadne. Ele estava impressionado com a coragem e beleza da desafortunada jovem grega e, quando a contínua ternura que ela dirigia a ele se desvelou, ele passou a se perguntar, abismado, que ato realizara para merecer aquele amor apaixonado e não correspondido. Evadne se tornou, por um tempo, a única protagonista de seus devaneios. Perdita logo percebeu que seus pensamentos e seu tempo estavam sendo concedidos a alguém que ela desconhecia. Minha irmã era, por natureza, destituída de sentimentos comuns de ciúme aflito e rabugento. O tesouro que possuía na forma da afeição de Raymond era mais necessário à sua existência do que o sangue que corria em suas veias. Com mais conhecimento de causa do que Otelo, ela poderia dizer:

*Se há um pouco de desconfiança,  
Não há dúvida alguma.*

Na ocasião, ela não suspeitava de nenhuma alienação do afeto do esposo. O que conjecturava era que alguma circunstância conectada a sua alta posição ocasionara o mistério. Ficou surpresa e magoada. Começou a contar os longos dias, meses e anos que precisaria passar antes que ele pudesse ter de volta uma vida privada e incondicionalmente reservada a ela. Não estava nem um pouco feliz de saber, mesmo que pela única vez, que ele lhe estava escondendo alguma coisa. Não raro, fazia alguma reclamação, mas a confiança que era o único alvo de seu afeto não se abalou. Quando estavam juntos, sem a influência do medo, ela abria o coração para o mais completo deleite.

O tempo passou. Raymond, na metade de sua carreira desenfreada, parou de súbito para refletir sobre possíveis conseqüências. Dois caminhos se apresentaram quando ele arriscou olhar para o futuro. O primeiro era manter em segredo as visitas a Evadne. O outro era que elas fossem descobertas por Perdita. A condição deplorável e os sentimentos da amiga fizeram com que ele desconsiderasse a possibilidade de parar de vê-la. Se escolhesse o primeiro caminho, daria um adeus eterno à conversa franca e à simpatia integral da companheira de sua vida. Nessa situação, precisaria de um véu mais espesso do que o tecido pelos artesãos turcos, ou uma muralha mais alta do que a torre inescalável de Vathek. Isso se quisesse ocultar de Perdita o que se passava dentro de seu coração e esconder dela os

segredos de suas ações. A ideia era intoleravelmente dolorosa para ele. A franqueza e a preocupação social eram a essência da natureza de Raymond. Sem essas características, ele era mais do mesmo. Sem isso para trazer a glória ao relacionamento com Perdita, a aclamada recompensa pela qual trocara o trono era fraca e vazia como um arco-íris cujas cores começam a sumir quando o sol se põe. Mas não havia o que fazer. Sua genialidade, devoção e coragem — adornos de sua mente e o que energizava sua alma —, mesmo quando exercidas em amplitude máxima, não tinham a capacidade de fazer girar para trás nem um milímetro da roda do tempo. O que acontecera estava gravado com a pena adamantina da realidade no tomo eterno do passado. Nem toda a agonia ou todas as lágrimas do mundo eram o bastante para reverter sequer um iota do que já acontecera.

Mas esse era o lado otimista da questão. E se as circunstâncias levassem Perdita a suspeitar e, ao suspeitar, ela resolvesse agir? As fibras de seu corpo amoleceram, e suor frio tomou seu cenho quando isso passou pela cabeça dele. Muitos homens podem caçoar desse temor, mas ele vislumbrara o futuro. A paz de Perdita lhe era muito cara, e a agonia silenciosa que ela sofreria era certa e terrível demais para não o fazer perder qualquer coragem. Precisava decidir rápido o que faria. Se o pior acontecesse — se ela descobrisse a verdade —, ele não suportaria a reprovação ou angústia dos olhares alterados. Ele abandonaria a esposa, a Inglaterra, os amigos, os cenários de sua juventude e os sonhos dos tempos vindouros e procuraria outro país e outros cenários para recomeçar a vida. Depois de tomar essa decisão, ele se sentiu mais calmo. Passou a tentar comandar com prudência as rédeas do destino enquanto vagava pela estrada sinuosa que escolhera, dedicando todos os esforços a esconder apropriadamente o que não podia alterar.

A total confiança que havia entre Perdita e ele fazia com que qualquer comunicação fosse compartilhada entre os dois. Eles abriam as cartas um do outro e, até aquele momento, revelavam até o que havia nos mais profundos recônditos de seus corações. Uma carta inesperada chegou, e Perdita a leu. Se nela houvesse confirmação do caso, ela provavelmente ficaria arrasada. De fato, estava trêmula, gélida e pálida quando foi ter com Raymond. Ele estava sozinho, analisando algumas petições apresentadas recentemente. Ela entrou em silêncio, sentou-se no sofá diante dele e o encarou com um olhar de tanto desespero que os mais selvagens gritos e os mais horríveis gemidos seriam demonstrações fracas de tristeza se comparados àquela encarnação viva da miséria.

Inicialmente, ele não tirou os olhos do papel. Quando os ergueu, foi atingido pela manifestação de desgraça na expressão alterada da esposa. Por um momento, esqueceu as próprias ações e medos e perguntou, consternado:

— Qual é o problema, meu bem? O que aconteceu?

— Nada — respondeu ela, a princípio. — Ou não exatamente — continuou, acelerando o discurso. — Você tem segredos, Raymond. Onde vem estado ultimamente? Quem tem visitado? O que está escondendo de mim? Não mereço mais sua confiança? Mas não é exatamente isso que quero saber... Não tenho a intenção de soterrá-lo de perguntas, apenas uma vai bastar... Seria eu uma completa tola?

Com as mãos trêmulas, entregou-lhe o papel e permaneceu sentada e imóvel, observando-o enquanto ele lia. Ele reconheceu a letra de Evadne e sentiu o rosto corar. Com uma velocidade estrondosa, leu o conteúdo da carta. Tudo havia sido posto à mesa: falsidade e ardis não seriam páreo para conter a ruína iminente. Ele precisaria dissipar inteiramente as suspeitas de Perdita ou deixá-la para sempre.

— Minha querida — disse ele —, declaro-me culpado. Mas precisa me perdoar. Fiz errado em mentir para você, mas o fiz para poupá-la da dor. Cada dia ficava mais difícil para mim alterar meu plano. Além disso, senti-me instigado pela delicadeza a dar atenção à infeliz autora dessas poucas linhas.

Perdita arquejou.

— Bem — exclamou —, prossiga!

— É isso. Esta carta revela tudo. Encontro-me na mais difícil das situações. Fiz meu melhor, embora talvez não tenha sido suficiente. Meu amor por você ainda é o mesmo.

Perdita balançou a cabeça, negando.

— Não pode ser! — gritou. — Sei que não é. Você me enganou, mas não serei enganada. Acabo de perdê-lo, perder a mim mesma, perder minha vida!

— Não acredita em mim? — perguntou Raymond com altivez.

— Para poder acreditar em você — exclamou ela —, eu seria capaz de abrir mão de tudo e morrer de alegria se, na morte, pudesse ter certeza de que está falando a verdade. Mas não pode ser!

— Perdita — continuou Raymond —, neste momento você não consegue enxergar o precipício diante do qual se encontra. Precisa acreditar que não entrei na atual linha de conduta sem relutância ou dor. Sabia da possibilidade de que desconfiasse de algo, mas acreditava que minha palavra seria suficiente para fazer a desconfiança desaparecer. Construí minha esperança na sua confiança. Acha que serei questionado e terei a resposta desdenhada? Ou que serei alvo de desconfiança, talvez de vigílias, inquéritos e descrença? Não vou me rebaixar assim, minha honra não será manchada. Você me amou e eu a adorei, mas todos os sentimentos humanos terminam algum dia. Deixemos nossa afeição chegar ao fim, mas não permita que seja substituída por desconfiança e recriminação. Até agora fomos

amigos e amantes. Não sejamos inimigos ou espiões mútuos. Não posso ser alvo de suspeitas! Se não é capaz de acreditar em mim, devemos nos separar!

— Exatamente — exclamou Perdita. — Sabia que isso terminaria assim. Já não estamos separados? Não há um regato infinito como o oceano e profundo como o vazio fluindo entre nós?

Raymond se levantou. Sua voz estava trêmula e sua expressão contorcida. Com os modos calmos como um terremoto, respondeu:

— Fico feliz de ver que encara minha decisão de forma tão filosófica. Decerto assumirá o papel da admirada esposa ferida. Às vezes, será incomodada pela sensação de que foi injusta comigo, mas as condolências dos parentes, a pena do mundo e a complacência concedida pela imaculada inocência serão um ótimo bálsamo. Você nunca me verá novamente!

Raymond avançou em direção à porta. Esqueceu que cada palavra que falava era falsa. Assumira tão completamente a alegação de inocência que enganava a si mesmo. Pois os atores e atrizes não choram quando estão atuando tamanha paixão imaginada? Um sentimento mais intenso do que a realidade da ficção possuiu Raymond. Ele falava com orgulho. Sentia-se realmente injustiçado. Perdita ergueu os olhos. Viu o olhar raivoso dele e sua mão tocar a maçaneta da porta. Atirou-se então em seu pescoço, engasgando-se e soluçando. Ele pegou a mão da amada e, encaminhando-a até o sofá, sentou-se ao lado dela. Ela pousou a cabeça em seu ombro, trêmula, enquanto arrepios alternados de frio e calor percorriam seus membros. Observando a expressão de minha irmã, Raymond falou em um tom mais suave:

— O golpe foi dado. Não permitirei que nos separemos em meio à raiva. Devo muito a você. Devo seis anos de pura alegria. Mas esses anos são passado. Não vou viver a chaga da suspeita, não serei objeto de ciúmes. Amo você demais. É apenas na separação eterna que qualquer um de nós será capaz de ter esperanças de recuperar a dignidade e o poder de ação. Não devemos ter nosso próprio caráter degradado. Fé e devoção foram, até o momento, a essência de nosso relacionamento. Agora que não existem mais, não vamos nos apegar ao casco infértil da vida, a uma concha vazia. Você tem sua filha, seu irmão, Idris, Adrian...

— E você — exclamou Perdita — tem a autora da carta.

Uma indignação incontrolável lampejou nos olhos de Raymond. Ele sabia que essa acusação, ao menos, era falsa.

— Acredite nisso se quiser — gritou. — Acalente isso em seu coração, faça disso um travesseiro para repousar a cabeça e um opiáceo para acalmar os olhos. Não me importo. Mas juro pelo Deus que me fez que o inferno não é mais falso do que o que acabou de falar!

Perdita sentiu o golpe da seriedade apaixonada das afirmações. Ela respondeu com ternura:

— Não me nego a acreditar em você, Raymond. Ao contrário: juro estar depositando uma fé implícita em sua simples palavra. Apenas garanta para mim que seu amor e sua fé em mim nunca foram violados. Nesse caso, toda a suspeita, a dúvida e os ciúmes serão dissipados de imediato. Continuaremos como sempre fomos: um coração, um sonho, uma vida.

— Já a assegurei sobre minha fidelidade — disse Raymond com uma frieza desdenhosa. — Uma tripla confirmação não vale de nada quando uma já foi desprezada. Não falarei mais, não posso acrescentar nada ao que disse, nada além do que você já negou com desdém. Essa discussão será infrutífera para nós dois, e confesso que estou cansado de responder a acusações infundadas e nada gentis.

Perdita tentou ler sua expressão, mas ele virou o rosto, irritado. Havia tanta verdade e naturalidade naquele ressentimento que as dúvidas da moça foram dissipadas. A fisionomia dela, que havia anos não expressava nada que não fosse relacionado à afeição, voltou a ficar radiante e satisfeita. No entanto, percebeu que não seria fácil amaciar e se reconciliar com Raymond. A princípio, ele se negou a ficar para ouvi-la. Mas ela não desistiria: segura do amor inalterável do esposo, estava disposta a dedicar todos os esforços e fazer todas as súplicas necessárias para dissipar sua raiva. Convenceu-o a ouvi-la. Raymond caiu em um silêncio arrogante, mas prestou atenção no que era dito. Perdita primeiro reforçou que confiava nele sem limites — disso ele deveria ter certeza, caso contrário ela não tentaria contê-lo. Depois, listou os anos de alegria que haviam vivido. Fez o esposo se lembrar de cenas de intimidade e alegria do passado, e depois projetou a vida futura dos dois e mencionou a filha — e lágrimas involuntárias encheram os olhos dela. Tentou reprimi-las, mas elas se negavam a serem controladas. Sua fala ficou embargada. Perdita não havia chorado ainda. Raymond não foi capaz de resistir a esses sinais de angústia. Talvez tenha, de alguma forma, sentido-se envergonhado pelo papel de homem magoado, quando na verdade era ele o verdadeiro causador da mágoa. E ele amava Perdita com devoção. O jeito com que tombava a cabeça, seus cachos de cabelo lustroso e a maneira como se movia eram fontes de profunda ternura e admiração. Conforme ela falava, as palavras melodiosas tocavam a alma do amado. Ele logo foi amaciado. Confortando-a e acariciando-a, tentou convencer a si mesmo de que nunca fizera mal a ela.

Raymond deixou a cena aos tropeços, como um homem que é torturado e sabe que voltará a sê-lo em breve. Pecara contra a própria honra ao contar uma mentira direta, jurando que era verdade. Mentira que, proferida a uma mulher, talvez a tornasse menos imoral — mas para os outros, não para ele. Afinal, quem enganara?

Ela, a confiante, devota e afetuosa Perdita, cuja confiança generosa o atormentou duplamente quando se lembrou da cena de inocência a que acabara de assistir ali. A mente de Raymond não fora forjada de forma tão rústica, nem manejada de forma tão bruta pelas circunstâncias da vida, a ponto de torná-lo imune a essas reflexões — pelo contrário, ele tinha os nervos à flor da pele. Seu espírito era puro fogo, que se apaga e diminui a cada contato com a atmosfera contaminada. Naquele momento, porém, a contaminação se incorporara à essência de seu espírito, e assim a mudança era ainda mais dolorosa. A verdade e a mentira, o amor e o ódio perderam seus limites definitivos. O paraíso se misturou ao inferno enquanto sua mente sensível, transformada em um campo de batalha, enlouquecia com tantos ferimentos. Desprezava a si mesmo do fundo do coração, estava irritado com Perdita, e o pensamento de Evadne estava contaminado com tudo o que era mais terrível e cruel. Suas paixões, que sempre lhe haviam servido de mestras, haviam adquirido uma força renovada depois do longo sono no qual o amor as embalara, e o massivo peso do destino o fez se curvar. Estava incitado, torturado, ferozmente perturbado por aquela que era a pior das misérias: o sentimento de remorso. Essa situação atribulada foi cedendo aos poucos. Primeiro, transformou-se em uma sombria hostilidade, depois em um humor depressivo. Seus subordinados — e até mesmo seus pares, se é que no posto atual ele tinha algum — ficaram surpresos ao identificar raiva, escárnio e amargor em quem antes se distinguia pelos modos benevolentes e suaves. Passou a encarar aparições públicas com aversão, e logo passou a trocá-las pela solidão que já fora tanto sua desgraça quanto seu alívio. Montou o cavalo bravo que o carregara em direção à vitória na Grécia. Fatigou-se com exercícios exaustivos, tentando dissipar as dores da mente atribulada nas sensações animais.

Lentamente se recuperou. Por fim, como alguém sofrendo os efeitos de um veneno, escapou dos vapores da febre e da paixão, passando a respirar a estável atmosfera da calma reflexão. E meditou sobre o que seria melhor fazer. Primeiro, notou surpreso que se passara um longo tempo desde que a loucura, e não qualquer impulso da razão, começara a regular suas ações. Um mês havia se passado, e durante esse tempo ele não vira Evadne. O poder dela sobre ele, conectado a algumas poucas emoções persistentes em seu coração, decaíra consideravelmente. Ele não era mais escravo dela, e tampouco seu amante. Raymond decidiu que nunca mais a veria, e que pela entrega total dessa remissão, merecia a confiança de Perdita.

Ainda assim, e por vontade própria, pensou na miserável habitação da garota grega. Habitação que, alegando princípios nobres e elevados, ela se negara a trocar por uma de maior luxo. Ele pensou no esplendor de sua situação e aparência

quando a vira pela primeira vez. Pensou na vida que ela levava em Constantinopla, cercada de toda a magnificência oriental possível. Depois, pensou na penúria atual, na necessidade de trabalho diário, no estado de abandono, no rosto pálido e encovado pela fome. A compaixão tomou seu peito, e ele decidiu que a veria mais uma vez. Criaria um plano para restitui-la à posição na sociedade e às vantagens de sua classe. Evidentemente, precisariam se separar em seguida.

Outra coisa que lhe ocorreu foi como, durante aquele longo mês, evitara Perdita, fugindo tanto dela quanto das provocações da própria consciência. Mas ele enfim despertara. Tudo isso logo seria remediado, e a devoção futura pela esposa apagaria a memória da única mancha na serenidade da vida do casal. Ficou animado quando pensou nisso, e de forma serena e resoluta definiu a linha de conduta que adotaria. Lembrou-se de ter prometido a Perdita que estaria presente naquela noite — dia 19 de outubro, aniversário de sua eleição como lorde protetor — em uma festa dada em sua honra. Torceu para que a celebração fosse um bom augúrio da alegria dos anos vindouros. Primeiro, trataria de ter com Evadne. Não se demoraria, mas daria a ela alguma satisfação, de modo a compensar a ausência longa e não anunciada. Depois, voltaria para Perdita, para o mundo esquecido, para os deveres da sociedade, para o esplendor de sua posição e para o deleite do poder.

Após a cena descrita nas páginas anteriores, Perdita contemplou uma mudança completa no comportamento e na conduta de Raymond. Ela esperava liberdade de comunicação e uma volta daquele relacionamento afetuoso que antes era o prazer de sua vida, mas Raymond não se juntava a ela em nenhum de seus passatempos. Trabalhava durante o dia isolado dela. Depois saía, ela não sabia para onde. A dor infligida por essa decepção era torturante e intensa. Ela encarava toda a situação como um sonho enganador e tentava afastar o pensamento dela, mas, assim como a túnica de Nesso, ela estava impregnada em sua pele, e corroía sua força vital com uma agonia aguda. Mas ela tinha — embora essa afirmação possa parecer um paradoxo — aquilo que poucos têm: a capacidade de ser feliz. Sua organização delicada e sua imaginação criativa davam-lhe uma peculiar suscetibilidade às emoções prazerosas. A transbordante calidez de seu coração, decorrente de como tratava o amor como uma planta de raízes profundas e crescimento constante, afinara sua alma para a recepção da felicidade — como no momento em que encontrara em Raymond algo que adornaria seu amor e satisfaria sua imaginação. Ainda assim, o sentimento sobre o qual o tecido de sua existência se baseava tornou-se lugar-comum com o passar do tempo. A sucessão infinita de demonstrações de atenção e atos graciosos rompeu-se, e o universo de amor do amado foi arrancado dela, e por isso a alegria deveria partir e ser substituída pelo



sentimento contrário. Suas mesmas peculiaridades de caráter geraram mágoa e agonia. Sua imaginação as ampliava, sua sensibilidade a expunha para os repetidos golpes, e o amor que sentia envenenava o coração ferroadado. Não havia submissão, paciência e nem renúncia em seu luto. Batalhava contra ele, contorcia-se sob o peso, e assim tornava cada golpe mais doloroso com a resistência. Repetidas vezes ocorria-lhe a ideia de que ele amava outra mulher. Mas ela lhe fez justiça. Acreditava que ele sentia uma terna afeição por ela, mas pensou que dar um valor insignificante a alguém que acreditava que na loteria da vida merecia uma fortuna seria mais decepcionante do que não lhe dar nada. A afeição e a amizade de Raymond podiam ser inestimáveis, mas, por trás dessa afeição, abrigado em um recanto mais profundo que o da amizade, ficava o indivisível tesouro do amor. Quem o recebia em sua completude tinha em mãos algo de valor incalculável. No entanto, quando era separado em pequenas porções, apenas nomeado como o todo e separado em níveis e seções, acontecia como nos truques de mágica: o tesouro era ouro de tolo, que depois se transformava no mais desprezível dos materiais. Há um significado no olhar do amor, uma cadência em sua voz e um resplendor em seu sorriso — um talismã cujos encantos apenas uma pessoa pode possuir. Seu espírito é elemental, sua essência, singular, e sua divindade, única. As almas de Raymond e Perdita haviam se mesclado como dois riachos montanhosos que se juntam ao longo do leito e que, murmurando e cintilando, fluem sobre brilhantes seixos e ao longo de floridos campos. Mas se a fonte de um deles secar, ou se o fluxo for represado por uma obstrução, o outro mingua entre as margens alargadas. Perdita sentia uma queda no nível do regato que alimentava sua vida. Incapaz de suportar o lento definhamento de suas esperanças, subitamente criou um plano, determinada a encerrar de uma vez por todas o tempo de miséria e trazer uma conclusão feliz para os últimos eventos desastrosos.

O aniversário da eleição de Raymond como lorde protetor estava próximo, e era costume celebrar o dia com uma esplêndida festa. Diversos sentimentos incitaram Perdita a cuidar para que a ocasião fosse duplamente magnífica. Enquanto se organizava para a festa de gala, no entanto, pegou-se pensando nas dores que sentia e no que a levava a tornar ainda mais suntuosa a celebração do que parecia ter sido o começo de seu sofrimento. “Que o sofrimento recaia sobre esse dia”, pensou ela. “Que o sofrimento, as lágrimas e a dor marquem o momento em que Raymond teve outra esperança além do amor, outro desejo além da minha devoção. E que seja triplamente alegre o momento em que ele voltará para mim! Deus sabe como confiei em seus votos, e acreditei em sua fé declamada. Não fosse ela, não estaria procurando o que agora estou decidida a conseguir. Será que mais dois anos precisariam se passar com cada dia fazendo aumentar nossa alienação,

cada ato representando outra pedra empilhada na barreira que nos separa? Não, meu Raymond, meu único amado, posse exclusiva de Perdita! Esta noite, esta fantástica celebração, estes fantásticos aposentos e estes adornos de sua chorosa garota — tudo está a postos para celebrar sua abdicação. Certa vez, por mim, você renunciou à perspectiva de portar uma coroa. Isso foi em nossos dias de amor fresco, quando tudo o que eu tinha era a esperança de ser feliz, e não a certeza de que o seria. Agora você já conhece tudo o que tenho a oferecer: a devoção de meu coração, o amor puro e a submissão nada vacilante a você. Precisa escolher entre tudo isso e sua posição como lorde protetor. Esta, meu orgulhoso nobre, é sua última noite! Eu, Perdita, depositei nesta festa tudo o que há de mais magnífico, deslumbrante e caro ao seu coração, mas estes aposentos deslumbrantes, seus acompanhantes principescos, o poder e a elevação você deverá deixar para trás ao nascer do sol de amanhã, voltando ao nosso lar rural, pois eu não trocaria a imortalidade da alegria por mais uma semana igual à que se passou”.

Enquanto meditava sobre o plano — decidida a, quando a hora chegasse, propor a ideia e insistir na realização, certa de que Raymond iria concordar —, o coração de Perdita estava leve. Ou melhor, estava exaltado. Sua face estava corada pela perspectiva de uma discussão, e seus olhos cintilavam com a esperança do triunfo. Jogados os dados que definiriam seu destino, e certa de que venceria, ela — que eu considerava ter no semblante a marca de que nascera para ser rainha de nações — parecia superior à própria humanidade. Era como se tivesse o poder de, serena, conter com apenas um dedo a roda do destino. Ela nunca antes parecera tão supremamente adorável.

Nós, os pastores árcades da história, tínhamos a intenção de ir à celebração, mas Perdita nos escreveu pedindo que não fôssemos e que não deixássemos Windsor. Embora ainda não tivesse revelado o esquema para nós, resolvera que, na manhã seguinte, voltaria com Raymond para nosso círculo, onde reiniciaria a fase da vida em que encontrara total felicidade. Mais tarde nessa mesma noite, ela entrou nos aposentos onde se daria a festa. Raymond deixara o palácio na noite anterior. Prometera estar presente na festividade, mas ainda não voltara. Ela tinha, todavia, certeza de que ele enfim chegaria. Quanto maior o vão entre eles parecia durante a crise, mais certeza ela tinha de que o fecharia para sempre.

Isso era, como já disse, dia 19 de outubro, e o sombrio outono já estava avançado. O vento uivava, as árvores nuas estavam despojadas dos resquícios de seus trajes de verão, e o estado do ar que induzia o declínio da vegetação era hostil à alegria e à esperança. Raymond estava exaltado com a decisão que tomara — porém, com o declínio do dia, passara a declinar também seu espírito. Primeiro visitaria Evadne, e depois se apressaria para o palácio do lorde protetor. Enquanto

andava pelas ruas miseráveis da vizinhança da desafortunada grega, seu coração o flagelava por conta da conduta que tivera em relação a ela. A começar por ter aceitado qualquer tipo de acordo que permitisse que ela continuasse no estado de degradação em que estava. E, além disso, depois de um breve sonho selvagem, por tê-la deixado em uma situação de terrível solidão, conjectura ansiosa e — o pior — expectativa frustrada. O que ela fizera nesse meio-tempo? Como suportara sua ausência e negligência? A luz ficava cada vez mais tênue conforme ele avançava pelas ruas. Quando a familiar porta se abriu, a escada já estava envolta em plena noite. Ele subiu, entrou no sótão e encontrou Evadne prostrada, calada, quase sem vida em seu deplorável leito. Raymond chamou as outras pessoas que moravam por ali, mas não descobriu nada com elas, apenas que não sabiam o que tinha acontecido. A história dela parecia clara, clara e intensa como o remorso e o horror que nele cravavam as unhas. Quando se vira abandonada por ele, perdera a vontade de fazer o que ainda a motivava. O orgulho a proibia de procurá-lo, e a fome chegou bem-vinda como a guardiã dos portões da morte. Era na soleira dele que ela logo repousaria, absolvida de qualquer pecado. Ninguém se aproximou dela enquanto sua força definhava.

Se ela morresse, qual assassino poderia ser acusado de cometer um crime mais cruel do que o que ele cometera? Ou qual demônio, em sua maldade, poderia ser condenado como mais merecedor da perdição do que ele? Mas a agonia da autorreprovação não o paralisou. Mandou trazerem assistência médica. As horas passaram, transformadas em eras pelo suspense. A escuridão da longa noite de outono deu lugar ao dia antes que a vida dela tivesse sido salva. Àquela altura, ele já a movera para um local mais digno, e curvava-se sobre ela a todo instante para garantir que estava viva.

Em meio a tamanho suspense e medo, lembrou-se da festa que seria dada por Perdita em sua homenagem. Nesse momento, isso significava que a festa seria dada em homenagem a um homem cujo nome estava indelevelmente desgraçado pela miséria e pela morte, um homem cujos crimes mereciam a forca. Eis a maior ironia de todas. Ainda assim, Perdita estaria esperando por ele. Raymond escreveu algumas poucas palavras incoerentes em um pedaço de papel, dizendo que estava tudo bem, e pediu que uma mulher o levasse até o palácio e que o entregasse nas mãos da esposa do lorde protetor. A mulher, que não o conhecia, perguntou como ele esperava que ela entrasse no palácio, principalmente em uma noite de festa, e conseguisse falar com a dama. Raymond deu a ela seu anel para que os lacaios levassem a mensagem a sério. Assim, enquanto Perdita entretinha os hóspedes e aguardava ansiosamente a chegada de seu lorde, o anel do esposo lhe foi entregue.

Contaram-lhe que havia uma pobre mulher querendo entregar uma carta do portador da joia.

A vaidade da velha fofqueira foi elevada pelo serviço — que, afinal, ela não entendia, pois não tinha desconfiança nenhuma de que o visitante de Evadne era lorde Raymond. Perdita temia uma queda do cavalo ou algum acidente semelhante — até que as respostas da mulher despertaram outros temores. Usando a astúcia exercitada às cegas, a mensageira intrometida, se não maligna, não falou nada sobre a doença de Evadne. Tagarelou, no entanto, sobre as visitas frequentes de Raymond, adicionando à narrativa situações convincentes para Perdita, mas que exageravam a crueldade e perfídia de Raymond. E o pior: sua ausência na festa, a despeito da mensagem — e agora com os toques infames da mulher —, soava como o mais mortal dos insultos. Ela voltou a olhar para o anel, um pequeno anel de rubi em formato de coração que ela mesma dera a ele. Depois observou a caligrafia, que era incapaz de confundir, e repetiu para si mesma as palavras: “Não permita — eu peço, eu imploro — que seus convidados se perguntem sobre minha ausência”. Enquanto isso, a velha continuava com o falatório, enchendo os ouvidos dela com uma mistura estranha de verdades e mentiras. Perdita enfim a dispensou.

A pobre garota voltou à celebração, onde sua ausência passara despercebida. Seguiu para um lugar consideravelmente escondido e, escorada em uma coluna ornamental ali posicionada, tentou se recuperar. Sua mente estava paralisada. Encarou algumas flores que repousavam em um vaso esculpido ao seu lado. Naquela manhã, ajeitara as plantas belas e encantadoras. Mesmo naquele momento, estupefata como estava, prestou atenção nas cores e no formato estrelado que exibiam.

— Divinas florações do espírito da beleza — exclamou. — Não murchem nem pranteiem. O desespero que massacra meu coração não pode se espalhar e contaminá-las! Quem dera eu fosse uma companheira em sua insensibilidade, ou uma partícipe em sua calma!

Ela se conteve. “É minha missão”, continuou ela mentalmente, “fazer com que meus convidados não percebam a realidade — nem a que diz respeito a ele, nem a que diz respeito a mim. Obedecerei, e eles não deverão saber de nada até que partam e eu possa padecer. Deverão presenciar o contrário do real: devo parecer estar viva, embora na verdade esteja morta”. Ela precisou de todo seu autocontrole para conter o fluxo de lágrimas de autopiedade que a ideia provocava. Depois de muito esforço, foi bem-sucedida, e voltou a seus convidados.

Todos os esforços passaram a ser direcionados para aplacar o conflito interno. Ela tinha um papel de cortês anfitriã a desempenhar. Precisava atender a todos e fazer resplandecer sua alegria e graça. Precisava fazer isso, embora em seu interior

suspirasse de solidão. Teria facilmente trocado os salões lotados pelas entranhas escuras da floresta, ou então por uma charneca terrível escurecida pela noite. Mas ela se alegrou. Não poderia agir normalmente sem parecer — como lhe era usual — placidamente contente. Todos notaram seu bom-humor, e todas as suas ações pareciam graciosas aos olhos dos presentes. Os convidados a cercavam e aplaudiam, embora houvesse uma agudeza em sua risada e uma brusquidão em seus movimentos, que, aos olhos atentos, poderiam até trair seu segredo. Ela assim seguiu, sentindo que, se parasse por um instante, as águas da tristeza inundariam sua alma. Se isso acontecesse, seus sonhos naufragados elevariam as lamentosas vozes, e aquelas que ecoavam seu júbilo e estimulavam seus comentários espirituosos encolher-se-iam de medo de seu desespero convulsivo. Seu único consolo durante a violência que infligia a si mesma era assistir ao movimento do relógio iluminado, contando internamente os momentos que se passariam antes que ela pudesse ficar sozinha.

Por fim, os salões começaram a se esvaziar. Zombando das próprias vontades, ralhou com os convidados por irem embora tão cedo. Um a um eles a deixaram para trás, e finalmente ela apertou a mão da última visita.

— Que gélida e úmida está sua mão — disse o amigo. — A senhora está cansada, rogo que descanse um pouco.

Perdita deu um sorriso fraco. O convidado a deixou, e sua carruagem, sumindo no fim da rua, confirmou a derradeira partida. Só então, como se perseguida por um inimigo, como se tivesse asas nos pés, ela fugiu para os próprios aposentos. Dispensou os criados, trancou as portas e atirou-se loucamente ao chão. Mordeu os lábios até tirar sangue para reprimir os gritos e ficou ali largada, como uma presa ao abutre do desespero, forçando-se a não pensar enquanto uma multitude de ideias se alojava em seu coração. Essas ideias, horrendas como as Fúrias e cruéis como víboras, surgiram aos borbotões, tão rápido que pareciam atacar e ferir umas às outras enquanto levavam minha irmã à loucura.

Ela enfim se levantou, mais composta, mas não menos miserável. Parou diante de um grande espelho e encarou o próprio reflexo. Mirou o vestido leve e gracioso, as joias que adornavam seus cabelos, os belos braços e pescoço, os pés pequenos envolvidos em seda e as abundantes e brilhantes madeixas. Tudo, diante dos olhos anuviados e do humor tomado pela desgraça, não passava de uma esplêndida moldura para uma soturna pintura de tormenta. “Sou um mero recipiente”, pensou ela. “Cheio até a boca da mais terrível essência. Adeus, Perdita! Adeus, pobre garota! Você nunca mais será como antes. O luxo e a riqueza não lhe pertencem mais, e será tão pobre que invejará até mesmo os pedintes desabrigados. Na verdade, eu mesma agora não tenho teto! Vivo em um deserto estéril que, amplo e

interminável, não produz nem flores, nem frutos. No meio dele há uma rocha solitária na qual você, Perdita, jaz acorrentada, vendo o sombrio ermo se estendendo a perder de vista”.

Ela abriu a janela que dava para o jardim do palácio. A luz e a escuridão disputavam espaço, e o céu oriental estava pintado de raios róseos e dourados. Uma estrela solitária tremulava nas profundezas da atmosfera. O fresco ar matinal que soprava a vegetação orvalhada adentrou o cômodo abafado. “Todas as coisas seguem em frente”, pensou Perdita. “Todas as coisas avançam, decaem e perecem! Quando a maré noturna passar e o abatido dia já tiver levado a tripulação para a costa oeste, as centelhas do paraíso nascerão no leste, movendo-se em seu curso costumaz. Quando o ciclo se completa, o relógio de sol começa a projetar na direção oeste uma sombra um tanto instável. As pálpebras do dia se abrem, e os pássaros, as flores, a surpresa vegetação e a brisa fresca acordam. O sol enfim aparece e, em uma majestosa procissão, escala o capitólio do paraíso. Todas as coisas seguem em frente, mudam e morrem, exceto o sentimento de tristeza em meu coração prestes a explodir.

“Sim, tudo avança e muda. Por que haveria de me espantar com o fato de que o amor também segue essa jornada, e de que o senhor de minha vida mudou? Consideramos as luzes divinas fixas, e mesmo assim elas vagam lá no plano celeste — se olho para o mesmo ponto com uma hora de diferença, é possível ver como a face do eterno paraíso muda. A tola lua e os inconstantes planetas variam todas as noites sua dança errática. O próprio sol, soberano do céu, aqui e acolá deixa seu trono e lega seu domínio à noite e ao inverno. A natureza envelhece e agita os membros decadentes... Até a natureza vai à falência! Não é de admirar, ó Perdita, que o eclipse e a morte levem à destruição da luz e da vida!”

## X

Eram esses os pensamentos tristes e desorganizados de minha pobre irmã quando descobriu a infidelidade de Raymond. Todas as virtudes e defeitos de Perdita tendiam a fazer com que o golpe fosse incurável. A afeição dela por mim, seu irmão, assim como por Adrian e Idris, era súdita da paixão que reinava em seu coração. Mesmo sua afetuosidade materna emprestava metade da força do prazer que ela tinha ao identificar os traços e expressões de Raymond no semblante da filha. Ela fora reservada e até mesmo austera na infância, mas o amor amaciara as asperezas de seu caráter, e a união dela com Raymond fizera com que suas vocações e afeições se desenvolvessem. Com as primeiras traídas e as segundas perdidas, em algum nível ela acabou voltando à situação anterior. O orgulho concentrado que lhe era natural, esquecido durante aquele sonho abençoado, despertou. Tal qual uma víbora, ele perfurou seu coração, e a humildade do espírito de Perdita aumentou o poder do veneno. Ela antes exaltava a própria estima e era tratada como ilustre por seu amor: que valor tinha agora que ele a preterira? Ela tinha orgulho de tê-lo conquistado e preservado — mas outra o havia conquistado dela, e agora sua exultação estava fria como uma brasa encharcada de água.

Nós, em nosso retiro, passamos muito tempo ignorantes da desgraça que se abatia sobre ela. Perdita mandou buscarem sua filha logo após a festa, e depois pareceu ter nos esquecido. Adrian percebeu algo diferente durante uma visita que fizemos a ela depois, mas ele não foi capaz de dizer quão profunda era a mudança, e tampouco adivinhar o motivo. O casal ainda aparecia junto em público, e ambos viviam sob o mesmo teto. Raymond continuava tão cortês como sempre, embora em alguns momentos seus modos expressassem uma altivez incontida ou uma brusquidão dolorosa que assustava seus gentis amigos. Seu cenho não estava enevado, mas havia desdém em seus lábios e aspereza em sua voz. Perdita era pura gentileza e atenção com seu lorde, mas estava sempre silenciosa e triste. Ficara magra e pálida, e com frequência seus olhos se enchiam de lágrimas. Às vezes, olhava para Raymond como se estivesse dizendo: “Era assim que nossa vida deveria

ter sido!”. Em outros momentos, seu semblante expressava: “Ainda faço tudo o que posso para fazê-lo feliz”. Mas Adrian lia sua expressão sem muita certeza, e decerto a interpretava errado. Clara estava sempre com a mãe, e Perdita parecia mais à vontade quando, em um canto obscuro, sentava-se um pouco, ainda segurando a mãozinha da filha, silenciosa e solitária. Ainda assim, Adrian era incapaz de perceber a verdade. Convidou-os para que nos visitassem em Windsor, e eles prometeram que iriam no mês seguinte.

Maio chegou antes deles. A estação adornara as árvores com folhas e as trilhas com milhares de flores. Ficamos sabendo que iriam nos ver um dia antes, e, logo no começo da manhã seguinte, Perdita chegou com a filha. Raymond viria logo em seguida, disse ela, pois acabara preso com assuntos do trabalho. De acordo com o relato de Adrian, eu esperava vê-la triste, mas ela parecia exatamente o contrário, cheia de um ótimo humor — embora realmente tivesse emagrecido, os olhos estivessem um pouco fundos e as bochechas, encovadas, ainda que tingidas de um rubor brilhante. Ela estava encantada em nos ver. Cuidou de nossos filhos e elogiou o crescimento e desenvolvimento deles. Clara também estava feliz por reencontrar o jovem amiguinho, Alfred. Divertiram-se com todo tipo de brincadeira infantil, das quais Perdita participou. Ela nos transmitia pura alegria, e, enquanto nos divertíamos no terraço do castelo, a impressão era de que não existia grupo mais feliz e descontraído que o nosso.

— Ficar aqui é bem melhor, mamãe — disse Clara —, do que naquela Londres triste, onde a senhora sempre chora e nunca dá risada como faz agora.

— Quieta, sua tolinha — respondeu a mãe. — E lembre-se de que quem falar de Londres vai ficar no castigo por uma hora.

Pouco depois, Raymond chegou. Ele não se juntou a nós com o humor brincalhão usual de quando estava de folga. Começou a conversar com Adrian e comigo. Aos poucos nos separamos do grupo, e Idris e Perdita ficaram com as crianças. Raymond falava sobre suas novas construções e sobre seu plano de estabelecer um melhor sistema educacional para os pobres. Como sempre, Adrian e ele entraram em uma longa discussão, e o tempo passou despercebido.

Voltamos a nos juntar às mulheres perto do fim da tarde, e Perdita insistiu que recorrêssemos à música. Disse que queria nos dar uma amostra de suas novas conquistas: em Londres, passara a estudar música, e cantou para nós sem muita intensidade, mas com extrema doçura. Ela só permitia que escolhêssemos canções leves. Todas as óperas de Mozart vieram à baila, e escolhemos apenas as árias mais emocionantes. Entre outros atributos transcendentais, a música de Mozart é a que mais parece ter vindo do coração. É possível entrar nas paixões que ele expressa e ser transportado para um estado de luto, alegria, raiva ou confusão de acordo com



o que ele, mestre de nossas almas, decide inspirar. Por algum tempo, o ar de alegria se manteve. A certa altura, porém, Perdita saiu do piano, pois Raymond começara a cantar “*Taci ingiusto core*”, da ópera Don Giovanni. Ele amaciou a súplica do personagem com ternura e emocionou o coração da esposa com memórias do passado perdido. Era a mesma voz, o mesmo tom, os mesmíssimos sons e mesmíssimas palavras que tantas vezes antes ela interpretara como uma homenagem de amor a ela. Mas era diferente daquela vez: a conjunção de sons e a dissonância da expressão a atingiram com arrependimento e desespero. Logo depois disso, Idris, que estava na harpa, passou a toar a apaixonada e pesarosa “*Porgi, amor, qualche risforo*”, da ópera Fígaro, na qual a condessa abandonada lamenta a mudança do infiel conde de Almaviva. O espírito da mais terna mágoa está muito presente nessa canção, e a doce voz de Idris, sustentada pelos lúgubres acordes do instrumento, apenas acrescentava ao que ela expressava com as palavras. Durante o patético apelo em que a música termina, um soluço sufocado atraiu nossa atenção para Perdita. O fim da música a fez se recuperar, e ela saiu apressada do salão. Eu a segui. A princípio, ela pareceu querer me afastar, mas depois, cedendo às minhas delicadas perguntas, jogou-se em meu pescoço e começou a chorar a plenos pulmões.

— Mais uma vez — exclamou — é em seu ombro amigo, amado irmão, que a pobre Perdita pode expressar seu sofrimento. Impus uma lei do silêncio a mim mesma, e por meses a mantive. É um erro chorar agora, e é um erro ainda maior colocar meu pesar em palavras. Não falarei! Mas basta que saiba que estou infeliz. Basta que saiba que o colorido véu de minha vida se rasgou, que estou para sempre envolta pela escuridão e pela melancolia, e que a angústia é minha irmã, a lamentação é minha perpétua companheira!

Tentei consolá-la e não fiz perguntas, mas cuidei dela, garanti que tinha minha mais profunda afeição e meu desejo de que sua sorte mudasse.

— São belas palavras — exclamou. — São expressões de amor que enchem meus ouvidos como sons lembrados de canções queridas que foram esquecidas. Elas são vãs, porém, completamente vãs na tentativa de me acalmar ou de me confortar. Meu caro Lionel, você não pode imaginar o quanto sofri nesses meses todos. Li sobre carpideiras dos tempos antigos, que se envolviam em aniagem, espalhavam sujeira sobre a cabeça, comiam pão misturado a cinzas e iam morar nos ermos topos das montanhas, renegando abertamente o paraíso e a terra com suas desgraças. Ora, isso é justamente a luxúria da dor! As pessoas seguem dia após dia maquinando novas extravagâncias, expondo parafernálias da desgraça, apegando-se a todos os acessórios do desespero. Não eu! Hei de esconder para sempre a desgraça que me consome. Devo tecer um véu de deslumbrante falsidade para esconder meu

luto de olhos ordinários, aliviar meu semblante e pintar meus lábios com enganosos sorrisos. Mesmo sozinha não devo ousar pensar em como estou perdida, sob risco de ficar insana e furiosa.

As lágrimas e a agitação de minha irmã faziam com que não fosse adequado voltarmos ao grupo, então consegui persuadi-la a me deixar levá-la em um passeio pelo parque. No caminho, convenci-a a contar sua história de tristeza para mim, imaginando que falar sobre o assunto aliviaria o fardo e certo de que, se houvesse uma solução, ela seria encontrada e aplicada.

Várias semanas haviam se passado desde a celebração do aniversário de posse de Raymond, e ela fora incapaz de acalmar e colocar de volta a mente em trilhos normais. Às vezes repreendia a si mesma por encarar aquilo de forma tão amarga, sendo que muitos considerariam ser um mal imaginário. Mas não era uma questão de razão, e, sem saber os motivos e a verdadeira conduta de Raymond, as coisas assumiam uma aparência ainda pior do que a verdade provavelmente ostentava. O esposo de minha irmã quase nunca estava no palácio — na verdade, nunca estava, a menos que ele tivesse certeza de que seus assuntos públicos evitariam que ficasse sozinho com Perdita. Raramente falavam um com o outro, evitando explicações, ambos temendo qualquer tipo de contato que pudesse ser estabelecido. De súbito, porém, o comportamento de Raymond mudou. Ele parecia desejar encontrar oportunidades para retomar a gentileza e a intimidade com minha irmã. A maré de amor na direção dela pareceu voltar a fluir. Ele não era capaz de esquecer como um dia fora devoto a ela, fazendo dela um templo e um armazém de cada pensamento e cada sentimento dele. A vergonha parecia contê-lo, mas ele evidentemente desejava estabelecer um novo voto de confiança e afeição. A essa altura, Perdita havia se recuperado o bastante para definir planos de ação. Já até se preparava para seguir um deles. Ela aceitara os sinais do retorno do amor do esposo com gentileza. Não renegava sua companhia, mas sempre tentava colocar uma barreira para evitar conversas mais familiares ou discussões dolorosas. Com um misto de orgulho e vergonha, Raymond era incapaz de ultrapassar essas barreiras. Por fim, ele começou a demonstrar sinais de raiva e impaciência, e Perdita percebeu que o sistema que adotara não poderia continuar. Ela precisava se explicar a ele, mas era incapaz de reunir coragem para falar. Assim, escreveu:

Leia esta carta com paciência, por favor. Ela não contém repreensões. “Repreensão”, de fato, é uma palavra vazia: pelo que iria repreendê-lo?

Permita-me tentar explicar meus sentimentos. Sem isso, ambos estaremos tateando no escuro, interpretando mal um ao outro, vagando sem rumo para longe de um caminho que pode nos levar, ou pelo menos

levar um de nós, a um modo de vida mais plausível do que o que estamos vivendo nas últimas semanas.

Eu o amei — o amo —, e não é a raiva nem o orgulho que ditam estas linhas. O que me faz escrever é um sentimento além, mais profundo e mais inalterável do que os outros dois. Meus sentimentos estão feridos, e é impossível curá-los. Nem tente mais isso, se é que em algum momento tentou. Perdão? Reconciliação? Essas palavras não valem de nada. Perdoou a dor que me fez passar, mas o que foi feito não pode ser desfeito.

Sentimentos comuns podem até se satisfazer com atos comuns. Acredito que leu meu coração e que viu que nele havia devoção e uma fidelidade inegável a você. Nunca amei ninguém senão você. Você se tornou a imagem encarnada dos meus mais profundos sonhos. Os elogios dos homens, o poder e as aspirações elevadas fizeram parte da sua carreira. Meu amor por você mergulhou meu mundo em uma luz mágica, e não era mais na terra que eu vivia. Não nesta terra, mãe de todos nós, que para mim apenas continha representações banais e obsoletas de objetos e circunstâncias velhos e desgastados. Eu vivia em um templo glorificado pela intensa sensação de devoção e êxtase. Vivia como um ser consagrado, contemplando apenas seu poder e sua excelência:

*Pois sua presença ao meu lado, como minha juventude  
Fez com que a mim o real virasse um sonho  
Envolvendo o palpável e o familiar  
Nos áureos traços da alvorada.*

E agora o florir sumiu da minha vida. Não há manhã nesta noite definitiva, não há nascer para o sol poente do amor. Nesses dias, o resto do mundo não significava nada para mim: todos os outros homens? Nunca os considere nem senti nada por eles, e nunca vi você como um deles. Separei-o de todos e exaltei-o em meu coração como único possuidor de minhas afeições, único personagem de meus sonhos, a melhor metade de mim mesma.

Ah, Raymond, e não fomos felizes? Será que o Sol algum dia brilhou sobre uma pessoa que tenha aproveitado sua luz com um prazer mais puro e intenso do que nós dois? Acho que não. Não é uma infidelidade comum que lamento: é a desunião de um inteiro que não tinha partes, é a falta de cuidado com que tirou o manto da escolha com o qual eu o envolvera e tornou-se apenas mais um entre tantos. Nem sonhe em mudar isso. O amor não é uma divindade justamente por ser imortal? Não parece santo

até para mim, porque esse amor foi justamente o templo de meu coração? Observei você enquanto dormia, cheguei a me desfazer em lágrimas enquanto a ideia tomava minha mente: a ideia de que tudo o que eu tinha estava contido naquela forma idolatrada, mas mortal, que se deitava ao meu lado. Mesmo então reprimi medos intensos com um único pensamento: eu não temeria a morte, porque as emoções que nos conectavam certamente eram imortais.

E ainda não temo a morte. Acharia ótimo se fechasse os olhos e nunca mais voltasse a abri-los. Ao mesmo tempo, temo-a acima de todas as coisas, pois em qualquer momento da existência que for conectado pela memória a este, a alegria não voltará. Mesmo no paraíso, sentirei que seu amor foi menos duradouro que os batimentos de meu frágil coração, cujas batidas prenunciam audivelmente:

*A nota funeral*

*Do amor, enterrado lá no fundo, sem ressurreição, diz:*

*Pobre de mim, pois não há ressurreição para o amor extinto!*

Mas ainda assim, eu o amo. Mesmo assim, e para sempre, farei tudo o que posso pelo seu bem. Por conta do mundo sempre pronto a falar sobre nós, e por minha — por nossa — filha, continuarei ao seu lado, Raymond. Compartilharei sua sorte, ouvirei seus conselhos. Mas deverá ser apenas isso, certo? Não somos mais amantes, e não me considero mais amiga de ninguém — perdida como estou, sou incapaz de pensar em qualquer outra pessoa além de meu próprio ser miserável. Mas será um prazer vê-lo todos os dias, ouvir os elogios que lhe fizerem, manter seu amor paternal por nossa menina, ouvir sua voz e saber que estou ao seu lado, por mais que não esteja mais ao meu.

Se desejar romper as correntes que nos conectam, diga, e assim será. Assumirei toda a culpa, toda a culpa da aspereza e da falta de gentileza, diante do mundo.

Ainda assim, como disse, ficarei feliz, pelo menos por enquanto, de viver sob o mesmo teto que você. Quando minha febril juventude passar, e quando os anos plácidos domarem o abutre que me devora, a amizade poderá surgir, tendo o amor e os sonhos morrido. Talvez isso seja verdade. Será que é possível que minha alma, indissociavelmente conectada a este corpo perecível, torne-se letárgica e gélida enquanto este mecanismo sensível perde toda a juventude e elasticidade? Se assim for, quando eu estiver com olhos baços, cabelos grisalhos e rosto enrugado, e embora as

palavras soem ocas e sem sentido, mesmo à beira de meu túmulo talvez eu possa ser sua afetuosa e verdadeira amiga,

## PERDITA

A resposta de Raymond foi breve. E o que ele poderia responder às reclamações e sofrimentos que ela zelosamente escondia, negando todas as possibilidades de resolução?

“Não obstante sua carta amarga”, escreveu ele, “pois é amarga o que a considero, você ainda é a pessoa que mais estimo, e é sua alegria que sempre considero. Faça o que achar melhor, e se puder tirar mais proveito de um dos modos de vida em detrimento do outro, não permita que eu seja obstáculo para assumí-lo. Prevejo que o plano que mencionou na carta não durará muito, mas você é sua própria senhora, e é meu desejo sincero contribuir com sua alegria o quanto você me permitir”.

— Raymond previu bem — disse Perdita. — Infelizmente! Nosso modo de vida atual não pode continuar por muito tempo, mas não serei eu a propor alterações. Ele me considera alguém que ele mesmo feriu até a morte, e não tenho esperanças de voltar a ter o carinho dele. Nenhuma mudança pode decorrer, nem mesmo de suas melhores intenções. Fico tão satisfeita com o amor que Raymond pode me oferecer agora quanto Cleópatra ao usar o ornamento com a solução que continha sua pérola dissolvida.

Admito que não vi a desgraça de Perdita com os mesmos olhos. Para mim, todas essas feridas podiam ser curadas. Se eles continuassem juntos, era isso que aconteceria. Mesmo assim, tentei acalmar e amansar sua mente, e foi só depois de muitas tentativas que percebi que era impossível. Perdita ouviu com impaciência o que eu tinha a dizer, e respondeu com alguma aspereza:

— Crê mesmo que qualquer um dos seus argumentos é novo para mim? Ou que meus próprios desejos ardentes e minha intensa angústia não os propuseram milhares de vezes, com muito mais ânsia e sutileza do que as suas? Lionel, você não é capaz de entender o amor de uma mulher. Em dias alegres, repeti com frequência a mim mesma, de coração grato e espírito exultante, tudo o que Raymond sacrificou por mim. Eu era uma montanhesa pobre, inculta e sem amigos, e fui erguida do nada por ele. Tudo o que tinha de luxo na vida veio dele. Ele me deu um nome ilustre e um estado de nobreza, o respeito do mundo refletido em sua glória. Tudo isso, junto ao próprio amor que sentia por mim, inspirou-me sentimentos que se equiparam aos que sentimos pelo Senhor. Dei-lhe apenas amor. Devotei-me a ele: por mais que fosse uma criatura imperfeita, esforcei-me para me

tornar digna dele. Tentei reprimir meu temperamento precipitado, subjugar minha ardente impaciência, amansar meus pensamentos de amor próprio, educar-me para alcançar a maior perfeição possível... tudo para que o fruto de meus esforços fosse a alegria dele. E eu não atribuía nenhum mérito disso a mim. Ele merecia tudo isso! Todo o esforço, toda a devoção, todo o sacrifício. Teria escalado a mais íngrime montanha dos Alpes para colher uma flor que o agradasse. Estava disposta a me afastar de todos vocês, meus amados e talentosos companheiros, para viver apenas com ele, apenas para ele. Não seria capaz de fazer o contrário, mesmo que quisesse. Era como se eu tivesse duas almas, e ele fosse a melhor das duas, e a outra fosse apenas eternamente escravizada a ela. Ele só me devia uma coisa: fidelidade. Eu a conquistei, eu a merecia. Só porque eu era cria das montanhas, sem nenhuma relação com a nobreza e a fortuna, ele pensava que poderia me pagar com um nome e uma posição vazios? Ele pode tê-los de volta, se quiser, porque sem amor eles não significam nada para mim. O único mérito em meus olhos é o que pertence a ele.

Foi assim que Perdita abriu seu coração. Quando perguntei por que não se separavam completamente, ela respondeu:

— Que assim seja! Um dia esse momento chegará. Eu sei e sinto isso, mas sou covarde. A companhia imperfeita dele, e mesmo a farsa de nossa união, são estranhamente caras a mim. É dolorido, eu sei. É destrutivo e impraticável. Mantém uma febre perpétua em minhas veias, aflige cada vez mais minha ferida incurável, instila veneno. Mesmo assim, apego-me a essa relação. Talvez isso me mate em breve, e na verdade estará me fazendo um favor.

Nesse meio-tempo, Raymond ficara com Adrian e Idris. Ele era naturalmente franco. O fato de que Perdita e eu estávamos nos demorando certamente foi notável, e Raymond enfim se libertou de uma contenção de meses e conversou com seus dois amigos. Contou a eles a situação em que encontrara Evadne. A princípio e em consideração a Adrian, não disse o nome dela, mas ele acabou escapando durante o curso da narrativa, e o antigo amante da mulher grega ouviu com aguda agitação a história de seu sofrimento. Idris compartilhava com Perdita o desagrado em relação a Evadne, mas o relato de Raymond a amaciou e atraiu seu interesse. A constância, a força e mesmo o amor infeliz e descontrolado da mulher despertavam admiração e pena — principalmente quando, pelos detalhes dos eventos do dia 19 de outubro, ficou claro que ela preferia o sofrimento e a morte a qualquer ato que, aos próprios olhos, fosse uma demonstração degradante de pena e apoio de seu amor. A subsequente atitude não diminuiu o interesse de Idris. A princípio, livre da fome e da morte, passara a esperar Raymond com a mais terna assiduidade. Com a tranquilidade peculiar a um estado de convalescência, Evadne acabou se entregando

à gratidão e ao amor arrebatadores. Porém, com a recuperação da saúde, voltou a razão. Ela o questionou quanto aos motivos que haviam causado a ausência súbita. Elaborou as perguntas com a característica sutileza grega, e tirou conclusões com a certeza e firmeza que lhe eram peculiares. Não podia saber que a cisão que causara entre Raymond e Perdita já era irreparável, mas sabia que, se continuassem daquela maneira, ela se alargaria dia após dia, e isso acabaria destruindo a felicidade do amado e faria as garras do remorso tomarem seu coração. Quando percebeu a maneira certa de proceder, assim o fez, e decidiu afastar-se de Raymond para sempre. Paixões conflituosas, um amor há muito acalentado e uma decepção autoinfligida fizeram com que ela considerasse uma morte solitária como refúgio suficiente para sua tristeza. Mas os mesmos sentimentos e as mesmas opiniões que antes a haviam contido agora agiam com força redobrada — ela sabia que a reflexão de que Raymond fora responsável por sua morte o perseguiria a vida toda, envenenando cada uma de suas alegrias e enevoando qualquer perspectiva. Além disso, embora a violência de sua angústia fizesse sua vida odiosa, ela ainda não fora acometida pela sensação monótona e letárgica de tristeza imutável que é a grande responsável pelo suicídio. Sua força de caráter a induzia a continuar combatendo as desgraças da vida. Mesmo aqueles que se contentavam com um amor desesperançoso eram não adversários a serem superados, mas sim vencedores a quem ela deveria se submeter. Além disso, tinha memórias de um terno passado com que se consolar: tinha sorrisos, palavras e até mesmo lágrimas com os quais se enganar. Estas, embora recordadas com abandono e dor, eram preferíveis ao esquecimento do túmulo. Era impossível vislumbrar por completo seu plano. Sua carta para Raymond não dava dicas que permitissem a descoberta; apenas garantia que não havia risco de que ela tentasse tirar a própria vida. Evadne prometia se preservar e, talvez no futuro, apresentar-se diante dele em um estado que não fosse tão indigno. E ela enfim se despedia dele, com a eloquência do desespero e do amor inalterável, uma última vez.

Tudo isso foi relatado para Adrian e Idris. Depois, Raymond lamentou o mal incurável que acometia sua situação com Perdita. Declarou que, não obstante sua rudeza — que ele ousava até chamar de indiferença —, ele ainda a amava. Já estivera disposto a, com a humildade de um penitente e a servidão de um vassalo, entregar-se a ela. Daria a própria alma para que ela a orientasse, tornando-se assim seu pupilo, seu escravo, seu fiador. Perdita rejeitara essas propostas. Dissera que o tempo para essa exuberante submissão, que devia se basear no amor e se nutrir dele, já havia passado. Independentemente disso, todos os desejos e esforços de Raymond eram direcionados à paz da esposa, e seu mais profundo desconforto decorria da percepção de que se esforçava em vão. Se ela continuasse inflexível na

linha de conduta que agora seguia, eles precisariam se separar. As interações e situações provocadas por esse modo de relacionamento sem sentido o deixavam louco. Mas ele não era capaz de propor a separação. Era assombrado pelo medo de causar a morte de qualquer uma das envolvidas na situação. Não conseguia se convencer a interferir de forma direta no curso dos eventos — tinha medo que, sem saber por onde corria, acabasse levando à ruína todos os atados à carruagem.

Depois de uma discussão sobre o assunto, que durou várias horas, ele se despediu dos amigos e voltou à cidade. Não quis se encontrar com Perdita na nossa frente, sabendo que estávamos todos cientes dos pensamentos prementes na mente de ambos. Perdita se preparou para segui-lo com a filha. Idris tentou persuadi-la a ficar. Minha pobre irmã olhou para a conselheira com temor nos olhos. Sabia que Raymond havia conversado com ela — será que recomendara que ela fizesse aquela proposta? Seria aquele o prelúdio de sua separação eterna? Como disse, os defeitos de minha irmã haviam despertado e adquirido vigor com seu comportamento pouco natural. Ela encarou com suspeita o convite de Idris. Abraçou-me como se estivesse prestes a perder também minha afeição: chamando-me de mais do que irmão, seu único amigo e sua última esperança, pediu-me pateticamente que não deixasse de amá-la. Por fim, tomada pela ansiedade, partiu para Londres, o cenário e a causa de toda sua miséria.

As cenas que se seguiram a convenceram de que ainda não tinha noção do abismo obscuro em que havia mergulhado. Sua tristeza assumia uma forma diferente a cada dia. Dia após dia, algum evento inesperado parecia tornar mais próximo — embora, na verdade, apenas impelisse para frente — o trem de calamidades que se abatia sobre ela.

A paixão preferida da alma de Raymond era a ambição. O talento, a capacidade de conquistar e comandar a disposição dos homens e o mais profundo desejo de distinção eram os gatilhos dessa ambição. Mas outros ingredientes se misturavam a esses, impedindo que ele tivesse o caráter calculista e determinado que formava um herói bem-sucedido. Era obstinado, mas não fime. Era benevolente quando tomava a iniciativa, mas bruto e imprudente quando provocado. Acima de tudo, ele não sentia remorso e não cedia quando buscava seu objeto de desejo, por mais rebelde que precisasse ser. O amor pelo prazer e as mais delicadas sensibilidades de nossa natureza eram parte proeminente de seu caráter, aspectos que conquistavam o conquistador. Eram esses aspectos que o continham em momentos de conquista — rasgavam a teia da ambição e o faziam esquecer o preço que pagaria por semanas, em troca tão somente de um momento de indulgência do objeto momentâneo de seus desejos. Foi por esses impulsos que se tornara esposo de Perdita. Igualmente encorajado por eles, descobrira-se amante de Evadne. E, assim, acabara perdendo as



duas. Não possuía nem a enobrecedora autocongratulação inspirada pela lealdade para consolá-lo, nem o voluptuoso sentimento de abandono de uma paixão proibida e inebriante. Seu coração estava exausto com os eventos recentes. Seu prazer pela vida fora destruído pelo ressentimento de Perdita e pela fuga de Evadne. Além disso, a inflexibilidade da primeira selara a aniquilação de seus sonhos. Contanto que a separação continuasse secreta, ele acalentaria a expectativa de reacender dentro dela sua ternura anterior. Agora que estávamos todos cientes dos acontecimentos e que Perdita, ao informar sua decisão a outras pessoas, de certa maneira se comprometera a cumpri-la, passou a considerar fútil a ideia de reatarmos. A única coisa que queria, já que era incapaz de convencê-la a mudar, era reconciliar a si mesmo com a situação atual. Fez um voto de não se associar mais ao amor e ao trem de sofrimento, decepção e remorso que este trazia. Passou a buscar apenas prazeres sensuais, um remédio para as nocivas trilhas da paixão.

E degradação do caráter é, sem dúvida, o que se segue quando isso acontece. A consequência não seria imediatamente notável, porém, se Raymond continuasse a se aplicar à execução de seus planos em benefício público e não deixasse de cumprir seus deveres como lorde protetor. Mas, extremo em todas as coisas e amante de paixões imediatas, entrou com ardor nessa nova busca por prazer, dando continuidade às incongruentes intimidades ocasionadas por ela sem pensar nas consequências. O salão do conselho ficou deserto. As multidões que o seguiam, interessadas em seus vários projetos, passaram a ser negligenciadas. Festas, e até mesmo a libertinagem, passaram a ser comuns.

Perdita assistiu com temor à desordem crescente. A princípio achou que poderia barrar o fluxo, e que Raymond poderia ser induzido a dar ouvidos à razão. Vã esperança! O tempo em que ela o influenciava havia passado. Ele ouvia com arrogância, respondia com desprezo. A única coisa que ela conseguiu, se é que conseguiu algo, foi fazê-lo procurar um opiáceo para as dores causadas por sua rebeldia distraída. Com a energia que lhe era natural, Perdita então começou a ocupar o lugar do esposo. A aparente união dos dois permitia que assim fosse — mas, no fim, nenhuma mulher podia suprir a negligência crescente do lorde protetor. Este, como se tomado por surtos de insanidade, passava por cima de qualquer cerimônia, ordem e dever, entregando-se às folgas.

Relatos desses estranhos comportamentos chegaram aos nossos ouvidos, e não sabíamos qual método adotar para tentar restaurar nosso amigo e nossa pátria quando Perdita subitamente foi nos visitar. Ela detalhou o progresso da lamentável mudança e pediu que Adrian e eu fôssemos a Londres para tentar remediar o mal crescente.

— Digam a ele — exclamou. — Digam ao lorde Raymond que minha presença não mais o incomodará. Que ele não precisa mergulhar nesse processo destrutivo apenas para me magoar e me fazer fugir. Esse propósito já foi alcançado, e ele nunca mais me verá, mas peçam que me permita fazer um último esforço para que os elogios de seus conterrâneos e a prosperidade da Inglaterra continuem justificando a escolha da minha juventude.

Durante nossa viagem à cidade, Adrian e eu discutimos e conversamos sobre a conduta de Raymond e sobre o declínio de sua excelência, que antes era motivo de nossa admiração. Meu amigo e eu havíamos sido educados em uma mesma escola — ou melhor, eu era seu pupilo — que defendia que a aderência irrestrita aos princípios era o único caminho para a honra. A observação incessante das leis de utilidade geral devia ser o único objetivo consciente da ambição humana. Porém, embora ambos concordássemos com isso, diferíamos no modo como o conceito devia ser aplicado. Além disso, o ressentimento tornava minha censura mais pungente, e eu reprovava o comportamento de Raymond de forma severa. Já Adrian era mais benevolente, mais razoável. Ele admitia que os princípios que eu listava eram os melhores, mas não concordava que fossem os únicos. Citando o versículo que dizia que na casa de meu Pai há muitas moradas, ele insistia que os meios de ser bom ou ótimo variavam tanto quanto variavam as naturezas do homem. De todas as folhas da floresta, não havia duas iguais.

Chegamos em Londres perto das onze da noite. Como imaginávamos, apesar do que tínhamos ouvido, que encontraríamos Raymond na capela de Santo Estevão, foi para lá que fomos correndo. A Câmara estava cheia, mas o lorde protetor não estava presente. Havia um descontentamento austero expresso no semblante dos líderes, e um burburinho que não era menos agourento. Fomos o mais rápido possível para o Palácio do Protetorado. Encontramos Raymond na sala de jantar com seis outras pessoas. A garrafa era passada de mão em mão alegremente, e já causara um considerável estrago na sobriedade de um ou outro presente. O homem sentado ao lado de Raymond contava uma história que fazia com que os demais se contorcessem aos risos.

Raymond estava entre eles. Embora tivesse entrado no espírito da situação, sua dignidade natural parecia não o ter deixado. Estava alegre, brincalhão e fascinante — mesmo seus mais intensos gracejos pareciam não ultrapassar o limite de sua modéstia natural ou do respeito por si mesmo. Mas admito que, considerando a função que Raymond assumira de ser lorde protetor da Inglaterra e as coisas que estavam sob seus cuidados, eu fiquei extremamente incomodado em ver os inúteis companheiros com quem ele desperdiçava o tempo. O ânimo jovial, senão embriagado, parecia prestes a privá-lo da melhor versão de si. Fiquei ali assistindo à

cena enquanto Adrian esvoaçava ao redor deles como uma sombra. Com palavras e olhares de sobriedade, tentou restaurar a ordem no local. Raymond pareceu encantado em vê-lo, e declarou que o amigo deveria se juntar a eles na festa daquela noite.

A atitude de Adrian me despertou. Fiquei indignado com a ideia de nos sentarmos à mesa com os companheiros de Raymond — homens de caráter corrompido, ou ainda sem caráter nenhum, que eram o refugio da luxúria de alta estirpe, a desgraça do país.

— Deixe-me implorar a Adrian — exclamei — que não aceite essa oferta. Junte-se a mim na tentativa de tirar lorde Raymond dessa situação e permitir que ele volte a andar em boa companhia.

— Meu bom amigo — disse Raymond. — Esta não é a hora nem o lugar para uma lição de moral. Acredite: esta diversão e este tipo de companhia não são tão ruins quanto imagina. Não somos hipócritas ou tolos. “Pensas que, porque é virtuoso, não deverá haver mais manjares e bebidas?”

Virei-me, irritado.

— Verney — disse Adrian —, não seja cínico. Sente-se. Ou não, pois não é um visitante frequente, e nesse caso creio que lorde Raymond irá atendê-lo e nos acompanhará, como concordamos previamente, ao Parlamento.

Raymond o olhou de forma ardente. Era possível ver a benevolência em sua expressão gentil. Ele se virou para mim, encarando com escárnio meu comportamento mal-humorado e áspero.

— Venha — disse Adrian. — Fiz uma promessa a você, então permita que mantenha minha palavra. Venha conosco.

Raymond gesticulou, incomodado, e respondeu de forma lacônica:

— Não irei!

Nesse meio-tempo, a festa havia acabado. Os companheiros de Raymond saíram observando as pinturas, perambulando por outros cômodos e discutindo bilhar, e um a um foram se retirando. Raymond começou a caminhar irritado pelo salão. Preparei-me para ouvir e responder às repreensões. Adrian se apoiou em uma das paredes.

— Isso é infinitamente ridículo — exclamou ele. — Até garotos em idade escolar se comportariam melhor do que vocês.

— Vocês não entendem — disse Raymond. — Isso é apenas parte de um sistema, um esquema de tirania ao qual nunca me submeterei. Só porque sou lorde protetor da Inglaterra preciso ser escravo deste império? Devo ter minha privacidade invadida, minhas ações censuradas e meus amigos insultados? Pois irei me livrar disso tudo de uma vez. Testemunhem — disse. Tirou do peito a insígnia

estrelada, sinal de seu cargo, e a jogou na mesa. — Renuncio a meu cargo e abduco de meu poder. Que o assumam quem bem entender!

— Isso, deixe que outro assumam o cargo — exclamou Adrian. — Alguém que se proclame, ou que seja proclamado pelo mundo, seu superior. Não existe na Inglaterra um homem com tamanha presunção. Volte a si, Raymond, e sua indignação terá fim e sua complacência voltará. Alguns meses atrás, sempre que orávamos pela prosperidade de nosso país e de nós mesmos, ao mesmo tempo orávamos pela vida e pelo bem-estar do lorde protetor, de tão indissociáveis que eram as duas coisas. Seu tempo era devotado a nosso benefício, sua ambição era obter nossa admiração. Você decorou nossas cidades com edifícios, concedeu-nos estabelecimentos úteis, dotou o solo de abundante fertilidade. Os poderosos e os injustos se acovardaram diante do assento elevado de seu julgamento, e os pobres e oprimidos renasceram como flores matinais despertadas sob o sol de sua proteção.

“Não consegue entender como ficamos horrorizados e lamentosos quando tudo isso pareceu mudar? Mas vamos, esse surto escandaloso já passou. Volte às suas funções. Seus partidários irão saudá-lo, seus inimigos serão silenciados, e seu amor, sua honra e seu dever voltarão a ser enaltecidos. Controle-se, Raymond, e o mundo se ajoelhará aos seus pés.”

— Tudo isso faria sentido se fosse direcionado a outra pessoa — respondeu Raymond, irritado. — Assimile a lição você mesmo e, como homem mais nobre da nação, torne-se seu soberano. Vocês, os bons, sábios e justos, é que devem dominar todos os corações. Percebi, cedo demais para minha alegria, mas tarde demais para o bem da Inglaterra, que assumi uma missão para a qual não sou adequado. Não posso me controlar. Minhas paixões são minhas senhoras, mesmo o menor impulso é meu tirano. Acham que renunciei ao cargo de lorde protetor, como de fato o fiz, em um acesso de insanidade? Juro por Deus que nunca mais colocarei essa bijuteria no peito. Nunca mais assumirei o fardo do cuidado e da tristeza que esse objeto simboliza.

“Já quis ser rei, mas isso foi no auge da juventude, no auge do orgulho e da insensatez infantil. Voltei a mim quando renunciei ao cargo. E renunciei ao cargo para recuperar, a todo custo, o que tinha perdido. Por muitos meses submeti-me a esta majestade falha, a este gracejo solene. Não serei mais um brinquedo. Serei livre.

“Perdi o que adornava e trazia dignidade à minha vida. A coisa que me ligava aos outros homens. Mas voltei a ser um homem solitário. Voltarei a ser, como em minha juventude, um andarilho e soldado da sorte. Meus amigos — pois sinto que ainda é meu amigo, Verney —, peço que não tentem mudar minha decisão. Perdita, apegada à imaginação, sem nem pensar no que há por trás do véu, cuja representação da realidade é falsa e vil, renunciou a mim. Com ela, era bom atuar

como parte da realeza. Assim como, no recanto de sua amada floresta, atuávamos, fingindo que éramos pastores árcades para aproveitar o momento. Assumi feliz, mais por Perdita do que por mim, o papel de um dos mais importantes homens da terra. Assumi o papel de orientá-la pelos bastidores da grandeza, de mudar sua vida com um breve ato de magnificência e poder. Isso era apenas um detalhe: o amor e a confiança eram a substância de nossa existência. Mas devemos viver, e não atuar, ao longo de nossas vidas. Perseguindo sombras, perdi minha realidade, e agora renuncio a ambos.

“Adrian, estou prestes a voltar para a Grécia e voltar a ser um soldado, talvez um conquistador. Pode me acompanhar? Contemplar comigo novos cenários, ver novas pessoas, testemunhar a poderosa disputa que há entre a civilização e a barbárie? Venha comigo, e talvez comande uma população jovem e vigorosa na direção da liberdade e da ordem. Venha comigo. Há muito espero você. Esperei por este momento, e tudo está preparado. Quer me acompanhar?”

— Sim — respondeu Adrian. — Imediatamente?

— Amanhã, se assim desejar.

— Reflita bem! — exclamei para ele.

— Por quê? — perguntou Raymond. — Meu caro companheiro, não fiz nada além de refletir sobre esse movimento ao longo desse verão longo como uma vida. Tenha certeza de que Adrian também condensou uma era de reflexões neste único momento. Não fale sobre reflexões, pois agora mesmo renuncio a essa ideia. Este é meu primeiro momento de alegria em um grande intervalo de tempo. Preciso ir, Lionel. Os deuses querem que eu vá, então irei. Não tente me privar de meu companheiro, o amigo dos proscritos.

“E mais um comentário sobre a indelicada e injusta Perdita! Por um tempo, achei que, dando a ela espaço e cuidando das cinzas ainda quentes, seria capaz de reacender as chamas do amor. No entanto, dentro dela está mais frio do que uma fogueira abandonada por ciganos no inverno, com as cinzas apagadas cobertas por uma pirâmide de gelo. Portanto, tentando fazer o mal da minha própria maneira, tornei tudo pior do que estava antes. Ainda assim, acho que tempo, e até mesmo distância, podem fazê-la voltar para mim. Lembrem-se: ainda a amo, e minha mais profunda esperança é que ela volte a ser minha. Sei, embora ela não o saiba, como é falso o véu que ela estendeu diante da realidade. Não tentem derrubar essa cobertura enganadora, e sim a removam pouco a pouco. Deem a ela um espelho no qual ela possa se conhecer. Depois, quando tiver sido bem-sucedida nessa ciência dura, mas necessária, ela talvez entenda o erro que está cometendo e venha correndo devolver a mim o que é meu por direito: seu perdão, seus mais ternos pensamentos e seu amor.”

## XI

Depois desses eventos, demorou para que recuperássemos algum nível de compostura. Uma tempestade moral naufragara nossa embarcação já fortemente abatida, e nós, membros sobreviventes da tripulação, ficamos consternados com as perdas e mudanças que havíamos sofrido. Idris amava o irmão de forma apaixonada, e não suportaria uma ausência cuja duração seria incerta. A companhia dele era cara e necessária a mim — sob orientação e com a ajuda de Adrian, eu cumpria com prazer minha rotina literária. Além disso, sua filosofia branda, razão certa e amizade entusiasmada o tornavam o melhor ingrediente de nosso grupo, o espírito exaltado entre nós. Mesmo as crianças lamentavam amargamente a perda do carinhoso amigo de brincadeiras. Uma dor profunda passou a oprimir Perdita. Apesar do ressentimento, ela passava dia e noite tentando imaginar os fardos e perigos que os viajantes precisavam encarar. Raymond — ausente, lutando contra dificuldades, sem o poder e status de lorde protetor e exposto aos perigos da guerra — tornou-se um objeto de interesse ansioso. Não que ela sentisse nenhuma vontade de pedir que ele voltasse, se isso implicasse em voltar ao relacionamento anterior. Esse retorno parecia impossível a ela. Embora acreditasse nisso, e com angústia se arrependesse de que as coisas tivessem de ser daquele jeito, ela continuava irritada e impaciente com ele, causador de sua miséria. Essas perplexidades e esses arrependimentos faziam com que ela banhasse o travesseiro em lágrimas noturnas e acabasse reduzida em corpo e mente a uma mera sombra do que antes havia sido. Queria ficar só, e nos evitava quando, com alegria e afeição irrestrita, juntávamo-nos em um círculo familiar. Reflexões solitárias, peregrinações intermináveis e música solene eram seus únicos passatempos. Ela passou a negligenciar até mesmo a filha. Fechou o coração a qualquer ternura e ficou reservada até em relação a mim, seu primeiro e mais caro amigo.

Era impossível vê-la perdida dessa forma sem sentir a motivação de remediar o mal — mal este que eu sabia ser irremediável caso, no fim, eu não fosse capaz de fazê-la se reconciliar com Raymond. Antes da partida dele, usei todos os

argumentos possíveis, todo tipo de persuasão que pudesse induzi-la a impedir a jornada do esposo. Ela respondeu com uma torrente de lágrimas, dizendo que, para ser persuadida, a vida e todas as coisas boas dela decorrentes seriam um preço baixo. Não era a vontade, mas sim a capacidade, que lhe faltava. Mais de uma vez declarou que seria mais fácil acorrentar as ondas do mar ou pôr rédeas nos fluxos invisíveis do vento do que fazê-la encarar a mentira como verdade, a decepção como honestidade e uma união sem sentimentos como um amor sincero e confiante. Ela respondeu minha argumentação de forma breve, declarando com desdém que estava certa e que eu só a persuadiria no dia que os velhos ficassem mais jovens e que as coisas que já aconteceram pudessem ser apagadas. Caso contrário, era inútil garantir que o destino dela não tivesse sido mudado para sempre. Assim, ela sofreu com orgulho austero ao vê-lo partir, embora cada fibra de seu coração rangesse com o ato que tirava dela tudo o que dava valor à vida.

Para mudar os ares para ela — e até mesmo para nós, todos tomados pelas nuvens escuras que se abatiam —, persuadei minhas duas companheiras remanescentes de que ficaríamos melhor se nos afastássemos de Windsor por um tempo. Visitamos o norte da Inglaterra, minha nativa Ulswater, e adentramos cenários que me eram caros por uma série de motivos. Estendemos nossa viagem até a Escócia, onde pudemos ver os lagos Katrine e Lomond. Dali, atravessamos para a Irlanda e passamos várias semanas na região de Killarney. A mudança de ares funcionou como eu imaginava: depois de um ano de afastamento, Perdita voltou a Windsor com um humor mais gentil e dócil. Mas a primeira visão do lugar depois de tanto tempo a deixou transtornada. Cada ponto continha lembranças que agora eram cada vez mais amargas. As clareiras na floresta, os vales cheios de samambaias, os planaltos gramados, os campos cultivados e felizes espalhados ao longo do curso prateado do ancestral Tâmis — cada parcela da terra, do ar e das ondas contribuía para o coral de uma voz inspirada pela memória, inundada por um arrependimento melancólico.

Mas minha disposição de fazê-la ter uma visão mais sã da própria situação não acabava ali. Perdita ainda era consideravelmente sem instrução. Quando deixara a vida de camponesa e passara a viver com a elegante e culta Evadne, a única habilidade que desenvolvera à perfeição fora a da pintura, para a qual ela tinha um dom que quase a tornava genial. Essa atividade a ocupara em seu chalé solitário depois de deixar a proteção da amiga grega. Na época de nossa volta a Windsor, porém, seu cavalete e sua paleta estavam abandonados. Quando tentava pintar, remoendo memórias que a faziam tremer, seus olhos se enchiam de lágrimas. E assim ela desistiu de quase todas as outras coisas. Como resultado, sua mente consumiu a si mesma quase à loucura.

De minha parte, como Adrian me tirara da selvageria e me apresentara a seu próprio paraíso de ordem e beleza, eu me apegara à literatura. Estava convencido de que, independentemente de como fora antes, naquele estágio do mundo nenhuma faculdade humana poderia ser desenvolvida e nenhuma moral humana poderia se tornar grande e liberal o bastante sem o extensivo relacionamento com os livros. Para mim, eles faziam as vezes de uma carreira ativa, assim como de fonte de ambição e daquela empolgação necessária ao povo. A reunião de opiniões filosóficas, o estudo de fatos históricos e o aprendizado de idiomas tornaram-se de imediato não só minha fonte de recreação como também o objetivo mais sério de minha vida. Virei eu mesmo autor. Minhas obras, no entanto, eram suficientemente despretensiosas. Consistiam apenas em biografias de personagens históricas, principalmente daquelas que eu acreditava terem tido a história deturpada ou das que eram cercadas de obscuridade e dúvidas.

Conforme meus escritos aumentavam, adquiri novos interesses e prazeres. Encontrei outra conexão valiosa com meus companheiros: meu ponto de vista se expandiu, e as inclinações e capacidades dos seres humanos passaram a me interessar profundamente. Reis eram chamados de pais do povo. De súbito, eu me sentia o pai de toda a humanidade. A posteridade se transformou em minha herdeira. Meus pensamentos eram como pedras preciosas que enriqueciam o tesouro formado pelas posses intelectuais da humanidade. Cada sentimento era um presente precioso que eu concedia a ela. E que essas ambições não sejam atribuídas à vaidade. Elas não eram expressas em palavras nem mesmo reduzidas a uma forma na minha própria mente, mas preenchiam minha alma, exaltavam meus pensamentos, faziam surgir um brilho de entusiasmo e me afastavam do caminho obscuro pelo qual vinha caminhando para me levar na direção da estrada plenamente iluminada da humanidade. Nesse processo, fazia com que eu, cidadão do mundo, fosse um candidato às honras imortais, um ávido aspirante aos elogios e à simpatia de meus iguais.

Certamente, ninguém jamais desfrutara dos prazeres da composição de forma tão intensa quanto eu. Quando deixava a floresta, a música solene tocada por seus galhos oscilantes e o majestoso tempo da natureza, eu procurava pelos vastos salões do castelo e olhava para a ampla e fértil Inglaterra, que se estendia diante de nosso monte régio, enquanto ouvia peças inspiradoras de música. Nessas ocasiões, as harmonias solenes ou as árias que agitavam o espírito davam asas aos meus pensamentos tardios. Permitiam que, pensava eu, eles penetrassem na mais profunda camada da natureza e de Deus, apresentando a mais grandiosa beleza em uma expressão visível do entendimento da humanidade. Conforme a música fluía, minhas ideias pareciam deixar sua habitação mortal. Agitavam as asas e começavam



a voar, planando na plácida corrente do pensamento, preenchendo a criação com uma nova glória e elevando imagens sublimes que, de outra forma, permaneceriam para sempre adormecidas e sem voz. Então eu corria até minha escrivaninha, tecia a trama mental recém-encontrada em uma textura firme de cores brilhantes e deixava o ajuste do material para um momento mais calmo.

Mas este relato, que poderia muito bem ser tanto de épocas anteriores de minha vida quanto daquele momento em que voltávamos a Windsor, é uma divagação. Era o prazer que eu tinha na literatura, a disciplina da mente que descobri surgir dela, que me fez ansiar por estimular Perdita a tomar o mesmo caminho. Comecei com leituras leves e gentis como isca. Primeiro, tentei estimular sua curiosidade, e depois satisfazê-la de forma que minha irmã, ao mesmo tempo que esquecesse suas tristezas com a ocupação, descobrisse nas horas após a leitura uma reação de benevolência e tolerância.

A atividade intelectual, mesmo que não direcionada aos livros, sempre fora a característica de minha irmã. Ela se expressara cedo na vida de Perdita. Fora responsável pelas reflexões solitárias em meio a nossas nativas montanhas, por fazer com que ela conectasse de inúmeras formas os objetos comuns e pelo fortalecendo de suas percepções, além de pela agilidade com que essas percepções se organizavam. Mas o amor viera, como o cajado do mestre-profeta, e engolira todas as inclinações menores. O amor duplicara todas as suas excelências e colocara um diadema sobre sua genialidade. Será que Perdita precisava deixar de amar? Seria mais fácil tirar a cor e o aroma da rosa e transformar o doce fluido nutritivo do leite materno em veneno do que fazer Perdita se afastar do amor. Ela sofria a perda de Raymond com uma angústia que tirava todos os sorrisos de seus lábios e cavava linhas tristes em seu belo cenho. Mas cada dia parecia modificar a natureza de seu sofrimento, e cada hora a forçava a trocar — se é que posso dizer assim — o estilo do traje de sua lamentosa alma. Por um tempo, a música foi capaz de satisfazer os anseios de sua fome mental. Seus pensamentos melancólicos se renovavam a cada acorde e mudavam com cada variação da melodia. Minha tutoria depois a impeliu na direção dos livros. Se a música era o alimento de seu sofrimento, as obras dos sábios se tornaram o remédio para ele. O aprendizado de línguas desconhecidas era uma ocupação tediosa demais para alguém que buscava cada expressão do universo que havia nelas, e não simplesmente lia para, como muitos, passar o tempo, mas Perdita ainda questionava a si mesma e os autores, moldando cada ideia em milhares de formas, desejando ardentemente a descoberta da verdade em cada sentença. Ela queria aumentar o próprio entendimento. De forma mecânica, seu coração e sua disposição se tornaram suaves e gentis sob essa benigna disciplina. Depois de certo tempo, ela descobriu que, em meio ao conhecimento recém-

adquirido, seu próprio caráter — que antes ela achava que entendia completamente — tornou-se a mais importante das *terrae incognitae*, ermos inóspitos de um território que ainda não fora mapeado. De maneira errante e peculiar, ela se dedicou à tarefa de examinar a si mesma com olhos condenatórios. Depois, passou a perceber as próprias excelências e a equilibrar com balanças justas o que tinha de bom e de ruim. Eu, que mais do que tudo queria restaurar a alegria que ainda havia em seu poder, passei a assistir com ansiedade aos resultados dessas análises internas.

Mas o ser humano é um animal estranho. Não é possível calcular sua força como se faz com um motor: o impulso de uma força de quarenta cavalos de potência pode parecer suficiente, mas, a despeito de qualquer cálculo, acabar não causando movimento algum. Nem a dor, nem a filosofia e nem mesmo o amor puderam fazer Perdita pensar com brandura nos delitos de Raymond. Ela passou a encontrar alegria na minha companhia, e em relação a Idris sentia e demonstrava uma afetuosa gratidão, mas era à filha que direcionava de forma abundante sua ternura e seu carinho. Mas eu era capaz de identificar, entre suas reflexões, sentimentos profundos em relação a Raymond. Identificava ainda um sentimento incessante de ofensa que minava todas as minhas esperanças, mesmo quando eu parecia estar prestes a convencê-la. Dentre outras restrições dolorosas, ela estabeleceu como regra que jamais mencionaríamos o nome de Raymond em sua presença. Negava-se a ler qualquer correspondência que vinha da Grécia. Pedia a mim que mencionasse apenas quando as cartas chegavam e que contasse a ela se os viajantes estavam bem. Era curioso notar que até mesmo a pequena Clara obedecia a essa regra. A encantadora menina tinha perto de oito anos nessa época. Costumava ser uma criança alegre — imaginativa, mas feliz e pueril. Depois da partida do pai, porém, a reflexão passou a marcar seu jovem semblante. Crianças, ainda inaptas em termos de linguagem, raramente encontram palavras para expressar seus pensamentos, e não costumam dizer como os eventos se registraram em sua mente. Mas ela certamente fazia observações profundas enquanto percebia em silêncio as mudanças que se desdobravam ao seu redor. Nunca mencionava o pai a Perdita, e parecia meio temerosa quando falava dele para mim. Eu tentava fazê-la mudar de assunto e dissipar a melancolia que pairava sobre as ideias que diziam respeito a ele, mas nunca era bem-sucedido. Mesmo assim, sempre que o correio internacional passava, ela ansiava por cartas dele. Reconhecia o carimbo postal e ficava me assistindo ler as missivas. Não raro, eu a encontrava bisbilhotando os artigos sobre informações da Grécia nos jornais.

Não há visão mais dolorosa do que a preocupação extrema no rosto de uma criança, e isso é ainda mais notável naquelas cujo comportamento anterior foi alegre. Ainda assim, havia tanta doçura e docilidade em Clara que ela era capaz de

despertar a admiração de qualquer pessoa. Se o estado de espírito das pessoas fosse calculado para pintar o rosto com beleza e dotar os movimentos de graça, certamente as contemplações da menina eram celestiais: cada traço era moldado com amor, cada gesto era mais harmonioso do que os saltos dos cervos em suas florestas nativas. Eu às vezes conversava com Perdita sobre a reserva da menina. Ela rejeitava meus conselhos, porém, embora a sensibilidade da criança despertasse nela uma ternura ainda mais apaixonada.

Depois de mais de um ano, Adrian voltou da Grécia.

Quando nossos exilados chegaram à Grécia, havia uma trégua entre os turcos e os gregos — uma trégua que era apenas como o cochilo de alguém, sinal de que haveria atividade renovada ao acordar. Com os numerosos soldados da Ásia e com todas as construções militares, navios e máquinas de guerra que a fortuna e o poder eram capazes de proporcionar, os turcos decidiram esmagar de uma vez o inimigo que, pouco a pouco e a partir da base na Moreia, conquistara a Trácia e a Macedônia, levando seus exércitos até os portões de Constantinopla enquanto suas extensivas relações comerciais faziam com que cada nação europeia tivesse interesse em sua vitória. A Grécia se preparou para uma resistência vigorosa. A nação pediu que cada homem e cada mulher sacrificasse seus bens mais caros, que entregasse os filhos para a guerra e que os conclamasse a conquistar ou morrer segundo o espírito da mãe Esparta. Os talentos e a coragem de Raymond eram muito estimados entre os gregos. Como esses talentos haviam nascido em Atenas, a cidade o reclamara para si, dando a ele o comando de sua peculiar divisão do exército. Assim, o comandante-chefe passou a possuir poder superior. Ele foi considerado um de seus habitantes, e seu nome foi adicionado à lista de heróis gregos. Seu julgamento, sua atividade e sua coragem consumada justificavam a decisão. E o conde de Windsor se tornou voluntário sob comando do amigo.

— É fácil — começou Adrian — falar sobre a guerra sob um ponto de vista positivo e gastar energia de forma desnecessária em um espetáculo comemorativo quando muitos de nossos companheiros estão sofrendo ao deixar os doces ares de sua terra natal. Que ninguém suspeite que sou contrário à causa grega: sei e sinto que isso é necessário, e que está acima de qualquer outra boa causa. Defendo-a com minha espada, e estaria disposto a entregar meu espírito em defesa dela. A liberdade vale mais do que a vida, e os gregos fazem muito bem em defender esse privilégio, mesmo que às custas da morte. Mas não vamos nos enganar. Os turcos são seres humanos: cada fibra, cada membro deles sofre como os nossos. Cada espasmo, seja do corpo ou da mente, é sentido no coração e no cérebro de um turco assim como nos de um grego. A última ação em que estive presente foi na tomada de xxx. Os turcos resistiram até o final, a guarnição inimiga pereceu diante dos baluartes, e

entramos de assalto. Cada criatura dentro das muralhas foi massacrada. Pensa que, em meio aos gritos de inocência violada e infantes indefesos, não senti em cada nervo a dor de uma criatura como eu? Eram homens e mulheres antes de muçulmanos, e, quando se erguerem despidos de seus túmulos, em que medida seus bons e maus atos serão melhores ou piores do que os nossos? Vi dois soldados disputando uma garota cujo vestido valioso e extrema beleza excitavam os desejos dos infelizes. Eles, que talvez fossem homens bons na presença da própria família, foram transformados pela fúria do momento em demônios encarnados. Um velho de barba grisalha, decrépito e careca, que talvez fosse o avô dela, se interpôs para salvá-la. O machado de batalha de um dos homens rachou seu crânio. Corri em defesa da garota, mas o ódio os tornara cegos e surdos. Não distinguiram meus trajes cristãos nem deram atenção às minhas palavras. Palavras, naquele instante, eram como armas sem fio, pois enquanto a guerra bradasse “caos” e os assassinatos a ecoassem de forma apropriada, como podia eu “interromper o fluxo das maldades, impedindo o mal com a abordagem suave da eloquência apaziguante”?

“Um dos homens, irritado com minha interferência, atingiu meu flanco com a baioneta, e eu caí inconsciente.

“O ferimento provavelmente encurtará minha vida, tendo afetado um corpo já frágil, mas fico contente em morrer. Aprendi na Grécia que cada homem tem pouca importância enquanto houver corpos humanos para continuar assumindo seu lugar nas fileiras minguentes dos exércitos. Aprendi ainda que a identidade de cada um pode ser ignorada, de modo que apenas o número total importe. Tudo isso teve um efeito diferente em Raymond. Ele é capaz de contemplar o ideal da guerra, já eu sou sensível apenas a sua realidade. Ele é um soldado, um general que pode influenciar os cães de guerra sedentos por sangue, enquanto eu tento resistir em vão a suas propensões. A causa é simples. Burke já disse que ‘todos aqueles bons em comandar devem ser também consideravelmente bons em obedecer’. Como não simpatizo com os sonhos dos demais por massacre e glória, sou incapaz de obedecer. Porém, obedecer e liderar em uma carreira dessas é a inclinação natural da mente de Raymond. Ele sempre tem sucesso, joga limpo e, ao mesmo tempo que adquire um nome e uma posição de liderança para si, garante liberdade — e provavelmente uma expansão de território — aos gregos.”

A mente de Perdita não foi tranquilizada pelo relato. “Ele”, pensou ela, “pode ser grandioso e feliz sem mim. Quem dera eu também tivesse uma carreira! Quem dera eu pudesse entrar em uma nova canoa cheia de esperanças, energias e desejos, atirá-la nos oceanos da vida e mirar em um ponto com a ambição e o prazer dos timoneiros! Mas ventos desfavoráveis me detêm na costa. Assim como Ulisses, sento-me à beira da água e choro. Mas minhas mãos paralisadas são incapazes de

derrubar as árvores, e mais ainda de transformá-las em canoa”. Sob a influência desses pensamentos melancólicos, ela se apaixonou pelo sofrimento. De qualquer forma, a presença de Adrian ajudou. Ele removeu imediatamente a lei do silêncio sobre Raymond. No começo, ela se assustava com o nome não mais habitual, mas logo se acostumou a ele e ao fato de amá-lo, e passou a ouvir com avidez os relatos das conquistas do esposo. Clara também se livrou das restrições da mãe. Adrian e ela se davam bem desde sempre, e agora, enquanto caminhavam ou cavalgavam juntos, ele cedia às mais carinhosas súplicas da menina e repetia, pela centésima vez, alguma história sobre a braveza, generosidade ou justiça de seu pai.

Nesse meio-tempo, cada embarcação que chegava à Inglaterra trazia boas novas empolgantes da Grécia. A presença de um amigo nosso no exército e nos conselhos do país fazia com que buscássemos detalhes com entusiasmo. Eventualmente, uma ou outra carta de Raymond nos dizia como estava absorto pelos interesses do país que adotara para si. Os gregos eram firmemente apegados a seus objetivos comerciais, e teriam ficado satisfeitos com o que já tinham se os turcos não os tivessem provocado com sua invasão. Os patriotas saíram vitoriosos, um espírito de conquista foi instilado, e eles já consideravam Constantinopla como deles. Raymond foi crescendo cada vez mais na estima do país, mas havia um homem acima dele no comando dos exércitos. Ele era notável por sua conduta e pela estratégia usada na batalha das planícies da Trácia, às margens do rio Evros, em que se decidiria o destino do Islã. Os muçulmanos foram derrotados e totalmente expulsos do território a oeste do rio. A batalha foi sanguinária, e a derrota dos turcos aparentemente irreparável. Os gregos, porém, ao perderem um homem, esqueceram-se da multidão espalhada pelo campo sangrento e deixaram de considerar aquela uma vitória, pois havia custado alguém: Raymond.

Na batalha de Makri, ele comandara a cavalaria e perseguira os fugitivos até o leito do Evros. Seu cavalo preferido foi encontrado pastando às margens do rio tranquilo. Ninguém sabia se ele havia morrido e se misturado aos desconhecidos, mas não encontraram nenhum ornamento quebrado ou traje ensanguentado que pudesse indicar seu destino. Havia a suspeita de que os turcos, ao descobrirem estar em posse de um prisioneiro tão ilustre, tivessem decidido satisfazer a crueldade em vez da avaréza. Com medo de represálias por parte da Inglaterra, teriam decidido esconder para sempre o assassinato do soldado que mais haviam odiado e temido nos esquadrões inimigos.

Raymond não tinha sido esquecido na Inglaterra. Sua abdicação do cargo de lorde protetor fora algo sem precedentes, e quando seu governo magnífico e varonil passou a ser contrastado com a visão limitada dos políticos que o sucederam, o povo começou a se referir com pesar ao período em que ele estivera no poder. A

recorrência de seu nome junto aos mais honrados testemunhos nos jornais gregos mantinha em voga o interesse que o povo tinha por ele. Ele parecia o filho preferido da sorte. Assim, sua derrota final eclipsou o mundo e cobriu o restante da humanidade com um véu opaco. Todos se apegaram avidamente à esperança de que ele ainda pudesse estar vivo. O ministro inglês em Constantinopla foi exortado a fazer as buscas necessárias e, caso a presença dele entre os inimigos fosse identificada, exigir sua soltura. Era de esperar que os esforços fossem bem-sucedidos. Mesmo que fosse um prisioneiro, joguete para homens cruéis e cheios de ódio, ele seria resgatado do perigo e devolvido à vida de alegria, poder e honra que merecia.

O efeito dessa informação sobre minha irmã foi arrasador. Ela nunca, nem por um instante, acreditou que ele estivesse morto. Resolveu ir imediatamente para a Grécia. Tentamos persuadi-la e enfiar razão em sua cabeça, mas ela estava decidida a não admitir nenhum obstáculo, nenhum atraso. Se um argumento ou súplica é capaz de fazer alguém desistir de uma missão desesperada cuja motivação e objetivo dependem apenas da força de sua afeição, é correto tentar. Caso a pessoa se acalme, significa que nem a motivação, nem o objetivo tinham força suficiente para fazê-la passar pelos obstáculos que impediam seu sucesso. Porém, caso contrário, se ela se mostrar irredutível diante da admoestação, a própria resistência já será augúrio de sucesso. Nesse caso, é um dever daqueles que a amam ajudá-la a derrubar os obstáculos no caminho. E foi esse tipo de sentimento que agiu em nosso pequeno grupo. Quando percebemos que Perdita não podia ser persuadida a mudar de ideia, reunimo-nos para discutir a melhor maneira de ajudá-la a alcançar seus objetivos. Ela não podia ir sozinha a um país onde não tinha amigos e onde havia a chance de que fosse recebida com notícias horríveis que certamente a sobrepujariam com luto e remorso. Adrian, cuja saúde sempre fora sensível, estava ainda pior por conta do ferimento. Idris não seria capaz de deixá-lo naquele estado, e tampouco seria certo levar conosco uma jovem família para uma viagem daquelas. Assim, acabei decidindo acompanhar Perdita. A separação de minha Idris foi dolorosa, mas a necessidade a tornava necessária de alguma forma — a necessidade e a esperança de salvar Raymond e de recuperar para ele a alegria e Perdita. Não podíamos demorar mais. Dois dias depois de tomarmos a decisão, viajamos para Portsmouth e embarcamos. Era maio, uma época de poucas tempestades, o que prometia uma viagem próspera. Acalentando as mais ferventes esperanças, embarcamos no ermo oceano e vimos com deleite a costa da Bretanha ficar cada vez menor. Nas asas de nosso desejo, seguimos mais rápido do que as velas enfurnadas em direção ao sul. As águas levemente ondulantes nos impeliam para frente, e o bom e velho oceano nos sorria com o peso do amor e da esperança entregues a sua responsabilidade. Ele

tratou de alisar com carinho os territórios tempestuosos, e os caminhos se abriram diante de nós. Dia e noite, o vento em popa mantinha o impulso de nossa embarcação. Nenhuma ventania, nenhum banco de areia traiçoeiro e nenhuma rocha destrutiva se interpuseram entre minha irmã e a terra que devolveria a ela seu primeiro amor.

O dono de seu coração. O outro coração que havia dentro do coração dela.

# **VOLUME 2**



Durante a viagem, quando em noites calmas conversávamos no convés, observando o balançar das ondas e as paisagens mutantes do céu, entendi a revolução completa que a desgraça que se abatera sobre Raymond havia causado na mente de minha irmã. Será que aquelas eram as mesmas águas do amor — que antes eram gélidas, cortantes e repelentes como o gelo, mas que agora se libertavam da prisão congelada e voltavam a fluir pelas regiões da mente de Perdita com uma exuberância efusiva e grata? Ela não achava que ele estava morto, mas sabia que estava em perigo. A esperança de ajudar em sua libertação e a ideia de amenizar com carinho todo o mal que ele sofrera elevavam e harmonizavam o elemento mais áspero de seu ser. Já eu não estava tão otimista quanto ela sobre o resultado de nossa viagem. Ela não estava otimista, na verdade, mas sim segura. A expectativa de ver o amado que banira — seu esposo, amigo e companheiro do coração, do qual estava afastada havia tanto tempo — envolvia seus sentidos em deleite e sua mente em placidez. Era como começar a vida de novo, como deixar para trás uma terra erma para viver em um lugar de fértil beleza. Era como um porto depois de uma tempestade, um opiáceo depois de muitas noites sem dormir. Era como acordar de um pesadelo.

A pequena Clara foi conosco. A pobre criança não entendia muito bem o que estava acontecendo. Ela sabia que estávamos indo para a Grécia e que veria o pai. Foi então que, pela primeira vez, tagarelou sobre ele para a mãe.

Já aportados em Atenas, as dificuldades começaram a pesar. Nem a costa esculpida em patamares e nem a atmosfera amena eram capazes de nos inspirar com entusiasmo ou prazer enquanto o destino de Raymond estivesse em perigo. Nenhum outro homem despertara um interesse tão intenso no público. Isso era aparente até entre os fleumáticos ingleses, que não tinham contato com ele havia muito tempo. Os atenienses haviam esperado o herói voltar em triunfo. As mulheres haviam ensinado as crianças a murmurar o nome dele em suas orações. Sua beleza viril, sua coragem e sua devoção à causa faziam com que, aos olhos da

população, ele fosse quase como uma divindade que descera do Olimpo à terra para defendê-los. Quando falavam sobre a probabilidade de que estivesse morto e sobre sua prisão certa, lágrimas escorriam de seus olhos. Do mesmo modo que as mulheres da Síria lamentavam por Adônis, as esposas e mães da Grécia o faziam por Raymond, nosso inglês. Atenas era uma cidade em luto.

Todas essas demonstrações de desespero deixaram Perdita com medo. Ainda com otimismo, mas confusa quanto às expectativas que o desejo criara enquanto ela estava longe da realidade, ela formara uma imagem em sua mente na qual tudo mudaria de imediato assim que pusesse os pés em território grego. Achava que encontraria Raymond já livre, e que seu cuidado carinhoso obliteraria até mesmo a memória de seus malfeitos. Mas o destino do homem ainda era incerto. Ela começou a temer pelo pior e a sentir que a esperança de sua alma fora depositada em uma ficha que podia não valer nada. A esposa e a encantadora filha de lorde Raymond viraram objeto de intenso interesse dos atenienses. Formavam-se vigílias diante do portão de onde elas se hospedavam, e era possível ouvir preces altas pedindo o retorno dele. Tudo isso só deixava Perdita mais desesperada e temerosa.

Meus esforços eram incessantes. Depois de certo tempo, deixei Atenas e me juntei ao exército em Kishan, na Trácia. Através de subornos, ameaças e intrigas, acabaram descobrindo que Raymond estava vivo. Estava sendo mantido prisioneiro, vítima do mais rigoroso confinamento e de uma crueldade desenfreada. Mobilizamos toda nossa força política e todo o dinheiro possível para recuperá-lo das mãos inimigas.

A impaciência típica de minha irmã retornou, despertada pelo arrependimento eafiada pelo remorso. A própria beleza da Grécia durante a primavera tornava os sentimentos dela ainda mais torturantes. O incomparável encanto do mundo adornado de flores — o incrível pôr do sol com suas gratas cores, a melodia dos pássaros, a majestade das florestas, o esplendor das ruínas de mármore, o claro resplendor das estrelas à noite, a junção de tudo o que era empolgante e voluptuoso naquela terra transcendental — inspirava em Perdita uma agitação de espírito e uma sensibilidade acentuada a cada parte de seu corpo, o que apenas tornava sua tristeza ainda mais pungente. Cada longa hora contava, e saber que ele sofria era o fardo de todos os seus pensamentos. Ela parou de comer. Deitava-se no chão e, imitando os tormentos que ele encarava, tentava estabelecer algum contato com a dor que ele sentia longe dali. Em um de seus momentos mais agressivos, lembrei de algo que eu disse — algo que despertara sua raiva e seu desdém.

— Perdita — dissera eu —, algum dia você vai descobrir que errou ao atirar Raymond nos espinheiros da vida. Quando a decepção tiver sugado a beleza dele, quando as dificuldades da vida de soldado deturparem sua forma viril e a solidão

triumfar de modo ainda mais amargo sobre aquele homem, você vai se arrepender. E sentirá remorso, pois a mudança irreparável “revolverá em rochosos corações o falecido remorso do amor”.

Agora, o dolorido “remorso do amor” ferroava seu coração. Ela acusava a si mesma pela viagem dele para a Grécia, pelos perigos que ele encarara, pelo sequestro. Imaginava a angústia do sofrimento do amado. Lembrava do ávido deleite com que, no início do relacionamento, ele fazia dela a companheira de seus sonhos mais alegres, da afetuosidade grata com que recebia a simpatia que ela tinha por seus interesses. Ela recordava a frequência com que Raymond falava que a solidão era, para ele, o mais terrível dos males, e como a morte lhe parecia mais assustadora e dolorosa quando ele se imaginava em um leito de morte solitário.

— Você, minha garota — dissera ele —, alivia-me dessas fantasias. Junto a você, que levo com todo carinho no coração, nunca mais conhecerei a tristeza de me ver sozinho. Mesmo que morra antes de você, Perdita, recolha minhas cinzas e guarde-as para que sejam misturadas às suas. É um sentimento tolo para alguém que não é materialista como eu; porém, creio que, mesmo em uma urna escura, sentiria meus restos já inanimados sendo misturados com os seus, uma companhia em minha desintegração. Nesse modo arrependido, ela se lembrava das conversas com animosidade e desdém. As memórias a visitavam nas horas de maior sensibilidade, tirando-lhe o sono e a esperança de descanso de sua mente inquieta.

Dois meses se passaram assim, até que enfim receberam a promessa de que Raymond seria libertado. O confinamento e as privações que encarara haviam minado a saúde dele. Os turcos temiam que o governo inglês cumprisse algumas ameaças que fizera caso ele morresse na mão dos inimigos, e achavam que a recuperação de Raymond era impossível. Entregaram-no já moribundo, achando que nos restaria apenas realizar os ritos do sepultamento.

Ele veio pelo mar de Constantinopla para Atenas. O vento, favorável a ele, soprava tão forte na costa que não conseguimos, como planejávamos, encontrá-lo ainda embarcado. A atalaia de Atenas estava sitiada por curiosos, que ansiavam pelo surgimento de cada vela. Foi assim até dia 1º de maio, quando a galante fragata surgiu à vista, trazendo um tesouro mais valioso do que qualquer fortuna que, vinda do México, fora engolida pelo tormentoso mar, ou que os bens transportados por suas correntes tranquilas para enriquecer a coroa da Espanha. Ao nascer do sol, a embarcação foi descoberta oscilando na costa. Conjecturou-se que ela lançaria a âncora a cerca de cinco milhas da praia. A notícia se espalhou por Atenas, e toda a população da cidade saiu pelo portão do Pireu, desceu as trilhas e passou pelas videiras, bosques de oliveira e plantações de pés de figo para chegar ao porto. A comemoração ruidosa do povo, as cores brilhantes de suas vestes, o tumulto de

carruagens e cavalos, a marcha dos soldados, o tremular de estandartes e o som de músicas marciais apenas acrescentavam à empolgação da cena. Enquanto isso, ao nosso redor, repousavam em solene majestade as relíquias de tempos antigos. À nossa direita, a Acrópole se erguia, espectadora de milhares de mudanças, de glórias antigas, da escravidão turca e da restauração da tão querida liberdade. Tumbas e cenotáfios se espalhavam amplamente ao nosso redor, adornados por vegetação sempre renovada. Poderosos homens já mortos se erguiam em monumentos, contemplando em nosso entusiasmo e número uma renovação das cenas das quais haviam sido atores. Perdita e Clara iam em uma carruagem fechada. Eu as acompanhava a cavalo. Enfim chegamos ao porto, que estava agitado pelo movimento de embarcações no mar. A praia, até onde podíamos ver, estava coberta por uma multidão ululante — esta, incitada por aqueles que tentavam chegar mais perto do mar, retrocedia quando as pesadas ondas rugiam e se avultavam sobre ela. Saquei minha luneta e pude ver que a fragata já ancorara, temerosa de se aproximar mais da costa. Um bote foi baixado, e com uma pontada de dor vi Raymond, incapaz de descer sozinho pela lateral da embarcação. Ele foi baixado em uma cadeira e acomodado envolto em mantas no fundo do barco.

Eu desmontei e chamei alguns marinheiros que remavam pelo porto, pedindo que se aproximassem e que me deixassem embarcar. No mesmo instante, Perdita desceu da carruagem e segurou em meu braço.

— Leve-me com você! — exclamou ela. Estava trêmula e pálida, e Clara se agarrava a ela.

— Você não deve ir — respondi. — O mar está agitado. Ele logo estará aqui... Não vê o barco dele?

O barquinho que eu tinha abordado já encostava. Antes que pudesse interrompê-la, Perdita, ajudada pelos marinheiros e seguida pela filha, atirou-se nele. Uma exclamação alta ecoou pela multidão quando nos afastamos do porto. Minha irmã, na proa, agarrara-se a um homem com uma luneta e passara a fazer mil perguntas. Ela parecia ignorar a água que a aspergia, surda e cega a tudo a seu redor — exceto ao pequeno pontinho que, mal visível sobre as ondas, evidentemente se aproximava. Fomos ao encontro dele na velocidade máxima que os seis remadores puderam proporcionar. A disposição ordeira e pitoresca dos soldados na praia, o som das canções exultantes, a brisa agitada e as bandeiras tremulantes, as exclamações incontidas da multidão ansiosa cuja pele escura e vestes estrangeiras exalavam orientalidade, a vista da rocha sobre a qual se encarrapitavam os templos, o mármore branco das construções que resplandeciam ao sol e proporcionavam brilhante alívio diante das cordilheiras escuras ao fundo, o rugido próximo do mar, o chapinhar dos remos e os jatos de água ao nosso redor elevavam

minha alma a um estado de delírio que eu jamais sentira e jamais imaginaria sentir ao longo de minha vida comum. Tremia tanto que não consegui mais continuar olhando pela luneta que usara para observar a movimentação da tripulação quando o bote fora baixado. Rapidamente, chegamos mais perto, até que os números e formas das pessoas dentro da pequena embarcação puderam ser discernidos. O casco escuro do bote ficou maior, e o chapinhar dos remos na água passaram a ser audíveis. Fui capaz de distinguir a esbelta silhueta de meu amigo, que tentou se erguer um pouco conforme nos aproximávamos.

As perguntas de Perdita haviam parado. Ela se apoiou no meu braço, arquejando com emoções que eram intensas demais para serem expressas em lágrimas. Os marinheiros que nos levavam enfim pararam o barco ao lado do outro. Com um último esforço, minha irmã se aprumou, forte e firme. Passou de um barco para o outro, atirou-se na direção de Raymond com um grito, ajoelhou ao lado dele e, colando os lábios à mão que tomou, com a face envolta pelas longas madeixas, entregou-se ao pranto.

Raymond de alguma forma se levantara enquanto nos aproximávamos, mas até aquele esforço parecia demais para ele. Com o rosto encovado e os olhos fundos, pálido e esquelético, como fui capaz de reconhecer o amado de Perdita? Continuei ali, boquiaberto e calado. Ele olhou para a pobre garota e sorriu. O sorriso dele era o mesmo. Quando um dia ensolarado nasce sobre um vale escuro, revela suas características ocultas. Aconteceu o mesmo com aquele sorriso: o mesmo sorriso que exibia ao falar de amor com Perdita, e com o qual recebera o cargo de lorde protetor, agora brincava em seu semblante. A visão fez com que eu sentisse em meu âmago que aquele era Raymond.

Ele me estendeu a outra mão, e eu pude notar as marcas de grilhões em seus pulsos. Ouvi minha irmã soluçar e pensei: “Felizes são as mulheres, que podem chorar, e em uma demonstração apaixonada retirar o fardo da opressão de seus sentimentos, enquanto a vergonha e as convenções sociais impedem que os homens façam o mesmo”. Eu trocaria tudo no mundo pela possibilidade de agir como fazia em minha infância, puxando-o contra meu peito, apertando sua mão em meus lábios, chorando sobre ele. Meu coração apertado me sufocava, e fui incapaz de conter a corrente natural de meus sentimentos: grandes lágrimas rebeldes se juntaram em meus olhos, e precisei me virar para que caíssem no mar. Elas surgiam cada vez mais rápido, e logo percebi que não tinha por que me envergonhar: os próprios marinheiros brutos pareciam tocados, e os olhos de Raymond eram os únicos secos entre toda a tripulação. Ele parecia tomado pela abençoada calma que a convalescência sempre induz, aproveitando em segurança a tranquilidade de sua liberdade e da reunião com as pessoas que amava. Perdita enfim controlou seu lapso

apaixonado e ergueu-se, procurando por Clara. A criança estava assustada, sem reconhecer o pai. Negligenciada por nós, aninhara-se do outro lado do barco, e só veio quando a mãe a chamou. Perdita a apresentou a Raymond. As primeiras palavras que minha irmã disse foram:

— Amado, abrace sua filha!

— Chegue mais perto, amorzinho — disse o pai. — Não me reconhece mais?

E ela o reconheceu pela voz, e atirou-se em seus braços tomada por uma emoção tímida, mas incontrolável.

Percebendo a fraqueza de Raymond, temi as consequências pesadas que a multidão na praia poderia ter sobre ele. Mas estavam todos tão impressionados como eu com a mudança de sua aparência. A música morreu, as comemorações se calaram de súbito. Os soldados abriram um espaço pelo qual chegou uma carruagem. Ele foi colocado dentro do veículo. Perdita e Clara entraram com ele, e sua escolta se aproximou. Um murmúrio vazio, que contrastava com os estrondos próximos das ondas, espalhou-se pela multidão. As pessoas se afastavam conforme a carruagem avançava. Com medo de incomodá-lo, a recepção passou de uma série de demonstrações barulhentas de alegria para uma saudação baixa enquanto ele passava. A carruagem avançou lentamente pelas estradas do Pireu, passando pelo antigo templo e pela tumba dos heróis sob as escarpas rochosas da cidadela. O som das ondas ficou para trás, enquanto o ruído da multidão continuou por um tempo, reprimido e rouco. Embora a cidade, as casas, as igrejas e os edifícios públicos estivessem decorados com tapeçarias e estandartes, e embora os soldados estivessem em formação nas ruas e os moradores aos milhares estivessem reunidos para recebê-lo, o mesmo silêncio prevalecia dentro das muralhas. Os soldados o saudaram com suas armas, os estandartes foram baixados, várias mãos acenaram para ele. Em vão, tentavam discernir o herói dentro do veículo — que, cercado de perto pela guarda da cidade, carregou Raymond até o palácio organizado para recebê-lo.

Raymond estava fraco e exausto, mas a empolgação que viu em resposta a seu retorno pareceu enchê-lo de um orgulhoso deleite. Ele quase morreu com tanto carinho. Sim, a população se conteve, mas havia um burburinho e uma agitação permanentes no palácio. Aquilo, adicionado ao barulho dos fogos de artifício, dos frequentes estampidos de armas e dos barulhos de homens montados e carruagens cujo foco da atenção era ele, acabou retardando sua melhora. Assim, por um tempo, nos retiramos para Elêusis. Foi lá que o descanso e nosso cuidado carinhoso fizeram com que nosso inválido recuperasse as forças dia após dia. A zelosa atenção de Perdita foi a primeira das causas de sua recuperação rápida, mas a segunda certamente foi o deleite que ele sentia pela afeição e benevolência dos gregos. Diz-se que amamos muito aqueles que beneficiamos. Raymond lutara e conquistara

pelos atenienses. Por eles, sofrera riscos, fora aprisionado e encarara dificuldades. A gratidão deles o afetava profundamente, e em seu interior ele jurou dedicar para sempre seu destino a um povo devoto de forma tão entusiasmada.

A preocupação social e a franqueza foram características notáveis em mim. Em minha juventude, dramas reais haviam se desenrolado ao meu redor, e eu fora arrebatado de corpo e alma por seu vórtex. Naquele momento, percebi uma mudança. Eu amava, eu tinha esperanças, eu me deleitava — mas havia algo mais além daquilo. Tinha curiosidade de saber os princípios internos que geriam as ações das pessoas à minha volta. Ficava ansioso para ler seus pensamentos corretamente, e sempre me ocupava tentando adivinhar o que se passava nas profundezas das mentes alheias. Ao mesmo tempo que me interessavam profundamente, todos os eventos se descortinavam em imagens diante de mim. Eu tentava entender cada pessoa envolvida em uma situação e equilibrava os sentimentos de cada uma delas. Essa maneira de pensar com frequência me tranquilizava em momentos de nervoso, e até mesmo de agonia. Eu idealizava o que, se encarado de forma nua e crua, revoltaria a alma. Isso atribuía cores à miséria e à doença, e não raro aliviava meu desespero quando encarava situações deploráveis. Essa capacidade, ou instinto, despertou na Grécia. Eu assisti ao novo despertar da devoção de minha irmã, vi a admiração tímida, porém concentrada, que Clara sentia pelo pai e percebi a ânsia de Raymond por renovação, além da sensibilidade dele às demonstrações de afeto dos atenienses. Folheando de forma atenciosa as páginas daquele tomo vivo, não me surpreendi muito quando li as notícias na página recém-virada do presente.

Nesse momento, o exército turco estava sitiando Rodosto, e os gregos, acelerando seus preparativos e enviando reforços dias após dia, estavam prestes a forçar uma batalha contra o inimigo. Todos encaravam essa luta como decisiva em algum nível: em caso de vitória, o próximo passo dos gregos seria sitiar Constantinopla. Raymond, já um tanto recuperado, preparou-se para reassumir o comando do exército.

Perdita não se opôs à determinação do esposo, mas indicou o desejo de poder acompanhá-lo. Ela não definira regras de conduta para si, mas, ao longo de toda a vida, fora incapaz de se opor ao menor dos desejos do amado, ou de fazer qualquer coisa que não concordar animadamente com seus projetos. Uma palavra, porém, a alarmara mais do que a perspectiva de batalhas e sítios — confiava na capacidade de Raymond de manter-se a salvo do perigo, mas a palavra, embora ainda não significasse muito para ela, era PRAGA. Esse inimigo da raça humana começara em junho a elevar sua cabeça de serpente no leito do Nilo. Partes da Ásia, geralmente não sujeitas a esse tipo de mal, haviam sido infectadas. Ela acometera Constantinopla, mas, como todo ano a cidade passava por um surto similar, pouca

atenção fora dada aos relatos da morte de mais pessoas que a quantidade usual de vítimas nos meses mais quentes do ano. Ainda assim, nem a praga, nem a guerra pareciam capazes de impedir que Perdita seguisse seu senhor, ou de induzi-la a dizer sequer uma palavra em oposição aos planos que ele traçara. Estar perto dele, ser amada por ele e sentir que ele voltara a ser seu era o limite dos desejos de minha irmã. O objetivo de sua vida era satisfazê-lo: um objetivo antigo, mas agora havia uma diferença. No passado, sem imaginar ou prever nada, ela o fizera feliz sendo ela mesma. Sempre que escolhas eram envolvidas, ela considerava os próprios desejos, geralmente alinhados aos dele. Agora ela diligentemente se retirava da questão, sacrificando inclusive a própria ansiedade pelo bem da saúde e bem-estar do esposo, decidida a não opor nenhuma de suas vontades. O amor pelo povo grego, o apetite por glória e o ódio pelo governo bárbaro na mão do qual quase sucumbira à morte o estimulavam. Ele desejava retribuir o carinho dos atenienses mantendo vivas as esplêndidas associações conectadas a seu nome, e também erradicando da Europa o poder que, enquanto todas as outras nações se tornavam ainda mais civilizadas, permanecia ali como um monumento à antiga barbárie. Depois de contribuir com a reunião de Raymond e Perdita, eu ansiava por retornar à Inglaterra, mas o pedido sincero de Raymond, aliado a uma curiosidade crescente e a uma ansiedade indefinível em relação à catástrofe que parecia prestes a acontecer para pontuar a longa história da guerra entre Grécia e Turquia, fez com que eu aceitasse estender minha residência até o outono.

Assim que a saúde de Raymond foi consideravelmente recuperada, ele começou a se preparar para se unir ao acampamento grego. Ficava perto de Kishan, uma cidade de alguma importância a leste do Evros. Seria nela que Perdita e Clara ficariam até o fim da esperada batalha. Deixamos Atenas no dia 2 de junho. Raymond já não estava mais esquelético e com a pálida aparência febril de antes. Mesmo que eu não visse mais o brilho fresco da juventude em seu semblante maduro e que a preocupação tivesse sitiado seu cenho “e aberto trincheiras profundas no campo de sua beleza”, e mesmo que seu cabelo levemente grisalho e seu olhar — atencioso mesmo na ânsia — desse sinais da passagem dos anos e dos sofrimentos passados, ainda havia algo irresistivelmente impactante em ver alguém recuperado das garras da morte recomeçando a carreira, inabalado pela doença ou pelo desastre. Os atenienses viam nele não mais o garoto heroico ou o homem desesperado pronto para morrer, mas sim o comandante prudente que, em prol deles, estimava a própria vida — e estava disposto a colocar a própria propensão a heroísmos em segundo plano caso a política de conduta assim apontasse.

Todos os moradores de Atenas nos acompanharam por várias milhas. Quando havíamos desembarcado, cerca de um mês atrás, o povo ruidoso fora calado pela



tristeza e pelo medo. No dia da partida de Raymond, porém, a festa durou o dia inteiro. O ar vibrava com exclamações. Os trajés pitorescos e as cores alegres que os compunham resplandeciam ao sol, e seus gestos ansiosos e discursos empolgados combinavam com a aparência de rebeldia. Raymond era o assunto de todas as conversas. Era também a esperança de todas as esposas, mães ou noivas prometidas cujos maridos, filhos ou amados, fazendo parte do exército grego, seriam conduzidos à vitória sob seu comando.

Apesar do fim perigoso a que nossa viagem levava, ela foi cheia de romantismo conforme passávamos por vales e por entre as colinas daquele divino país. Raymond estava inspirado pelas intensas sensações da saúde restabelecida, e sentia que, sendo general dos atenienses, atingira um posto digno de sua ambição. Na esperança de conquistar Constantinopla, contava com um evento que seria um marco na história das eras, um feito inigualável nos anais da humanidade — a ocasião em que uma cidade de grande valor histórico e dona de uma beleza que maravilhava o mundo, que passara centenas de anos sob domínio dos muçulmanos, seria resgatada da escravidão e barbárie e devolvida a um povo ilustre por sua genialidade, sua civilização e seu espírito de liberdade. Perdita repousava em sua parceria restabelecida, seu amor, seus sonhos e sua fama como uma sibarita sobre um sofá luxuoso. Cada pensamento dela a arrebatava, com cada emoção banhada em uma atmosfera agradável e reconfortante.

Chegamos a Kishan em 7 de julho. O clima durante a viagem fora sereno. Todos os dias, antes do nascer do sol, deixávamos o acampamento onde havíamos passado a noite e víamos as sombras retirando-se das colinas e dos vales enquanto o esplendor dourado do sol se aproximava. Os soldados que nos acompanhavam sentiam, com uma vivacidade patriótica, o prazer entusiasmado da beleza da natureza. O ascender do astro do dia era saudado por canções de triunfo, enquanto os acordes do cantar dos pássaros preenchiam os intervalos das músicas. Perto do meio-dia, armávamos nossas tendas em algum vale sombreado ou dentro de um bosque entre as montanhas, onde o correr dos riachos sobre os seixos nos induzia a um sono grato. À tarde, nosso avanço era mais tranquilo, embora mais prazeroso do que o espírito inquieto da manhã. Quando a banda resolvia tocar, involuntariamente escolhia árias de paixão moderada. As que falavam sobre a despedida dos amantes ou os lamentos de ausência eram seguidas por algum hino solene, que harmonizava com o tranquilo encanto da tarde e elevava a alma até pensamentos altivos e religiosos. Às vezes, todos os sons se calavam, e éramos capazes de ouvir o canto dos rouxinóis enquanto os vaga-lumes dançavam luminosos, assim como o suave arrulhar das pequenas corujas que prometiam um bom clima aos viajantes. Creio que então passamos por um vale. Sombras suaves

nos envolveram, e nos vimos cercados por rochas tingidas de belos tons. Assim que atravessamos a montanha, a Grécia, um mapa vivo, estendeu-se adiante, com seus famosos pináculos tocando o éter e rios traçando linhas prateadas na terra fértil. Quase sem fôlego, nós ingleses exploramos em êxtase essa paisagem esplêndida, tão diferente dos tons sóbrios e da graça melancólica de nosso cenário nativo. Quando deixamos a Macedônia, as planícies férteis, mas simples, da Trácia ofereceram poucas belezas, mas nossa viagem continuava muito interessante. Uma guarnição avançada levou adiante a informação de que nos aproximávamos, e o povo local logo correu para honrar lorde Raymond. A decoração dos vilarejos consistia em triunfais arcos de vegetação durante o dia e lamparinas durante a noite. Tapeçarias tremulavam nas janelas, o chão fora coberto por flores e o nome de Raymond, junto do nome da própria Grécia, ecoava nas canções da multidão.

Quando chegamos a Kishan, descobrimos que, ao saber da chegada de lorde Raymond e seu destacamento, o exército turco recuara de Rodosto. Porém, depois de receber reforços, havia refeito seus passos. Nesse meio-tempo, Argirópilo, o comandante supremo dos gregos, avançara até ficar entre os turcos e Rodosto. Diziam que uma batalha era inevitável. Perdita e a filha ficariam em Kishan. Raymond me perguntou se eu pretendia continuar com eles.

— Ora, pois pelas montanhas de Cumberland — exclamei eu —, por cada vagabundo e larápio pelos quais posso jurar, ficarei ao seu lado! Entregarei minha espada à causa grega e serei aclamado como vitorioso ao seu lado!

Toda a planície de Kishan a Rodosto, que tinha cerca de dezesseis léguas de extensão, estava repleta de tropas e de seguidores dos acampamentos, todos em movimento conforme a batalha se aproximava. Pequenas guarnições foram convocadas dos vários vilarejos e fortes, indo se juntar ao exército principal. Passamos por carroças de carga e por um grupo de mulheres de várias classes que voltavam para Fairy ou Kishan, onde esperariam a chegada do grande dia. Quando chegamos a Rodosto, descobrimos que o campo fora tomado, e que o esquema da batalha já fora formado. O som de tiros, já na manhã seguinte, informou-nos de que os soldados dos postos avançados e os inimigos já estavam em batalha. Regimento após regimento marchando, com estandartes coloridos tremulando e bandas tocando. Instalaram canhões nas mamoadas, elevações únicas naquele país plano, e entraram em uma formação de colunas e quadrados ociosos. Enquanto isso, os pioneiros formavam montículos atrás dos quais se esconder.

E assim se sucederam as preparações para a batalha — não, a batalha em si. Tudo era muito diferente do que o imaginado. Lemos sobre batalhões e flancos na história da Grécia e de Roma. Pensamos logo em um território plano como uma mesa, e em soldados pequenos como peças de xadrez, para que os mais ignorantes

possam entender a ciência e lógica da disposição das forças. Quando vamos para realidade, porém, o que se vê são regimentos espalhando-se a perder de vista à esquerda e à direita, com campos entre os batalhões. Algumas tropas estavam suficientemente próximas de mim para que eu pudesse observar seus movimentos, o que me fez desistir da ideia de entender — ou mesmo ver — a batalha, e passar a ficar sempre com Raymond, observando com interesse suas ações. Ele parecia contido, galante e imperial. Seus comandos eram firmes, e suas intuições sobre os acontecimentos do dia pareciam milagrosas. Durante todo o tempo, o canhão disparava, e músicas animadoras se elevavam nos intervalos. Estávamos no topo do mais alto dos montes que mencionei, longe demais para ver os recursos que a morte reclamava para si ou para contemplar os regimentos perdidos em meio à fumaça, com apenas os estandartes e bastões à vista enquanto os gritos e o clamor da batalha engoliam qualquer outro som.

Mais cedo naquele dia, Argirópilo havia sido ferido gravemente, e Raymond assumira o comando de todo o exército. Ele fez poucos comentários até que, olhando pela luneta o desenvolver de uma ordem que dera, seu rosto — até então anuviado pela dúvida — ficou radiante.

— Ganhamos o dia! — exclamou ele. — Os turcos estão fugindo das baionetas.

E depois, de forma ágil, dispensou seus ajudantes de ordens para cavalgar na direção dos inimigos derrotados. A vitória dos gregos foi total. O canhão parou de disparar, a infantaria se reuniu e a cavalaria perseguiu os turcos pela planície sombria. As forças de Raymond estavam espalhadas em várias direções para fazer observações e emitir comandos. Até mesmo eu fui enviado a um ponto distante do campo.

O solo em que se dera a batalha era plano — tão plano que, das mamoadas, era possível ver a cordilheira de montanhas no horizonte ao longe. O espaço, porém, era levemente desnivelado, como ondulações que lembravam as marolas do mar. Toda essa região da Trácia fora, até o momento, cenário de batalha. Assim, não fora cultivada, o que dava à área uma aparência sombria e estéril. A ordem que recebi foi de observar de uma mamoadas ao norte a direção que um destacamento inimigo provavelmente teria tomado. Todo o exército turco, seguido pelos gregos, escapara na direção leste, mas havia apenas mortos na direção que me fora apontada. Do topo do monte, olhei ao redor. Tudo estava silencioso e deserto.

Os últimos raios do sol quase posto disparavam por trás do pico do monte Atos. O mar de Marmora ainda resplandecia banhado pelos raios, enquanto a costa da Ásia além dele jazia parcialmente oculta atrás de nuvens baixas. Um sem número de capacetes, baionetas e espadas caídos de corpos sem vida refletiam os resquícios

da luz, espalhados a perder de vida. Do leste, um bando de corvos, velhos habitantes dos cemitérios turcos, vieram voando na direção do alimento. O sol se pôs. Aquela hora melancólica, embora doce, sempre me parecera o momento em que mais naturalmente podemos comungar com poderes superiores. É como se nossa austeridade mortal nos deixasse, e uma complacência gentil tomasse nossa alma. Mas ali, no meio dos moribundos e mortos, como seria possível que pensamentos sobre o paraíso ou a sensação de tranquilidade ocorressem a um dos assassinos? Durante o dia agitado, minha mente se entregara ao estado das coisas sugeridas pelas circunstâncias — a associação histórica, o ódio pelo inimigo e o entusiasmo militar dominaram meu ser. Naquele momento, porém, eu olhei para a estrela vespertina, suave e calma em meio aos tons alaranjados do pôr do sol. Olhei para a terra coalhada de cadáveres e senti-me envergonhado de minha espécie. Talvez o céu também o estivesse, pois subitamente se encheu de brumas, e a mudança contribuiu para o rápido morrer do crepúsculo costumeiro ao sul. Massas densas de nuvens fluuavam vindas do sudeste, com uma luz vermelha e turva pintando suas extremidades escuras. O vento furioso chacoalhava as vestes dos mortos, arrefecendo ao passar pelos cadáveres gélidos. Sombras cercaram o local, e os objetos ao meu redor ficaram indistintos. Desci do montículo e com dificuldade conduzi meu cavalo, tentando evitar os resquícios da matança.

De súbito, ouvi um grito perfurante, e uma silhueta se elevou do chão. Ela veio correndo em minha direção e se jogou no chão quando me aproximei. Tudo aconteceu muito rápido. Por pouco consegui controlar meu cavalo, evitando que pisoteasse a criatura caída. Os trajes da pessoa eram os de um soldado, mas o torso e os braços despídos, assim como os contínuos gritos, revelaram que era uma mulher disfarçada. Desmontei para ajudá-la. Ela, emitindo grunhidos profundos com a mão na lateral do corpo, resistiu às minhas tentativas de erguê-la. No calor do momento, esqueci que estava na Grécia e, em meu idioma natal, tentei consolá-la em seu sofrimento. Foi com selvagens e horríveis exclamações que a perdida e moribunda Evadne — pois era ela! — reconheceu a língua de seu amado. A dor e a febre do ferimento haviam consumido seu intelecto, e seus gritos lamentáveis e esforços febris de se salvar me encheram de compaixão. Em um delírio descontrolado, ela começou a chamar o nome de Raymond. Exclamava que o estava procurando, enquanto os turcos estavam prestes a matá-lo com seus temíveis instrumentos de tortura. Depois, voltou a lamentar seu destino infeliz. Falou sobre como uma mulher, com o coração e a sensibilidade do gênero, fora levada pelo amor desesperado e por esperanças vãs a pegar em armas e encarar a mesma privação, o mesmo esforço e a mesma dor que os homens — tudo isso enquanto a

mão cálida e seca apertava a minha e o cenho e os lábios queimavam com um fogo feroz.

Conforme suas forças foram cedendo, eu a ergui do chão. Sustentei o corpo magro em meus braços enquanto seu rosto encovado repousava em meu peito. Com a voz sepulcral, murmurou:

— Este é o fim do amor! E, por outro lado, não é seu fim! — E o frenesi deu-lhe forças para jogar as mãos aos céus: — Este é o fim! Mas nos encontraremos novamente. Muitas mortes em vida suportei por você, ó Raymond, e agora parto como sua vítima. Em minha morte, eu o procurarei! A guerra, o fogo e a praga são meus criados e instrumentos. Encarei-os e conquistei cada um deles até agora! Vendi-me para a morte com a única condição de que você me seguiria. O fogo, a guerra e a praga unir-se-ão por sua destruição... Ó meu Raymond, não há segurança à sua espera!

Com o coração apertado, ouvi as declamações de seu delírio e fiz para ela uma cama de mantos. Sua voz morreu, e suor frio cobriu seu cenho enquanto a palidez da morte seguia o rubor da febre, e eu a coloquei em cima dos mantos. Ela continuou a delirar sobre o futuro encontro com seu amado no além, sobre a morte que o esperava muito em breve. Às vezes, declarava solenemente que ele estava sendo invocado. Em outras, balbuciava sobre o destino difícil que o esperava. Sua voz ficou cada vez mais febril e começou a falhar. Fez mais alguns movimentos convulsivos, e seus músculos enfim relaxaram, incapazes de se sustentar. Depois de um último suspiro profundo, a vida a deixou.

Recolhi-a da vizinhança da morte, envolvi-a nos mantos e a coloquei sob uma árvore. Olhei outra vez para seu rosto alterado. A última vez que a vira, ela tinha dezoito anos, e era como a visão mais bela de um poeta, esplêndida como uma sultana do oriente. Doze anos haviam se passado desde então, doze anos de mudança, dor e dificuldade. Seu semblante brilhante ficara abatido e escuro, seus membros haviam perdido as curvas da juventude e da feminilidade, e seus olhos estavam fundos...

*Fragmentados e por demais abatidos.*

*O tempo drenara seu sangue e encherá seu cenho  
de linhas e rugas.*

Trêmulo de horror, velei aquele monumento à paixão e à miséria humana. Envolvi-a em todas as flâmulas e trajes pesados que encontrei para protegê-la de pássaros e predadores até que pudesse garantir-lhe um túmulo adequado. Triste e

lentamente, segui meu caminho por entre os resquícios do massacre. Guiado pelas luzes tremulantes do vilarejo, enfim cheguei a Rodosto.

## II

Quando cheguei, descobri que o exército já recebera a ordem de seguir imediatamente na direção de Constantinopla. As tropas menos afetadas pela batalha recente já estavam a caminho. A cidade estava um verdadeiro tumulto. Devido ao ferimento e à conseqüente incapacidade de Argirópilo, Raymond era o comandante. Ele cavalgou pela cidade, visitando os feridos e dando as ordens que achava necessárias ao cerco que planejava. No começo da manhã, o exército inteiro já estava em movimento. Com toda a pressa, não consegui encontrar uma oportunidade de dar a notícia sobre Evadne. Ajudado apenas por meu escudeiro, cavei uma cova profunda para ela ao pé de uma árvore e, sem desfazer a mortalha de guerreira, depus a dentro do buraco, empilhando pedras sobre o túmulo em seguida. O ofuscante sol e o brilho do dia despiram a cena de solenidade. Do túmulo improvisado de Evadne, juntei-me a Raymond e sua equipe, que agora seguiam para a Cidade Dourada.

Constantinopla foi sitiada, trincheiras foram abertas e avanços foram feitos. Toda a frota grega cercou a cidade pelo mar. Por terra, as trincheiras do sítio foram cavadas ao longo do rio Kyat Kbanah, perto de Águas Doces, ao redor de Torre de Mármara, na costa de Propôntida e ao longo de muralhas ancestrais. Já estávamos em posse de Pera. O Corno de Ouro, a cidade cercada pelo mar e as muralhas cobertas de hera construídas pelos imperadores gregos eram toda a porção da Europa que os muçulmanos podiam chamar de sua. Nosso exército encarava Constantinopla como uma presa certa. Contaram as tropas. Era impossível que se livrassem dos gregos, e cada movimento era uma vitória — mesmo que os turcos saíssem triunfantes na batalha, a quantidade de homens que haviam perdido representava um ferimento irreparável. Certa manhã, cavaleguei com Raymond até o altivo monte, não muito longe de Top Kapou (o Portão do Canhão), onde Maomé erguera seu estandarte ao ver a cidade pela primeira vez. Os mesmos domos e minaretes ainda se erguiam acima das verdejantes muralhas, onde o rei Constantino morrera e por onde os turcos haviam entrado na cidade. A planície ao

redor dela era toda pintalgada por cemitérios turcos, gregos e armênios, adornados por ciprestes adultos. Outros bosques de aspecto alegre diversificavam a paisagem. O exército grego acampava entre eles, com os esquadrões indo de um lado para o outro — mas agora em um passo normal.

Os olhos de Raymond estavam fixos na cidade.

— As horas dela estão contadas — disse ele. — Mais um mês e ela cai. Continue comigo até lá, aguarde até ver a cruz da Basílica de Santa Sofia. Depois, volte para suas pacíficas clareiras.

— Quer dizer então — perguntei — que continuará na Grécia?

— Certamente — respondeu Raymond. — Mas saiba, Lionel, que mesmo dizendo isso, sinto falta de nossa vida tranquila em Windsor. Sou apenas meio soldado: amo o renome, mas não o ofício da guerra. Antes da batalha de Rodosto, estava cheio de esperança e bom humor. Conquistar a cidade e tomar Constantinopla era meu sonho, meu objetivo, aquilo que faria minha ambição ser satisfeita. O entusiasmo agora já passou, e não sei por quê. Pareço estar entrando em um fosso tenebroso. O humor ardente do exército me incomoda, e não há mais arrebatamento proveniente do triunfo.

Ele parou e pareceu ficar perdido em pensamentos. Seu semblante sério, por algum motivo, fez-me lembrar de Evadne, já meio esquecida em minha mente. Aproveitei a oportunidade para perguntar se ele sabia de algo sobre a estranha sina da grega. Primeiro perguntei se ele vira entre as tropas alguém que se parecia com ela, e depois se ouvira notícias dela desde que voltara à Grécia.

Ele se sobressaltou ao ouvir o nome de Evadne e me olhou um tanto ansioso.

— Eu sabia! — exclamou ele. — Sabia que você falaria dela. Eu já a havia esquecido, mas desde que acampamos aqui, ela visita meus pensamentos todo dia, toda hora. Quando alguém me chama, é o nome dela que espero ouvir. Imagino-a participando de cada conversa que tenho. Você enfim quebrou o feitiço. Diga-me o que sabe.

Contei de meu encontro com ela, e contei a história de sua morte mais de uma vez. Com uma ternura dolorosa, ele me perguntou sobre as profecias que ela fizera. Tratei-as como delírios de uma pessoa insana.

— Não, não — disse ele. — Não engane a si mesmo. A mim, você não engana. Ela não disse nada que eu já não soubesse, mas essa foi a confirmação. O fogo, a lâmina da espada e a praga! Tudo isso pode ser encontrado nessa cidade... Que recaiam apenas sobre mim!

Desse dia em diante, a melancolia de Raymond aumentou. Ele se isolou tanto quanto as obrigações do cargo lhe permitiam. Quando acompanhado, a tristeza tomava seu semblante independentemente de qualquer esforço que porventura



fizesse. Ele se sentava, alheio e mudo, em meio à multidão que se apinhava ao seu redor. Perdita voltara a ficar ao lado dele. Quando estava com ela, ele se forçava a parecer animado — ela, como um espelho, mudava conforme ele mudava. Se ele ficava silencioso e ansioso, ela perguntava de forma solícita o que o preocupava, e esforçava-se para descobrir a causa da sisudez. Ela morava no palácio de Águas Doces, um serralho de veraneio do Sultão. A beleza do cenário imaculado pela guerra, assim como o frescor do rio, tornava o local duplamente encantador. Raymond não sentia alívio nenhum, e não tirava prazer das manifestações do paraíso na terra. Ele frequentemente deixava Perdita para trás e saía para caminhar sozinho pelos campos. Às vezes, pegava um barquinho leve e flutuava sem fazer nada nas águas puras, imerso em reflexões. Eventualmente, eu o acompanhava, e nessas ocasiões seu semblante parecia invariavelmente solene, e ele exibia um ar abatido. Ele parecia aliviado em me ver, e conversávamos com diferentes níveis de interesse sobre os assuntos do dia. Certamente havia algo por trás daquilo. Porém, quando ele parecia prestes a falar o que guardava no fundo do peito, subitamente mudava de ideia e, com um suspiro, tentava jogar a dor aos ventos.

Não raro, quando Raymond deixava a sala onde passava tempo com Perdita, Clara me procurava, puxava-me gentilmente para o lado e dizia:

— Papai foi embora. Que tal irmos com ele? Ouso dizer que ele gostaria de ver o senhor.

E, de acordo com minha disponibilidade, eu aceitava ou negava o convite. Certa noite, vários comandantes gregos se encontraram no palácio. O intrigante Palli, o talentoso Karazza e o bélico Ypsilanti estavam entre os principais. Conversavam sobre os acontecimentos: a escaramuça na metade do dia, os números minguentes dos infiéis, as derrotas e fugas. Depois de certo tempo, passaram a contemplar a tomada da Cidade Dourada. Tentavam prever o que aconteceria. De forma arrogante, começaram a falar sobre a prosperidade que a Grécia alcançaria quando Constantinopla fosse sua capital. A conversa então se voltou às informações vindas da Ásia, e aos estragos que a praga vinha fazendo nas principais cidades do continente. As conjecturas pareciam em risco caso a doença continuasse avançando e chegasse à cidade sitiada.

Raymond participou da primeira parte da discussão. Em termos vívidos, falou sobre a situação extrema à qual Constantinopla fora reduzida. Falou dos homens feridos e abatidos, apesar da aparência feroz das tropas, e também de como a fome e a doença vinham trabalhando a favor deles. Logo, conforme observara, os infiéis seriam obrigados a recorrer a sua última esperança: rendição. De súbito, interrompeu-se em meio ao discurso, como se acometido por um pensamento doloroso. Ergueu-se, incomodado, e depois de um tempo notei que deixava o salão,

buscando um pouco de ar no longo corredor. Ele não voltou. Logo, Clara veio até mim, fazendo o convite costumaz. Aceitei o pedido e, levando-a pela mãozinha, fui atrás de Raymond. Encontramo-lo no exato momento em que ele entrava no barco, e ele aceitou de bom grado nossa companhia. Depois do calor do dia, a brisa fresca vinda da costa agitava a superfície do rio, e logo enfunou nossa pequena vela. A cidade pareceu apagada ao sul, enquanto ao longo da costa mais próxima inúmeras luzes brilhavam. A beleza das margens calmas à noite plácida e das águas que refletiam as luzes celestes davam ao formoso rio um toque de encanto que poderia muito bem caracterizar um retiro no paraíso. O único marinheiro que ia conosco cuidava da vela. Raymond assumiu o timão, com Clara sentada aos seus pés. A menina enlaçou as pernas do pai e repousou a cabeça nos braços. Raymond começou a conversa de forma um tanto abrupta.

— Esta, meu amigo, é provavelmente nossa última oportunidade de conversar livremente. Meus planos agora estão em pleno funcionamento, e meu tempo se tornará mais e mais escasso. Além disso, desejo contar-lhe de uma vez meus desejos e expectativas, e nunca mais voltar a falar sobre esse assunto tão doloroso. Primeiro, preciso agradecê-lo, Lionel, por ter permanecido aqui a meu pedido. De início, foi a vaidade que me fez pedir que ficasse. Sim, considero vaidade, embora agora possa ver também uma mão do destino nisso: sua presença logo será necessária. Você será o último recurso de Perdita, seu protetor e aquele que a consolará e a levará de volta para Windsor...

— Não sem você — respondi. — Está mesmo pensando em se separar dela de novo?

— Não se engane — respondeu Raymond. — A separação à vista é uma sobre a qual não tenho controle, e ela está cada vez mais próxima. Os dias estão contados. Posso confiar em você? Há muito tempo anseio falar sobre os misteriosos pressentimentos que pairam sobre mim, mas temia que me ridicularizasse. Não faça isso, gentil amigo. Por mais infantis e bobos que eles possam parecer, já se tornaram parte da minha vida, e não tenho nenhuma expectativa de afastá-los.

“Mas como posso esperar que me entenda? Você é deste mundo, e eu não sou. Estenda a mão. Ela é uma parte de você, e nem assim você e ela compartilham o mesmo sentimento de identidade como forma mortal de Lionel. Então como você poderia me entender? Para mim, a terra é como um túmulo e o firmamento é como uma cripta, ambos envolvendo a mera corrupção. Não há mais tempo: já ultrapassei os limites da eternidade. Para mim, cada homem parece um cadáver, que será ceifado da fâsca que lhe dá a vida no crepúsculo da decadência e da corrupção. *Cada piedra un piramide levanta, y cada flor construye un monumento, cada edificio es un sepulcro altivo, cada soldado un esqueleto vivo.*”

Seu tom era pesaroso. Suspirou fundo antes de continuar:

— Alguns meses atrás, pensei que iria morrer, mas a vida dentro de mim resistiu. Meus sentimentos eram humanos: a esperança e o amor eram as estrelas-guia da minha vida. Agora... tanto uma quanto a outra sonham com a frente do conquistador dos infieis adornada pelos louros da vitória. Os gregos falam de me pagar com honrarias, títulos, poderes e fortuna, mas tudo o que peço é um túmulo. Que ergam um monte sobre meu corpo sem vida, um que permaneça altivo mesmo depois da queda da Basílica de Santa Sofia.

“E por que sinto isso? Em Rodosto, estava cheio de esperança, mas quando vi Constantinopla pela primeira vez, esse sentimento, junto de qualquer outro tipo de alegria, sumiu. As últimas palavras de Evadne foram o selo sobre a certeza de minha morte, e mesmo assim não sei apontar um acontecimento específico para minha mudança de humor. Tudo o que posso dizer é que assim foi. A praga, pelo que me contaram, já chegou em Constantinopla. Talvez tenha sido contaminado, e é a doença a causa real do meu prognóstico. Mas pouco importa a razão ou os motivos pelos quais estou assim: nenhum poder é capaz de impedir o golpe, e a sombra da mão erguida do destino já se assoma sobre minha cabeça.

“A você, Lionel, confio sua irmã e nossa filha. Nunca mencione a ela o fatal nome de Evadne. Ela sentirá uma mágoa dupla se souber da estranha conexão que me acorrenta à grega, conexão esta que foi capaz de fazer meu espírito obedecer a sua voz moribunda e segui-la, como acontecerá, até os territórios desconhecidos da morte.”

Ouvi admirado o que ele tinha a dizer. Seu semblante triste e sua completa solenidade me fizeram ter certeza da verdade e intensidade do que sentia, e, portanto, eu deveria ter tentado dissipar os medos que ele experimentava sem menosprezá-los. Minha resposta, qualquer que fosse, foi interrompida por um surto emotivo de Clara. Raymond falara tudo, insensível à presença dela, e a pobre menina acabou ouvindo com horror e fé a profecia da morte do pai. Ele ficou tocado pelo sofrimento violento da filha. Pegou-a nos braços e a acalmou, mas as próprias palavras que usava eram solenes e apreensivas.

— Não chore, minha menina — disse ele. — Não pela morte de alguém que mal conheceu. Posso morrer, mas nem na morte esquecerei ou abandonarei minha querida Clara. Quando no futuro sentir alegria ou tristeza, saiba que o espírito de seu pai estará por perto para salvá-la ou para se compadecer de você. Orgulhe-se de mim e cultive a lembrança infantil que tem de seu pai. Assim, meu amor, não parecerá que morri. Mas uma coisa deve me prometer: não fale com mais ninguém além de seu tio sobre a conversa que acabou de ouvir. Quando eu partir, console sua mãe e diga a ela que minha morte só será amarga porque terá me separado dela,

e que meus últimos pensamentos foram dedicados à minha esposa. Mas, enquanto eu viver, prometa que não vai me trair. Prometa, minha filha.

Com a voz trêmula, Clara prometeu, ainda abraçada ao pai em um acesso de tristeza. Logo voltamos à costa, e tentei apagar o que fora gravado na mente da criança tratando os temores de Raymond como se fossem bobagem. Não o ouvimos falar mais disso. Como ele mesmo disse, o sítio à cidade, cada vez mais perto da conclusão, tornou-se seu interesse principal, exigindo todo seu tempo e atenção.

O império dos muçulmanos na Europa estava perto do fim. A frota grega bloqueava cada porto de Istambul, evitando a chegada de reforços vindos da Ásia. Qualquer tipo de desembarque se tornou impraticável, com exceção de poucos ataques desesperados que serviam apenas para reduzir os números do inimigo sem afetar nossas fileiras. A guarnição já diminuía tanto que era evidente que a cidade poderia ser facilmente tomada de assalto. Tanto um senso de humanidade como a estratégia, no entanto, ditaram uma ação mais cuidadosa. Não era nem de se duvidar que, se levada a cabo, uma ação mais desesperada acabaria fazendo com que palácios, templos e estoques de riquezas fossem destruídos na fúria da disputa entre as duas partes. Além disso, os cidadãos impotentes já haviam sofrido o suficiente com as barbaridades dos janízaros. Em um assalto, cheio de tumulto e massacres, a beleza, as crianças e os mais vulneráveis acabariam sacrificados sob a ferocidade brutal dos soldados. Submetê-los à fome através do cerco era um meio garantido de conquistar a cidade, e foi nele que depositamos nossas esperanças de vitória.

A cada dia, os soldados da guarnição inimiga atacavam nossos postos avançados e impediam a realização de nosso serviço. Embarcações com canhões eram enviadas de vários portos, enquanto nossas tropas às vezes recuavam diante da coragem de homens devotos que não queriam mais sobreviver, mas sim sacrificar as vidas de bom grado. Essas contendas ficavam mais complicadas devido ao clima: aconteciam durante o verão, em um ponto onde o vento sul que vinha da Ásia carregava um calor insuportável. Os riachos secavam no leito raso, e o vasto reservatório que era o mar parecia cintilar sob os raios inclementes do sol solsticial. Nem a noite era capaz de arrefecer a terra. O orvalho não surgia. Não havia ervas ou flores, as próprias árvores haviam tombado, e o verão assumia a aparência destruidora do inverno enquanto avançava silencioso e flamejante para abreviar os meios de subsistência dos homens. Era em vão que os olhos buscavam resquícios de nuvens nortenas nos céus inoxidáveis, nuvens que talvez pudessem trazer a esperança de mudança e um pouco de umidade à atmosfera opressiva e estagnada. Tudo jazia parado, queimando, aniquilado. Nós, que sustentávamos o cerco, éramos pouco

afetados por esses males se comparados aos cidadãos de Constantinopla. Os bosques em volta ao menos garantiam alguma sombra. O rio, por sua vez, fornecia um suprimento constante de água — alguns destacamentos eram inclusive empregados na tarefa de suprir o exército com gelo, que se acumulava nas Haemus, em Atos e nas montanhas da Macedônia. Ao mesmo tempo que era usado para resfriar frutas e alimentos perecíveis, renovava a força de nossos trabalhadores e fazia-nos suportar com menos impaciência o peso do ar abafado. Na cidade, porém, a situação era completamente diferente. Os raios do sol eram refletidos pelo pavimento e pelas construções. A interrupção do fluxo das fontes públicas e a qualidade duvidosa — além da escassez — dos alimentos produziam um estado constante de sofrimento, que só era agravado pelo flagelo da doença. Os exércitos turcos usufruíam dos poucos recursos remanescentes, adicionando o desperdício e as revoluções populares à lista de males do momento. Mesmo assim, não podiam capitular.

Até que, certo dia, as táticas de guerra do oponente mudaram de súbito. Paramos de ser atacados, e noite e dia continuamos nosso serviço sem nenhum incômodo. Mais estranho ainda era o fato de que, quando as tropas avançavam até perto da cidade, as muralhas pareciam vazias, sem canhões apontados na direção dos intrusos. Quando essas circunstâncias foram relatadas a Raymond, ele organizou de imediato incursões para que estas observassem o que acontecia dentro dos muros e, quando os batedores retornaram, informando que apenas um silêncio contínuo e a desolação reinavam na cidade, ele mandou que o exército marchasse até diante dos portões. Ninguém apareceu na muralha. Os próprios portões, embora trancados e cheios de barricadas, pareciam desprotegidos. Lá em cima, vários domos e brilhantes representações da lua crescente perfuravam o firmamento, enquanto os velhos muros — sobreviventes de eras, com as torretas de marfim e os contrafortes cobertos de heras — permaneciam eretos como rochas no meio do ermo desabitado. De dentro da cidade, não vinham gritos nem lamentos. Nada, exceto o ocasional uivo de um cão, rompia a quietude do meio do dia. Mesmo nossos soldados pareciam silenciosos em admiração. A música foi pausada, até o clangor das armas foi silenciado. Os homens se perguntavam aos sussurros o significado de tamanha paz. Enquanto isso, Raymond encontrara um ponto mais alto do terreno e tentava, com sua luneta, descobrir e observar o estratagema dos inimigos. Era impossível distinguir qualquer coisa no terraço das casas. Nas partes mais altas da cidade, nem o movimento das sombras denunciava a presença de seres vivos. As próprias árvores não se mexiam, como se zombassem da estabilidade das obras arquitetônicas fingindo a mesma imobilidade.

Depois de certo tempo, começamos a ouvir o ruído de cascos ao longe, nítido no silêncio. Era uma tropa amiga enviada por Karazza, o almirante. Ela trazia despachos para o lorde general. O conteúdo dos documentos era importante. Na noite anterior, a atenção da guarda, a bordo de uma das embarcações menores ancoradas perto da muralha do serralho, fora despertada por um leve barulho na água, que sugeria a atividade de remos. O alarme foi soado, e doze pequenos barcos, cada um contendo três janízaros, foram surpreendidos tentando passar pela frota para chegar à margem oposta de Scutari. Quando perceberam que haviam sido descobertos, sacaram os mosquetes. Algumas embarcações avançaram para dar cobertura às outras, cujas tripulações, fazendo todo o esforço possível, passaram a tentar escapar com os barcos leves por entre os cascos escuros que os tinham sob a mira. Acabaram todos naufragando. Com a exceção de dois ou três prisioneiros, toda a tripulação se afogou. Conseguiram extrair pouca informação dos sobreviventes, mas as respostas cuidadosas logo revelaram que várias expedições haviam precedido aquela, e que vários turcos de alta patente haviam sido transportados até a Ásia. Os homens repeliram de forma desdenhosa a afirmação de que haviam desertado a defesa da cidade. Um deles, o mais novo, ao responder a provocação de um marinheiro, exclamou:

— Fiquem com a cidade, seus cães cristãos! Fiquem com os palácios, com os jardins, com as mesquitas, com a morada de nossos pais. Mas levem junto a praga! É a doença o inimigo de quem fugimos. Já que são amigos dela, peguem-na no colo! A maldição de Alá já recaiu sobre Istambul, e vocês hão de compartilhar do mesmo destino.

Foi esse o relato enviado por Karazza a Raymond. A tropa que o acompanhava, porém, espalhou entre nossos soldados uma história que, embora encontrasse fundamentos nessa informação, era cheia de exageros monstruosos. Um burburinho surgiu: a cidade fora tomada pela doença. Já subjugava os habitantes com um poder arrasador. A Morte virara a senhora de Constantinopla.

Certa vez, ouvi uma história sobre como todos os habitantes do planeta eram arrebatados de medo no momento do encontro com a Morte. Os febris e decrépitos fugiam. Os guerreiros recuavam, mesmo que encarassem qualquer coisa durante a batalha. Lobos, leões e várias feras do deserto rugiam para Ela, enquanto a cinzenta Irrealidade perambulava por aí, brandindo sua foice espectral — uma ameaça solitária, mas invencível. A reação de quem encarava o exército da Grécia era a mesma. Estou convencido de que, mesmo que as várias pequenas tropas da Ásia tivessem vindo de Propôntida para defender a Cidade Dourada, cada um dos gregos ainda teria marchado contra números desproporcionais e se devotado a seu país com uma fúria patriótica. Não havia, porém, uma parede de baionetas, uma

artilharia mortal ou uma disposição formidável de bravos soldados para se opor a nós. As muralhas abandonadas permitiam entrada fácil, e os vários palácios vazios serviriam de moradias luxuriosas — mas, sobre o domo da Basílica de Santa Sofia, os supersticiosos gregos enxergaram a Peste, e tremeram e se encolheram com medo de sua influência.

Raymond, por outro lado, foi tomado por sentimentos bem diferentes. Ele desceu da colina com o rosto iluminado pelo triunfo, apontando a espada para os portões enquanto ordenava para as tropas: “Derrubem essas barricadas!”, referindo-se ao único obstáculo antes da vitória completa. Os soldados responderam às palavras animadas com olhares horrorizados e chocados. Instantaneamente recuaram, e Raymond percorreu a cavalo as fileiras da frente.

— Juro pela minha espada — exclamou ele — que nenhuma emboscada ou estratagem os ameaça. O inimigo já foi subjugado. Os lugares agradáveis, os lares nobres e os espólios da cidade já são de vocês. Forcem o portão, entrem e assumam os tronos de seus ancestrais, sua herança de direito!

Um tremor generalizado e um burburinho temeroso se espalharam pelas fileiras. Nem um só soldado se moveu.

— Covardes! — exclamou o general, exasperado. — Deem-me um machado! Entrarei sozinho! Erguerei seu estandarte: quando o virem tremulando no mais alto minarete, talvez ganhem coragem e se apinhem em torno dele!

Um dos oficiais se pronunciou:

— General — disse —, não tememos a coragem do inimigo, nem suas armas, nem um ataque direto, nem uma emboscada dos muçulmanos. Estamos dispostos a nos expor, como já fizemos milhares de outras vezes, às lanças e cimitarras dos infiéis. Estamos dispostos a cair gloriosamente pela Grécia, mas não morreremos aos montes, como cães envenenados no verão, tomados pelo ar pestilento da cidade. Não temos coragem de encarar a Praga!

Muitos e muitos homens estavam febris e abatidos, sem voz, sem líder. Se alguém suprisse aquele papel, eles recuperariam a força proporcional a seus números. E foi o que aconteceu. Gritos de milhares de vozes encheram o ar. O estrondo dos aplausos ecoou por toda a multidão. Raymond reconhecia o perigo desse levante, mas estava disposto a perdoar o crime de desobediência da tropa — sabia que, em caso de desentendimento entre ele e o exército, cada ato e palavra enfraqueceria mais o comandante e tornaria a tropa mais poderosa. Deu ordens para que soassem o sinal da retirada, e os regimentos voltaram para o campo de modo ordenado.

Apressei-me em levar os relatos dos acontecimentos esquisitos para Perdita, e logo Raymond se juntou a nós. Ele parecia sombrio e perturbado. Minha irmã foi

arrebatada pela história.

— Quão além da imaginação do homem — exclamou — são os decretos do céu, assombrosos e inexplicáveis!

— Garota tola! — gritou Raymond com raiva. — Está, como meus valentes soldados, paralisada pelo pânico? O que é tão inexplicável em uma situação natural como essa? Diga! A praga não toma Istambul todos os anos? Por que se admira que este ano, quando, como nos disseram, uma virulência sem precedência tomou a Ásia, o caos causado na cidade tenha sido o dobro? Por que se admira que, em tempos de cerco, necessidade, calor extremo e estiagem, a doença esteja causando perdas fora do comum? Menos admirável ainda seria se a guarnição, desesperada por não poder mais suportar, tirasse vantagem da negligência de nossa frota para escapar de uma vez do cerco e da captura. Não é a doença de fato... Por Deus! Não é a praga ou o perigo iminente que nos faz, como pássaros em época de colheita, com medo do espantinho, abster de nossas presas. É pura superstição... E é assim que a disposição dos valentes é transformada em uma peteca pelos tolos, que a ambição valiosa daqueles de alma elevada é transformada em um brinquedo dessas lebres domesticadas! Mesmo assim, Istambul será nossa! Por meu esforço anterior, pela tortura e pela prisão sofrida pelas pessoas desta terra, por minhas vitórias, pela minha espada, eu juro! Pela esperança que tenho de obter fama e pelos merecedores que aguardam sua recompensa, juro solenemente que com estas mãos fincarei a cruz nessa mesquita!

— Querido Raymond! — interrompeu Perdita em tom de súplica.

Ele andava de um lado para o outro no salão de mármore do serralho. Seus lábios estavam pálidos de ira enquanto, tremendo, proferiam as palavras raivosas. Seus olhos pareciam em chamas, e seus gestos pareciam restringidos pela própria veemência.

— Perdita — continuou ele, impaciente —, sei bem o que vai dizer. Sei que me ama e que é boa e gentil, mas isso não é coisa de mulher. O coração de mulher alguma é páreo para o furacão que me destroça!

Ele parecia ter medo da própria violência, e de súbito deixou o salão. Um olhar de Perdita me despertou da angústia, e eu o segui. Ele caminhava pelo jardim. Suas paixões estavam em um estado de turbulência inconcebível.

— Sou um brinquedo do destino! — exclamou. — Deve o homem que almeja o céu ser para sempre vítima dos répteis asquerosos da própria espécie? Se eu fosse como você, Lionel, que tem a esperança de viver muitos anos em uma sucessão de dias repletos de amor e luz, além de diversões refinadas e borbotões de sonhos frescos, eu me renderia e, quebrando ao meio o bastão de general, buscaria repouso nas clareiras de Windsor. Mas estou à beira da morte! Não, não me interrompa



agora. Eu logo irei morrer. Deste populoso planeta, das simpatias dos homens e das mulheres, dos recantos amados de minha juventude, da gentileza de meus amigos, da afeição de minha única amada, Perdita: estou prestes a ser removido de tudo isso. Esse é o desejo do destino! Esse é o decreto do Governante Supremo, contra o qual é impossível apelar, e a quem me submeto. Mas perder tudo? Perder também, junto à vida e ao amor, a glória? Não pode ser assim!

“Eu, e em alguns poucos anos todos vocês — o exército assomado pelo pânico e toda a população da bela Grécia —, não existiremos mais, mas outras gerações virão, e para sempre continuarão, mais felizes devido a nossos atos do presente, glorificadas pelo nosso valor. Os relatos de minha juventude mereciam constar dentre os que encherão as páginas da esplêndida história do mundo, exaltando a raça humana e tornando este pequeno globo um lar de seres poderosos. Infelizmente para mim, Raymond, os relatos de minha juventude estão perdidos... Os sonhos de se destacar perante a humanidade caíram por terra!

“De minha masmorra na cidade, grito que logo serei seu senhor! Quando Evadne anunciou minha morte, pensei que o título de Vencedor de Constantinopla seria escrito em minha tumba, e deixei de lado todo o medo mortal. Agora estou diante das muralhas derrotadas, e não ousou me proclamar conquistador delas. Então, não o farei! Alexandre não saltou a muralha da cidade dos *oxidracae* para mostrar para suas tropas covardes como se vence, enfrentando sozinho as espadas de seus defensores? Da mesma forma, encararei a praga. Mesmo que nenhum homem me siga, plantarei o estandarte grego no topo de Santa Sofia.”

A razão se mostrou infrutífera diante desses sentimentos. Em vão tentei mostrar a ele que, quando o inverno chegasse, o frio dissiparia o ar pestilento e devolveria a coragem aos gregos.

— Não fale de outra estação que não esta! — gritou ele. — Já vivi meu último inverno, e é este ano, 2092, que será inscrito no meu túmulo. Já posso ver — continuou ele, parecendo pesaroso — o limiar e a beira precipitada de minha existência, de onde saltarei para o sombrio mistério do que há depois da vida. Estou preparado, de modo que deixarei para trás um rastro de luz tão radiante que nem meus piores inimigos serão capazes de obscurecê-lo. Devo isso à Grécia, a você, à minha sobrevivente Perdita e a mim mesmo, vítima da ambição.

Fomos interrompidos por um auxiliar, anunciando que a equipe de Raymond estava reunida na câmara do conselho. Ele pediu que, no meio-tempo, eu cavalgasse até o campo, fizesse observações e relatasse a ele o ânimo dos soldados. Com isso, foi embora. Eu fora agitado ao máximo pelos acontecimentos do dia, e mais do que nunca pelo discurso apaixonado de Raymond. Ai de mim diante da falta da razão! Ele acusava os gregos de acreditarem em superstições. Que nome

dava à fé que depositava nas previsões de Evadne? Fui do palácio em Águas Doces até a planície em que o acampamento fora montado, e encontrei os habitantes em um estado de comoção. A chegada de várias histórias fantasiosas dos tripulantes da frota, os exageros sobre o que já sabíamos e as histórias de velhas profecias e de regiões inteiras que haviam sido arrasadas pela peste durante o ano corrente assustavam e preocupavam os soldados. A disciplina se perdeu. O exército se desmantelou. Cada indivíduo, antes parte de um todo e movendo-se junto aos demais, passou a se resumir tão somente à forma unitária com que a natureza o produzira, pensando apenas em si mesmo. Passaram a desertar, a princípio sozinhos ou em dupla, depois em grupos maiores, até que batalhões inteiros, desimpedidos pelos oficiais, passaram a tomar a estrada que levava à Macedônia.

Perto da meia-noite, voltei ao palácio e procurei Raymond. Ele estava sozinho, e aparentemente composto. A postura, pelo menos, era inspirada por uma determinação de aderir a uma certa linha de conduta. Ouviu meu relato de dissolução autônoma do exército com calma, e depois disse:

— Você já sabe, Verney, de minha fixa determinação de não ir embora deste lugar até que, sob a luz do dia, Istambul seja declaradamente nossa. Se os homens que me cercam falharem em me seguir, outros, mais corajosos, haverão de ser encontrados. Parta antes do nascer do sol, envie estas missivas a Karazza e acrescente a elas suas próprias súplicas para que ele mande seus fuzileiros e sua força naval. Se conseguir que pelo menos um regimento me apoie, os demais o seguirão. Deixe que ele me envie o regimento de que preciso. Aguardarei seu retorno até o meio-dia de amanhã.

Eu achava que isso não passava de um recurso pobre, mas assegurei que ele tinha minha obediência e meu zelo. Então nos separamos, e eu tirei algumas horas de descanso. Ao raiar da manhã, equipei-me para a viagem. Com a intenção de me despedir de Perdita, demorei um tanto, e de minha janela observei o nascer do sol. O dourado esplendor ascendeu, e a já abatida natureza despertou para sofrer mais um dia de calor e declínio sedento. As flores não ergueram seus botões cobertos de orvalho para receber a manhã. A grama seca murchara nas planícies, os campos em chamas não abrigavam mais pássaros. Apenas as cigarras, filhas do sol, começavam a entoar seu canto estridente e ensurdecedor em meio aos ciprestes e às oliveiras. Vi a montaria preta como carvão de Raymond ser trazida aos portões do palácio. Uma pequena companhia de oficiais chegou pouco depois, com preocupação e medo estampados em cada rosto e cada par de olhos inchados pela falta de sono. Encontrei Raymond e Perdita juntos. Ele assistia à ascensão do sol com um dos braços enlaçados à cintura da amada. Ela o mirava, o sol de sua vida, com um olhar

carinhoso repleto de ansiedade e ternura. Raymond explodiu, nervoso, quando me viu.

— Ainda está aqui? — exclamou. — É este o zelo que me prometeu?

— Peço perdão — disse eu. — Mas partirei agora mesmo, antes que termine de falar.

— Não, sou eu que peço perdão — respondeu ele. — Não tenho direito nenhum de mandar em você ou repreendê-lo. É que minha vida depende de sua partida e de seu rápido retorno. Adeus!

A voz dele recuperara o tom brando, mas uma nuvem escura ainda pairava sobre seu semblante. Eu teria me demorado mais um pouco, pois desejava recomendar a Perdita que tivesse cuidado, mas a presença de Raymond me reprimiu. Não tinha justificativa para hesitação. Ele repetiu o adeus, e apertei a mão que me estendia. Ela estava gelada e suada.

— Cuide-se, milorde — disse eu.

— Não! — disse Perdita. — Essa tarefa pertence a mim. Volte logo, Lionel. — Meio distraída, ela mexia nos cachos loiros enquanto se apoiava nele. Virei-me para trás duas vezes, apenas para ver de novo aquele par sem igual. Enfim, com passos lentos e pesados, atravessei o pátio e montei meu cavalo. Foi quando Clara veio correndo até mim. Abraçando meus joelhos, exclamou:

— Volte logo, meu tio! Querido tio, tenho sonhos tão terríveis... Não ouse contá-los para minha mãe. Não demore muito!

Garanti a ela que também mal via a hora de voltar e, com uma pequena escolta ao meu lado, cavalguei pelas planícies na direção da torre de Mármara.

Logo cumpri minha missão: encontrei Karazza. Ele ficou um tanto surpreso. Disse que veria o que podia ser feito, mas aquilo exigia tempo, e Raymond ordenara que eu voltasse até meio-dia. Era impossível realizar qualquer coisa em um espaço tão curto. Precisaria ficar até o dia seguinte ou voltar depois de ter relatado a situação atual ao general. Não foi difícil escolher. Uma inquietude, um temor do que poderia estar prestes a acontecer e dúvidas sobre os propósitos de Raymond me incitaram a voltar sem demora para seu quartel-general. Assim que deixei Sete Torres, cavalguei para o leste, na direção de Águas Doces. Tomei um caminho tortuoso, principalmente para que pudesse subir no monte já mencionado, o que me daria uma boa visão da cidade. Levava comigo minha luneta. A cidade estava banhada pelo sol do meio-dia, e as veneráveis muralhas marcavam as pitorescas fronteiras. Imediatamente à minha frente se encontrava o Top Kapou, o portão perto do qual Maomé encontrara a brecha através da qual entrara na cidade. Árvores antigas e gigantescas cresciam por ali. Diante do portão, pude discernir uma multidão de pessoas em movimento — e, com intensa

curiosidade, afastei a luneta do olho. Vi lorde Raymond em sua montaria, um pequeno grupo de oficiais junto dele e, logo atrás, um bando confuso de soldados e subalternos. Já não tinham mais disciplina, caminhavam com os braços soltos ao lado do corpo, não tocavam música nenhuma e não carregavam nenhum estandarte. A única bandeira entre eles era a que Raymond carregava. Com ela, apontou para o portão da cidade. O círculo ao redor dele se dissipou. Com gestos irritados, ele saltou do cavalo e, pegando um machado que levava pendurado à cela, avançou com a aparente intenção de derrubar o portão. Alguns poucos homens se aproximaram para ajudá-lo. Foram ficando cada vez mais numerosos, e, sob os golpes que desferiam, o obstáculo logo foi superado. O portão, a ponte levadiça e as grades foram demolidos, e enfim o caminho amplo e ensolarado que levava ao coração da cidade se apresentou desimpedido diante deles. Os homens recuaram. Pareciam temer o que tinham acabado de fazer, e ficaram parados, como se esperassem que algum poderoso fantasma surgisse dali por ter tido a majestade ofendida com o arrombamento. Raymond desmontou do cavalo com leveza, agarrou o estandarte e, com palavras que eu não consegui ouvir — embora os gestos, acompanhantes dignos delas, fossem marcados por uma energia apaixonada —, pareceu conjurar a assistência e companhia dos homens. Porém, antes mesmo que terminasse de falar, o grupo se afastou dele. A indignação então o tomou: as palavras que pude discernir estavam marcadas pelo desdém. Depois, voltando-se para os covardes companheiros, anunciou que entraria na cidade sozinho. O próprio cavalo pareceu recuar diante da entrada fatal. Seu cão, seu fiel cão, ficou ganindo e suplicando pelo caminho. Raymond, porém, logo enfiou as esporas no corpo da inquieta montaria e disparou adiante. Ao passar pelo portão, já galopava pela rua larga e deserta.

Até então, minha alma residia tão somente em meus olhos. Encarei a cena com admiração misturada a medo e entusiasmo. Por fim, o último sentimento venceu. Esqueci a distância entre nós.

— Irei contigo, Raymond! — berrei.

No entanto, quando tirei os olhos da luneta, mal pude discernir as minúsculas silhuetas que formavam o grupo, cercado o portão a quase uma milha de mim. Não era mais capaz de encontrar a forma de Raymond. Incomodado pela impaciência, incitei meu cavalo com fortes golpes da espora e soltei as rédeas declive abaixo. Estaria ao lado de meu nobre e divino amigo antes que o perigo se acercasse. Uma série de construções e árvores surgiram assim que alcancei o planalto, encobrendo minha visão da cidade. Nesse momento, um estrondo foi ouvido. Reverberou pelo céu tal qual um trovão enquanto o ar se enegrecia. No momento seguinte, as antigas muralhas surgiram em meu campo de visão, cercadas

por uma nuvem escura. Fragmentos de construções rolavam, meio ocultas pela fumaça, enquanto chamas crepitavam e explosões contínuas enchiam o ar com mais estrondos assustadores. Voando das ruínas que caíam por cima das muralhas, fazendo tremer as torres cobertas de hera, uma multidão de soldados surgiu na estrada pela qual eu cavalgava. Fui cercado, encurralado por eles, incapaz de avançar. Minha impaciência chegou ao ápice. Ergui as mãos para os homens ao meu redor e implorei que voltassem e salvassem seu general, conquistador de Istambul, libertador da Grécia. Lágrimas — sim, lágrimas — vertiam de meus olhos. Não podia acreditar que aquele era seu fim — cada nuvem que obscurecia o ar, porém, parecia carregar consigo uma parte do martirizado Raymond. Visões horríveis surgiram diante de mim em meio à densa nuvem que pairava sobre a cidade. Meu único alívio vinha do esforço que eu fazia para me aproximar do portão. Quando atingi meu objetivo, tudo o que pude discernir ao me aproximar das gigantescas muralhas foi uma cidade em chamas: a passagem pela qual Raymond cavalgara jazia envolta em fumaça e fogo. Depois de certo tempo, as explosões cessaram, mas as chamas ainda irrompiam em algumas regiões. O domo da Basílica de Santa Sofia desaparecera. Por mais estranho que fosse, enormes nuvens brancas de tempestade — talvez o resultado do abalo do ar pela explosão da cidade — ergueram-se do horizonte ao sul e agruparam-se sobre nós. Foram as primeiras manchas na imensidão azul do céu que eu via em meses, e, entre todo o caos e desespero, inspiravam certo prazer. O firmamento escureceu, e relâmpagos lampejaram por entre as massas densas, seguidos imediatamente por estrondosos trovões. Enfim, uma chuva forte caiu. As chamas que ardiam na cidade esmaeceram, e a fumaça e a poeira que subiam das ruínas se dissiparam.

Assim que notei um abrandamento do fogo, avancei movido por um impulso irresistível, tentando adentrar a cidade. A única maneira de fazê-lo seria a pé, já que a massa de ruínas tornava impraticável avançar a cavalo. Nunca entrara na cidade antes, e não sabia como transitar por ela. As ruas estavam bloqueadas, as ruínas fumegavam. Subi em uma pilha de destroços, e tudo que vi foram outras em volta. Nada me apontava o centro da cidade ou a direção em que Raymond poderia ter seguido. A chuva cessou. As nuvens se encolheram no horizonte. Já era fim da tarde, e o sol foi se pondo rapidamente no céu oeste. Segui em meio à confusão até chegar a uma rua cujas casas de madeira, meio consumidas pelas chamas, já haviam esfriado. Estavam, felizmente, intocadas pela pólvora. Apressei-me pela via e vi os primeiros restos mortais. Mas nenhuma das formas humanas sem rosto que encontrei ali podiam ser Raymond, então desviei os olhos com o coração tão nauseado quanto eu. Por fim, cheguei a uma clareira — uma montanha de ruínas jazia no centro, indicando que alguma grande mesquita ocupara o espaço. Ali,

espalhados para todos os lados, vi artigos de luxo e sinais de riqueza. Estavam chamuscados e destruídos, mas era possível distinguir entre as ruínas o que um dia haviam sido: jóias, colares de pérola, vestes bordadas, ricos casacos de pele, tapeçarias brilhantes e ornamentos orientais que aparentemente haviam sido reunidos em uma pilha destinada à destruição. A chuva, no entanto, interrompera o estrago pela metade.

Horas se passaram enquanto eu procurava Raymond em meio às ruínas. Pilhas intransponíveis às vezes se opunham à minha passagem, e as chamas remanescentes me chamuscavam. O sol se pôs. A atmosfera ficou cada vez mais escura, e logo a estrela vespertina não brilhava mais sozinha. O brilho do fogo atestava o progresso da escuridão. Enquanto isso, em meio à mistura de luz e trevas, as pilhas ao meu redor assumiram proporções gigantescas e formatos estranhos. Em alguns momentos, eu cedia aos poderes criativos da imaginação, e por um curto tempo era tranquilizado pelas ficções sublimes que se descortinavam diante de mim. Mas as batidas de meu coração humano me puxavam de volta para a triste realidade. Onde, neste campo selvagem da morte, está você, querido Raymond — símbolo da Inglaterra, libertador da Grécia, “herói da história não escrita”? Onde, neste caos flamejante, seus caros restos podem estar espalhados? Chamei por ele em voz alta — através da escuridão da noite e por sobre as ruínas fumegantes da Constantinopla caída, o nome dele foi ouvido. Mas nenhuma voz respondeu — até o eco estava mudo.

Fui massacrado pelo cansaço. A solidão abateu meu ânimo. O abafado ar impregnado pela poeira, e também o calor e a fumaça dos palácios em chamas paralisaram meus membros. De súbito, a fome intensa se abateu sobre mim. A emoção que até o momento me sustentava se perdeu. Como quando em um prédio as escoras se soltam e as fundações de pedra cambaleiam e caem, o entusiasmo e a esperança me abandonaram, e minha força falhou. Sentei-me nos restos da escadaria de um edifício, que mesmo em seu declínio era enorme e magnífico. Alguns poucos muros quebrados, não totalmente explodidos pela pólvora, erguiam-se em construções fantásticas, e uma chama brilhava aqui e ali no topo dos montes de destroços. Por um tempo, a fome e o sono lutaram entre si, até que as constelações vacilaram diante de meus olhos e enfim sumiram. Esforcei-me para ficar de pé, mas minhas pálpebras se fecharam e meus membros forçados à exaustão clamaram por descanso. Repousei a cabeça contra uma pedra e entreguei-me à deliciosa sensação de completo esquecimento. Naquela cena de desolação, naquela noite de desespero, eu dormi.

### III

As estrelas ainda brilhavam com intensidade quando eu acordei. A constelação de Touro, alta na parte sul do firmamento, revelava que era meia-noite. Acordei de sonhos inquietos. Neles, eu era convidado para o último banquete de Timão. Chegava cheio de apetite, e os pratos eram descobertos, mas eu sentia apenas os meros vapores que deles subiam antes de fugir diante da ira do anfitrião, que assumia a forma de Raymond. Em minha febril imaginação, ele atirava as travessas em mim, cercado por vapores fétidos, e a figura de meu amigo, alterada por milhares de distorções, crescia até formar um fantasma gigantesco que trazia na frente o sinal da peste. A sombra crescente se erguia cada vez mais, inflando, e depois parecia explodir e ultrapassar os limites da abóbada adamantina que sustentava e cobria o mundo. O pesadelo se tornou torturante. Com muito esforço, despertei e convoquei a razão para que voltasse a realizar suas funções usuais. Meu primeiro pensamento foi em Perdita. Era para ela que eu deveria retornar, e era ela quem eu deveria apoiar, tirando do desespero o que melhor pudesse sustentar seu coração ferido. Precisaria resgatá-la dos loucos excessos do luto usando as austeras leis do dever e a suave ternura do pesar.

A posição das estrelas era a única coisa que me servia de guia. Parti das terríveis ruínas da Cidade Dourada e, depois de grande esforço, tive sucesso em me livrar de suas garras. Encontrei uma companhia de soldados do lado de fora das muralhas. Peguei emprestado um cavalo de um deles e parti a toda ao encontro de minha irmã. A aparência da planície mudara durante o curto intervalo: o acampamento fora desmontado, os resquícios do exército debandado juntavam-se em pequenas companhias aqui e ali. Cada rosto estava fechado, e cada gesto denunciava assombro e desalento.

Adentrei o palácio com o coração pesado, e peguei-me temeroso em continuar, em falar, em olhar. No centro do salão estava Perdita. Ela estava sentada no chão de mármore, com a cabeça caída sobre o colo, de cabelos desgrenhados e dedos inquietos. Estava pálida como mármore, e cada traço de sua expressão estava

contraído de agonia. Ela me notou e ergueu a cabeça, como se fazendo uma pergunta. Seu olhar era de esperança e sofrimento, e minhas palavras morreram antes que eu pudesse articulá-las. Senti um fraco sorriso franzir meus lábios. Perdita entendeu meu gesto. Sua cabeça voltou a pender, e seus dedos voltaram a se entrelaçar de forma inquieta. Eu enfim recuperei a fala, mas minha voz a aterrorizou. A desafortunada garota entendera meu olhar, e daria mundos para que a sina de seu pesado sofrimento não fosse formulada e confirmada por palavras duras e irreversíveis. Ela parecia, inclusive, querer distrair meus pensamentos do assunto, e levantou-se do chão.

— Silêncio! — disse ela aos sussurros. — Depois de muito chorar, Clara caiu no sono. Não podemos acordá-la.

Ela se sentou no mesmo pufe em que eu a deixara pela manhã, repousando a cabeça sobre o peito ainda pulsante de Raymond. Não ousei me aproximar dela, sentando-me em uma das extremidades da mobília enquanto assistia a seus gestos nervosos.

— Como ele está? — perguntou enfim, de forma abrupta. Depois, continuou: — Ora, não tema. Não pense que ainda acalento alguma esperança. Mas me conte: você o encontrou? Tê-lo em meus braços e vê-lo, por mais mudado que esteja, é meu desejo. Mesmo que Constantinopla tenha caído sobre ele e o enterrado como uma tumba, preciso encontrá-lo... Mesmo que depois o peso da cidade nos enterre, e acima dela uma montanha, não me importo, contanto que um mesmo túmulo contenha Raymond e Perdita. — Depois, chorando, ela se agarrou em mim. — Leve-me até ele — lamentou. — Cruel Lionel, por que me segura aqui? Sozinha não posso encontrá-lo... Mas, se sabe onde ele está... Leve-me até lá.

A princípio, as queixas agonizantes me encheram de uma compaixão intolerável. Mas logo consegui reunir alguma paciência e contemplar as ideias que ela sugeria. Relatei minhas aventuras pela noite, minhas tentativas de encontrar nosso amigo perdido e minha decepção. Direcionando os pensamentos dela dessa forma, dei a eles um objetivo que os resgatou da insanidade. Com aparente calma, ela discutiu comigo o provável ponto em que Raymond poderia ser encontrado, e planejou os meios que usaria para alcançar esse propósito. Depois, quando soube de meu cansaço e jejum, ela mesma me trouxe comida. Aproveitei o momento favorável e tentei despertar nela algo além do torpor mortal do luto. Conforme falei, o assunto me arrebatou. Uma profunda admiração, o luto — cria da mais verdadeira afeição — e o transbordo do coração prestes a explodir de simpatia por tudo o que fora grande e sublime na carreira de meu amigo me inspiraram enquanto derramava elogios a Raymond.



— Pobres de nós — exclamei —, que perdemos essa última honra do mundo! Amado Raymond! Ele partiu para os territórios dos mortos. Tornou-se um deles, que desalojam a escuridão do escuro túmulo, ilustre por habitá-lo. Percorreu a estrada que leva a essa terra e juntou-se às almas dos poderosos que partiram antes dele. Quando o mundo estava em sua infância, a morte devia ser algo terrível: as pessoas deixavam seus amigos e seus amores para, como estranhos completos, irem morar em um território desconhecido. Mas agora, quem morre tem muitos companheiros que partiram antes de si, preparando sua recepção. As grandiosas figuras de épocas passadas populam o território, e heróis exaltados de nossa época são contados entre seus habitantes enquanto a vida se torna, ao mesmo tempo, “o deserto e a solidão”.

“Que criatura nobre era Raymond, o mais importante dos homens de nossa época. Pela grandeza de seus conceitos, pela ousadia graciosa de suas ações, por sua inteligência e sua beleza — por tudo isso, conquistou e dominou a mente de todos. Ele pode ser acusado apenas de um erro, mas sua morte o cancelou. Já ouvi chamarem-no de alguém com propósitos inconstantes — quando desistiu, em nome do amor, da esperança da soberanidade, e quando abdicou de ser lorde protetor da Inglaterra, houve quem culpasse sua fraqueza de propósito. Mas agora a morte coroou a vida, e até o fim dos tempos, ele será lembrado como alguém que se dedicou, entregando-se como vítima, à glória da Grécia. Foi assim que escolheu: ele já esperava morrer. Previu que logo deixaria sua alegre terra, o leve ar e seu amor, Perdita. Mesmo assim não hesitou e nem virou as costas, seguindo em frente na direção de sua fama. Enquanto a terra existir, suas ações serão lembradas em meio a elogios. Damas gregas em devoção depositarão flores em seu túmulo e farão o ar ao redor ressoar com hinos patrióticos nos quais seu nome será muito mencionado.”

Vi a expressão de Perdita se suavizar. A severidade do luto deu lugar à ternura, e eu continuei:

— Assim, honrá-lo é o dever sagrado dos sobreviventes. Transformar seu nome em um trecho de solo sagrado, protegê-lo contra todos os tipos de ataques hostis através de nossos elogios, abrigar nele os brotos do amor e do pesar, guardar contra o declínio e legar intocado à posteridade: esses são os deveres de seus amigos. E um dever ainda mais caro cabe a você, Perdita, mãe da filha dele. Lembra-se da infância de Clara, e com que grande emoção contemplava a menina, reconhecendo nela a união da sua própria pessoa com a de Raymond? E como se deleitava em ver nesse templo vivo a manifestação do amor eterno dos dois? Assim deve continuar sendo. Você diz que perdeu Raymond. Ora, não! Ele ainda vive com você, na porção de você que existe em Clara. Foi dele que ela nasceu, carne de sua carne, sangue de seu

sangue. A partir de agora, não deve apenas se contentar em, como antes, identificar afinidades com Raymond no rosto macio e nos membros delicados da menina. Deve sim encontrar nela traços vivos do bom, do grandioso, do amado homem. Cabe a você fomentar a similaridade, assim como cabe a você cuidar para que ela seja digna dele. Assim, quando ela se gabar de sua origem, não terá vergonha alguma do que se tornou.

Eu conseguia perceber que, quando levava a mente de minha irmã a pensar nos deveres que teria em vida, ela não me ouvia com a mesma paciência de antes. Parecia suspeitar que aquele era um plano de consolação da minha parte — e ela, em seu recente luto, revoltava-se com a ideia.

— Você fala sobre o futuro — disse ela —, enquanto tudo o que me interessa é o presente. Deixe-me encontrar o local do repouso final de meu amado. Vamos fazer com que o ponto deixe de ser um pedaço qualquer de terra, para que nos tempos que hão de vir as pessoas apontem o túmulo sagrado e saibam que é ali que ele jaz. Só então eu poderei ter outros pensamentos, e que então outro caminho de vida, ou qualquer que seja meu destino em sua cruel tirania, abata-se sobre mim.

Depois de um breve descanso, preparei-me para deixá-la e para me esforçara realizar seu desejo. No meio-tempo, Clara se juntou a nós. O rosto pálido e o olhar assustado obscureciam o efeito profundo que o luto exercia sobre sua jovem mente. Ela parecia repleta de algo que era incapaz de nomear com palavras. No entanto, aproveitando a oportunidade garantida pela ausência de Perdita, veio a mim e suplicou ardentemente que eu a levasse para ver o portão através do qual o pai entrara em Constantinopla. Prometeu-me não fazer nenhuma loucura, ser dócil e voltar imediatamente. Fui incapaz de negar. Clara não era uma criança qualquer: sua sensibilidade e inteligência pareciam já dotá-la com a cabeça que teria uma jovem mulher adulta. Assim, com ela sentada à minha frente em meu cavalo, e acompanhados apenas por um criado, que depois a levaria de volta à mãe, cavalgamos até o Top Kapou. Encontramos um grupo de soldados diante dele. Estavam prestando atenção nos sons.

— Eram gritos humanos — disse um deles.

— Pareciam mais os uivos de um cão — respondeu outro, e todos se empertigaram novamente para tentar ouvir o som distante dos gemidos no interior da cidade em ruínas.

— Aquele, Clara — disse eu —, é o portão; e aquela é a rua na qual, ontem pela manhã, seu pai cavalgou.

Quaisquer que fossem as intenções de Clara quando me pedira para levá-la até aquele ponto foram reprimidas pela presença dos soldados. Com o olhar fervoroso, ela mirou o labirinto de pilhas fumegantes que um dia haviam formado a cidade e

expressou disposição de voltar para casa. Nesse momento, um uivo melancólico atingiu nossos ouvidos, e depois se repetiu outra vez.

— Ouçam! — gritou Clara. — Ele está lá dentro! É Florio, o cão de meu pai!

Parecia impossível a mim que ela pudesse reconhecer o som, mas ela persistiu na afirmação até que o grupo de soldados passou a acreditar nela. Pelo menos seria uma ação benevolente resgatar quem quer que estivesse ali sofrendo, fosse humano ou animal, da desolação da cidade. Assim, depois de mandar Clara de volta, entrei novamente em Constantinopla. Encorajados pelo fato de eu ter saído incólume de minha última visita ao local, vários soldados que faziam parte da guarda pessoal de Raymond, e que muito o amavam e sentiam sua perda, acompanharam-me.

É impossível conjecturar o estranho encadeamento de eventos que nos devolveu a figura já sem vida de meu amigo. Na parte da cidade em que o fogo fizera o maior estrago na noite anterior, então já extinto e deixando as ruínas enegrecidas e frias, o cão moribundo de Raymond se encolhia ao lado do corpo mutilado de seu dono. Em horas como essa, o sofrimento não tem voz. A aflição, domada pela própria veemência, é muda. O pobre animal me reconheceu, lambeu minha mão, aninhou-se ao lado do homem e morreu. Raymond fora evidentemente jogado do cavalo pela queda de alguma parede, que esmagara sua cabeça e desfigurara seu rosto. Inclinei-me sobre o corpo e puxei a barra de sua capa, menos alterada em aparência do que a forma humana que vestia. Apertei o tecido contra os lábios enquanto a maior parte dos soldados se reunia ao nosso redor, prestando as condolências à mais nobre presa da morte, como se o lamento pudesse reacender a chama apagada ou convocar de volta à prisão de carne o espírito já libertado. No dia anterior, aqueles membros eram grandiosos como um universo. Continham em si um poder transcendental, cujas intenções, palavras e ações eram dignas de serem registradas em letras douradas. Naquele dia, porém, apenas a superstição da afeição era capaz de atribuir valor ao mecanismo quebrado — que, então inútil e sem valor, lembrava Raymond tanto quanto a chuva que cai lembra a mansão de nuvens que antes singrava os céus e cobria o sol, atraindo os olhos e satisfazendo os sentidos com sua abundante beleza.

A tão pouco ele fora reduzido — tanto estava desfigurada e destruída a veste terrena que assumira — que o enrolamos em nossas capas e, erguendo o peso nos braços, carregamo-lo para fora da cidade dos mortos. A questão que surgiu depois foi sobre o local onde deveríamos depositar seus restos mortais. Na jornada de volta ao palácio, passamos pelo cemitério grego. Lá, em um tablado de mármore negro, eu o coloquei deitado. Os ciprestes oscilavam acima de nós, e a tristeza mórbida evocada pelas árvores combinava com o estado de nulidade de Raymond. Cortamos ramos de árvores funerárias e os depositamos sobre ele, e sobre os galhos

ainda pousamos sua espada. Deixei um guarda protegendo aquele tesouro de pó, e ordenei que tochas perpétuas fossem acesas ao redor do corpo.

Quando voltei para Perdita, descobri que ela já fora informada do sucesso de meus esforços. Ele, o amado de minha irmã, o único e eterno objeto de sua ternura apaixonada, fora trazido de volta para ela. Ela expressou o entusiasmo com a mais maníaca das linguagens. De que importava que aqueles membros não se movessem mais e que aqueles lábios não pudessem mais proferir palavras de sabedoria e amor? De que importava que, como uma alga carregada pelo imenso mar, ele tivesse sido vítima da corrupção? Aquele continuava sendo o corpo que acarinhara, dono dos lábios que, encontrando-se com os dela, haviam absorvido o amor da respiração compartilhada. Era o veículo humano de barro solúvel que ela chamara de seu. Ela de fato ansiava pela próxima vida. De fato, acreditava que o espírito flamejante do amor fosse inextinguível por toda a eternidade. Ainda assim, naquele momento, repleta de um carinho humano, ateu-se a todos os sentidos humanos que a permitissem ver e sentir-se parte de Raymond.

Pálida e atenta como mármore, ela ouviu meu relato e perguntou sobre o local em que o corpo fora depositado. Sua expressão não mais estava deturpada pelo luto. Seus olhos brilhavam, sua personalidade parecia dilatada. No entanto, algo na excessiva brancura e transparência de sua pele, assim como um tom vazio em sua voz, testemunhavam que não fora a tranquilidade, e sim o excesso de emoção, que causara a traiçoeira calma e aliviara o semblante. Perguntei a ela onde ele deveria ser enterrado.

— Em Atenas — respondeu. — Em Atenas, a cidade que ele amava. Fora da cidade, no monte Himeto, há uma cavidade de rocha que ele apontou para mim como o ponto em que gostaria de repousar.

Meu próprio desejo certamente era que ele não fosse removido do local onde já fora depositado. Mas o desejo dela seria atendido, e roguei que ela se preparasse sem demora para que partíssemos de imediato.

E foi assim que o trem da melancolia atravessou as planícies da Trácia e disparou pelos desfiladeiros e por sobre as montanhas da Macedônia, passando pela costa de águas claras do rio Pineios, cruzando as planícies de Lárissa, atravessando os estreitos das Termópilas e subindo em sucessão o monte Eta e o monte Parnaso para descer enfim até as planícies férteis de Atenas. Mulheres suportam com resignação esse tipo de percurso longo e arrastado. Para o espírito impaciente de um homem, porém, a lentidão de nossa cavalgada, o repouso melancólico que fizemos perto do meio-dia, a presença da mortalha que, por mais bela que fosse, cobria o caixão raiado que continha Raymond, a alternância monótona do dia e da noite inalterada por esperanças ou mudanças — todas essas circunstâncias de nossa

marcha pareceram intoleráveis para mim. Perdita, fechada em si mesma, pouco falou. Ela mantinha a própria carruagem fechada e, em nossos períodos de descanso, sentava-se com o rosto pálido apoiado na mão gélida e os olhos fixos no chão, remoendo pensamentos que rechaçavam qualquer tentativa de comunicação ou simpatia.

Descemos do monte Parnaso, emergindo de seus muitos sulcos, e passamos por Livadiá em nosso caminho até a Ática. Perdita não quis entrar em Atenas, mas no dia seguinte à noite de nossa chegada, no qual repousamos em Maratona, ela me conduziu ao ponto indicado como local onde seriam guardados os restos mortais de Raymond. Era uma reentrância na rocha que ficava próxima à entrada da ravina ao sul do Himeto. O abismo profundo e escuro descia do topo à base da montanha. Nas fissuras entre as rochas, cresciam arbustos de murta e tomilho selvagem, que serviam de alimento para várias colmeias de abelhas. Rochedos enormes projetavam-se na fenda — alguns inclinados para baixo, outros erguendo-se perpendicularmente. Na base dessa sublime fenda, um fértil vale sorridente conectava um mar ao outro, e além se espalhava o azul mar Egeu, pintalgado de ilhas e crispado pelas ondas que oscilavam sob o sol. Perto do ponto em que estávamos, havia uma rocha solitária, alta e cônica. Desconectada da montanha, lembrava uma pirâmide naturalmente esculpida, e com pouco esforço ela foi polida até assumir o formato perfeito. Uma câmara estreita foi esculpida em sua base, e Raymond foi depositado lá dentro. Uma breve inscrição entalhada na rocha registrou o nome do homem que ali jazia, assim como a causa e o local de sua morte.

Tudo foi feito com agilidade sob minhas orientações. Concordei em confiar a finalização e vigilância do túmulo à liderança da instituição religiosa de Atenas e, no fim de outubro, já me preparava para voltar à Inglaterra. Mencionei isso a Perdita. Era doloroso parecer estar arrastando-a da última cena que evocava seu amado perdido. Demorar-se ali seria em vão, porém, e minha alma já doía pela demora em reencontrar minha Idris e nossos bebês. Em resposta, minha irmã pediu que eu a acompanhasse na tarde seguinte em uma visita ao túmulo de Raymond. Alguns dias haviam se passado desde que eu visitara o local. A trilha até o ponto fora alargada, os degraus esculpidos na rocha agora levavam ao ponto exato de forma mais direta do que antes, e a plataforma na qual ficava a pirâmide fora expandida. Olhando na direção sul, para uma reentrância sombreada pelos galhos desgarrados de uma figueira selvagem, vi fundações escavadas, além de escoras e vigas fixadas, indicando a evidente construção de um chalé. O túmulo ficava à direita, e toda a ravina, a planície e o azul do mar se estendiam à frente. As rochas escuras eram banhadas pelo brilho do sol poente, que passava pelo vale cultivado e

tingia de lilás e laranja as ondas plácidas. Sentamo-nos em uma elevação rochosa, e eu mirei arrebatado o belíssimo cenário de cores vívidas e mutantes, que modificavam e incrementavam as graças da terra e do oceano.

— Não fiz certo em trazer meu amado para repousar aqui? — começou Perdita. — No futuro, este será um ponto turístico da Grécia. Neste ponto, a morte perde metade de sua ameaça, e mesmo a poeira inanimada parece fazer parte do espírito de beleza que santifica esta região. Lionel, ele dorme aqui. Este é o túmulo de Raymond, aquele que foi o meu primeiro amor já na juventude. Aquele que meu coração acompanhou em dias de separação e de raiva, e com quem me unirei para sempre agora. Guarde minhas palavras: eu nunca deixarei este local. Creio que o espírito dele permanece aqui, assim como os resquícios que, mesmo incomunicáveis, são mais preciosos em sua nulidade do que qualquer outra coisa que a terra enviuvada já acolheu em seu seio enlutado. As murtas, os tomilhos e os ciclomens que brotam das fissuras na rocha, assim como tudo que nasce aqui, têm afinidade com Raymond. A luz que banha estas colinas faz parte de sua essência, e o céu e as montanhas e o mar e os vales estão impregnados com a presença de seu espírito. Eu viverei e morrerei aqui!

“Vá para a Inglaterra, Lionel. Volte para a doce Idris e o querido Adrian. Volte e cuide de minha garotinha órfã como sua. Considere que morri. De fato, como a morte é uma mera mudança de estado, já estou morta. Este é outro mundo, diferente daquele que habitava antes, que agora é seu lar. Aqui eu me comunico tão somente com o que já foi e com o que há por vir. Vá para sua Inglaterra e me deixe no lugar em que, sozinha, conseguirei me arrastar pelos miseráveis dias que ainda tenho pela frente.”

Uma cascata de lágrimas arrematou seu triste monólogo. Eu já esperava uma proposta extravagante, e continuei em silêncio por um tempo, reunindo os pensamentos que achava que poderia usar para melhor argumentar contra aquele plano fantasioso.

— Você está acalentando seus pensamentos mais sombrios, querida Perdita — disse eu. — Imagino que, por um tempo, sua razão será influenciada pelo luto apaixonado e por uma imaginação perturbada. Mesmo eu estou encantado por este último recanto de Raymond. Ainda assim, devemos deixá-lo.

— Eu já esperava isso — choramingou Perdita. — Achava que me trataria como uma garota maluca e tola. Mas não se engane: este chalé foi construído sob minhas ordens, e aqui permaneceré até a chegada da hora de minha partida, quando compartilharei com ele este belo local de repouso.

— Mas, minha querida!

— E o que é tão estranho em meus desígnios? Eu poderia tê-lo enganado, poderia ter falado que ficaria aqui apenas por alguns meses. Você, em sua ansiedade de voltar a Windsor, teria me deixado aqui sem me recriminar ou argumentar, e eu poderia ter seguido meu plano. Mas não quis usar artifício nenhum, pelo contrário: em minha miséria, meu único consolo foi abrir o coração a você, meu irmão, meu único amigo. E agora vai discutir comigo? Sabe como é obstinada sua pobre e sofrida irmã. Leve minha menina com você. Proteja-a da visão e dos pensamentos de sofrimento e deixe que a hilaridade infantil volte a seu coração e anime seus olhos. Isso jamais acontecerá enquanto ela permanecer ao meu lado. É muito melhor para todos vocês que jamais voltem a me ver. Não procurarei a morte voluntariamente, pelo menos não enquanto puder comandar meus próprios movimentos, mas, caso me arraste deste país, meu poder e meu autocontrole desaparecerão, e não poderei mais responder pela violência que minha agonia e meu luto poderão me levar a cometer.

— Você veste sua intenção de palavras poderosas, mas o significado continua egoísta e não faz jus a quem você é — respondi. — Mais de uma vez você concordou comigo que há apenas uma solução para o intrincado enigma da vida: melhorar quem somos e contribuir com a alegria dos outros. E agora, ainda na melhor época de sua vida, você abandona esses princípios e decide se cercar de uma solidão inútil. Por acaso se lembrará menos de Raymond em Windsor, cenário da alegria que viviam antes? Comunicar-se-á menos com o espírito partido enquanto cultiva e cuida da rara excelência da filha dele? Você está tomada pela tristeza, e não me admiraria saber que um sentimento semelhante à insanidade a esteja fazendo ter pensamentos amargos e nada razoáveis. Mas um lar de amor a espera em sua nativa Inglaterra. Minha ternura e afeição hão de acalmá-la, e viver na companhia de amigos de Raymond trará mais conforto do que essas especulações sombrias. Todos nós assumiremos como prioridade e como mais cara missão contribuir para a sua alegria.

Perdita negou com a cabeça.

— Se isso fosse possível — respondeu —, eu estaria muito errada em desdenhar de sua oferta, mas não é uma questão de escolha: só posso viver aqui. Sou parte deste cenário, cada uma e todas as propriedades deste local são parte de mim. Não é uma fantasia repentina, e sim o que me faz viver. O conhecimento de que estou aqui acorda comigo toda manhã e permite que eu suporte a luz do dia. Ele se mistura à minha comida, que antes era como veneno. Ele caminha e dorme comigo, pois me acompanha aonde vou. É aqui que um dia deixarei de lamentar, e enfim acrescentarei meu tardio consentimento ao decreto que o levou de mim. Ele preferiria um fim súbito como tal, que será registrado para sempre nos anais da

história, do que ter vivido muito anos sem honra. Da mesma forma eu, a escolhida e amada de seu coração, não desejo nada além de permanecer aqui, no primor de minha juventude, antes que os anos degradem os melhores sentimentos de minha natureza, para observar seu túmulo e me juntar o mais rápido possível a ele em seu abençoado local de repouso.

“Já disse muito, meu caro Lionel, querendo persuadi-lo de que estou fazendo o certo. Se ainda não se convenceu, não posso acrescentar mais nada que sirva de argumento. Tudo o que posso fazer é declarar que estou determinada a fazer o que disse. Ficarei aqui. Só sairei deste ponto se tirada à força. Caso isso aconteça, caso você me arraste e me leve embora, eu retornarei. Caso me confine e me prenda, eu escaparei e voltarei para cá. Será que meu irmão entregará Perdita, de coração partido, ao colchão e às correntes de um manicômio antes de permitir que ela descanse em paz sob a sombra da companhia d’Ele neste local de repouso que escolhi e que amo?”

Aquilo parecia, para mim, uma loucura premeditada. Entendi que era meu dever primário tirá-la daquele cenário que a lembrava forçosamente de sua perda. E não duvidava nem por um segundo que, na tranquilidade do nosso círculo familiar em Windsor, ela recuperaria parte da compostura e, enfim, da felicidade. Minha afeição por Clara também fez com que me opusesse aos sonhos apaixonados que acalentavam o luto. A sensibilidade da menina já fora muito abalada, e sua despreocupação infantil já se transformara cedo demais em pensamentos profundos e ansiosos. O esquema estranho e romântico da mãe poderia apenas confirmar e perpetuar aquela visão dolorosa da vida, que se intrometera cedo demais em suas contemplações.

Quando voltei para casa, o capitão do navio a vapor no qual eu combinara de embarcar veio dizer que circunstâncias acidentais haviam acelerado a partida. Se eu quisesse ir com ele, deveria estar a bordo às cinco da manhã do dia seguinte. Apressadamente, consenti com o novo combinado e, com a mesma pressa, criei um plano para forçar Perdita a vir junto comigo. Creio que a maior parte das pessoas na minha situação teria agido da mesma maneira. Ainda assim, essa afirmação não diminui, e sei que não diminuirá jamais, as reprimendas de minha própria consciência. Naquele momento, estava convencido de que fazia o melhor e de que tudo aquilo era certo e até mesmo necessário.

Então fui até Perdita e a tranquilizei, aparentando concordar com seu esquema insano. Ela recebeu minha concordância com prazer, e mil vezes agradeceu seu irmão enganador e mentiroso. Quando a noite chegou, o ânimo dela, avivado por minha inesperada concordância, recuperou uma vivacidade quase esquecida. Fingi ficar alarmado pelo rubor febril em seu rosto e a convenci de tomar um tônico



revigorante. Servi o remédio, que ela aceitou docilmente. Assisti enquanto ela o tomava. Falsidade e artifícios são, por si só, tão odiosos que, mesmo pensando que de fato tinha feito o certo, um sentimento de vergonha e culpa recaiu dolorosamente sobre mim. Eu a deixei, e logo a ouvi dormindo profundamente sob a influência do opiáceo que eu administrara. Assim, ela foi carregada e levada a bordo ainda inconsciente. A âncora foi erguida, e, com o vento favorável, disparamos pelo mar. Com todas as velas enfiadas, além do poder dos motores para ajudar, disparamos ágil e constantemente pelo elemento agitado.

Já era quase fim do dia quando Perdita acordou, e muito tempo se passou antes que, recuperando-se do torpor causado pelo láudano, ela percebesse o que estava acontecendo. Ela se ergueu às pressas da cama e correu até a janela da cabine. O mar azul e revolto passava rápido pela embarcação, espalhando-se por todos os lados, sem sinal de terra firme. O céu estava coberto pelo convés, cujo movimento acelerado mostrava quão rapidamente ela era levada para longe. O ranger dos mastros, o ruído do timão e o teto acima dela a persuadiram de que já estávamos longe da costa da Grécia.

— Onde estamos? — exclamou ela. — Para onde estamos indo?

A ama que eu deixara cuidando dela respondeu:

— Para a Inglaterra.

— E onde está meu irmão?

— No convés, senhora.

— Que cruel! Que cruel! — exclamou a pobre vítima, e com um suspiro profundo observou a vastidão dos mares. Depois, sem mais nenhum comentário, atirou-se na cama, fechou os olhos e permaneceu parada. Não fossem os suspiros profundos que soltava aqui e ali, pareceria que estava dormindo.

Assim que soube que ela havia despertado, mandei Clara até ela, para que a visão da amável inocência da menina inspirasse pensamentos gentis e afetuosos na mãe. Mas nem a presença da filha, nem uma subsequente visita minha foram capazes de animar minha irmã. Ela mirou Clara com um semblante deplorável, mas nada falou. Quando apareci, ela se virou e, em resposta às minhas perguntas, disse apenas:

— Você sabe muito bem o que fez!

Acreditei que o ressentimento indicava apenas a luta entre a decepção e a afeição natural, e que em alguns dias ela se reconciliaria com seu destino.

Quando a noite chegou, ela implorou que Clara dormisse em outra cabine. A ama, porém, continuou com ela. Perto da meia-noite, ela falou com a mulher, dizendo que tivera um pesadelo, e pediu para que a outra fosse ver sua filha e voltasse para avisar se Clara repousava tranquilamente. A ama obedeceu.

A brisa, que soprava desde o pôr do sol, voltara a se intensificar. Eu estava no convés, apreciando nosso rápido progresso. O silêncio era perturbado apenas pelo agitar das águas divididas pela quilha, o murmúrio das velas enfurnadas e imóveis, o vento assoviando por entre os cordames, o ruído regular dos motores. O mar estava suavemente agitado, ora exibindo cristas brancas, ora voltando a seu tom uniforme de azul. As nuvens haviam desaparecido, e o éter escuro se elevava acima do amplo oceano no qual as constelações procuravam em vão os reflexos de sempre. Nossa velocidade era de pelo menos oito nós.

Subitamente, ouvi um chapinhar na água. Os marinheiros de vigia correram para o lado da embarcação e, com um grito, avisaram que alguém havia saltado ao mar.

— Não foi do convés — disse o homem no leme. — Algo foi jogado para fora pela janela da cabine de popa.

Alguém gritou para que o bote fosse baixado ao mar. Corri até a cabine de minha irmã: estava vazia.

Com as velas voltadas para a popa e os motores desligados, o barco permaneceu imóvel. Depois de uma hora de procura, minha pobre Perdita foi trazida de volta a bordo. Mas nada parecia capaz de reanimá-la. Nenhum remédio fez com que seus olhos se abrissem ou com que o sangue voltasse a fluir de seu coração sem pulso. Em um dos punhos fechados havia um pedaço de papel, onde ela escrevera as palavras: “Para Atenas”. Para garantir que fosse resgatada posteriormente, evitando que seu corpo irreconhecível se perdesse na imensidão do mar, ela tivera a preocupação de amarrar a extremidade de um xale na cintura e a outra na janela da cabine. Ela acabara, de alguma forma, puxada para baixo do casco do barco, e assim ficara fora de vista, ocasionando nossa demora em encontrá-la. Foi assim que a desafortunada menina morreu, vítima de minha insensível imprudência. Foi assim que, em meio à madrugada, ela nos deixou e foi para o mundo dos mortos, preferindo compartilhar o túmulo rochoso de Raymond a aproveitar o animado cenário de nosso alegre mundo ou a companhia de seus amados amigos. Foi assim que, aos vinte e nove, ela morreu, depois de ter vivido apenas alguns anos de alegria e paraíso e depois de ser contrariada de uma forma que seu espírito impaciente e sua disposição afetuosa foram incapazes de suportar. Quando analisei a expressão plácida que tomava seu semblante na morte, senti — a despeito da dor do remorso e de um arrependimento de cortar o coração — que era de fato melhor que tivesse morrido em vez de se arrastar por longos e miseráveis anos de descontentamento e um luto inconsolável. Um tempo violento nos carregou até o mar Adriático. Nossa embarcação dificilmente encararia uma tempestade, então procuramos refúgio no porto de Ancona. Lá, encontrei Georgio Palli, vice-almirante da frota grega, antigo

amigo e partidário próximo de Raymond. Entreguei os restos mortais de minha amada Perdita aos cuidados dele, para que a levasse ao Himeto e a colocasse na câmara já ocupada por Raymond sob a pirâmide. Tudo foi resolvido com rapidez. Ela foi depositada junto de seu amado, e o túmulo, inscrito com o nome de Raymond e Perdita lado a lado.

Depois disso, decidi seguir viagem por terra até a Inglaterra. Meu próprio coração estava destruído de arrependimento e remorso. Fui lentamente tomado pelo medo de que o nome de Raymond, misturado eternamente ao passado, fosse apagado de qualquer antecipação do futuro. Sempre admirara seus talentos, suas nobres aspirações e a concepção de glória e majestade de sua ambição — em resumo, seu desejo absoluto pelas paixões mundanas, sua coragem e sua ousadia. Na Grécia, eu aprendera a amá-lo. Sua obstinação e o autoabandono que tinha pelos impulsos da superstição me conectavam a ele duplamente. Podiam ser fraquezas, mas eram também opostos de tudo o que era baixo e egoísta. A essas dores somava-se ainda a partida de Perdita, que perdera por conta de minha própria teimosia e presunção. Ela era minha querida, minha única parente. A pessoa cuja evolução eu acompanhara desde a mais tenra infância através de toda a vida, e em quem eu enxergava integridade, devoção e verdadeira afeição. Tudo isso constituía as graças peculiares de uma mulher, que enfim a fizeram ser vítima de um amor grande demais, de um apego constante ao perecível e ao perdido — pois ela, no ápice de beleza e da vida, abandonara toda a percepção do mundo aparente em troca da irrealidade do túmulo, e deixara a pobre Clara inteiramente órfã. Escondi de sua amada filha que a morte da mãe fora voluntária, e tentei de todas as maneiras possíveis despertar alegria em seu espírito abatido pelo luto.

Uma de minhas primeiras atitudes na tentativa de recuperar minha própria compostura foi dizer adeus ao mar. O chapinhar reavivava o sentimento evocado pela morte de minha irmã. O rugido era como um canto fúnebre, e, em cada casco escuro que se agitava em seu seio inconstante, eu enxergava um esquife que levaria à morte todos os que confiassem naquele sorriso traiçoeiro. Adeus, mar! Venha, minha Clara, sente-se ao meu lado nesta embarcação aérea. Ela singra rápida e gentilmente pelo sereno azul do céu, e com uma ondulação suave paira com as correntes do ar. Caso uma tempestade se abata sobre seu frágil mecanismo, a terra firme está lá embaixo, e podemos descer e procurar abrigo no estável continente. Aqui em cima, companheiros dos pássaros de ágeis asas, voejamos pelo submisso elemento, com liberdade e sem medo. O barco flutuante não balança e não confronta as ondas, portadoras da morte. O éter se abre diante da proa, e a sombra do globo que o faz flutuar nos protege do sol a pino. Lá embaixo estão as planícies da Itália ou as vastas ondulações da sinuosa Cordilheira dos Apeninos. A fertilidade

repousa em seus vários vales, e bosques coroam seus picos. O livre e feliz camponês, liberto dos austríacos, deposita a colheita dupla nos silos enquanto os cidadãos refinados galgam sem medo a alta árvore retorcida do conhecimento neste que é o jardim do mundo. Passamos por cima dos picos dos Alpes e, de suas profundas e ecoantes ravinas, entramos nos campos da bela França. Depois de uma jornada aérea de seis dias, pousamos em Dieppe, onde nossa embarcação recolheu as asas penosas e desinflou o globo de tecido da pequena pinaça aérea. Uma chuva forte tornou inconveniente aquele meio de transporte, então embarcamos em um barco a vapor, e pouco depois já aportamos em Portsmouth.

Lá, uma história estranha era repetida à exaustão. Alguns dias antes, uma embarcação atingida pela tempestade aparecera na costa da cidade. O casco parecia ressecado e rachado, as velas estavam soltas e tortas, nada dignas dos homens do mar, e os cordames estavam todos enrolados e arrebitados. O barco derivara na direção do porto e acabara preso nos bancos de areia. Pela manhã, os oficiais da alfândega, junto de uma multidão de desocupados, foram ver o que havia acontecido. Apenas um tripulante parecia ter restado na embarcação. Ele conseguiu chegar à costa, caminhou alguns passos na direção da cidade, derrotado pela doença e próximo da morte, e enfim caiu na praia inóspita. Foi encontrado mais tarde, endurecido, com as mãos retorcidas apertadas contra o peito. Sua pele, quase inteiramente manchada de preto, assim como o cabelo sem brilho e a barba hirsuta, eram sinais de uma prolongada miséria. Corria à boca pequena que ele morrera vitimado pela praga. Ninguém ousou entrar na embarcação, e diziam que era possível ver coisas estranhas à noite, como pessoas caminhando pelo convés e manuseando os mastros e as velas. O barco logo se desfez em pedaços. Eu mesmo presenciei suas partes desmembradas serem jogadas pelas ondas de um lado para o outro. O corpo do homem que aportara foi enterrado fundo na areia. As únicas coisas que se sabia era que a embarcação fora construída nos Estados Unidos e que, vários meses antes, o Fortunatas partira da Filadélfia, e desde então ninguém mais tivera notícias dele.

## IV

Retornei à propriedade de minha família no outono do ano de 2092. Meu coração estava com minha esposa e filhos havia muito tempo, e eu me sentia febril com a esperança e o prazer de voltar a vê-los. O distrito onde moravam parecia conter em si todos os espíritos gentis. Alegria, amor e paz caminhavam pelas trilhas da floresta e tornavam a atmosfera mais agradável. Depois de toda a agitação e todo o sofrimento que tinha encarado na Grécia, eu ansiava por Windsor, da mesma forma que um pássaro pego no meio da tempestade constrói o ninho em um lugar onde possa recolher as asas tranquilo.

Que tolos haviam sido os errantes que deixaram seu abrigo para se enroscar na rede da sociedade, entrando no que as pessoas do mundo chamavam de “vida” — aquele labirinto do mal, aquele esquema de tortura mútua. Para viver, de acordo com esta acepção da palavra, não devemos apenas observar e aprender, mas também sentir. Não devemos ser meros espectadores da ação, mas sim agir. Não devemos apenas descrever, mas ser também objetos da descrição. A tristeza profunda deve ser habitante costumaz de nosso peito. A fraude deve estar sempre à nossa espreita, devemos cair na enganação dos mais ardilosos, e a dúvida doentia e a falsa esperança devem marcar nossos dias. O regozijo e a alegria, que envolvem a alma em êxtase, devem nos possuir de tempos em tempos. E quem, já sabendo o que é a “vida”, ansiaria por essa espécie febril de existência? Eu vivera. Passara dias e noites em festa. Acalentara esperanças ambíguas e exultara em vitória. Então, que agora eu feche a porta que dá para o mundo e construa uma muralha alta que me separe do palco atribulado dentro de cujos domínios já atuei. Que eu possa viver por minha família e pela alegria. Que procuremos a paz em nosso amado lar, perto do murmúrio recluso dos regatos, do oscilar gracioso das árvores, das belas vestimentas da terra e do sublime esplendor dos céus. Que possamos viver a “vida” que merecemos viver.

Idris ficou contente com essa decisão. Sua jovialidade natural nem precisava de mais estímulo, e seu plácido coração repousava feliz em meu amor, no bem-estar de

nossos filhos e na beleza da natureza que nos cercava. O orgulho e a ambição inocente que tinha vinham de como provocava sorrisos por onde passava e de como garantia o repouso da frágil vida do irmão. Apesar de todos os carinhosos cuidados, a saúde de Adrian declinara perceptivelmente. Coisas como caminhar, cavalgar e outras ocupações normais da vida já o sobrecarregavam — ele não sentia dor, mas parecia estar sempre à beira da aniquilação. Entretanto, como já fazia alguns meses que ele se encontrava praticamente naquele mesmo estado, não despertava em nós um temor imediato por sua vida. E, embora falasse sobre a morte com se fosse a coisa mais recorrente em seus pensamentos, não deixava de se esforçar para fazer as outras pessoas felizes ou cultivar seus próprios e extraordinários poderes da mente. O inverno passou. A primavera, trazida pelos meses, despertou a vida em toda a natureza. A floresta estava vestida de verde, filhotes saltitavam pela grama fresca, as sombras das nuvens sopradas pelo vento corriam pelos milhares verdejantes. O cuco ermitão repetia sua monótona saudação à estação. O rouxinol, pássaro do amor e assecla da estrela vespertina, enchia os bosques com seu canto. Tudo isso enquanto Vênus se demorava em meio ao cálido pôr do sol e o verde juvenil das árvores jazia como um alívio suave no horizonte.

O deleite despertava em cada coração — o deleite e a exultação. Havia paz em todo o mundo: o templo do Jano Universal se fechara, e naquele ano os homens não morriam mais pela mão de outros homens.

— Espere mais doze meses assim — disse Adrian —, e a terra terá virado um paraíso. A energia dos homens esteve direcionada à destruição da própria espécie, mas eles agora miram na libertação e preservação da mesma. A humanidade é incapaz de repousar, e suas aspirações incansáveis agora trarão o bem em vez do mal. Os países privilegiados do sul se livrarão dos grilhões de ferro da servidão. A pobreza acabará, assim como a doença. Que nível de liberdade e paz as forças da humanidade, nunca antes unidas, serão capazes de atingir?

— Sonhando, sempre sonhando, Windsor! — disse Ryland, velho adversário de Raymond e candidato a lorde protetor nas próximas eleições. — Tenha certeza de que a terra não é e nunca será um paraíso enquanto as sementes do inferno prosperarem neste solo. Quando as estações tiverem a mesma duração, quando o ar não for mais danoso, quando a superfície do planeta não for mais suscetível a pragas e secas, só então não haverá mais doença. Quando as paixões dos homens tiverem morrido, a pobreza enfim nos deixará. Quando o amor não for mais parente do ódio, só então haverá a irmandade. E estamos muito longe desse estado.

— Não tão longe quanto imagina — observou um velho e mirrado astrônomo de nome Merrival. — Os polos se movem de forma lenta, mas contínua. Em uma centena de milhares de anos...

— Todos estaremos a sete palmos do chão — disse Ryland.

— ... o polo da terra coincidirá com o polo orbital — continuou o astrônomo.  
— Então a primavera universal acontecerá, e a terra se tornará um paraíso.

— E todos apreciaremos os benefícios da mudança — disse Ryland, zombeteiro.

— Temos notícias estranhas aqui — comentei. Eu trazia um jornal em mãos e, como usual, conferia a seção de informações sobre a Grécia. — Parece que a total destruição de Constantinopla e a suposição de que o inverno purificaria o ar da cidade caída deu aos gregos a coragem de enfim entrar no local e começar a reconstruí-lo. Mas conta aqui que os desígnios de Deus estão em curso, pois cada pessoa que se aventurou a adentrar as muralhas foi tocada pela praga. A doença se espalhou pela Trácia e pela Macedônia, e agora, temendo a infecção virulenta que se desenrolará no calor que há por vir, um bloqueio foi erguido nas fronteiras da Tessália, e uma quarentena rígida foi determinada.

Essa informação nos arrancou a perspectiva do paraíso que surgiria dali cem mil anos, substituindo-a por outra acerca da dor e miséria que se abateria sobre a terra naquele mesmo momento. Conversamos sobre a destruição causada pela peste no ano anterior em todos os cantos do planeta e sobre as consequências horríveis de uma segunda onda. Discutimos as melhores maneiras de evitar a infecção e preservar a saúde e as atividades de uma grande cidade que porventura fosse atingida pela doença — Londres, por exemplo. Merrival não se juntou à conversa. Aproximando-se de Idris, passou a tentar garantir-lhe que a alegre perspectiva de um paraíso na terra depois de cem mil anos era um tanto nublada pelo fato de ele saber que pouco tempo antes aconteceria um inferno ou purgatório, quando a órbita e o equador estivessem nos ângulos corretos. Nossa reunião enfim terminou.

— Estamos todos sonhadores esta manhã — disse Ryland. — É mais sábio discutir a probabilidade de que nossa metrópole bem governada seja assolada pela praga do que calcular os séculos aos quais precisaremos sobreviver antes de podermos cultivar ananases a céu aberto por aqui.

Porém, embora parecesse improvável que a praga chegasse em Londres, era impossível não pensar na dor extrema e na desolação que aquele mal causaria na Grécia. A maioria dos ingleses se referia à Trácia e à Macedônia como se fossem territórios na Lua: desconhecidos a eles, não despertavam nenhuma ideia ou interesse em suas mentes. Já eu caminhara sobre aquelas terras. Eu conhecia o rosto de vários habitantes. No ano anterior, vagando pelas cidades, planícies, colinas e pelos desfiladeiros daqueles países, eu vivera prazeres indescritíveis. Certas vilas românticas, certos chalés ou outras habitações elegantes ali situadas, povoadas pelo que havia de mais amável e bom, surgiram em minha mente. A questão passou a

me assombrar: teria a praga se abatido sobre elas também? O mesmo monstro invencível que pairara sobre Constantinopla e a devorara, o mesmo ífero mais cruel que a tempestade, menos domado que o fogo, estava, infelizmente, à solta naquele belo país. Esse tipo de reflexão não me deixava dormir.

O estado político da Inglaterra passou a se agitar com a proximidade da eleição do próximo lorde protetor. O evento atraía o maior interesse de todos, pois relatava-se que, se o candidato popular (Ryland) fosse escolhido, a questão da abolição dos títulos hereditários e de outras relíquias dos tempos feudais seria colocada em consideração diante do Parlamento. Durante a sessão, nenhuma palavra fora dita sobre esses tópicos. Tudo dependeria da escolha do lorde protetor e das eleições. Mas o silêncio era terrível, e apenas deixava claro o grande peso atribuído à questão, o medo de que qualquer um dos partidos ariscasse um ataque mal calculado e a expectativa de uma discussão furiosa quando a disputa começasse.

Ainda assim, embora a capela de Santo Estêvão não ecoasse a voz que preenchia cada coração, os jornais fervilhavam com o assunto. As conversas privadas, por mais longe que comesçassem do tópico, sempre acabavam desviando para esse ponto central quando as vozes ficavam mais baixas e as cadeiras se aproximavam. Os nobres não hesitavam em expressar seu temor. O outro partido, por sua vez, tentava abordar o assunto de forma superficial.

— Que vergonha deste país — disse Ryland. — Dessas pessoas, que dão tanto valor a palavras e roupas enfeitadas. A nova pintura das carruagens ou os adereços das roupas dos criados não nos interessa em nada.

Mas será que a Inglaterra conseguiria abrir mão de tudo o que envolvia títulos e se contentar com o estilo democrático dos Estados Unidos? Será que o orgulho da ancestralidade, o espírito patricio, as cortesias gentis, os objetivos refinados e os esplêndidos atributos dos títulos seriam eliminados? Disseram que não seria o caso, que por natureza éramos um povo poético, uma nação facilmente seduzida pelas palavras, disposta a descrever o céu com esplendor e prestar honrarias à terra. Esse espírito jamais poderia se perder, e era para difundir esse espírito nativo concentrado que a nova lei deveria ser votada. Garantiram que, quando o nome e o título dos ingleses fosse a única chancela de nobreza, todos seríamos nobres. Que quando nenhum homem nascido sob o domínio da Inglaterra se sentisse superior aos outros em hierarquia, a cortesia e o refino seriam direitos natos de todos os nossos conterrâneos. Assim, não permitiríamos que a Inglaterra fosse desacreditada por ter imaginado que não era possível existir sem nobres, sem a verdadeira e natural nobreza, cujos membros ostentam a patente no próprio semblante, que são desde o berço colocados acima de todas as outras espécies porque são melhores que



o resto dos seres. Entre uma comunidade de homens independentes, generosos e bem educados, em um país onde a imaginação é a imperatriz da mente, não podia haver o temor de que desejassemos uma sucessão perpétua de pessoas bem nascidas e senhoriais. Os membros do outro partido, no entanto, mal podiam ser considerados minoria no reino. Exortavam os ornamentos nas colunas, julgando-se a “capital coríntia da sociedade refinada”. Apelavam a inúmeros preconceitos, a antigos apegos e a novas esperanças, à expectativa de milhares que desejavam um dia estar no mesmo nível que eles. Estavam sempre presentes como um espantalho, um espectro de tudo o que era sórdido, mecânico e fundamental nas repúblicas mercantis.

A praga chegara a Atenas. Centenas de residentes ingleses voltavam ao país natal. Os gregos, tão amados por Raymond, aquele povo livre e nobre da cidade mais divina da Grécia, foram ceifados como milhos maduros diante da foice implacável do adversário. Os locais agradáveis daquela terra estavam desertos, seus templos e palácios haviam sido convertidos em túmulos. Suas energias, antes direcionadas às mais altas ambições humanas, eram então forçadas a convergir na direção de um único ponto: a proteção contra as inúmeras flechadas da praga.

Em qualquer outra época, um desastre assim teria provocado extrema compaixão entre nós. Porém, como todas as mentes estavam engajadas na controvérsia vindoura, ele foi ignorado. Não por mim. A discussão sobre títulos e direitos minguou até o ponto da insignificância diante de meus olhos enquanto imaginava a cena de sofrimento dos atenienses. Soube do falecimento de filhos únicos, de esposas e maridos dos mais devotados, da dissolução de laços entrelaçados às fibras de corações, de amigos perdendo amigos e de mães pranteando a morte dos primogênitos. Esses acontecimentos tocantes eram evocados e pintados em minha mente pelo conhecimento das pessoas, pela minha estima e afeição pelos sofrendores. Admiradores, amigos, colegas soldados de Raymond e famílias inteiras que haviam recebido Perdita na Grécia, e lamentado com ela a perda de seu senhor, eram levados dia após dia, juntando-se ao casal no túmulo indistinto.

A praga em Atenas fora precedida e causada pelo contágio vindo do leste, e ali a cena de caos e morte continuava, assumindo uma escala de magnitude temível. A esperança de que a onda de contágio daquele ano seria a última mantinha a disposição dos mercadores conectada àqueles países, mas os habitantes eram levados ao desespero ou à resignação que, vinda do fanatismo, assumia praticamente o mesmo tom sombrio. A América também fora maculada. Ali, fosse a febre amarela ou a praga, as epidemias assumiam virulências nunca antes presenciadas. A devastação não estava confinada apenas às cidades, mas espalhada

por todo o país. Os caçadores morriam nas florestas, os camponeses morriam nos milharais e os pescadores morriam em suas águas nativas.

Uma história estranha chegou do leste, que teria recebido pouco crédito caso o fato não fosse atestado por várias testemunhas em várias partes do mundo. No dia 21 de junho, diziam que, perto do meio-dia, uma estrela negra se erguera no céu. Era um orbe do tamanho do próprio Sol, mas escuro e de limites bem definidos, cujos raios em forma de sombra ascendiam do oeste. Em cerca de uma hora ele atingira o meridiano e eclipsara o astro diurno. A noite recaiu sobre todos os lugares — uma noite súbita, sem luz, completa. As estrelas surgiram, emitindo seu ineficaz brilho na direção da terra abandonada pela luz. Mas logo o orbe passou pelo Sol e descendeu na direção do firmamento leste. Conforme descia, seus raios escuros se cruzavam com os raios brilhantes do Sol, anulando-os e distorcendo-os. As sombras das coisas assumiram formas estranhas e medonhas. Os animais selvagens nas florestas amedrontaram-se com as figuras desconhecidas projetadas no chão. Fugiram ninguém sabia para onde, e os cidadãos foram tomados por um grande temor de que aquilo “afugentasse leões para as ruas civis”. Pássaros, inclusive águias de asas fortes, caíam no lugar em que estavam, enquanto corujas e morcegos saíam de seus abrigos para receber a noite precoce. Gradualmente, o objeto de temor sumiu no horizonte, deixando de emitir raios escuros no céu outrora radiante. Era essa a história vinda da Ásia, da extremidade leste da Europa e das regiões mais distantes da África, como a Costa do Ouro. Ninguém sabia se a história era verdadeira ou não. Por toda a Ásia, das margens do Nilo à costa do mar Cáspio, de Helesponto ao golfo de Omã, um pânico súbito se espalhou. Os homens encheram as mesquitas. As mulheres, com véus sobre o rosto, correram aos túmulos, levando oferendas para que os mortos preservassem a vida dos vivos. A praga foi esquecida em meio ao novo medo despertado pelo sol negro. Embora as mortes se multiplicassem e as ruas de Isfahan, Pequim e Delhi estivessem cobertas de corpos maculados pela peste, as pessoas mal prestavam atenção. Miravam o céu agourento sem ligar para a morte aos seus pés. Os cristãos foram à igreja: virgens cristãs, mesmo em meio às rosas, vestidas de branco e véus brilhantes, seguiram em uma longa procissão até os lugares consagrados da religião, enchendo o ar com seus cânticos. Quando, aqui e ali, um gemido escapava dos lábios de alguma pobre lamentadora, as outras erguiam o rosto, esperando vislumbrar as asas de anjos sobre a terra, pranteando os desastres prestes a se abater sobre a humanidade.

No clima ensolarado da Pérsia, nas cidades lotadas da China, em meio aos bosques perfumados da Caxemira e ao longo da costa do Mediterrâneo, cenas como essa eram comuns. Mesmo na Grécia, a história do sol da escuridão aumentou o desespero e o temor da multidão moribunda. Nós, em nossa ilhota

nublada, estávamos muito longe do perigo, e a única circunstância que levava aqueles desastres até nossos ouvidos eram as chegadas diárias de embarcações do leste, que vinham lotadas de emigrantes, majoritariamente ingleses. Apesar do temor da morte que se espalhava intensamente entre eles, os muçulmanos continuavam unidos. Se fossem morrer — e eles iriam, pois a morte logo os encontraria em alto-mar ou na distante Inglaterra tanto quanto na Pérsia —, seus ossos deveriam repousar em terra feita sagrada pelas relíquias de verdadeiros fiéis. A Meca nunca estivera tão lotada de peregrinos. Os árabes nem se prestaram a pilhar as caravanas — pelo contrário, humildes e desarmados, juntaram-se à procissão, orando a Maomé para que a praga não atingisse suas tendas e seus desertos.

Não posso descrever o prazer arrebatador que me tomava quando esquecia das disputas políticas e dos males físicos dos países distantes assim que chegava em meu lar, meu amado lar, o local que escolhera para abrigar o bem e o amor. Era quando me voltava para a paz, a substituição de todas as simpatias sagradas. Se eu nunca tivesse deixado Windsor, essas emoções não teriam sido tão intensas, mas na Grécia eu fora vítima do medo e de mudanças deploráveis. Na Grécia, depois de um período de ansiedade e sofrimento, eu vira duas pessoas partirem, pessoas cujos nomes eram símbolo de grandeza e virtude. Porém, mesmo uma tristeza assim era incapaz de entrar em meu círculo domiciliar enquanto, isolados em nossa amada floresta, vivíamos a vida com tranquilidade. O passar dos anos causara algumas mudanças ali. O tempo, como haveria de ser, marcava os traços da mortalidade em nossos prazeres e nossas expectativas. Idris, a mais afetuosa esposa, irmã e amiga, era uma mãe carinhosa e amorosa. Para ela, a maternidade não era um passatempo como era para muitas — era uma paixão. Dera à luz três filhos, e um, o do meio, morrera enquanto eu estava na Grécia. Esse acontecimento havia manchado as emoções triunfantes e prazerosas da maternidade com dor e medo. Antes desse evento, as criaturinhas nascidas de seu ventre, jovens herdeiras de sua vida passageira, pareciam donas de uma existência intocável. Depois, porém, ela passou a temer que a impiedosa ceifadora arrancasse dela os amores remanescentes, assim como fizera com o irmão. A menor das doenças a deixava aflita de terror, e ela sofria muito caso precisasse se afastar dos filhos. Depositara toda a valiosa felicidade que tinha na frágil existência daquelas crianças, e ficava em uma guarda eterna para que nenhuma ladra traiçoeira roubasse suas joias preciosas como já fizera antes. Felizmente, ela tinha poucos motivos para temer. Alfred, já com nove anos de idade, era um rapazinho alto e viril, com uma expressão radiante, olhos suaves e um temperamento de gentileza, embora independente. Nosso caçula ainda era muito novo, mas seu rosto macio estava corado de saúde, e sua vivacidade incansável enchia os cômodos de nosso lar com suas risadas inocentes.

Clara passara da idade em que, em sua silenciosa ignorância, era a fonte dos temores de Idris. Clara era muito querida por ela — por nós todos. Era dona de grande inteligência combinada com inocência, sensibilidade com tolerância e seriedade com um perfeito bom humor. Tinha uma beleza tão transcendental, unida com uma simplicidade tão cativante, que ainda se destacava como uma pérola no santuário de nossos bens, um tesouro de maravilhas e excelência.

No começo do inverno, nosso filho Alfred, então com nove anos, começou a frequentar a escola em Eton. Para ele, eram como os primeiros passos na direção da vida adulta, o que o deixava proporcionalmente encantado. A junção de estudo com diversão passou a desenvolver a melhor parte de seu caráter, de sua firme perseverança, generosidade e firmeza bem administrada. Que emoções profundas e sagradas são avivadas no peito de um pai quando, pela primeira vez, percebe que o amor pelo filho não é um mero instinto, mas algo conquistado por mérito, e que outras pessoas que não parentes compartilham da aprovação! A maior alegria minha e de Idris foi descobrir que a franqueza demonstrada no semblante aberto de Alfred, assim como a inteligência em seus olhos e a sensibilidade equilibrada de seu tom de voz, não eram ilusão, mas sim indicações de talentos e virtudes que “cresceriam com seu crescimento e se fortaleceriam com sua força”. É nessa altura em que termina o amor animal pela cria e começa a afeição verdadeira dos pais humanos. Deixamos de olhar essa querida parte de nosso ser como uma planta sensível da qual precisamos cuidar ou como um brinquedo para passar o tempo. Passamos a nos basear nas faculdades intelectuais dos filhos para estabelecer esperanças quanto a suas propensões morais. Sua fraqueza ainda inspira ansiedade quanto a seus sentimentos, e sua ignorância impede que sejamos completamente íntimos deles, mas começamos a respeitar o futuro adulto diante de nós e nos empenhamos para garantir sua estima mesmo que agora sejam nossos iguais. O que pode ser mais caro ao coração de um pai ou de uma mãe do que a admiração dos filhos? Em todas as nossas interações com eles, nossas honras devem ser invioláveis, e a integridade de nossas relações devem ser imaculadas. O destino e a circunstância devem, ao chegar à maturidade, separar-nos para sempre — mas que sejamos sua proteção em momentos de perigo, seu consolo em momentos de dificuldade. Que, ao longo do duro caminho da vida, a juventude ardente deles carregue sempre consigo o amor e a honra pelos pais.

Vivemos tanto tempo na vizinhança de Eton que seus juvenzinhos eram nossos conhecidos. Muitos deles haviam sido amiguinhos de Alfred antes de se tornarem colegas de escola. Agora, assistíamos ao encontro juvenil com interesse redobrado. Tentávamos distinguir as diferenças de caráter dos diferentes meninos, e arriscávamos prever o futuro dos homens que deles brotariam. Não há nada mais

amável, nada que o coração deseja mais, do que um garoto de espírito livre, gentil, corajoso e generoso. Vários dos alunos de Eton tinham essas características, notáveis pelo senso de humor e espírito empreendedor. Em alguns, isso acabava se degenerando em presunção conforme seguiam em direção à vida adulta. Os mais novos, porém, apenas um pouco mais jovens que nosso próprio filho, deixavam clara a disposição galante e doce.

Ali estavam os futuros governantes da Inglaterra. Quando nosso ardor já tivesse arrefecido, quando nossos projetos já tivessem se encerrado ou sido destruídos para sempre ou quando nossa peça já tivesse sido atuada, quando trocássemos os trajes de honra pelo uniforme da idade ou a veste equalizadora da morte, eram aqueles sujeitinhos que seguiriam tocando a vasta máquina da sociedade. Eles seriam os amados, os esposos, os pais. Os donos de terras, os políticos, os soldados. Alguns achavam até que já estavam prontos para subir no palco, ansiosos por se destacarem no *dramatis personae* da vida ativa. Não muito tempo antes, eu era como um daqueles aspirantes imberbes. Quando meu garoto ocupasse o lugar que eu então ocupava, eu já teria virado um homem grisalho e enrugado. Que coisa mais estranha! É um verdadeiro enigma da Esfinge, um dos mais espantosos, o fato de que o conceito do homem continua, enquanto os indivíduos morrem um após o outro. Assim é, pegando emprestadas as palavras de um escritor eloquente e filósofo, “o modo de existência decretado a um corpo permanente composto de partes transitórias. Nele, e por decorrência da sabedoria estupenda que moldou os grandes mistérios da incorporação da raça humana, o todo, em determinado momento, nunca é velho, ou de meia-idade, ou jovem, mas sim, em uma condição de constância imutável, move-se ao longo dos vários níveis de perpétuo declínio, queda, renovação e progressão”.

É com prazer que dou meu lugar a você, caro Alfred! Venha, cria do carinhoso amor, filho de nossas esperanças. Avance como um soldado pela estrada porque marchei na vanguarda! Abrirei caminho para você. Já deixei de lado a negligência da infância, o rosto sem rugas e o porte saltitante da juventude, coisas que agora você exhibe. Avance, e hei de me despir cada vez mais em seu benefício. O tempo pode roubar de mim as graças da maturidade, tirar o fogo dos meus olhos e a agilidade dos meus membros, pode arrancar de mim a melhor parte da vida, a expectativa ansiosa e o amor apaixonado, contanto que derrame tudo isso em dobro sobre a sua cabeça. Avance! Assuma esses presentes, você e seus camaradas. Nesta peça em que estão prestes a atuar, não desgracem aqueles que os ensinaram a subir no palco, e pronunciem de forma digna as falas a vocês atribuídas! Que seu progresso seja ininterrupto e seguro. Nascido durante a maré viva das esperanças da humanidade, você nos encaminhará até o verão que nenhum inverno sucederá!

## V

Alguma desordem decerto se abatera sobre o curso dos elementos, destruindo sua influência benigna. O vento, príncipe do ar, assolava seu reino, agitando o mar em fúria e subjugando a rebelde terra até um estado de certa obediência.

*Deus envia suas pragas do céu  
Fome e peste espalham mortos ao léu.  
Sua ira vingativa recai sobre os senhores  
Cujas muralhas derruba com grandes tremores  
Retém seus navios na imensidão do mar  
E com a força das ondas os faz emborcar.*

O poder mortal dos elementos abalou os prósperos países do sul. No inverno, mesmo nós, em nosso recanto nortenho, passamos a sentir seus efeitos nocivos.

É injusta a fábula que dá ao sol a superioridade sobre o vento. Quem nunca viu uma terra ensolarada, de atmosfera agradável e natureza deleitosa, tornar-se escura, fria e úmida quando o vento adormecido acorda no leste? Ou quando as nuvens pardacentas cobrem o céu como um grosso véu e a chuva cai exaustivamente, até que a terra encharcada se nega a absorver mais da umidade superabundante e forma poças na superfície, ou ainda quando a tocha diurna parece um meteoro que precisa ser apagado? Quem nunca viu a massa agitada de nuvens ascender ao norte e as faixas de azul aparecerem assim que o vento abre rasgos na neblina, através dos quais o azul cintilante brilha? As nuvens ficam mais ralas, um arco ascendente vai se formando até que a cúpula universal se desvela e o sol emite seus raios, reanimado e alimentado pela brisa.

Portanto, deveria ser você, ó vento, investido como rei sobre todos os outros vice-regentes da força da natureza. Quer venha destruindo tudo do leste ou prenhe de vida elementar do oeste, as nuvens obedecem a você, o sol é subserviente seu, e o oceano sem praias é seu escravo! Sopra a terra e os carvalhos, obras de séculos,

submetendo-os ao seu invisível machado. A neve é espalhada dos picos dos Alpes, e avalanches estrondam vale abaixo. Tem as chaves do congelamento, e é seu o poder de reter e liberar os regatos. Sob sua gentil governança, os brotos e folhas nascem, e depois florescem tratados pela sua mão.

Por que uiva, ó vento? Durante dia e noite, por quatro longos meses, seu rugido não cessou. A costa ficou coalhada de naufrágios, a superfície do mar — sempre tão acolhedora às quilhas — tornou-se intransponível, e a terra escondeu sua beleza em obediência ao seu comando. Os frágeis infláveis não ousam mais navegar pelo ar agitado. Suas ministras, as nuvens, diluviam a terra com chuva, os rios ultrapassam as margens, e as correntes selvagens abrem caminho pela montanha. Tanto planícies quanto florestas e vales verdejantes estão despojados de seu encanto, e as próprias cidades foram arrasadas por você. E eu pergunto: o que será de nós? É como se as ondas gigantes do oceano e os vastos braços do mar estivessem prestes a destruir esta ilha tão arraigada em seu centro, para depois jogar seus destroços sobre os campos do Atlântico.

O que nós, habitantes deste globo, devemos aos muitos outros que habitam o espaço infinito? Nossa mente abraça a infinidade, e os mecanismos visíveis de nosso ser são sujeitos a meros acidentes. Dia após dia somos forçados a acreditar nisso. A pessoa que sofre um ferimento grave ou que desaparece da vida aparente sob a influência da ação hostil dos elementos ao nosso redor tinha os mesmos poderes que eu — e eu também estou sujeito às mesmas leis. Em face disso tudo, ainda nos chamamos lordes da criação, domadores dos elementos, mestres da vida e da morte, e alegamos como justificativa dessa arrogância que, embora indivíduos possam ser destruídos, o conceito da humanidade continua para sempre.

Assim, deixando de lado nossa identidade, da qual estamos sobretudo conscientes, enalteçemos a continuidade de nossa espécie e aprendemos a encarar a morte sem medo. Porém, quando uma nação inteira é vítima dos poderes destrutivos de agentes exteriores, aí sim o ser humano é reduzido à insignificância, e enfim sente a posse da vida em risco e a herança da terra interrompida.

Lembro-me que, depois de ter testemunhado os efeitos destrutivos de um incêndio, mal conseguia encarar as chamas pequenas de um fogão sem sentir medo. As labaredas enormes haviam engolido a construção que ruía, e ela fora destruída. O fogo se insinuava sobre o material ao seu redor, e os obstáculos a seu progresso cediam assim que ele os tocava. É possível pegar partes integrais de um poder como esse e não estar sujeito à operação do elemento? É possível domesticar o filhote de uma fera selvagem sem temer seu crescimento e amadurecimento?

Foi assim que começamos a nos sentir com a perspectiva da chegada da morte à região de nosso lar — e, acima de tudo, com a perspectiva da praga. Temíamos o

verão que se aproximava. Nações vizinhas aos países já infectados começavam a elaborar planos sérios para manter o inimigo longe. Nós, um povo mercante, vimonos obrigados a considerar essas estratégias, e a questão do contágio se tornou assunto de primeira importância.

Que a praga não era o que costumamos chamar de contagiosa, como a escarlatina ou a extinta varíola, já fora provado. Foi chamada de epidemia. A grande questão ainda não respondida, porém, era como aquela epidemia nascera e como se propagava. Se a infecção se espalhava pelo ar, então o próprio ar se infectava. Por exemplo, quando o tifo era levado por navios até algum porto, as pessoas que carregavam a doença não a transmitiam para outras em cidades afortunadamente longe da primeira. Mas como julgar o próprio ar e dizer que na cidade a praga morrerá, sem se propagar, enquanto em outra a natureza apresenta condições favoráveis? Da mesma forma, indivíduos podem escapar noventa e nove vezes da morte, mas receber um golpe mortal na centésima — um corpo às vezes está em condição de se proteger de uma infecção ou doença, mas em outras pode estar ávido para absorvê-la. Essas reflexões fizeram nossos legisladores pararem para pensar antes de decidirem as leis que seriam implementadas. O mal se espalhava tanto e era tão violento e irreparável que nenhum cuidado e nenhuma prevenção poderiam ser julgados supérfluos por tornarem maior a chance de que escapássemos.

Era tudo questão de prudência, não havia necessidade imediata de ações intensas. A Inglaterra ainda estava segura. A França, a Alemanha e a Espanha ainda estavam entre nós e a praga, com suas muralhas de proteção ainda inteiras. Nossas embarcações eram joguetes dos ventos e das ondas, como Gulliver fora brinquedo dos Brobdignagians, mas, em nossa habitação em terra firme, não poderíamos ser feridos de morte ou violentados por essas erupções da natureza. Não podíamos temer — e de fato não temíamos. Ainda assim, um sentimento de espanto, uma impressão ofegante de assombro e uma sensação dolorosa de degradação se abateram em todos os corações. A natureza, nossa mãe e nossa amiga, mirava-nos com uma expressão ameaçadora. Ela provava claramente que, embora permitisse que criássemos nossas leis e subjugassemos seus aparentes poderes, ela poderia estalar os dedos, e nós tremeríamos. Poderia tomar de nós nosso planeta adornado de montanhas e cingido da atmosfera que garantia nossa sobrevivência, assim como todas as coisas que a mente humana inventara ou realizara por nossa própria força. Ela poderia pegar aquela bola em suas mãos e atirá-la no espaço, onde a vida seria sorvida dela e a humanidade e todos os seus esforços seriam aniquilados para sempre.



Esse tipo de especulação abundava entre nós. Mesmo assim, não deixamos de cumprir nossas obrigações diárias e de trabalhar em nossos planos, cujos resultados só apareceriam depois de muitos anos. Ninguém nos disse para parar! Quando as angústias estrangeiras chegaram até nós através dos canais de comércio, passamos a aplicar algumas providências. Fundos foram criados para emigrantes e mercadores falidos por conta da interrupção do comércio. O espírito inglês despertou para seu estado mais ativo e, como sempre fizera, determinou-se a resistir ao infortúnio, a persistir na brecha que, às custas de caos e morte, a natureza doente transformara em fronteiras e margens que, até o momento, mantiveram os males afastados.

No início do verão, começamos a sentir que a perdição que assolara os países distantes era maior do que suspeitávamos a princípio. Quito fora destruída por um terremoto. O México fora arrasado pelos efeitos conjuntos de uma tempestade, da peste e da fome. Multidões de emigrantes inundaram o oeste da Europa, e nossa ilha se tornou refúgio de milhares. Nesse meio-tempo, Ryland foi eleito lorde protetor. Ele assumira sua função com ânsia, movido pela ideia de dedicar todas as forças que tinha para derrubar os títulos de privilégio de nossa comunidade. Suas medidas foram frustradas, porém, e seus esquemas, interrompidos pelo novo estado das coisas. Muitos dos estrangeiros não tinham posse alguma, e o número crescente deles acabou fazendo com que, depois de um tempo, não conseguíssemos mais fornecer o auxílio de antes. O comércio foi fechado por causa da interrupção da troca de cargas entre nós e os Estados Unidos, a Índia, o Egito e a Grécia. Houve uma pausa brusca na rotina de nossas vidas. Em vão, nosso lorde protetor e seus partidários tentaram esconder a verdade. Em vão, dia após dia, ele separava um tempo para a discussão de novas leis relacionadas à hereditariedade de títulos e privilégios. Em vão, ele tentava representar o mal como parcial e temporário. Esses desastres atingiram nosso país por tantos lados e através de tantos canais de comércio, e fomos afetados tão inteiramente em todas as classes e divisões da comunidade, que por necessidade a situação se tornou a principal questão no estado, o assunto central para os quais deveríamos voltar nossa atenção.

Será que pode ser verdade, perguntavam-se as pessoas com espanto e admiração, que países inteiros sejam assolados e que nações inteiras sejam aniquiladas por essas desordens da natureza? As vastas cidades dos Estados Unidos, as férteis planícies da Índia e os vilarejos populosos da China estavam sob a ameaça de serem completamente arruinados. Nos lugares onde antes as multidões ocupadas se reuniam por prazer ou a trabalho, tudo o que se ouvia então eram os lamentos de tristeza. O ar estava envenenado e as pessoas respiravam morte — mesmo as jovens e saudáveis, com seus sonhos ainda em brotos. Lembramo-nos da praga de 1348, quando, segundo os cálculos, um terço da população mundial pereceu. Até o

momento, o oeste da Europa ainda não fora infectado, mas será que continuaria assim?

Ah, sim, é claro que sim! Nada temam, conterrâneos! Que surpresa que, nos ermos ainda não cultivados dos Estados Unidos, a Peste fosse se juntar a outros gigantes destruidores! Ela é desde sempre nativa do leste, irmã dos tornados, dos terremotos e das tempestades de areia. Filha do sol e cria dos trópicos, vigora nos climas quentes. Bebe o sangue escuro dos habitantes do sul, mas nunca se banqueteia com os celtas de tez clara. Se por acaso algum asiático vier até nós, a praga morrerá com ele, intransmissível e inócua. Que pranteemos nossos irmãos e irmãs, mesmo que não sejamos capazes de sentir o que eles sentem. Que lamentemos e que ajudemos as crianças dos jardins da terra. Outrora invejamos seus lares, seus bosques cheios de especiarias, suas planícies férteis e seus abundantes encantos. Mas, nesta existência mortal, os extremos da vida andam sempre juntos: os espinhos crescem com a rosa, e as plantas venenosas misturam seus ramos aos das aromáticas. A Pérsia, com seus tecidos de fios de ouro, salões de mármore e fortuna infinita agora não passa de um túmulo. A tenda dos árabes colapsou na areia, e seus cavalos dispararam por aí descontrolados e sem sela. A voz dos lamentos enche o vale da Caxemira. As florestas, as fontes de água fresca e os jardins de rosas estão poluídos pela morte, e na Circássia e na Geórgia os espíritos da beleza pranteiam sobre as ruínas de seus templos preferidos, assim como as mulheres.

Nossas próprias angústias, embora causadas pela falha na reciprocidade do comércio, aumentaram em proporção. Banqueiros, mercadores e fabricantes cujos negócios dependiam de exportações e troca de bens acabaram falindo. Quando esse tipo de coisa acontece sozinho, afeta apenas os envolvidos imediatos, mas a prosperidade de toda uma nação fora afetada por perdas frequentes e extensivas. Famílias criadas em meio à opulência e luxúria foram reduzidas a bandos de pedintes. O próprio estado de paz que ostentávamos foi prejudicado: não havia como dar trabalho aos desempregados ou enviar a população sobressalente para fora do país. Mesmo a fonte das colônias secou, pois, na Nova Holanda, na Terra de Van Diemen e no Cabo da Boa Esperança, a praga avançava à toda. Que algum remédio surgisse para curar a natureza doente e trazer de volta à terra sua saúde costumaz!

Ryland era um homem de grande intelecto e de decisões rápidas e seguras no curso normal das coisas, mas parecia estupefato diante dos múltiplos males que nos cercavam. Devia ele taxar os latifúndios para ajudar nossa população mercantil? Para isso, ele precisaria conquistar a liderança dos proprietários de terras, a nobreza do país. Eram esses, porém, justamente seus inimigos mais ferrenhos — caso

quisesse se conciliar com eles, precisaria abandonar seu projeto favorito de equalização das classes. Precisaria confirmar os poderes superiores daqueles homens e comprometer os planos em que mais botava fé pelo bem permanente e pelo alívio temporário do país. Ele não devia mais buscar o maior objetivo de sua própria ambição. Deveria abrir mão dele e, pelo menos por um tempo, desistir de suas iniciativas mais importantes. Ryland foi a Windsor se consultar conosco. Suas dificuldades ficavam maiores a cada dia. A chegada de mais navios com emigrantes, o fechamento total do comércio e a multidão esfomeada que cercava o Palácio do Protetorado eram circunstâncias que não podiam ser ignoradas. O golpe foi dado. Os aristocratas obtiveram o que desejavam e assinaram um contrato de doze meses em que entregavam como tributo trinta por cento de todos os rendimentos de suas terras. A calma da metrópole e das cidades mais populosas foi restaurada, tirando-as de seu estado de desespero. Assim, pudemos nos dedicar às calamidades mais distantes, perguntando-nos se o futuro traria ou não o alívio delas. Era agosto, e havia pouca esperança de que o alívio viesse durante os surtos de calor. Pelo contrário: a doença ganhou virulência, enquanto a fome causava os efeitos de sempre. Milhares morreram sem ninguém para lamentar sua partida, pois, ao lado dos cadáveres ainda quentes, aqueles que pranteavam logo também caíam mudos pela morte.

No dia dezoito daquele mês, Londres recebeu relatos de que a praga chegara à França e à Itália. A princípio, as notícias eram sussurradas pela cidade, mas ninguém ousava repetir em voz alta informações tão desanimadoras. Quando alguém encontrava um amigo ou amiga na rua, apenas exclamava “Ficou sabendo?”, enquanto a outra pessoa, em uma exclamação de medo e horror, respondia “O que será de nós?”. Por fim, os fatos foram mencionados nos jornais. O parágrafo foi inserido em uma coluna obscura, e dizia: “Sentimos informar que não há mais dúvidas de que a praga chegou em Legorne, Gênova e Marselha”. Não acrescentaram nenhuma outra palavra ao comentário — cada pessoa fazia sua própria observação receosa. Éramos como alguém que ouve que a própria casa está pegando fogo, mas que corre pela cidade cultivando uma centelha de esperança de que tudo seja um engano, até que vira a esquina e vê o telhado envolto em chamas. O que antes era um rumor, fora colocado em palavras permanentes, impressas de forma definida e inegável, e espalhou-se por aí. A obscuridade da situação a tornava ainda mais suspeita, e as letras minúsculas ficavam gigantes aos olhos abismados. Pareciam gravadas com uma pena de ferro, marcadas a fogo, tecidas em meio às nuvens, estampadas na cara do universo.

Os ingleses, fossem viajantes ou residentes, voltavam em fluxos caudalosos ao próprio país. Com eles, vinham também, aos montes, italianos e espanhóis. Nossa

pequena ilha ficou lotada a ponto de transbordar. A princípio, a quantidade extra de dinheiro em circulação chegou com os emigrantes, mas aquelas pessoas não tinham como ganhar o que gastavam entre nós. Com o avanço do verão e o aumento desse desequilíbrio, aluguéis deixaram de ser pagos, e pessoas pararam de receber seus salários. Era impossível ver as multidões de criaturas desgraçadas e decadentes, antes crias da luxúria, e não querer estender a mão para ajudá-las. No fim do século XVIII, os ingleses abriram as reservas hospitaleiras para auxiliar as pessoas expulsas de suas moradias pela revolução política. Agora, já tinham por onde começar na missão de fornecer ajuda para as vítimas de uma calamidade mais ampla. Tínhamos muitos amigos estrangeiros, que logo procuramos, e os aliviámos da horrível miséria. Nosso castelo virou um refúgio para os infelizes. Uma população considerável passou a habitar seus salões. Os lucros da propriedade, que sempre foram gastos de forma proporcional à sua generosa fonte, passaram a ser gastos com mais parcimônia para que pudessem abarcar uma porção maior dos necessitados. Mas não foi o dinheiro — não completamente, pelo menos — que se tornou escasso, e sim os itens essenciais à vida. Era impossível, por exemplo, encontrar medicamentos de imediato. A importação de alguns fora completamente interrompida. Nessa situação de emergência, para alimentar as pessoas que havíamos refugiado, fomos obrigados a arar e semear nossos belos campos e parques. A quantidade de animais de corte diminuía sensivelmente no país devido aos efeitos da grande demanda do mercado. Até os pobres cervos, nossos protegidos chifrados, precisaram ser sacrificados em nome do bem de nossos hóspedes. O trabalho necessário para preparar o solo para aquele tipo de cultivo empregava e alimentava pessoas demitidas das fábricas fechadas.

Adrian não se satisfazia em compartilhar apenas suas posses. Ele conversava diretamente com os grandes proprietários de terras e fazia propostas no Parlamento ligeiramente adaptadas para satisfazer os mais ricos, e seus pedidos fervorosos e sua eloquência benevolente eram irresistíveis. Ceder para a agricultura os campos usados para o lazer e diminuir sensivelmente a quantidade de cavalos usados para diversão eram medidas óbvias, mas ainda assim desagradáveis. No entanto, e pela honra da Inglaterra, que fique registrado que, embora a natural resistência os tenha feito demorar um pouco, a miséria de seus irmãos e irmãs era gritante, e uma generosidade entusiasmada inspirou a assinatura de decretos. Os mais ricos eram, não raro, os primeiros a abrir mão de suas indulgências. Como é comum em comunidades, alguns padrões foram criados. As senhoras de bem nascidas no país antes consideravam a prática necessária, mas depois passaram a achar degradante serem carregadas em carruagens. Cadeiras e liteiras indianas, comuns antigamente, foram introduzidas para o transporte dos doentes, mas passou a ser comum ver as

mulheres nobres indo a pé a lugares de lazer. Tornou-se ainda mais comum que todos que tinham terras livres em suas propriedades passassem a derrubar, com a ajuda de tropas inteiras de indigentes, as árvores de seus bosques para construir habitações temporárias. Também dividiam seus parques, campos e jardins com famílias necessitadas. Muitas dessas, abastadas em seus próprios países, agora aravam a terra com enxadas nas mãos. A certa altura, foi necessário frear o espírito de sacrifício e lembrar àqueles cuja generosidade já se tornava desperdício suntuoso que, até que o estado das coisas se tornasse permanente — o que era improvável —, era errado realizar mudanças tão grandes que seriam depois difíceis de reverter. A experiência mostrava que a peste acabaria em um ano ou dois. Era ideal que, nesse meio-tempo, não destruíssemos nossas linhagens de cavalos nobres nem modificássemos de modo radical alguns territórios decorados do país.

Uma prova de que as coisas estavam realmente complicadas era a profundidade com que se enraizara o espírito de benevolência. A infecção enfim se espalhara pelas províncias do sul da França. Mas o país tinha tantos recursos agrícolas que a movimentação da população de uma região para a outra, assim como o fluxo de emigrantes, foi menos impactante do que para nós. O pânico irrompido parecia mais nocivo lá do que a própria doença e seus efeitos naturais.

O inverno enfim chegou, um médico geral e infalível. As florestas pardacentas, os rios caudalosos, as neblinas vespertinas e as geadas matinais foram recebidas com muita gratidão. Os efeitos do frio purificador foram sentidos imediatamente, e o número de mortos no exterior diminuía semana a semana. Muitos de nossos hóspedes foram embora. Aqueles cujos lares encontravam-se ao sul ficaram felizes em fugir de nosso inverno nortenho para suas terras nativas, seguros de que haveria abundância por lá mesmo depois da temporada amedrontadora. Voltamos a respirar. Não tínhamos ideia do que o verão traria, mas os meses do presente nos pertenciam, e nossas esperanças de que a peste terminasse eram altas.

## VI

Por muito tempo me demorei na margem mais extrema, no banco de areia que ladeava o riacho da vida, flertando com a sombra da morte. Por todo esse tempo, acalentei meu coração com a lembrança de alegrias antigas, quando ainda havia esperança. Por que não podia ser sempre assim? Não sou imortal, e o novelo de minha história se estenderá além dos limites da minha existência. Mas o mesmo sentimento que a princípio me fez descrever cenas repletas de lembranças ternas agora me incita a me apressar. O mesmo anseio deste coração cálido e ofegante que me fez registrar por escrito relatos de minha juventude vadia, minha serena vida adulta e as paixões de minha alma agora faz com que eu sinta que não posso mais demorar. Devo completar minha obra.

Então cá estou eu, como disse, às margens das águas rápidas do passar dos anos. Vamos! Hora de enfurnar velas e remar mais rápido, acelerando por entre rochas escuras, corredeira abaixo, na direção do mar de desolação ao qual cheguei. Mas espere mais um momento ainda, façamos um breve intervalo antes que eu parta desta margem. Deixe que me veja mais uma vez no meu lar em Windsor, em 2094, e que imagine que ainda estou sob a sombra dos ramos imensuráveis dos carvalhos, que as muralhas do castelo ainda estão logo ali. Imaginemos a alegre cena do dia 20 de junho da maneira de que meu pobre coração se lembra dela.

As circunstâncias me haviam chamado a Londres. Lá, ouvi boatos de que sintomas da praga haviam sido relatados em hospitais da cidade. Retornei a Windsor com a expressão fechada e o coração pesado. Entrei em Little Park, como era meu costume, pelo portão de Frogmore, a caminho do castelo. A maior parte das terras fora entregue para o cultivo, e faixas de plantação de batata e milho se espalhavam aqui e ali. As gralhas crocitavam da copa das árvores. Misturada aos gritos roucos, eu podia ouvir uma música animada. Era aniversário de Alfred. Os jovens, as pessoas de Eton e as crianças da aristocracia local haviam organizado uma feira de mentirinha, para a qual todas as pessoas do país haviam sido convidadas. O parque estava pintalgado de barracas, cujas cores vivas e bandeiras berrantes,

oscilando sob o sol, deixavam a cena ainda mais alegre. Um tablado fora erguido sob o terraço, onde os mais jovens dançavam. Encostei-me em uma árvore para observá-los. A banda tocava uma ária oriental de Weber apresentada em Abon Hassan. Suas notas voláteis davam asas aos pés dos dançarinos e dançarinas, enquanto os espectadores marcavam o tempo distraidamente. A princípio, o compasso rápido elevou meu ânimo, e por um momento meus olhos acompanharam com prazer os rodopios da dança. Mas um pensamento súbito cortou meu coração como uma lâmina afiada. Vocês vão todos morrer, pensei. Seus túmulos já estão erguidos. Por enquanto, porque são dotados de agilidade e força, acham que vão viver. Mas frágil é o “pavilhão de carne” que contém a vida, e dissipável é o cordão de prata que conecta os dois. A alma exultante, transportada de prazer em prazer pelo gracioso mecanismo dos membros bem formados, subitamente sentirá o eixo central ceder, e as molas e engrenagens se transformarem em pó. Nenhum de vocês, ó multidão condenada, pode escapar! Ninguém! Nem aqueles que me são mais caros! Nem Idris e nossos filhos! Que horror e que tristeza! A dança alegre já sumira diante de mim, a relva verde estava repleta de cadáveres, e o ar ficara fétido com os gases da morte. Gritem, trombetas! Cornetas estridentes, uivem! Toquem um canto fúnebre após o outro, façam os hinos se elevarem, deixem que o ar ecoe com terríveis lamentos. Deixem a desarmonia selvagem se espalhar nas asas do vento! Eu já a ouvia enquanto os anjos da guarda que protegiam a humanidade, tendo cumprido sua missão, iam embora, a partida anunciada por canções melancólicas. Rostos retorcidos pelo choro forçavam abertas as minhas pálpebras. Cada vez mais rápido, semblantes contorcidos pela aflição surgiam ao meu redor, exibindo uma variedade de desgraças em uma mistura de rostos conhecidos e criações distorcidas da minha imaginação. Extremamente pálidos, Raymond e Perdita me miravam de longe com sorrisos tristes. O rosto de Adrian lampejou em minha mente, maculado com a morte. Idris, de olhos fechados de forma lânguida e lábios lívidos, parecia prestes a se deitar em seu túmulo. A confusão aumentou — a expressão de dor que ostentavam transformou-se em zombaria, e eles passaram a balançar a cabeça no ritmo da música, cujos tons haviam se tornado enlouquecedores.

Eu sentia que eram sinais de insanidade. Avancei para fazer as imagens sumirem e corri para o meio da multidão. Idris me viu e, com passos leves, foi até mim. Envolvei-a em meus braços e, quando o fiz, senti que abraçava o que para mim era um mundo, mas ao mesmo tempo frágil como uma gota d’água que o sol do meio-dia evapora na reentrância de um lírio. Lágrimas encheram meus olhos, que resistiam ao umedecer. A recepção alegre de meus meninos, a saudação de Clara e a pressão da mão de Adrian contribuíram para que eu me recompusesse. Sentia que

estavam próximos, que estavam seguros, mas, mesmo assim, minha mente tinha certeza de que aquilo era um truque. O mundo girou, as árvores firmemente enraizadas se moveram, fiquei tonto e desfaleci no chão.

Meus amados amigos ficaram preocupados — não, expressavam sua apreensão de forma tão ansiosa que eu não ousei pronunciar a palavra praga, que pairava em meus lábios, para evitar que imaginassem que meu olhar perturbado era um sintoma e que enxergassem a infecção em minha apatia. Mal me recuperara e, fingindo hilaridade, fazia as pessoas ao meu redor sorrirem quando vi Ryland se aproximar.

Ryland era um tanto parecido com um fazendeiro, um homem cujos músculos e cuja estatura robusta foram desenvolvidos através de exercícios vigorosos e exposição aos elementos. E, de certa forma, ele era mesmo um fazendeiro: não só era proprietário de grandes terras como também um homem engenhoso, de disposição ardente e diligente, e às vezes se dignava ele mesmo a trabalhar nos próprios campos. Quando fora como embaixador ao norte dos Estados Unidos da América, por algum tempo planejara mudar-se de vez. Chegara a fazer várias viagens ao oeste do imenso continente para escolher o lugar onde passaria a morar. A ambição o fez desistir desses desígnios — a ambição de que, trabalhando para superar vários impedimentos e obstáculos, enfim chegasse ao ápice de seus desejos: tornar-se lorde protetor da Inglaterra.

Seu semblante era bruto, mas inteligente — a fronte ampla e os olhos cinzentos e ágeis pareciam vislumbrar além dos próprios planos, ao contrário de seus inimigos. Sua voz era retumbante. Quando falava, agitava a mão diante de si, o que, junto ao porte gigante e musculoso, avisava a quem o ouvia que palavras não eram suas únicas armas. Poucas pessoas haviam descoberto traços de covardia e fraqueza de propósito por detrás daquela fachada imponente. Ninguém “massacrava borboletas” melhor do que ele. Ninguém melhor do que ele reconhecia a necessidade de uma rápida retirada frente a um poderoso inimigo. Fora esse o segredo por trás de sua debandada na época da eleição de lorde Raymond. Com base em alguns olhares vacilantes, em seu desejo extremo de saber a opinião de todos e em sua forma febril de escrever, talvez fosse possível identificar essas características, mas elas não eram de conhecimento geral. Ele agora era nosso lorde protetor. Fizera uma campanha eleitoral pesada para alcançar o posto. Dizia que seu mandato seria notável por todos os tipos de inovações na aristocracia. Mas essa tarefa fora substituída por uma muito diferente: reagir à ruína causada pelas revoltas da natureza. Ele era incapaz de encarar esses males através de qualquer sistema compreensível. Buscava alternativa atrás de alternativa, e nunca era



convencido a colocar alguma medida em prática antes que fosse tarde demais para usá-la.

Certamente, o Ryland que então se apresentava diante de nós mal parecia o candidato poderoso, irônico e aparentemente destemido vindo do mais alto escalão dos ingleses. Nosso carvalho nativo, como seus partidários o chamavam, parecia estar encarando um inverno cortante. Ele mal parecia ter metade da altura normal. Suas juntas estavam frouxas, seus membros pareciam sem forças para suportá-lo. Tinha o rosto contraído e o olhar inquieto, e expressava fraqueza de propósito e um medo sem fim em cada gesto.

Em resposta a nossas ávidas perguntas, apenas uma palavra escapou, como se de forma involuntária, por entre seus lábios trêmulos:

— A praga.

— Onde?

— Em todos os lugares... Precisamos fugir... Fugir todos... Mas para onde? Ninguém sabe... Não há refúgio na terra, ela está se abatendo sobre nós como mil alcateias de lobos. Precisamos todos fugir... Mas para onde vamos? Para onde qualquer um de nós pode ir?

Essas palavras foram proferidas de forma trêmula pelo homem de aço.

— Para onde, de fato, fugiria? — respondeu Adrian. — Todos precisamos ficar e fazer nosso melhor para ajudar os companheiros em sofrimento.

— Ajudar? — exclamou Ryland. — Não há como ajudar! Meu bom Deus, ele fala de ajuda! Todo o mundo está acometido pela praga!

— Então, para evitá-la, precisamos abandonar o mundo — observou Adrian com um sorriso gentil.

Ryland grunhiu, e gotas de suor frio surgiram em seu cenho. Era inútil tentar contrariá-lo em seu surto de horror, mas o tranquilizamos e o encorajamos, de modo que, depois de certo tempo, ele foi capaz de nos explicar em que se baseava o alarmismo: a praga chegara perto demais. Enquanto esperava por ele, um de seus funcionários caíra morto de súbito. O médico declarara que o homem morrera contaminado pela praga. Tentamos acalmar Ryland, mas nossos próprios corações não estavam calmos. Eu via nos olhos de Idris o temor por mim e por nossos filhos, ansiosa por minha opinião. Adrian parecia absorto na própria reflexão. Quanto a mim, confesso que as palavras de Ryland ecoavam em meus ouvidos: o mundo todo estava infectado. Em que local livre da peste poderia refugiar meus amados tesouros até que a sombra da morte passasse por sobre a terra? Caímos em um silêncio profundo que absorvia os relatos e os prognósticos sombrios de nosso visitante. Havíamos nos afastado da multidão. Subindo os degraus do terraço, fomos até o castelo. Nossa mudança de humor foi notada por quem estava por

perto. Através dos criados de Ryland, logo se espalhou o boato de que ele havia deixado Londres para fugir da praga. O grande grupo jovial se fragmentou, e grupos menores passaram a se reunir aos sussurros. O espírito de alegria foi eclipsado, a música cessou, e os mais jovens pararam o que estavam fazendo e se reuniram. O coração leve com que haviam vestido suas fantasias, decorado as barraquinhas e desfilado por aí parecia um pecado e uma provocação ao terrível golpe trêmulo do destino que se abatera sobre a esperança e a vida. A diversão momentânea era uma zombaria profana ao sofrimento da humanidade. Os estrangeiros entre nós, que haviam fugido de seus próprios países por causa da praga, agora viam seu último refúgio tomado. Loquazes por causa do medo, descreveram aos ávidos ouvintes as misérias que haviam presenciado nas cidades tomadas pela calamidade, despejando relatos temíveis sobre a natureza terrível e irremediável da doença.

Adentramos o castelo. Idris estava diante de uma janela com vista para o parque. Seus olhos maternais procuravam os filhos em meio ao grupo de crianças. Um rapazinho italiano conquistara a atenção dos demais, e com gestos animados descrevia algumas cenas de horror. Diante dele, Alfred ouvia imóvel, com toda a atenção capturada. O pequeno Evelyn tentara chamar Clara para brincar com ele, mas a história do italianinho a atraía, e ela já se aproximava, os olhos brilhantes fixados no garoto. Assistindo à multidão no parque ou ocupados em reflexões dolorosas, estávamos todos em silêncio. Ryland estava sozinho diante de uma das janelas. Adrian andava de um lado para o outro do salão, remoendo alguma ideia nova e irresistível, quando parou de súbito e disse:

— Há um bom tempo imaginei que isso aconteceria. Por que esperaríamos que esta ilha fosse ser a exceção à epidemia mundial? O mal já nos alcançou, e não devemos nos esconder de nosso destino. Quais são seus planos, meu lorde protetor, para ajudar nosso país?

— Pelo que é mais sagrado, Windsor! — exclamou Ryland. — Não caçoe de mim com esse título. A morte e a doença colocam todas as pessoas no mesmo patamar. Não tenho intenção de proteger e governar um hospital, que é no que a Inglaterra se transformará muito em breve.

— Pretende, então, justo nesse tempo de perigo, abandonar seus deveres?

— Deveres? Pense antes de falar, milorde! Quando eu for um corpo maculado pela praga, onde estarão meus deveres? Agora, é cada um por si! Que o diabo carregue meu cargo de lorde protetor!

— Pois é um homem de coração fraco! — bradou Adrian, indignado. — Seus conterrâneos confiaram no senhor, e agora os trai!

— Eu os traio? — perguntou Ryland. — É a praga que me trai! Coração fraco... É fácil, trancado em seu castelo, fora de perigo, gabar-se de não ter medo. Que assumo o cargo de lorde protetor quem bem entender: diante de Deus, eu o renuncio!

— E diante de Deus — respondeu o oponente fervorosamente — eu o assumo! Ninguém fará campanha para ter essa honra agora, ninguém invejará tarefa tão arriscada. Entregue seus poderes em minhas mãos. Há muito tempo luto contra a morte, e muito... — Ele estendeu a mão magra. — Muito sofri nessa batalha. Não é fugindo, e sim encarando o inimigo, que somos capazes de vencer. Meu último combate ainda está por vir, e ainda não fui derrotado... Então que assim seja!

“Mas, ora, Ryland, recomponha-se! Até o momento, as pessoas achavam que o senhor era magnânimo e sábio. Vai abrir mão desses títulos assim? Pense no pânico que sua saída causará. Volte a Londres. Irei com o senhor. Encoraje as pessoas com sua presença. Vou assumir todo o risco. Que vergonha será, que vergonha será se o mais alto cargo da Inglaterra abandonar seu posto!”

Enquanto isso, entre os convidados no parque, todo o clima de festa se perdera. As últimas pessoas do grupo, outrora barulhentas e felizes, enfim se dispersaram como insetos de luz atingidos pela chuva. Murmúrios de tristeza e melancolia irromperam aqui e ali, cada vez menos frequentes. Com o pôr do sol e o crepúsculo cada vez mais escuro, o parque ficou quase vazio. Adrian e Ryland ainda discutiam fervorosamente. Havíamos preparado um banquete para nossos convidados no salão inferior do castelo. Lá, Idris e eu tentamos receber e entreter os que ainda haviam sobrado. Não há nada mais melancólico do que uma festa tomada pela tristeza: os vestidos de gala e as decorações, antes tão alegres, assumem uma aparência solene e fúnebre. Uma circunstância assim já é triste quando a causa é leve, mas ganhou um peso intolerável naquela noite, dado que o motivo era ter descoberto que a carrasca da terra havia, como um arqui-diabo, passado por cima de todas as fronteiras delimitadas pelas precauções que havíamos implementado e, enfim, erigira seu trono no coração pulsante do país. Idris se sentou em um dos cantos do salão meio vazio. Pálida e chorosa, quase deixara de lado a função de anfitriã, com os olhos fixos em nossos filhos. O ar de seriedade de Alfred mostrava que ele ainda remoía a história trágica contada pelo garoto italiano. Evelyn era a única criaturinha feliz presente no recinto. Sentado no colo de Clara, divertia-se com a própria imaginação, rindo alto. O teto abobadado fazia ecoar sua voz infantil. A pobre mãe, que até então matutava em silêncio e tentava manter a angústia longe da expressão, enfim irrompeu em lágrimas e, aninhando o caçula nos braços, saiu correndo do salão. Clara e Alfred foram atrás dela. As demais

peçoas, soltando murmúrios confusos cada vez mais altos, passaram a expressar seus medos.

Os mais jovens se reuniram à minha volta para pedir conselhos. Aqueles que tinham amigos em Londres eram os mais ansiosos em ter certeza sobre o quanto a doença se espalhara na metrópole. Encorajei-os com os únicos pensamentos animadores que me vieram à mente. Disse que pouquíssimas mortes haviam sido causadas pela peste, e dei a eles esperanças, dizendo que, como éramos os últimos a sermos visitados, a calamidade já teria perdido seu poder venenoso antes de chegar até nós. A limpeza, a organização e a forma com que nossas cidades eram construídas contavam a nosso favor. Como era uma epidemia, a maior força da doença provinha das qualidades nocivas do ar, e provavelmente faria pouco mal onde ele já era naturalmente salubre. Comecei falando com os que estavam mais perto de mim, mas o grupo todo acabou me cercando e, quando me dei conta, todos me ouviam.

— Meus amigos — comecei. — Todos corremos o mesmo risco. Assim, nossas precauções e preocupações também devem ser coletivas. Se coragem e resistência forem capazes de nos salvar, seremos salvos. Batalharemos até o fim contra nosso inimigo. A praga não nos considerará presas fáceis: vamos disputar cada centímetro de território e, através de leis metódicas e invencíveis, interromperemos o progresso de nossa inimiga. Talvez nenhuma parte do mundo tenha conseguido se opor de forma tão sistemática e determinada. Talvez nenhum outro país seja naturalmente tão protegido contra nossa invasora, ou talvez em nenhum outro lugar a natureza tenha sido apoiada de forma tão eficiente por mãos humanas. Não vamos nos desesperar. Não somos nem covardes, nem fatalistas, mas crendo que Deus entregou em nossas mãos os meios para nossa preservação, hemos de usá-los ao máximo para nosso próprio bem. Lembrem-se de que limpeza, sobriedade e mesmo bom-humor e benevolência são nossos melhores remédios.

Havia pouco que eu pudesse acrescentar a esse discurso. Apesar de ter chegado a Londres, a praga ainda não estava entre nós. Dispensei os convidados remanescentes. Eles voltaram para casa mais pensativos do que tristes para esperar os eventos que os aguardavam.

Por fim, procurei Adrian, ansioso por escutar o resultado da discussão com Ryland. Ele em parte vencera: o lorde protetor consentira em voltar a Londres por algumas semanas, tempo suficiente para que as coisas fossem arranjadas de forma que sua partida não causasse tanta consternação. Adrian e Idris estavam juntos. A tristeza com que o primeiro recebera a notícia da chegada da praga em Londres já havia sumido. A energia do propósito enchia seu corpo de força, e a alegria solene do entusiasmo e da autoconfiança iluminava seu semblante. A fraqueza natural de

seu físico pareceu deixá-lo, como a nuvem da humanidade fizera na fábula antiga sobre o amante divino de Sêmele. Ele tentava encorajar a irmã e fazê-la encarar a situação sob uma luz menos trágica. Com uma eloquência apaixonada, explicou suas intenções a ela.

— Deixe-me, antes de mais nada, aliviar sua mente de qualquer preocupação comigo — começou ele. — Não vou me forçar além de meus próprios limites, e não vou correr riscos desnecessários. Sinto que sei o que deve ser feito, e como minha presença é necessária para o sucesso dos meus planos, tomarei especial cuidado para preservar minha vida.

“Vou enfim assumir um cargo adequado para minha pessoa. Não sei criar intrigas nem encontrar meu caminho no labirinto tortuoso dos vícios e das paixões humanas, mas sou capaz de trazer paciência e simpatia e tanta ajuda quanto a arte é capaz de oferecer ao pé da cama da doença. Sou capaz de erguer do chão os órfãos miseráveis e de despertar as esperanças que foram arrancadas dos enlutados. Posso conter o alcance da praga e limitar a tristeza que ela causaria. Coragem, paciência e vigilância são as forças que empregarei nessa empreitada.

“Ah, enfim poderei servir para alguma coisa! Desde meu nascimento, aspirei ser como as águias — mas, ao contrário delas, minhas asas me falharam, e minha visão foi cegada. Até o momento, a decepção e a doença me dominaram — nasceram junto comigo, e minhas possibilidades transformaram-se sempre em impossibilidades, minhas tiranas. Um garoto pastor que cuida de um mero rebanho nas montanhas é mais útil à sociedade do que eu. Parabenizem-me, porque enfim descobri uma aplicação para meus poderes. Algumas vezes pensei em oferecer meus serviços às cidades da França e da Itália arrasadas pela peste — mas o medo de fazê-los sofrer e a expectativa da chegada da catástrofe me contiveram. Agora, à Inglaterra e aos ingleses me dedicarei. Se puder salvar que seja um de seus espíritos do jugo da morte, ou se puder proteger que seja um de seus sorridentes chalés da doença, não terei vivido em vão.”

Que ambições estranhas as dele! Mas Adrian era assim. Parecia dado à contemplação, avesso à empolgação, um estudante modesto e um homem de visões — mas era só arrumar uma motivação digna que...

Como a cotovia, ao raiar do dia

Da carrancuda terra canta hinos aos portões do paraíso.

Era como ele passava do estado de apatia e pensamento vazio ao pico mais intenso de ação virtuosa.

Com ele ficaram o entusiasmo, a determinação elevada e o olhar capaz de encarar a morte sem se deixar abater. Conosco ficaram o sofrimento, a ansiedade e a expectativa intolerável da morte. Segundo lorde Bacon, o homem com esposa e

filhos entrega reféns às mãos da sorte. Vão era o raciocínio filosófico... Vã era a coragem... Vã era a confiança no provável bem. Eu poderia empilhar em um dos lados da balança a lógica, a coragem e a resignação — mas bastaria que um temor por Idris ou por um de nossos filhos subisse do outro lado da balança para que o equilíbrio fosse perdido, e esse prato pesado desceria à base.

A praga estava em Londres! Tolos éramos nós que não havíamos previsto aquilo muito antes. Havíamos chorado pela ruína dos vastos continentes do leste e pela desolação do mundo ocidental enquanto fantasiávamos que o canal entre nossa ilha e o resto do mundo faria com que permanecêssemos vivos em meio aos mortos. Mas Calais e Dover não eram tão distantes assim, imaginava eu. Era possível ver a olho nu a terra irmã da nossa. Elas haviam sido unidas no passado, e, no mapa, o espaço que havia entre as duas não parecia maior que uma trilha em meio à grama alta. Mas seria aquele mesmo espaço que, segundo nossa imaginação, nos salvaria. O mar seria uma muralha impenetrável — do lado de fora ficaria a doença e a miséria. Do lado de dentro, um abrigo contra o mal, uma amostra dos jardins do paraíso, uma partícula do solo celestial que não poderia ser invadida por nenhuma maldade. De fato nos achávamos muito inteligentes de pensar assim!

Mas havíamos enfim despertado. A praga chegara a Londres, o ar da Inglaterra fora maculado, e os corpos de seus filhos e filhas cobriam o solo contaminado. E o mar, antes nossa defesa, então parecia nossa prisão: cercados por seus golfos, morreríamos como os habitantes esfomeados de uma cidade sitiada. Outras nações haviam se aliado na morte. Nós, por outro lado, isolados das vizinhanças, enterraríamos nossos mortos, e a pequena Inglaterra se transformaria em um túmulo amplo, muito amplo.

A sensação de sofrimento universal assumiu concentração e forma quando olhei para minha esposa e meus filhos, e a ideia de que estariam em perigo encheu meu coração de medo. Como poderia salvá-los? Criei milhares e milhares de planos. Eles não morreriam — eu seria transformado em pó antes de permitir que aquela infecção chegasse perto dos ídolos de minha alma. Se preciso, eu atravessaria o mundo a pé para encontrar um local livre da infecção. Construiria meu lar sobre uma plataforma qualquer de madeira e derivaria pelo ermo mar aberto. Abrigar-me-ia no covil de feras selvagens onde filhotes de tigre, que eu abateria, tivessem antes sido criados. Subiria montanhas atrás de algum sinistro ninho de águia e viveria suspenso em alguma reentrância inacessível de um penhasco sobre o mar — nada seria esforço demais, nenhum esquema seria louco demais, se houvesse alguma chance de que sobrevivessem. Ó fibras do meu coração! Preferia que se partissem em pedaços a deixar que minha alma se desfizesse em lágrimas de sangue e dor!

Idris, depois do primeiro choque, recuperou parte da coragem. Ela analisou todas as perspectivas de futuro e consolou o coração com as bênçãos do presente. Nunca, nem por um instante, perdeu os filhos de vista. Enquanto os filhos corressem em torno dela com boa saúde, ela acalentaria contentamento e esperança. Uma inquietude estranha e selvagem se abateu sobre mim — ainda mais intolerável por eu me forçar a escondê-la. Meu temor por Adrian era constante. Agosto chegou, e com ele os sintomas da praga aumentaram rapidamente em Londres. A cidade foi abandonada por todos que tinham o poder de deixá-la. Enquanto isso, ele, irmão de minha alma, expunha-se aos perigos dos quais todos que não eram escravos do destino já estavam fugindo. Ele permaneceu para combater aquele demônio, sem ninguém a seu lado e com o fardo apenas sobre seus ombros. Se a infecção o alcançasse, ele morreria sem ajuda e sozinho. Dia e noite esses pensamentos me perturbavam. Decidi visitar Londres para vê-lo, para amainar a agonia da dor — através do doce remédio da esperança ou do opiáceo do desespero.

Foi só quando cheguei a Brentford que percebi como o país havia mudado. As melhores habitações estavam fechadas, o comércio frenético da cidade fora paralisado, e havia um ar de ansiedade entre os poucos transeuntes com quem cruzei. Eles olhavam confusos para minha carruagem — provavelmente a primeira que viam transitando em direção a Londres desde que a peste ocupara seu trono e assumira as ruas antes lotadas. Passei por vários funerais, todos quase vazios e encarados pelos passantes como presságios que mereciam extrema atenção. Alguns observavam os cortejos com uma ânsia louca, outros fugiam tímidos, e alguns choravam alto.

A principal preocupação de Adrian depois de prestar ajuda imediata aos doentes era disfarçar os sintomas do progresso da praga entre os moradores de Londres. Ele sabia que pressentimentos de medo e melancolia eram poderosos ajudantes da doença, e que preocupações desalentadoras e apáticas faziam a fisiologia do homem particularmente suscetível à infecção. Assim, não era possível ter nenhuma visão inconveniente: as lojas estavam em geral abertas, e o trânsito de pessoas mantido em algum grau. Mas embora evitassem a aparência de uma cidade infectada, para mim, que não a frequentara desde o começo da epidemia, Londres parecia suficientemente mudada. Não havia carruagens, e a grama crescia alta nas ruas. As casas tinham uma aparência desolada, a maior parte das janelas fechada, e havia um olhar amedrontado e trêmulo no rosto de todos com quem eu cruzava, muito diferente do semblante ocupado dos londrinos. Minha carruagem solitária chamava a atenção enquanto avançava na direção do Palácio do Protetorado — e as antes badaladas ruas que levavam a ele tinham uma aparência ainda mais sombria e

deserta. Encontrei a antecâmara de Adrian lotada — era hora da audiência. Não querendo atrapalhar, esperei assistindo à entrada e saída dos requerentes. Consistiam em pessoas das classes média e baixa da sociedade, cujos meios de subsistência haviam se interrompido por conta da falha nas importações. Também incluía pessoas com espírito empreendedor em todos os ramos, algo tão peculiar a nosso país. Entre os recém-chegados havia um ar de ansiedade, às vezes de terror, o que contrastava com o semblante resignado e até satisfeito daqueles que já haviam sido ouvidos por Adrian. Eu podia ver facilmente a influência de meu amigo nos gestos mais animados e nos rostos alegres. O relógio badalou duas horas, horário em que ninguém mais podia entrar. As pessoas decepcionadas por não terem sido atendidas partiram com uma expressão sombria ou chateada enquanto eu entrava na câmara de audiência.

Fui impactado pela melhora aparente na saúde de Adrian. Ele não andava mais curvado, como uma flor ou um broto regado demais que, crescendo acima de sua capacidade inerente, acaba pendendo com o peso da própria coroa de pétalas. Seus olhos estavam brilhantes, seu semblante composto e todo seu corpo parecia emanar um ar de energia concentrada, nada parecido com sua letargia anterior. Ele estava sentado a uma mesa com vários secretários, que organizavam petições ou registravam os comentários feitos ao longo da audiência do dia. Dois ou três requerentes ainda eram atendidos. Admirei sua justiça e paciência. Aqueles que podiam viver fora de Londres recebiam o conselho de deixar a cidade imediatamente, assim como os recursos para fazê-lo. Outros, cuja atividade era benéfica à cidade ou que não tinham onde se abrigar fora dela, recebiam conselhos sobre evitar a epidemia, aliviar famílias sobrecarregadas e assumir o lugar de pessoas que morriam. Ordem, conforto e até saúde surgiram sob a influência de Adrian, como se pelo toque de uma varinha de condão.

— Fico feliz que tenha vindo — ele me disse quando enfim ficamos sozinhos. — Tenho apenas alguns minutos disponíveis, e devo lhe contar o máximo que puder nesse tempo. A praga está progredindo, e é inútil fechar os olhos. As mortes aumentam semana a semana. Não sei dizer o que temos pela frente, mas, graças a Deus, estou dando conta do governo da cidade, e olho apenas para o presente. Ryland, cuja partida consegui impedir até o momento, determinou que irá embora antes do fim do mês. O substituto apontado pelo parlamento morreu, e portanto outro deve ser nomeado. Anunciei meu interesse, e creio que não terei adversários. Esta noite a decisão será tomada, e uma reunião foi convocada. Você deve me indicar, Lionel. Ryland, por vergonha, diz não ser capaz de fazer o anúncio, mas você, meu amigo, fará isso por mim?



Que linda é a devoção! Diante de mim estava um jovem de origem real, criado em meio ao luxo, por natureza avesso aos conflitos da vida pública — mas, naquele tempo de perigo, uma época em que viver era o ápice da ambição, ele, o amado e heroico Adrian, fazia, com doce simplicidade, a oferta de se sacrificar pelo bem maior. A própria ideia era generosa e nobre — mas, além disso, seu jeito despretenso e seu desejo ardente de provar a própria virtude faziam o ato ser dez vezes mais tocante. Eu teria resistido ao pedido dele, mas vira o bem que ele vinha causando. Senti que sua determinação era inabalável, de modo que, com o coração pesado, consenti em indicá-lo. Com carinho, ele tomou minha mão.

— Obrigado — disse. — Você aliviou o peso de um dilema doloroso. É, como sempre foi, meu melhor amigo. Peço licença, mas devo deixá-lo por algumas horas. Vá e converse com Ryland. Embora esteja desertando seu posto em Londres, ele será de grande utilidade no norte da Inglaterra, onde poderá receber e ajudar viajantes e contribuir com o suprimento de comida para a metrópole. Rogo que desperte nele algum senso de dever.

Adrian me deixou para, como soube depois, cumprir com sua missão diária de visitar hospitais e inspecionar as áreas mais lotadas da cidade. Encontrei Ryland muito alterado, mais ainda do que estivera em sua visita a Windsor. Tinha a tez amarelada do medo que também o abalara por completo. Falei com ele sobre o assunto daquela tarde, e um sorriso fez seus músculos contraídos relaxarem. Ele queria ir. Todos os dias esperava ser infectado pela peste, mas era incapaz de resistir à firmeza gentil do impedimento de Adrian. No momento que Adrian fosse legalmente eleito seu substituto, ele poderia fugir até um local seguro. Sabendo disso, ouviu tudo o que eu disse. Quase feliz com a perspectiva próxima de partir, começou a conversar comigo sobre os planos que adotaria em seu próprio condado, esquecendo por um momento a resolução de se isolar de qualquer comunicação na mansão e nos campos de sua propriedade.

Naquela noite, Adrian e eu seguimos até Westminster. No caminho, ele me lembrou do que eu deveria falar. Por mais estranho que pareça, adentrei a câmara sem ter pensado nenhuma vez no que faria ali. Adrian permaneceu no salão, enquanto eu, de acordo com seu desejo, assumi meu lugar na capela de Santo Estêvão. A câmara estava tomada por um silêncio incomum. Eu não a visitava desde a eleição de Raymond, uma época em que era notória a grande quantidade de membros, a eloquência dos oradores e o calor do debate. Naquela noite, porém, os bancos estavam quase vazios, sem ninguém nos lugares reservados aos membros hereditários. Os membros da cidade estavam lá, assim como os membros dos vilarejos mercantes, alguns poucos proprietários de terras e apenas alguns dos que haviam entrado no parlamento com desejo de seguir carreira. O primeiro assunto

que tomou a atenção da câmara foi um pronunciamento do lorde protetor, que rogou para que os membros apontassem um substituto durante uma ausência necessária de sua parte.

O silêncio se abateu sobre o local até que um dos membros veio até mim e sussurrou que o conde de Windsor havia informado que eu proporia sua eleição para cobrir a ausência da pessoa originalmente eleita para o cargo. Pela primeira vez enxerguei o tamanho real de minha missão, e fui sobrepujado pelo que assumira para mim. Ryland desertara seu posto por medo da praga, e pela mesma razão Adrian não tinha nenhum adversário. E eu, a pessoa mais próxima do conde de Windsor, seria responsável por propor sua eleição. Estava prestes a empurrar meu mais querido e insubstituível amigo na direção de uma posição de perigo — impossível! Mas os dados já haviam sido lançados, e decidi que ofereceria a mim mesmo como candidato.

Os poucos membros presentes haviam comparecido mais com o propósito de resolver logo o assunto ao garantir o quórum legal do que para debater qualquer coisa. Eu me erguera mecanicamente. Minhas pernas vacilaram, e a hesitação tomou minha voz enquanto eu balbuciava algumas palavras sobre a necessidade de escolher uma pessoa adequada à missão perigosa diante de nós. Quando a ideia de me oferecer no lugar do meu amigo se intrometeu, porém, senti o fardo da dúvida e da dor deixar meus ombros. Minhas palavras fluíram de forma espontânea, e meu discurso saiu firme e ágil. Primeiro, listei o que Adrian já fizera, e depois prometi a mesma vigilância e a disposição de seguir com seus planos. Então descrevi de maneira tocante a saúde instável de meu amigo, e gabei-me de minha própria força. Roguei a eles que salvassem o descendente da família mais nobre da Inglaterra. Minha aliança com ele era a prova de minha sinceridade. Minha união com sua irmã e meus filhos, seus possíveis herdeiros, eram reféns da minha verdade.

Adrian foi rapidamente informado daquela virada inesperada no debate. Ele entrou correndo e testemunhou o fim de meu discurso apaixonado. Não o vi. Minha alma estava em minhas palavras, e meus olhos não viam nada enquanto a imagem de Adrian maculado pela pestilência e tomado pela morte flutuava diante deles. Ele me segurou pela mão no fim da fala.

— Homem cruel! — gritou. — Você me traiu!

Depois, assumiu o púlpito, com o tom de alguém que tinha o direito de comandar, e reivindicou o lugar de substituto para si. Ele comprara aquele lugar com o perigo, e pagara por ele com muito trabalho. A ambição dele estava naquilo. Depois de um tempo dedicado aos interesses do país, disse, iriam permitir que eu me adiantasse e colhesse seus frutos? Ele os fez lembrar de como Londres estava antes de sua chegada, quando o pânico prevalecia entre os esfomeados e todos laços

legais e morais estavam desatados. Ele havia restaurado a ordem, um trabalho que exigira perseverança, paciência e energia. Não dormira nem fizera mais nada, apenas trabalhara pelo bem do país. Como ousariam contrariá-lo? Tirariam dele aquela recompensa merecida para entregá-la nas mãos de alguém que, sem nunca ter feito parte da vida pública, seria apenas um novato em um ofício que ele já exercia muito bem? Ele reivindicou a posição de substituto como um direito seu. Ryland já deixara claro que o preferia. Nunca antes ele, nascido para herdar o trono da Inglaterra, pedira favores àqueles que eram seus iguais, mas que poderiam muito bem terem sido seus súditos. Eles se negariam a atendê-lo? Seriam capazes de sair do caminho da distinção e da ambição louvável apresentado pelo herdeiro de seus antigos reis e empilhar mais uma decepção no monte daquela câmara falida?

Ninguém jamais ouvira Adrian aludir ao direito de seus ancestrais. Ninguém jamais suspeitara de que o poder, ou o voto de tantos, poderia de alguma forma lhe ser caro. Ele começara o discurso com veemência, mas o terminava com uma gentileza despretensiosa. Fez seu apelo com a mesma humildade de quem pedia para ser o primeiro na Inglaterra em termos de fortuna, honra e poder — e não como se, na verdade, estivesse pedindo para assumir um posto que proporcionaria a ele um trabalho repugnante e uma morte inevitável. Seu discurso provocou um murmúrio de aprovação.

— Ora, não deem ouvidos a ele — exclamei. — Ele mente! Mente sobre si mesmo...

Fui interrompido. Quando o silêncio foi restaurado, mandaram que nos retirássemos durante a decisão da câmara, como era de costume. Imaginei que hesitavam, e que ainda havia alguma esperança para mim — mas eu estava errado. Mal havíamos saído da câmara quando Adrian foi chamado e instalado em seu escritório como lorde protetor.

Retornamos juntos ao palácio.

— Por quê, Lionel? — indagou Adrian. — O que tinha em mente? Nunca tivemos a intenção de competir um com o outro, e ainda assim me fez sentir a dor de triunfar sobre meu mais querido amigo.

— Isso é loucura — respondi. — Você está se entregando! Você, irmão adorado de Idris, a coisa mais importante de nossas vidas e mais querida aos nossos corações, está se entregando a uma morte prematura. Eu teria evitado isso. Minha morte seria um mal menor. Ou melhor, eu não morreria, mas você não tem chance alguma de escapar.

— Sobre as chances de escapar — disse Adrian —, daqui dez anos as estrelas frígidas já deverão estar brilhando sobre os túmulos de todos nós. Porém, quanto a meu peculiar risco de escapar, poderia provar facilmente, tanto lógica quando

fisiologicamente, que em meio ao contágio tenho mais chance de sobreviver do que você.

“Aqui vai minha posição: eu nasci para isso. Nasci para governar a Inglaterra em tempos de anarquia, para salvar o país em tempos de perigo, para me dedicar à minha terra. O sangue de meus ancestrais clama em minhas veias, ordenando que eu lidere meus conterrâneos. Caso esse modo de falar o ofenda, posso ainda dizer que minha mãe, a orgulhosa rainha, instilou em mim desde cedo o amor pela distinção. Caso a fraqueza de meu corpo e minhas opiniões peculiares não tivessem impedido esse desígnio, eu provavelmente teria lutado pela herança perdida de minha linhagem. Mas agora minha mãe — ou, se preferir, os ensinamentos de minha mãe — despertaram dentro de mim. Não posso ser líder no campo de batalha. Não posso, através da intriga e da traição, voltar a sentar em um trono em meio aos destroços do espírito público da Inglaterra. Mas posso ser aquele a liderar o apoio e a proteção de meu país agora que os desastres terríveis e a perdição puseram as garras sobre ele.

“Este país e minha amada irmã são tudo o que tenho. Protegerei o país, e a irmã deixarei aos seus cuidados. Se eu sobreviver e ela morrer, acharia melhor estar morto. Cuide dela — por seu próprio bem sei que o fará, mas, se precisar de qualquer outra motivação, pense que, ao cuidar dela, você também cuidará de mim. A natureza impecável dela, soma de suas perfeições, está coberta por suas emoções — se estas forem feridas, ela cederá como uma flor seca, e o mais suave golpe será como se Idris fosse assolada pela geada. Ela já teme por nós. Teme pelos filhos que adora e por você, pai deles, seu amado, marido e protetor. Você deve estar perto dela para apoiá-la e encorajá-la. Assim, volte para Windsor, meu irmão — pois é meu irmão sob todas as perspectivas possíveis. Preencha o espaço duplo que minha ausência imporá a vocês e permita que eu, por mais que me doa, volte os olhos para o desejado isolamento e possa dizer: ‘Isso é paz.’”

## VII

Segui para Windsor, mas não com a intenção de ficar lá. Fui primeiro ter o consentimento de Idris: planejava voltar e assumir meu lugar ao lado de meu inigualável amigo. Compartilharia com ele os esforços e, se preciso fosse, o salvaria, nem que fosse sacrificando minha própria vida. Mas temia testemunhar a angústia que minha decisão causaria em Idris. Havia jurado do fundo de meu coração que nunca mais obscureceria seu semblante, nem mesmo com um sofrimento passageiro, mas não estava eu incorrendo no mesmo erro no momento de maior necessidade? Partira em minha jornada com uma pressa ansiosa, mas então tudo o que desejava era voltar no tempo e desfazer o que havia feito ao longo de dias e meses. Minha vontade era evitar a necessidade de ação. Esforçava-me para não pensar — em vão — no futuro, que se aproximava cada vez mais em uma sucessão de alucinações sombrias até o dia em que cobriria toda a terra com sua sombra.

Uma circunstância menor me induziu a alterar minha rota usual, e acabei retornando para casa por Egham e Bishopgate. Parei no antigo lar de Perdita, seu chalé. Mandei então a carruagem seguir à frente, determinado a atravessar a pé o parque diante do castelo. Aquele local, que me inspirava as mais doces memórias e que agora não passava de uma casa deserta e um jardim malcuidado, era perfeito para que eu acalentasse minha melancolia. Em nossos tempos felizes, Perdita adornava o chalé com todos os frutos da arte com que fora agraciada pela natureza. Movida pelo mesmo espírito de exagero, ela havia, na ocasião de sua separação de Raymond, negligenciado totalmente o local. O chalé estava em ruínas. Cervos haviam pisoteado as cercas caídas e dormido sobre as flores. A grama crescera ao redor da casa, e as treliças dependuradas ao sabor do vento sinalizavam o total abandono do lugar. Acima do chalé, o sol estava azul, e o ar, impregnado pelo perfume das flores raras que cresciam entre as ervas daninhas. A copa das árvores oscilava, seguindo a canção preferida da natureza, mas a visão melancólica das entradas bloqueadas e das floreiras tomadas pelo mato era capaz de ofuscar até mesmo a bela cena de verão. A época em que havíamos construído aquele chalé

cheios de orgulho e alegria ficara para trás. Logo, o presente se juntaria a esse passado, e as sombras do futuro erguiam-se escuras e ameaçadoras no útero do tempo, que seria também seu berço e seu caixão. Pela primeira vez em minha vida, invejei o sono dos mortos e pensei com prazer no leito daqueles que jaziam debaixo da terra, onde a dor e o medo não têm poder. Passei pela abertura entre a cerca quebrada. Embora as tentasse ignorar, senti as lágrimas na garganta e corri para dentro das profundezas da floresta. Ó morte e mudança, governantes de nossa vida, onde estão, para que eu possa combatê-las? O que havia em nossa tranquilidade que provocou sua inveja? O que havia em nossa alegria para despertar sua vontade de destruí-la? Estávamos felizes, amávamos e erámos amados. A cornucópia de Amalteia derramava todas as suas bênçãos sobre nós, mas ai de nós!

*La fortuna deidad barbara importuna, oy cadaver y ayer flor, no permanece jamas!*

Enquanto ruminava sobre aquilo, vários camponeses passaram por mim. Pareciam imersos em pensamentos. Algumas palavras de suas conversas chegaram aos meus ouvidos, o que me fez chegar perto para fazer perguntas. Um grupo de pessoas fugidas de Londres, algo comum naqueles dias, subia o Tâmsa num barco. Ninguém em Windsor podia oferecer abrigo, então avançaram um pouco mais e passaram a noite em um chalé abandonado perto da eclusa de Bolter. Haviam seguido viagem na manhã seguinte, deixando para trás um companheiro contaminado pela praga. A situação se espalhara, e ninguém mais ousava se aproximar nem meia milha da região infectada. O infeliz abandonado fora deixado para lutar com a doença e a morte sozinho da melhor forma que conseguisse. Movido pela compaixão, corri até o chalé para averiguar a situação e ver o que poderia fazer por ele.

Conforme avançava, grupos de camponeses falavam de forma intensa sobre o evento. Por mais que estivesse longe do local do contágio, o medo se encontrava em cada semblante. Passei por um grupo amedrontado em uma estrada que levava direto até o chalé. Uma das pessoas me parou e, achando que eu não sabia da situação, alertou-me para que não continuasse, pois havia um sujeito infectado a pouca distância dali.

— Eu sei — respondi. — Estou indo ver a situação do pobre coitado.

Um murmúrio de surpresa e horror correu entre os presentes.

— O infeliz sujeito foi abandonado, moribundo, sem socorro algum — continuei. — Nestes tempos infelizes, só Deus sabe quão cedo qualquer um de nós estará em situação semelhante. Vou fazer por ele o que gostaria que fizessem por mim.

— Mas o senhor nunca mais poderá voltar ao Castelo... Lady Idris... Seus filhos... — Palavras confusas chegavam a meus ouvidos.

Continuei:

— Pois não sabem que o próprio conde, agora lorde protetor, visita diariamente não apenas aqueles infectados pela doença, mas também hospitais e sanatórios? Neles, não só chega perto dos doentes, como também até os toca. Mesmo assim, nunca estive tão saudável. Vocês têm um conceito totalmente errôneo da natureza da praga. Mas não temam, pois não vou pedir que nenhum de vocês me acompanhe ou acredite em mim até que eu volte são e salvo da visita.

E assim os deixei, apertando o passo. Logo cheguei ao chalé. A porta estava entreaberta. Entrei, e um olhar foi suficiente para saber que o homem já não existia mais. Estava deitado em um monte de feno, gélido e rígido. Um odor pérfido enchia o cômodo, e várias manchas em seu corpo serviam como provas da virulência.

Eu nunca antes encarara de perto uma vítima mortal da peste. Todas as mentes estavam consternadas pelos efeitos do mal, mas uma ânsia por saber mais fizera com que consultássemos os relatos de De Foe, e as cenas descritas com muito talento pelo autor de *Arthur Mervyn*. As imagens propostas pelos livros eram tão vívidas que nossa impressão era a de já ter vivido os resultados da doença. Mas as sensações despertadas pelas palavras eram geladas perto do ardor das imagens reais, assim como a descrição da morte e da miséria de milhares comparada ao que eu sentia ao olhar para o cadáver daquele infeliz estranho. Era mesmo obra da praga. Ergui seus membros rígidos. Encarei a distorção de seu rosto, assim como os olhos pétreos já ausentes de percepção. Enquanto isso, um horror frio congelava meu sangue, fazendo meu corpo tremer e meu cabelo se arrepiar. De forma um tanto insana, falei com o morto.

— Então a praga matou você? — murmurei. — Como aconteceu? Foi doloroso? Parece alguém torturado por um inimigo antes de ser morto.

Depois disso, fiquei de pé num pulo e fugi do chalé antes que a natureza pudesse revogar suas leis e que palavras inorgânicas fossem respiradas em resposta a partir dos lábios do falecido.

Ao voltar para a estrada, vi ao longe o mesmo grupo de pessoas que encontrara na ida. Elas apertaram o passo assim que me viram. Minha expressão agitada as deixou com ainda mais medo de se aproximarem de alguém que passara tão perto do contágio.

Distante dos fatos, é fácil tirar conclusões que parecem infalíveis — mas que depois, submetidas ao teste da realidade, somem como sonhos irrealis. Eu ridicularizara o medo de meus conterrâneos ao ouvir os relatos de outras pessoas.

Agora que eu mesmo passara por aquilo, contive-me. Já atravessara o Rubicão, ao que parecia, e seria uma boa ideia refletir sobre o que faria naquela margem da doença e do perigo. De acordo com a superstição popular, minhas roupas, meu corpo e o ar que eu respirava eram capazes de colocar em perigo mortal os outros e a mim mesmo. Deveria voltar ao castelo, à minha esposa e aos meus filhos, maculado como estava? Se estivesse de fato infectado, não, mas eu sentia que não estava. Em algumas horas saberia a verdade — e as passaria na floresta, refletindo sobre o porvir e sobre quais seriam minhas futuras ações. Frente aos sentimentos que tinham se abatido sobre mim diante de uma vítima da praga, eu me esquecera dos eventos que me haviam tomado tão intensamente em Londres. Prospectos novos e mais dolorosos aos poucos se revelaram por entre a névoa que até então os ocultara. A questão não era mais compartilhar com Adrian ou não seu fardo e os riscos que corria, mas sim como faria para, em Windsor e arredores, reproduzir a prudência e o zelo que haviam gerado ordem e abundância em Londres. Assim, dado que a peste já se espalhava mais amplamente, eu poderia garantir a saúde de minha própria família.

Dispus o mundo inteiro como um mapa diante de mim. Em nenhum ponto da superfície fui capaz de colocar o dedo e dizer “Aqui é seguro”. No sul, a doença virulenta e irremediável quase aniquilara a raça humana. Tempestades e inundações, ventos venenosos e outras pragas haviam apenas aumentado o sofrimento. No norte, fora ainda pior: a população, já menor, diminuiria gradualmente. A fome e a praga haviam ficado à espreita dos sobreviventes — que, indefesos e febris, eram presas fáceis prestes a cair em suas garras.

Restringi meu olhar à Inglaterra. A enorme metrópole, o grande coração da poderosa Bretanha, não pulsava mais. O comércio fora interrompido. Todos os locais de trabalho ou lazer haviam fechado. As estradas estavam cobertas de mato, e as casas estavam vazias — as poucas pessoas que haviam permanecido em seus lares por alguma necessidade já pareciam marcadas pela mácula inevitável da peste. Nas cidades industriais e maiores, a mesma tragédia ocorrera — em uma escala menor, mas ainda mais desastrosa. Ali, não havia Adrian para supervisionar e gerenciar esforços, enquanto rebanhos inteiros de pobres eram abatidos e mortos. Mas não haveríamos todos de morrer. Não. Mesmo que reduzida, a raça humana continuaria. A grande praga, depois de uns anos, não passaria de um assunto para a história e a imaginação. Sem dúvida, não houvera nenhuma visita da peste como aquela — e, por isso, era necessário que trabalhássemos duro para evitar seu progresso. Antes, a humanidade saíra por aí, matando seus milhares e dezenas de milhares. Depois da praga, porém, homens e mulheres eram criaturas caras, e a vida de cada pessoa valia mais do que os tesouros dos reis. Veja o semblante marcado



pela inteligência, os membros graciosos, o cenho majestoso, o mecanismo fantástico do ser humano. Os exemplares da melhor obra de Deus não mereciam ser descartados como vasilhames quebrados. Deviam ser preservados, e seus filhos e os filhos de seus filhos deviam carregar o nome e a forma da humanidade até o fim dos dias.

Acima de tudo, pensei eu, preciso guardar aqueles que a natureza e o destino colocaram sob meu cuidado em particular. Era claro que, se entre as criaturas como eu, precisasse selecionar exemplos de grandeza e bondade, certamente escolheria aqueles ligados a mim pelos mais sagrados dos laços. Alguns membros da família da raça humana haviam de sobreviver, e as pessoas que mencionei precisavam estar entre os sobreviventes. Era essa minha missão — e se precisasse entregar minha vida para tal, seria um pequeno sacrifício. Assim, meu pensamento recaiu sobre o castelo — o castelo de Windsor, local onde Idris e meus filhos haviam nascido, deveria ser o paraíso e o refúgio para o barco naufragado da sociedade humana. A floresta ao redor da propriedade seria nosso mundo. Os jardins nos supririam com alimentos, e atrás de suas muralhas eu estabeleceria o abalado trono da saúde. Eu era um pária e um vagabundo quando Adrian gentilmente jogou sobre mim a rede prateada do amor e da civilização, conectando-me inextricavelmente à solidariedade e excelência humanas. Apesar de aspirar fazer o bem e de ser um ardente amante da sabedoria, eu não tinha valor algum. Idris, por outro lado, nascera princesa, e era a personificação de tudo o que era divino em uma mulher. Caminhava sobre a terra como o sonho de um poeta, como uma estátua de uma deusa imbuída de sentidos ou como uma santa saída de uma pintura. Ela, a mais digna de todas, tinha me escolhido e se entregado a mim — um presente inestimável.

Durante várias horas continuei meditando a respeito disso, até que a fome e o cansaço me trouxeram de volta ao presente — então marcado pelas longas sombras do sol que se punha. Eu caminhara na direção de Bracknel, na extremidade oeste de Windsor. A sensação de perfeita saúde me garantia que eu estava de fato livre da doença. Lembrei-me de que Idris ainda não sabia nada sobre minhas ações. Talvez tivesse ouvido a respeito de meu retorno de Londres e de minha visita à eclusa de Bolter — o que, junto com minha demora, provavelmente a assustara. Voltei para Windsor por Long Walk. Ao atravessar a cidade na direção do castelo, percebi que ela estava em um estado de agitação e tumulto.

“É tarde demais para sermos ambiciosos”, já dizia sir Thomas Browne. “Não podemos esperar viver tanto em nossa reputação quanto alguns viveram em carne e osso. As faces de Jano não são proporcionais.” Com base nisso, surgiram muitos fanáticos profetizando que aquele seria o fim dos tempos. O espírito da superstição

nascera das ruínas de nossas esperanças. Artimanhas insanas e perigosas se desenrolavam no grande palco, enquanto as partículas remanescentes de anseio pelo futuro ficavam cada vez menores aos olhos dos profetas. Mulheres de espírito fraco faleciam de medo quando ouviam as denúncias, e homens de porte robusto e aparente forma pereciam diante da estupidez e loucura provocadas pelo temor da eternidade vindoura. Encontrei um desses homens despejando o desespero eloquente sobre os habitantes de Windsor. Relatos da cena da manhã e de minha visita ao morto já haviam se espalhado e assustado os camponeses, tornando-os instrumentos perfeitos para serem usados por um maníaco.

O pobre coitado perdera a jovem esposa e a amável filha para a praga. Ele era um mecânico. Incapaz de usar seu ofício para trabalhar e sustentar suas necessidades, a fome se adicionara às desgraças. Deixara o local que continha sua esposa e filha — não mais de fato esposa e filha, mas sim “pó de volta ao pó”. Louco de fome, preocupação e dor, sua imaginação o fizera acreditar que era um enviado do paraíso para pregar o fim dos tempos ao mundo. Adentrara as igrejas e recomendara às congregações que se abrigassem com urgência em suas câmaras subterrâneas. Parecia o personagem teatral do espírito esquecido do tempo, que pedia aos espectadores que fossem para casa para morrer. Fora preso e confinado, mas escapara e deixara Londres para vagar entre os vilarejos vizinhos. Com gestos frenéticos e palavras eletrizantes, expunha cada um de seus medos e dava voz aos pensamentos silenciosos que ninguém ousava proferir. Estava sob o arco do salão municipal de Windsor, e da posição mais elevada palestrava para a multidão trêmula.

— Ouçam, ó habitantes da terra — exclamou. — Ouçam sobre o mais impiedoso paraíso, que tudo vê! Saibam que o coração assolado pela tormenta, por mais que profira estas palavras, ainda desfalece com seu significado: a morte está entre nós! A terra é bela e adornada por flores, mas é também nosso mausoléu! As nuvens do céu choram por nós. O esplendor das estrelas não passa de nossas tochas fúnebres. Homens grisalhos que ainda tinham a esperança de alguns poucos anos em seu duradouro lar: o contrato de aluguel acabou, e vocês devem partir. Crianças: vocês jamais atingirão a maturidade, pois seus pequenos túmulos já estão sendo abertos. Mães: abracem-nas em seus braços, que a morte as abraçará também!

Tremendo, ele estendeu as mãos e ergueu os olhos — que pareciam prestes a saltar das órbitas enquanto ele via formas, invisíveis a nós, flutuando pelo ar.

— Cá estão eles! — gritou. — Os mortos! Eles se erguem em suas mortalhas e passam em uma procissão silenciosa na direção da distante terra de sua perdição. Seus lábios pálidos não se movem, e seus membros sombrios não exercem qualquer

movimento na viagem. Estamos aqui! — prosseguiu, disparando para a frente. — O que estamos esperando? Sigam, meus amigos, vistam-se com o traje da morte. A peste os encaminhará até sua presença. Por que demorar? Eles, os bons, os sábios e os amados, já partiram. Mães, beijem pela última vez seus esposos, não mais seus protetores, e juntem-se a seus parceiros na morte. Venham, venham! Venham enquanto aqueles que lhe são caros ainda podem ser vistos, pois logo partirão, e vocês nunca mais os verão.

Depois de um delírio como aquele, ele se recompôs de súbito e, com palavras nada exageradas, ainda que assustadoras, passou a pintar os horrores do presente. Descreveu nos mínimos detalhes os efeitos da praga no corpo humano e contou histórias de partir o coração sobre a separação de familiares queridos. Falou sobre o ofegante horror do desespero de pessoas aos pés da cama de seus amados, a ponto de arrancar gemidos e até mesmo gritos da plateia. Um homem em particular estava diante do grupo com os olhos fixos no profeta, a boca entreaberta e os membros rígidos enquanto seu rosto mudava de cor — amarelo, roxo, verde — em reação ao intenso medo que sentia. O maníaco capturou seu olhar e o mirou. Foi como o olhar de uma cascavel, que atrai a vítima trêmula até que ela esteja entre suas mandíbulas. O profeta então se recompôs. Sua imponência se fez presente, e a autoridade assumiu seu semblante. Ele avaliou o camponês, que começara a tremer enquanto ainda o encarava. Por fim, os joelhos dele se dobraram e seus dentes começaram a bater. O homem caiu no chão, convulsionando.

— Este homem foi acometido pela praga — disse o maníaco, calmo. Um berro irrompeu dos lábios do pobre coitado, e a mais súbita imobilidade o tomou. Ficou claro a todos que ele estava morto.

Gritos de horror ecoaram enquanto as pessoas tentavam se afastar dele. Em alguns minutos, a praça estava vazia — apenas o corpo jazia no chão. O maníaco, fraco e exausto, sentou-se ao lado dele, acariciando a face encovada do morto com a mão magra. Algumas pessoas, incumbidas por oficiais, vieram remover o corpo. O desgraçado homem viu nelas carcereiros, e fugiu apressadamente enquanto eu seguia em direção ao castelo.

A morte, cruel e implacável, adentrara nossas amadas muralhas. Uma velha ama, que cuidara de Idris quando criança e que tratávamos mais como uma respeitada parente do que como uma criada, alguns dias antes fora visitar a filha, casada e instalada em uma vizinhança de Londres. Na noite de seu retorno, adoecera com a praga. Devido à natureza arrogante e inflexível da condessa de Windsor, Idris desenvolvera poucos laços afetivos com a própria mãe. A boa ama fora uma figura materna, e as próprias fraquezas intelectuais e cultas que faziam com que fosse humilde e indefesa apelavam conosco. Além disso, era a favorita de

nossos filhos. Encontrei minha pobre garota, e não há exagero na expressão, louca de pesar e temor. Debruçava-se sobre a mulher doente em agonia, que ficava ainda pior quando pensava nas crianças. Minha chegada foi como a descoberta de um novo farol por marinheiros que navegavam em uma região perigosa. Ela entregou as débeis dúvidas em minhas mãos. Confiava em meu julgamento e sentia-se reconfortada de ter em mim um companheiro para sua tristeza. Nossa pobre ama logo faleceu. A angústia do suspense se transformou em uma tristeza profunda — esta, apesar de ainda mais dolorosa, rendeu-se mais rápido aos meus consolos. O sono, bálsamo soberano, enfim secou as lágrimas de Idris e a mergulhou em esquecimento.

Ela adormeceu, e o silêncio prevaleceu no castelo, cujos habitantes já se haviam recolhido em repouso. Eu permaneci acordado, e, durante as longas horas da noite, meus pensamentos perturbados se reviraram como as pás de dez mil moinhos — rápidos, intensos, indomáveis. Todos dormiam. A Inglaterra toda dormia. Da minha janela, que tinha uma ampla vista do país iluminado pelas estrelas, vi a terra que se estendia para todos os lados em um descanso plácido. Eu estava acordado, vivo, enquanto a peste, irmã da morte, abatia minha espécie. Havia divindade mais potente do que elas, a ponto de dominá-las? O silêncio da madrugada, apesar de parecer um paradoxo, soava alto em meus ouvidos. A solidão se tornou intolerável. Coloquei a mão sobre o coração pulsante de Idris, inclinei a cabeça para ouvir o som de sua respiração e garantir a mim mesmo que ela ainda existia. Por um momento, cogitei acordá-la, mas, de repente, fui tomado por um horror afetado — meu Deus! Será que um dia eu viveria aquilo? Será que algum dia todos morreriam, exceto eu, e eu caminharia pela terra sozinho? Será que aqueles pensamentos na verdade eram vozes que tentavam me avisar de algo, vindas de oráculos inarticulados que tentavam se comunicar comigo?

*Eu ainda assim não personificaria*

*Vozes de alerta que anunciam*

*Apenas o inevitável.*

*Assim como o sol*

*Ao se erguer, às vezes pinta sua imagem*

*Na atmosfera, na mesma medida os espíritos*

*De grandes eventos se adiantam antes deles*

*E no hoje já caminha o amanhã.*

## VIII

Depois de um longo intervalo, encontro-me novamente impelido por meu espírito inquieto a continuar minha narrativa — no entanto, devo alterar o método que adotei até o momento. Os detalhes contidos nas páginas seguintes, aparentemente triviais, mas cada um servindo de peso a mais no prato já caído da balança das aflições humanas, assim como a descrição tediosa do sofrimento dos outros enquanto o meu próprio era apenas uma apreensão, a lenta exposição das feridas de minha alma, este diário da morte, e em última instância este caminho longo e sinuoso que desemboca no oceano de lágrimas incontáveis — tudo isso desperta novamente em mim a mais intensa dor. Até o momento, usei esta história como um opiáceo. Enquanto descrevia meus amados amigos, repletos de vida e radiantes de esperança, personagens ativas no palco, eu me tranquilizava. Pintar o fim de tudo será mais um prazer melancólico. Passar pelas etapas intermediárias, porém — escalar a muralha e erguer-me entre o que já foi e o que hoje é, enquanto ainda olhava para trás e não enxergava o deserto oculto que tinha pela frente —, é um esforço que vai além das minhas forças. O tempo e a experiência me colocaram em um patamar do qual consigo compreender o passado como um todo — e é assim que vou descrevê-lo, trazendo para a frente na narrativa os incidentes principais e dispondo as luzes e sombras de forma a construir uma imagem em cuja própria escuridão haverá harmonia.

Não seria sequer necessário narrar essas ocorrências desastrosas, pois uma descrição similar pode ser encontrada em qualquer relato mais simples da gigantesca calamidade que se abateu sobre nós. Será que quem lê estes relatos deseja ouvir sobre os sanatórios, onde a morte era o conforto final? Ou sobre a passagem lúgubre das carroças cheias de mortos? Ou sobre a insensibilidade com os miseráveis e a angústia dos corações amorosos? Ou ainda sobre os gritos dilacerantes e o terrível silêncio? Ou sobre a variedade de doenças, abandono, fome, desespero e morte? Há muitos livros que podem saciar o apetite por isso. Quem assim desejar, pode procurar os relatos de Boccaccio, De Foe e Browne. A

vasta aniquilação que engoliu todas as coisas, a solidão silenciosa de um planeta antes agitado e o solitário estado de individualidade em que me encontro desprova a realidade pungente de seus detalhes. Suavizando as sinistras matizes da angústia do passado com tons mais poéticos, porém, devo ser capaz de escapar do mosaico da circunstância percebendo e refletindo a respeito das cores do que já passou.

Voltei de Londres tomado pela ideia que tivera, com o sentimento profundo de que meu primeiro dever era assegurar, tanto quanto possível, o bem-estar da minha família, e só então voltar a assumir meu lugar ao lado de Adrian. Os eventos que ocorreram imediatamente após minha chegada a Windsor, porém, mudaram essa visão das coisas. A praga não estava apenas em Londres, mas em todos os lugares — abatera-se sobre nós, como Ryland dissera, como mil alcateias de lobos uivando pela noite invernal, magros e ferozes. Quando a doença chegou às áreas rurais, seus efeitos pareceram ainda mais horríveis, mais exigentes e mais difíceis de curar do que nas cidades. Na capital, havia certo companheirismo no sofrimento — os vizinhos cuidavam constantemente uns dos outros e, inspirados pela benevolência de Adrian, ofereciam socorro onde ele era necessário, amenizando o caminho da destruição. No interior, porém, onde se espalhavam fazendas e chalés isolados, campos e celeiros, a tragédia arrasava almas sem ser vista, ouvida, notada. A ajuda médica se tornou cada vez mais indisponível, e passou a ser cada vez mais difícil obter comida. Algumas pessoas, incontinentes pela vergonha — uma vez que não estavam mais sujeitas ao testemunho de outras —, passaram a realizar atos maliciosos ou dar vazão mais prontamente a seus medos abjetos.

Atos de heroísmo também aconteciam, e a mera menção de um deles aquecia o coração e fazia os olhos marejarem. Assim é a natureza humana: não raro, a beleza e a corrupção estão muito próximas. Nas histórias dos livros, o que mais nos impressiona é a generosidade e autodevoção que estão sempre no encalço do crime, cobrindo com flores divinas as manchas de sangue. Esses atos não pareciam dispostos a adornar a sombria mácula que jazia no fim do progresso da praga.

Os habitantes de Berkshire e Bucks sabiam havia muito tempo que a praga estava em Londres, Liverpool, Bristol, Manchester e York — em resumo, nas cidades mais populosas da Inglaterra. Mesmo assim, não ficaram nem um pouco menos chocados e impressionados quando ela surgiu entre eles. Ficaram impacientes e irritados em meio ao terror. Fariam qualquer coisa para se livrarem do mal persistente e, enquanto estavam ativos, tinham a impressão de que as medidas tinham de fato algum efeito. Os habitantes das cidades menores deixaram suas casas, ergueram barracas nos campos — separados, negligentes em relação à fome ou à inclemência divina, pensando estar evitando assim a doença mortal. Os

fazendeiros e moradores de chalés, por outro lado, abalados com o medo da solidão e desejosos de ajuda médica, agruparam-se nos vilarejos.

Mas o inverno estava chegando, e com ele a esperança. A praga chegara à Inglaterra em agosto, e em setembro fizera seu estrago. Com a proximidade do fim de outubro, ela começou a se afastar, e em certa medida foi substituída pelo tifo, doença de menor virulência. O outono foi quente e chuvoso, e aqueles que já estavam enfermos e fragilizados morreram — para a sorte deles, pois muitas pessoas jovens, antes coradas com saúde e prosperidade, empalideceram diante da doença que se espalhava e por fim acabaram no túmulo. A lavoura fora um desastre. A péssima qualidade do milho e a falta de importação de produtos apenas deram mais vigor à doença. Antes do Natal, metade da Inglaterra estava inundada. As tempestades do inverno anterior se repetiram, mas o número reduzido de navios em operação fez com que sentíssemos menos os efeitos das tormentas no mar. A inundação e as chuvas causaram mais estragos na Europa continental do que em nosso território — desferindo o último golpe das calamidades que acabaram por destruir a região. Na Itália, a população das margens diminuiu, e, como feras que saem do covil quando os cães de caça não estão por perto, o Tibre, o Arno e o Po avançaram sobre a terra para destruir a fertilidade das planícies. Vilarejos inteiros foram arrasados. Roma, Florença e Pisa foram completamente inundadas. Seus palácios de mármore, que antes refletiam os regatos tranquilos que passavam por eles, tiveram as fundações abaladas pelo poder do clima. Na Alemanha e na Rússia, os danos foram ainda mais memoráveis.

Mas o frio enfim chegou, e com ele nosso contrato de aluguel do planeta foi renovado. O gelo bloquearia parte das flechas da peste e acorrentaria os furiosos elementos. Depois, na primavera, a terra tiraria seu traje nevado, enfim liberta da ameaça da destruição. Foi só em fevereiro, porém, que os desejados sinais do inverno surgiram. A neve caiu por três dias, o gelo bloqueou o fluxo dos rios e os pássaros fugiram dos galhos congelados das árvores desnudadas pelo frio. Na quarta manhã, tudo isso desapareceu. Um vento vindo do sudoeste trouxe a chuva. O sol saiu, como se zombasse das leis usuais da natureza, e mesmo tão prematuro parecia queimar com a força de um solstício. Não houve consolo: nos primeiros ventos de março, os campos se encheram de violetas, as árvores frutíferas se cobriram de brotos, o milho nasceu e as folhas voltaram às árvores, tudo provocado pelo calor fora de época. Temíamos o ar brando. Temíamos o céu sem nuvens, a terra coberta de flores e as deliciosas florestas — pois voltamos a encarar o tecido do universo não mais como nosso lar, e sim como nossa tumba, com a terra perfumada cheirando a medo como em um amplo cemitério.

*Pisando la tierra dura de continuo el hombre esta y cada passo que da es sobre su sepultura.*

Mesmo com todas essas desvantagens, o inverno foi um tempo de respiro, e tentamos nos forçar a aproveitá-lo da melhor forma possível. A praga poderia não retornar com o verão — mas, se retornasse, ela nos encontraria preparados. Faz parte da natureza humana se adaptar e se habituar, mesmo à dor e ao sofrimento. A peste se tornou parte do nosso futuro, da nossa existência. Era algo de que devíamos nos proteger, como da subida do nível dos rios, da invasão dos mares e da inclemência dos céus. Depois de um longo sofrimento e uma experiência amarga, alguma panaceia haveria de ser descoberta — até o momento, todos que se infectavam acabavam morrendo. Não eram todos que se infectavam, porém, e tornou-se nossa missão estabelecer fundações profundas e erguer barreiras entre o contágio e as pessoas saudáveis. Precisávamos introduzir uma ordem que levasse ao bem-estar dos sobreviventes ao mesmo tempo em que preservasse as esperanças e parte da alegria daqueles que eram espectadores da tragédia que já retornava. Adrian introduzira métodos de agir na metrópole que, embora não fossem capazes de interromper o progresso da morte, pelo menos evitavam outros males, vícios e atos insensatos, impedindo assim que o terrível e inevitável destino fosse ainda pior. Meu desejo era seguir seu exemplo, mas as pessoas estavam acostumadas a moverem-se todas juntas, ou então não se moverem de modo algum, e fui incapaz de conduzir os habitantes de cidades e vilarejos espalhados, que esqueciam minhas palavras assim que as ouviam e mudavam de ideia com o mais suave vento que soprava quando havia alguma aparente mudança de circunstância.

Adotei então outro plano. As pessoas que escreviam livros em que imaginavam um reino de paz e alegria na terra geralmente descreviam um país rural, onde pequenos vilarejos eram dirigidos por anciãos e anciãs de muita sabedoria. Essa ideia foi a chave de meus planos. Cada vilarejo, por menor que seja, geralmente tem um líder, uma pessoa que as demais veneram, cujos conselhos buscam em momentos de dificuldade e cuja opinião é muito valorizada. Fui imediatamente levado a essa observação quando lembrei de situações que faziam parte da minha própria experiência pessoal.

No vilarejo de Little Marlow, por exemplo, uma idosa comandava a comunidade. Ela vivia então em um asilo, e em domingos de tempo bom uma pequena multidão se apinhava diante do local para se consultar com ela e ouvir seus conselhos. A senhora fora esposa de um soldado e conhecera o mundo todo. A debilidade, causada por alguma febre contraída em algum canto insalubre, abatera-se sobre ela de forma prematura, e ela raramente deixava a pequena cama. A praga



atingiu a vila, e, enquanto o medo e o sofrimento destituíam os habitantes da pouca sabedoria que tinham, a velha Martha se adiantou e disse:

— Eu já estive em um vilarejo tomado pela praga.

— E a senhora escapou dela?

— Não, mas me curei.

Depois disso, Martha foi estabelecida mais firmemente do que nunca em seu trono real, elevada pela reverência e pelo amor. Ela adentrava as casas dos doentes e aliviava suas dores com as próprias mãos. Não demonstrava medo algum, e inspirava todos que a viam com parte da própria coragem nata. Ia aos mercados e insistia que os mercadores doassem alimentos para aqueles que eram pobres demais para comprá-los. Martha mostrava como o bem-estar de cada habitante dependia da prosperidade de todos. Ela não deixava que os jardins fossem negligenciados, nem que as flores nas treliças das casas ficassem sem cuidados. A esperança, dizia ela, era melhor do que uma prescrição médica, e todas as coisas capazes de sustentar e elevar os ânimos valiam mais do que remédios e tônicos.

Foi o que vi em Little Marlow, assim como minhas conversas com Martha, que me levaram ao plano que elaborei. Eu visitara casas senhoriais e mansões, e não raro descobrira que os habitantes agiam movidos tão somente pela mais pura benevolência, dispostos a oferecer ajuda pelo simples bem-estar daqueles que moravam em suas propriedades. Mas aquilo não era suficiente. Faltava ali a simpatia íntima gerada por esperanças e medos parecidos, assim como experiências e objetivos similares. Os pobres entendiam que os ricos tinham outros meios de preservação além daqueles disponíveis para si, como, por exemplo, isolamento e, tanto quanto era possível, despreocupação. Não eram capazes de confiar nos ricos, então acabavam totalmente dependentes do socorro e dos conselhos dos semelhantes. Resolvi, assim, ir de vilarejo em vilarejo procurando sempre o ancião ou a anciã do lugar. Sistematizando suas atividades e iluminando seus pontos de vista, eu aumentava tanto o poder deles quanto a utilidade que tinham junto a seus companheiros aldeões. Depois, muitas mudanças aconteciam em decorrência dessas eleições espontâneas: deposições e abdições eram frequentes, e, no lugar da idade e da prudência, entrava a juventude ardente e ansiosa por ação, independentemente do perigo envolvido. Não raro, a voz a que todos ouviam silenciava de súbito, a mão que ajudava se tornava gélida, os olhos simpáticos se fechavam. Os aldeões temiam ainda mais a morte que ousara selecionar a vítima, transformando em pó seu coração pulsante e reduzindo a ruínas incomunicáveis a mente que até então se ocupava com projetos pelo bem-estar dos demais.

Qualquer ação vinda de mãos humanas inevitavelmente acaba encontrando ingratidão, que, regada por vício e insensatez, brota das sementes que foram

plantadas. A morte, que antes caminhava sobre a terra como “uma ladra que só vem à noite”, agora se erguia de sua câmara subterrânea cingida de poder, e com um estandarte sombrio se transformava em conquistadora. Muitos viam a suprema Providência sentada em um trono secundário, dirigindo os mecanismos da morte e guiando seu progresso, e baixavam a cabeça e aquiesciam em resignação, ou pelo menos em obediência. Outros viam aquilo apenas como uma casualidade passageira. Tentavam trocar o terror pela negligência e mergulhavam em devassidão para evitar as dores agonizantes causadas pela pior das apreensões. Assim, enquanto pessoas sábias, boas e prudentes se ocupavam de missões benevolentes, a trégua do inverno produzia outros efeitos entre os jovens, os insensatos e os perversos. Durante os meses mais frios, houve um grande movimento de pessoas que foram até Londres para se entreter. Os laços da opinião pública estavam frouxos, muitas pessoas até então pobres estavam ricas, e muitas outras haviam perdido pai e mãe, guardiões de sua moral, mentores e freios. Teria sido inútil tentar opor esses impulsos, o que apenas tornaria as pessoas dispostas a satisfazê-los propensas a indulgências ainda mais nocivas. Os teatros ficaram abertos e estavam sempre cheios. Bailes e festivais noturnos eram muito frequentados — em muitos deles, males até então contidos por um estado avançado de civilidade passaram a prosperar. Os estudantes abandonaram seus livros, e os artistas, seus ateliês. As ocupações da vida não existiam mais, mas o lazer permanecia: a diversão deveria se prolongar até a beira da morte. Todas as cores da vida desapareceram — a morte se elevou como a noite, e, protegidos por suas sombras turvas de recato, a reserva e o decoro do pudor passaram a ser deixados de lado como véus inúteis. Mas isso não foi universal. Entre pessoas de melhor índole, a angústia e o medo, o temor da separação eterna e o terrível choque causado pela calamidade sem precedentes estreitou laços de carinho e amizade. Filósofos contestaram seus princípios, como barreiras frente à inundação de libertinagem e desespero, restando como últimos baluartes de proteção do vencido território da vida humana. Os religiosos, esperando por sua recompensa, apegaram-se às crenças como se fossem tábuas que, na superfície do tempestuoso mar de sofrimento, permitiriam que chegassem em segurança aos portos do Continente Desconhecido. Os corações amorosos, cujo alcance parecia diminuído, passaram a despejar sua afeição excedente em dose tripla sobre os poucos alvos que restavam. Mesmo entre essas pessoas, o presente, como uma posse inalienável, tornou-se o único tempo em que ousavam depositar a preciosa carga que eram suas esperanças.

Experiências de tempos imemoriais nos haviam ensinado a mensurar nosso prazer em anos e a projetar nossa perspectiva de vida incluindo um período longo de progressão e decadência. Essa longa estrada terminava em um vasto labirinto, e

o Vale da Sombra da Morte, em seu centro, ocultava-se por objetos dispostos no caminho. Mas foi como se um terremoto transformasse a cena: a terra sob nossos pés cedeu, e um abismo profundo e vertiginoso se abriu para nos receber enquanto as horas passaram a escorrer ao nosso redor, precipício adentro. Mas era inverno, e alguns meses se passariam antes que fôssemos arrancados de nosso porto seguro. Tornamo-nos seres efêmeros, para os quais o intervalo entre o nascer e o pôr do sol era tão longo quanto um ano da contagem usual do tempo. Nunca veríamos nossas crianças crescerem. Não testemunharíamos seus rostos macios se firmarem, nem seus corações joviais serem soterrados pela paixão ou preocupação. Mas ainda as tínhamos — elas estavam vivas, assim como nós. O que mais poderíamos desejar? Foi com pensamento semelhante que minha pobre Idris tentou amainar os próprios medos, e em certa medida conseguiu. As coisas não estavam como no verão, quando cada hora que passava podia trazer consigo o temível fim. Até o verão, estaríamos assegurados — e essa certeza, por mais passageira que fosse, satisfazia a ternura materna de minha esposa. Não sei como expressar ou comunicar o senso de arrebatamento concentrado e intenso, embora fugaz, que fazia com que nos apegássemos ao presente. Nossas alegrias nos eram mais caras porque éramos capazes de ver seu fim, e eram mais profundas porque as vivíamos ao extremo. Eram também mais puras porque sua essência era a simpatia — assim como um meteoro é mais brilhante do que uma estrela, a felicidade durante aquele inverno continha em si os deleites concentrados de uma vida muito, muito longa.

Que adorável é a primavera! Era o que pensávamos enquanto, do terraço de Windsor, mirávamos os dezesseis férteis condados que se descortinavam lá embaixo, pintalgados por casas alegres e cidades abastadas. Tudo parecia como era antes, uma bela vista de alegrar o coração. A terra fora arada, os pés esbeltos de trigo surgiam por entre o solo, as árvores frutíferas estavam cobertas de brotos, os camponeses trabalhavam nos campos, a garota que ordenhava as vacas cambaleava de volta para casa com baldes bem cheios, os diferentes tipos de andorinhas tocavam as poças cálidas com as asas longas e pontudas, os cordeirinhos repousavam na grama fresca, e as folhas, em seu terno crescimento, erguiam a doce ponteira no ar e enchiam o espaço vazio com um verde em eterna brotação.

As próprias pessoas pareceram se revigorar ao sentir o frio do inverno dar lugar a uma elástica e cálida renovação da vida. A razão nos dizia que a preocupação e o sofrimento aumentariam conforme o ano passasse — mas como acreditar na voz agourenta que escapava por entre os vapores fétidos da caverna escura do medo enquanto a natureza, rindo e espalhando flores, frutas e águas cintilantes de seu seio verdejante, convidava-nos a tomar parte no alegre baile de máscaras que descortinava a juventude da vida sobre o palco?

Onde estava a praga?

— Aqui! Em todos os lugares! — exclamou uma voz cheia de horror e desespero quando, num agradável dia ensolarado de maio, a destruidora da humanidade voltou a pairar sobre a terra, forçando espíritos a deixarem suas crisálidas orgânicas para irem habitar a vida que há além. Com um poderoso golpe de sua potente arma, toda a cautela, preocupação e prudência caíram por terra. A morte se sentou à mesa dos nobres, deitou-se nos estrados dos chalés, agarrou os covardes em fuga e subjuguou os corajosos que resistiam. O desalento adentrou todos os corações, e a tristeza atenuou todos os olhares.

Visões de aflição já me eram muito familiares. Se eu descrevesse toda a angústia e dor que testemunhei, todos os gemidos desesperados dos idosos e os ainda piores sorrisos dos infantes frente ao horror, a pessoa que lê este relato, com os membros trêmulos e cabelos em pé, perguntar-se-ia como não acabei, tomado por um frenesi súbito, atirando-me de um precipício, no fundo do qual fecharia os olhos para sempre no triste ocaso do mundo. Mas o poder do amor, da poesia e da imaginação criativa é capaz de resistir até mesmo à praga, espalhando-se entre os esqueléticos e moribundos. Um sentimento de devoção e dever, de um propósito elevado e importante, elevou meu espírito, e uma alegria estranha encheu meu coração. Em meio à bruma da mais profunda tristeza, eu parecia flutuar, enquanto o espírito do bem me envolvia em uma atmosfera ambrosíaca que amenizava as dores da pena e purificava o ar dos suspiros que nele ecoavam. Quando minha alma abatida parecia fraquejar em seu propósito, eu pensava no meu amado lar, no baú que continha meus tesouros, assim como no beijo de amor e no carinho de meus filhos. Meus olhos então ficavam marejados pelo mais puro orvalho, e meu coração amolecia de uma vez, refrescado por uma emocionante ternura.

A afeição materna não tornara Idris egoísta — no começo da calamidade, ela se devotara com entusiasmo irrefletido ao cuidado dos doentes e indefesos. Impedi-a de continuar e a fiz obedecer meus desígnios. Disse a ela que o medo de que ela estivesse em perigo prejudicava minhas atividades, e que saber que ela estava em segurança tornaria meus nervos mais resistentes. Apresentei a ela os perigos que nossos filhos correriam enquanto ela estivesse ausente, e ela enfim aceitou não deixar a proteção dos limites da floresta. E, de fato, dentro das muralhas do castelo, tínhamos uma colônia de infelizes, uma quantidade suficiente de indefesas pessoas abandonadas por seus parentes para ocupar o tempo e a atenção de minha esposa. A intermitente ansiedade por meu bem-estar e pela saúde dos filhos, porém, por mais que ela tentasse esconder, absorvia todos os seus pensamentos e comprometia seu princípio vital. Depois de cuidar deles e garantir que estivessem sempre em segurança, a segunda preocupação dela era esconder de mim a angústia que sentia e

as lágrimas que derramava. Toda noite eu voltava ao castelo e encontrava um refúgio e muito amor à minha espera. Não raro eu ficava ao pé da cama dos mortos até o meio da madrugada. Depois, cavalgava muitas milhas em meio à escuridão da chuva e das noites nubladas, sustentando apenas um pensamento: que as pessoas que eu amava estavam seguras e protegidas. Quando alguma cena de agonia tremenda abalava minhas estruturas e me deixava febril, eu repousava a cabeça no colo de Idris, e os ímpetos tumultuosos se abrandavam até um fluxo de intensidade temperada. O sorriso dela era capaz de me tirar da situação de desalento, e seu abraço banhava meu sofrido coração em uma paz serena. O verão avançou e, coroada pelos raios potentes do sol, a praga disparou as infalíveis flechas na direção da terra. As nações sob sua influência baixaram a cabeça e pereceram. O milho, que nascera de forma abundante na primavera, no outono apodrecia sobre o solo, enquanto os melancólicos pobres coitados que saíam para buscar pão para os filhos jaziam duros e maculados pela praga nas valas do caminho. Os ramos dos bosques verdejantes oscilavam majestosos, enquanto os mortos se espalhavam sob suas sombras, respondendo à melodia solene com gritos desarmônicos. Passarinhos coloridos vojavam pelas sombras, os cervos despreocupados repousavam sobre o feno, os bois e os cavalos perambulavam nos estábulos abandonados e pastavam por entre o trigo, pois a morte recaía apenas sobre os humanos.

Com o verão e com a mortalidade, cresceram também nossos medos. Minha pobre amada e eu olhávamos um para o outro e para nossos filhos.

— Vou salvá-los, Idris — disse eu. — Vou salvar os dois. Daqui a muitos anos, vamos contar a eles sobre nossos medos, que já terão ficado para trás. Mesmo que só sobrem eles na face da terra, eles viverão. O rosto deles não ficará encovado nem pálido, e suas doces vozes não definharão.

Nosso filho mais velho de certa forma entendia as cenas ao nosso redor. Às vezes, com a expressão séria, perguntava para mim quais eram os motivos de uma desolação tão grande. Mas ele tinha apenas dez anos, e a alegria juvenil logo expulsava a despropositada preocupação de seu cenho. Evelyn, um querubim sorridente, um menino brincalhão sem conhecimento do que era a dor ou o sofrimento, chacoalhava os cachos loiros de cabelo dos olhos e fazia os corredores ecoarem com sua alegria, usando mil artifícios para atrair nossa atenção à brincadeira. Clara, nossa amada e gentil Clara, era nosso porto seguro, nosso refúgio, nosso deleite. Ela ajudava atendendo os doentes, confortando os enlutados, ajudando os idosos e também brincando com os meninos e despertando neles a alegria. Ela flutuava pelos cômodos como um espírito do bem enviado do reino celestial para iluminar as piores horas do dia com seu esplendor sobrenatural. Gratidão e elogios marcavam o caminho por onde ela passava. No entanto, quando

se sentava diante de nós com sua modesta simplicidade, brincando com nossos filhos ou ajudando Idris com um zelo de menina, perguntávamo-nos em que traço de seu encanto puro ou em que tom suave de sua voz emotiva residiam tanto heroísmo, tanta sagacidade e tanta bondade ativa.

O verão passou tediosamente, pois achávamos que o inverno enfim acabaria com a doença. Um sumiço completo era uma esperança cara demais — profunda demais — para ser pronunciada em voz alta. Quando esse pensamento era proferido com descuido, quem ouvia irrompia em lágrimas e soluços apaixonados, demonstrando como eram profundos seus temores e pequenas suas esperanças. De minha parte, minhas atividades pelo bem público permitiam que eu observasse mais de perto a virulência e a extensa devastação causada por nossa inimiga invisível. Um único mês era suficiente para destruir um vilarejo. Em maio, a primeira pessoa havia ficado doente, e em junho os caminhos já estavam atolados de corpos não enterrados, as casas já estavam abandonadas e sem fumaça nas chaminés, e os relógios nas cozinhas já marcavam apenas a hora em que a morte triunfara. De cenas desoladas como essa, eu às vezes salvava uma criança abandonada, às vezes afastava uma mãe enlutada do corpo sem vida do primogênito ou resgatava um trabalhador robusto que chorava como um bebê por ter perdido toda a família.

Julho passou. Agosto logo passaria, e, no meio de setembro, poderíamos voltar a ter esperanças. Contávamos ansiosamente os dias. Os habitantes dos vilarejos, desejosos de que o perigoso intervalo passasse em um borrão, mergulhavam em devassidão, em tumulto e no que desejavam imaginar ser prazer com o intuito de banir o pensamento e dopar o desespero. Apenas Adrian era capaz de domar a heterogênea população de Londres, que, como uma tropa de montarias inaptas soltas no pasto, havia deixado de lado todos os temores menores por conta da influência do medo maior. Até Adrian foi obrigado a ceder em partes para que pudesse, senão impedir, pelo menos definir limites para toda aquela liberdade. Os teatros foram mantidos abertos, e os locais de lazer público continuaram frequentados, embora Adrian tivesse modificado as peças de modo a aliviar um pouco a agitação dos espectadores e evitar a reação de tristeza quando o entretenimento acabasse. Tragédias sombrias e profundas eram as favoritas. A comédia contrastava demais com o desespero interno das pessoas: quando tentavam apresentar peças desse gênero, não era incomum que o comediante, em meio ao surto de riso provocado por uma de suas palhaçadas, tivesse um pensamento que provocasse a própria miséria e acabasse passando da alegria fingida a um acesso de soluços e lágrimas — em decorrência, o público, arrebatado pela pena, também chorava, e a folia terminava em uma exibição real de trágica paixão.

Não era da minha natureza tirar consolo dessas encenações. Não ligava, por exemplo, para as peças, nas quais as palhaçadas cômicas e piadas discrepantes despertavam um pesar destemperado, ou onde lágrimas fictícias e choro fingido imitavam o sofrimento contido nos corações. Tampouco me interessava por festivais ou eventos, onde a graça surgia dos piores sentimentos de nossa natureza — ou dos encantos dos melhores —, cobertos por um verniz falso de exuberância, e menos ainda pelas reuniões de enlutados que se fingiam de foliões. Certa vez, testemunhei uma cena particularmente interessante em uma das peças, em que a natureza sobrepujou a arte e um fluxo verdadeiro de água destruiu a representação de uma cascata falsa, na qual até a água fluía em pequenas quantidades.

Fui para Londres me encontrar com Adrian. Ele não estava no palácio, e, embora os funcionários não soubessem aonde ele fora, sabiam que ele não era esperado até tarde da noite. Eram entre seis e sete da tarde, um começo de noite agradável de verão, e passei as horas livres perambulando pelas ruas vazias de Londres. Ora precisava desviar de uma procissão funerária, ora minha atenção era atraída para algum ponto específico. Meus pensamentos rodavam em torno do sofrimento, pois o silêncio e o vazio caracterizavam todos os lugares que visitava, e as poucas pessoas com as quais cruzei estavam tão pálidas e abatidas, tão marcadas pela preocupação e desanimadas pelo medo, que, temeroso de encontrar apenas mais sinais de miséria, resolvi voltar para casa.

Quando cheguei em Holborn, passei por um bar cheio de sujeitos barulhentos, cujos sons, risos e gritos eram mais lamentáveis do que o olhar pálido e o silêncio dos enlutados. Uma dessas enlutadas, inclusive, estava por perto, perambulando pelo local. A condição lamentável do vestido era um sinal de sua pobreza. Ela tinha uma palidez cadavérica e aproximava-se repetidamente, indo da janela à porta como se temesse algo, mas ainda assim desejasse entrar. Uma alegre explosão de música e alegria pareceu atingi-la no coração.

— Será que ele ousaria? — murmurou ela, e, reunindo a própria coragem, passou pela soleira.

A proprietária a encontrou na porta, e a pobre criatura perguntou:

— Meu esposo está aqui? Posso falar com George?

— Falar com ele? — exclamou a proprietária. — Claro, mas só se você for até ele. Na noite passada seu marido foi pego pela praga, e nós o mandamos para o hospital.

A infeliz esposa se apoiou contra a parede e soltou um grito fraco.

— Ah! E foram cruéis o bastante para mandá-lo para lá? — questionou ela.

Nesse meio-tempo, a proprietária já voltara para dentro, mas uma atendente mais compreensiva explicou em detalhes para a sujeita o que acontecera: o marido

dela ficara doente depois de uma noite de arruaça, e os companheiros dele o haviam levado até o Hospital de São Bartolomeu. Assisti à cena porque vi na pobre mulher uma gentileza que me chamou a atenção. Ela cambaleou para longe da porta, seguindo da maneira que conseguia na direção de Holborn Hill. Mas ela logo perdeu a força, encostou em uma parede e baixou a cabeça, o rosto pálido cada vez mais branco. Aproximei-me oferecendo ajuda. Ela mal olhou para cima.

— O senhor não pode me ajudar — respondeu ela. — Devo ir ao hospital. Isso se eu não morrer antes de chegar lá.

Ainda havia alguns cabriolés parados por aquelas ruas, mais por hábito do que por utilidade. Coloquei-a dentro de um deles e a acompanhei para garantir que entrasse no hospital em segurança. A viagem foi curta, e ela mal falou — soltou apenas algumas interjeições de censura ao homem que a abandonara, além de exclamações sobre como os amigos dele haviam sido rudes e de esperança de que pudesse encontrá-lo ainda vivo. Havia nela uma ternura simplória e natural que fazia com que me interessasse pelo fim da história, principalmente quando me garantiu que o marido era o melhor dos homens — ou pelo menos fora, até que a necessidade de trabalho daqueles tempos infelizes o fizera se envolver com más companhias.

— Ele não conseguia suportar a ideia de voltar para casa e ver nossos filhos morrerem — disse ela. — Homens não têm a mesma paciência de uma mãe com aqueles que são sangue do seu sangue.

Enfim chegamos ao São Bartolomeu e entramos nos deploráveis recintos destinados aos doentes. A pobre mulher ficou bem perto de mim quando viu a pressa despreocupada com que tiravam os mortos das alas e os levavam até outro cômodo, cuja porta entreaberta deixava ver os vários cadáveres — uma cena horrível de presenciar para quem não tem o costume. Fomos levados à maca em que o marido dela fora instalado. Segundo uma enfermeira, ele ainda estava vivo. Minha companheira olhava ansiosa de um catre a outro, até que, no fundo da ala, ela o viu: em uma cama miserável, jazia uma criatura esquelética e abatida, retorcendo-se sob a tortura da doença. Ela correu na direção dele e o abraçou, dando graças a Deus por ainda estar vivo.

O entusiasmo daquela estranha alegria a cegou para os outros horrores ao redor, mas para mim eram quase intoleráveis. A ala toda estava tomada por um odor que fez meu coração se repuxar dolorosamente. Os mortos eram carregados para fora enquanto mais doentes eram trazidos para dentro, e era difícil discernir os dois. Alguns gritavam de dor e outros riam, tomados pela influência de terríveis delírios. Alguns tinham acompanhantes chorosos e parentes desesperados, outros chamavam, com um carinho tocante ou com reprovação, o nome dos amigos que



os haviam abandonado, enquanto enfermeiras passavam de cama em cama, imagens encarnadas de desespero, negligência e morte. Dei algum dinheiro à minha desafortunada companheira. Pedi que os funcionários cuidassem dela e fui embora às pressas, enquanto minha torturadora, a imaginação, encarregava-se de me fazer enxergar meus próprios entes queridos estendidos em catres como aqueles. O país não estava dando conta desses horrores massivos. Pobres coitados morriam a céu aberto, e eu encontrara um único sobrevivente em um vilarejo abandonado que lutava ao mesmo tempo contra a fome e a doença. Ainda assim, a festa da peste, o banquete da morte, desenrolava-se principalmente em Londres.

Vagueei por ali, oprimido e distraído por emoções dolorosas. Quando dei por mim, estava diante do Teatro da Drury Lane. A peça era *Macbeth*. O mais célebre ator da época estava no palco, exercendo seus poderes para drogar a razão dos espectadores. Era justamente o tipo de remédio que eu ansiava, então adentrei o local. O teatro estava consideravelmente lotado. Shakespeare, cuja popularidade já fora estabelecida pela aprovação de quatro séculos de crítica, não perdera a relevância nem em um período de temores como aquele. “*Ut magus*” ainda era o mago que comandava nossos corações e governava nossa imaginação. Entrei no intervalo entre o terceiro e o quarto ato. Olhei em volta para analisar a audiência. As mulheres eram majoritariamente das classes mais baixas, mas os homens eram de todas elas, e estavam ali para esquecer as morosas cenas de desgraça que os aguardavam em suas casas miseráveis. A cortina se abriu, e, no palco, começou a se desenrolar a cena da caverna das bruxas. A trama louca e sobrenatural de *Macbeth* prometia que a peça conteria poucas coisas relacionadas às nossas presentes circunstâncias. Muito esforço fora empregado no cenário para que o impossível se parecesse ao máximo com a realidade. A escuridão profunda em que o palco se encontrava, com a única luz vinda da figueira sob o caldeirão, juntava-se à espécie de névoa que flutuava em torno dele e fazia com que as silhuetas sobrenaturais das bruxas parecessem sombrias e obscuras. Não eram três megeras decrepitas que se debruçavam sobre o caldeirão para atirar neles ingredientes sinistros de sua magia, mas formas amedrontadoras, irreais e fantasiosas. A entrada de Hécate, seguida por uma música frenética, tirou a audiência do mundo real. A forma de caverna que o palco assumira, as rochas salientes, a claridade do fogo, as sombras envoltas em brumas que cruzavam a cena de tempos em tempos, a música em harmonia com todas as fantasias sobrenaturais: tudo isso permitia que a imaginação voasse sem medo de contradições ou reprovações baseadas na razão. A entrada de Macbeth não destruiu a ilusão, porque ele atuava segundo os mesmos sentimentos que nos inspiravam. Conforme a magia operava, a plateia simpatizava mais e mais com sua surpresa e ousadia, e nos entregávamos de corpo e alma à influência da ilusão

cênica. Senti o efeito benéfico da emoção conforme se renovava em mim o prazer das viagens na imaginação que não me eram familiares havia muito tempo. O efeito da cena de encantamento dava parte de seu poder à encenação seguinte. Esquecemos que Malcolm e Macduff eram meros seres humanos agindo sob o efeito de paixões simples que aqueciam nosso próprio coração. Aos poucos, porém, o verdadeiro interesse da cena atraiu nossa atenção. Um tremor similar a um breve choque elétrico correu entre o público quando Rosse exclamou, em resposta ao “E a Escócia continua onde estava?”.

Ó pobre país! Quase temeroso de conhecer a si mesmo! A Escócia não pode ser chamada de nossa mãe, mas sim de nosso túmulo: pois nela só pode ser feliz aquele que ainda não sabe de tudo; onde suspiros, gemidos e gritos pairam no ar, emitidos, mas não notados; onde o violento luto é um sentimento cotidiano, e as canções fúnebres mal são tocadas, e a vida de bons homens termina antes mesmo que pereçam as flores em seu chapéu, perdendo a vida mesmo sem adoecer.

Cada palavra reforçava a lembrança da aproximação do badalo do sino de nossa morte. Temíamos olhar uns para os outros, mirando apenas o palco, como se fosse seguro olhar apenas para aquele ponto. A pessoa que representava o papel de Rosse pareceu subitamente alerta do terreno perigoso que adentrava. Não era um ator tão bom, mas a verdade em suas palavras o tornava excelente. Conforme continuou, informando Macduff sobre o assassinato de sua família, pareceu ter medo de falar — tremendo de apreensão por um surto de tristeza da audiência, e não do outro personagem. Proferiu cada palavra com dificuldade, enquanto uma angústia real pintava seu semblante. Seus olhos se ergueram, tomados por um horror súbito, focando no temor que havia no mundo real. A expressão de medo aumentou nosso próprio sentimento. Engasgamo-nos com ele, todos com o pescoço rígido e o rosto mudando em reação ao gestos do próprio ator. Por fim, Macduff, que, atuando em seu papel, ainda não notara as emoções avivadas da casa, exclamou com uma paixão cênica:

Todos os meus amados? É isso mesmo que acabou de dizer? Que o inferno me carregue! Todas as minhas crias, assim como sua progenitora, todas perdidas em um golpe só!

Uma pontada de dor indomável tomou todos os corações, e um gemido de desespero escapou de todos os lábios. Acabei tomado pelo sentimento à minha volta e, absorvido pelos horrores de Rosse, ecoei os gritos de Macduff. Por fim, saí correndo como se fugisse das torturas do inferno e buscasse a calma no ar fresco e nas ruas silenciosas.

Mas o ar não estava fresco, nem as ruas silenciosas. Ah, como ansiei pelo caro conforto da mãe natureza enquanto meu coração já ferido recebia ainda mais

golpes do burburinho irracionalmente alegre de um bar, da visão dos bêbados cambaleando de volta para casa depois de esquecer em meio à farra o que encontrariam ao chegar e das saudações ainda mais deprimentes das criaturas melancólicas que nem sequer sabiam o que significava ter uma casa. Corri em velocidade máxima e, sem saber muito como, cheguei próximo à Abadia de Westminster, atraído pelos acordes profundos e encorpados do órgão. Entrei com uma calma admiração na capela iluminada e ouvi os solenes cantos religiosos que falavam sobre paz e esperança para os infelizes. As notas, elevadas nas asas das mais caras preces dos fiéis, ecoavam pelos corredores à meia-luz, estancando o sangramento das feridas da alma com o bálsamo divino. Apesar da miséria que não me atingia diretamente e que eu era incapaz de entender, e apesar dos corações frios da ampla Londres e dos campos da minha terra natal coalhados de corpos, e apesar ainda da variedade de emoções agonizantes que eu vivera naquela noite, sentia que o Criador olhava nossos clamores melodiosos com compaixão e promessas de alívio. O repique assombroso da música celestial parecia uma voz adequada à comunhão com o Supremo. O som, assim como a visão de várias outras pessoas oferecendo suas preces e sua submissão, exatamente como eu, acalmava-me. Um sentimento próximo à alegria seguiu a total resignação de meu ser frente ao serviço de proteção do governante do mundo. Infelizmente, com o fim da canção solene, meu elevado ânimo caiu novamente por terra. Pois, de súbito, um dos coristas morreu. Ele foi erguido, e abriram apressadamente as câmaras da igreja. Com algumas preces murmuradas, foi carregado para o subterrâneo sombrio, lar de milhares que já haviam partido — cuja boca agora se escancarava para receber todos que cumpriam os ritos funerários. Seria em vão tentar esquecer a cena se continuasse naqueles corredores escuros ou sob o altivo domo em que ecoavam hinos melodiosos. Apenas no ar livre encontrei alívio. Entre as belas obras da natureza, Deus reassumia sua benevolência, e eu pude voltar a acreditar que aquele que construía as montanhas, plantara as florestas e fizera fluir os rios criaria uma nova propriedade para instalar a humanidade perdida, onde acordaríamos e voltaríamos a encontrar as pessoas que nos eram queridas, nossa alegria e nossa fé.

Felizmente para mim, era raro que eu precisasse visitar Londres, e meus deveres todos se resumiam a cuidar do distrito rural aos pés de nosso imponente castelo. Lá, o trabalho servia quase como um passatempo para ocupar as pessoas do campo, dado que estávamos consideravelmente livres da dor e da doença. Minha intenção era insistir que cuidassem das plantações, como lhes era usual, agindo como se a peste não existisse. A foice dos ceifeiros era ouvida aqui e ali. As desanimadas pessoas responsáveis por cuidar do feno até revolviam a palha, mas esqueciam de colocá-la nas carroças. Os pastores, depois de tosquiarem as ovelhas, deixavam a lã se

espalhar com o vento, inutilizando-a para a fabricação de roupas para o próximo inverno. Às vezes, porém, o espírito da vida era despertado por essas atividades. O sol, a brisa refrescante, o aroma doce do feno, o farfalhar das flores e os riachos murmurantes traziam calma ao coração agitado, concedendo às pessoas apreensivas um sentimento próximo à alegria. E, por mais estranho que fosse, aqueles tempos não deixavam de ter seus prazeres. Casais jovens, que antes se amavam à distância e sem esperanças, de súbito viam todos os obstáculos removidos e certa abundância de posses herdada da morte de parentes. O próprio perigo aproximava os amantes. O risco iminente os urgia a aproveitar cada oportunidade, e louca e apaixonadamente buscavam todos os prazeres oferecidos pela vida antes de se entregarem à morte. Além disso, lutando pelos prazeres antes da partida através dos portões de ferro da vida, desafiavam a conquistadora peste a destruir o que já haviam vivido ou apagar os sentimentos de alegria que lhes pertenciam e os acalentavam até mesmo no leito de morte.

O relato de um desses casos chegou imediatamente a nossos ouvidos: uma garota de boa família entregara o coração a um rapaz de classe mais baixa. Ele era colega de classe e amigo do irmão da moça, e geralmente passava as férias na mansão do duque, pai dela. Brincavam juntos quando crianças, confiavam pequenos segredos um ao outro e se consolavam mutuamente em momentos de dificuldade e sofrimento. O amor se esgueirara, silencioso e inócuo a princípio, até que perceberam que tinham as vidas atadas ao mesmo tempo que sabiam que deviam se separar. A extrema juventude dos dois, assim como a pureza do relacionamento, fez com que cedessem com menos resistência à tirania das circunstâncias. O pai da bela Juliet os separou, mas não até o jovem amado prometer que voltaria quando fosse enfim digno dela. Por sua vez, ela prometeu preservar a virgindade de seu coração, reservado como um tesouro ao primeiro amor, até que ele pudesse voltar para reivindicá-lo e assumi-lo.

A praga então chegou, ameaçando destruir de uma vez o propósito dos ambiciosos e as esperanças do amor. Havia tempos, o duque de Lxxx escarnecia a ideia de que a doença oferecesse algum risco, ao mesmo tempo que cautelosamente se isolava. Por um tempo, teve sucesso, mas, durante o segundo verão, nossa inimiga, em um golpe só, levou todas as barreiras do homem, sua segurança e enfim sua vida. A pobre Juliet então viu, um a um, pai, mãe, irmãos e irmãs adoecerem e morrerem. A maior parte dos funcionários da família fugiu ao primeiro sinal da doença, e os que ficaram foram infectados mortalmente. Nenhum vizinho ou campesino ousava adentrar os limites do contágio. Por um estranho golpe do destino, apenas Juliet escapou. Ficou ao lado dos familiares até o fim, afofando os travesseiros em seus leitos de morte. Enfim chegou o momento no qual

o golpe de misericórdia foi dado, levando a última pessoa enferma. A jovem sobrevivente de sua linhagem ficou sozinha, sentada em meio aos mortos. Não havia viva alma por perto para a consolar ou livrar a menina da sombria companhia da morte. Com o calor decadente de uma noite de setembro, um redemoinho de tempestade, trovão e geada se abateu sobre a casa, e em um tom medonho entoou a canção fúnebre de sua família. Ela ficou largada no chão, absorta em um desespero mudo quando, por entre as rajadas de vento e a chuva violenta, ouviu alguém chamar seu nome. De quem poderia ser a voz familiar? Não era de nenhum dos parentes, que jaziam todos mortos, encarando-a com olhos pétreos. Alguém proferiu outra vez seu nome, e ela estremeceu, perguntando a si mesma: “Será que estou à beira da loucura ou morte, ouvindo as vozes de quem já partiu?”. Um segundo pensamento transpassou sua mente, ágil como uma flechada. Correu até a janela, e um lampejo de luz desvelou diante dela a visão de seu amado no canteiro de flores lá embaixo. A alegria lhe deu forças para descer as escadas e abrir a porta bem a tempo de desmaiar, amparada pelos braços do rapaz.

Mil vezes ela se repreendeu, como se fosse um crime pensar que poderia voltar a sentir alegria ao lado dele. O apego natural da mente humana à vida e à felicidade agia com força total em seu jovem coração, e ela se entregou com impetuosidade ao encanto. Casaram-se logo, e, no semblante radiante dos dois, eu vi encarnado, pela última vez, o espírito do amor e da arrebatadora emoção que um dia havia dado vida ao mundo.

Eu os invejava, mas sabia como era impossível viver um sentimento assim depois que os anos haviam multiplicado meus laços com a terra. Acima de tudo, a mãe ansiosa de meus filhos, minha amada e abatida Idris, exigia minha mais carinhosa atenção. Eu não podia julgar a ansiedade que não abandonava seu coração nem por um instante, mas tentava distrair a atenção dela para que não enxergasse toda a verdade das coisas — a aproximação da doença, da miséria e da morte, além do olhar louco de nossos funcionários quando recebíamos a informação de que outra pessoa de nossa equipe morrera —, até que enfim algo novo aconteceu e transcendeu o horror de tudo o que já se passara. Seres miseráveis se arrastavam para morrer sob nosso abrigo. Os habitantes do castelo diminuía com o passar dos dias, enquanto os sobreviventes se apinhavam com medo e, como um bote de esfomeados submetido aos caprichos do vento e das intermináveis ondas, entreolhavam-se, tentando adivinhar qual seria o próximo a ser levado pela morte. Eu tentava ocultar tudo isso, para que pelo menos os fatos impressionassem menos minha Idris. Como disse, minha coragem sobrevivia até mesmo ao desespero: talvez fosse vencido, mas não me entregaria.

Até que certo dia, um nove de setembro, chegou como se fadado a conter em si todos os desastres e horríveis incidentes. Logo cedo, fui informado da chegada da avó idosa de uma de nossas funcionárias do castelo. A velha mulher já chegara aos cem anos. Tinha a pele enrugada, o corpo encurvado, e exibia extrema decrepitude. Mesmo assim, continuava vivendo, superando em existência várias pessoas mais jovens e mais fortes, de modo que começara a acreditar que viveria para sempre. A praga viera, e os habitantes de seu vilarejo haviam morrido. Agarrando-se, com a coragem peculiar dos idosos, ao tempo restante de vida que tinha, ela trancara a porta, fechara as janelas e negara-se a travar comunicação com outras pessoas assim que soube da chegada da peste. Só saía à noite para buscar comida, e voltava logo para casa, satisfeita por não ter encontrado ninguém, pois assim não corria riscos. Conforme os arredores foram ficando mais desolados, a dificuldade de adquirir itens para seu sustento aumentou. A princípio, o filho dela a ajudava, colocando alimento perto de sua porta, mas ele também morreu. Mesmo ameaçada pela fome, o medo que ela sentia da peste era soberano, e sua maior preocupação era evitar o contato com outras pessoas. Foi ficando cada dia mais fraca, até que precisou partir. Na noite anterior, ela passara por Datchet. Perambulando pelo vilarejo, encontrara uma padaria aberta e vazia. Carregada de itens, apressou-se a voltar para casa, mas acabou se perdendo no caminho. A noite estava estagnada, quente e nublada. Sua carga era pesada, e aos poucos ela foi abandonando os pães, ainda com a intenção de seguir — porém, seu manquitolar acabou virando um andar coxo, e a fraqueza a impediu de se mover.

Deitou-se em meio aos altos pés de milho e dormiu. No meio da madrugada, foi acordada por um farfalhar. Teria se levantado, mas as juntas rígidas não obedeceram a seus comandos. Ouviu então um gemido baixo, e o farfalhar aumentou. Discerniu por fim uma voz quase sufocada dizendo “Água! Água!” repetidas vezes, e um suspiro saiu por entre os lábios do sofredor. Com muito custo e tremendo, a velha conseguiu se sentar, mas seus dentes e joelhos não paravam de bater. Perto, muito perto dela, havia um sujeito seminu, mal discernível em meio à escuridão, que pedia água e gemia baixo. Os movimentos da senhora enfim atraíram a atenção do companheiro não identificado. Ele agarrou a mão dela com uma violência convulsiva que fez o toque parecer duro feito aço, os dedos afiados como os dentes de uma armadilha.

— Você enfim chegou! — Foram as palavras que ele disse, mas a exclamação foi o último esforço do moribundo. Seus membros relaxaram e ele caiu, soltando um último gemido baixo que marcou o momento do falecimento. A manhã nasceu, e a idosa viu o cadáver, maculado pela doença mortal, bem perto dela. Seu pulso estava marcado pelo agarrão aliviado apenas pela morte. Ela se sentiu enfim

tocada pela praga. Seu corpo idoso não era capaz de carregá-la com velocidade suficiente e, crendo-se infectada, não temia mais o contato com outras pessoas. Mesmo assim, tentou avançar o máximo possível para chegar até a neta, no castelo de Windsor, onde poderia se lamentar e morrer. A visão era horrível. Ela ainda se agarrava à vida e lamentava seu infortúnio com gritos e gemidos terríveis. Enquanto isso, o ágil avanço da morte revelava que ela não sobreviveria muitas horas mais, o que logo se provou ser verdade.

Enquanto eu dava as ordens para que cuidassem dela, Clara chegou trêmula e pálida. Quando, ansioso, perguntei o motivo da agitação, ela se jogou em meus braços chorando e exclamando:

— Tio, meu querido tio, não me odeie para sempre! Devo dizer ao senhor... O senhor precisa saber que Evelyn, o pobrezinho do Evelyn...

A voz dela foi abafada pelos soluços. O medo de tamanha calamidade como a perda de nosso querido menino fez meu corpo congelar com o mais profundo horror, mas a lembrança da mãe restaurou minha razão. Corri até a cama de meu querido bebê. Ele estava abatido pela febre, mas eu acreditava, do fundo do meu temeroso coração, que aqueles não eram os sintomas da praga. Ele ainda não completara três anos, e os sintomas que tinha sugeriam uma daquelas doenças comuns à infância. Fiquei cuidando dele por muito tempo, observando os olhos semicerrados, o rosto febril e os dedinhos que se retorciam. A febre era violenta e o torpor completo, suficiente para causar alarme e medo. Idris não podia vê-lo naquele estado. Embora tivesse apenas doze anos, Clara tinha grande sensibilidade e era prudente e cuidadosa, então me senti seguro em deixar meu filho com ela enquanto tentava evitar que Idris percebesse a ausência dos dois. Administrei os medicamentos adequados e deixei minha doce sobrinha cuidando de Evelyn, dizendo que ela deveria me procurar caso qualquer coisa mudasse.

Então fui até Idris, pensando no caminho em desculpas plausíveis para permanecer o dia inteiro no castelo e esforçando-me para fazer os traços da preocupação sumirem de meu cenho. Felizmente, ela não estava sozinha. Encontrei Merrival, o astrônomo, com ela. A visão que ele tinha da humanidade era distante demais para que ligasse para as casualidades do dia, então ele vivia em meio a uma contagiosa inconsciência da própria existência. O pobre homem, erudito como La Place, sincero e imprevisível como uma criança, já estivera várias vezes à beira da inanição — ele, a pálida esposa e os vários filhos — enquanto não sentia fome nem percebia o sofrimento ao redor. Suas teorias astronômicas o absorviam, e ele rabiscava cálculos com carvão nas paredes nuas do sótão da própria casa. Trocava guinéus ganhos a duras penas ou peças de roupa por um livro sem remorso. Não ouvia o choro dos filhos nem percebia a magreza da companheira, e a calamidade

excessiva era, para ele, mera ocorrência de uma noite nublada, situação em que ele daria de bom grado a mão direita para poder observar algum fenômeno celestial. Sua esposa era uma dessas maravilhosas e raras mulheres cujo amor não diminui diante dos infortúnios. A mente dela se dividia entre a admiração ilimitada pelo esposo e a terna angústia pelos filhos. Ela confiava nele, trabalhava pela família e nunca reclamava, embora a preocupação fizesse sua vida parecer um longo sonho melancólico.

Ele se apresentara a Adrian pedindo para observar o movimento de alguns planetas na luneta de meu amigo. A pobreza do homem foi logo notada e aliviada. Merrival nos agradecia com frequência por emprestarmos alguns livros a ele e pelo uso de nossos instrumentos, mas nunca falava sobre como sua casa fora reformada ou sobre como sua vida mudara. A esposa nos garantiu que o astrônomo não notara diferença nenhuma, exceto a ausência dos filhos em seu escritório — e, para a infinita surpresa da esposa, reclamara do silêncio ao qual não estava acostumado.

Ele viera anunciar que completara seu ensaio sobre os movimentos pericíclicos do eixo da Terra e sobre a precessão dos pontos equinociais. Se um romano antigo da época da república retornasse à vida e falasse sobre a eleição iminente de algum cônsul laureado ou sobre a última batalha com Mitrídates, as ideias dele não seriam mais alheias aos tempos que vivíamos do que as conversas de Merrival. Os homens, não mais interessados nele, claramente ignoravam seus pensamentos, e ele tampouco tinha leitores. Enquanto todas as pessoas já haviam deitado fora as espadas e agora aguardavam a praga atrás de escudos, Merrival ainda falava sobre como a humanidade estaria seis mil anos no futuro. Para nós, daria no mesmo descrever os traços das criaturas desconhecidas e inimagináveis que ocupariam a habitação abandonada da humanidade. Porém, não tínhamos coragem de enganar o pobre homem. No momento em que entrei no cômodo, ele lia partes de seu livro para Idris, perguntando quais respostas poderiam ser dadas a essa ou aquela posição.

Enquanto ouvia, Idris não conseguiu reprimir o sorriso, e já tirara dele que todos de sua família estavam vivos e com saúde. Não era possível esquecer como ela estava à beira do precipício do tempo, mas mesmo assim parecia entretida naquele momento — bem no meio do contraste entre a visão limitada que agora tínhamos da vida humana e a bota de sete léguas com que Merrival caminhava na direção da eternidade. Fiquei feliz de ver o sorriso dela, que me garantia que ainda ignorava totalmente que o filho estava em perigo. No entanto, tremi só de pensar no surto que seria causado pela descoberta da verdade. Enquanto Merrival falava, Clara abriu a porta com cuidado atrás de Idris e, com um olhar de tristeza, fez um gesto para que eu fosse até ela. Idris, que acabou pegando o gesto no reflexo de um



espelho, empertigou-se. Em um único momento, ela percebeu que algo estava errado: viu que Alfred estava conosco, entendeu que o problema era com o caçula e voou pelos corredores até os aposentos do menino. Lá, deparou-se com Evelyn imóvel e abatido pela febre. Eu a segui, lutando para demonstrar mais esperança do que eu mesmo sentia, mas ela balançou a cabeça com pesar. A angústia a privou de toda a razão. Deixando para Clara e para mim as funções de enfermeira e médico, sentou-se ao pé da cama segurando a mãozinha ardente do filho entre as suas e, com os olhos vidrados, passou o dia em uma agonia perene. Certamente não fora a praga que visitara nosso filho mais novo tão de súbito, mas ela não deu ouvidos às minhas afirmações. A apreensão a fez perder toda a capacidade de julgamento e reflexão, e cada mínimo movimento da expressão do filho a abalava — se ele se movia, ela temia que estivesse prestes a ter uma crise, e, se ficava parado, ela enxergava a morte.

Ao longo da noite, a febre do pobrezinho só aumentou. O sentimento mais triste que existe, para não usar uma palavra mais forte, é a ansiedade de ver as horas passarem ao pé da cama de um doente — principalmente se o paciente é uma criança, que não é capaz de explicar suas dores e cuja faísca de vida parece a uma lâmparina cuja chama estreita tremula ao vento e em cujos arredores paira a devoradora escuridão.

Nessa situação, olha-se com avidez na direção do leste, e com uma impaciência irritada vê-se a escuridão continuar intocada. O cantar do galo e o som do movimento diurno chegam fracos e parecem inatingíveis, e o estalar dos caibros e o leve movimento dos insetos invisíveis são ouvidos e sentidos como um sinal de um tipo particular de desolação. Clara, sobrepujada pelo cansaço, sentara-se aos pés da cama do primo, e apesar de todos os esforços, suas pálpebras começaram a se fechar. Tentou evitar duas ou três vezes, mas acabou vencida e adormeceu. Idris se sentou ao lado da cama, segurando a mão de Evelyn. Tínhamos medo de falar um com o outro. Eu olhava as estrelas, depois me debruçava sobre meu filho, depois sentia sua frágil pulsação, depois me aproximava da mãe... e assim sucessivamente. Com o raiar da manhã, um suspiro baixinho escapou dos lábios do paciente, o rubor febril de seu rosto sumiu, seu pulso voltou a um ritmo suave e regular, e o torpor deu lugar ao sono. Por um longo tempo, não ousei ter esperanças, mas quando a respiração deixou de parecer obstruída e o suor sumiu de sua fronte, claros sinais de que a doença já partira, arrisquei sussurrar as notícias de mudança para Idris, e enfim consegui persuadi-la de que eu falava a verdade.

Ainda assim, nem minha garantia e nem a convalescência rápida do filho conseguiram restaurar nela a pequena paz que antes sentia. Seu medo se tornara profundo demais, penetrante demais, completo demais para dar lugar à certeza. A

sensação que tinha era de que, durante a bonança, estivera sonhando, mas agora acordara. Era como alguém que acorda em alguma torre de vigia distante de visões do lar que ama, apenas para ouvir o rugido das iradas ondas, como alguém que dormiu ninado pela tempestade, mas que acordou notando que a embarcação está para naufragar. Antes, era visitada por lapsos de medo — depois do ocorrido, não teve mais nenhum intervalo de esperança. Em seu belo semblante, não surgiu mais nenhum sorriso sincero. Às vezes forçava um, mas logo depois irrompia em lágrimas, e o mar do sofrimento se abatia sobre os destroços das alegrias do passado. Mesmo assim, enquanto eu estava perto dela, ela não se sentia em total desespero. Entregava-se totalmente a mim, e parecia não temer minha morte nem sequer contemplar essa possibilidade. Ela confiava a mim o fardo completo de suas ansiedades, apoiada em meu amor como um filhote se esconde entre as pernas de uma corça, ou como um pássaro se abriga sob a asa da mãe, ou como um pequeno barquinho partido flutua inabalado sob a proteção de um salgueiro. Enquanto isso, eu, não tão orgulhoso como em tempos de alegria, embora com carinho e com a consciência do conforto que oferecia, puxava minha trêmula garota junto ao peito, tentando proteger sua natureza sensível das duras circunstâncias.

Um outro incidente ainda ocorreu no fim daquele verão. A condessa de Windsor, ex-rainha da Inglaterra, voltou da Alemanha. No começo da estação, ela deixara a cidade deserta de Viena. Incapaz de domar a arrogante mente em algo similar à submissão, demorara-se em Hamburgo e, quando enfim fora a Londres, esperara várias semanas para avisar Adrian de sua chegada. Apesar de sua frieza e longa ausência, ele a recebeu com sensibilidade, demonstrando uma afeição que parecia querer curar as feridas causadas pelo orgulho e pelo sofrimento. O filho foi rechaçado somente pela aparente e profunda ausência de simpatia da ex-rainha. Idris soube do retorno da mãe com prazer. Seus sentimentos maternos eram tão ardentes que imaginou que a própria mãe, naquele mundo devastado, teria deixado de lado o orgulho e a severidade para receber de bom grado seu carinho de filha. O primeiro sinal de suas demonstrações virtuosas foi uma intimação formal da majestade caída da Inglaterra, avisando que eu não deveria, de modo algum, ser levado até ela. Dizia que concordava em perdoar a filha e ser apresentada aos netos, mas que concessões maiores não deveriam ser esperadas.

Para mim, o processo pareceu extremamente caprichoso, se é que um termo tão leve pode ser adequado. Agora que a humanidade de fato perdera toda a distinção de títulos, esse orgulho era duplamente estúpido. Agora que nos sentíamos todos parte de uma espécie fraternal, em que todos tinham apenas o título humano, essas reminiscências de tempos para sempre passados eram mais do que ridículas. Idris estava tomada demais pelos próprios medos para ficar irritada, tampouco ofendida,

pois achava que a insensibilidade era a fonte do rancor persistente. Isso não era exatamente verdade, mas a obstinação da mulher mais velha assumira a forma de crueldade, e a arrogante senhora se negava a exhibir qualquer sinal do sofrimento que encarara. Escrava do orgulho, fantasiava que poderia sacrificar a própria alegria para fingir que nada estava acontecendo.

Tudo isso era falso, exceto as próprias afeições de nossa natureza e a proximidade da simpatia do prazer ou da dor. Só havia um bem maior e um mal maior no mundo: a vida e a morte. A pompa dos títulos, a presunção de poder e as posses de valor haviam sumido como a bruma da manhã. Um único pedinte vivo agora tinha mais valor do que toda a nobreza patriótica de lordes e — infelizmente! — heróis mortos, patriotas ou homens de intelecto genial. Isso era muito degradante, pois tanto os vícios quanto as virtudes haviam perdido seus atributos: a vida, e apenas a vida, a continuação do mecanismo animal, era o Alfa e o Ômega de nossos desejos e de nossas orações, a última ambição da raça humana.

## IX

Metade da Inglaterra estava destruída quando outubro chegou, e os ventos equinociais varreram a terra, congelando os ardores da estação insalubre. O verão, que fora anormalmente quente, estendera-se até o começo do mês. No dia 18, porém, uma mudança súbita fez com que as temperaturas estivais caíssem para um frio invernal. A peste então pausou a missão de trazer a morte. Cansados, sem nem ousar pronunciar nossas esperanças em voz alta, mas cheios até o limite de uma expectativa intensa, ficamos como um naufrago em uma ilhota no oceano vendo uma embarcação ao longe, imaginando que está próxima até que ela volta a sumir no horizonte. A promessa de uma trégua fez com que os humores rudes se transformassem em ternura, e por contraste fez os mais gentis se encherem de sentimentos hostis e não naturais. Quando parecera determinado que todos morreríamos, não fazíamos ideia do como e do quando. Agora que a virulência fora mitigada, e parecia que ela enfim pouparia algumas pessoas, todos ansiavam estar entre os escolhidos e agarravam-se à vida com uma tenacidade corajosa. Casos de deserção ficaram mais frequentes. O mesmo aconteceu com horríveis assassinatos, pois o medo do contágio fizera pessoas com laços de sangue se voltarem umas contra as outras. As tragédias menores e isoladas, porém, logo dariam lugar a um interesse maior, e, embora a promessa fosse de calma em relação às influências infecciosas, uma tempestade nasceu mais selvagem do que os ventos — uma tempestade nascida das paixões humanas, nutrida pelos mais violentos impulsos, cruel e sem precedentes.

Várias pessoas da América do Norte, remanescentes daquele continente populoso, haviam navegado na direção leste com o desejo de mudança, deixando suas planícies nativas em troca de terras não tão afetadas quanto as suas. Várias centenas haviam aportado na Irlanda perto do dia 1º de novembro, assumindo tantas habitações vazias quanto pudessem encontrar. Também haviam se apoderado da comida abundante e do gado sem dono. Quando acabavam com os recursos de um lugar, seguiam para o próximo. Acabaram enfim interferindo na vida dos

habitantes: fortes por estarem em grandes números, expulsaram nativos de suas casas e roubaram seus estoques de alimentos para o inverno. Esses eventos despertaram a natureza enérgica dos irlandeses, que atacaram os invasores. Alguns foram derrotados, mas a maior parte escapou com movimentos ágeis e bem coordenados, e o perigo os fez mais cuidadosos. Seus contingentes se organizavam habilmente, e as mortes entre eles eram escondidas. Movendo-se com ordem, e aparentemente dados à diversão, despertaram a inveja dos irlandeses. Os estadunidenses permitiram que alguns poucos se juntassem ao bando, e a dada altura os recrutas superaram os forasteiros. Outros locais não se juntaram a eles, e tampouco conseguiam imitar a ordem que, preservada pelos líderes que haviam vindo do outro lado do Atlântico, fazia com que os grupos fossem seguros e formidáveis. Os irlandeses seguiam os rastros dos invasores em multidões desorganizadas — que aumentavam dia após dia, tornando-se também cada vez mais anárquicas. Os estadunidenses ansiavam escapar do espírito que haviam despertado e, ao alcançar a costa oeste da ilha, embarcaram para a Inglaterra. A chegada mal teria sido notada se tivessem vindo sozinhos — mas os irlandeses, reunidos em grupos de tamanho anormal, começaram a sentir o avanço da fome, e foram também para a Inglaterra na esteira dos norte-americanos. A necessidade de atravessar o mar não impediu seu progresso. Os cais nos portos desolados do oeste da Irlanda estavam cheios de embarcações de todas as dimensões, de naus de linha a pequenos barcos de pesca, que jaziam sem tripulação ou apodrecendo nas profundezas indolentes. Os emigrantes embarcaram às centenas e, enfurnando as velas com mãos grosseiras, bagunçaram boias e cordames. Quase todos aqueles que assumiram com modéstia as pequenas embarcações chegaram em segurança ao fim da jornada marítima. Outros, no espírito de empreitadas impulsivas, embarcaram em um navio de cento e vinte canhões. O vasto casco flutuou com a maré que deixava a baía, e, depois de muitas horas, a tripulação formada apenas por homens da terra conseguiu soltar parte da enorme vela. O vento a enfurnou, e embora mil erros do timoneiro fizessem o barco apontar a quilha para uma direção e depois para a outra, a superfície vasta do linho que formava suas velas passou a estalar como o som de uma enorme catarata ou de uma floresta marinha açoitada por um vento norte equinocial. As escotilhas foram abertas, e com cada onda o convés era lavado, e toneladas de água entravam na embarcação. As dificuldades aumentaram quando uma brisa fresca começou a soprar, uivando entre os cordames, jogando as velas de um lado para o outro até causar um horrível rasgo — os ruídos que faziam eram como os que devem ter visitado os sonhos de Milton ao imaginar o abrir das asas dos arquidiabos, aumentando o alvoroço do louco caos. Esses sons se misturavam ao rugido do mar, ao chapinhar das ondas que quebravam no casco e

ao gorgolejar da água adentrando os porões. Os tripulantes, muitos dos quais nunca haviam navegado antes, sentiam-se como se, de fato, tanto o paraíso quanto a terra estivessem sendo destruídos juntos enquanto a embarcação mergulhava de quilha nas ondas e irrompia na superfície do outro lado. Os gritos dos homens se perdiam no clamor dos elementos e no som dos trovões destruindo seu abrigo. Descobriram enfim que a água os havia tomado e correram para as bombas — mas poderiam muito bem ter tentado esvaziar o mar com baldes, que o efeito seria o mesmo. Conforme o sol se punha, o vento diminuía. O navio parecia sentir o perigo, pois se entregara totalmente à água e apresentava outros sinais de estar prestes a ceder antes de enfim afundar. A baía estava repleta de embarcações cujas tripulações, em sua maioria, observavam a desajeitada tentativa de domar a máquina de difícil manejo. Os marinheiros a viram afundar lentamente, a água já ultrapassando o convés inferior. Em um piscar de olhos, o navio desapareceu por completo, e foi impossível até mesmo distinguir o ponto em que o mar se fechara sobre ele. Alguns poucos tripulantes se salvaram, mas a maioria dos que estavam agarrados ao cordame ou aos mastros afundou com ela, voltando à superfície apenas quando, já mortos, soltaram-se de onde seguravam.

Esse evento fez com que muitos dos que estavam prontos para navegar voltassem à terra firme, dispostos a encarar qualquer coisa, exceto as mandíbulas abertas do impiedoso oceano. Mas foram poucos em comparação à quantidade de pessoas que chegaram a fazer a travessia. Muitos subiram até Belfast, onde a distância entre as margens era menor. Depois, enquanto avançavam já pela Escócia, juntaram-se a eles os nativos mais pobres do país, e seguiram todos na direção da Inglaterra.

Incursoes assim deixaram os ingleses aterrorizados, principalmente nas cidades onde ainda havia população suficiente para sentir os impactos. De fato, havia espaço em nosso infeliz país para receber o dobro de invasores, mas o espírito rebelde dos recém-chegados os instigava à violência — tinham prazer em expulsar residentes de suas casas, invadir mansões luxuosas onde os nobres se escondiam da praga e forçar homens e mulheres a se tornarem seus servos e amantes, até que enfim levavam um lugar à completa ruína e, como gafanhotos, avançavam para o próximo destino. Quando ninguém os continha, a destruição que causavam era ampla. Quando em risco, eles se juntavam e, em maior número, superavam os inimigos mais fracos e desesperados. Vinham do leste e do norte e escolhiam o caminho sem motivo aparente, por consenso indo sempre parar nas infelizes metrópoles.

A comunicação fora quase toda interrompida devido aos efeitos paralisantes da peste, então a multidão de invasores já chegara a Manchester e Derby antes mesmo

que soubéssemos disso. Varreram o país como um exército conquistador: queimaram, acabaram com tudo, assassinaram. Os criminosos e vagabundos da Inglaterra se juntaram a eles. Alguns poucos lordes tenentes restantes conseguiram reunir forças militares, mas as fileiras estavam desfalcadas, o pânico tomou a todos e a oposição que ofereceram serviu apenas para aumentar a audácia e crueldade da força inimiga. Eles falavam em tomar Londres e conquistar a Inglaterra, listando em detalhes o longo rol de ofensas que por muitos anos haviam sido esquecidas. Essa vaidade demonstrava mais suas fraquezas do que seus pontos fortes — não obstante causava um mal extremo, que, quando enfim levasse à sua destruição, os tornaria objetos de compaixão e remorso.

Aprendíamos como, no princípio do mundo, a humanidade vestira seus inimigos de atributos impossíveis — e como detalhes passados de boca em boca podiam, assim como a poderosa Fama de Virgílio, chegar ao paraíso e agarrar Héspero e Lúcifer com as mãos estendidas. Górgonas e centauros, dragões e leões de cascos de aço, enormes monstros marinhos e hidras gigantescas — eram exemplos de relatos que chegavam a Londres quando falavam de nossos invasores. O ponto em que haviam aportado era desconhecido, mas, como agora já haviam chegado a cerca de cem milhas de Londres, o povo do interior veio antes deles em ondas sucessivas, cada uma exagerando mais os números, a fúria e a crueldade dos assaltantes. O tumulto encheu as ruas antes silenciosas. Mulheres e crianças deixaram seus lares, fugindo sabe-se lá para onde. Pais, maridos e filhos permaneceram, temerosos — não por si, mas por seus amados e indefesos familiares. Conforme os habitantes do interior chegavam a Londres, os locais fugiam para o sul. Subiam no alto dos edifícios da cidade, tentando discernir a fumaça e as chamas que os inimigos espalhavam por onde passavam. Como Windsor ficava, de certo modo, na linha de fuga de quem vinha do oeste, segui com minha família para Londres. Deixei-os na torre e me juntei a Adrian, agindo como seu tenente na batalha que se aproximava.

Tivemos apenas dois dias para nos preparar, e os aproveitamos muito bem. Armas de fogo e outros itens de artilharia foram reunidos. Os resquícios dos antigos regimentos — aqueles que, mesmo depois de tantas perdas, ainda eram capazes de entrar em algo próximo de uma formação — foram armados de uma aparente disciplina militar que encorajou nosso próprio grupo. No fim, parecíamos mais temíveis do que a multidão desorganizada dos inimigos. Não faltou nem música: estandartes tremulavam no ar, e o agudo pífaro, assim como o alto trompete, proferiam sons de encorajamento e vitória. Um ouvido treinado seria capaz de perceber o vacilar impróprio do marchar dos soldados. A principal razão, no entanto, não era o temor pelo adversário, mas sim a doença, o sofrimento e os

prognósticos fatais que, não raro, pesavam mais sobre os corajosos e faziam os mais robustos corações cederem à abjeta submissão.

Adrian comandava as tropas. Tinha muito cuidado. Ele tinha certa confiança de que nossa disciplina garantiria o sucesso naquele conflito. A praga ainda pairava sobre nós, equalizando conquistadores e conquistados, mas não era a vitória que ele desejava — e sim a paz sem derramamento de sangue. Conforme avançávamos, encontrávamos bandos de camponeses cujas mãos vazias e cujo desespero e horror transmitiam de imediato a natureza violenta do inimigo que se aproximava. O espírito insensato da conquista e a sede do espólio os cegava, enquanto com uma fúria insana levavam o país à ruína. A visão de uma força militar restaurava a esperança daqueles que fugiam, e a vontade de vingança assumiu o lugar do medo. Aquilo inspirava, por sua vez, o mesmo sentimento nos próprios soldados. A apatia virou ardor, e os passos incertos viraram uma marcha acelerada enquanto o murmúrio oco da multidão, inspirado por um sentimento implacável, encheu o ar e abafou o clangor das armas e o som da música. Adrian percebeu a mudança e temeu que fosse difícil impedir que a multidão descontasse a suprema força sobre os irlandeses. Ele cavalgava entre as fileiras, urgindo os oficiais a conter as próprias tropas, exortando os soldados, restaurando a ordem e, de certa forma, amainando a violenta agitação que tomava cada coração.

Encontramos pela primeira vez com alguns irlandeses desgarrados em Saint Albans. Eles recuaram e, juntando-se aos companheiros, continuaram em retirada até encontrarem o grupo principal. As notícias de um oponente armado fizeram com que recuperassem certa ordem. Estabeleceram seu quartel-general em Buckingham, e batedores foram enviados para analisar nossa situação. Passamos a noite em Luton. Pela manhã, um movimento simultâneo nos fez avançar. Era bem cedo. O ar, impregnado com um odor fresco, parecia brincar distraidamente com nossos estandartes, e levava na direção de nossos inimigos a música das bandas, o relinchar dos cavalos e a marcha regular da infantaria. Os primeiros sons dos instrumentos marciais que recaíram sobre nossos inimigos indisciplinados causaram surpresa mesclada ao terror. Aquilo evocava outros tempos, tempos de concórdia e ordem. Fazia lembrar de uma época em que não havia praga e onde as pessoas viviam além da sombra do destino iminente. A pausa não durou muito. Logo ouvimos os sons do clamor desordenado do inimigo, os gritos bárbaros e os passos irregulares de milhares aproximando-se em total desalinho. As tropas enfim chegaram, vindas dos campos abertos ou das ruelas estreitas. Havia um campo amplo entre nós. Avançamos ao longo dele e paramos: por estarmos em um terreno ligeiramente mais alto, éramos capazes de discernir o espaço que eles cobriam. Quando os líderes dos oponentes perceberam que havíamos interrompido a



marcha, também mandaram as próprias forças pararem e tentaram organizar os homens em uma imitação da disciplina militar. As primeiras fileiras deles estavam armadas com mosquetes. Alguns estavam montados, mas as armaduras consistiam no que haviam encontrado no caminho, e usavam os cavalos roubado dos camponeses. Não havia uniformidade, e a obediência era mínima, mas seus gritos e gestos loucos mostravam o espírito indomável que os inspirava. Nossos soldados receberam a ordem e avançaram com agilidade, mas em perfeita organização. Os uniformes, o resplandecer das armaduras polidas, o silêncio e o olhar de ódio taciturno eram mais amedrontadores do que o clamor selvagem dos inúmeros inimigos. Conforme chegávamos mais e mais perto deles, os uivos e gritos dos irlandeses ficaram mais altos. Os ingleses prosseguiram em obediência aos oficiais, até que chegaram perto o bastante para distinguir o rosto dos oponentes. A visão os encheu de fúria — e, com um grito uníssono, capaz de rasgar o firmamento e ecoado pelas fileiras do fundo, o exército avançou. Sequer atiravam, pulando sobre os oponentes com a baioneta. De tempos em tempos, abriam as fileiras para que os sentinelas acendessem os canhões, cujo estrondo ensurdecedor e cuja fumaça cegante enchia a cena de horror. Eu continuava ao lado de Adrian. Pouco antes, ele dera de novo a ordem de parar e ficara algumas jardas distante de nós em profunda meditação. Rapidamente formava na cabeça um plano de ação para evitar o derramamento de sangue, mas o som dos canhões, o avançar súbito da tropa e o berro dos inimigos o sobressaltaram. Abrindo os olhos de súbito, exclamou:

— Ninguém deve perecer! — E, atingindo o cavalo com as esporas, disparou na direção dos grupos em conflito. Nós, sua equipe, fomos atrás dele para protegê-lo. Obedecendo a seu sinal, porém, diminuímos o passo e ficamos um pouco para trás. Os soldados o notaram e pararam em meio à ação. Ele sequer desviava das balas que passavam voando, cavalgando sem hesitar na direção das linhas inimigas. O silêncio se seguiu ao clamor. Cerca de cinquenta homens jaziam no chão, moribundos ou mortos. Adrian ergueu a espada, anunciando que falaria.

— De quem foram as ordens para que avançassem? — gritou ele, dirigindo-se às próprias tropas. — Quem mandou atacarem? Recuem já. Esses homens confusos não serão abatidos enquanto eu for seu general. Embainhem suas armas. Eles são seus irmãos, não cometam fratricídio. Em breve, a praga não deixará ninguém em quem possam descontar sua vingança. Seremos mais impiedosos do que a peste? Pela honra que têm por mim, pelo temor ao Deus que nos criou à sua imagem e semelhança e pelo bem das crianças e dos amigos que lhes são caros, não derramem nem mais uma gota do precioso sangue humano.

Ele falava com o braço estendido e a voz firme. Depois, voltando-se aos invasores e com a expressão fechada, ordenou que baixassem as armas.

— Vocês acreditam que, como estamos assolados pela praga, podem nos vencer — disse ele. — Mas a praga também está entre vocês, e, quando forem massacrados pela fome e pela doença, os fantasmas daqueles que assassinaram se erguerão dos túmulos para informar que não deverão ter esperança na morte. Baixem as armas, homens bárbaros e cruéis. Homens cujas mãos estão manchadas do sangue dos inocentes, cujas almas pesam com o fardo do choro dos órfãos! Hemos de prevelecer, pois a retidão está do nosso lado. Já vejo seus rostos pálidos e as armas escapando de seus punhos fracos. Baixem as armas, colegas e irmãos! O perdão, a ajuda e o amor fraternal é o que receberão caso se arrependam. Vocês são caros a nós porque também vestem a forma frágil da espécie humana. Cada um de vocês encontrará um amigo e um anfitrião entre nossas fileiras. Será mesmo que a humanidade deve ser inimiga da humanidade enquanto a praga, inimiga de todos nós, agora mesmo paira sobre nossas cabeças, triunfando sobre uma matança ainda mais cruel do que a dela?

Os dois exércitos se contiveram. Do nosso lado, os soldados agarraram as armas com firmeza e dispararam olhares severos na direção dos inimigos. Estes, por sua vez, ainda não haviam baixado as armas, mais por medo do que por vontade de lutar. Entroalhavam-se, esperando que alguém desse o exemplo do que fazer, mas não possuíam líderes. Adrian saltou do cavalo e se aproximou de um homem que acabara de ser assassinado.

— Ele era um homem — bradou —, mas agora está morto. Rápido, tratem das feridas dos caídos, não deixem que mais ninguém pereça. Não permitam que nem mais uma alma escape por causa desses golpes impiedosos e vá contar histórias de fratricídio diante do trono de Deus. Cuidem de suas feridas, devolvam esses homens inteiros a seus amigos. Deixem de lado o coração feroz que queima em seu peito, baixem essas armas de crueldade e ódio. Nessa pausa do extermínio do destino, deixem que cada homem seja um irmão, um guardião, e cuidem um do outro. Chega de armas ensanguentadas. Rápido, corram para curar esses ferimentos.

Enquanto falava, ajoelhou no chão e ergueu em seus braços um homem de cujo flanco jorrava a cálida fonte da vida. O pobre coitado gemeu. Os homens ao redor estavam tão calados que mesmo o fraco gemido foi ouvido por todos, e todos os corações que até então estavam completamente entregues ao massacre batiam agora em esperança e medo pelo destino daquele único homem. Adrian arrancou o lenço de seu uniforme e envolveu nele o sofredor, mas foi tarde demais — o homem soltou um suspiro profundo, sua cabeça pendeu para trás e seus membros perderam a força que os sustentava.

— Ele está morto! — exclamou Adrian.

O corpo escapou de seus braços e caiu no chão, e ele baixou a cabeça em sofrimento e reverência. O destino do mundo parecia estar conectado à morte daquele único homem. Os exércitos dos dois lados largaram as armas. Até os veteranos choravam, e nossos soldados estenderam as mãos aos inimigos enquanto uma corrente de amor e profunda benevolência enchia todos os corações. As duas forças se juntaram. Desarmados, lado a lado e conversando sobre como poderiam se ajudar, os adversários se reuniram. Um lado se arrependeu das crueldades que cometera, e o outro, da violência que utilizou depois — e ambos passaram a obedecer as ordens do general enquanto seguiam em direção a Londres.

Adrian foi obrigado a aplicar sua mais profunda prudência, primeiro para dissipar a discórdia, e depois para prover recursos para a multidão de invasores. Eles foram enviados a várias regiões dos condados do sudeste e acomodados em vilarejos desertos. Parte foi enviada de volta à própria ilha natal, e o inverno devolveu uma fração da nossa energia — com ela, protegemos as fronteiras do país, e novos emigrantes foram proibidos.

Nessa ocasião, Adrian e Idris enfim se encontraram após uma separação de quase um ano. Adrian estivera ocupado cumprindo sua trabalhosa e dolorosa missão. Ele conhecia muito bem todos os tipos de miséria humana, e sempre achara que seus poderes eram inadequados e que sua ajuda seria inútil. Mesmo assim, o propósito de sua alma, sua energia e sua ardente resolução haviam impedido que ele apenas se lamentasse. Parecia ter nascido de novo. Suas virtudes, mais potentes do que os alquímicos da Medeia, dotavam-no de saúde e força. Idris esperava ver a figura frágil cuja forma parecera suscetível a se dobrar até mesmo diante das brisas do verão, portanto mal reconheceu o homem enérgico cujo excesso de sensibilidade o tornara capaz de ocupar a posição de timoneiro daquela Inglaterra assolada por tempestades.

O mesmo, porém, não podia ser dito de Idris. Ela não reclamava, mas a alma do medo já se instalara permanentemente em seu coração. Aos poucos, ficava cada vez mais magra e pálida. Seus olhos se enchiam de lágrimas involuntárias, e sua voz soava baixa e alquebrada. Tentou esconder as mudanças que sabia que o irmão notaria nela, mas o esforço foi em vão. Quando enfim ficou sozinha com ele, deu vazão às suas apreensões e ao seu sofrimento em um lapso de tristeza incontida. Ela descreveu em termos vívidos a preocupação que, com uma fome insaciável, devorava sua alma. Comparava o desgaste da espera incessante pelo mal ao abutre que se alimentava do coração de Prometeu. Sob a influência daquele sentimento eterno, e por decorrência dos intermináveis conflitos que tentava combater e esconder, ela sentia, segundo disse, que as engrenagens e molas de sua forma animal trabalhavam em velocidade dobrada, consumindo-se mais rápido. O sono não era

de fato sono, pois pensamentos refreados pela razão remanescente e pela visão de seus filhos felizes e saudáveis se transformavam em sonhos loucos quando se deitava. Todos os seus terrores eram então encarnados, e todos os seus medos pareciam concretizados. Não havia esperança naquele estado, não existia alívio, a menos que o túmulo logo a recebesse — e ela preferiria morrer a viver milhares de outras mortes na perda das pessoas que amava. Temendo me machucar, escondia da melhor forma possível sua grande miséria, mas, ao encontrar o irmão depois de tanto tempo separados, ela não foi capaz de conter a expressão de sua desgraça — com toda a vivacidade de imaginação da qual a tristeza é sempre abundante, ela despejou as emoções sobre o amado e compassivo Adrian.

A visita dela a Londres fizera seu estado de inquietude aumentar, pois enfim vira a extensão completa da destruição causada pela peste. A cidade mal conseguia manter a aparência de habitação: a grama alta crescia em meio às ruas, as praças estavam tomadas pelo mato e as casas jaziam trancadas enquanto o silêncio e a solidão caracterizavam as partes antes mais movimentadas dali. Ainda assim, mesmo em meio à desolação, Adrian conseguira preservar a ordem, de forma que todos os habitantes continuavam vivendo de acordo com as leis e os bons costumes. As instituições humanas prosperavam como se fossem divinas, e, embora os decretos sobre as habitações não valessem mais muita coisa, a propriedade continuava sagrada. Era uma imagem melancólica. Apesar da diminuição dos efeitos do mal, a visão da paisagem atingia o coração como se aquela fosse uma deplorável zombaria. Todas as ideias de lugares para entretenimento, como teatros e festivais, não funcionavam mais.

— O próximo verão decidirá o destino da raça humana — disse Adrian quando nos separamos na ocasião de meu retorno para Windsor. — Não interromperei minhas atividades até então. Porém, se a praga voltar no próximo ano, deveremos parar de lutar, e nossa única preocupação será escolher nosso túmulo.

Nunca esquecerei um incidente que presenciamos durante essa visita a Londres. As incursões de Merrival a Windsor, antes frequentes, de súbito cessaram. Em tempos nos quais apenas um fio de cabelo separava os vivos dos mortos, temi que nosso amigo houvesse se tornado uma vítima do abrangente mal. Nessa ocasião, temendo o pior, fui até a casa dele para ver se eu poderia ser de alguma serventia aos familiares do homem que porventura tivessem sobrevivido. A casa estava deserta, e fora uma das atribuídas à acomodação dos invasores de Londres. Vi seus instrumentos astronômicos serem usados para fins a que não eram destinados, seus globos desfigurados e os papéis cobertos de confusos cálculos destruídos. Os vizinhos eram capazes de me explicar pouca coisa, até que avistei uma pobre

mulher que servia de enfermeira naqueles tempos atribulados. Ela me disse que toda a família havia morrido, exceto o próprio Merrival, que ficara louco. Ela usou a palavra louco, porém, quando perguntei mais sobre meu conhecido, ela deu a entender que ele fora apenas tomado pelo delírio causado pela dor extrema. Aquele velho homem, cambaleando à beira do túmulo e estendendo sua perspectiva de vida por milhares de anos calculados, aquele visionário, que não enxergava a fome nas figuras esqueléticas da esposa e dos filhos ou a praga nas imagens e nos sons terríveis que o cercavam — aquele astrônomo, aparentemente um morto em vida, vivendo apenas em função do movimento dos astros —, amava sim sua família, com uma afeição pouco aparente, embora intensa. Seu desejo pelo conhecimento mundano, sua falta de noção e sua sinceridade infantil já haviam se tornado parte dele por força do hábito. Deles, o homem era completamente dependente. Só foi perceber a gravidade do perigo quando um de seus familiares morreu, depois que um a um foi levado pela peste. Sua esposa, companheira e apoiadora, mais necessária a ele do que os próprios membros e tronco, que tão às duras penas aprendera a lição da autopreservação e que era a amiga gentil cuja voz sempre lhe trazia paz, fechara os olhos pela última vez. O velho homem sentiu que o sistema da natureza universal que ele estudara e adorara por tanto tempo lhe escapava, e permaneceu em meio aos mortos, erguendo a voz para proferir blasfêmias. Não me admirava que a enfermeira tivesse interpretado como frenesi as horríveis maldições do homem abalado pelo luto.

Comecei minha procura no fim daquele mesmo dia, um dia de novembro, que terminou mais cedo com o tamborilar da chuva e um vento melancólico. Quando me afastei da porta, vi Merrival — ou melhor, a sombra de Merrival, opaca e selvagem — passar por mim antes de se sentar nos degraus diante de sua casa. A brisa agitou os cachos grisalhos em seu rosto, a chuva encharcou sua cabeça descoberta, e ele ficou ali sentado com o rosto escondido nas mãos magras. Apertei seu ombro para chamar sua atenção, mas ele sequer se moveu.

— Merrival — disse eu. — Faz muito tempo que não o vemos. Você deve voltar para Windsor comigo... Lady Idris deseja vê-lo, e você não recusaria uma convocação dela, recusaria? Venha para casa comigo.

— Por que engana um homem desamparado como eu? Por que fala em um tom tão hipócrita com alguém meio enlouquecido? Windsor não é minha casa. Já encontrei minha verdadeira casa: o lar que o Criador preparou para mim.

O tom de escárnio amargo na voz dele me assustou.

— Não me force a conversar, minhas palavras vão aterrorizar o senhor — continuou ele. — Em um universo de covardes, eu ousou pensar. Em meio aos túmulos nos ádrios, entre as vítimas dessa tirania impiedosa que ousa afrontar o

Supremo Mal. Como esse mal pode me punir? Deixe que desnude seus braços e me transforme em raios, que é também um de seus atributos — terminou o velho, rindo.

Ele se levantou, e eu o segui em meio à chuva até o ádrio de uma igreja próxima, onde ele se atirou ao solo encharcado.

— Cá estão eles — gritou. — Criaturas belas, criaturas que respiravam, falavam e amavam. Ela, que de dia e de noite estimava seu envelhecido amado da juventude. Eles, sangue do meu sangue, meus filhos. Todos eles estão aqui! Chame-os, grite seus nomes noite afora: eles não irão responder!

Ele se jogou sobre os pequenos montes de terra que marcavam os túmulos.

— Eu só peço uma coisa! Não temo o inferno d'Ele, pois o estou vivendo aqui. Tampouco desejo Seu paraíso. Tudo o que peço é que me deixe morrer e jazer ao lado deles. Deixe que, depois de morrer, eu possa sentir a carne se desfazer e se misturar à matéria deles. Prometa! — Ele se levantou com dificuldade e agarrou meu braço. — Prometa que vai me enterrar junto a eles!

— Que Deus ajude a mim e aos meus — disse eu —, pois prometo com uma condição: volte comigo para Windsor.

— Para Windsor! — gritou ele. — Jamais! Não vou sair daqui. Meus ossos, minha carne, minha pessoa... Já estou enterrado aqui, o que vê de mim é argila apodrecida, como eles. Aqui deitarei e aqui permaneceréi até que a chuva e a geada e os raios e as tempestades, caindo sobre mim, me transformem na mesma substância deles.

Em poucas palavras, concluirei a narração dessa tragédia. Fui obrigado a deixar Londres, e Adrian assumiu a responsabilidade de cuidar dele. Mas a missão foi concluída logo: a idade, o luto e o clima inclemente se uniram para aliviar as dores do homem e fazer seu coração, que batia em agonia, enfim repousar. Ele morreu abraçado à relva, a mesma relva que cresceu por cima dele quando foi colocado junto às pessoas cuja falta ele sentia com louco desespero.

Voltamos para Windsor a pedido de Idris, que parecia pensar que ali as crianças estariam em maior segurança, e porque, tendo assumido a responsabilidade de cuidar da região, eu não desertaria da área enquanto algum habitante ainda vivesse. Assim também agiria segundo os planos de Adrian, que consistiam em reunir em grandes grupos a população restante. Ele tinha a convicção de que seria apenas através de virtudes benevolentes e sociais que poderíamos ter esperanças de manter o restante da população em algum tipo de segurança.

Era melancólico voltar àquele local que nos era tão caro, cenário de uma alegria rara, apenas para registrar a extinção de nossa espécie e traçar os profundos passos indeléveis que a doença deixara em seu avanço por aquela terra fértil e amada. As

características do território haviam mudado tanto que já era impossível plantar e realizar outros serviços outonais. A estação havia acabado, e agora um inverno de severidade súbita e incomum se instalava. A alternância de congelamento e descongelamento das águas, seguida de inundações, tornara impossível o deslocamento pela região. Grandes nevascas davam uma aparência ártica ao cenário. Os telhados das casas pesavam com a massa branca, e tanto a choupana mais humilde quanto a maior das mansões, igualmente desertas, ficaram bloqueadas, os limites intransponíveis. Janelas eram quebradas pelas chuvas de granizo, enquanto a prevalência de um vento nordeste fazia com que andar em áreas abertas fosse insuportável. O estado alterado da sociedade fazia com que esses acidentes naturais fossem fontes de um sofrimento real. O luxo de poder dar ordens e ser atendido por servos caiu por terra. Havia recursos básicos o bastante para atender com sobra a necessidade da pequena população remanescente, mas ainda era muito trabalhoso distribuir esses recursos, que não passavam de matérias-primas. Além disso, abatidos pela doença e com medo do futuro, não tínhamos a energia para engajar em nenhuma atividade.

Posso falar por mim: não era por falta de vontade que não trabalhava. A vida intensa que acelerava meu pulso e animava meu corpo tinha o efeito não de me atrair aos labirintos da vida ativa, mas sim de exaltar minha baixaza e atribuir proporções majestosas a objetos insignificantes. Eu poderia muito bem viver a vida de um camponês. Minhas preocupações mais banais eram engolidas por propósitos maiores, meus sentimentos se expressavam como paixões impetuosas e cativantes, e a natureza e todas as suas mudanças recebiam atributos divinos. O próprio espírito da mitologia grega habitava meu coração. Eu idolatrava os planaltos, as clareiras e os riachos, eu via Proteu saindo do mar e ouvia o velho Tritão soprar sua corneta adornada.

O mais estranho era que, enquanto a terra preservava seu curso monótono, eu encarava as antigas leis da natureza com uma admiração sempre renovada. Agora que, fora de controle, ela avançava por um caminho desconhecido, eu sentia aquele espírito minguar. Lutava contra o desânimo e a fadiga, mas eles me asfixiavam como uma névoa. Talvez, depois dos trabalhos e do excesso de emoções do verão passado, fosse natural que a calma do inverno e os serviços quase braçais que a estação trazia acabassem se tornando duplamente enfadonhos. Não era a emoção ávida do ano anterior que dava vida e individualidade a cada momento. Não eram as dores pungentes induzidas pelos estresses da época. A completa inutilidade que acompanhava todos os meus esforços tirava deles os efeitos normais da euforia, e o desespero anulava os efeitos do bálsamo do orgulho. Eu ansiava por voltar para minhas antigas ocupações, mas de que utilidade elas seriam? Ler era fútil. Escrever,

uma total vaidade. A terra, antes um amplo circo para apresentar dignas proezas, um vasto teatro para um magnífico drama, agora não passava de um espaço desocupado, um palco vazio. Um local onde não havia atores nem espectadores para dizer ou ouvir.

Nosso vilarejo de Windsor, no qual grande parte dos sobreviventes dos condados vizinhos estavam reunidos, exibia um aspecto melancólico. As ruas estavam bloqueadas com a neve. Os poucos transeuntes pareciam paralisados e congelados pela visita monótona do inverno. Escapar daqueles males era o objetivo maior de nossos esforços. Famílias devotadas a atividades importantes e refinadas, antes ricas, florescentes e jovens, agora tinham poucos membros que, com o coração abatido, reuniam-se diante de uma fogueira e remoíam pensamentos egoístas e baixos. Sem a ajuda de criados, era necessário realizar todas as tarefas domésticas. Mãos desacostumadas a esse tipo de serviço precisavam sovar o pão ou, na ausência de farinha, homens nobres e perfumados tinham de atuar como açougueiros. Pobres e ricos agora eram iguais — ou melhor, os pobres eram superiores, porque encaravam essas tarefas com entusiasmo e experiência, enquanto a ignorância, a inaptidão e o hábito da tranquilidade faziam com que os ricos se fatigassem e ficassem com o orgulho ferido, já que as tarefas eram repugnantes àqueles cujas mentes, dadas ao desenvolvimento intelectual, acalentavam o privilégio de se isentar da vazão às meras necessidades animais.

Mas em todas as mudanças, a bondade e a afeição podem encontrar campo para desenvolvimento. Entre algumas pessoas, essas mudanças produziram uma devoção e um autossacrifício ao mesmo tempo graciosos e heroicos. Era uma visão que os amantes da raça humana apreciariam: testemunhar, como em tempos ancestrais, a forma patriarcal com que os vários tipos de familiares e amigos cumpriam suas funções gentis e virtuosas. Jovens e nobres proprietários de terras ajudavam as próprias mães e irmãs em seus serviços fundamentais com uma alegria amável. Iam até o rio, quebravam a cobertura de gelo e pegavam água. Organizavam expedições de coleta de recursos e, com o machado em mãos, deitavam as árvores para usar como lenha. As mulheres os recebiam de volta com uma acolhida simples e afetiva que antes se via apenas nas mais humildes choupanas. Os homens encontravam uma lareira limpa e um fogo vívido, o jantar preparado com amor já pronto e a gratidão pelas provisões que seriam usadas na refeição do dia seguinte. Esses prazeres antes eram estranhos aos ingleses bem-nascidos, mas agora eram os únicos luxos que tinham, todos bem merecidos e valorizados.

Ninguém deixava tão evidente sua graciosa submissão às circunstâncias, sua nobre humildade e sua criativa imaginação para adornar esses fatos com tons



românticos do que nossa Clara. Ela via meu desalento e as preocupações ardentes de Idris. Sua disposição principal era nos aliviar do trabalho e trazer ao nosso modo alterado de vida o máximo de facilidades e até mesmo elegâncias que conseguisse. Ainda tínhamos alguns funcionários que a doença poupava e que eram carinhosamente apegados a nós. Mas Clara tinha ciúmes de seus serviços. Ela queria ser a única ama a atender Idris e a única responsável por cuidar das necessidades dos primos. Nada lhe dava mais prazer do que empregar seus serviços para isso. Ia além de nossas expectativas, carinhosa, diligente e incansável...

*Abra vinha de pronto quando a chamávamos,*

*E mesmo que chamássemos outro nome, era Abra quem vinha.*

Minha missão diária era visitar as várias famílias agrupadas em nosso vilarejo. Sempre que o clima permitia, eu prolongava minha cavalgada com prazer para remoer sozinho a aparência mutável de nosso destino, tentando concluir ideias sobre o futuro com base em experiências do passado. A impaciência com que os males que afligiam minha espécie me inspiravam quando eu estava acompanhado era amenizada pela solidão, quando então o sofrimento individual se misturava à calamidade geral e, por mais estranho que soe, parecia menos doloroso de contemplar. Assim, com frequência, avançando com dificuldade entre as vias estreitas e bloqueadas de neve do vilarejo, eu cruzava a ponte e ia até Eton. Não havia grupos de jovens e meninos de coração galante correndo diante do portão do colégio. Apenas um silêncio triste prevalecia onde antes havia salas de aula lotadas e pátios barulhentos. Continuei cavalgando até Salt Hill, bloqueado pela neve por todos os lados. Aqueles eram os férteis campos que eu amava? Era aquilo que agora havia no gentil planalto e no vale cultivado, antes cobertos de pés de milho oscilantes e diversas árvores imponentes, banhados pelo sinuoso Tâmis? Uma camada branca os cobria, enquanto pensamentos amargos me faziam lembrar de que tão frio quanto a terra invernal estavam os corações dos habitantes. Encontrei tropas de cavalos e rebanhos de gado e ovelhas vagando a bel-prazer. Tinham espalhado montes de feno em meio ao quais se aqueciam, garantindo abrigo e alimento, e tomado posse de um chalé abandonado. Em um dado dia gelado, movido por reflexões inquietas e insatisfatórias, fui até um de meus refúgios preferidos: um pequeno bosque não muito distante de Salt Hill. Havia uma nascente gorgolejante sussurrando em um dos lados, e, do outro, alguns poucos ulmeiros e faias que mal faziam jus ao nome de bosque, mas o local assim continuava a ser chamado. Ele tinha, para mim, seus charmes peculiares. Fora um dos recantos preferidos de Adrian. Era isolado, e com frequência meu amigo dizia

que passara os melhores momentos de sua infância ali. Escapando do jugo severo da mãe, ele se sentava nos degraus toscamente escavados que levavam à nascente. Depois, ora lia um livro favorito, ora refletia em meio a especulações avançadas sobre o novo ainda embaraçado da moral ou da metafísica. Uma melancolia premonitória me garantiu que eu jamais veria aquele lugar de novo. Assim, com cuidado, observei cada árvore, cada movimento do regato e cada irregularidade do solo para que, mesmo longe dali, pudesse me lembrar melhor do lugar. Um pisco-de-peito-ruivo saltou dos galhos nevados das árvores para a superfície congelada do riacho. O peito arfante e os olhos semicerrados mostravam que ele estava morrendo. De repente, um falcão surgiu no ar, e o medo infiltrou-se na pobre criaturinha. Em um último esforço, ele caiu no chão, erguendo as pequenas garras em uma tentativa impotente de se defender do poderoso inimigo. Apanhei-o do chão e o aninhei em meu peito. Alimentei-o com as migalhas de um biscoito, e aos poucos ele voltou à vida, com o coraçãozinho disparado batendo contra minha pele. Não sei dizer por que conto em detalhes esse incidente trivial, mas a cena ainda parece vívida diante dos meus olhos. Posso ver o campo coberto de neve por entre os troncos esbranquiçados das árvores... O riacho, que em dias mais alegres corria resplandecente, então bloqueado pelo gelo... As árvores sem folhas fantásticamente vestidas com a neve alva... A forma das folhas estivais gravadas contra o chão sólido pela mão do inverno... O céu escuro, o frio tristonho, o silêncio inquebrado... Tudo isso enquanto, no meu peito, meu protegido alado permanecia aquecido, seguro, expressando sua alegria com um chilreio feliz. Reflexões dolorosas se apinhavam em minha mente, agitando-a em uma louca comoção: fria e morta como aqueles campos nevados estava toda a terra. Por que eu deveria tentar impedir a catarata de destruição que se abatia sobre nós? Por que forçar meus nervos e continuar me esforçando, apesar da fadiga? Por quê? Mas daquilo eu precisava proteger, com minha firme coragem e meus esforços animados, a cara companheira que escolhera na primavera de minha vida. Apesar de meu coração latejante de dor, pensava que, enquanto a querida cabeça de minha gentil amada pudesse encontrar paz no meu coração, e enquanto ela pudesse confiar no meu cuidado acolhedor, no meu conforto e nas minhas esperanças, minhas lutas não cessariam — e eu não me daria por vencido.

Em um belo dia de fevereiro, quando o sol reassumira parte de seu genioso poder, caminhei até a floresta com minha família. Era um daqueles adoráveis dias de inverno que provam como a natureza é capaz de conceder beleza até mesmo ao que é árido. As árvores desfolhadas estendiam os galhos fibrosos em direção ao céu limpo, as silhuetas intrincadas e permeáveis lembrando algas marinhas. Os cervos revolviam a neve procurando a relva escondida. O branco ficava ainda mais

ofuscante pelo sol, e os troncos da vegetação, mais visíveis depois da perda da folhagem anterior, espalhavam-se ao nosso redor como um labirinto de colunas em um vasto templo. Era impossível não se deleitar com aquela visão. Nossos filhos, livres das amarras do inverno, corriam de um lado para o outro. Perseguiam os cervos e desentocavam faisões e perdizes. Idris se apoiava no meu braço, a tristeza substituída pela sensação momentânea de prazer. Encontramos outras famílias em Long Walk, aproveitando como nós o retorno da cordial estação. De súbito, pareci despertar. Expulsei a indolência insistente dos últimos meses, a terra assumiu uma nova aparência, e minha visão do futuro ficou clara de súbito.

— Descobri o segredo! — exclamei.

— Qual segredo?

Em resposta a essa pergunta, descrevi nossa triste vida invernal, nossas preocupações sórdidas, nossos trabalhos braçais.

— Este país nortenho não é lugar para nossa mingunte espécie — disse. — Quando a humanidade ainda tinha poucos membros, não era aqui que batalhava contra os poderosos agentes da natureza, logrando em cobrir toda a terra com seus descendentes. Devemos procurar algum paraíso natural, algum jardim celeste da terra, onde nossas simples necessidades serão facilmente supridas e o gozo de um delicioso clima compensará os prazeres sociais que perdemos. Se sobrevivermos ao próximo verão, não passaremos o inverno subsequente na Inglaterra. Nem eu, nem nenhum de nós.

Falei sem pensar muito, e a própria conclusão do que acabara de falar trouxe consigo outros pensamentos. Será que nós, qualquer um de nós, sobreviveria ao verão vindouro? Vi o semblante de Idris obscurecido. Senti de novo que estávamos presos à carroça do destino, sobre cujo caminho não tínhamos controle nenhum. Não era mais possível dizer “Faremos isso e deixaremos de fazer aquilo”. Uma força mais poderosa do que a humanidade estava agindo para destruir nossos planos e concluir o serviço que evitávamos. Era loucura considerar que teríamos outro inverno. Aquele seria nosso último. O verão que se aproximava estava no limite distante de nossa visão. Quando chegássemos lá, em vez da continuação de uma longa estrada, encontraríamos um abismo, dentro do qual seríamos empurrados à força. A última bênção da humanidade fora arrancada de nós. Não devíamos mais acalentar esperanças. Pode o homem louco, arrastando suas correntes, ter esperança? Pode o pobre infeliz a caminho do cadafalso, ou aquele que pousa a cabeça na pedra, vendo a sombra dupla de si e do carrasco, cujo braço erguido sustenta o machado, ter esperança? Pode o marinheiro naufrago, que, cansado de nadar, escuta logo atrás de si o chapinhar de um tubarão que o persegue pelo Atlântico, ter esperança? Nossas esperanças davam no mesmo!

A velha fábula já dizia que aquele gentil espírito escapara da caixa de Pandora, até então guardado ali em meio a demônios. Mas estes eram invisíveis e desprezíveis, enquanto todos admiravam o inspirador encanto da jovem esperança. O coração de todas as pessoas se transformou em seu lar, e ela assumiu o trono de soberana de nossas vidas em todos os lugares. Foi endeusada e adorada, declarada incorruptível e eterna. Como todos os outros presentes do Criador da Humanidade, porém, ela é mortal. A vida dela chega ao fim. Cuidamos dela, protegemos sua existência bruxuleante. Ela decaiu da juventude para a decrepitude, da saúde para a doença incurável. Mesmo tendo nos esforçado na luta por sua recuperação, ela morreu. Que a notícia se espalhe por todas as nações: a esperança está morta! Somos apenas enlutados em seu cortejo fúnebre. Que essência imortal ou criação precívél se negaria a se unir à triste procissão que acompanha ao túmulo a morta confortadora da humanidade?

*O sol não recolhe sua luz? E o dia  
Como um breve suspiro definha e chia  
Ambos envolvendo em nuvens sua luz sem igual  
para acompanhar de perto o funeral.*

# **VOLUME 3**

Você não escuta o som retumbante da tempestade que se aproxima? Não vê as nuvens se abrindo e a destruição lúgubre e terrível se abatendo sobre a terra arruinada? Não vê os relâmpagos despencando? Não se ensurdece com o berro que segue a descida? Não sente a terra tremer e se abrir com gemidos agonizantes enquanto o ar se enche de gritos e lamentos, todos anunciando os derradeiros dias da humanidade? Não! Pois nada disso acompanhou nossa queda! O ar agradável da primavera, exalado pelo lar ambrosíaco da natureza, envolvia toda a terra, que acordara como uma jovem mãe prestes a apresentar orgulhosa ao companheiro seus belos descendentes após uma longa ausência deste. Os brotos enfeitavam as árvores, as flores adornavam o solo. Os troncos escuros, inchados com fluidos da estação, brotavam em folhas. A variada folhagem da primavera, pendendo e chacoalhando à brisa, regozijava-se no calor agradável do paraíso desvelado. Os riachos corriam murmurando, o mar não exibia nenhuma onda, e os promontórios que se erguiam acima dele eram refletidos nas águas plácidas. Os pássaros acordavam nos bosques, onde alimentos abundantes para humanos e feras brotavam do chão escuro. Onde estavam a dor e o mal? Certamente não no ar calmo ou no oceano morno, tampouco nas florestas ou nos campos férteis. Não estavam também em meio aos pássaros que enchiam os bosques de trinados nem nos animais que repousavam ao sol em meio à abundância. Nossa inimiga, tal qual a Calamidade de Homero, pisoteava nossos corações, mas seus passos não emitiam som nenhum.

*Com males, a terra abunda, assim como o mar,  
Doenças perseguem nossa frágil humanidade,  
De dia, de noite, casualmente pairam  
Silenciosos — uma voz que o poder, sábio, negou.*

A humanidade já foi a obra preferida do Criador, como cantava o salmista real:  
“Deus fez os homens um pouco inferiores aos anjos e os coroou com glória e

honra. Deus os fez de forma a dominar sua obra com as mãos e ter todas as outras coisas sob seus pés”. E algum dia foi assim... Mas como podemos ser os senhores da criação agora? Olhe para nós! Só é possível ver a praga! Ela assumiu a forma do homem, encarnou-se em seu corpo, entrelaçou-se com seu ser e cegou os olhos que buscavam o paraíso. Deite-se, ó humanidade, na terra coberta de flores. Abra mão de qualquer reivindicação de sua herança — tudo o que possui agora é uma pequena câmara mortuária. A praga vem junto à primavera, com o sol e a abundância. Não mais lutamos contra ela. Esquecemos o que fazíamos antes dela. Antigamente, navegavam pelo gigante oceano entre o Indo e o Polo atrás de artigos de luxo. Homens saíam em perigosas jornadas para conquistar as esplêndidas ninharias da terra, suas pedras preciosas e seu ouro. A força de trabalho humana era desperdiçada — a vida humana não tinha valor nenhum. Agora, vida é tudo o que almejamos. Tudo o que queremos é que essa máquina de carne, com suas conexões e peças em ordem, execute suas funções — que essa morada da alma seja capaz de abrigar sua habitante. Nossas mentes, antes espalhadas em inúmeras esferas e incontáveis combinações de pensamentos, agora se escondiam atrás daquela muralha de carne, ansiosas por preservar apenas o próprio bem-estar. Estávamos consideravelmente degradados.

A princípio, o aumento da doença durante a primavera fez com que o fardo sobre nós, que ainda vivíamos, ficasse mais pesado, obrigando-nos a destinar tempo e pensamentos aos nossos semelhantes. Criávamos coragem para encarar a tarefa — “em meio ao desespero, executávamos nossas tarefas de esperança”. Seguíamos com resolução de contestar nossa inimiga. Ajudávamos os doentes e confortávamos os sofredores. Voltando-nos da multidão de mortos para encarar os raros sobreviventes, e com uma energia desejosa que continha semelhanças com o poder, ordenávamos: vivam! Enquanto isso, a praga prosperava e ria com escárnio para nós.

Vocês, pessoas que me leem, por acaso já observaram as ruínas de um formigueiro depois de sua destruição? No começo, parece que todas as antigas habitantes o abandonaram. Depois de um tempo, porém, é possível ver uma formiga se arrastando pelo monte desmoronado, e por fim as outras vão aparecendo de duas ou três, correndo de um lado para o outro à procura das companheiras perdidas. Assim estávamos sobre a terra, tentando lutar contra os efeitos da peste. Nossos lares continuavam de pé, mas seus antigos habitantes agora se agrupavam sob as sombras das lápides.

Conforme as amarras da ordem e a pressão das leis se perdiam, algumas pessoas começavam a hesitar e a cogitar transgredir os acordos usuais da sociedade. Palácios acabaram ficando desertos, e não demorou muito para que pobres homens, livres

de repressões, invadissem os esplêndidos aposentos cujo conteúdo era um mundo desconhecido para eles. Quando os limites da propriedade privada caíram por terra, descobriu-se que, embora a princípio a interrupção da circulação de propriedade tivesse reduzido aqueles antes apoiados pelas falsas necessidades da sociedade a uma pobreza súbita e hedionda, os produtos do trabalho humano eram mais, muito mais numerosos do que a geração minguada era capaz de consumir. Para os mais pobres, isso era motivo de comemoração. Passamos a ser todos iguais: lares magníficos, carpetes luxuosos e camas macias passaram a ser acessíveis a todos. Carruagens e cavalos, jardins, pinturas, estátuas e bibliotecas nobres — havia inúmeros, a ponto de sobrarem. E não havia nada para evitar que as pessoas tomassem posse de uma parte para si. Éramos todos iguais, mas ao nosso alcance estava uma igualdade ainda mais niveladora — um estado onde ter beleza, força e sabedoria seria tão vão quanto ter riqueza ou linhagem. O túmulo se abria sob todos nós, e essa perspectiva impedia que qualquer um de nós aproveitasse a tranquilidade e abundância que tínhamos à ampla disposição.

Mas o rubor ainda não sumira do rosto de meus filhos, e Clara crescia em idade e tamanho, imaculada pela doença. Não tínhamos razões para acreditar que o local do castelo de Windsor era particularmente saudável, pois várias outras famílias haviam perecido sob nosso teto, mas vivíamos sem tomar precauções exaltadas — em aparente segurança. Se Idris ficava magra e pálida, era por causa da ansiedade — uma ansiedade que eu não era capaz de aliviar de forma alguma. Ela nunca reclamava, mas ficava sem sono e sem fome, uma febre morosa se alimentava de sua pulsação, a coloração de sua tez oscilava, e ela constantemente chorava às escondidas. Prognósticos sombrios, preocupação e um medo agonizante devoravam o princípio da vida que havia dentro dela. Não falhei em perceber essas mudanças. Com frequência eu desejava tê-la permitido seguir seu próprio curso, trabalhando para garantir o bem-estar de outras pessoas, pois pelo menos isso poderia ter distraído seus pensamentos. Mas já era tarde demais. Além disso, com a proximidade da extinção da raça humana, nossas tarefas haviam chegado perto do máximo que podíamos suportar, e ela ficara muito fraca. Assim como acontecera com Adrian, a tuberculose, se é que era o caso — ou ainda, a vida agitada dentro dela — consumia sua energia vital logo cedo, privando seus membros de força. À noite, quando conseguia se afastar despercebida de mim, ela perambulava pelo castelo ou ficava debruçada sobre os filhos em suas camas. Durante o dia, mergulhava em um sono perturbado, enquanto murmúrios e sobressaltos denunciavam os sonhos inquietos que a afligiam. Conforme esse estado de miséria ficava mais e mais certo, e a despeito das tentativas de esconder o que se passava, eu me esforçava, embora em vão, para despertar nela a coragem e a esperança. Não



duvidava da intensidade de sua preocupação, mas ela era terna até na alma. Ela acreditava mesmo que não viveria mais do que o marido caso eu fosse vítima daquela grande calamidade, e esse pensamento às vezes a tranquilizava. Por muitos anos, caminhamos de mãos dadas pela estrada da vida. Ainda conectados, iríamos adentrar a escuridão da morte. Seria de algum conforto, porém, se nossos filhos — nossos meninos amados, brincalhões e divertidos, nascidos do próprio ventre de Idris, parte de sua própria existência e repositórios de seu amor — seguissem o curso da vida, mesmo depois que morrêssemos. Mas não seria assim. Por mais jovens e frescos que fossem, eles também morreriam. Seriam privados da esperança de amadurecer, do orgulho de poder falar que haviam se tornado homens. Não raro, com uma afeição maternal, ela tentava imaginar os méritos e talentos que eles exibiriam no amplo palco da vida. Infelizmente, aqueles eram os dias derradeiros! O mundo envelhecera, e todos os seus habitantes compartilhavam sua decrepitude. Por que falar de infância, vida adulta e velhice? Todos participávamos dos últimos espasmos da natureza destroçada pelo tempo. Chegávamos ao mesmo ponto da idade do mundo, não havia diferença nenhuma entre nós. Os títulos de pais e filhos haviam perdido seu significado: meninos e meninas estavam no mesmo nível dos adultos. Isso tudo era verdade, mas levar essa admoestação para casa não tornava as coisas menos agonizantes.

Para onde poderíamos nos voltar e não ver a desolação repleta de exemplos terríveis? Os campos não eram mais cultivados, e ervas daninhas e flores coloridas brotavam do solo. Nos poucos campos de trigo que ainda davam certa esperança aos camponeses, o trabalho fora deixado pela metade, e o semeador morrera junto às sementes. Os cavalos haviam abandonado o arado, e nenhum camponês ousava se aproximar dos mortos. O gado solto vagava pelos campos e pelas vias. As mansas habitantes dos galinheiros, desprovidas da alimentação diária, haviam se tornado selvagens. Jovens cordeiros pastavam nos jardins, e as vacas pareciam viver no paraíso. Os camponeses, poucos e adoentados, não saíam nem para plantar, nem para colher. Em vez disso, vagavam pelos prados ou repousavam sob as moitas, isso quando o céu inclemente não os obrigava a buscar abrigo debaixo do teto mais próximo. Muitos dos que haviam sobrado se isolavam. Alguns haviam preparado estoques que os impediriam de precisar sair de casa. Outros abandonavam esposa e filhos, imaginando que estariam mais seguros sozinhos. Esse fora justamente o plano de Ryland, mas ele foi encontrado morto e meio devorado por insetos em uma casa muito isolada de qualquer outra, com pilhas abandonadas de comida. Outros faziam longas viagens para se reunir com entes queridos, mas, ao chegar lá, encontravam-nos mortos.

Londres não tinha mais do que mil habitantes, e esse número diminuía cada vez mais. A maioria deles eram pessoas do campo que haviam procurado a cidade atrás de mudança. Os próprios londrinos haviam fugido para o interior. A parte mais a leste da cidade estava silenciosa. O máximo que se ouvia — parte por ganância, parte por curiosidade — eram relatos de que os armazéns haviam sido mais vasculhados do que pilhados, deixando fardos de produtos indianos, tecidos caros, joias e temperos desembalados e espalhados pelo chão. Em alguns lugares, o proprietário fora a última pessoa responsável por cuidar das lojas, e havia morrido atrás dos portões fechados. Os enormes portais das igrejas pendiam nas dobradiças, e alguns jaziam jogados ao chão. Mulheres deploráveis, vítimas sem amor da brutalidade vulgar, haviam entrado nos quartos das beldades bem-nascidas e se arrumado com garbo e esplendor, morrendo diante de espelhos que refletiam apenas para elas a nova aparência. Mulheres cujos pés delicados mal haviam tocado o chão de tanto luxo em suas vidas haviam fugido de susto e medo de seus lares, até que, perdidas nas ruas estreitas da metrópole, morreram no território da pobreza. O coração vacilava diante da diversidade de tristezas presenciadas. Quando eu via um exemplar dessa mudança sombria, minha alma doía com o medo de que o mesmo destino se abatesse sobre minha amada Idris e meus filhinhos. Será que eles, Adrian e eu acabaríamos todos desprotegidos no mundo? Até o momento, porém, era apenas a imaginação que sofria. Será que eu seria capaz de adiar ao máximo o momento em que a forma delicada e os nervos sensíveis das crias de minha prosperidade, assim como os da portadora do título e da fortuna que era minha companheira, seriam acometidos pela fome, dificuldade e doença? Seria melhor morrer de uma vez — seria melhor que eu a apunhalasse no peito enquanto ainda estivesse intocada pela terrível adversidade, e depois fizesse o mesmo comigo! Mas não. Em tempos de tristeza, devemos lutar contra nosso destino e fazer todos os esforços para não sermos sobrepujados por ele. Eu não me entregaria. Pelo contrário: até meu último suspiro, defenderia meus amores resolutamente contra o sofrimento e a dor. Se enfim eu fosse derrotado, não seria sem glória. Eu estava no gargalo, resistindo ao avanço da inimiga — a inimiga impalpável e invisível que tanto nos sitiara —, mas ela ainda não encontrara brechas. Minha missão era que ela não encontrasse nenhuma, e que não minasse nossas defesas em segredo para enfim surgir já na soleira do templo do amor, em cujo altar eu colocava sacrifícios diários. A fome da Morte agora parecia mais intensa conforme seu alimento diminuía — ou será que antes, como havia muitos sobreviventes, as mortes eram contabilizadas com menos atenção? A vida se transformara em uma pedra preciosa, e cada ser humano que respirava era mais valioso — muito mais valioso! — do que a mais delicada escultura na pedra. As perdas visíveis que sofríamos em um dia, ou

melhor, em uma hora, enchiam nosso coração de uma tristeza repugnante. Aquele verão extinguiu nossas esperanças. O navio da sociedade estava naufragando, e o bote furado que carregava os poucos sobreviventes pelo mar de misérias era dilacerado e agitado pela tempestade. As pessoas viviam em grupos de dois ou três. O ser humano, indivíduo que dormia, acordava e realizava suas funções animais ainda estava lá, mas a criatura que, embora fraca, era mais poderosa do que o vento ou o oceano — dominadora dos elementos, senhora da natureza, semelhante dos semideuses — não existia mais.

Adeus às cenas patrióticas, ao amor pela liberdade e à merecida recompensa da aspiração virtuosa! Adeus ao senado lotado, barulhento com os conselhos dos sábios cujas leis eram mais afiadas do que a lâmina temperada em Damasco! Adeus à pompa majestosa e à ostentação bélica — as coroas estavam largadas no chão, e quem as usava estava no túmulo! Adeus ao desejo de governar, à esperança de vencer, à ambição elevada, à fome de glória e ao anseio de ver o sufrágio de seus semelhantes! Nações não existem mais! Não há reuniões do senado entre os mortos, nem descendentes de uma dinastia antes honrada para governar os habitantes do cemitério. A mão do general está gelada, e o soldado teve seu derradeiro túmulo cavado na terra nativa depois de ter morrido jovem e sem honrarias. O mercado está vazio, o candidato que procura fazer favores à população não encontra ninguém para representar. Aos salões de festa, adeus! Às folias da madrugada, às maquiagens que tentavam emular a beleza, às vestes caras, às festas de aniversário, aos títulos e às coroas adornadas, adeus!

Adeus aos poderes gigantes da humanidade: adeus ao conhecimento que é capaz de pilotar barcaças pesadas até as águas abertas em meio ao oceano, à ciência que direciona o balão de tecido pelo ar sem estradas, ao poder que é capaz de barrar as águas poderosas e mover rodas, eixos e máquinas, de quebrar rochas de granito e mármore, até de aplanar montanhas!

Adeus às artes! À eloquência, que é para a mente humana o mesmo que o vento é para o mar, agitando-a e depois a empurrando. Adeus à poesia e à filosofia, pois a imaginação está gélida, e a mente curiosa não é mais capaz de discorrer sobre as maravilhas do mundo, uma vez que “não há obras, dispositivos, conhecimentos e sabedorias na cova para a qual vais!”. Adeus às construções graciosas, que em proporção perfeita transcendem as rudes formas da natureza, aos adornos góticos, aos gigantescos prédios sarracenos, aos arcos estupendos e aos domos gloriosos, às colunas plissadas de ordem coríntia, jônica ou dórica, ao peristilo, ao belo entablamento cuja harmonia de forma é como música aos ouvidos! Adeus às esculturas, às imitações de mármore da pele humana e da expressão plástica das excelências, templos dos deuses! Adeus às pinturas, aos sentimentos elevados e ao

conhecimento profundo da mente dos artistas aplicados sobre telas, às cenas paradisíacas onde as árvores são sempre primaveris e o ar ambrosíaco está sempre resplandecente. Ao registro da forma da tempestade e à representação do mais louco celeuma natural paralisado em uma imagem, adeus! Adeus à música e ao som das canções. Ao casamento dos instrumentos, onde a reunião dos sons suaves e intensos criam doce harmonia e dão asas aos ouvintes arfantes, dispostos a se elevarem até o paraíso e descobrirem os prazeres ocultos dos eternos! Adeus ao palco movimentado, à tragédia real encenada diante da ampla paisagem do mundo, que supera em muito o luto simulado. À elevada comédia e ao baixo bufão, adeus! A humanidade não mais rirá. Que tristeza listar os adornos da humanidade, expondo através do que perdemos como supremamente grandioso o ser humano era. Nada disso existe mais. Agora jazemos solitários, como nossos ancestrais expulsos do Paraíso. Olhamos para trás, para o palco que acabamos de deixar. Entre nós e o palco, estão as altas paredes do túmulo e a espada flamejante da praga. Assim como a nossos primeiros ancestrais, a terra inteira se apresenta diante de nós, um vasto deserto. Sem apoio e fracos, vagaremos pelos campos onde o milho não colhido se estende em uma abundância estéril, passaremos pelos corpos enterrados de nossos pais e pelas cidades construídas para nosso uso. Não há mais posteridade. Fama, ambição e amor são palavras ausentes de sentido. Assim como o gado que pasta do campo, você, criatura abandonada, jaz largada na maré da madrugada, negligente quanto ao futuro, de cujo fardo apenas a ignorância será capaz de aliviá-la!

A alegria pinta com seus próprios tons cada ato e pensamento. As pessoas alegres não sentem a pobreza, pois o deleite é como uma veste tecida em ouro, coroando quem o sente com inestimáveis pedras preciosas. A diversão serve de cozinheira para seu lar agradável, intoxicando-nos com um simples gole de sua bebida. A alegria cobre a cama dura com rosas e torna o trabalho mais fácil.

O sofrimento dobra o peso nas costas daqueles já curvados sob seu fardo, planta espinhos no travesseiro firme, mistura fel à água e acrescenta sal ao pão amargo, veste as pessoas de trapos e espalha cinzas sobre a cabeça nua destas. Quando sofremos irremediável angústia, cada pequena e irrisória inconveniência parece nos atingir com força dobrada. Mesmo que estejamos carregando o peso de Atlas sobre os ombros, cedemos quando uma pena é depositada sobre eles, pois “o gafanhoto era um grande fardo”. Muitos dos sobreviventes haviam sido criados em meio ao luxo. Seus servos já haviam partido, e seus poderes de comando, desaparecido como sombras irreais. Os pobres sofriam ainda mais privações, e a ideia de outro inverno como o último afligia nossas mentes. Já não era suficiente morrermos? Precisávamos ser submetidos a ainda mais provações? Será que

precisávamos preparar a refeição de nosso funeral com cuidado e, com esforço indecoroso, alimentar as lareiras vazias? Será que precisávamos, com mãos servis, fabricar as vestes que logo se tornariam nossas mortaldas?

De jeito nenhum! Se íamos morrer, que pelo menos aproveitássemos ao máximo o restante da vida que tínhamos. Fora, preocupação sórdida! Fora, trabalhos braçais e dores que, pequenas sozinhas, mas gigantes para nossa força já exaurida, não farão parte de nossa existência efêmera! No princípio dos tempos, quando — como agora — as pessoas viviam em famílias, e não em tribos ou nações, elas viviam em um clima agradável, onde a terra as alimentava sem que tivessem conhecimento dos processos, e o ar ameno cercava seus corpos em repouso com um calor mais agradável do que o da cama em que se deitavam. O sul é o lugar nativo da raça humana, a terra das frutas, mais generosas aos homens do que os cereais difíceis de se obter do norte — ou do que as árvores, cujos ramos formam tetos de palácios, ou do que flores de rosas, ou do que as uvas que aplacam a sede. No sul, não precisamos temer o frio e a fome.

Olhem para a Inglaterra! A grama cresce alta nos prados, mas eles são úmidos e frios, solo inadequado para nós. Não temos milho, e frutos crus não são o suficiente para nos sustentar. Precisaremos procurar abrigo no interior da terra, senão a atmosfera cruel nos encherá de reumas e dores. Apenas o trabalho de centenas de milhares poderia transformar este recanto inclemente em habitação para a humanidade. Vamos para o sul, então, na direção do sol! Onde a natureza é gentil, onde Jove espalhou o conteúdo da cornucópia de Amalteia e a terra é um grande jardim.

Inglaterra, tardio berço da excelência e escola dos sábios — seus filhos se foram, sua glória desvaneceu! Você, Inglaterra, era o triunfo do homem! Poucos benefícios lhe foram concedidos pelo Criador, ó Ilha do Norte. É como uma tela natural, pintada pelo homem com cores artificiais, mas esses tons se perderam e nunca mais serão pintados novamente. Assim, devemos deixá-la, ó maravilha do mundo. Devemos nos despedir das nuvens, do frio e da escassez para sempre! Seu coração viril persiste, com seu conto de poder e liberdade junto dele! Ó ilhota! Sem homens, as ondas do oceano irão golpeá-la e as asas dos corvos baterão acima de sua terra. O solo dará origem a ervas daninhas, e o céu servirá de teto para a aridez. Não foi pela rosa da Pérsia que se tornou famosa e nem pela banana do leste. Não foi pelas especiarias da Índia, nem pelo açúcar da América, nem por suas vinhas ou colheitas duplas, nem pelo ar ou sol primaveris — foi pelos seus filhos e pela diligência incansável e elevada aspiração. Eles partirão, e com eles você trilhará o caminho que leva ao esquecimento.

*Adeus, triste ilha, adeus! Sua glória final  
foi contabilizada e dimensionada, e seu papel nesta história termina aqui.*

## II

No outono daquele ano de 2096, o espírito de migração se infiltrou entre os poucos sobreviventes. Vindos de várias partes da Inglaterra, encontraram-se em Londres. Esse espírito existia como um sopro, um desejo, um pensamento distante — até ser comunicado para Adrian. Ele absorveu a ideia com ardor, e instantaneamente passou a fazer planos para sua execução. O medo da morte imediata sumiu diante dos calores de setembro. Outro inverno nos aguardava, e precisávamos decidir como passar por ele da forma mais vantajosa possível. Talvez, sob a ótica da filosofia racional, nenhuma estratégia seria melhor do que o esquema de migração, que nos tiraria do alcance imediato da inimiga e nos levaria a terras agradáveis e pitorescas, um bálsamo em tempos de desespero. Assim que a ideia surgiu, todos ficaram impacientes para colocá-la logo em prática.

Ainda estávamos em Windsor. Nossas esperanças renovadas remediavam a angústia que havíamos sofrido com as tragédias recentes. A morte de várias pessoas instaladas conosco havia nos dissuadido da apegada ideia de que o castelo de Windsor era um local sagrado protegido da praga. Mas nosso contrato com a vida fora renovado por alguns meses, e mesmo Idris ergueu a cabeça como um lírio depois de uma tempestade, quando o último raio de sol tingiu seu alvo copo. Mais ou menos na mesma época, Adrian foi nos ver. Seu olhar ansioso revelava que ele tramava alguma coisa. Com pressa, foi ter comigo em particular e revelou rapidamente seus planos de deixar a Inglaterra.

Ir embora da Inglaterra para sempre! Deixar seus campos e bosques poluídos e, colocando um oceano entre nós, abandoná-la, como um marinheiro deixa as pedras onde se abrigou depois de um naufrágio enquanto o navio de salvamento se aproxima. Era esse o plano dele.

Deixar o país de nossos pais, feito sagrado por seus túmulos! Não era a mesma coisa que o exílio voluntário de um idoso, que por prazer e conveniência deixa para trás seu território nativo — pois, mesmo que milhares de milhas os separem, a Inglaterra continua sendo parte dele, assim como ele dela. Adrian ouviu sobre os

acontecimentos do dia. Sentia que, se depois quisesse voltar e reassumir seu lugar na sociedade, encontraria as portas abertas. O desejo de se cercar novamente das companhias e dos hábitos da infância era tudo o que precisaria. Não era possível dizer o mesmo sobre os outros. Não deixaríamos ninguém para nos representar, ninguém para voltar a popular a terra deserta, e o nome da Inglaterra morreria quando a deixássemos,

*Na busca vadia por uma segurança atroz.*

Mesmo assim, partiremos! A Inglaterra já está coberta por sua mortalha, e não devemos nos acorrentar a um cadáver. Vamos! O mundo é nossa pátria agora, e escolheremos como residência seu mais fértil terreno. Devemos nos sentar nos salões desertos sob o céu invernal, de olhos fechados e mãos sobre o colo, esperando a morte? Melhor sairmos para encontrá-la corajosamente! Ou talvez este orbe flutuante — esta pedra precisa no diadema do sol — não necessariamente esteja tomado pela praga. Talvez, em algum recanto escondido, em meio à primavera eterna, às árvores farfalhantes e aos riachos sinuosos, possamos encontrar a Vida. O mundo é vasto, e, embora seus muitos campos e seus amplos bosques pareçam intermináveis, a Inglaterra é apenas uma parte dele. Ao final de um dia de marcha sobre altas montanhas e através de vales nevados, talvez encontremos a saúde. E, entregando nossos entes queridos a ela, possamos replantar a árvore da humanidade e propagar a história do povo que lutou contra a peste, dos heróis e sábios de uma época em que as coisas eram diferentes.

A esperança já acena, e o sofrimento nos exorta. Nosso coração bate cheio de expectativa, e o desejo ansioso por mudança certamente é um sinal de nosso sucesso. Vamos! Adeus, mortos! Adeus, túmulos das pessoas que amamos! Adeus, gigante Londres e plácido Tâmis, rios e montanhas distantes, terra natal dos sábios e dos bons, floresta de Windsor e seu antigo castelo — adeus! Agora, serão apenas temas para histórias, pois devemos viver em outro lugar.

Em parte, esses eram os argumentos de Adrian, tomado pelo entusiasmo e por uma velocidade sem igual. Mas havia mais alguma coisa em seu coração, algo que ele não ousava colocar em palavras. Ele sentia que o fim dos tempos estava próximo, sabia que, um por um, seríamos reduzidos a nada. Não era recomendável aguardar por essa triste consumação em nosso país nativo. Viajar, por outro lado, nos daria um objetivo diário, que distrairia nossos pensamentos da aproximação rápida do fim das coisas. Se fôssemos à Itália, à sagrada e eterna Roma, talvez pudéssemos nos submeter com maior paciência ao mesmo destino que tombara suas poderosas torres. Poderíamos perder nosso luto egoísta em meio à aparência



sublime da desolação da cidade. Adrian pensava em tudo isso, mas também pensava em meus filhos. Em vez de compartilhar comigo essas ideias de desespero, recorreu à imagem da saúde e da vida que poderíamos encontrar — não sabíamos onde, não sabíamos quando. Porém, mesmo que nunca a encontrássemos, ainda assim a buscaríamos para sempre. Ele me conquistou, de coração e alma.

E me ocorreu revelar nossos planos para Idris. As imagens de saúde e esperança que apresentei a ela fizeram com que, com um sorriso, ela também concordasse. Com um sorriso, ela concordou em deixar seu país, do qual nunca saíra antes, local onde morara desde a infância. As florestas e poderosas árvores, as trilhas em meio aos bosques e os recantos verdes onde ela brincara e em meio aos quais passara a juventude com tanta alegria. Deixaria tudo isso sem arrependimento, pois tinha a esperança de que, assim, preservaria a vida de seus filhos. Eles eram sua vida. Valiam mais do que um local de amor consagrado, mais do que qualquer outra coisa que havia na terra. As crianças receberam com uma alegria infantil as notícias de nossa viagem. Clara perguntou se passaríamos por Atenas.

— Há essa possibilidade — respondi, e seu semblante ficou radiante de prazer. Lá ela poderia visitar o túmulo dos pais e o território tão repleto de lembranças da glória de seu progenitor. Em silêncio, mas de imediato, ela pareceu mergulhar nessas cenas. Foi a memória delas que fez sua alegria infantil se transformar em seriedade e encheu sua mente de pensamentos elevados e agitados.

Havia muitos companheiros queridos que não deixaríamos para trás, por mais humildes que fossem. Havia também a montaria espirituosa e obediente que lorde Raymond dera à filha, o cão de Alfred e uma águia de estimação cuja visão decaíra por conta da idade. Era impossível, porém, fazer a listagem de pessoas e animais que levaríamos conosco sem pensar com tristeza em nossas piores perdas, sem soltar um profundo suspiro pelos vários que deixaríamos para trás. As lágrimas escorreram dos olhos de Idris quando Alfred e Evelyn levaram até ela sua roseira preferida, plantada em um vaso de mármore belamente esculpido, insistindo que ela fosse conosco e dizendo que seria uma pena não podermos levar também o castelo e a floresta, os cervos e os pássaros, além de todos os objetos de que tanto gostávamos.

— Como são bobinhos e carinhosos — disse eu. — Perdemos para sempre tesouros muito mais preciosos do que esses, que abandonamos para preservar outros diante dos quais esses não são nada. Que nem por um momento esqueçamos nosso objetivo e nossa esperança. Eles formarão uma barreira intransponível para conter o transbordamento de nossa pena por estarmos perdendo ninharias.

As crianças se distraíram rápido, e logo voltaram à perspectiva da diversão futura. Idris havia desaparecido. Afastara-se para esconder a tristeza — escapando do castelo, descera até o pequeno parque à procura de um lugar solitário onde pudesse se entregar às lágrimas. Encontrei-a abraçando um velho carvalho, beijando o tronco áspero com lábios corados enquanto lágrimas caíam abundantemente e soluços e exclamações alquebradas não podiam ser contidos. Com uma dor penetrante, testemunhei a amada de meu coração perdida em sofrimento! Puxei-a para junto de mim. Quando sentiu meus beijos em suas pálpebras e meus braços em volta dela, voltou a se lembrar do que ainda tinha.

— Você é muito gentil por não me repreender — disse. — Estou chorando, e uma pontada amarga de dor intolerável dilacera meu coração. Mesmo assim, estou feliz. Mães lamentam a perda dos filhos, e esposas, a dos maridos, mas você e meus filhos ainda estão aqui. Sim, estou feliz, muito feliz por poder chorar uma dor imaginária e perceber que a dor menor de perder meu amado país não é diminuída ou aniquilada pela miséria maior. Leve-me para onde quiser, pois onde estiverem você e meus filhos, Windsor também estará, e qualquer país será a Inglaterra para mim. Deixe estas lágrimas caírem não por mim, feliz e ingrata como sou, mas pelo mundo morto, pelo declínio de nosso país e por todo o amor, toda a vida e toda a alegria agora sufocados na câmara empoeirada da morte.

Ela falava rápido, como se tentasse me convencer de alguma coisa. Desviou o olhar das árvores e das trilhas na floresta que tanto amava, escondendo o rosto no meu peito, e nós dois — sim, pois minha firmeza masculina se desfez — choramos juntos lágrimas de consolo. Depois, de maneira calma — ou melhor, de maneira quase alegre — voltamos ao castelo.

A chegada dos primeiros sinais do clima frio na Inglaterra, ainda em outubro, fez com que acelerássemos nossos preparativos. Persuadi Idris para ir até Londres, onde ela poderia cuidar melhor das providências necessárias. Não contei a ela que, para nos poupar da dor da despedida de objetos inanimados, agora as únicas coisas que nos restavam, eu havia decidido que nenhum de nós voltaria a Windsor. Pela última vez, olhamos a ampla extensão de terra visível do terraço e vimos os últimos raios de sol tingirem as massas escuras de floresta matizadas por tons outonais. Apreciamos os campos não cultivados e os chalés cujas chaminés não emanavam fumaça nenhuma serem cobertos pelas sombras lá embaixo. Vimos também o Tâmis sulcando a planície aberta, e a venerável construção do colégio de Eton, que se erguia proeminente em uma tranquilidade sombria. Os trinados da miríade de gralhas que viviam nas árvores do pequeno parque e que disparavam para seus ninhos em colunas ou bandos numerosos quebravam o silêncio do fim da tarde. A natureza permanecia a mesma de quando era a mãe gentil da raça humana.

Desamparada e sem sua prole, sua fertilidade era uma zombaria, e seu amor era como uma máscara que cobria deformidades. Por que a brisa ainda balançava as árvores, se não havia ninguém para sentir seu frescor? Por que a noite ainda se adornava de estrelas, se não havia ninguém para vê-las? Por que ainda havia frutos e flores ou regatos, se não havia ninguém para aproveitá-los?

Idris estava ao meu lado, a mão entrelaçada à minha. Seu rosto irradiava um sorriso.

— O Sol está sozinho — disse ela —, mas nós não. Nascemos sob os auspícios de astros estranhos, meu Lionel. Com tristeza e desgosto assistimos à aniquilação da humanidade, mas ainda temos um ao outro. Em todo o enorme mundo, há por que procurar outra pessoa que não você? E, se em todo o enorme mundo você ainda existe, então por que deveria eu reclamar? Você e a natureza ainda são o que importa para mim. Sob as sombras da noite, e através do dia cuja luz espalhafatosa desvela nossa solidão, você ainda estará ao meu lado, e nem de Windsor sentirei falta.

Eu escolhera viajar para Londres à noite, pois assim as mudanças e a desolação do país seriam menos visíveis. Nossos últimos servos ainda vivos foram conosco. Descemos a colina íngreme e adentramos a escura avenida do Long Walk. Em tempos como aqueles, circunstâncias minúsculas assumem proporções gigantescas e majestosas: a simples abertura do portão que nos levava à floresta chamou minha atenção, e eu pensei em como aquele ato cotidiano nunca mais se repetiria! A forma crescente da lua brilhava por entre as árvores fechadas à nossa direita. Quando adentramos o parque, assustamos um bando de cervos, que fugiu saltitando na direção das sombras da floresta. Nossos filhos dormiam em silêncio. Uma única vez, antes que a via que levava ao castelo desaparecesse de vista, olhei para trás e o encarei. As janelas brilhavam com o luar, e a silhueta pesada da construção se destacava escura contra o céu. As árvores à nossa volta entoavam um solene canto fúnebre ao sabor da brisa da madrugada. Idris se apoiou novamente no banco da carruagem. Com as duas mãos, pressionava a minha. Tinha o semblante plácido e parecia não ligar para o que deixávamos para trás quando se lembrava do que ainda possuía.

Meus pensamentos eram tristes e solenes — mas não se resumiam ainda à dor absoluta. A própria abundância de nossa miséria carregava consigo certo alívio, conferindo sublimidade e elevação ao sofrimento. Eu sentia que carregava comigo aqueles que mais amava. Estava feliz de estar indo me juntar a Adrian, dessa vez para nunca mais nos separarmos. Sentia que deixara para trás o que eu amava, não o que me amava de volta. As muralhas do castelo e as árvores familiares não ouviam com tristeza o som de despedida das rodas de nossa carruagem. E embora eu

sentisse Idris a meu lado e ouvisse a respiração regular de meus filhos, era impossível não ficar chateado. Clara estava muito tocada. Com os olhos úmidos, contendo os soluços, ela se inclinou perto da janela para ter um último vislumbre de sua nativa Windsor.

Adrian nos recebeu quando chegamos. Ele era pura animação. Era impossível distinguir em sua aparência saudável o antigo sofrimento hipocondríaco. Quem visse seu sorriso e ouvisse seu tom de voz jovial jamais diria que estava prestes a tirar de seu país nativo os habitantes remanescentes da nação inglesa — pessoas que levaria até os reinos desabitados do sul, onde um por um todos morreriam até que O ÚLTIMO HOMEM restasse em um mundo silencioso e vazio.

Adrian estava impaciente com nossa partida, e adiantara seus preparativos. Sua sabedoria guiava a todos. Seu cuidado era a alma que fazia a desafortunada multidão avançar, confiando plenamente nele. Era inútil levar coisas demais, pois encontraríamos provisões abundantes em cada cidade pelas quais passássemos. O desejo de Adrian era evitar ao máximo o trabalho, dando àquela procissão funerária uma aparência festiva. Estávamos em pouco menos de duas mil pessoas. Não estavam todas reunidas em Londres, mas todos os dias mais e mais chegavam. Aquelas que moravam nas cidades vizinhas haviam recebido, no dia 20 de novembro, a ordem de se reunir em um só lugar. Carruagens e cavalos foram providenciados para todas as pessoas. Líderes e alguns oficiais subordinados foram designados, e todo o grupo foi organizado. Todos obedeciam ao lorde protetor da moribunda Inglaterra. Todos o admiravam. Seu conselho, com cerca de cinquenta membros, foi escolhido. Não foi a distinção ou o cargo ocupado por cada pessoa que determinou a eleição. Não havia cargos entre nós além daqueles atribuídos pela benevolência e pela prudência, e nenhuma distinção além daquela entre vivos e mortos. Embora estivéssemos ansiosos para deixar a Inglaterra antes da pior época do inverno, não partimos imediatamente. Pequenos grupos de busca foram enviados para várias partes do país em busca de pessoas desgarradas — não partiríamos até garantir que não havia a probabilidade de estarmos deixando alguém para trás.

Ao chegar em Londres, descobrimos que a velha condessa de Windsor estava morando com o filho no palácio do Protetorado, então nos hospedamos em nossa paragem costumeira perto do Hyde Park. Idris, pela primeira vez em muitos anos, viu a mãe, ansiosa em descobrir se a puerilidade da idade avançada não havia se juntado ao orgulho ferido para fazer com que a dama de alta estirpe ainda estivesse tão indisposta comigo. A idade havia enrugado seu rosto e encurvado sua coluna, mas ela ainda tinha olhos brilhantes e modos igualmente autoritários. Recebeu a filha com frieza, mas demonstrou mais afeição quando abraçou os netos. Faz parte

da natureza humana querer que nossa linhagem e nossos pensamentos avancem pela posteridade através dos descendentes. No que tangia aos filhos, a condessa falhara nesse desígnio — talvez tivesse a esperança de que a próxima geração fosse mais dócil. Em certo momento, Idris disse meu nome casualmente. De imediato, a mãe franziu o cenho, fez um gesto convulsivo de raiva e, com a voz trêmula pelo ódio, disse:

— Não tenho mais serventia para este mundo. Os jovens já estão impacientes para me empurrar para fora da cena. Mas, Idris, caso não queria ver sua mãe falecer aos seus pés, nunca mais diga o nome dessa pessoa para mim. Posso suportar todo o resto, e já estou resignada quanto à destruição das minhas mais caras esperanças, mas é demais pedir que eu ame o instrumento ao qual a providência atribuiu propriedades assassinas dedicadas à minha destruição.

Esse era um discurso estranho: no palco vazio, cada um tinha espaço para desempenhar seu papel sem ser incomodado pelos demais. Mas a arrogante ex-rainha pensava como Augusto e Marco Antônio:

*Não podemos habitar juntos  
O mesmo mundo.*

Definimos a data de nossa partida: 25 de novembro. O clima estava temperado. Chuvas suaves caíam à noite, e durante o dia o sol invernal brilhava. Avançaríamos em grupos separados por rotas diferentes, e voltaríamos a nos unir todos em Paris. Adrian e sua divisão, que consistia em quinhentas pessoas no total, seguiriam na direção de Dover e Calais. No dia 20 de novembro, Adrian e eu cavalgamos uma última vez pelas ruas de Londres. Elas estavam tomadas pelo mato e desertas. As portas abertas das mansões abandonadas rangiam nas dobradiças, e ervas daninhas e sujeira haviam se acumulado rapidamente na soleira das casas. Os pináculos silenciosos das igrejas despontavam no ar limpo — elas estavam abertas, mas nenhuma oração era feita diante dos altares, e o mofo e a umidade já haviam deformado seus ornamentos. Pássaros e animais domésticos, agora sem lar, haviam construído ninhos e montado tocas nos lugares sagrados. Passamos pela catedral de São Paulo. O centro de Londres, que já se estendia por subúrbios em todas as direções, de alguma forma fora esvaziado, e muito do que antes cobria a visão da vasta construção já não existia mais. O volume compacto, as pedras enegrecidas e o domo alto faziam com que ela não parecesse um templo, mas sim um túmulo. Para mim, era como se, sobre seu pórtico, já estivessem gravadas as palavras da lápide da Inglaterra. Seguimos em direção ao leste, entretidos em uma conversa solene inspirada pelos tempos. Não se ouvia nenhum passo e não se via nenhuma forma

humana. Bandos de cães sem nenhum dono para guiá-los passaram por nós. Depois, um cavalo sem arreios e sem sela veio trotando em nossa direção e tentou chamar a atenção de nossas montarias, como se tentasse convencê-las a procurar a própria liberdade. Um touro pesado, que se alimentava em um silo abandonado, mugiu de súbito, e vislumbramos sua forma quase irreconhecível através de uma porta estreita. Tudo estava deserto, mas nada em ruínas. E essa mistura de prédios intactos e construções luxuosas em sua melhor forma contrastava com o silêncio solitário das ruas sem transeuntes.

A noite chegou, e começou a chover. Estávamos prestes a voltar para casa quando uma voz, uma voz humana, algo tão estranho de se ouvir naquelas circunstâncias, chamou nossa atenção. Era uma criança cantando uma música leve e alegre, e não era possível ouvir mais nada. Havíamos atravessado Londres do Hyde Park até aquele ponto, em Minories, e não havíamos encontrado ninguém. Não havíamos ouvido nenhuma voz ou som de passos. A cantoria foi interrompida por risadas e falatório. Nunca uma canção alegre fora tão destoante com a época, nunca o riso fora tão similar às lágrimas. A porta da casa de onde vinham os sons estava aberta, e os cômodos superiores pareciam iluminados para um banquete. Era uma casa grande e magnífica, na qual sem dúvida vivera algum rico mercador. A cantoria voltou, ecoando pelos altos salões enquanto subíamos silenciosamente pela escadaria. As luzes agora pareciam nos guiar, e um grande corredor cheio de salões iluminados nos deixou ainda mais surpresos. A única pessoa por ali, uma garotinha, dançava, valsava e cantava por entre os cômodos, seguida por um grande cão labrador que, com muita energia, pulava em volta dela e a interrompia, fazendo-a ora ralar com ele, ora se jogar no carpete para brincar com o animal. Ela estava vestida de forma grotesca, com vestes e xales adequados a uma mulher adulta, embora parecesse ter uns dez anos de idade. Paramos à porta e assistimos à estranha cena até que o cão nos notou, latindo alto. A menina se virou e também nos viu. O rosto dela, perdendo toda a alegria, assumiu uma expressão séria, e ela recuou como se estivesse planejando uma fuga. Avancei e segurei-a pela mão. Ela não resistiu — apenas ficou imóvel com a expressão fechada, tão estranha em um rosto jovem e tão diferente da alegria que antes expressava, os olhos fixos no chão.

— O que estão fazendo aqui?

— Quem é você? — perguntei, gentil.

Ela ficou em silêncio, mas tremia violentamente.

— Pobre criança... — lamentou Adrian. — Está sozinha?

Ele falou de forma tão suave que tocou o coração da menina. Ela olhou para ele e, arrancando a mão da minha, jogou-se em seus braços e agarrou-o pelo pescoço.

— Salve-me! Salve-me! — exclamou, com a seriedade pouco natural se desfazendo em lágrimas.

— Eu vou salvá-la — respondeu ele. — Mas do que tem medo? Não tema, minha amiguinha, não vamos lhe fazer mal. Está sozinha?

— Não, Leão está comigo.

— E seu pai e sua mãe?

— Nunca os tive. Eu morava em um orfanato. Todo mundo se foi há muitos e muitos dias. Mas se voltarem e me encontrarem, vão me dar uma bela surra!

Com essas poucas palavras, contou sua triste história: ela era uma órfã, acolhida em um suposto orfanato, maltratada e ofendida. Seus opressores haviam morrido, e, sem saber o que se passava, ficara sozinha. Não ousara sair a princípio, mas, conforme sua solidão se prolongou, recuperara a coragem, e sua vivacidade infantil a fizera inventar um milhão de faz de contas. Com seu companheiro canino, desfrutava de longas férias, temendo apenas a volta das vozes grosseiras e dos modos cruéis de seus supostos protetores. Ela aceitou prontamente ir com Adrian.

Durante todo aquele tempo, enquanto falávamos de sofrimentos alheios e de uma solidão que tocava mais nossos olhos do que nosso coração, enquanto imaginávamos todas as mudanças e todos os sofrimentos que haviam se desenrolado naquelas ruas antes lotadas, então desabitadas e abandonadas, transformadas em meros canis para cães e estábulos para o gado... Enquanto líamos a despedida do mundo no topo daquele templo escuro e nos cobríamos com as lembranças que tínhamos do que o mundo antes era para nós... Por todo aquele tempo...

Havíamos chegado de Windsor no começo de outubro, e agora estávamos em Londres havia seis semanas. Nesse tempo, dia após dia, a saúde de minha Idris declinara. Ela tinha o coração partido, não conseguia dormir nem comer — os servos escolhidos pela saúde estavam à espreita, cercando sua forma abatida. Ela passava o tempo observando os filhos ou sentada ao meu lado enquanto absorvia a cara persuasão que eu ainda exercia sobre ela. A vivacidade que fingia ter havia algum tempo, suas demonstrações afetuosas de alegria, seu tom de voz leve e sua animação primaveril não existiam mais. Ela não conseguia mais disfarçar, e muito menos esconder de mim, a tristeza que consumia sua vida. Ainda assim, com a mudança de cenário e as esperanças renovadas, ela ainda poderia se recuperar. Eu temia apenas a praga, e por ela minha esposa ainda não fora tocada.

Eu a deixara descansando naquela tarde, depois dos esforços dos preparativos. Clara se sentou ao lado dela para relatar algo sobre os meninos. Os olhos de Idris estavam fechados, mas Clara contava que percebera uma mudança súbita na aparência de nosso filho mais velho: suas pálpebras estavam caídas sobre os olhos,

um rubor não natural coloria seu rosto e sua respiração estava ofegante. Clara olhava para Idris. Esta dormia, mas se sobressaltou quando a menina terminou o relato. Com medo de acordar e alarmar a tia, Clara trouxera consigo o pequeno Evelyn, que parecia não entender o que estava acontecendo. Os olhos da garota iam de Alfred a Idris. Com a voz trêmula, continuou a explicar o que se passava até ver o menino começar a desmaiar. Dando um salto adiante para segurar o primo, Clara deu um grito, e Idris despertou de vez. Ela olhou para o filho. Viu a morte à espreita em seu semblante. Deitou-o em uma cama e levou água a seus lábios ressecados.

Mas ele poderia ser salvo. Se eu estivesse lá, ele poderia ser salvo. Talvez não fosse a praga. Sem um conselheiro, o que ela poderia fazer? Apenas assisti-lo morrer! Por que eu estava longe justo naquele momento?

— Fique de olho nele, Clara — exclamou ela. — Voltarei imediatamente.

Ela fez perguntas entre aqueles que, selecionados para irem conosco na jornada, haviam se instalado em nossa casa. Por eles, soube apenas que eu saíra com Adrian. Suplicou que fossem atrás de mim e voltou para o filho. Ele estava tomado por um aterrorizante estado de torpor, o que a fez descer de novo as escadas às pressas. Estava tudo escuro, deserto e silencioso. Ela perdeu todo o autocontrole e correu em direção à rua, chamando meu nome. Apenas o tamborilar da chuva e o uivo do vento responderam. Um medo louco deu asas a seus pés. Ela disparou à minha procura, mesmo sem saber onde eu estava. Depositando todos os pensamentos, toda a energia e todo o ser em sua velocidade, a mais desorientada velocidade, ela avançou sem sentir, sem temer e sem parar, correndo até a força abandonar seu corpo de maneira tão súbita que não houve tempo de reagir. Seus joelhos vacilaram, e ela desmoronou no chão. Ficou atordoada por um tempo, mas enfim se levantou. Embora estivesse bastante ferida, continuou avançando, derramando uma cachoeira de lágrimas, tropeçando às vezes, indo não sabia para onde. Aqui e ali me chamava com sua voz febril, adicionando, com exclamações de cortar o coração, como eu era cruel e rude. Não havia ser humano algum para responder, e a inclemência da noite levava até os animais errantes de volta aos abrigos que haviam usurpado. O vestido fino de Idris estava encharcado pela chuva, o cabelo molhado grudado ao pescoço. Ela cambaleou pelas ruas escuras até que, chutando com força um obstáculo escondido, caiu novamente. Dessa vez, não conseguiu levantar — mal se esforçou, na verdade. Em vez disso, encolheu-se e resignou-se à fúria dos elementos e ao luto em seu coração. Murmurou uma prece fervorosa, pedindo para morrer rápido, pois não havia outro alívio além da morte. Sem esperanças pela própria segurança, parou de lamentar pelo filho moribundo e passou a derramar lágrimas amargas ao pensar no sofrimento que eu sentiria ao



perdê-la. Enquanto jazia ali, à beira da morte, sentiu uma mão cálida e suave tocar seu rosto, e uma gentil voz feminina perguntou a ela, cheia de compaixão, se ela não conseguia se levantar. O fato de haver por perto outra pessoa, simpática e gentil, a despertou. Ela se ergueu com dificuldade, juntou as mãos diante do corpo e, com lágrimas renovadas, clamou à companheira que me procurasse, que me implorasse para que fosse correndo ver meu filho moribundo e o salvasse, que, pelo amor de Deus, eu o salvasse!

A mulher a ergueu e a levou até um abrigo. Ali, rogou que minha esposa voltasse para casa, para onde talvez eu também já houvesse retornado. Idris cedeu fácil à persuasão. Apoiando-se no braço da amiga, começou a avançar, mas uma fraqueza irresistível a fez parar várias e várias vezes.

Enquanto isso, apressados pela tempestade, voltávamos à toda com nossa pequena companheira diante de Adrian em sua sela. Havia um grupo de pessoas reunidas diante do pórtico de nossa casa, por cujos gestos intuí instintivamente que algo acontecera, alguma nova desgraça. Subitamente alarmado e com medo de fazer perguntas, desmontei meu cavalo. Meus espectadores me viram, reconheceram-me e, em um silêncio terrível, afastaram-se para abrir caminho para mim. Apanhei um lampião e, correndo escada acima depois de ouvir um gemido, abri sem pensar a porta do primeiro quarto que vi pela frente. Estava totalmente escuro. Conforme entrei, porém, um odor funesto atingiu meus sentidos, fazendo-me sentir engulhos profundos. As pernas vacilaram, e a pessoa ali dentro voltou a gemer e me segurou. Ergui o lampião e vi um homem negro seminu, contorcendo-se com a agonia da doença enquanto me agarrava com as mãos trêmulas. Em uma mistura de horror e impaciência, lutei para me soltar e caí sobre o doente. Ele me envolveu com os braços febris, o rosto bem perto do meu, e seu hálito moribundo adentrou minhas vias aéreas. Por um momento fui sobrepujado, virando a cabeça enquanto era acometido por uma náusea violenta. Por fim, meus reflexos voltaram e eu me levantei, liberei-me do pobre homem e, disparando escadaria acima, adentrei os aposentos geralmente ocupados por minha família. Uma luz fraca revelou Alfred em seu leito. Trêmula e mais pálida do que a mais alva neve, Clara o segurava nos braços, levando um copo de água aos lábios dele. Vi claramente que não havia mais faísca de vida naquele corpo arruinado. Ele tinha a expressão rígida, os olhos vidrados e a cabeça caída. Peguei-o dos braços da garota, pousei-o sobre a cama, beijei seus pequenos lábios gélidos e virei-me para falar em um sussurro vão, pois nem o mais estrondoso som de canhões o alcançaria em seu novo lar imaterial.

E onde estava Idris? O fato de ela ter saído para me procurar e ainda não ter retornado eram notícias terríveis, dado que a chuva e o vento violento faziam tremer as janelas e rugiam em volta da casa. Além disso, fui tomado pela sensação

repugnante de doença. Não havia tempo a perder, isso se ainda fosse possível voltar a vê-la. Montei meu cavalo e saí à procura dela, imaginando ouvir sua voz em cada uivo do vento, assomado pela febre e pela dor.

Cavalguei pela escuridão e pela chuva através das ruas labirínticas de uma Londres vazia. Meu filho estava morto em casa. As sementes da doença mortal haviam criado raízes em meu peito. Enquanto isso, eu procurava Idris, minha adorada, agora vagando pelas ruas sozinha enquanto águas caíam dos céus como uma cachoeira. Sob essas águas, sua cara fronte se enregelaria e seu belo corpo adormeceria de frio. Havia uma mulher parada no batente de uma casa, e ela me chamou quando passei a galope. Não era Idris, então segui à toda — até que uma espécie de sensação, um reflexo em meus sentidos que diziam que eu vira algo, mesmo que não soubesse o quê, fez-me ter certeza de que outra pessoa, magra, graciosa e alta, apoiava-se naquela mulher. No minuto seguinte, desmontei diante da suplicante, e logo Idris se jogou em meus braços. Ergui-a e coloquei-a no cavalo. Ela não tinha forças para suportar o próprio peso, então montei atrás dela e a segurei junto ao meu corpo, envolvendo-a em minha capa. Enquanto isso, sua companheira — que eu conhecia muito bem como Juliet, filha do Duque de Lxxx, apesar da mudança de expressão —, tomada pelo horror, conseguiu apenas nos lançar um olhar de compaixão. Ela pegou as rédeas soltas e levou nossa obediente montaria na direção de casa. Será que posso afirmar isso? Esse foi o último momento de minha felicidade, mas de fato fiquei feliz. Idris morreria, pois seu coração estava partido. Eu morreria, pois pegara a praga. A terra era um cenário de desolação, ter esperanças era loucura, a vida se casara com a morte, e elas eram uma coisa só. Ainda assim, carregando minha desfalecida amada, e mesmo sentindo a proximidade de minha morte, deleitei-me com o prazer de estar com ela mais uma vez. Beijei-a de novo e de novo, e a abracei contra o peito.

Enfim chegamos em casa. Ajudei-a a desmontar, carreguei-a escada acima e a deixei aos cuidados de Clara, pois suas roupas molhadas precisavam ser trocadas. Rapidamente, informei Adrian de que estávamos de volta em segurança, e pedi que tivéssemos um tempo para descansar. Assim como um avaro que com uma cautela trêmula visita o próprio tesouro para contar e recontar suas moedas, numerei cada momento vivido e resenti cada um deles que não passei junto a Idris. Voltei rapidamente à câmara onde a vida de minha vida repousava. Antes de entrar, parei por alguns segundos, e por alguns segundos tentei avaliar minha condição. O enjoo e os tremores me acometiam de tempos em tempos, minha cabeça estava pesada, meu peito, apertado, e minhas pernas cediam. Mesmo assim, afastei resolutamente os sinais crescentes de meu distúrbio e fui encontrar Idris com um olhar plácido, talvez até alegre. Ela estava deitada em seu leito. Fechei a porta

com cuidado para evitar qualquer intrusão e sentei-me ao lado dela. Abracei-a, e nossos lábios se tocaram em um longo e ofegante beijo — quem dera esse momento tivesse sido meu derradeiro!

A preocupação maternal despertou no âmago de minha garota, e ela perguntou: — E Alfred?

— Idris — respondi —, nós dois fomos poupados e estamos juntos, não vamos deixar que nenhuma outra ideia se intrometa. Estou feliz, mesmo nesta noite fatal. Digo com todas as palavras que estou feliz, além de qualquer conceito e qualquer pensamento. O que mais pode querer, minha querida?

Idris me entendeu. Repousou a cabeça em meu ombro e chorou.

— Por que está tremendo, Lionel? — perguntou. — O que o faz tremer?

— Posso estar trêmulo — respondi —, mas estou feliz. Nosso filho está morto, e os tempos são sombrios e sinistros. Há razões para tremer! Mas estou feliz, minha querida Idris, estou mesmo feliz.

— Entendo, meu amado — respondeu Idris. — No entanto, vê-lo pálido de tristeza por sua perda, trêmulo e consternado, ameniza meu sofrimento. Não estou feliz... — As lágrimas escorreram de suas pálpebras cerradas. — Pois somos detentos de uma prisão miserável, e não há felicidade para nós. Mas o verdadeiro amor que sinto por você fará esta e todas as outras perdas suportáveis.

— Fomos felizes juntos, pelo menos — disse eu. — Nenhuma miséria futura pode tirar de nós o passado. Fomos sinceros um com o outro por anos, desde que minha doce princesinha surgiu entre a neve e adentrou o chalé do pobre herdeiro dos arruinados Verney. Mesmo agora que a eternidade se desvela diante de nós, devemos tirar forças tão somente da presença um do outro. Idris, acha que quando morrermos seremos separados?

— Morrer? Por que fala em morrer? Que segredos se escondem atrás dessas palavras terríveis?

— Ora, não morreremos todos, minha querida? — Fiz a pergunta com um sorriso triste no rosto.

— Meu bom Deus! Está doente, Lionel? É por isso que fala em morte? Meu único amigo, amor do meu coração, diga!

— Não acho que nenhum de nós viverá por muito tempo — respondi. — E quando a cortina se fechar diante desta cena de morte, onde acha que estaremos?

Idris ficou mais calma com meu tom e olhar seguros e respondeu:

— É fácil entender que, durante este longo progresso da praga, pensei muito sobre a morte e perguntei a mim mesma para qual outra vida despertaremos quando toda a humanidade morrer na vida que conhecemos. Hora após hora remói pensamentos assim e me esforcei para chegar a uma conclusão racional sobre o

mistério do que nos espera no futuro. Que belo espantalho seria a morte se a única coisa que fizesse fosse nos tirar do caminho sombreado em que caminhamos e, adentrando uma área ensolarada pelo conhecimento e o amor, nos reunir com os mesmos companheiros e amores, realizando todos os nossos sonhos, deixando nosso medos no túmulo junto ao corpo terreno. Infelizmente, o mesmo sentimento intenso que me faz ter certeza de que não morreremos completamente me faz rejeitar a ideia de que viveremos outra vida exatamente como somos hoje. De qualquer forma, Lionel, nunca, jamais serei capaz de amar qualquer outra pessoa que não você. Por toda a eternidade, desejarei estar junto a você. Como jamais causei mal a outras pessoas, e com tanta confiança e convicção quanto minha natureza mortal permite, confio que o Senhor nunca irá nos separar.

— Seus comentários são como você, querida — respondi —, gentis e bondosos. Vamos acalentar essa ideia e expulsar a ansiedade de nossa mente. Mas somos tão carnis, meu bem, e não há pecado nisso, pois Deus nos fez para obedecer a suas ordens, somos tão carnis que amamos a vida e nos apegamos a ela. Amamos o sorriso amoroso, o toque agradável e a voz emocionante, peculiares à nossa forma mortal. Que, baseados na segurança do que vem depois, não negligenciemos o presente. Este momento presente, breve como é, é parte da eternidade. É a parte mais cara, inclusive, pois é inalienavelmente nosso. Assim, a esperança do futuro resulta em minha alegria presente. Deixe-me encarar seus belos olhos e, vendo neles o amor, sorver seu prazer embriagante.

Tímida, pois minha veemência a assustara, Idris olhou para mim. Meus olhos estavam injetados e protuberantes. O sangue corria por cada artéria — de forma audível, achava eu —, cada músculo palpitava, cada nervo se fazia sentir. O olhar de louco terror de Idris me disse que seria impossível manter meu segredo.

— Então é isso, minha amada — disse eu. — O último momento, depois de tantos outros felizes, chegou. É impossível fugir de nosso inevitável destino. Não viverei muito, mas repito de novo e de novo: este momento nos pertence!

Mais pálida do que o mármore, com lábios brancos e a expressão retorcida, Idris entendeu minha condição. Quando me sentei, enlacei sua cintura em um abraço. Ela sentiu minha pele queimando de febre, inclusive o peito no qual ela repousava.

— Um momento — murmurou ela de forma quase inaudível. — Apenas um momento...

Ela se ajoelhou e, com o rosto entre as mãos, entoou uma prece breve, mas ardente, dizendo que cumpriria sua missão e estaria ao meu lado até o fim. Embora houvesse esperança, a agonia fora intolerável. Ela enfim terminou, e seus sentimentos ficaram solenes e calmos. Assim como Epícares, imperturbável e firme,

submeteu-se aos instrumentos da tortura, Idris reprimiu todos os suspiros e sinais de tristeza e se dispôs a encarar os tormentos dos quais o cavalete e os açoites eram apenas símbolos frágeis e metafóricos.

Virei outro homem. A corda apertada que soava tão dissonante foi relaxada no instante em que Idris soube de minha real situação. As ondas revoltas e apaixonadas de meu pensamento se acalmaram, deixando apenas a marola que cresceria sem nenhuma outra manifestação visível de sua existência até que enfim quebrasse na costa remota da direção na qual eu avançava rapidamente.

— Sim, estou doente — disse eu. — Sua companhia, minha Idris, é meu único remédio. Venha e sente-se a meu lado.

Ela me fez deitar na cama e, puxando uma poltrona para perto, sentou-se junto à cabeceira, apertando minhas mãos febris entre suas palmas gélidas. Cedeu à minha inquietação febril, deixou-me falar e falou comigo sobre assuntos que seriam estranhos às pessoas que pareciam as últimas do mundo — sobre as pessoas que mais havíamos amado. Falamos sobre o passado, sobre a alegria da época do começo de nosso amor, sobre Raymond, Perdita e Evadne. Falamos sobre o que surgiria naquele mundo deserto caso duas ou três pessoas conseguissem se salvar e lentamente voltassem a popular o planeta. Falamos sobre o que havia após a morte e sobre como tínhamos certeza de que, mesmo que a humanidade e a espécie humana estivessem à beira da extinção, haveria outros espíritos, outras mentes, outros seres perceptivos e invisíveis a nós que ocupariam com amor e beleza o imperecível universo.

Conversamos não sei por quanto tempo. Pela manhã, acordei de um sono pesado e doloroso, com o rosto pálido de Idris pousado em meu travesseiro. Suas pálpebras estavam ligeiramente erguidas, revelando os olhos de um azul profundo. Seus lábios estavam entreabertos, e os murmúrios fracos que emanavam me diziam que, mesmo adormecida, ela sofria. “Qual seria a diferença se ela estivesse morta?”, pensei. “Pois o corpo é apenas o templo de uma divindade. Os olhos são as janelas da alma, e a graciosidade, o amor e a inteligência são soberanos em seu peito. Se ela estivesse morta, onde estaria essa mente, cara-metade da minha? Pois a bela proporção desta construção se desfigurará mais rápido do que as ruínas dos templos de Palmira enterradas nas areias do deserto.”



Idris se agitou e enfim despertou — infelizmente, para a miséria. Ela viu os sinais da doença no meu semblante e perguntou-se como permitira a si mesma passar a longa noite sem procurar não a cura, pois isso era impossível, mas alívio para meus sofrimentos. Ela chamou Adrian. Meu leito foi rapidamente cercado por amigos e criados, e os medicamentos que eles achavam adequados me foram administrados. A característica distinta e terrível da praga era que ninguém contaminado pela doença havia se recuperado. O primeiro sintoma já era garantia de morte, e não houvera nenhuma circunstância em que uma vítima fora perdoada ou poupada. Assim, não havia nem uma mísera esperança para animar meus amigos.

Enquanto a febre, que me causava torpor e dores profundas, fazia meus membros pesarem como chumbo e meu peito palpitar, eu continuava insensível a qualquer outra coisa que não fosse a dor, e a certa altura até a ela. Acordei na quarta manhã como se despertasse de um sono sem sonhos. Tudo o que sentia era uma sede incômoda e o abandono total de minhas forças sempre que tentava falar ou me mover.

Por três dias e três noites Idris não saíra do meu lado. Ela atendera a todas as minhas necessidades e jamais dormira nem descansara. Não tinha esperança alguma, então sequer se esforçava para ler o semblante dos médicos ou procurar sintomas de minha recuperação. Ela só pensava em cuidar de mim até o último momento, e depois se deitar e morrer a meu lado. Na terceira noite, parei de me mover. Ao olhar e ao toque, eu estava morto. Adrian pediu ardentemente que Idris se afastasse de mim, e quase precisou usar a força. Ele fez todas as súplicas possíveis, usou todos os argumentos pelo bem dos filhos e dela mesma, mas Idris negou com a cabeça e enxugou uma lágrima solitária no rosto encovado — e não cedeu. Implorou que pudesse ficar comigo apenas mais uma noite, tão aflita e com um fervor tão servil que conseguiu o que queria. Ficou ao meu lado, silenciosa e imóvel, exceto quando alguma lembrança intolerável a acometia e ela beijava meus

olhos fechados e meu lábios pálidos, pressionando minhas mãos rígidas contra seu coração pulsante.

Embora fosse pleno inverno, na calada da noite o galo cantou às três da manhã, como um arauto da mudança matinal. Ainda ao meu lado e sofrendo em silêncio enquanto remoía pensamentos amargos sobre a perda do amor que eu guardava como um tesouro no coração, Idris se moveu, e seu cabelo caiu sobre o rosto, as longas tranças se espalhando na cama. Ela então viu um cacho se mover, e os fios se agitaram um pouco, como que por uma respiração próxima. “Não é possível”, pensou ela, “pois ele nunca mais há de respirar”. A mesma coisa aconteceu várias vezes, visível apenas pelo mesmo sinal. Enfim, um cacho inteiro se agitou, e ela pensou ver meu peito subir e descer. Sua primeira emoção foi o mais terrível medo, e seu cenho se cobriu de suor frio. Meus olhos se entreabriram, e, confiante, ela teria exclamado “Ele está vivo!” se as palavras não tivessem se convertido em um engasgo e ela não tivesse caído no chão com um gemido.

Adrian estava no aposento. Depois de uma longa vigília, ele sem querer caíra no sono. Acordou com um sobressalto e viu a irmã desmaiada no piso, afogando-se em um fluxo de sangue que jorrava da boca. Os sinais crescentes de vida em mim explicavam em certa medida seu estado: a surpresa, a explosão de alegria e a inflamação de seus sentimentos haviam sido demais para o corpo abalado por vários meses de preocupação, destroçado por todos os tipos de desgraças e fardos. Ela estava em mais perigo do que eu. As engrenagens e molas de meu mecanismo, depois de voltarem a se mover, adquiriram certa elasticidade a partir do tempo que haviam passado inertes. Por um longo período, ninguém acreditou que eu continuava mesmo a viver — durante todo o reinado da praga sobre a terra, nenhuma pessoa acometida pela sombria doença havia se recuperado. Meu retorno foi encarado como uma enganação. Todos esperavam que os sintomas do mal voltassem com violência redobrada — até que a cura confirmada, sem nenhum sinal de febre ou dor e com a recuperação total da minha força, trouxe aos poucos a convicção de que eu havia me recuperado da praga.

A convalescência de Idris era mais problemática. Quando fui atacado pela doença, o rosto dela ficou encovado, e seu corpo, descarnado. Agora, porém, o recipiente que continha sua essência se quebrara com os efeitos da agitação extrema e ainda não fora totalmente consertado — havia uma rachadura que, gota a gota, fazia vazar o fluxo avermelhado que dava vida ao coração. Seus olhos fundos e seu semblante desgastado davam a ela uma aparência fantasmagórica. As maçãs do rosto, o cenho amplo e claro e o maxilar estavam assustadoramente proeminentes — era possível distinguir cada osso em sua frágil anatomia. Ela mal tinha forças para nada, e as juntas estavam tão descarnadas que era quase possível ver através da

pele. Era estranho pensar que podia haver vida em uma forma tão gasta e consumida que já parecia com a da morte.

Tirá-la daquele cenário de partir o coração, fazê-la esquecer da desolação do mundo através da variedade de coisas novas que veria na viagem e tratar de sua forma debilitada no clima agradável que nos aguardava eram as únicas esperanças que eu ainda acalentava para sua preservação. Os preparos para a partida, que haviam sido interrompidos durante minha doença, foram retomados. Não revivi apenas rumo a uma convalescência duvidosa: a saúde me agraciou com seus dons. Assim como a árvore na primavera sente as folhas frescas brotarem de seus membros enrugados e a seiva voltar a circular, senti um vigor renovado. A alegre circulação do meu sangue e a elasticidade recém-adquirida de meus membros influenciaram minha mente, fazendo-a se encher de uma resiliência animada e de pensamentos prazerosos. Meu corpo, até então o pesado fardo que me ligava ao túmulo, estava exuberante com tanta saúde. Os exercícios que costumava fazer eram pouco para minha força renovada — eu tinha a sensação de que era capaz de correr tão rápido quanto um cavalo, discernir objetos a grande distância e ouvir os sons das operações da natureza em seus recantos silenciosos. Meus sentidos ficaram mais refinados e suscetíveis depois de minha recuperação da doença mortal.

A esperança, entre outras dádivas, não me foi negada, e realmente passei a acreditar que minha atenção incansável restauraria a saúde de minha adorada garota. Assim, estava ansioso para adiantar nossos preparativos. Segundo o plano inicial, deveríamos ter deixado Londres no dia 25 de novembro. De acordo com esse esquema, dois terços de nosso pessoal — ou melhor, de todas as pessoas que haviam sobrado na Inglaterra — haviam avançado e já estavam em Paris havia algumas semanas. Minha doença e, depois, a doença de Idris haviam feito Adrian ficar com sua divisão que consistia em trezentas pessoas, e decidimos que partiríamos no dia 1º de janeiro de 2098. Era meu desejo manter Idris tão distante quanto possível da agitação e do clamor da multidão e escondê-la das visões que a lembrariam à força sobre qual era nossa real situação. Assim, acabamos nos separando bastante de Adrian, que era obrigado a destinar todo o tempo aos assuntos do povo. A condessa de Windsor viajava com o filho. Clara, Evelyn e uma mulher que nos atendia como criada eram as únicas pessoas com que tínhamos contato. Ocupamos uma carruagem cômoda, e um de nossos servos foi nomeado cocheiro. Um grupo de cerca de vinte pessoas iam um pouco à nossa frente. Tinham a missão de preparar o local onde descansaríamos e também nosso abrigo para a noite. Havia sido escolhidas para esse serviço dentre um grande número de pessoas que tinham se oferecido, principalmente devido à sagacidade superior do homem que apontavam como líder.



Logo após nossa partida, vi com prazer que Idris mudara o semblante, o que eu esperava profundamente que fosse um sinal de felicidade. Toda a animação e alegria gentil que lhe eram naturais voltaram. Ainda estava fraca, o que transparecia mais em sua aparência e voz do que em seus atos, mas era algo permanente e real. Minha recuperação da doença e a confirmação de que eu estava saudável haviam instilado nela uma firme crença de que o marido estava livre daquela terrível inimiga. Ela me disse que tinha certeza de que também conseguiria se recuperar. Que tinha um pressentimento, e que a maré da calamidade que inundara nossa infeliz raça havia virado. Que os últimos membros da humanidade seriam preservados, assim como as coisas que queriam bem, e que, em algum local escolhido, reconstruiríamos nossas vidas juntos e formaríamos uma agradável sociedade.

— Não deixe minha debilidade enganá-lo — disse. — Estou mesmo melhor. A vida se agita dentro de mim, e uma sensação de antecipação garante que continuarei fazendo parte deste mundo por muito tempo. Devo deixar de lado a fraqueza degradante do corpo, que infecta até minha mente com abatimento, e enfim voltar a realizar minhas tarefas. Fiquei triste por deixar Windsor, mas agora estou livre do apego ao local. Estou feliz de viajar para um lugar de clima mais agradável, onde terminarei de me recuperar. Confie em mim, meu querido: não abandonarei você nem meu irmão, e nem essas caras crianças. Minha firme determinação de continuar com vocês até o fim e contribuir para sua alegria e bem-estar me manterá viva mesmo que a sombria morte esteja mais próxima do que jamais estive.

Essas afirmações me deixaram apenas parcialmente confiante — a aceleração de seu pulso não era um sinal tão convincente de saúde, e o rubor em seu rosto tampouco provava sua convalescência. Mas eu não temia uma catástrofe imediata. Não, convenci a mim mesmo de que, no fim, ela se recuperaria. E assim a alegria reinou em nosso pequeno grupo. Idris conversava sobre milhares de assuntos, animada. Seu principal desejo era afastar nossa mente de pensamentos melancólicos, então ela narrava cenas encantadoras de uma solidão tranquila, de um belo refúgio, de nossa pequena tribo vivendo segundo modos simples e da irmandade patriarcal do amor que sobrevivia às ruínas das nações populosas do passado. Fugíamos dos pensamentos sobre o presente e afastávamos o olhar da lúgubre paisagem que atravessávamos. O inverno reinava com toda sua melancolia. As árvores sem folhas jaziam imóveis contra o céu pardacento. Blocos de gelo que imitavam as formas da folhagem do verão cobriam o solo, os caminhos estavam bloqueados e os milharais não lavrados estavam repletos de mato e ervas daninhas. As ovelhas se agrupavam perto do chalé, e um boi chifrava a cabeça contra a janela.

O vento soprava desolador, e chuvas de granizo ou tempestades de neve ocasionais aumentavam a melancólica aparência que a natureza assumia ali.

Chegamos a Rochester, e um acidente fez com que ficássemos um dia presos. Durante esse tempo, aconteceu algo que mudou nossos planos — e que, infelizmente, no processo, mudou o eterno curso dos eventos e fez-me passar do prazeroso estado de esperança que acalentava a um deserto obscuro e sombrio. Mas deixe-me explicar algumas coisas antes de continuar com a causa final de nossa mudança temporária de planos, deixe-me voltar a falar sobre os tempos em que a humanidade caminhava destemida sobre a terra, antes que a praga se transformasse na rainha do mundo.

Havia uma família nos arredores de Windsor que, apesar de muito humilde, é de interesse deste nosso relato devido a uma das pessoas que a compunham. A família dos Clayton já havia visto tempos melhores — depois de uma série de revézes, porém, o pai morrera falido. A mãe, de coração partido e totalmente inválida, fora morar com os cinco filhos em um pequeno chalé entre Eton e Salt Hill. A filha mais velha, que tinha treze anos na época, de imediato pareceu adquirir, por influência da adversidade, a sagacidade e os princípios de uma pessoa mais madura. A saúde da mãe ficava pior e pior, mas Lucy cuidava dela e era uma ótima mãe substituta para os irmãos e irmãs mais novos. Nesse meio-tempo, parecia tão bem-humorada, social e benevolente que era amada e honrada em sua pequena vizinhança.

Além disso, Lucy era extremamente bonita. Assim, aos dezesseis anos, e como era de se esperar, apesar de sua pobreza, ela já tinha alguns admiradores. Um deles era o filho de um pároco local, um jovem generoso e de coração aberto que nutria um amor ardente pelo conhecimento, embora não tivesse meio algum de obtê-lo. Por mais que Lucy fosse inculta, as conversas e os modos da mãe a haviam feito desenvolver um gosto por refinamento superior à situação atual. Sem nem perceber, passou a amar o jovem — em qualquer dificuldade, naturalmente o procurava pedindo ajuda, e acordava com o coração mais leve todo domingo, porque sabia que ele se encontraria com ela e que a acompanharia no passeio vespertino que dava com as irmãs. Ela tinha outro admirador, um dos chefes dos atendentes na estalagem de Salt Hill. A ele também não faltavam pretensões de uma superioridade urbana que aprendera dos criados e das amas dos cavalheiros, que o haviam iniciado nos costumes da alta sociedade entre os serviçais e feito com que ele se tornasse arrogante e dez vezes mais intrusivo. Lucy não o desprezava — era incapaz disso. Mas não gostava quando ele se aproximava, e discretamente resistia a todas as tentativas do rapaz de estabelecer certa intimidade. Ele logo soube que a amada preferia seu rival, e isso transformou o que a princípio era mera admiração

em paixão, cujas principais crias eram a inveja e o desejo fundamental de privar seu competidor das vantagens que este desfrutava em seu lugar.

A história triste da pobre Lucy era muito comum. O pai de seu amado morreu, e ele acabou sem posses. Aceitou a oferta de um cavalheiro que o convidara para acompanhá-lo à Índia. Tinha certeza de que logo alcançaria a independência e voltaria para pedir a mão da amada. Acabou envolvido com a guerra que acontecia no país, foi capturado e feito prisioneiro, e anos se passaram antes que notícias de que estava vivo chegassem à terra nativa. Nesse meio-tempo, uma pobreza desastrosa se abateu sobre Lucy. Seu pequeno chalé, que se escondia atrás de uma cerca coberta de madressilvas e jasmims, fora queimado. Toda sua propriedade fora destruída pela tragédia. Para onde iriam? De que maneira Lucy conseguiria arrumar outra habitação para a família? A mãe acamada não conseguiria sobreviver aos extremos da miséria e da fome. Nessa altura, seu outro admirador se apresentou e refez a oferta de casamento. Ele juntara dinheiro e iria abrir uma pequena estalagem em Datchet. Nada nessa oferta agradava Lucy, exceto a garantia de um teto para a mãe. Sentiu-se ainda mais certa da decisão a tomar ao ser tocada pela aparente generosidade apresentada. Ela aceitou, sacrificando-se assim pelo conforto e bem-estar da progenitora.

Só a conhecemos alguns anos após o casamento. Uma tempestade fez com que tivéssemos que nos refugiar na estalagem, onde presenciamos o comportamento brutal e agressivo do esposo e a tolerância paciente dela. A coitada não tivera muita sorte na vida. Seu primeiro amor retornara com esperança de se unir a ela, encontrando-a por acidente, pela primeira vez, trabalhando como atendente em uma estalagem e já casada com outro homem. Ele fugiu às pressas para outro país, mas nenhum de seus planos deram certo. Enfim, alistou-se e acabou voltando ferido e doente, mas Lucy foi impedida de cuidar dele. A disposição violenta do esposo piorou quando ele se entregou às muitas tentações propostas por sua situação e pelo conseqüente desarranjo de seu negócio. Ela felizmente não tinha filhos, mas seu coração era muito ligado aos irmãos e às irmãs. Logo, a avareza e o temperamento difícil do homem fizeram com que saíssem da casa, e todos acabaram espalhados pelo país, ganhando a vida com muita dificuldade. O marido demonstrava até certa inclinação para se livrar da mãe de Lucy, mas a garota foi firme. Ela se sacrificara por ela, vivia por ela, não permitiria que se separassem assim — se a mãe fosse expulsa de casa, a filha iria junto e passaria a mendigar comida por ela, morreria com ela, mas nunca a abandonaria. A presença de Lucy era necessária demais para manter a ordem da estalagem e evitar que o estabelecimento fosse por água abaixo, de modo que ele não podia permitir que ela partisse. Assim, acabou cedendo — porém, em todos os acessos de raiva e surtos de

embriaguez, ele voltava ao velho t3pico e feria o cora33o de Lucy, chamando a m3e dela de todo tipo de nomes infames.

Uma paix3o, no entanto, quando 3 pura, completa e rec3proca, traz certo alento para quem a sente. Lucy era verdadeira e profundamente devotada 3 m3e. O 3nico objetivo que tinha na vida era confortar e preservar a mulher. Embora sofresse com o resultado, n3o se arrependeu do casamento nem mesmo quando o amado voltou para pedir sua m3o. Tr3s anos haviam se passado. Como, naquele estado miser3vel em que antes estavam, a m3e poderia ter sobrevivido de outra maneira? E a idosa fazia jus 3 devo33o da filha. Havia entre elas confian3a e amizade perfeitas. Al3m disso, ela n3o era de modo algum inculta — e Lucy, cuja mente fora cultivada em algum grau pelo primeiro amado, agora encontrava na m3e a 3nica pessoa capaz de entend3-la e apreci3-la. Assim, embora sofresse, ela n3o se sentia desolada. Quando, em dias de ver3o, levava a m3e em passeios pelas vias floridas e sombreadas perto de onde moravam, um brilho de pura alegria iluminava seu semblante. Via que a progenitora estava feliz e sabia que aquela felicidade se devia t3o somente ao que ela fazia.

Nesse meio-tempo, o neg3cio do esposo foi ficando cada vez mais comprometido. Faliriam em breve, e ela estava prestes a perder todos os frutos de seu trabalho quando a peste chegou para mudar o funcionamento do mundo. Ele se beneficiou da mis3ria universal, mas, conforme o desastre piorava, o esp3rito de anarquia o tomou de vez. Acabou saindo de casa para se deleitar com as lux3rias que prometiam esper3-lo em Londres, e l3 encontrou seu fim. J3 o primeiro amado de Lucy fora uma das primeiras v3timas da doen3a. Mas ela continuou a viver pela m3e e por meio dela. Sua coragem s3 falhava quando temia pela seguran3a da idosa ou pelo medo que a pr3pria morte a impedisse de realizar as tarefas 3s quais j3 era inalteravelmente devotada.

Quando deixamos Windsor para ir a Londres, como 3ltima medida antes da partida, visitamos Lucy e combinamos com ela os planos para a retirada das duas. Lucy lamentava ser for3ada a deixar suas paragens e seu vilarejo e arrastar a m3e doente para longe dos confortos do lar, na dire33o dos ermos desertos de uma terra vazia, mas era acostumada 3s adversidades e tinha um temperamento doce demais para se dar ao luxo de remoer pensamentos sobre o que era inevit3vel.

Os 3ltimos acontecimentos — minha doen3a e a de Idris — acabaram fazendo com que esquec3ssemos dela. Quando enfim nos lembramos, conclu3mos que ela fora uma das poucas a sair de Windsor e se juntar aos emigrantes, e que 3quela altura j3 estaria em Paris. No entanto, quando chegamos a Rochester, fomos surpreendidos ao receber, atrav3s de um homem que acabara de chegar de Slough, um carta da exemplar sofredora. Segundo o relato do homem, ele deixara a casa e,

ao passar por Datchet, fora surpreendido ao ver fumaça saindo da chaminé da estalagem. Supondo que encontraria companheiros de viagem reunidos ali, ele batera e fora recebido. Mas não havia ninguém na casa além de Lucy e a mãe. A última não era mais capaz de usar os membros por conta de um ataque de reumatismo, então, um a um, todos os habitantes remanescentes do interior haviam seguido viagem, e elas haviam ficado para trás. Lucy propusera que o homem ficasse com elas. Em uma ou duas semanas a idosa estaria melhor, e eles poderiam seguir juntos. Por outro lado, pereceriam se fossem deixadas sozinhas, sem ajuda e desamparadas. O homem dissera que a esposa e os filhos já estavam entre os emigrantes, e que por isso, entendia ele, era impossível ficar ali. Lucy, como último recurso, dera a ele uma carta para Idris e pedira que a entregasse assim que nos visse. A situação enfim se apresentara, e Idris recebeu com emoção a seguinte carta:

Honrada senhora,

Tenho certeza de que se lembra de mim e tem piedade de minha situação. Ouso ter esperanças de que a senhora me ajudará — que outra esperança teria? Perdoe minhas palavras, estou por demais aturdida. Um mês atrás, minha amada mãe perdeu o movimento dos membros. Já está melhor, e daqui um mês certamente seremos capazes de viajar conforme os planos que a senhora teve a gentileza de preparar para nós. Mas todos foram embora — todos —, e, conforme partiam, diziam que talvez minha mãe melhorasse antes que não sobrasse mais ninguém. Três dias atrás, porém, fui até a casa de Samuel Woods, que, por conta do filho recém-nascido, ficou para trás. Como sua família é grande, achei que pudesse persuadi-los a esperar mais um pouco por nós, mas encontrei a casa deserta. Não vi mais alma nenhuma desde então, até que este bom homem chegou. O que será de nós? Minha mãe não sabe de nossa situação. Está tão doente que prefiro esconder tudo isso dela.

A senhora enviará alguém até nós? Estou certa de que pereceremos miseráveis se formos deixadas aqui. Se eu tentasse trasladar minha mãe agora, porém, ela morreria na estrada, e se de alguma forma eu fosse capaz de, não sei exatamente como, encontrar o caminho e percorrer muitas e muitas milhas até a costa depois que ela ficasse melhor, vocês já estariam todos na França, e o oceano já estaria entre nós, cruel até mesmo para os marinheiros. O que seria para mim, uma mulher que nunca o viu? Ficaríamos presas neste país, completamente sozinhas, sem ajuda alguma.

Seria melhor morrer onde estamos. Mal posso escrever, pois não consigo conter as lágrimas. Não é por mim: caso estivesse sozinha, eu poderia depositar minha fé em Deus e esperaria de bom grado o pior. Mas minha mãe, minha doente e querida mãe, que nunca, desde que nasci, levantou a voz para mim e que foi paciente ao longo de muitos sofrimentos, está comigo. Tenha piedade dela, minha senhora, pois caso contrário ela morrerá uma morte miserável. As pessoas falam com desprezo dela, pois é velha e doente, como todos acabaremos nos tornando algum dia — e depois, quando os jovens forem velhos, pensarão que é melhor ter alguém para cuidar deles. Pode ser uma bobagem da minha parte escrever dessa forma para a senhora — no entanto, quando a ouço tentar não gemer e a vejo sorrindo para me confortar, mesmo sabendo que está com dor, sinto o coração partir. A mesma coisa acontece quando penso que ela não sabe o pior, mas que logo saberá, e que mesmo assim não irá reclamar. Só o que me resta é ficar aqui, imaginando tudo o que ela está suportando, toda a fome e miséria. Meu coração se parte, e não sei o que dizer ou fazer. Que Deus proteja minha mãe, a mulher da qual nasci! Cuide dela, senhora, e Ele a abençoará. E eu, pobre criatura que sou, agradecerei e rezarei pela senhora enquanto eu viver.

Sua infeliz e zelosa serva,

LUCY MARTIN

30 de dezembro de 2097

A carta afetou Idris profundamente, e ela propôs na mesma hora que voltássemos a Datchet para ajudar Lucy e a mãe. Eu disse que aquilo atrasaria nossa partida, mas pedi que se juntasse ao irmão e esperasse com as crianças pelo meu retorno. Idris, porém, estava animada e repleta de esperança. Declarou que não aceitaria se separar de mim nem temporariamente e que não precisávamos cogitar a possibilidade, porque o movimento da carruagem fazia bem a ela e a distância era pequena demais para ser preocupante. Ela enviaria mensagens a Adrian para informá-lo sobre nosso desvio dos planos originais. Ela falava com vivacidade e criava no coração a cena em que concederíamos essa satisfação a Lucy. Declarou que, se eu fosse, ela iria comigo, e que não gostaria nem um pouco de entregar a outras pessoas a tarefa de resgatar mãe e filha, pois achava que a fariam com frieza e falta de humanidade. A vida de Lucy havia sido de devoção e virtude. Que ela

pudesse enfim colher parte dos frutos ao ter sua excelência apreciada e suas necessidades atendidas por pessoas que ela respeitava e honrava.

Esses e muitos outros argumentos foram proferidos com uma gentil persistência e com o ardor do desejo de fazer todo o bem que estivesse ao alcance de Idris, pessoa cuja simples expressão de um desejo e cujo mais insignificante pedido sempre haviam sido lei para mim. Consentir, é claro, assim que vi que ela já estava decidida sobre a situação. Mandamos metade da tropa que ia conosco até Adrian. A outra metade e nossa carruagem pegaram o caminho de volta para Windsor.

Agora me pergunto como posso ter sido tão bobo e insensível a ponto de arriscar a segurança de Idris. Pois, se eu prestasse um pouco de atenção ao que acontecia, certamente teria percebido em seu rubor febril e em sua crescente fraqueza a aproximação certa, embora enganosa, da morte. Mas ela disse que estava melhor, e eu acreditei nela. Não era possível que o fim estivesse tão próximo de um ser cuja vivacidade e inteligência aumentava a cada momento e cujo corpo parecia dotado de um sentimento intenso e afetuoso e de um forte e permanente espírito de vida. Quem, depois de um grande desastre, não olha para trás e se espanta com a própria estupidez inconcebível de só ter percebido os vários detalhes minúsculos com que o destino tece nossa rede inextricável até estar completamente embaraçado nela?

As rotas pelas quais viajavamos estavam em um estado ainda pior do que as estradas, já muito degradadas, e essa inconveniência parecia ameaçar a condição de Idris. Passando por Dartford, chegamos a Hampton no segundo dia. Mesmo nesse curto intervalo, a saúde de minha amada companheira ficou sensivelmente pior, embora seu ânimo ainda estivesse leve e ela reagisse à minha crescente ansiedade com brincadeiras alegres. Às vezes, um pensamento cruzava minha mente — “Será que ela está morrendo?” — quando via a mão pálida pousada sobre a minha e observava a maneira febril com que fazia coisas rotineiras. Eu afastava a ideia como se não passasse de uma sugestão da loucura, mas ela voltava a me ocorrer de novo e de novo, apenas para ser desconsiderada mediante a contínua vivacidade de seus modos.

Perto da metade do dia que deixamos Hampton, nossa carruagem quebrou. O impacto fez Idris desmaiar, mas, quando despertou, não pareceu sofrer de nenhuma outra consequência. Nosso grupo de criados havia, como de costume, ido na frente, e nosso cocheiro partiu em busca de outro veículo quando viu que o acidente tornara o nosso inadequado para continuar a viagem. O único lugar perto de nós era um vilarejo pobre, onde o homem encontrou uma espécie de caravana capaz de acomodar quatro pessoas, mas meio desconjuntada e mal construída. Além dela,

encontrou um cabriolé excelente, e logo criamos um plano: eu levaria Idris no veículo menor, e o cocheiro iria com as crianças no outro. Esses arranjos nos custaram tempo, e concordamos em seguir naquela noite para Windsor. Nossos criados já haviam continuado viagem, e seria consideravelmente difícil conseguir acomodações para um trajeto de dez milhas. Meu cavalo era bom, então decidi ir na frente com Idris, a um ritmo acelerado, enquanto as crianças seguiriam em um ritmo mais adequado ao tamanho do veículo.

A noite chegou rápido, mais rápido do que esperávamos. Junto ao pôr do sol, uma nevasca pesada começou. Tentei em vão proteger minha amada da tempestade, mas o vento soprava a neve em nosso rosto e ela se acumulava tão alta no chão que era difícil avançar. A noite estava tão escura que, além da branca cobertura do solo, não conseguíamos enxergar nem um palmo na frente dos olhos. A essa altura, a caravana já ficara muito para trás, e percebi que a tempestade me fizera desviar inconscientemente da rota correta. Eu me afastara algumas milhas do meu caminho. O conhecimento que eu tinha do território permitiu que voltássemos à estrada, mas, em vez de seguir por Stanwell até Datchet, que era o que havíamos combinado, fui obrigado a pegar o caminho que passava por Egham e Bishopgate. Assim, já era certeza que não me reencontraria com o outro veículo e que não veríamos ninguém até chegarmos a Windsor.

Puxei a cobertura traseira do cabriolé e pendurei uma capa de peles para proteger minha cara esposa do granizo. Ela se apoiava em meu ombro, a cada segundo mais abatida e febril. A princípio respondia minhas palavras de estímulo com agradecimentos afetuosos, mas aos poucos caiu em silêncio. Sua cabeça pesava sobre mim, e eu só sabia que ainda vivia pela respiração irregular e pelos suspiros frequentes. Enfim resolvi parar e, posicionando a traseira do cabriolé de maneira a não encarar diretamente a força da tempestade, decidi que era melhor esperar pela manhã. Mas o vento estava frio e cortante. O tremor ocasional de minha pobre Idris e o frio intenso que eu mesmo sentia demonstravam que aquela seria uma noite perigosa. A determinada altura, achei que ela dormira, um sono mortal induzido pelo frio. No momento seguinte, porém, vi a silhueta sombria de um chalé próximo a nós destacada contra o horizonte escuro.

— Meu amor — disse eu —, aguarde por mais um momento, e conseguiremos abrigo. Vamos parar aqui. Eu vou tentar abrir a porta daquela abençoada construção.

Conforme falava, meu coração foi tomado por uma profunda esperança, e meus sentidos se expandiram com grande prazer e gratidão. Acomodei a cabeça de Idris contra a carruagem, desci e me arrastei pela neve até o chalé, cuja porta estava aberta. Tinha comigo aparatos para produzir luz, e esta me revelou um cômodo



confortável, com uma pilha de lenha em um canto e nenhuma desordem aparente, exceto o fato de a porta entreaberta permitir a entrada da neve, que bloqueara parte da passagem. Voltei até o cabriolé, e a alternância súbita de luz e escuridão a princípio me cegou. Quando recuperei a visão... Ó Deus eterno deste mundo sem lei! Ó suprema Morte! Não perturbarei vosso silencioso reino nem encherei este relato de infrutíferas exclamações de horror, mas o que vi foi Idris caída do assento traseiro da carruagem. Sua cabeça com os longos cabelos soltos e um dos braços pendurado pelo lado. Atingido por um espasmo de horror, peguei-a no colo. Seu coração não batia, e seus lábios pálidos não se moviam nem com a mais suave das respirações.

Carreguei-a até o chalé e a pus na cama. Acendi o fogo e passei as mãos nos membros rígidos para esquentá-los. Por duas horas tentei trazê-la de volta à vida, mas, quando notei minha esperança tão morta quanto minha amada, fechei com as mãos trêmulas os olhos vidrados. Não tinha dúvida do que deveria fazer em seguida. Na confusão que seguiu minha doença, a tarefa de enterrar nosso querido Alfred fora deixada a cargo da avó, a ex-rainha. Ela, apegada à paixão pelo poder, fizera com que ele fosse levado até Windsor e enterrado na cripta da família, na capela de São Jorge. Eu precisava seguir até Windsor para não preocupar Clara, que nos esperava ansiosamente, mas faria bem em poupá-la do espetáculo de me ver chegando da viagem com Idris sem vida. Assim, primeiro deixaria minha amada ao lado do filho na cripta, e só depois procuraria a pobre garota que me esperava.

Acendi os lampiões do cabriolé, envolvi-a em peles e a deitei no assento. Agitando as rédeas, fiz os cavalos avançarem. Seguimos pela neve, que se acumulava em montes que obstruíam o caminho. Enquanto isso, os flocos me açoitavam com fúria redobrada, cegando-me. O incômodo causado pelo clima e o frio férreo do granizo que batia contra meu corpo e feria minha pele era um alívio para mim, pois embotava o sofrimento mental. Os cavalos cambaleavam adiante, as rédeas soltas em minhas mãos. Pensei com frequência em me deitar com a cabeça próxima ao rosto doce e gélido de meu anjo caído e me entregar ao torpor crescente, mas não poderia deixá-la à mercê das aves carniceiras, e sim insistir na determinação de enterrá-la na cripta de seus ancestrais, onde um Deus misericordioso me permitiria descansar também.

A estrada pela qual passamos por Egham me era familiar, mas o vento e a neve faziam os cavalos se arrastarem com lentidão e sem jeito. Subitamente, o vento mudou de direção, deixando de soprar do sudoeste para vir do oeste e, depois, do noroeste. Da mesma forma que Sansão derrubou as colunas que suportavam o templo dos filisteus, o vendaval acabou com a densa neblina que cobria o horizonte enquanto o grande domo de nuvens caía ao sul, revelando por entre a renda alva o

céu aberto e as pequenas estrelas que se erguiam a uma distância imensurável nos campos cristalinos e que, com seus raios de luz, faziam brilhar a neve. Até mesmo os cavalos se animaram com a visão, movendo-se com uma força renovada. Entramos na floresta em Bishopgate, e, ao final da Long Walk, eu vi o castelo, “o poderoso forte de Windsor, erguendo-se em proporção majestosa, adornado com o cinturão duplo de torres coevas e semelhantes”. Olhei com reverência para a estrutura, quase tão ancestral quanto as rochas sobre as quais fora construída, lar de reis e tema de admiração dos sábios. Com reverência ainda maior e uma afeição que me fez lacrimejar, contemplei o castelo como o lar do longo período no qual tivera autorização para aproveitar o perecível e inigualável tesouro feito de pó que agora jazia gélido ao meu lado. Nesse momento, eu poderia muito bem ter cedido à frouxidão de minha natureza e chorado, queixando-me amargamente tal qual uma mulher enquanto as árvores familiares, os bandos de cervos e as trilhas cuja grama fora amassada pelos pés feéricos de Idris se apresentavam um a um, tristonhos. O portão branco no final da Long Walk estava escancarado, e cavalguei pelo vilarejo vazio até chegar ao primeiro portal para a torre feudal. Logo vi a capela de São Jorge, com suas muralhas escuras e adornadas, erguer-se bem à minha frente. Parei diante das portas, que estavam abertas, e entrei. Coloquei meu lampião no altar, voltei e, com um zelo carinhoso, carreguei Idris pelo corredor até o santuário. Por fim, depusitei-a com cuidado no tapete dos degraus que levavam ao altar da comunhão. Os estandartes dos cavaleiros da Ordem de Garter e suas espadas meio desembainhadas oscilavam sobre os bancos em uma ornamentação vã. O estandarte da família de minha amada estava exposto ali, ainda adornado pela coroa real. Adeus à glória e à heráldica da Inglaterra! Desviei os olhos desse sinal de vaidade com um leve sentimento de admiração sobre como a humanidade pudera se interessar por coisas assim. Debrucei-me sobre o corpo sem vida de minha amada e, encarando o rosto descoberto, a expressão já contraída pela rigidez da morte, senti como se todo o universo visível tivesse ficado tão ausente de alma, mobilidade e consolo como a imagem de barro frio diante de mim. Por um instante, senti um desejo intolerável de brigar e detestar as leis que governavam o mundo. Logo, porém, a calma visível no rosto de minha falecida esposa provocou em mim um estado mental mais calmo, e continuei dando cabo à última honraria que prestaria a ela. Eu não lamentava por ela — na verdade, invejava o fato de que aproveitaria “da triste imunidade do túmulo”.

A cripta fora recentemente aberta para receber nosso Alfred. A cerimônia usual naqueles últimos dias fora realizada às pressas. O piso da capela, removido para dar entrada à cripta, não fora recolocado no lugar. Desci os degraus e caminhei pelo longo corredor que levava à grande câmara que conteria os restos mortais de minha

Idris. Avistei o pequeno caixão de meu bebê. Com mãos apressadas e trêmulas, improvisei uma espécie de ataúde ao lado dele, estendendo as peles e os xales indianos nos quais envolvera Idris em nossa viagem até ali. Acendi o reluzente lampião, que tremulou no úmido lar dos mortos. Enfim, depusitei meu amor perdido em seu derradeiro leito, ajeitei seus membros em uma pose decente e a cobri com um manto, deixando exposto apenas o rosto, que permanecia amável e plácido. Ela parecia uma pessoa muito cansada repousando, com os formosos olhos fechados em um doce sono. Mas não era isso — ela estava morta! Desejei intensamente deitar-me ao lado dela, fitar o nada até que a morte me agraciasse com o mesmo repouso.

Mas a morte não vem ao simples pedido dos miseráveis. Eu me recuperara recentemente de uma doença mortal. Meu sangue jamais fluíra com tanta força, e meus membros jamais haviam estado tão repletos de ágil vida como naquele momento. Sentia que minha morte deveria ser espontânea. No entanto, o que poderia ser mais natural do que morrer de inanição ao permanecer para sempre naquela câmara mortal, no mundo dos mortos, ao lado da esperança perdida de minha vida? Quando olhei para ela, porém, sua expressão, que continha em si uma semelhança com a de Adrian, levou meus pensamentos de volta aos vivos — a meu caro amigo, a Clara e a Evelyn, que provavelmente já estavam em Windsor e esperavam ansiosamente meu retorno.

Pensei ter ouvido um ruído, um som de passos que ecoou na cúpula alta da capela e chegou a mim através das passagens vazias. Será que Clara vira o cabriolé passar pelo vilarejo e fora me procurar ali? Deveria poupá-la da horrível cena que a cripta apresentava. Subi correndo os degraus e então vi uma mulher, recurvada pela idade e vestida com longas vestes de luto, avançar pela penumbra da capela apoiada em uma bengala, cambaleando mesmo com a ajuda do instrumento. Ela me ouviu e ergueu os olhos. O lampião que eu carregava iluminava a mim mesmo, e os raios do luar, atravessando os vitrais, banhavam o rosto enrugado e magro, embora ainda marcado por um olhar penetrante e um cenho imponente — e eu reconheci a condessa de Windsor. Com a voz cavernosa, ela perguntou:

— Onde está a princesa?

Apontei para o piso aberto. Ela andou até o ponto indicado e olhou para dentro da escuridão palpável. Não era possível ver nada ali, pois o lampião que eu deixara lá dentro estava longe demais para ser discernível.

— Sua luz — pediu. Eu a entreguei. Ela encarou os degraus agora visíveis, embora bem íngremes, como se avaliasse a própria capacidade de descê-los. Instintivamente, fiz um gesto silencioso para ajudá-la. Ela me dispensou com um olhar de desprezo. Apontou para baixo e, com a voz áspera, disse:

— Lá pelo menos poderei tê-la sem ser perturbada.

E começou a descer enquanto eu, arrasado, miserável além de qualquer palavra, lágrima ou gemido, simplesmente me joguei ao chão. Podia ver diante dos olhos o corpo rígido de Idris, o semblante abatido pela morte em silêncio perante o eterno repouso lá embaixo. Ali, para mim, era o fim de tudo! No dia anterior, eu imaginara várias aventuras e encontros com meus amigos no além — agora, atravessara todo o espaço que havia entre os dois momentos e alcançara a extremidade final da vida. Ali, envolto pela escuridão, fechado, encastelado e totalmente coberto pelo onipotente presente, sobressaltei-me com o som de passos vindos da tumba e lembrei-me de quem esquecera completamente: minha irada visitante. A silhueta alta surgiu vagarosamente da câmara, uma estátua viva marcada pelo ódio e por um conflito humano e apaixonado. Percebi que chegara à altura do solo novamente. Ali permaneceu imóvel, procurando algo com o olhar. Enfim, percebendo-me perto dela, encostou a mão enrugada em meu braço e, em um tom trêmulo, exclamou:

— Lionel Verney, meu filho!

Essa maneira de se endereçar a mim, usada naquele momento pela mãe de minha angélica amada, instilou no meu peito mais respeito do que jamais sentira pela desprezível senhora. Curvei a cabeça, beijei sua mão ressequida e, notando como tremia violentamente, ajudei-a a chegar até a extremidade do altar, onde se sentou nos degraus que levavam ao palanque real. Ela se permitiu ser auxiliada e, ainda segurando minha mão, apoiou as costas contra o palanque enquanto os raios do luar tingidos pelas várias cores dos vitrais banhavam seus olhos brilhantes. Ciente de sua fraqueza e novamente lembrada da dignidade que tanto valorizava, ela enxugou as lágrimas. Mesmo assim, estas continuavam caindo quando disse, como justificativa:

— Ela é tão bela e plácida, mesmo na morte. Nenhum sentimento rude jamais obscureceu seu semblante sereno. E como a tratei? Ferindo seu gentil coração com uma frieza selvagem. Não tive compaixão dela nos últimos anos, será que me perdoa agora? Pouco, pouquíssimo ajuda falar de arrependimento e perdão com os mortos. Se eu tivesse passado a vida dando ouvido aos gentis desejos de minha filha e curvando minha áspera natureza a seu bel-prazer, não estaria me sentindo assim.

Em aparência, Idris e a mãe não se pareciam em nada. Os cabelos escuros, os olhos pretos e profundos e os traços proeminentes da ex-rainha contrastavam totalmente com as tranças douradas, os amplos olhos azuis e as linhas e os contornos suaves do semblante da filha. No entanto, nos últimos dias, a doença fizera minha pobre garota perder o contorno redondo do rosto, reduzindo-o à forma inflexível dos ossos que haviam sob a pele. No formato da fronte e no queixo

oval, era possível encontrar semelhanças com a mãe, e alguns de seus gestos e modos não eram totalmente diferentes. Como não viviam juntas havia muito tempo, aquilo era impressionante.

Há um poder mágico na semelhança. Quando alguém amado morre, ansiamos por ver sinais da pessoa em outros rostos, e meio que esperamos que a agência da mente faça com que a outra veste imite o jeito de ser da criatura mortal falecida. Mas essas são ideias que existem apenas no pensar. Sabemos que, quando o mecanismo se quebra, a sensível existência que vive dentro dele se reduz a minúsculos fragmentos, que se desfazem em um nada feito de pó. Quando uma pessoa ainda viva direciona um olhar, faz um gesto ou se move de maneira que faça lembrar um morto, ela toca um acorde emocionante cuja harmonia sagrada é sentida no fundo do coração. Estranhamente emocionado, prostrado diante daquela imagem espectral e paralisado pela força do sangue manifestada na similaridade de olhar e movimento, tremi na presença da áspera, orgulhosa e, até o momento, mal-amada mãe de Idris.

Pobre mulher equivocada! Na condição terna em que estivera pouco antes, havia acalentado a ideia de que uma palavra ou um olhar de reconciliação da parte dela teriam sido recebidos com alegria, pagando por longos anos de severidade. Agora que já era tarde demais para isso, ela sentira de uma vez a verdade desagradável das coisas, entendendo que nem sorrisos, nem o carinho poderiam alcançar a filha em seu estado inconsciente, menos ainda influenciar a alegria daquela que jazia na cripta sob nossos pés. Essa convicção, assim como a lembrança das respostas suaves que a garota dava aos sermões amargos e dos olhares gentis com que respondia aos olhares raivosos, o entendimento de como eram falsos, insignificante e fúteis os sonhos de linhagem e poder que a ex-rainha valorizava, o conhecimento arrasador de que o amor e a vida eram os verdadeiros imperadores de nossa condição mortal — como a maré, tudo isso se ergueu ao mesmo tempo e encheu a alma da idosa com uma confusão tempestuosa e desconcertante. Senti que era minha obrigação agir como uma força influenciadora, abrandando a agitação furiosa daquelas ondas tumultuosas. Falei com ela. Deixei-a saber como Idris fora realmente feliz e como suas virtudes e inúmeras excelências haviam sido bem empregadas e admiradas ao longo da vida. Elogiei minha ídola, objeto de toda a adoração do meu coração, exemplo imaculado da perfeição feminina. Com ardor e transbordante eloquência, aliviei o coração de seu fardo e despertei para a sensação de um novo prazer pela vida enquanto fazia jorrar aquela homenagem fúnebre. Então falei de Adrian, amado irmão de Idris, e de nosso filho ainda vivo. Embora quase tivesse me esquecido deles, declarei quais eram meus deveres em relação àquelas valiosas porções da mulher, e fiz com que a melancólica e

arrependida mãe refletisse como poderia expiar a falta de gentileza com que tratara a filha morta redobrando o amor pelos herdeiros sobreviventes. Consolando-a, minhas próprias tristezas se aliviaram, e minha sinceridade conquistou sua total convicção.

Ela se virou para mim. O rosto da rígida, inflexível e implicante mulher foi tomado por uma expressão suave, e ela disse:

— Se nosso amado anjinho nos visse agora, teria prazer em ver que eu o reconheço, mesmo que tardiamente. Você foi digno dela, e do fundo do meu coração agradeço por tê-la tirado de mim. Me perdoe, meu filho, os muitos males que lhe causei. Perdoe minhas palavras amargas e meu tratamento grosseiro. Entrego-me para que você me governe como desejar.

Aproveitei o dócil momento para propor que deixássemos a igreja.

— Primeiro — disse ela —, fechemos o chão sobre a cripta.

Chegamos mais perto da abertura.

— Devemos olhá-la mais uma vez? — perguntei.

— Não sou capaz — respondeu ela. — Rogo que também não vá. Não devemos nos torturar encarando esse corpo sem alma enquanto seu espírito ainda vive em nossos corações. Seu encanto está gravado tão fundo neles que ela estará presente entre nós dia e noite.

Por alguns momentos, encaramos em silêncio a cripta aberta. Consagrei o resto de minha vida à preservação de sua amada memória. Jurei servir até a morte seu irmão e seu filho. Os soluços convulsivos de minha companheira me fizeram despertar de minhas promessas internas. Depois, puxei as pedras sobre a entrada da tumba e fechei a reentrância que continha a vida de minha vida. Por fim, apoiei minha decrépita parceira no luto, e deixamos lentamente a capela. Ao sair a céu aberto, senti que havia deixado um feliz ninho de repouso e adentrado em uma terrível selva, um caminho tortuoso, uma trilha de peregrinação amarga, sem alegria nem esperanças.

## IV

Nosso grupo fora encarregado de preparar o lugar para passarmos a noite na estalagem, do outro lado do aclive que levava ao castelo. Não podíamos mais voltar a frequentar os salões e aposentos familiares de nosso lar em uma mera visita. Havíamos deixado para sempre as clareiras de Windsor, assim como todas as árvores, cercas vivas floridas e regatos murmurantes que davam forma e intensidade ao amor por nossa terra, e enfim ao apego quase supersticioso com que encarávamos nossa Inglaterra. A intenção era bater na casa de Lucy em Datchet e reassegurar mãe e filha com promessas de ajuda e proteção antes de nos recolhermos para passar a noite. Agora, enquanto a condessa de Windsor e eu descíamos a íngreme colina que deixava o castelo, vimos as crianças, que haviam acabado de chegar com a caravana, à porta da estalagem. Haviam passado por Datchet sem parar. Temia encontrá-los e ser portador de uma história tão trágica. Assim, enquanto ainda estavam ocupados com a correria da chegada, deixei-os sem que percebessem e, através da neve e da clara noite enluarada, avancei à toda pela conhecida estrada que levava a Datchet.

Era de fato bem conhecida. Cada chalé estava onde deveria estar, cada árvore ostentava sua aparência tão comum. O hábito havia registrado de forma indelével na minha mente cada curva e cada detalhe da estrada. Pouco depois de Little Park, havia um ulmeiro parcialmente derrubado por uma tempestade uns dez anos antes. Mesmo assim, com seus galhos cobertos de neve, ele se estendia por cima do caminho que atravessava um prado e margeava um regato raso cujo murmúrio fora calado pelo gelo. Esse quebra-corpo, o portãozinho branco, o tronco oco de carvalho que sem dúvida pertencera algum dia à floresta e que agora expunha ao luar seu ferimento — sua forma engraçada que na penumbra fazia lembrar uma criatura humana, a quem as crianças haviam dado o nome de Falstaff —, todos os objetos eram tão conhecidos a mim como a lareira fria de minha casa deserta. As paredes cobertas de musgo e os trechos do pomar, que como cordeiros gêmeos eram a olhos estranhos todos parecidos uns com os outros, ao meu olhar

acostumado eram diferentes, tinham cada um seus detalhes e um nome. A Inglaterra perdurava, embora estivesse morta — era o fantasma da alegre Inglaterra que eu testemunhava. Sob a sombra daquela floresta, gerações haviam encontrado segurança e tranquilidade. A esse doloroso reconhecimento de lugares familiares, somou-se um sentimento experimentado por todas as pessoas, mas entendido por nenhuma — o sentimento de que, em algum estado menos visionário que o do sonho, no passado de alguma existência real, eu vira tudo aquilo que via, sentindo exatamente os mesmos sentimentos que eu sentia naquele momento, como se minhas sensações fossem um reflexo duplo de uma revelação anterior. Para me livrar dessa sensação opressiva, esforcei-me para imaginar mudanças naquele local tranquilo — mas a ideia acabou apenas piorando a situação, porque passei a prestar mais atenção aos detalhes que me causavam sofrimento.

Cheguei enfim a Datchet e ao humilde lar de Lucy, antes ruidoso com beberrões nas noites de sábado ou organizado e limpo nas manhãs de domingo, quando era submetido ao trabalho e aos hábitos da dona de casa. A neve se acumulava alta diante da porta, como se ela tivesse permanecido fechada por muitos dias.

— Qual cena de morte Róscio pretende representar agora? — murmurei para mim mesmo enquanto olhava os caixilhos escuros. A princípio, pensei ter visto uma luz vinda lá de dentro, mas ela provou ser meramente um reflexo do luar. O único som era o estalar dos galhos das árvores enquanto a brisa soprava os flocos de neve, e a lua estava alta e completamente descoberta no interminável firmamento enquanto a sombra do chalé pintava de preto o jardim dos fundos. Entrei pelo postigo aberto e examinei ansioso cada uma das janelas. Enfim detectei um raio de luz escapando por entre cortinas fechadas em um dos cômodos superiores — infelizmente, era uma sensação nova olhar para qualquer casa e ver seus moradores usuais. A porta estava fechada, mas não trancada, então entrei e subi pelas escadas banhadas em luar. O quarto ocupado tinha a porta entreaberta. Quando olhei, vi Lucy sentada como se trabalhasse em sua mesa, onde também estava aquela única fonte de luz. Apetrechos de costura a cercavam, mas a mão caíra sobre o colo, e os olhos, fixos no chão, anunciavam o vazio por onde seus pensamentos transitavam. Sinais de preocupação e falta de sono haviam degradado seus traços atraentes. Ainda assim, o vestido simples e a touca que usava, a atitude desanimada e a vela única que emitia luz sobre ela davam uma aparência pitoresca à cena. Uma temerosa realidade me despertou do devaneio: havia uma figura deitada na cama, coberta por um lençol. A mãe de Lucy morrera, e ela, separada do resto do mundo, sozinha e abandonada, fizera uma vigília ao lado do corpo por toda a noite. Adentrei o quarto, e minha aparição inesperada fez a sobrevivente solitária daquela



nação morta dar um grito. Logo depois, reconheceu-me e se recuperou, rapidamente assumindo o autocontrole que lhe era habitual.

— Não estava me esperando? — perguntei com a voz baixa que a presença dos mortos nos faz empregar instintivamente.

— O senhor é muito bondoso de ter vindo em pessoa — respondeu ela. — Nunca poderei agradecer o suficiente, mas é tarde demais.

— Tarde demais? — indaguei. — O que quer dizer? Não é tarde demais para tirá-la deste lugar deserto e levá-la a...

Minha própria perda, que eu esquecera por um momento, fez-me virar enquanto um luto sufocante bloqueava minha fala. Abri a janela e olhei para o gélido, minguante, medonho e deformado círculo no céu, e depois para a terra branca e gelada lá em baixo. Será que o espírito da doce Idris perambulava no ar cristalino e congelado pelo luar? Não, não, decerto ela pertencia a uma atmosfera mais agradável e encantadora!

Permiti-me pensar nisso por um instante. Depois, voltei a me dirigir à mulher que encarava a cama com uma expressão de desespero resignado, completa miséria e sofrimento paciente, muito mais tocante do que qualquer desvario insano ou gestual escandaloso de uma dor descontrolada. Queria tirá-la daquela lugar, mas ela se opôs à minha vontade. As pessoas cuja imaginação e sensibilidade nunca saíram do círculo imediato de vivências, caso possuam o suficiente dessas qualidades, são aptas a aplicar a própria influência às realidades que parecem destruí-las e apegarem-se a elas com uma tenacidade dupla por não serem capazes de compreender nada do que há além disso. Assim, Lucy, na deserta Inglaterra, em um mundo morto, desejava realizar as cerimônias fúnebres usuais, como era comum entre o povo do interior do país quando a morte era uma visitante rara e nos dava tempo de fazer uso de todas as temidas pompas e circunstâncias da ocasião — seguindo em procissão para entregar as chaves do túmulo às mãos vencedoras da própria. Mesmo sozinha como estava, a filha realizara algumas etapas — quando a encontrei, trabalhava justamente na mortalha da mãe. Meu coração ficou apertado ao pensar sobre como as mulheres conseguem suportar aflições profundas, enquanto para o homem essas são mais dolorosas do que a mais mortal luta, ou então espasmos de uma agonia inexprimível, mas transiente.

Disse a ela que as coisas não poderiam ser daquela maneira. Depois, como forma de incentivo, contei de minha perda recente e propus que viesse comigo para cuidar das crianças agora órfãs, cuja morte de Idris as privara de um cuidado materno. Lucy não era capaz de resistir ao chamado do dever, então cedeu e, fechando com cuidado as portas e janelas, acompanhou-me a Windsor. Conforme avançávamos, ela relatou a ocasião da morte da mãe. Por um descuido qualquer, a

mulher lera a carta de Lucy para Idris ou ouvira a conversa da filha com o homem que a levaria. De qualquer forma, ela soube da situação lamentável em que as duas estavam, e seu corpo idoso não foi capaz de suportar a ansiedade e o horror causados pela descoberta. Ela escondera o conhecimento de Lucy, mas remoera a situação por noites e noites insones até que a febre e o delírio, arautos da morte, revelaram o segredo. A vida da mulher, que por muito tempo estivera à beira do fim, cedera de uma vez aos efeitos conjuntos da tristeza e da doença, e ela morreu na mesma manhã do dia em que eu as encontrara.

Depois das emoções tumultuosas do dia, fiquei grato de chegar à estalagem e descobrir que todos já haviam se retirado para dormir. Deixei Lucy aos cuidados da criada da condessa e fui eu mesmo procurar descansar de meus vários conflitos e arrependimentos impacientes. Por alguns instantes, os eventos do dia flutuaram em um desfile desastroso no palco de minha mente, até que o sono os varreu com o esquecimento. Quando a manhã nasceu e eu acordei, minha impressão era de que tinha dormido por anos.

Meus companheiros não compartilhavam do mesmo esquecimento. Os olhos inchados de Clara mostravam que passara a noite chorando. A condessa parecia abatida e pálida. Seu espírito firme não encontrara alívio nas lágrimas, e ela fora quem sofrera mais devido a todo o retrospecto doloroso e ao arrependimento agonizante que agora a acometia. Partimos de Windsor assim que os ritos fúnebres da mãe de Lucy foram encaminhados. Incitados por um desejo impaciente de mudar de ares, seguimos rapidamente em direção a Dover nos cavalos que nossa escolta obtivera ao partir na frente. Havia encontrado os animais em estábulos, que buscavam instintivamente por causa do tempo frio, ou tremendo nos campos vazios, dispostos a entregar a liberdade em troca de um pouco de milho.

Durante a cavalgada, a condessa me contou as circunstâncias extraordinárias que a haviam feito me encontrar de forma tão inexplicável na capela de São Jorge. Quando visitara Idris pela última vez e encarara ansiosamente sua postura enfraquecida e seu semblante pálido, ocorrera de súbito à mulher a convicção de que aquela seria a última vez que se veriam. Havia sido difícil se separar da filha sob a influência desse sentimento, e pela última vez ela tentara persuadi-la a ficar sob seus cuidados, permitindo que eu me juntasse a Adrian. Idris recusara mansamente, e elas se separaram. A ideia de que nunca mais a veria cresceu na mente da condessa e passou a assombrá-la continuamente. Mil vezes ela decidiu voltar e se juntar a nós, mas era sempre contida pelo orgulho e pela raiva dos quais passara a ser escrava. Dona de um coração orgulhoso como era, banhava os travesseiros com lágrimas noturnas e passava o dia afetada por uma nervosa agitação e pela expectativa do terrível evento, coisas que era completamente incapaz de reprimir.

Ela confessou que nesse período me odiava mais do que tudo, pois me considerava o único obstáculo entre ela e a realização de seu maior desejo: estar junto da filha durante seus últimos momentos. A condessa desejava expressar esses temores ao filho e procurar consolo caso ele considerasse válidos tais presságios — ou coragem, caso os rejeitasse.

No primeiro dia depois da chegada a Dover, ela caminhara com ele pela praia e, com a característica tímida de uma pessoa tomada por sentimentos inflamados, foi aos poucos encaminhando a conversa ao ponto desejado. A intenção era comunicar seus medos ao filho, mas, naquele momento, o mensageiro chegou a cavalo com minha carta, que anunciava nosso retorno a Windsor. Ele relatou aos dois como estávamos quando nos deixara e acrescentou que, apesar da alegria e da coragem de lady Idris, temia que a moça jamais chegasse com vida ao castelo.

— É isso! — exclamara a condessa. — Seu medo faz sentido, pois ela está prestes a morrer!

Conforme falava, mantinha os olhos em uma reentrância com aparência tumular na encosta do penhasco. Ali, contou a mim em um tom solene, vira Idris caminhar vagorosamente em direção à caverna. Ela estava de costas, com a cabeça baixa e um vestido branco como os que costumava usar. A única diferença era que um fino véu de crepe cobria suas tranças douradas e escondia o rosto como uma fraca bruma transparente. Parecia abatida, como se cedesse docilmente a um poder externo que a controlava. Entrou subitamente no espaço e se perdeu na escuridão.

— Se eu fosse dada a acreditar em visões, teria duvidado de meus olhos e condenado minha credulidade — disse a venerável senhora, continuando a narrativa. — Vivo, no entanto, na realidade, e o que vi sem dúvida era real. Desse momento em diante, fui incapaz de descansar, e daria minha própria vida para vê-la mais uma vez antes que morresse. Mesmo que não conseguisse, eu ao menos tentaria. Imediatamente parti para Windsor, e embora me assegurassem que viajávamos rápido, a impressão era de que avançávamos como lesmas e que os atrasos eram provocados apenas para me irritar. Nesse momento, eu ainda o acusava, despejando sobre sua cabeça as brasas ardentes de minha impaciência. Não foi uma decepção, embora tenha sido sim uma dor agonizante, vê-lo apontar para seu local final de repouso. Palavras não são capazes de expressar a repulsa que senti por você naquele momento, o grande obstáculo triunfante entre mim e meu mais profundo desejo. Mas quando a vi, a raiva, o ódio e a injustiça morreram em seu esquife, e com a partida deram espaço ao remorso. Meu bom Deus, como o sinto! O remorso que durará enquanto a memória e o sentimento existirem.

Para mitigar esse remorso e evitar que o amor suscitado e a brandura recém-nascida produzissem o mesmo fruto amargo que o ódio e a aspereza, devotei todas

as minhas forças para consolar a venerável penitente. Formávamos um grupo melancólico — cada membro da comitiva estava tomado por um arrependimento irremediável, e a ausência da mãe ofuscava até mesmo a alegria infantil de Evelyn. Somada a isso, havia a perspectiva de um futuro incerto. Antes do passo final de qualquer grande mudança voluntária, a mente vacila — ora acalmando a si mesma com uma expectativa fervente, ora tentando evitar obstáculos que antes não pareciam tão preocupantes assim. Um tremor involuntário percorreu meu corpo quando pensei que, no dia seguinte, estaríamos atravessando a barreira do mar, dando início a uma peregrinação desesperançosa, interminável e triste que apenas pouco tempo atrás eu considerava o único alívio à tristeza proporcionada por nossa situação.

A aproximação de Dover foi anunciada pelos rugidos altos do mar invernal. O som era carregado pelo vento por milhas continente adentro, e o agito incomum fez recair sobre nós uma sensação de insegurança e perigo. A princípio, sequer nos permitimos pensar que alguma erupção anormal da natureza pudesse causar aquela tremenda guerra entre o ar e a água. Em vez disso, tentamos nos convencer de que ouvíamos o que já havíamos ouvido milhares de vezes antes ao assistir aos rebanhos de ondas encrespadas e sopradas pelo vento chegarem lamentando antes de morrerem nas areias áridas e nas rochas pontiagudas. Conforme avançávamos, porém, descobrimos que Dover estava alagada — a maior parte das casas havia sido derrubada pelas marés que invadiam as ruas e que, com rugidos horrendos, às vezes recuavam, arrancando o pavimento da cidade. Depois, empurradas pelo influxo do oceano, voltavam a avançar e ocupavam de novo o espaço usurpado com um retumbar digno de trovões.

Pouco menos perturbadas que o tempestuoso mundo das águas estavam as pessoas agrupadas ali, que do penhasco assistiam com medo à fúria oceânica. Na manhã da chegada dos viajantes sob comando de Adrian, o mar estivera sereno e cristalino, com as ondas suaves refletindo os raios do sol cuja radiância se espalhava pelo ar frio a partir de um céu azul. A aparência plácida da natureza fora saudada como um bom augúrio pelos viajantes, e o comandante imediatamente foi até o porto para examinar dois barcos a vapor que estavam atracados. Na madrugada seguinte, enquanto o grupo descansava, uma tempestade de vento forte e uma chuva ruidosa perturbaram as pessoas, e uma voz ecoara pelas ruas, avisando que todos deveriam acordar — senão se afogariam. Correram todos para fora, meio vestidos, e enfim entenderam o significado do aviso: a maré, subindo acima de qualquer registro, começava a invadir a cidade. Subiram o penhasco, mas, na escuridão, tudo o que conseguiam ver era a crista branca das ondas enquanto os uivos do vento furioso harmonizavam de forma aterrorizante o som violento da

água. A hora avançada da noite, a total inexperiência de muitos que nunca haviam visto o mar antes, o lamento das mulheres e o choro das crianças se somaram ao horror do tumulto. A mesma cena continuara ao longo do dia seguinte. Quando a maré desceu, a cidade voltou a ficar seca, mas, na volta, o nível da água subiu mais ainda do que na noite anterior. Os enormes navios destroçados na margem foram arrancados da ancoragem e jogados contra o penhasco. As embarcações do porto, por sua vez, foram carregadas até a praia como algas marinhas e, lá, feitas em pedaços pelas ondas. Estas se chocavam contra o penhasco, que em alguns pontos já desgastados começara a se desfazer. Assustada, a multidão viu grandes pedaços do solo próximo caírem e serem engolidos pelas profundezas. A visão teve efeitos diferentes em pessoas diferentes. A maior parte achava que aquilo era um castigo divino para evitar ou punir nossa tentativa de deixar a terra natal. Outras ficaram ainda mais ansiosas por abandonar aquele trecho de terra que agora virava uma prisão, incapaz de resistir ao avanço das ondas gigantes do mar.

Quando chegamos a Dover, depois de um dia cansativo de viagem, tudo o que queríamos era descansar e dormir, mas a cena nos dissuadiu dessas ideias. Fomos atraídos, junto com grande parte de nossos companheiros, à beira do penhasco, onde pudemos ouvir e fazer nossas milhares de conjecturas. A névoa reduzia o alcance da visão a cerca de um quarto de milha. O véu brumoso, frio e denso obscurecia tanto céu quanto mar. O que nos deixava mais inquietos era o fato de dois terços de nosso grupo original agora nos esperar em Paris. Apegados ao máximo pelo que restava de nossa espécie, essa separação, que colocava entre nós um oceano indomável e impassável, enchia-nos de medo. Enfim, depois de perambular por várias horas pelo penhasco, seguimos para o castelo de Dover, cujo teto era suficiente para proteger todas as pessoas que ainda respiravam o ar inglês. Ali, tentamos dormir o bastante para recuperar a força e a coragem de nossos corpos desgastados e espíritos desanimados.

Bem cedo na manhã seguinte, Adrian me trouxe a bem-vinda novidade de que o vento mudara: ele antes soprava na direção sudoeste, mas mudara para a direção nordeste. O céu fora limpo de quaisquer nuvens por um vento cada vez mais forte, e o mar recuara e deixara a cidade. A mudança da direção do vento na verdade aumentara a fúria do oceano, mas também alterara sua cor de um tom escuro para um verde brilhante. Apesar do agito, a aparência mais alegre proporcionava esperança e prazer. Passamos o dia assistindo à oscilação das gigantes ondas, e, com a proximidade do pôr do sol, o desejo de decifrar a promessa do clima do dia seguinte fez com que nos reuníssemos todos à beira do penhasco. Quando o poderoso astro se aproximou alguns graus do horizonte agitado pela tempestade, subitamente nos surpreendemos: três outros sóis, tão ardentes e brilhantes quanto o

primeiro, surgiram dos vários cantos do céu na direção do grande orbe, ao redor do qual passaram a girar. O brilho da luz era intenso demais para nossos olhos ofuscados. O próprio Sol pareceu entrar na dança enquanto o mar brilhava como uma fornalha, como um Vesúvio desperto e repleto de correntes de lava. Os cavalos fugiram dos estábulos, aterrorizados. Um rebanho de vacas em pânico disparou na direção do penhasco, e os animais, cegos pela luz, mergulharam em direção às ondas com mugidos de medo. A aparição dos meteoros durou relativamente pouco. De súbito, todas as imitações do Sol se uniram em um ponto só e mergulharam na direção do mar. Poucos segundos depois, um som ensurdecido de algo batendo na água ribombou de forma terrível a partir da direção em que tinham aparecido.

Nesse meio-tempo, o Sol, desvencilhado dos estranhos satélites, seguiu com a magnificência costumeira na direção do abrigo a oeste. Não ousávamos confiar em nossos olhos ofuscados, mas a nós pareceu que, quando o mar se ergueu para encontrar o Sol, o oceano se elevou cada vez mais até obscurecer o globo ardente, o paredão de água assomando-se no horizonte. A impressão era de que subitamente o movimento da terra nos fora revelado — como se não estivéssemos mais sujeitos a regras ancestrais, mas sim derivássemos perdidos em uma região desconhecida do espaço. Muitas pessoas gritaram em voz alta que aqueles não eram meteoros, mas globos feitos de matéria ardente que haveriam de atear fogo na terra e fazer com que o vasto caldeirão aos nossos pés borbulhasse com ondas imensuráveis. O dia do julgamento final chegara, diziam elas, e em alguns momentos seríamos transportados à presença do onipotente juiz. Enquanto isso, outras menos dadas a visões aterrorizantes declaravam que o choque entre dois ventos contrários era o responsável pelo fenômeno. Para sustentar a opinião, apontaram o fato de o vento que vinha do leste ter morrido e o rugido do oeste ter misturado seu uivo aos das águas que avançavam. Será que o penhasco resistiria à nova onda de choque? A onda gigante não era muito mais alta do que aquele precipício? Será que nossa ilha seria devorada pelo avanço do mar? A multidão de espectadores fugiu. As pessoas se dispersaram pelos campos, parando aqui e ali para olharem aterrorizadas para trás. Uma sensação sublime de admiração acalmou as pulsações aceleradas do meu coração. Fiquei esperando a destruição anunciada com uma resignação solene instilada pelos acontecimentos inevitáveis. O oceano ficava mais assustador a cada momento, enquanto o crepúsculo sumia atrás das nuvens que o vento oeste espalhava pelo céu. A onda avançou aos poucos, porém, e assumiu uma aparência mais suave. Alguma outra corrente de ar, ou quiçá uma obstrução no leito do oceano, amenizou o progresso até que ela se dissipou gradualmente. No processo, a superfície do mar foi ficando uniformemente mais alta enquanto o paredão de água se dissolvia. Essa mudança fez com que não temêssemos mais a catástrofe imediata,

embora ainda estivéssemos ansiosos pelo resultado final do fenômeno. Passamos o resto da noite assistindo à fúria do mar e à dança das nuvens em movimento enquanto, através das aberturas, as raras estrelas cintilavam impetuosamente. O som dos elementos em conflito fez com que perdêssemos toda a capacidade de dormir.

A situação continuou a mesma por três dias e três noites. Até os mais fortes corações fraquejaram diante da hostilidade brutal da natureza. As provisões começaram a faltar, embora todos os dias grupos de busca fossem enviados às cidades próximas. Em vão, tentávamos nos convencer de que não havia nada de incomum na catástrofe que havíamos presenciado. Nosso desastroso e avassalador destino havia transformado até os melhores de nós em covardes. A morte nos perseguira ao longo de vários meses, e ainda nos seguia naquele breve tempo restante. Era um tempo de fato breve, e fustigada por tempestades era a passarela que seguiríamos por sobre o grande mar da calamidade.

*Como um porto do norte desprotegido  
É assolado por ondas invernais  
E por frequentes tempestades atingido  
(Enquanto, do oeste, os ventos uivam mais,  
Ou do leste, do branco pico tingido)  
O mar lava o banco de areia e os corais.*

Era preciso uma energia sobre-humana para suportar as ameaças de destruição que nos cercavam por todos os lados.

Depois de três dias, o vento morreu. As gaivotas voltaram a voejar no seio calmo da atmosfera sem vento, e a última folha seca no galho mais alto do carvalho jazeu imóvel. O mar não mais se agitava em fúria, mas oscilava sem parar na direção da costa, e o longo lambar da areia seguido por um som amuado substituíra o rugido das ondas. A mudança ainda assim nos inspirava esperança, e não duvidávamos que, depois de alguns dias, o mar voltaria à tranquilidade. O pôr do sol do quarto dia endossou essa ideia, claro e dourado. Conforme encarávamos o mar púrpura e radiante lá embaixo, nossa atenção foi atraída para um novo espetáculo: um pontinho escuro — quando se aproximou, foi possível ver que era um barco — navegava sobre as ondas, e aqui e ali sumia entre os íngremes vales por entre as cristas. Acompanhamos a rota dele com curiosidade. Quando vimos que evidentemente se dirigia à costa, descemos até o único ponto em que ele poderia atracar e acendemos sinalizações para direcionar a embarcação. Com a ajuda de lunetas, pudemos ver melhor os tripulantes. Eram nove homens ingleses que

pertenciam a duas divisões do grupo maior que fora em frente, àquela altura já em Paris havia várias semanas. Como é costume receber conterrâneos em terras distantes, fomos encontrar nossos visitantes no ponto de atracagem com as mãos estendidas e alegres boas-vindas. Eles demoraram para responder nossas saudações. Pareciam irritados e ressentidos, não menos do que o mar irritadiço que haviam atravessado com óbvio perigo, embora aparentemente mais aborrecidos uns com os outros do que conosco. Era estranho ver aqueles homens, que pareciam ter brotado da terra como plantas raras e inestimáveis, cheios de uma paixão imponente e um irritado espírito de discussão inflamada. A primeira exigência foi que fossem levados ao lorde protetor da Inglaterra, como chamavam Adrian — apesar de termos havia muito tempo descartado o título vazio, que soava como uma zombaria diante da sombra à qual o Protetorado se reduzira. Eles foram encaminhados às pressas ao castelo de Dover, de cujo forte Adrian assistia aos movimentos do barco. Meu amigo os recebeu com o interesse e a admiração que uma visão estranha como aquela poderia criar. Na confusão causada pelas exigências irritadas de atendimento prioritário, demoramos para descobrir o significado secreto da estranha cena. Aos poucos, pelas exclamações furiosas de um dos homens, pelas interrupções incisivas de outro e pelas zombarias amargas de um terceiro, descobrimos que eram representantes de nossa colônia em Paris. Pertenciam a três diferentes partidos que haviam se formado lá e que, com uma rivalidade hostil, tentavam alcançar a superioridade sobre os outros dois. Aqueles representantes haviam sido enviados até Adrian, que fora escolhido juiz da contenda. Haviam viajado de Paris a Calais, passando por cidades vazias e pelo interior desolado, alimentando o ódio violento de um pelo outro. Agora, defendiam as várias causas com um espírito político absoluto.

Depois de questioná-los um a um e depois de muita investigação, descobrimos o verdadeiro estado das coisas em Paris. Como o parlamento o elegera substituto de Ryland, todos os ingleses sobreviventes estavam sob o governo de Adrian. Ele era nosso capitão, a pessoa que nos levaria da terra natal às terras desconhecidas, nosso legislador e nosso protetor. Nas primeiras versões de nosso plano de emigração, nenhuma separação formal dos membros do grupo fora contemplada. O comando de toda aquela gente, em uma escala ascendente de poder, culminava na pessoa do conde de Windsor. Imprevistos haviam mudado nossos planos, porém, fazendo com que grande parte da multidão precisasse ficar distante de seu supremo líder por quase dois meses. As pessoas haviam se separado em dois grupos distintos, e, quando chegaram em Paris, a discórdia surgira entre eles.

Paris fora encontrada deserta. Na época do surgimento da praga, viajantes e mercadores, além de comunicações via carta, informavam-nos regularmente da



destruição que a doença causava no continente. Porém, com o aumento da mortalidade, essa troca de notícias havia diminuído e, enfim, cessado. Mesmo dentro da Inglaterra, a comunicação entre diferentes áreas da ilha se tornara lenta e rara. Nenhuma embarcação era capaz de atravessar o corpo d'água entre Calais e Dover. Se algum viajante melancólico decidia partir da França e navegar até nossa costa com a intenção de conferir em pessoa se os parentes estavam vivos ou mortos, seu barco acabava engolido pelo guloso oceano ou, depois de um dia ou dois, ele era infectado e morria antes que pudesse nos dar notícias a respeito da desolação da França. Assim, estávamos consideravelmente ignorantes a respeito do estado das coisas no continente, e ainda acalentávamos uma vã esperança de encontrar outros grupos numerosos de viajantes no amplo território. Mas as mesmas causas da terrível destruição da nação inglesa haviam agido de forma ainda mais prejudicial em nossa terra irmã. A França fora reduzida a nada. Durante a longa estrada que ligava Calais a Paris, não haviam visto nenhum ser humano. Na cidade em si, ainda havia algumas pessoas, talvez uma centena. Resignadas ao destino que se aproximava, volitavam pelas ruas da capital e paravam para conversar sobre os velhos tempos com vivacidade e até mesmo com a alegria que os indivíduos daquela nação raramente deixavam de lado.

Os ingleses acabaram tomando posse incontestável de Paris. As casas altas e as ruas estreitas estavam sem vida. Era possível ver algumas poucas figuras pálidas em seu lar habitual no palácio das Tulherias. Dali, tentavam entender a razão de os ilhéus britânicos estarem chegando à tão malfadada cidade — pois, quando abatida por grande miséria, é fácil para qualquer pessoa imaginar que a parte da calamidade que lhe cabe é a mais amarga. Do mesmo jeito, quando submetidas a intensa dor, as pessoas aceitam trocar a tortura a que estão submetidas por qualquer outra que afete uma parte diferente do corpo. Ouviram as explicações dos recém-chegados para terem partido da terra nativa e deram de ombros, quase com desprezo.

— Voltem — disseram. — Voltem à sua ilha, cuja brisa do mar e separação do continente prometem saúde. Se entre vocês a peste já matou às centenas, entre nós já matou aos milhares. Não são mais numerosos ainda do que nós? Um ano atrás, vocês encontrariam apenas os doentes enterrando os mortos. Agora, porém, estamos mais felizes, pois o sofrimento da luta maior já passou, e os poucos que podem encontrar aqui esperam pacientemente o golpe final. Mas vocês, que não estão conformados em morrer, não deveriam respirar o ar da França, senão logo serão parte da terra.

Como estavam, teriam brandido espadas e feito recuar de volta ao fogo pessoas que tivessem escapado de um incêndio. Mas o perigo que havíamos deixado para trás era considerado iminente por meus conterrâneos, enquanto o que tínhamos

pela frente lhes parecia incerto e distante. Logo, outros sentimentos surgiram para obliterar o medo e substituí-lo por paixões que não deveriam ter espaço entre uma irmandade de infelizes sobreviventes de um mundo moribundo.

O grupo mais numeroso de emigrantes, tendo chegado primeiro a Paris, assumiu a superioridade em hierarquia e poder. Com isso, o segundo grupo decidiu anunciar sua independência. Um terceiro foi formado por um sectário, um profeta autoproclamado que, embora atribuísse todo o poder e governo a Deus, esforçava-se em pegar para si o comando real sobre os camaradas. Essa terceira divisão consistia em algumas poucas pessoas, mas seu propósito era mais consistente, sua obediência mais plena e sua força e coragem mais inflexíveis e ativas.

Durante todo o progresso da praga, aqueles que professavam religiões se encontravam na posse de grande poder — um poder do bem, quando era apropriadamente direcionado, mas de incalculável mal quando o fanatismo e a intolerância guiavam quem o exercia. A essa altura, o sentimento que atuava sobre o líder do grupo era pior que os mencionados. Ele era um impostor no sentido mais exato da palavra. Um homem que, na juventude, depois de ceder aos vícios, perdera todo o senso de retidão ou amor próprio, e que depois, com o despertar da ambição, entregara-se à sua influência sem o freio de nenhum escrúpulo. Seu pai fora um pastor metodista, um homem entusiasmado com intenções simples, mas cujas doutrinas perniciosas escolhidas e graça especial haviam contribuído para destruir a consciência do filho. Durante o progresso da peste, ele elaborara vários planos para adquirir seguidores e poder. Esses planos haviam sido descobertos e impedidos por Adrian — mas ele não estava em Paris. Em sua ausência, o lobo vestiu a roupa do pastor, e o rebanho foi enganado. Assim, durante as poucas semanas que passou em Paris, o homem formou uma divisão própria de pessoas que zelosamente propagavam o credo de sua missão divina, acreditando que a segurança e a salvação só seriam alcançadas por quem confiasse nele.

Surgido o espírito da discórdia, até mesmo as mais frívolas causas eram suficientes para despertá-lo. O primeiro grupo, ao chegar em Paris, havia assumido o controle do palácio de Tulherias. O acaso e um sentimento amigável haviam induzido o segundo grupo a chegar para se instalar perto do primeiro. A primeira disputa surgira em relação à distribuição da pilhagem. Os chefes do primeiro grupo haviam demandado que a totalidade dos bens ficasse a seu dispor, e o segundo se negara a aceitar os termos. Quando este saiu da cidade para buscar recursos, o primeiro grupo fechou os portões de Paris na cara dele. Depois de superar esse obstáculo, marcharam juntos até Tulherias. Descobriram que os inimigos já haviam sido expulsos pelos Eleitos, que era como o grupo de fanáticos chamava a si mesmo. Esses últimos se recusavam a aceitar no palácio qualquer pessoa que abrisse

mão de jurar obediência a Deus e seu representante na terra, o chefe do grupo. Assim começou a briga, que ainda persistia. As três divisões, armadas, haviam se encontrado na Place Vendôme, cada uma disposta a subjugar à força a resistência dos grupos adversários. Chegaram a carregar mosquetes e até a apontar as armas para o peito dos ditos inimigos. Uma palavra seria suficiente para que os últimos seres humanos acrescentassem às almas o fardo de cometer assassinato e sujar as mãos de sangue dos próprios companheiros. Mas a vergonha e a lembrança de que não apenas a causa deles estava em jogo, mas também a existência de toda a raça humana, despertaram no coração do líder do grupo mais numeroso. Ele percebeu que, se suas fileiras fossem diminuídas, não haveria outros recrutas para complementá-las. Entendeu que cada pessoa era uma pedra preciosa inestimável em uma coroa real, que, caso destruída, não seria mais substituída por nada nas profundezas da terra. Ele era um homem jovem, incitado pela presunção e noção de que sua posição hierárquica era superior à dos outros que queriam o poder. Diante daquilo, porém, arrependia-se de suas ações e sentia que todo o sangue prestes a ser derramado pesaria sobre seus ombros. Movido por um súbito impulso, cavalgou por entre os grupos e, com um lenço branco amarrado na ponta da espada, pediu uma negociação. Os líderes dos grupos opostos obedeceram ao sinal. Ele falou de maneira cordial, lembrando aos outros os juramentos que todos haviam feito de se submeterem ao poder do lorde protetor. Disse que o que faziam ali era um ato de traição e motim, e que tinha se deixado levar pela paixão, mas que, depois, um momento de calma lhe havia ocorrido. Por fim, propôs que cada grupo enviasse representantes ao conde de Windsor, pedindo sua interferência e jurando submissão a decisão que ele tomasse. A oferta fora aceita até então: cada líder ordenou uma retirada do próprio grupo e concordou que, depois que todos fossem consultados, encontrar-se-iam naquela noite em algum ponto neutro para ratificar a trégua. Nesse encontro, o acordo foi fechado. O líder dos fanáticos, na verdade, negou-se a aceitar a mediação de Adrian. Ele enviou embaixadores, não representantes, para que informassem sua reivindicação em vez de defender sua causa.

A trégua continuaria até dia 1º de fevereiro, quando os grupos voltariam a se reunir na Place Vendôme. Assim, era de extrema importância que Adrian chegasse em Paris antes desse dia, já que uma única pena já seria suficiente para desequilibrar a balança — e a paz, espantada por conflitos internos, só voltaria para conferir or mortos silenciosos. Já era 28 de janeiro. Todas as embarcações ancoradas perto de Dover haviam sido destroçadas e arrasadas pelas furiosas tempestades que relatei há pouco. Nossa jornada, no entanto, não podia atrasar. Na mesma noite, Adrian, eu e outras doze pessoas, tanto amigos quanto criados, saímos da costa inglesa no

mesmo barco que trouxera os representantes. Alternávamo-nos aos remos. A situação que nos fazia deixar o país rendia bastante assunto para discussões e conversas, de modo que o sentimento de abandonar pela primeira vez nosso país natal, a desabitada Inglaterra, não ocorreu a boa parte da comitiva. Era uma noite serena e estrelada, e às vezes era possível ver a linha negra que marcava a costa da Inglaterra quando a embarcação era erguida pela crista das ondas. Trabalhei duro com o longo remo para impulsionar velozmente nosso barco. Enquanto as águas chapinhavam em melancolia contra o casco, eu mirava com afeição triste aquele último vislumbre da Inglaterra cercada pelo mar. Forçava os olhos para aproveitar ao máximo a visão do penhasco e de seu castelo, que se erguia para proteger a terra do heroísmo e da beleza do avanço do oceano — que, turbulento como estivera nos últimos tempos, exigia essas muralhas ciclópicas para ser contido. Uma gaivota solitária vojava acima de nós, procurando seu ninho por entre as fendas do precipício. Sim, você voltará à terra onde nasci, pensei eu enquanto olhava com inveja a viajante do ar. Já eu, nunca mais voltarei! Adeus, tumba de Idris! Túmulo em que meu coração foi sepultado, adeus para sempre!

Estávamos no mar havia doze horas, e a grande agitação nos obrigava a exercer toda nossa força. Por fim, tão somente pelo esforço de nossos remos, chegamos à costa francesa. As estrelas desapareceram, e a manhã cinzenta fez um véu de penumbra cair sobre as protuberâncias prateadas da lua minguante. O sol nasceu amplo e vermelho do mar enquanto caminhávamos pelas areias de Calais. Nossa primeira preocupação foi arrumar cavalos. Embora estivéssemos cansados da noite de vigília e trabalho, parte do grupo saiu imediatamente nessa missão pelos largos campos das planícies abertas, e então vazias, da região. Como marinheiros, nos dividimos em turnos. Alguns foram descansar, enquanto outros prepararam a refeição da manhã. Nossos batedores voltaram perto do meio-dia com apenas seis cavalos. Neles, Adrian, eu e outros quatro homens seguimos jornada em direção à grande cidade, cujos habitantes haviam batizado carinhosamente de capital do mundo civilizado. Os cavalos, depois de um longo período sem trabalho, haviam ficado quase selvagens, e cruzamos as planícies da região de Calais com uma velocidade impetuosa. Quando chegamos em Bolonha-sobre-o-Mar, virei-me novamente para olhar a Inglaterra. A natureza a cobrira com uma mortalha de neblina, e o penhasco da costa estava oculto. Diante dele, podia ver a barreira de água que nos dividia e que jamais seria cruzada novamente. Ela se erguia na planície oceânica

*Tal qual um ninho de cisnes em um grande lago.*

Mas como estava arruinado o ninho! Os cisnes de Albion haviam morrido para sempre. Um rochedo desabitado no amplo Pacífico, sem habitantes desde o princípio da criação, sem nome e sem destaque nenhum seria tão importante para a história futura do mundo quanto a deserta Inglaterra.

Nossa jornada foi atrapalhada por milhares de obstáculos. Nossos cavalos ficaram cansados, e tivemos que procurar outros. Perdemos várias horas nisso, enquanto tentávamos todos os artifícios para convencer alguns daqueles escravos emancipados dos homens a voltar à labuta, ou então enquanto íamos de estábulo em estábulo nas cidades, esperando encontrar animais que não houvessem deixado o abrigo que tinham em suas baías natais. O pouco sucesso na busca, porém, nos obrigou a ir deixando alguns de nossos companheiros para trás. Enfim, no dia 1º de fevereiro, Adrian e eu chegamos a Paris totalmente desacompanhados. A manhã serena já nascera quando avistamos Saint Denis. O sol já ia alto quando o clamor de vozes e, como temíamos, o clangor das armas começaram a nos guiar até onde nossos conterrâneos haviam se instalado na Place Vendôme. Passamos por um grupo de franceses que conversavam fervorosamente sobre a loucura dos ilhéus invasores. Quando enfim viramos em uma rua e nos deparamos com a Place, vimos o sol refletido nas espadas e nas baionetas enquanto gritos e clamores rasgavam o ar. Era uma incomum cena de confusão naqueles dias em que os lugares não mais estavam habitados. Provocados por mentiras e xingamentos, os dois grupos opostos haviam se apressado para atacar um ao outro. Os Eleitos, um tanto afastados, pareciam esperar a oportunidade perfeita para cair com vantagem sobre os inimigos depois que estes já tivessem se enfraquecido. Um poder misericordioso se interpusera, porém, e nenhum sangue fora derramado: quando a multidão insana estava prestes a atacar, as mulheres, esposas, mães e filhas haviam se colocado entre os dois lados. Haviam tirado as rédeas das mãos dos homens, abraçado os joelhos dos cavaleiros e se pendurado em seus pescoços, ou então arrancado as armas das mãos dos parentes raivosos. O grito estridente das mulheres se misturava ao brado dos homens, formando o clamor que nos recebera.

Nossa voz não podia ser ouvida em meio ao tumulto. Adrian, porém, era uma imagem imponente no garanhão branco que cavalgava. Forçando as esporas nos flancos do animal, acelerou na direção da multidão. Ele foi reconhecido, e uma alta comoção se ergueu para saudar a Inglaterra e seu lorde protetor. Os homens, até então adversários, foram tomados de afeição quando viram o líder, juntando-se à confusão desenfreada e o cercando. As mulheres beijaram suas mãos e a bainha de sua capa, e até o cavalo recebeu abraços. Alguns choravam, pois ele parecia um anjo da paz. O único perigo era que sua natureza mortal fosse confirmada após ser sufocado de tanto carinho pelos amigos. Por fim, ele conseguiu fazer sua voz ser

ouvida e obedecida. A multidão se abriu, e só os líderes das divisões se reuniram em volta dele. Eu já vira lorde Raymond cavalgar por suas fileiras. A aparência vitoriosa e o discurso majestoso conseguiam o respeito e a obediência de todos, mas a imponência e influência de Adrian não eram assim. A estrutura magra, o olhar fervente, os gestos mais de desaprovação do que de poder eram provas de que era o amor, sem nenhum traço de medo, que dava a ele domínio sobre os corações da multidão. Seu povo sabia que ele nunca fugia do perigo, tampouco era movido por outros motivos que não a preocupação com o bem geral. Era impossível distinguir os dois grupos que havia pouco estavam preparados para derramar sangue — embora nenhum dos dois estivesse disposto a se submeter ao outro, ambos deviam obediência ao conde de Windsor.

Mas ainda restava um grupo dissidente, separado do resto, que não simpatizava nada com a alegria demonstrada pela chegada de Adrian ou com o espírito de paz nos corações amolecidos dos conterrâneos. Na liderança desse grupo estava o portentoso e obscuro homem cujo olhar maligno vistoriava com deleite exultante os semblantes austeros de seus seguidores. Até o momento, não haviam feito nada, mas então, percebendo-se esquecidos em meio à celebração universal, avançaram com gestos ameaçadores. Nossos amigos haviam se atacado gratuitamente, mas tudo o que precisavam era que alguém os lembrasse que a causa era a mesma. A raiva mútua entre eles, porém, era apenas fogo de palha em comparação ao ódio persistente que sentiam pelos dissidentes — que haviam tomado parte do novo mundo para se entrincheirar e encastelar, atacando depois os meros filhos da terra com gracejos e denúncias terríveis. O primeiro avanço do pequeno exército dos Eleitos reacendeu a fúria dos outros dois grupos. Pegaram as armas e passaram apenas a esperar o sinal para atacar quando a voz alta e clara de Adrian foi ouvida, mandando que recuassem. Com um murmúrio confuso, nossos amigos recuaram às pressas, assim como a maré deixa ruidosamente as areias que cobre na cheia. Adrian cavalgou sozinho pelo corredor entre os grupos inimigos. Aproximou-se do líder hostil, pedindo que este imitasse seu exemplo, mas a solicitação não foi atendida, e o líder avançou, seguido por toda a tropa. Havia muitas mulheres entre eles, ainda mais ansiosas e resolutas do que seus companheiros. Eles se agrupavam em volta do líder, como se para protegê-lo, enquanto gritavam títulos sagrados e epítetos de adoração ao homem. Adrian os encontrou na metade do caminho, e eles pararam.

— O que querem? — perguntou ele. — Pediram algo que nos recusamos a dar, e portanto se viram forçados a recorrer às armas e à beligerância?

As perguntas foram respondidas com um grito generalizado, em que os únicos termos que puderam ser distinguidos foram “eleição”, “pecado” e “mão direita de

Deus”.

Adrian olhou expressivamente para o líder e disse:

— O senhor não é capaz de silenciar seus seguidores? Os meus, como pode ver, me obedecem.

O sujeito deu de ombros. Depois, talvez temeroso de que seu povo interferisse no debate prestes a começar, ordenou que recuassem e avançou sozinho.

— De novo, pergunto: o que querem de nós? — começou Adrian.

— Arrependimento — respondeu o homem, cujo semblante ficava cada vez mais fechado. — Obediência às vontades do Altíssimo, manifestas neste Povo Eleito. Não morremos todos por vossos pecados, ó geração de infíéis? Então temos o direito de exigir seu arrependimento e obediência.

— E se nos recusarmos? — perguntou Adrian, calmo.

— Tenha cuidado! — gritou o homem. — Deus está ouvindo, e irá castigar seu coração de pedra com sua fúria. Suas flechas envenenadas irão voar, e ele soltará seus cães da morte! Não pereceremos sem vingança, e nosso vingador será todo poderoso quando descer em visível majestade para espalhar a destruição entre vocês.

— Meu bom amigo — disse Adrian com ligeiro desdém. — Quem me dera o senhor fosse apenas ignorante, pois nesse caso não seria difícil provar que apenas fala de algo que não entende. Na presente situação, porém, basta saber que não quer nada de nós. Que o céu seja testemunha de que também não queremos nada de vocês. Eu deveria ter pena de amargar com contendas os últimos dias que temos para viver aqui. Cá embaixo — ele apontou para o chão — não seremos capazes de lutar, enquanto aqui não precisamos. Sigam para casa ou fiquem, rezem para Deus como lhes aprazer, e que seus amigos façam o mesmo. Já o que rogo é apenas que possamos ter paz e boa-vontade, resignação e esperança. Adeus!

Ele fez uma pequena reverência com a cabeça na direção do homem furioso, que estava prestes a responder. Depois, conduzindo o cavalo pela rua Saint-Honoré, conclamou que os amigos o seguissem. Cavalgou devagar, dando tempo para que todos se juntassem a ele na Barrier, e ordenou que aqueles que haviam lhe jurado obediência se encontrassem em Versalhes. No meio-tempo, permaneceu dentro dos limites de Paris até garantir a retirada segura de todos. Cerca de uma quinzena depois, os emigrantes restantes chegaram da Inglaterra, e foram todos redirecionados para Versalhes. Os aposentos para a família do lorde protetor foram preparados no Grand Trianon, e lá, depois de todo o nervoso dos acontecimentos, descansamos em meio ao luxo dos falecidos Bourbon.

## V

Depois de descansar alguns dias, realizamos um conselho para decidir nossos próximos movimentos. O primeiro plano fora deixar nossas paragens invernais e procurar os luxos e deleites do clima sulista para os poucos ingleses restantes. Não havíamos determinado um local exato onde encerrar nossa jornada, mas uma imagem vaga de uma primavera eterna, pomares cheirosos e regatos brilhantes fluuava na nossa imaginação e nos incitava a continuar. Vários acontecimentos haviam nos retido na Inglaterra, e já chegávamos à metade de fevereiro. Se fôssemos seguir nosso projeto original, acabaríamos em uma situação pior do que antes, pois trocaríamos nosso clima temperado pelos calores intoleráveis do verão no Egito ou na Pérsia. Fomos, portanto, obrigados a modificar nossos planos, pois a estação continuava inclemente. Foi determinado que esperássemos a chegada da primavera em nosso lar atual, e só depois déssemos os próximos passos, que consistiam em passar os meses mais quentes nos vales frescos da Suíça e seguir em direção ao sul quando chegasse o outono — isso se de fato presenciássemos mais uma vez a estação.

O palácio e a cidade de Versalhes proviam acomodação mais do que suficiente para nossos membros, e grupos de busca saíam alternadamente para procurar os suprimentos de que precisávamos. Havia uma heterogeneidade estranha e deplorável na situação daqueles que eram os últimos de nossa raça. A princípio, eu comparava o grupo a uma colônia, pessoas que haviam atravessado os mares e estabelecido os primeiros assentamentos em um novo país. Mas onde estavam a agitação e a característica industriosa desse tipo de agrupamento? Onde estavam as habitações construídas com improviso até que mansões mais cômodas pudessem ser erguidas, ou então a marcação dos campos e as tentativas de cultivo? Onde estavam a curiosidade ansiosa por descobrir animais e ervas desconhecidos e as excursões com objetivo de explorar o país? Nossas moradas já eram palácios, e nossos alimentos já estavam estocados em silos e facilmente acessíveis. Não havia necessidade de se esforçar, não havia curiosidade, não havia o desejo incansável de



prosseguir. Se tivéssemos a certeza de que seríamos capazes de garantir a vida dos habitantes atuais, talvez houvesse mais vivacidade e esperança nos nossos conselhos. Teríamos discutido sobre o momento em que as coisas já produzidas para o sustento da humanidade não mais seriam suficientes para nós e sobre que modo de vida adotaríamos depois. Teríamos considerado com mais cuidado nossos planos futuros e debatido sobre o local em que viveríamos. Mas o verão e a praga se aproximavam, e não ousávamos olhar para frente. Todos os corações se apertavam com a simples ideia de diversão. Quando os mais jovens da comunidade, movidos pela juventude e pela alegria indomada, começavam a dançar, cantar ou celebrar o melancólico tempo, logo acabavam desistindo, interrompidos por um olhar lúgubre ou um suspiro agoniado de alguém impedido de se juntar à festividade por conta das próprias dores e perdas. O riso às vezes ecoava em nosso lar, mas nosso coração não continha alegria nenhuma. Se eu calhava de testemunhar tentativas de diversão, minha angústia apenas aumentava em vez de diminuir. Em meio à multidão que buscava prazeres, eu fechava os olhos e via diante de mim uma caverna obscura, onde tudo o que havia era a mortalidade de Idris e os cadáveres acumulados em volta dela, decompondo-se naquele descanso silencioso. Quando despertava do devaneio, a melodia da flauta lídia ou a graciosa dança ao meu redor não passavam de acordes demoníacos da Toca do Lobo e de saltos de répteis em volta do círculo mágico.

Meu mais apreciado momento de paz era quando, liberado da obrigação de me juntar à multidão, eu podia descansar no querido lar em que meus filhos moravam. Digo filhos, no plural, porque as mais carinhosas emoções paternas me ligavam a Clara. Ela tinha catorze anos. O sofrimento e a visão irrestrita das cenas à sua volta haviam acalmado o espírito indomável da infância. Ao mesmo tempo, a lembrança do pai que idolatrava e o respeito por mim e por Adrian inundavam seu jovem coração com um senso de dever. Embora fosse séria, não era triste. O desejo que geralmente faz com que, jovens, ansiemos por emplumar as asas e endireitar a postura para adentrar mais rapidamente nos domínios da maturidade fora subjugado pela experiência. Tudo o que sobrava do transbordante amor à memória dos pais e da atenção que tinha com seus parentes vivos era investido na religião. Era essa a lei secreta de seu coração, que ela escondia com uma vergonha infantil e acalentava ainda mais, justamente por ser segredo. E há fé mais íntegra, caridade mais pura e esperança mais fervente do que a expressada no início da juventude? A menina, que ainda na mais tenra idade fora atirada no amplo mar da paixão e da desgraça, via a mão divina em tudo, e seu maior sonho era se tornar digna do poder que adorava. Evelyn tinha apenas cinco anos de idade. Seu coração alegre era

incapaz de sofrer, e ele trazia vivacidade ao nosso lar com um júbilo inocente e característico.

A idosa condessa de Windsor desistira de seu sonho de poder, hierarquia e grandeza. Fora subitamente iluminada pela convicção de que o amor é o único bem da vida, e de que a virtude é a única distinção enobrecedora e o único tesouro que de fato enriquece. Essa lição fora ensinada a ela pelos lábios mortos da filha negligenciada. Depois disso, devotara-se com toda a fúria intensa de seu caráter a conquistar a afeição dos membros restantes da família. No início de sua vida, o coração de Adrian fora arrefecido em relação à mãe, e, embora ele tivesse o respeito devido por ela, a frieza da ex-rainha, misturada às lembranças de decepções e loucuras, faziam com que ele sentisse dor na companhia dela. Percebendo isso, ela se tornara determinada a conquistar o amor dele. O obstáculo, na verdade, apenas intensificava a ambição. Do mesmo modo que Henrique II, imperador da Alemanha, ficara na neve diante dos portões de papa Leão por três dias e três noites de inverno, ela humildemente esperou diante das barreiras geladas do coração fechado do filho até que, servo do amor e príncipe da terna cortesia, ele o abrisse totalmente para recebê-la, concedendo com fervor e gratidão o tributo de afeição filial que ela merecia. A compreensão, coragem e presença de espírito da senhora viraram ajudantes poderosas na difícil tarefa de comandar a multidão tumultuosa, que a essa altura se encontrava a apenas um fio de sair de controle.

As principais circunstâncias que perturbavam nossa tranquilidade nessa época vinham do profeta impostor e de seus seguidores. Eles continuavam vivendo em Paris, mas missionários do grupo visitavam Versalhes com frequência. Suas alegações, proferidas com veemência, mesmo falsas, tinham tanto poder sobre os ignorantes e tementes que raramente falhavam em atrair algumas pessoas do nosso grupo para a divisão. Assim que soubemos de uma situação dessas, fomos levados a considerar o estado miserável em que deixaríamos nossos conterrâneos quando, com a chegada do verão, seguíssemos em direção à Suíça, deixando para trás a iludida turba nas mãos do canalha que a liderava. O conhecimento de que nossos números já eram pequenos e de que ainda diminuiriam nos pressionava. Já seria motivo de comemoração receber uma única pessoa nova em nosso grupo, mas seria duplamente gratificante resgatar da influência nociva do supersticioso e implacável tirano todas as vítimas que, voluntariamente acorrentadas, grunhiam a seus pés. Se achássemos o pregador tão sincero em suas crenças quanto alegava, ou apenas moderadamente motivado pela benevolência no exercício de seus supostos poderes, teríamos imediatamente o procurado e tentado com nossos melhores argumentos suavizar e humanizar sua visão das coisas. Mas ele era movido pela ambição e desejava governar os poucos que haviam escapado das garras da morte. Seus

devaneios eram tamanhos que havia planejado que, se daquele pequeno grupo destroçado alguns poucos sobrevivessem, e deles uma nova raça surgisse, ele — aquele que segurara as rédeas da crença — seria lembrado pelo povo pós-pandemia como um patriarca, um profeta, quiçá uma divindade. Comparava-se a antigos pós-diluvianos, como Júpiter, o conquistador, Serápis, o legislador, e Vishnu, a protetora. Essas ideias o tornavam inflexível em seu governo e violento em seu ódio contra qualquer um que tivesse intenção de dividir com ele o império usurpado.

É um fato estranho, embora incontestável, que um filantropo que deseja ardentemente fazer o bem, que é paciente, razoável e gentil e que se nega a usar qualquer outro argumento que não a verdade tem menos influência sobre a mente das pessoas do que aquele que, ávido e egoísta, não se furta a adotar qualquer meio, despertar qualquer paixão ou difundir qualquer falsidade em prol do avanço de sua causa. Esse já é o caso desde tempos imemoriais, mas o contraste era ainda maior naqueles tempos: o último podia colocar em jogo o medo dilacerante e as esperanças transcendentais, enquanto o primeiro tinha poucas esperanças nas quais se apegar e não era capaz de influenciar a imaginação para diminuir os medos que ele próprio sentia. O pregador persuadira seus seguidores a acreditar que a escapatória da praga, a salvação de seus filhos e o surgimento de uma nova raça a partir de suas sementes dependiam da fé que tinham nele e na submissão que demonstravam. Eles sugaram avidamente essa crença, e a credulidade presunçosa os fizera até ansiar por converter outras pessoas para a mesma fé.

Como seduzir esses indivíduos e afastá-los daquela aliança fraudulenta era um assunto frequente nas reflexões e conversas de Adrian. Ele elaborava muitos planos com esse intento, mas promover a fidelidade e segurança da própria tropa o mantinha bastante ocupado. Além disso, o pregador não era apenas cuidadoso e prudente, mas também cruel. Suas vítimas viviam sob as mais estritas regras e leis, que ou os mantinham presos no palácio das Tulherias ou permitiam que saíssem em grupos específicos e sob comando de líderes determinados, de modo a evitar a possibilidade de confrontos. Havia uma pessoa entre eles, no entanto, que eu decidira salvar. Era uma mulher que conhecemos em nossos tempos felizes. Idris a amara, e sua natureza excelente fazia com que fosse peculiarmente lamentável que ela tivesse sido sacrificada por aquele impiedoso canibal de almas.

O homem tinha entre duzentas e trezentas pessoas alistadas sob seus estandartes. Mais da metade eram mulheres. Havia cerca de cinquenta crianças de todas as idades, e não mais do que oitenta homens. Eram majoritariamente daquelas chamadas classes mais baixas da sociedade, na época em que tais distinções existiam. As exceções consistiam em algumas poucas mulheres bem-nascidas que, abaladas pelo pânico e domadas pelo sofrimento, haviam se juntado a

ele. Entre elas havia uma, jovem, amável e entusiasmada, cuja própria bondade a tornava uma vítima fácil. Já a mencionei antes: Juliet, filha mais nova e, naquela época, única relíquia remanescente do ducado de Lxxx. Às vezes, parece que o destino escolhe despejar de modo desproporcional os frascos de sua ira sobre certas pessoas, mergulhando-as até o pescoço em tristeza. A pobre Juliet era uma delas. Perdera os complacentes pais, assim como os irmãos e as irmãs, companheiros de sua juventude, em um único golpe. Ainda assim, ousava se considerar feliz. Unida a seu admirador, aquele que possuía e preenchia todo o seu coração, entregava-se aos poderes de esquecimento do amor e só tinha olhos para a vida e presença do amado. Ao notar com entusiasmado prazer os sinais da maternidade, o único suporte de sua vida caíra: o marido morreria de praga. Por certo tempo, fora embalada pela insanidade. O nascimento da filha a trouxe de volta para a cruel realidade das coisas, mas, ao mesmo tempo, deu a ela um objetivo pelo qual preservar tanto a vida quanto a razão. Cada amigo e parente da mulher havia morrido, e ela fora reduzida à solidão e à penúria. Uma melancolia profunda e uma impaciência raivosa distorciam seu julgamento, de modo que ela não conseguiu se abrir conosco sobre suas aflições. Quando soube dos planos da migração universal, resolveu ficar para trás com a filha, e ainda na Inglaterra viver ou morrer sozinha, conforme as sentenças do destino, ao lado do túmulo do amado. Escondera-se em uma das muitas casas vazias de Londres, e fora ela quem resgatara minha Idris no fatal dia 20 de novembro — mas o perigo iminente no qual me encontrava e a subsequente doença de Idris fizeram com que nos esquecêssemos de nossa infeliz amiga. A circunstância atual havia, no entanto, voltado a pô-la em contato com os demais seres humanos. Uma leve doença da filha provara que ainda estava ligada à humanidade por um laço indestrutível — para preservar a vida da criaturinha que se tornara a razão de seu ser, juntara-se à primeira divisão de viajantes para Paris.

Fora uma presa fácil para o metodista: sua sensibilidade e seus medos mais agudos a deixaram suscetível a qualquer impulso, e o amor que tinha pela filha fez com que estivesse disposta a se agarrar a qualquer minúscula coisa que pudesse salvar a criança. Sua mente, até então desapegada, foi manipulada pelas mais ásperas e desarmoniosas mãos, transformando-se em crédula: bela como uma divindade das histórias, com uma voz inigualavelmente doce e ardente com um novo entusiasmo recém-despertado, ela se tornou uma adepta fiel e uma ajudante poderosa do líder dos Eleitos. Eu a reconheci na multidão no dia do encontro na Place Vendôme. Lembrando-me de súbito do providencial resgate de minha perdida amada na noite de 20 de novembro, repreendi a mim mesmo pela negligência e ingratidão, e senti-me impelido a tentar tudo possível para fazê-la voltar a ser quem era e para resgatá-la das garras do hipócrita destruidor.

Não irei, a esta altura da história, registrar os artifícios que usei para adentrar o manicômio de Tulherias ou fazer o que seria um relato tedioso de meus estratagemas, minhas decepções e minha perseverança. Só digo que enfim consegui adentrar as muralhas, e vaguei pelos salões e corredores com a ansiosa esperança de encontrar a convertida. Meu plano era me misturar sem ser visto à congregação, que estava reunida na capela para ouvir ao astuto e eloquente sermão de seu profeta. Vi Juliet perto dele. Seus olhos escuros, temerosamente marcados com o brilho incansável da loucura, estavam fixos no homem. Ela carregava a filha nos braços, um bebê com menos de um ano de idade. Apenas a preocupação com ela era capaz de distrair a atenção das palavras que ouvia avidamente. Depois do fim do sermão, a congregação se dispersou. Todos deixaram a capela, exceto a mulher que eu procurava. O bebê tinha caído no sono, e ela o colocara em um colchão e se sentara a seu lado no piso, de onde assistia ao tranquilo cochilo.

Apresentei-me então a ela. Por um momento, uma reação natural a fez sentir alegria, mas esta logo desapareceu quando pedi ardente e afetuosamente que ela fugisse comigo daquele covil de superstição e sofrimento. Em um primeiro momento, ela recaiu em um delírio fanático e, não fosse o impedimento de sua natureza gentil, teria me atacado com xingamentos. Implorou, ordenou que eu a deixasse.

— Cuidado, cuidado! — gritou. — Fuja enquanto ainda pode! Agora está seguro, mas sons e inspirações estranhas me afetam às vezes, e se o Eterno em suspiros terríveis revelar Seu plano, e se para salvar minha filha eu precisar sacrificar o senhor, convocarei todos os seguidores daquele que chama de tirano. Eles o desmembrarão, e eu não derramarei uma lágrima sequer pela morte daquele que Idris amava.

Ela falava às pressas, com uma voz desafinada e um olhar louco. O bebê acordou e, assustado, começou a chorar. Cada soluço penetrava o coração desafortunado da mãe, e, às palavras carinhosas que direcionava ao bebê, ela misturou as ordens nervosas para que eu fosse embora. Se eu fosse capaz, teria arriscado tudo para arrancá-la à força do covil do assassino, e depois a cobriria com o bálsamo curativo da razão e afeição, mas eu não tinha escolha nem força para insistir mais. Ouvi passos no corredor, e a voz do pregador ecoou em algum ponto próximo. Juliet, abraçando a filha contra o peito, fugiu por outra porta. Eu deveria tê-la seguido, mas meu inimigo e seus asseclas chegaram. Fui cercado e levado prisioneiro.

Lembrei-me da ameaça da infeliz Juliet, e fiquei esperando a fúria total da vingança do homem e a ira despertada dos seguidores recaírem imediatamente sobre mim. Fui questionado. Minhas respostas foram simples e sinceras.

— A própria língua o condena — exclamou o impostor. — Ele confessa que sua intenção era seduzir nossa amada irmã em Deus para longe do caminho da salvação. Levem-no imediatamente para a masmorra. Amanhã ele encontrará seu fim. Fomos convocados a dar um exemplo formidável e chocante para afugentar os filhos do pecado de nosso refúgio dos salvos.

Meu coração se revoltou diante do discurso hipócrita, mas era inútil discutir com o rufião. Minha resposta foi fria — no entanto, longe de estar consumido pelo medo, pensei que, mesmo na pior circunstância possível, um homem fiel a si próprio, corajoso e determinado, seria capaz de lutar, mesmo já à beira do cadafalso, e fugir da horda de maníacos desorientados.

— Lembre-se de quem eu sou — falei — e tenha certeza de que minha morte não ficará sem vingança. Seu magistrado legal, o lorde protetor, sabe o que vim fazer e está ciente de que estou aqui. O derramamento de sangue chegará a seus ouvidos, e você e suas miseráveis vítimas lamentarão longamente a tragédia que estão prestes a perpetrar.

Meu antagonista não se dignou a responder nem mesmo com um olhar.

— Vocês sabem o que fazer — disse aos companheiros. — Obedeçam.

De súbito fui atirado ao chão, amarrado, vendado e empurrado para longe. Depois, me soltaram e tiraram a venda, jogando-me em um calabouço escuro e impenetrável no qual eu era o único prisioneiro.

Foi esse o resultado de minha tentativa de recuperar uma adepta daquele criminoso. Não conseguia acreditar que ele ousaria me matar, mas eu estava em suas mãos, e o caminho da ambição dele sempre fora sombrio e cruel. Seu poder se fundamentava no medo. Havia mais chance de ele decretar minha morte — com uma palavra, sem ninguém para me ouvir ou para me ver na escuridão de minha prisão — do que acontecer ali um ato de misericórdia. Ele provavelmente não arriscaria uma execução pública. Um assassinato reservado aterrorizaria meus companheiros e os impediria de tentar algo similar, assim como uma linha de conduta mais cuidadosa permitiria que ele evitasse o questionamento e a vingança de Adrian.

Dois meses antes, em uma cela mais escura do que a que então habitava, eu cogitara me deitar e permitir que a morte chegasse. Agora, porém, tremia com a aproximação de meu destino. Minha imaginação se ocupava tecendo as possibilidades de morte que o homem poderia infligir a mim. Será que ele simplesmente me deixaria morrer de fome ou serviria para mim uma comida contaminada com a morte? Será que acabaria comigo enquanto eu dormia ou faria com que lutasse contra meus assassinos, sabendo, ainda enquanto lutava, que certamente seria derrotado? Eu vivia em uma terra onde a matemática limitada de

uma criança era suficiente para calcular a população minguante. Vivera longos meses com a morte em meu encalço, quando, de tempo em tempos, a sombra de sua forma esquelética obscurecia meu caminho. Já cheguei a pensar que desprezava o sombrio fantasma, e já ri com escárnio de seu poder.

Encararia qualquer outro destino com coragem — ou melhor, iria de forma galante ao encontro dele. Ser morto em plena madrugada por assassinos de sangue frio, porém, sem nenhuma mão amigável para fechar uma última vez meus olhos, sem ninguém para ouvir minhas derradeiras palavras... Morrer em combate, em meio ao ódio e às maldições... Ah, meu anjo do amor, você me agraciou com a volta à vida quanto atravessei o limiar do túmulo, só para que agora fosse jogado de volta a ele na forma de um cadáver mutilado!

Horas — séculos — se passaram. Se eu fosse capaz de pôr em palavras os muitos pensamentos que me ocorreram naquele intervalo, escreveria livros inteiros. O ar estava úmido, e o chão da masmorra, mofado e congelante. Também comecei a sentir fome, e não conseguia ouvir nenhum som vindo de fora. O rufião declarara que eu morreria no dia seguinte. Quando o novo dia chegaria? Será que já não havia chegado?

A porta estava prestes a ser aberta. Ouvi a chave virar na fechadura, e as barras e os ferrolhos serem removidos lentamente. A abertura das passagens intermediárias permitia que sons do interior do palácio chegassem até mim, e eu ouvi o relógio badalar uma vez. Eles chegaram para me matar, pensei. Esta hora não é apropriada para uma execução pública. Encolhi-me contra a parede contrária à entrada. Reuni as forças, reuni toda a minha coragem e decidi que não seria uma presa dócil. Lentamente, a porta abriu nas dobradiças. Eu estava pronto para disparar e agarrar meu intruso, mas, quando vi quem era, a disposição de minha mente mudou de imediato. Era a própria Juliet! Estava pálida e trêmula, com um lampião em mãos, olhando para mim com um semblante delirante no limiar da cela. Ela voltou a si em um instante, e seus olhos lânguidos recuperaram o brilho.

— Vim para salvá-lo, Verney — disse ela.

— E a você mesma também! — exclamei. — Minha cara amiga, é realmente possível me salvar?

— Sem mais uma palavra — respondeu. — Siga-me!

Obedeci instantaneamente. Perambulamos com passos leves por vários corredores, subimos vários lances de escada e passamos por longas galerias. No fim de uma delas, Juliet destrancou um portão baixo. Um sopro de vento apagou o lampião, mas no lugar de sua luz, fomos abençoados pelo luar e pelo céu aberto. Só então Juliet falou:

— O senhor está em segurança. Deus o abençoe! Adeus!

Agarrei sua mão relutante.

— Cara amiga — exclamei. — Vítima enganada, não pretende escapar comigo? Não arriscou tudo ao facilitar minha fuga? Acha que permitirei que volte e sofra sozinha os efeitos da raiva daquele canalha? Jamais!

— Não tema por mim — respondeu a amável garota, pesarosamente. — Não imagine que sem o consentimento de nosso líder o senhor escaparia destas muralhas. Foi ele quem o salvou. Ele confiou a mim a missão de mostrar o caminho, pois eu conhecia os motivos que o haviam trazido até aqui, e assim poderia apreciar melhor sua misericórdia em permitir que o senhor parta.

— Pois é então marionete desse homem? — exclamei. — Vivo, ele me teme como um inimigo. Morto, teme meus vingadores. Ao permitir esta escapada clandestina, ele preservará a consistência diante de seus seguidores, mas não é misericórdia que move seu coração. Esqueceu os artifícios, a crueldade e as mentiras que conta? Eu sou livre, assim como você. Venha, Juliet! A mãe de nossa falecida Idris há de recebê-la bem, e o nobre Adrian irá se alegrar em tê-la conosco. Você encontrará paz e amor, assim como esperanças melhores do que as que o fanatismo proporciona. Venha e nada tema. Antes do amanhecer estaremos em Versalhes. Deixe para trás este antro do crime. Venha, doce Juliet, da hipocrisia e da culpa para uma sociedade afetuosa e boa.

Falei apressadamente, mas com fervor, e com gentil intensidade a puxei para longe do portão. Algum pensamento ou alguma lembrança de cenas passadas de juventude e alegria fizeram-na me ouvir, e ela cedeu. De súbito, afastou-se com um grito agudo.

— Minha filha, minha filha! Ele está com minha filha! Minha filhinha é minha refém!

Ela disparou pela passagem, e o portão se fechou entre nós. Acabou permanecendo nas garras daquele criminoso, uma prisioneira obrigada a continuar respirando a atmosfera pestilenta exalada pela natureza demoníaca do homem. Uma brisa acarinhou meu rosto, a lua resplandecia brilhante sobre mim, meu caminho estava desimpedido. Grato por ter escapado, embora melancólico em meu próprio júbilo, voltei pelo mesmo caminho até Versalhes.



## VI

O atribulado inverno passou. Inverno, o respiro de nossos males. Aos poucos, o sol, que com raios oblíquos já antes cedera um reino mais extenso à noite, voltou a aumentar sua jornada diária e subiu em seu mais alto trono, ao mesmo tempo fomentador da beleza terrena e seu amante. Nós, que, como insetos que se reúnem em uma rocha seca durante a maré baixa, havíamos brincado deliberadamente com o tempo, permitindo que nossas paixões, nossas esperanças e nossos loucos desejos nos comandassem, agora ouvíamos o rugido da aproximação do oceano da destruição, e precisávamos fugir para alguma fenda protegida antes que a primeira onda se quebrasse sobre nós. Sem demora, decidimos começar a jornada até a Suíça, cada vez mais ansiosos por deixar a França. Sob a abóbada gélida dos glaciares, sob a sombra dos pinheiros cujo movimento dos galhos era contido por uma camada de neve, à beira dos riachos cujo frio intenso proclamava sua origem no lento degelo de águas imóveis, entre tempestades frequentes que purificaríamos o ar, encontraríamos a saúde — isso se a própria saúde não estivesse doente.

Começamos os preparativos, a princípio com vivacidade. Não havíamos nos despedido de nosso país nativo, dos túmulos dos que amávamos, das flores, dos riachos e das árvores com quem havíamos convivido desde a infância. Por outro lado, sentiríamos pouco pesar ao deixar Paris. Sentíamos vergonha ao lembrar de nosso conflito recente e lamentávamos deixar para trás um rebanho de vítimas miseráveis e iludidas sob o jugo da tirania de um impostor egoísta. Pouco lamentaríamos deixar os jardins, os bosques e os salões dos palácios dos Bourbon em Versalhes, que temíamos logo serem maculados pela morte. Pensávamos então nos vales mais belos do que qualquer jardim, nas poderosas florestas e nos salões construídos não para uma majestade mortal, mas palácios da própria natureza, com a brancura marmórea dos Alpes como paredes e o céu como teto.

Mesmo assim, nossos espíritos murcharam com a aproximação da data determinada para nossa partida. Visões terríveis e presságios do mal, se é que eram algo assim, cercaram-nos. Em vão, dizíamos que:

*Essa é a explicação — são coisas naturais.*

Sentíamos que eram maus augúrios e temíamos o evento futuro associado a eles. Corujas piando antes do meio-dia, morcegos circulando o leito da beleza, o murmúrio dos trovões enchendo o ar no princípio da primavera, uma praga súbita recaindo sobre as árvores e arbustos — eram todos eventos incomuns, mas possíveis, que seriam menos horríveis do que as criações mentais de nosso medo todo-poderoso. Alguns viam procissões funerais e rostos escurecidos de lágrimas flutuando pelas longas passagens dos jardins e abrindo os dosséis das camas na calada da noite. Alguns ouviam lamentos e gritos no ar, ou então um cântico pesaroso que flutuava pela atmosfera sombria, como se os espíritos lá no alto cantassem o réquiem da raça humana. O que havia por trás de tudo aquilo senão o medo criado por outros sentidos nos fazendo ver, ouvir e sentir coisas imaginárias? O que era aquilo senão a ação da imaginação doentia e da credulidade infantil? Mesmo que assim fosse, o que era muito real era a existência desses medos, os olhos vidrados de terror, os rostos pálidos e medonhos, as vozes emudecidas daqueles entre nós que viam e ouviam tais coisas. Um desses era Adrian, que, mesmo conhecendo o delírio, era incapaz de superar o medo persistente. Mesmo as crianças, ignorantes do que se passava, davam sinais da presença de poderes invisíveis com gritos tímidos e convulsões. Precisávamos partir: ao trocar de ares, e com a ocupação e segurança que ainda tínhamos a esperança de encontrar, descobriríamos uma cura para os horrores.

Reunimos o grupo e descobrimos que ele consistia em mil e quatrocentas pessoas, entre homens, mulheres e crianças. Até aquele momento, nossos números não haviam diminuído, à exceção dos que haviam desertado para se juntar ao profeta impostor e que ficariam para trás em Paris. Cerca de cinquenta franceses se juntaram a nós. A organização do nosso avanço foi determinada com facilidade: a falta de sucesso na tentativa de nos separar fez com que Adrian resolvesse que seguiríamos em um único grupo. Eu e uma centena de homens fomos na frente para cumprir o papel de provedores. Pegamos a estrada da Cote d'Or, que passaria por Auxerre, Dijon e Dole, onde cruzaríamos até Jura, e de lá seguiríamos para Genebra. Minha função era, a cada dez milhas, cuidar de arrumar acomodações para todas as pessoas na cidade ou vilarejo que fosse nos receber, deixando para trás um mensageiro com uma ordem escrita informando quantas pessoas deveriam ser acomodadas em cada lugar. O resto do bando foi então dividido em grupos de cinquenta pessoas cada, das quais dezoito eram homens e as demais, mulheres e crianças. Cada divisão seria liderada por um oficial, que levava consigo uma lista de nomes para ser conferida todos os dias. Caso os grupos se dividissem à noite, pela

manhã os que estivessem na frente deveriam esperar pelos retardatários. Todos nos encontraríamos nas já mencionadas cidades maiores, onde um conclave seria organizado com os principais oficiais, e onde discutiríamos o bem-estar geral. Eu liderava o primeiro grupo, e Adrian ia junto com o último. Sua mãe, com Clara e Evelyn sob sua proteção, também iria com ele. Assim que a ordem foi dada, eu parti. Meu plano inicial era ir apenas até Fontainebleau. Em alguns dias, Adrian se juntaria a mim, e só então eu continuaria seguindo para o leste.

Meu amigo me acompanhou por algumas milhas quando parti de Versalhes. Ele estava triste e, com um tom pouco usual de desânimo, orou para que chegássemos rápido aos Alpes, com uma expressão que demonstrava como lamentava que já não estivéssemos por lá.

— Se quiser, podemos acelerar nossa marcha — propus. — Por que aderir a um plano cuja lentidão você desaprova desde já?

— Não, é tarde demais agora — respondeu ele. — Um mês atrás, éramos mestres de nós mesmos. Agora... — Ele desviou os olhos. Embora o crepúsculo já obscurecesse sua expressão, ele se afastou mais antes de acrescentar. — Um homem morreu de praga na noite passada.

Disse isso com uma voz suave, mas depois uniu as mãos de súbito e exclamou:

— A hora final se aproxima de nós rapidamente, muito rapidamente. Quando as estrelas sumirem, substituídas pelo sol, sua aproximação irá nos destruir. Fiz meu melhor, mas foi com mãos débeis e quase nenhuma força que me agarrei à carruagem da praga. Agora ela me arrasta atrás de si enquanto, com força destrutiva, segue esmagando todos os seres que perambulam pela estrada da vida. Quando terminar sua trajetória e alcançar seu objetivo, todos adentraremos o túmulo juntos!

Lágrimas escorriam de seus olhos.

— Essa tragédia sempre se repetirá — continuou. — Sempre ouvirei os gemidos dos moribundos e os lamentos dos sobreviventes. Sempre testemunharei as dores que, consumindo a todos, envelopam uma eternidade em sua existência infinitesimal. Por que mereço isso? Por que, sendo o carneiro marcado do rebanho, não caí junto aos primeiros? É difícil, muito difícil para qualquer um encarar tudo o que encaro!

Até o momento, com um espírito destemido e um sentimento elevado de dever e mérito, Adrian cumprira a missão que impusera a si mesmo. Eu o contemplara com reverência e um infrutífero desejo de ser como ele. Agora, oferecia algumas palavras de encorajamento e simpatia. Ele escondeu o rosto nas mãos e, lutando para se acalmar, soltou:

— Por alguns meses, só por mais alguns meses, não deixe, ó Deus, que meu coração falhe ou que minha coragem minguem. Não permita que os sinais da tristeza intolerável enlouqueçam este cérebro meio insano ou façam com que meu coração bata tanto contra sua gaiola que a faça explodir. Acredito que meu destino seja guiar e comandar os últimos exemplares da raça humana até que a morte encerre meu governo. A esse destino me submeto.

“Perdoe-me, Verney, por incomodar, mas não vou mais fazer reclamações. Agora voltei a mim — ou melhor, voltei a uma forma melhor do que antes. Você bem sabe como minhas aspirações infantis e meus maiores desejos passaram a batalhar com minha doença inerente e minha sensibilidade desmesurada até que os últimos dois vencessem. Sabe como comandi com mãos febris o timão abandonado do governo humano. Fui eventualmente visitado por incertezas — ainda assim, até o momento, senti como se um espírito superior e infatigável tivesse assumido meu corpo, ou ainda se incorporado ao meu ser, mais fraco. Este sagrado visitante dormiu por um tempo, talvez para me mostrar como impotente sou sem sua inspiração. Mas peço: permaneça por mais um tempo, ó poder da bondade e da força. Não desdenhe ainda deste templo de mortalidade carnal, ó capacidade imortal! Enquanto uma única criatura restar e puder usufruir de minha ajuda, permaneça e manipule esta máquina destrocada e falha!”

A veemência e a voz interrompida por suspiros incontrolláveis fizeram meu coração apertar. Seus olhos brilhavam na escuridão da noite como duas estrelas terrenas. Sua silhueta se encorpou e seu semblante se animou como se, de fato, em resposta ao apelo eloquente, um espírito sobrenatural tivesse entrado em seu corpo, elevando-o acima da humanidade. Ele se virou rápido em minha direção e estendeu a mão.

— Adeus, Verney — exclamou. — Adeus, irmão do meu coração, adeus! Nenhuma outra expressão de fraqueza passará por estes lábios. Voltei a viver! Estou pronto para cumprir nossa missão e combater nossa inimiga indestrutível, lutando contra ela até meu último momento.

Ele agarrou minha mão e direcionou-me um olhar mais fervente e animado do que qualquer sorriso. Depois, puxando as rédeas do cavalo, incitou o animal com as esporas e logo sumiu de vista.

Um homem morrera acometido pela praga na noite anterior. A aljava da enfermidade ainda não estava vazia, nem seu arco desmontado. Éramos alvos da Peste da Pártia, que mirava e atirava, insaciável pela conquista e incontida pelas montanhas de vítimas. Uma doença da alma, contagiosa até para meu mecanismo físico, abateu-se sobre mim. Meus joelhos tremiam, meus dentes batiam, e o sangue em minhas veias, coagulado por um frio súbito, forçava dolorosamente o caminho

até meu pesado coração. Eu não temia por mim mesmo, mas sofria ao pensar que não éramos capazes de salvar os últimos vivos. Em alguns dias, as pessoas que eu amava seriam estátuas gélidas como Idris em seu antigo túmulo. Nem a força de meu corpo, nem a energia de minha mente eram capazes de suportar o golpe. Uma sensação de degradação abateu-se sobre mim. Será que Deus havia criado a humanidade tão somente para que ela virasse poeira morta em meio à saudável natureza verdejante? Será que nossa raça não era nada aos olhos do Criador, menos do que um campo de milho de espigas defeituosas? Será que nossos orgulhosos sonhos estavam fadados a sumir? Nosso nome estava escrito “pouco abaixo do dos anjos”, e eis que não éramos mais do que efêmeros. Chamávamo-nos “exemplos dentre os animais”, e ora! Não éramos mais do que “quintessência do pó”. Lamentávamos o fato de que as pirâmides houvessem sobrevivido mais tempo do que os corpos embalsamados dos construtores, mas agora a mera choupana de teto de palha de um pastor, pela qual passávamos na estrada, continha em sua estrutura uma longevidade maior do que toda a raça humana. Como reconciliar essa triste mudança em nossas aspirações passadas aos nossos poderes aparentes?

De súbito, uma voz interna, articulada e clara, parecia dizer: “Pois foi decretado para a eternidade que as montarias que carregam o Tempo adiante teriam este limite e esta missão associados a elas desde que o fardo irrompeu do vazio”. Seria preciso ler de trás para frente as leis imutáveis da Necessidade?

Mãe do mundo! Serva do Onipotente, a eterna e imutável Necessidade, que com dedos atarefados segue tecendo a cadeia indissolúvel de eventos. Não reclamarei de seus atos. Se minha mente humana não é capaz de reconhecer que as coisas são assim, não importa, pois as coisas são como devem ser, e eu me sentarei entre as ruínas e sorrirei. De fato não nascemos para o gozo, mas para a submissão e a esperança.

A pessoa que lê estes relatos certamente se cansará caso eu descreva em detalhes nossa longa jornada entre Paris e Genebra, não é mesmo? Caso, dia após dia, eu registrasse na forma de diário os inúmeros sofrimentos de nosso grupo? Caso minha mão fosse capaz de escrever ou caso a língua possuísse palavras suficientes para expressar a variedade de nossos inimigos ou a maneira com que um evento deplorável se encavalou sobre o outro? Peço paciência a quem me lê! Quem quer que seja, onde quer que esteja, quer seja de uma raça espiritual ou de natureza humana, fruto de algum casal restante que porventura ainda more na terra — você lerá os últimos atos de nossa extinta raça e se perguntará se as pessoas que sofreram o que conto eram de frágil carne e compleição delicada como você. Eram, sim. Portanto, chore, criatura solitária, se sua disposição for gentil. Derrame lágrimas de

compaixão, mas, nesse meio-tempo, preste atenção ao que vou contar e fique sabendo das façanhas e dos sofrimentos de seus predecessores.

No entanto, os últimos eventos que marcaram nosso progresso pela França foram tão repletos de estranho horror e sombrio sofrimento que não ousou pausar por muito tempo a narrativa. Se fosse dissecar cada incidente e cada pequeno fragmento de segundo, eu certamente contaria uma história dilacerante, da qual a mais diminuta palavra faria o sangue gelar em suas jovens veias. Erigiria para você um monumento em homenagem à raça perdida, mas não tenho intenção de fazer com que vá parar na ala psiquiátrica de um hospital ou nas câmaras secretas de um ossuário. Esta história, portanto, será contada rapidamente. Imagens de destruição, cenas de desespero e a procissão do último triunfo da morte serão descortinadas diante de você, rápidas como a massa de nuvens empurrada pelo vento nortenho ao longo do esplendor desbotado do céu.

Posso dizer ainda que campos cobertos de mato, vilarejos desolados e a selvagem aproximação de cavalos sem cavaleiro já eram sinais habituais aos meus olhos — pior ainda: eram habituais as visões de mortos não sepultados, de silhuetas humanas espalhadas pela estrada e nas escadarias diante das casas, onde:

*A carne se degrada*

*Sob o sol escaldante, os ossos embranquecidos*

*Se desfazem e se misturam ao pó escuro.*

Cenas horrorosas como essas haviam se tornado tão familiares que não mais estremecíamos ou incitávamos os cavalos para passar rápido quando as víamos. Em seus tempos áureos, a França, ou pelo menos a parte da França pela qual viajávamos, havia sido um deserto cultivado. A ausência de cercas, chalés e mesmo transeuntes era triste para viajantes da ensolarada Itália ou da movimentada Inglaterra. As cidades, porém, costumavam ser agitadas e vivas, e a polidez cordial e o sorriso fácil dos camponeses de sapatos de madeira devolviam o esplendor do local. Agora, porém, nenhuma mulher se sentava mais à porta com sua roca, o pobre pedinte não pedia mais caridade, e nem mesmo nos dias de festa os locais se embrenhavam com uma graça vagarosa nos labirintos da dança. O silêncio, melancólico parceiro da morte, avançava com ela em procissão por cada cidade da espaçosa região.

Chegamos a Fontainebleau e rapidamente realizamos os preparativos para receber nossos amigos. Quando conferimos a lista de nomes à noite, vimos que três estavam faltando. Ao perguntar sobre eles, o homem com quem falei balbuciou a palavra “praga” e caiu aos meus pés, agitado por convulsões — ele também estava

infectado. Comigo havia apenas pessoas duras. Entre minha tropa, estavam marujos que quase haviam cruzado a linha da morte várias vezes, soldados que, na Rússia ou na distante América, haviam sofrido com a fome, com o frio e com o perigo, e homens de feições ainda mais rígidas que, no passado, haviam sido depredadores em nossa metrópole superpopulosa — homens que ainda do berço haviam visto a destruição causada pela máquina da sociedade em ação. Olhei em volta e vi os rostos estampados de horror e desespero.

Passamos quatro dias em Fontainebleau. Muitos adoeceram e morreram, e, nesse meio-tempo, nem Adrian e nem nossos amigos apareceram. Minha própria tropa estava alvoroçada — alcançar a Suíça, mergulhar em rios de neve e habitar cavernas de gelo haviam se tornado o desejo mais louco de todas as pessoas. Mas havíamos prometido esperar pelo conde, e ele não chegava. Meu povo exigia ser conduzido adiante. Uma rebelião, se é que é possível chamar assim o rompimento de laços frágeis como palha, nitidamente se formava entre ele. Estavam dispostos a vagar pelo mundo sem um líder. A única chance de segurança, a única esperança de preservação de todas as formas de sofrimento indescritível era nos mantermos unidos. Disse isso a eles. Os mais determinados responderam de forma ríspida, dizendo que eram capazes de cuidar de si, e retornaram minhas súplicas com desprezo e ameaças.

Enfim, depois de cinco dias, um mensageiro chegou com cartas de Adrian, que informavam que deveríamos seguir até Auxerre e lá esperar pela chegada dele, que atrasaria apenas em alguns dias. Na verdade, isso era o que dizia a carta pública. A privada, entregue a mim, descrevia em detalhes a dificuldade da situação e deixava em minhas mãos a determinação de meus planos futuros. Seu relato dos acontecidos em Versalhes era breve, mas, conversando com o mensageiro, completei as lacunas da informação e soube que perigos de natureza aterrorizante se abatiam sobre ele. No começo, o novo despertar da praga fora ocultado, mas o número de mortes aumentara, o segredo fora divulgado, e a destruição que de fato acontecera fora exagerada pelos temores dos sobreviventes. Alguns emissários do inimigo da humanidade, os amaldiçoados Eleitos, estavam entre eles, espalhando a doutrina que dizia que a segurança e a vida só seriam alcançadas através da submissão a seu líder. Tiveram tanto sucesso na empreitada que, em pouco tempo, em vez de querer seguir até a Suíça, a maior parte da multidão — mulheres de mente fraca e homens covardes — agora queria voltar a Paris. Lá, submetendo-se aos estandartes do autoproclamado profeta, e através de uma covarde adoração do mal para conseguir respeito, esperavam escapar da morte. A discórdia e o tumulto induzidos por esses medos e essas paixões conflitantes haviam detido Adrian. Ele precisara usar todo o ardor que tinha ao perseguir um objetivo, além de toda a

paciência que ostentava diante das dificuldades, para acalmar e animar um grande número de seguidores. Assim, poderia contrabalancear o pânico do restante e levar todos de volta ao único caminho seguro. Sua intenção havia sido me seguir imediatamente, mas, ao ser derrotado, enviara o mensageiro para informar que eu deveria afastar ao máximo minha tropa de Versalhes, impedindo assim que a rebeldia dos outros a contagiasse. Ao mesmo tempo, prometia que se juntaria a mim assim que uma ocasião favorável surgisse — ou seja, quando conseguisse livrar a maior parte dos viajantes da influência maligna exercida sobre eles.

Mergulhei em um estado da mais dolorosa incerteza diante das palavras de meu amigo. O primeiro impulso era voltar com todos para Versalhes, onde poderíamos ajudar a livrar nosso líder daqueles perigos. Cheguei a organizar minha tropa para fazer isso, e propus que déssemos meia-volta em vez de continuar a jornada até Auxerre. Em uníssono, negaram-se a obedecer. As informações que circulavam entre eles eram de que a destruição causada pela praga era a única coisa que detinha o lorde protetor. Confrontaram a ordem que ele havia dado e meu pedido, e resolveram seguir sem mim caso eu me negasse a acompanhá-los. Meus argumentos e minhas juras não foram páreo para a covardia dos homens. A diminuição contínua de nossos próprios números, afetados pela peste, adicionava certa intensidade ao desagrado que sentiam diante de um atraso maior, e minha oposição só serviu para transformar a resolução deles em uma crise. Nessa mesma noite, seguiram em direção a Auxerre. Como soldados, haviam jurado servir seu general — mas quebraram facilmente o juramento. Eu também havia decidido não desertá-los: me parecia inumano associar a quebra da minha palavra à deles. O mesmo espírito que os fizera se rebelar contra mim faria com que desertassem uns aos outros, e os piores sofrimentos viriam em consequência de uma jornada naquele estado de desorganização e falta de liderança. Por um tempo, esses sentimentos foram supremos, e de acordo com eles acompanhei o resto do grupo na direção de Auxerre. Chegamos na mesma noite a Villeneuve-la-Guyard, um vilarejo à distância de quatro paradas de Fontainebleau. Quando meus companheiros foram descansar e eu fui deixado com meus botões, revirei e ruminei os dados que recebera sobre a situação de Adrian, e outra visão da situação me ocorreu. O que eu estava fazendo e quais eram os objetivos dos meus movimentos? Aparentemente, estava prestes a levar aquela tropa de homens egoístas e sem lei até a Suíça, deixando para trás minha família e meu melhor amigo — amigo este que, sujeito ao constante risco de vida que ameaçava a todos, eu poderia nunca mais ver. Meu primeiro dever não era ajudar o lorde protetor, servindo de exemplo de apego e dever? Em uma crise como a que eu vivia naquele momento, é muito difícil equilibrar corretamente interesses opostos. A direção em que nossa inclinação nos



leva assume a forma de egoísmo, mesmo quando nossa ideia é nos sacrificar. Nesses casos, somos facilmente levados a tentar um meio-termo — e foi isso que fiz na ocasião. Decidi que, naquela mesma noite, cavalgaria até Versalhes. Se me deparasse com uma situação menos desesperada do que imaginava, voltaria sem demora para minha tropa. Tinha uma ideia vaga de que minha chegada à cidade causaria uma impressão de relativa força, da qual poderíamos usufruir na tentativa de convencer a multidão vacilante a avançar. Decidi enfim que não havia tempo a perder: fui aos estábulos, selei meu cavalo favorito e, montando nele sem pensar muito ou hesitar, deixei Villeneuve-la-Guyard em direção a Versalhes.

Estava grato por escapar de minha tropa rebelde e perder de vista por um tempo a luta do bem contra o mal, na qual o último vinha triunfando. Quase enlouquecido diante da incerteza do destino de Adrian, parei de dar atenção a qualquer coisa que não o pensamento de que estava em minhas mãos perder ou salvar meu inigualável amigo. Com o coração pesado, tentei me confortar com a rapidez do meu avanço e cavalguei a noite inteira em direção a Versalhes. Com as esporas, incitava sem parar meu cavalo, que acelerava cada vez mais as patas e balançava a cabeça erguida, orgulhoso. As constelações passavam por mim lá em cima, e as árvores e pedras que serviam de pontos de referência passavam voando conforme eu avançava. Encarava de frente o vento cortante, que soprava meu rosto com um frescor agradável. Quando perdi Villeneuve-la-Guyard de vista, esqueci do triste drama da miséria humana. Pensei que era feliz por estar vivo, capaz de reconhecer a beleza da terra trajada de verde, do céu pintalgado de estrelas e do vento indomável que fazia todo o cenário se agitar. Meu cavalo ficou cansado — e eu, sem pensar na fadiga que ele sentia, embora ficasse cada vez mais lento, estimulei-o com a voz e incitei-o com as esporas. Ele era um animal galante, e não queria trocá-lo por outra montaria qualquer que encontrasse pelo caminho. Nesse caso, precisaria deixá-lo para trás, e jamais voltaria a vê-lo. Continuamos avançando a noite toda. Pela manhã, ele percebeu que nos aproximávamos de Versalhes, lugar que reconhecia como casa, e reuniu todo o resquício de força que ainda tinha. Havíamos percorrido pelo menos cinquenta milhas, mas ainda assim ele disparou pelas longas *boulevards*, rápido como uma flecha. Quando desmontei do pobre coitado diante dos portões do castelo, ele caiu de joelhos, seus olhos ficaram baços, ele tombou de lado, seu nobre peito subiu e desceu algumas vezes — e ele morreu. Vi-o falecer, tomado de angústia por ter sido irresponsável inclusive comigo mesmo. O espasmo foi como submeter um membro a uma agonizante tortura, mas tão breve quanto intolerável. Esqueci dele assim que disparei pela passagem e subi correndo as majestosas escadarias daquele castelo de vitórias. Foi então que ouvi a voz de Adrian. Homem tolo que sou! Ó ser de natureza feminina, efeminado e

desprezível que sou! Ouvi a voz de meu amigo e respondi com gritos desesperados. Corri em direção ao Salão de Hércules, onde ele se encontrava cercado por uma turba cujos olhos, que se viraram admirados para mim, lembraram-me que, na situação atual do mundo, homens precisavam reprimir excitações tão históricas como aquelas. Eu daria mundos e fundos para abraçá-lo, mas não ousei. Metade tomado pela exaustão, metade por vontade própria, larguei-me no chão. Será que ousaria revelar a verdade à gentil cria da solidão? De fato o fiz, pois seria capaz de beijar o caro e sagrado chão que ele pisava.

Encontrei o lugar em um estado de tumulto. Um emissário do líder dos Eleitos fora tão manipulado por seu chefe e pelo próprio credo fanático que atentara contra a vida do lorde protetor, guardião da humanidade perdida. Ele fora pego em uma tentativa de apunhalar o conde. A situação causara o clamor ouvido na minha chegada ao castelo, assim como a reunião confusa das pessoas que se apinhavam no Salão de Hércules. Embora a superstição e uma fúria demoníaca tivessem se infundido entre os emigrantes, vários deles ainda eram fiéis a nosso nobre líder. Outros vários, cuja fé e cujo amor haviam se desequilibrado por causa do medo, sentiam a afeição latente renascer depois da detestável tentativa de assassinato. Uma falange de protetores se fechou em volta dele. O infeliz sujeito — que embora estivesse preso e algemado continuava a alardear seus desígnios, reivindicando com insanidade a coroa de mártir — teria sido esquartejado se a própria vítima do atentado não tivesse impedido. Adrian saltara adiante e o protegera com o próprio corpo, ordenando de forma enérgica que os furiosos aliados se acalmassem. Foi quando eu cheguei.

A disciplina e a paz enfim foram restauradas no castelo. Depois disso, Adrian passou de família em família e de tropa em tropa para acalmar as mentes perturbadas de seus seguidores, fazendo-os voltar ao usual estado de obediência. O medo da morte iminente, porém, prosperava entre os sobreviventes da destruição do mundo. Assim que o horror causado pela tentativa de assassinato se dissipou, todos os olhos se voltaram para Paris. As pessoas são tão suscetíveis a farsas que por elas se espetariam com uma lança envenenada. Era assim que o impostor, usando o medo que tinham do inferno como a mais voraz de suas feras, manipulava seu crédulo rebanho.

Era uma situação de tensão que abalava até mesmo a resolução dos mais fiéis amigos dos homens. Adrian estava prestes a ceder. Estava quase pondo um fim no conflito e partindo com os poucos seguidores que tinha entre a iludida turba, deixando as demais vítimas miseráveis entregues às próprias paixões e ao tirano terrível que as incitava. Mais uma vez, porém, depois de uma breve flutuação de propósito, ele havia recuperado a coragem e a determinação, sustentado pelo

objetivo único e pelo inabalável espírito de benevolência que o animava. Nesse momento, quase como um sinal de ajuda divina, aquele infeliz inimigo botara tudo a perder, derrubando com as próprias mãos o domínio erigido.

Seu poder sobre a mente humana se baseava na doutrina que lhes incutia: dizia que aqueles que acreditassem nele e que o seguissem seriam os únicos salvos — todo o resto, por sua vez, seria marcado pela morte. Dizia que, assim como na época do Grande Dilúvio, o onipotente se arrependera de ter criado a humanidade. Com as flechadas da pestilência, como no passado fizera com a água, tentava aniquilar todas as pessoas — exceto aquelas que obedeciam aos decretos promulgados por aquele falso profeta. Era impossível dizer em quais fundações aquele homem apoiava as esperanças de manter o engodo. Era provável que ele tivesse total ciência da natureza assassina que a farsa atribuía às afirmações e que imaginasse que, tão aleatoriamente como um dado, seria lembrado pelo futuro como um inspirador delegado do paraíso ou reconhecido como um impostor pela atual geração moribunda. De qualquer forma, resolvera manter a encenação até o ato final. Quando, com a aproximação do verão, a doença fatal voltou a se abater sobre os seguidores de Adrian, o impostor proclamou exultante como a própria congregação estava livre da calamidade universal. As pessoas acreditaram nele. Seus seguidores, até então trancados em Paris, foram a Versalhes. Misturando-se ao grupo assustado que lá se reunia, insultaram o lorde protetor, reafirmando a própria superioridade na saúde. Lenta, mas contínua em seu silencioso avanço, a doença logo destruiu a ilusão ao invadir a congregação dos Eleitos, espalhando a promíscua morte entre os membros. O líder do grupo conseguiu esconder o evento — tinha alguns seguidores que, admitidos como arcanos de sua maldade, conseguiam ajudá-lo na execução dos desígnios nefastos. Os doentes eram rápida e silenciosamente retirados do grupo, recebiam uma mortalha e eram despojados em valas clandestinas. Enquanto isso, todo tipo de desculpas era dado para explicar a ausência. Por fim, uma mulher, cuja vigilância materna era capaz de resistir até aos efeitos dos narcóticos dados a ela, testemunhou os desígnios assassinos ao qual a única filha foi submetida. Ouvi dizer que, enlouquecida de horror, ela irrompeu entre os iludidos companheiros e, gritando loucamente, acordou a todos, fazendo ecoar pela noite a história do crime — o impostor, porém, em seu último ato de raiva e desespero, apunhalou-a. Ferida mortalmente e com os trajes pingando o sangue que lhe dava vida, com a filha morta nos braços, a bela e jovem Juliet — pois era ela a mulher — denunciou ao grupo de crentes iludidos a maldade daquele a quem chamavam de líder. Ela viu o olhar estupefato de quem a ouvia mudar do horror para a fúria. Os nomes dos já sacrificados foram ecoados pelos parentes, agora certos da perda que haviam sofrido. O desgraçado, com aquela energia de

propósito que o levara tão longe no percurso pecaminoso, viu o perigo que corria e decidiu evitar as piores consequências. Correndo na direção de um de seus asseclas, arrancou a pistola de sua cinta, e sua gargalhada de escárnio se misturou ao estampido do tiro com que se matou.

Seus restos mortais foram deixados onde estavam. Puseram o cadáver da pobre Juliet e seu bebê em um ataúde e, com os corações tomados pelo mais triste pesar, seguiram em uma longa procissão na direção de Versalhes. Encontraram lá as tropas de quem havia abandonado a gentil proteção de Adrian e agora viajava para se juntar aos fanáticos. Essa história horrorosa me foi relatada, e tudo voltou ao seu lugar. Enfim, acompanhados pelos últimos remanescentes da humanidade, e precedidos pelo emblema enlutado da razão que haviam recuperado, as pessoas se apresentaram a Adrian, e mais uma vez e para sempre juraram obediência às suas ordens e fidelidade à causa.

## VII

Esses eventos ocuparam tanto tempo que quase metade de junho passou antes de retomarmos a longa jornada. No dia seguinte ao meu retorno a Versalhes, seis homens dos que eu havia deixado em Villeneuve-la-Guyard chegaram com a informação de que o resto da tropa já seguira em direção à Suíça. Fomos pelo mesmo caminho.

É curioso como alguns períodos de tempo, quando analisados em retrospecto, parecem ter se arrastado interminavelmente, mesmo que na verdade tenham sido curtos. No fim de julho chegamos a Dijon. As horas, dias e semanas entre nossa partida e aquele fim de mês se perderam em um oceano de tempo, fervilhando com eventos fatais e um sofrimento agonizante. No fim de julho, pouco mais de um mês teria se passado se a vida humana fosse medida pelo nascer e pôr do sol. Infelizmente, porém, nesse intervalo de um mês, jovens ardorosos haviam ficado grisalhos, sulcos profundos e indesejáveis tomavam o rosto das jovens mães, e os membros flexíveis do início da vida adulta haviam se paralisado com o peso dos anos, assumindo a decrepitude dos idosos. Noites se passaram, cuja escuridão fatal fez o sol envelhecer antes mesmo de nascer. A noite refrescante que deveria amenizar os dias ardentes, demorando-se no leste, chegava atrasada e com pouco efeito. Os dias eram tais que a sombra nos relógios de sol, radiantes ao meio-dia, sequer se mexia ao longo de uma hora, até que uma vida inteira de tristeza levasse os sofredores até seus derradeiros túmulos.

Éramos mil e quinhentas almas quando partimos de Versalhes. Saímos no dia 18 de junho. Compúnhamos uma longa procissão, que continha em si cada relação de carinho ou laço de amor existente na sociedade humana. Pais e esposos, com a preocupação de guardiões, guardavam os parentes que os acompanhavam. Esposas e mães procuravam apoio nas figuras masculinas à sua volta, e depois, com uma ansiedade terna, mantinham o olhar atento no grupo de crianças que as cercava. Estavam todos tristes, mas não desesperançosos. Acreditavam que alguns se

salvariam. Com o otimismo pertinaz que caracterizava nossa natureza humana mesmo perto do fim, tinham certeza de que a amada família seria a preservada.

Passamos pela França, e a encontramos desprovida de habitantes. Um ou dois nativos haviam sobrevivido nas cidades maiores, que percorriam como se fossem fantasmas. Assim, nossos números aumentaram um pouco, mas depois diminuíram pela morte até que se tornou fácil contar e listar os poucos sobreviventes. Nunca deixávamos os doentes para trás, não até que a morte permitisse dar um fim adequado aos restos mortais na proteção de um túmulo. Nossa jornada foi longa, e a cada dia uma lacuna assustadora se abria em nosso grupo — as pessoas morriam às dezenas, às meias centenas, às centenas inteiras. A morte não tinha misericórdia. Desistimos de esperá-la, e todos os dias recebíamos o sol com o sentimento de que jamais o veríamos nascer de novo.

Os terrores nervosos e as assustadoras visões que nos haviam espantado na primavera continuavam visitando o atemorizado grupo durante a longa jornada. As noites traziam consigo sua nova torrente de espectros: víamos fantasmas na silhueta das árvores destruídas e formas deploráveis em cada arbusto desgrenhado. Aos poucos, esses fenômenos comuns começaram a nos acompanhar, e depois outros eventos surpreendentes passaram a acontecer. Logo, as pessoas passaram a afirmar com segurança que o sol estava nascendo uma hora antes do habitual. Depois, começaram a dizer que ele ficava cada vez mais fraco, de modo que as sombras assumiam uma aparência incomum. Seria impossível ter imaginado, durante a calma da rotina humana antes do acontecido, os efeitos terríveis das ilusões extravagantes. Na verdade, nossos sentidos não valem de nada quando não são confirmados por algum testemunho similar, e portanto era extremamente difícil ficar livre de crer em eventos sobrenaturais — aos quais a maior parte das pessoas em nosso grupo já dava crédito. Eu era um único sã em uma multidão de loucos, então raramente ousava falar que, para mim, o vasto astro luminoso não mudara em nada, que a sombra da noite não continha em si formas de espanto e terror ou que o vento, quando uivava por entre as árvores ou assobiava por uma construção vazia, não estava repleto de lamentos e desespero. Algumas coisas reais assumiam formas fantasmagóricas, e era impossível evitar que o sangue não gelasse nas veias diante da mistura evidente do que sabíamos ser realidade com as aparições de tudo o que temíamos.

Certa vez, na penumbra da noite, vimos uma figura toda de branco, aparentemente maior do que uma pessoa normal, flutuando na via. Ela ora erguia os braços, ora saltava alturas impressionantes e ora rodopiava várias vezes sem parar, retornando logo à postura inicial e gesticulando violentamente. Nosso bando, disposto a descobrir o que era aquilo e a acreditar no sobrenatural, parou a certa

distância do fenômeno. Quando escureceu, até os incrédulos passaram a temer o espírito solitário cujas cabriolas — se é que antes tinham alguma dignidade espiritual — iam além de todas as capacidades humanas. O ser ora flutuava no ar, ora tremulava sobre uma cerca, e depois voltava para a via diante de nós. O medo sentido pelos espectadores daquela demonstração fantasmagórica começava a se manifestar em alguns na forma de fugas desesperadas, e, nos outros, no impulso de se encolher junto aos companheiros. Nosso diabrete nos percebeu, aproximou-se e, enquanto recuávamos reverentemente, cumprimentou-nos com uma mesura. A visão foi ridícula até para nosso desafortunado grupo, e a cortesia foi respondida por um surto de riso. Depois, voltando a se elevar em um último esforço, a criatura afundou no chão, ficando quase invisível na noite escura. Essas circunstâncias voltaram a espalhar o silêncio e o medo pela tropa. Os mais corajosos enfim avançaram e, ajudando o pobre coitado a se levantar, descobriram qual era a explicação trágica para a cena medonha. Quem estava ali era um dançarino de ópera pertencente ao grupo que desertara em Villeneuve-la-Guyard. Ele fora acometido pela doença e desertado pelos companheiros. Em um acesso de delírios, imaginara-se no palco, e, em estado moribundo, o pobre coitado aceitara os últimos aplausos de humanos admirados com sua graça e agilidade.

Em outra ocasião, fomos assombrados durante vários dias por uma aparição, que nosso povo apelidou de o Espectro de Preto. Só o víamos à noite, quando a montaria cor de carvão, os trajes de luto e o penacho negro assumiam uma aparência impressionante. Seu rosto, dizia uma pessoa que o vira por um único momento, era pálido feito osso — o homem havia ficado muito para trás do resto da tropa, e de súbito vira o Espectro de Preto em uma virada da estrada. Escondeu-se de medo, e o cavaleiro passou vagorosamente por ele enquanto os raios do luar que iluminavam seu rosto revelaram a tez sobrenatural. Às vezes, na calada da noite, enquanto cuidávamos dos doentes, ouvíamos alguém cruzar a cidade a galope: era quando o Espectro de Preto vinha em nome da inevitável morte. Ele era absurdamente grande aos olhares vulgares. Diziam que era cercado por uma atmosfera gélida e que, quando emitia sons, os animais se assustavam e os moribundos sabiam que a hora final se aproximava. Alguns declararam que era a própria Morte, personificada para assumir para si a terra e subjugar de uma vez as almas remanescentes, únicos rebeldes de sua lei. Certa vez, perto do meio-dia, vimos uma massa escura na via diante de nós. Quando nos aproximamos, o Espectro de Preto estava caído do cavalo, largado no chão enquanto morria pelas agonias da doença. Ele não sobreviveu muitas horas, e suas últimas palavras revelaram o segredo do comportamento misterioso. Era um distinto nobre francês que, por conta dos efeitos da praga, sobrara sozinho no distrito. Durante muitos

meses, havia perambulado de província em província, procurando sobreviventes e abominando a solidão à qual fora condenado. Quando descobriu nossa tropa, viu o medo de se contagiar vencer o desejo de companhia. Não ousara se juntar a nós, mas, ao mesmo tempo, não quis nos perder de vista — os únicos seres humanos que, além dele, vagavam pela ampla e fértil França. Assim, acompanhou-nos na forma espectral que descrevi até a morte o acolher em um grupo maior, a Humanidade dos Mortos.

Teria sido bom se os terrores vãos tivessem distraído nossos pensamentos de males mais tangíveis, mas estes eram aterrorizantes e numerosos demais para não se forçarem em meio a todos os pensamentos e em todos os momentos de nossa vida. Fomos obrigados a parar várias vezes por vários dias, quando cada vez mais pessoas voltavam a se misturar ao pó da terra que um dia fora nossa mãe viva. Assim, continuamos a viagem pela estação mais quente. Foi só no primeiro dia de agosto que nós, viajantes — os oitenta que haviam sobrado —, atravessamos os portões de Dijon.

Havíamos ansiado por aquele momento, pois isso significava que completáramos a maior parte da triste viagem, e que a Suíça já estava próxima. Mas como parabenizar a nós mesmos pela realização tão imperfeita de nossos planos? Eram aqueles seres miseráveis, desgastados e infelizes em uma procissão pesada, os últimos remanescentes da raça humana — que antes, como uma inundação, espalhava-se e dominava todo o planeta? A humanidade descera livre e desimpedida de sua fonte na montanha prima de Ararate, e de um débil riacho se transformara em um rio perene que, de geração em geração, foi fluindo sem cessar. Homogêneo, mas ao mesmo tempo diverso, ele cresceu, fluindo na direção do oceano acolhedor cuja costa escura agora atingíamos. A humanidade fora um mero joguete da natureza ao surgir do vazio. Aos poucos foi criando poder e conhecimento, porém, e com eles assumindo dignidade e autoridade. Não éramos mais os simples jardineiros da terra ou os pastores dos rebanhos da natureza. Nossa espécie “carregava consigo um aspecto imponente e majestoso, tinha linhagem e ancestrais ilustres. Tinha galerias de retratos, inscrições monumentais, registros e títulos”.

Nada existia mais agora que o oceano da morte sugara o fluxo enfraquecido cuja fonte já estava seca. Primeiro, déramos adeus ao estado das coisas de milhares de anos, por mais que este parecesse eterno. O estado de governo, obediência, circulação e rotina diária havia moldado nosso coração e nossas capacidades desde tempos imemoriais. Depois, à paixão patriótica, às artes, à reputação, à fama e ao nome de nosso país, também havíamos dado adeus. Vimos desaparecer toda a esperança de recuperar nosso estado anterior, assim como todas as nossas expectativas — exceto a de salvar as vidas individuais do naufrágio do tempo. Para



preservá-las é que havíamos deixado a Inglaterra — Inglaterra esta que já nem existia mais, pois como a ilha desabitada poderia reivindicar um nome? Com apego persistente, havíamos nos apoiado no governo e na ordem que tinha mais chance de nos salvar. Confiando nisso, seria suficiente se pelo menos uma pequena colônia restasse, pois em um futuro remoto ela poderia restaurar a humanidade.

Mas as cartas estão na mesa! Todos iremos morrer. Não haverá sobreviventes ou herdeiros à ampla herança da terra. Todos iremos morrer! A espécie humana há de perecer. Nossa requintada forma física, o maravilhoso mecanismo de nossos sentidos, a nobre proporção de nossos membros divinos e nossa mente, que governa a tudo isso — tudo irá perecer. Será que a Terra continuará tendo seu lugar entre os planetas? Será que ainda seguirá sua jornada com regularidade anônima ao redor do Sol? Será que as estações continuarão mudando, as árvores adornarão a si mesmas com folhas e as flores continuarão emanando seu perfume, mesmo em meio à solidão? Será que as montanhas continuarão imóveis e os riachos continuarão seu curso decrescente na direção do vasto abismo? Será que as marés continuarão subindo e descendo e os ventos continuarão a soprar a natureza universal? Será que os animais terrestres continuarão pastando, os pássaros, voando, e os peixes, nadando quando o ser humano — senhor, possuidor e registrador de todas as coisas — já não existir mais, como se nunca tivesse existido? Ó, a ironia disso! Certamente a morte não é de fato morte, e a humanidade não se extinguirá, e sim assumirá outras formas que não serão sujeitas às nossas percepções. A morte é um vasto portal, uma estrada que leva à vida. Que passemos logo por ela! Que não mais existamos nesta morte em vida, e sim que morramos para que possamos viver!

Ansiávamos com indescritível fervor alcançar Dijon, pois na cidade havíamos fixado uma espécie de marco de nosso progresso. Mas agora havíamos entrado em um torpor mais doloroso do que o sofrimento agudo. Chegáramos lenta, mas irrevogavelmente, à certeza de que nem nossos maiores esforços preservariam sequer um humano da morte. Assim, soltamos o timão que havia tanto agarrávamos, e a frágil embarcação na qual flutuávamos pareceu, sendo suspenso o governo sobre ela, acelerar na direção do abismo escuro das ondas. Uma dor, uma profusão desenfreada de lágrimas, lamentos vagos, um transbordo de afeição e o apego apaixonado, ainda que infrutífero, aos poucos humanos que sobravam seguiram a languidez e a imprudência.

Durante a desastrosa jornada, havíamos perdido todos aqueles a quem, com a exceção da família, éramos particularmente afeiçoados entre os sobreviventes. Mesmo sendo inadequado encher estas páginas com uma simples enumeração de pessoas perdidas, seria impossível para mim não mencionar pelo menos as mais queridas a nós. A garotinha que Adrian resgatara do total abandono durante a

cavalgada por Londres no dia 20 de novembro morreu em Auxerre. A pobre criança se apegara demais a nós, e a forma súbita da morte só aumentou nossa tristeza. De manhã, ela parecera saudável, mas, à noite, antes de nos retirarmos para descansar, Lucy visitou nossos aposentos para dizer que ela estava morta. A própria Lucy, pobrezinha, sobreviveu apenas até chegarmos a Dijon. Ela devotara todo o tempo a cuidar dos doentes e a dar atenção às pessoas que já não tinham mais amigos. O esforço excessivo causara nela uma febre lenta, terminando na terrível doença que logo a libertou do sofrimento. Ela nos encantara com suas qualidades, com a pronta e alegre realização de suas tarefas e com a aquiescência suave mediante todas as adversidades. Quando a depositamos em seu túmulo, parecia que estávamos dando um adeus final às virtudes femininas tão evidentes nela. Por mais inculta e despreziosa que fosse, eram notáveis sua paciência, sua tolerância e sua doçura. Essas características, junto a toda a carga de qualidades peculiarmente inglesas, jamais seriam revividas entre nós. Tudo que era motivo de admiração entre meus conterrâneos foi enterrado no deserto da França. Vê-la pela última vez foi como uma segunda separação de nossa pátria.

Já a condessa de Windsor morreu durante nossa estadia em Dijon. Certa manhã, fui informado de que ela desejava me ver. A mensagem me fez lembrar de que vários dias haviam se passado desde que a vira pela última vez. Isso era normal durante nossa viagem, porque eu às vezes ficava para trás a fim de observar de perto os últimos momentos de um de nossos desafortunados camaradas, e o resto do grupo me ultrapassava. Mas foi algo na maneira com que a mensagem foi entregue que me fez suspeitar de que as coisas não estavam bem. Os caprichos da imaginação me fizeram conjecturar que alguma coisa ruim acontecera a Clara ou Evelyn em vez de à idosa dama. Nossos medos, sempre crescentes, exigiam sua dose de horror. Além disso, parecia natural demais, parecido demais com os velhos tempos, que os mais antigos morressem antes dos mais novos. Encontrei a venerável mãe de minha Idris deitada em um sofá, o corpo enfraquecido largado sobre ele. Seu rosto estava enrugado, com o nariz adunco se destacando, e seus olhos escuros, encovados e fundos, brilhavam com um brilho capaz de rivalizar o de um relâmpago no céu do entardecer. Ela tinha uma aparência enrugada e ressequida, exceto pelo já mencionado brilho no olhar. Sua voz também estava assustadoramente mudada quando falou pausadamente comigo:

— Temo — começou — ser egoísta da minha parte pedir que visite de novo esta velha mulher antes que ela morra. Por outro lado, penso que talvez seja um choque maior saber que morri subitamente em vez de me ver assim.

Segurei uma de suas mãos enrugadas entre as minhas.

— A senhora está realmente tão doente assim? — perguntei.

— Não percebe a morte em meu rosto? — respondeu ela. — Estranho. Já esperava por isso, mas, ao mesmo tempo, confesso que fui pega de surpresa. Nunca me apeguei à vida ou a apreciei até estes últimos meses, que passei na companhia de pessoas que antes desertei tão insensivelmente. É difícil ser arrancada dessa vida agora. Fico feliz, porém, de não ser uma vítima da praga. Provavelmente morreria mais ou menos nessa época, mesmo que o mundo ainda fosse como era em minha juventude.

Ela falava com dificuldade, e percebi que lamentava a necessidade da morte mais do que podia admitir. De fato, porém, não podia reclamar de uma morte prematura: sua constituição abatida mostrava que a vida se gastara naturalmente. Estávamos sozinhos a princípio, mas Clara logo entrou no cômodo. A condessa se virou para ela com um sorriso no rosto e segurou a mão da amável menina entre as suas. As palmas rosadas e os dedos pálidos contrastavam com as fibras fracas e os tons amarelados da mão da amiga idosa. Clara se inclinou para beijar a fronte da mulher, tocando a pele enrugada com os lábios cálidos e carnudos da juventude.

— Verney — continuou a condessa —, não preciso lembrar que trate bem desta cara garota, pois sei que vai cuidar dela pelo seu próprio bem. Se o mundo fosse como antes, eu teria milhares de conselhos sábios para dar, principalmente sobre os perigos que meninas tão sensíveis, boas e bonitas correm nas mãos de pessoas que desejam a destruição de tudo o que é justo e primoroso. Mas isso não existe mais agora.

“Deixo você, minha querida enfermeirinha, aos cuidados do seu tio. A ele entrego o maior tesouro de meu ser. Seja para Adrian, minha querida, o que foi para mim. Alegre a tristeza dele com suas brincadeiras joviais, alivie a angústia dele com suas conversas sóbrias e inspiradoras quando ele estiver morrendo. Cuide dele como cuidou de mim.”

Clara irrompeu em lágrimas.

— Ah, meu bem — disse a condessa. — Não chore por mim. Você ainda tem muitos amigos.

— Mas a senhora também fala sobre a morte deles — choramingou Clara. — Isso é tão cruel... Como sobreviverei quando eles se forem? Se meu amado protetor morresse diante de mim, eu seria incapaz de cuidar dele. Tudo o que faria seria morrer também.

A venerável dama sobreviveu naquele estado por apenas vinte e quatro horas. Ela era o último laço que nos conectava ao antigo estado das coisas. Era impossível olhar para ela e não pensar em roupagens, eventos e pessoas como eram antes, agora tão estranhas à nossa atual situação quanto as disputas de Temístocles e Aristides ou a Guerra das Rosas que ocorrera em nossa terra natal. A coroa da

Inglaterra repousara sobre seu cenho. A memória de meu pai e seus infortúnios, os esforços vãos do falecido rei e as imagens de Raymond, Evadne e Perdita, que haviam vivido no auge do mundo, dançavam vividamente diante de nós. Acomodamos a senhora em seu túmulo simples com relutância. Quando nos afastamos dele, Jano cobriu o rosto do passado — o outro, que olhava na direção das gerações futuras, havia muito perdera sua sanidade.

Depois de uma semana em Dijon, período em que trinta pessoas de nosso grupo desertaram das fileiras da vida, continuamos o caminho na direção de Genebra. Na metade do segundo dia, chegamos ao pé da cordilheira de Jura. Ali passamos a parte mais quente do dia. Ali, cinquenta pessoas — cinquenta, os últimos seres humanos da abundante terra que haviam sobrevivido — reuniram-se. Prestavam atenção aos rostos uns dos outros à procura da medonha praga, ou do sofrimento destruidor, ou do desespero, ou pior ainda: da despreocupação com o futuro ou com o mal presente. Ali nos reunimos aos pés daquela potente muralha montanhosa, sob a sombra de uma nogueira. Um riacho murmurante refrescava a relva verde com seus respingos, e as cigarras ocupadas zumbiam entre as ervas. Ficamos bem próximos, um grupo fechado de infelizes sofredores. Uma mãe aninhava nos braços o filho febril, a última criança de tantas, cujos olhos vidrados estavam prestes a se fechar para sempre. A bela mulher — antes resplandecente com seu brilho e sua consciência juvenis, agora macilenta e negligenciada — ficou ajoelhada ao lado da criança, abanando-a com movimento incertos. Deitado, o menino tentava manter no rosto distorcido pela doença um sorriso agradecido. Ali também se encontrava um experiente veterano de expressão fechada. Ele preparou uma refeição, sentou-se, e, de repente, sua cabeça pendeu sobre o peito, a faca sem uso caiu de suas mãos, e seus membros relaxaram completamente, como se ele estivesse perdido em lembranças da esposa, do filho e dos parentes mais amados, já todos perdidos. Também estava sentado ali um homem que por quarenta anos havia sido iluminado pelo tranquilo sol da fortuna. Ele segurava a mão da última esperança: a amada filha que acabara de chegar à vida adulta. Encarava a garota com olhos ansiosos, enquanto ela tentava se animar para confortar um pouco o pai. Também ali, um de nossos criados, fiel até o último momento, embora ele mesmo moribundo, cuidava de outro — que, apesar de ainda saudável, encarava aterrorizado as várias desgraças que se desenrolavam ao redor.

Adrian estava apoiado em uma árvore. Tinha um livro nas mãos, mas os olhos se desviaram das páginas e se encontraram com os meus. Dispararam em minha direção um olhar simpático, e a aparência dele denunciava que seus pensamentos já não estavam mais no impresso inanimado, pois páginas mais repletas de significado e muito mais cativantes se desvelavam diante dele. Às margens do riacho, separados

de todos os outros, acomodados em um recanto tranquilo onde o regato beijava a relva verdejante com carinho, Clara e Evelyn brincavam. Às vezes batiam na superfície da água com galhos, às vezes olhavam os insetos que pairavam sobre ela. Evelyn ora corria atrás de uma borboleta, ora colhia flores para a prima. O sorridente rostinho de querubim e o semblante claro eram sinais do coração leve que ainda batia em seu peito. Embora Clara tentasse se divertir, com frequência desviava os olhos do primo e se virava para olhar para Adrian e para mim. A garota estava com catorze anos e mantinha a aparência infantil, apesar de já ser alta como uma mulher adulta. Agia como uma zelosa mãe para meu filhinho órfão, e quem a via brincar com ele ou cuidar silenciosa e submissamente de nossas necessidades notava apenas sua admirável docilidade e paciência. No entanto, em seus olhos suaves, nas cortinas cheias de nervuras que os cobriam, na palidez de seu cenho marmóreo e na delicada expressão em seus lábios havia uma inteligência e uma clareza que inspiravam tão somente a admiração e o amor.

Depois que o sol mergulhou no oeste e as sombras da noite ficaram mais longas, preparamo-nos para subir a montanha. A atenção que precisávamos dedicar aos doentes fazia com que nosso progresso fosse lento. A trilha tortuosa, embora bem íngrime, permitia uma vista limitada dos campos e colinas rochosos que apareciam e desapareciam conforme subíamos. Quase não havia onde nos abrigarmos do sol poente, cujos raios delgados emanavam um calor exaustivo. Havia momentos em que dificuldades simples se tornavam muito maiores. Momentos em que, como dizia o poeta hebreu, “o gafanhoto era um grande fardo”, o que representava muito bem nosso grupo naquela noite. Adrian, geralmente o primeiro a se animar e o último a ceder à fadiga e às dificuldades, naquela noite ia com os membros relaxados e a cabeça baixa, com as rédeas frouxas nas mãos, confiando nos instintos da própria montaria para escolher o caminho. Aqui e ali, ele se erguia com dificuldade, mas só quando a inclinação da subida exigia que ele se segurasse mais firme na sela. Fui tomado pelo medo e pelo horror. Será que aquela languidez era um sinal de que ele também fora contagiado? Por quanto tempo aquele inigualável ser mortal seria capaz de entender, quando eu olhasse para ele, que seus pensamentos respondiam aos meus? Por quanto tempo ainda seus membros obedeceriam ao gentil espírito que os animava? Por quanto tempo ainda a luz da vida brilharia nos olhos de meu último amigo? Assim seguimos lentamente. Cada subida que completávamos terminava em outra. Cada curva súbita revelava outra igual, assim sucessiva e interminavelmente. Às vezes, as dificuldades pelas quais passavam os doentes faziam com que toda a caravana precisasse parar. Eles pediam água e imploravam por descanso, e os gritos de dor

abafavam os soluços dos enlutados — e foi em meio a isso que atravessamos a cordilheira de Jura.

Adrian fora na frente. Em certo momento, quando fiquei para trás, pois a sela de um dos cavalos se soltara, vi-o lutar para continuar a subir a montanha em um aclave que parecia mais complicado do que todos os outros pelos quais havíamos passado. Quando ele chegou no topo, sua silhueta aliviada destacou-se contra o céu. Ele parecia testemunhar algo inesperado e maravilhoso, pois parou, ergueu a cabeça e abriu os braços por um momento, como se saudasse a nova visão. Curioso, apressei-me a alcançá-lo. Depois de batalhar por vários minutos tediosos contra a subida, a mesma cena se apresentou diante de meus olhos, e fui tomado pela exata mesma admiração extasiada que tomara Adrian.

A natureza — ou melhor, a favorita da natureza, aquela encantadora região — mostrava suas inigualáveis belezas em uma resplandecente e súbita exibição. Lá embaixo, como se estivesse no fundo do abismo do portentoso globo, jazia o plácido e azulado lago Léman. Encostas cobertas de hera o cercavam, e, atrás dele, montanhas em formato cônico ou gigantescas muralhas irregulares o protegiam. Mais além da paisagem e acima dela, como se os espíritos do ar subitamente revelassem seus resplandecentes domínios localizados na altitude inimaginável do céu imaculado, beijando o céu e companheiros do inatingível éter, encontravam-se os gloriosos Alpes, vestidos de deslumbrantes trajes de luz e sol poente. E, como se aquelas maravilhas do mundo já não fossem o bastante, a vasta imensidão, os cumes irregulares e a pintura rósea do céu se refletiam no lago lá embaixo, como se mergulhasse os orgulhosos ápices nas ondulações suaves, como palácios de náiades nas águas plácidas. Cidades e vilarejos se espalhavam aos pés da cordilheira de Jura. Esta, com suas ravinas escuras e promontórios negros, estendia suas raízes pelo domínio aquático debaixo dela. Arrebatado pelo maravilhamento, esqueci-me da morte dos homens, da existência dos vivos e do querido amigo a meu lado. Quando me virei, vi lágrimas escorrendo de seus olhos. Ele juntou as mãos magras, o semblante animado sorrindo de admiração.

— Por quê? — exclamou ele, enfim. — Por que, ó coração, você sussurra palavras de luto? Beba da beleza desta cena e aproveite maravilhas maiores do que as que qualquer paraíso das histórias seria capaz de oferecer.

Aos poucos, todo o nosso grupo chegou ao topo do aclave e se juntou a nós. Todos, sem exceção, demonstraram sinais de uma admiração maior do que qualquer outra que já tivessem sentido.

— Deus está nos revelando seu paraíso! — exclamou uma das pessoas. — Já podemos morrer abençoados.

Cada pessoa tentava, com exclamações surpresas e frases extravagantes, expressar o efeito embriagante daquela maravilha da natureza. Permanecemos ali por um tempo, sentindo o fardo do destino mais leve, esquecidos por alguns momentos da morte em cuja hora sombria estávamos próximos de mergulhar. Ficamos ali sem pensar muito no fato de que nossos olhos seriam os últimos a presenciar a magnificência divina daquela exibição terrena. Um forte entusiasmo, muito similar à alegria, irrompeu como um raio súbito de sol na escuridão em que se encontrava nossa vida. Como é precioso o atributo que permite que a desgraçada humanidade possa ser arrebatada pelo êxtase mesmo quando abatida pelo tormento que impiedosamente ceifa e destrói todas as esperanças.

Aquela noite foi marcada por outro evento. Passando por Ferney em nosso caminho para Genebra, ouvimos a música inesperada da igreja rural em meio às árvores, cercada de chalés vazios e sem sinais de ocupação. O repicar de um órgão enchia o ar silencioso em um crescendo que se misturava à beleza intensa que vestia as rochas, as florestas e as ondas das cercanias. Música, a linguagem dos imortais, revelada a nós como um testemunho de sua existência. Música, “a chave prateada da fonte das lágrimas”, a filha do amor, a consoladora, inspiradora de atos heroicos e pensamentos radiantes. Ó música, em nossa desolação, esquecemos de você! O som das flautas não mais nos alegrava à noite, tampouco a harmonia das vozes ou a emoção conjunta das cordas. Veio entre nós para revelar outras formas de ser! Emocionados como estávamos pela beleza da natureza, e depois de imaginar o testemunho do lar dos espíritos, era como se ouvíssemos os melodiosos hinos desses seres. Detivemo-nos, admirados como uma acólita que visita algum templo sagrado em meio à madrugada ou que vislumbra, animada e sorridente, a imagem que adora. Todos ficamos calados, e muitos caíram de joelhos. Em alguns minutos, porém, despertamos de nosso devaneio ao ouvir uma melodia familiar. A ária era “A criação”, de Haydn. Por mais velha e decadente que a humanidade tivesse se tornado, o mundo ainda estava fresco como no dia da criação, ainda digno de ser celebrado por aquele hino de louvor. Adrian e eu entramos na igreja. A nave estava vazia, embora houvesse fumaça de incenso vindo do altar, trazendo consigo a lembrança de grandes congregações que antes lotavam as catedrais. Continuamos entrando. Um homem cego tocava acordeão, focado completamente na música. Enquanto ouvia atentamente, um brilho de prazer se espalhava em seu semblante. Os olhos baços não podiam refletir a resplandecência, mas os lábios entreabertos e cada traço do rosto e do venerável cenho gritavam o deleite que ele sentia. Uma jovem mulher, talvez em seus vinte anos, dedilhava o piano. Seus cabelos ruivos pendiam sobre os ombros, e seu semblante claro brilhava com sua beleza natural. No entanto, de seus olhos baixos fluíam lágrimas velozes, e ela se esforçava para

reprimir os soluços. Ainda assim, tremia e estava vermelha. Tinha o corpo magro, e tanto a languidez quanto a infeliz doença pareciam abatê-la. Ficamos assistindo à dupla, toda a atenção da música desviada pela absorvente cena. Enfim, quando soou o último acorde, o repicar dos instrumentos morreu em reverberações minguentes. A poderosa voz inorgânica, pois era impossível associá-la aos mecanismos dos instrumentos de sopro ou de teclas, cessou seu sonoro tom. A garota, virando-se para ajudar o companheiro idoso, enfim nos percebeu.

Eram pai e filha, e a menina desde a infância era a guia de seus passos cegos. Eram alemães da Saxônia, mas haviam emigrado para aquela cidade poucos anos antes e formado laços com os aldeões locais. Na época do surgimento da praga, um estudante alemão se juntara a eles. A história simples era fácil de adivinhar. Ele, um nobre, se apaixonara pela bela filha do pobre músico e se juntara aos dois na fuga da morte. Logo, porém, a poderosa ceifadora chegara para cortar a grama e as altas flores no campo com sua foice cega. O jovem foi uma vítima precoce. Já a garota resistira, para a sorte do pai. A cegueira do velho permitira que ela o mantivesse ignorante do que acontecia, que a princípio fora algo casual. Agora que os dois eram os últimos sobreviventes solitários da região, ele continuava sem saber da mudança. Não percebia que, quando ouvia a música da filha, as montanhas silenciosas, o lago insensível e as árvores inconscientes eram, além dele, os únicos ouvintes.

Exatamente no dia em que chegamos, ela fora atacada pelos sintomas da doença. Estava paralisada de horror diante da ideia de deixar o pai cego e idoso sozinho no mundo. Não tinha coragem de revelar a verdade, porém, e era justamente o desespero que permitia que continuasse resistindo. No horário costumeiro, ela o levava à capela. Embora tremesse e chorasse, tocara sem sair do compasso e sem errar nenhuma nota o hino escrito para celebrar a criação da enfeitada terra que logo lhe serviria de túmulo.

Para ela, éramos como enviados do paraíso. Sua coragem e a firmeza que mal conseguia sustentar sumiram com o surgimento do alívio. Com um grito, correu em nossa direção e abraçou as pernas de Adrian.

— Salvem meu pai! — exclamou. Com soluços e gritos histéricos, abriu as comportas havia muito fechadas de suas desgraças.

Pobre garota! Depois de certo tempo, ela e o pai jaziam lado a lado sob a alta nogueira em cuja sombra repousava seu amado, ponto que ela nos apontara em seus últimos momentos. O pai, enfim ciente do perigo que a filha corria e incapaz de ver as mudanças em seu semblante, segurou a mão da menina de forma obstinada até ela se enregelar e endurecer com os sinais da morte. Ele não se moveu nem falou nada pelas doze horas seguintes, até que a gentil morte também garantiu



a ele seu derradeiro repouso. Ambos agora jazem sob a relva, com a árvore como monumento. O lugar sagrado ainda permanece em minha mente, ofuscado pela irregular cordilheira de Jura e, mais ao longe, pelos imensuráveis Alpes. A torre da igreja que frequentavam ainda desponta em meios às árvores, e embora suas mãos possam estar frias, creio que os sons da divina música que amavam ainda ecoam pela região, consolando seus gentis fantasmas.

## VIII

Enfim chegamos à Suíça, até então o destino final e grande objetivo ao qual dedicávamos nossas forças. Não sei por que razão, ansiávamos com esperança e agradável expectativa pelas cadeias montanhosas e pelos picos nevados do país, e abrimos nosso coração com ânimo renovado ao gélido vento que, mesmo em meados do verão, soprava da geleira do norte repleto de frescor. Mas será que poderíamos manter a expectativa de alívio? Pois como nossa Inglaterra nativa e como a vasta e fértil França, aquela terra fortalecida pelas montanhas estava desolada e desabitada. Se nem o gélido cume das montanhas, nem os riachos alimentados pela neve, nem o congelante vento do norte e nem os trovões, domadores do contágio, haviam preservado quem ali vivia — por que seríamos exceção?

Quem seria salvo? Quem de nosso grupo tinha condições de resistir e lutar contra a conquistadora? Éramos os últimos remanescentes, amansados a ponto da submissão ao golpe vindouro. Um comboio já meio morto pelo próprio medo da morte. Tripulantes desesperançados, submissos, quase descuidados, que haviam desistido de pilotar o barco da vida e se resignado à força destrutiva dos ventos desregrados. Éramos como pés de milho não ceifados, abandonados em um amplo campo depois da colheita dos demais, soprados suavemente pelo vento invernal. Éramos como andorinhas desgarradas que, ficando para trás enquanto o resto do bando migra para climas melhores ao sinal do primeiro vento indelicado do outono, ficam presas ao solo nas primeiras geadas de novembro. Éramos como ovelhas perdidas que vagam pela encosta coberta de geada enquanto o resto do bando está no curral, morrendo antes do amanhecer. Éramos como nuvens, como as várias que se espalhavam por uma impenetrável trama no céu e que, depois que as companheiras são pastoreadas pelo vento norte “para beber da tarde dos antípodas”, somem e se dissolvem no claro éter.

Deixamos as margens limpas do belo lago de Genebra e adentramos as ravinas dos Alpes. Viajamos seguindo o curso do murmurante Arve até sua foz,

atravessando os vales rochosos de Servox, passando por suas poderosas cachoeiras e adentrando as sombras das montanhas inacessíveis. Enquanto isso, as luxuriantes nogueiras davam lugar aos pinheiros escuros, cujos ramos musicais se agitavam com o vento e cujas formas esbeltas já haviam suportado milhares de tempestades. Seguimos até que a relva verdejante, os vales floridos e as colinas cheias de arbustos dessem lugar às rochas altas, inexploradas e infrutíferas, “esqueleto do mundo, esperando para ser vestido com tudo que é necessário para que haja vida e beleza”. Como era estranho procurar abrigo logo ali! É claro — se, nos países em que a terra era gentil como uma mãe carinhosa que cuida dos filhos, ela se revelara uma destruidora, não seria ali que encontraríamos consolo, onde, abatida por uma aguda miséria, um arrepio parecia correr por suas veias rochosas. Ou seja, havíamos conjecturado errado. Em vão exploramos os vastos glaciares sempre em movimento de Chamonix, as fendas entre o gelo, os mares de águas congeladas, os bosques pelados de pinheiros assomados pela tempestade, os vales que não passavam de caminho para altas avalanches e o topo das colinas, lar das tempestades. A peste era suprema até mesmo ali. Quando o dia e a noite, como gêmeos de crescimento igual, passaram a dividir igualmente o domínio das horas, um por um — nas cavernas geladas, ao lado das águas que fluíam quando a neve de mil invernos derretia —, cada um dos remanescentes da raça humana fechou os olhos para sempre.

Mas não estávamos tão errados em procurar um cenário como aquele para atuar a cena final de nosso drama. A natureza, verdadeira até o fim, consolava-nos mesmo no âmago de nossa tristeza. A grandeza sublime de objetos externos acalentava nossos miseráveis corações, e estávamos em harmonia com nossa desolação. Muitos sofrimentos haviam se abatido sobre a raça humana durante aquele atribulado caminho, e vários enlutados desafortunados haviam restado como únicos sobreviventes dentre muitos. Nossa tristeza assumiu a forma majestosa e colorida das vastas ruínas em que nos encontrávamos, acompanhando-as e se unindo a elas. Assim, nessa amada terra, várias ravinas escuras têm riachos murmurantes sombreados por rochas românticas e cercados de caminhos musgosos — mas a todas, exceto àquela, falta o poderoso plano de fundo dos enormes Alpes, cujos picos nevados ou encostas nuas nos elevavam de nosso tedioso lar mortal e nos faziam habitar os palácios da própria natureza.

Aquela harmonia solene entre evento e situação calibrava nossos sentidos e combinava perfeitamente com o último ato que representaríamos. A tristeza majestosa e a pompa trágica se faziam presentes no declínio da desgraçada humanidade. A procissão funeral dos monarcas do passado foi transcendida por nossas esplêndidas cerimônias. Perto da foz do Arveyron, realizamos os ritos

daquele que, à exceção dos quatro humanos remanescentes, foi o último de nossa espécie. Adrian e eu, deixando Clara e Evelyn embalados por um sono pacífico e solitário, carregamos o corpo até aquele local desolado. Decidimos deixar o cadáver nas cavernas de gelo sob a geleira, que ruíam e colapsavam com o menor dos ruídos, destruindo tudo o que havia dentro delas — assim, nenhum pássaro ou fera profanaria o corpo congelado da vítima. Com passos leves e em silêncio, depositamos o morto em um caixão de gelo e fomos embora, parando por um instante na plataforma rochosa ao lado da foz do rio. Por mais silenciosos que fôssemos, a própria agitação no ar causada por nossa presença foi suficiente para perturbar o sono da parte já derretida da geleira. Mal havíamos deixado a caverna quando os vastos blocos de gelo se soltaram do teto e caíram, cobrindo o cadáver que havíamos depositado dentro dela. Havíamos escolhido uma noite clara de luar, mas nossa jornada até aquele ponto fora longa, e a forma crescente da lua já mergulhava no oeste quando completamos a tarefa. As montanhas nevadas e os glaciares azuis emanavam uma luz própria. A ravina irregular e abrupta que formava uma das laterais do glaciar Montanvert estava diante de nós, e a geleira ao nosso lado. Aos nossos pés, o rio Arveyron, branco e espumoso, disparava por sobre as rochas afiadas que irrompiam dele e, com seus borrifos ruidosos e seu rugido incessante, perturbava o silêncio da noite. Relâmpagos claros brincavam ao redor do amplo domo do Monte Branco, silenciosos como as rochas nevadas que iluminavam. Tudo era vazio, selvagem e sublime por ali, enquanto o som murmurante dos pinheiros dava um toque gentil à toda aquela magnificência bruta. Agora, o som do estalar e da queda de blocos de gelo enchia o ar, e o ribombar da avalanche chegava até nossos ouvidos. Em locais de menor grandeza, a natureza demonstra seu poder vivo na folhagem das árvores, no crescimento das ervas e no suave murmurar dos regatos sinuosos. Ali, porém, um local dotado de atributos gigantescos, as enxurradas, as tempestades e o fluxo de corpos massivos de água demonstravam sua atividade. Que belo ádrio, que belo réquiem, que bela congregação eterna estavam presentes no funeral de nosso amigo!

Não era apenas sua forma humana que havíamos colocado naquele sepulcro eterno, cujas exéquias agora celebrávamos. Com aquela última vítima, a praga desapareceu da terra. À morte nunca faltara armas com as quais destruir a vida. Nós, poucos e fracos como nos encontrávamos, ainda estávamos sujeitos a todas as outras flechas que abundavam em sua aljava cheia. A peste, porém, não era uma delas. Por sete anos ela dominara completamente a terra. Alcançara cada recanto de nosso espaçoso globo e misturara-se à atmosfera que, como uma capa, cobre todas as criaturas — os habitantes de nossa nativa Europa, os luxuosos asiáticos, os

trigueiros africanos e os livres americanos haviam sido vencidos e destruídos por ela. Mas sua tirania bárbara chegava ao fim ali, naquele vale rochoso de Chamonix.

As cenas recorrentes de miséria e dor, frutos do destempero da peste, não faziam mais parte de nossas vidas. A palavra “praga” não mais soava em nossos ouvidos. O aspecto da doença, encarnado no semblante humano, não mais se exibia diante de nossos olhos. Daquele momento em diante, não vi mais a praga. Ela abdicara de seu trono e abrira mão do cetro imperial ali, entre as rochas congeladas que nos cercavam. Ela deixara apenas a solidão e o silêncio como herdeiros conjuntos de seu reino.

Meus sentimentos presentes estão tão misturados com os do passado que não sei dizer se percebemos essa mudança então, parados naquele ponto estéril. Minha impressão é de que sim, e que foi como se uma nuvem tivesse sido varrida para longe ou que um peso tivesse sido removido do ar. Que, dali em diante, respiramos mais livremente e erguemos a cabeça dotados de parte de nossa antiga liberdade. Mesmo assim, não tínhamos esperança nenhuma. Ainda estávamos assolados pela sensação de que nossa raça estava condenada, mesmo que a praga não fosse nossa destruidora. O futuro era como um poderoso rio no qual navega um barco cujo marinheiro mortal sabe que os riscos óbvios não são os que ele precisa temer, embora o perigo esteja próximo. Um barco que flutua arrebatado na direção de precipícios salientes em meio a águas escuras e turvas, cujo marinheiro vê à distância silhuetas estranhas e hostis em direção às quais a embarcação é irresistivelmente impelida. O que seria de nós? Quem dera algum oráculo de Delfos ou alguma sacerdotisa pitonisa proferisse os segredos do futuro! Quem dera algum Édipo resolvesse o enigma dessa cruel Esfinge! Um Édipo eu era, na realidade: não um que decifra um joguete de palavras, mas um cujas dores agonizantes e cuja vida manchada pelo sofrimento servem de ferramentas para expor os segredos do destino e revelar o significado de um enigma cuja explicação encerra a história da humanidade.

Devaneios vagos semelhantes a esse assombravam nossa mente e instilavam em nós sentimentos não de todo separados do prazer enquanto observávamos em silêncio aquele túmulo natural criado pelas inanimadas montanhas acima de suas veias vivas, estrangulando seu princípio vital.

— Então é assim — disse Adrian. — Cá estamos nós como duas melancólicas árvores arruinadas onde antes prosperava uma floresta. A nós ficou reservada a missão de chorar os mortos, definhando e morrer. Mesmo agora, porém, temos nossas tarefas, que precisamos nos esforçar para realizar: o dever de conceder tanto prazer quanto possível e, pela força do amor, fazer nascer um arco-íris em meio à tempestade do sofrimento. Não irei definhar se, nesta situação extrema, formos

capazes de preservar o que temos. Algo me diz, Verney, que não precisamos mais temer nossa cruel inimiga, e me apego com satisfação a essa voz oracular. Por mais que isso seja estranho, terei o cuidado de acompanhar o crescimento de nosso garotinho, assim como o desenvolvimento do jovem coração de Clara. Em meio a este mundo deserto, somos tudo o que eles têm. Se vivermos, será nossa missão fazer com que este novo modo de vida seja feliz para eles. No momento isso é simples, pois a mente infantil dos dois não pensa no futuro, e a necessidade intensa por simpatia e amor a que nossa natureza é suscetível ainda não acordou dentro deles. Não há como saber o que será quando isso acontecer, quando a natureza fizer valer seus poderes irrevogáveis e sagrados, mas, muito antes disso, poderemos todos estar frios como nosso companheiro que jaz em seu túmulo de gelo. Precisamos pensar apenas no presente e tentar preencher com imagens agradáveis a imaginação inexperiente de nossa amada sobrinha. As cenas que agora nos cercam, vastas e sublimes como se apresentam, não são as que mais podem nos ajudar nessa tarefa. A natureza aqui é como nossas fortunas: grandiosa, mas destrutiva, crua e rude demais para agradar a imaginação juvenil da menina. Desçamos para as planícies ensolaradas da Itália. O inverno logo chegará lá, cobrindo a natureza em uma dupla desolação, mas nós atravessaremos as colinas e a levaremos até cenas de fertilidade e beleza, onde seu caminho será adornado por flores e a atmosfera alegre nos inspirará deleite e esperança.

Com esse objetivo, deixamos Chamonix no dia seguinte. Não tínhamos motivo para acelerar a marcha. Nenhum evento transcendia nossa bolha atual a ponto de tomar para si nossa determinação, então resolvemos ceder a cada capricho e gastar bem nosso tempo, vendo passar as horas sem desespero. Vagamos pelos amáveis vales de Servox. Passamos longas horas na ponte que, cruzando a ravina do Arve, dava uma visão dos abismos cobertos de pinheiros e das montanhas nevadas que o muravam. Perambulamos pela romântica Suíça até que a aproximação do inverno nos fez seguir, e nos primeiros dias de outubro já estávamos no vale de Maurienne, que levava a Cenis. Não sou capaz de explicar a relutância que sentimos ao deixar aquela terra montanhosa. Talvez fosse porque encarávamos os Alpes como a fronteira entre nossos estados passado e futuro de existência, e por isso nos apegávamos tão fervorosamente ao que havíamos amado antes. Talvez fosse porque agora tínhamos tão poucos impulsos nos incitando a escolher entre duas maneiras de agir que não ligávamos para preservar a existência de uma delas, preferindo a perspectiva do que faríamos em seguida em vez da lembrança do que já havíamos feito. Sentíamos que, pelo menos naquele ano, o perigo já passara. Acreditávamos que, por alguns meses, ainda poderíamos contar com a existência uns dos outros. Havia um deleite misto, eletrizante e agonizante, naquele pensamento. Enchia os

olhos de lágrimas e partia nosso coração com arquejos violentos. Éramos mais frágeis do que “a neve que vai sobre o rio”, mas lutávamos para dar vida e individualidade ao trajeto meteórico da existência de cada um de nós, sentindo que não havíamos deixado de aproveitar nenhum momento. Assim, oscilando à beira desse precipício, éramos felizes. Sim! Éramos felizes quando nos sentávamos sob protuberâncias rochosas ao lado de cachoeiras, perto de florestas antigas como as colinas.

E em amplas áreas ensolaradas de relva, onde as camurças pastavam e os tímidos esquilos escondiam as nozes. Éramos felizes cantando sobre os charmes da natureza, absorvendo suas inalienáveis belezas. Éramos, em um mundo vazio, felizes.

Mas vocês, dias de alegria — dias que retribuía meu olhar, cujas vozes mais doces do que a música dos galhos agitados dos pinheiros ou que o murmúrio gentil dos regatos respondiam à minha, dias repletos de beleza, dias que passei na companhia de meus amados, dias profundamente caros ao meu ser desconsolado —, vocês passaram diante de mim, fazendo com que no processo eu me esquecesse do que sou. Vejam como meus olhos lacrimejantes mancham este papel inanimado. Vejam como minha feição está marcada pela expressão de agonia diante da mera lembrança de vocês agora que, sozinho, minhas lágrimas caem, meu queixo treme, meus lamentos enchem o ar sem serem vistos, notados, ouvidos! Dias de deleite, deixem-me viver para sempre em suas longas horas!

Conforme o frio se abatia mais e mais sobre nós, ultrapassamos os Alpes e descemos em direção à Itália. Assim que a manhã nasceu, sentamo-nos para a refeição matinal e enganamos nossos lamentos com brincadeiras alegres e conversas eruditas. Caminhamos ao longo de todo o interminável dia, ainda mantendo em vista o fim da nossa jornada, mas sem nos preocuparmos com quando a completariamos. Quando a estrela vespertina subiu no céu e o pôr do sol alaranjado no oeste marcou a posição da cara terra que para sempre havíamos deixado, a conversa na qual engajamos, por mais limitada que fosse, fez as horas voarem. Quem dera pudéssemos ter vivido naquele dia para todo o sempre! Que consequência tinha sobre nossos quatro corações o pensamento de que apenas nós consistíamos na única fonte de vida em todo o mundo? Em relação ao sentimento individual, preferíamos ter restado os quatro juntos do que cada um em um deserto populoso de pessoas desconhecidas, vagando sem companhia até o fim de nossas vidas. Dessa forma, pelo menos podíamos consolar uns aos outros. Dessa forma, a real filosofia nos fazia raciocinar.

Era um prazer para mim e para Adrian servir Clara, chamando-a de princesinha do nosso mundo e nos apresentando como seus humildes servos. Quando

chegávamos em uma cidade, a primeira preocupação era procurar a melhor hospedagem para ela, depois garantir que não houvesse nenhum horrível resto mortal dos habitantes anteriores, procurar comida para ela e atender às suas necessidades com uma ternura diligente. Clara entrava na brincadeira com uma alegria infantil. Sua principal ocupação era cuidar de Evelyn, mas ela se divertia vestindo-se das mais esplêndidas roupas, adornando-se com brilhantes joias e imitando os modos de uma princesa. Sua religião, profunda e pura, não lhe ensinara a recusar a amenização do ardor da culpa — sua vivacidade juvenil a fazia entrar de corpo e alma naquele estranho faz de conta.

Havíamos resolvido passar o inverno vindouro em Milão, que, por ser grande e luxuosa, nos proveria com uma ampla gama de lugares para ficar. Havíamos descido os Alpes e deixado para trás suas vastas florestas e seus imponentes penhascos. Adentramos a risonha Itália. O milho crescia misturado ao mato nos campos, e a hera sem poda espalhava ramos pelos ulmeiros. As uvas, mais do que maduras, haviam caído no chão ou jaziam roxas ou verde-escuras entre as folhas avermelhadas e amarelas. As espigas de milho remanescentes haviam sido despidas dos grãos pelo vento perdulário. A folhagem caída das árvores, os riachos repletos de mato, as oliveiras agora pintalgadas de azeitonas escuras, os castanheiros, cujas nozes eram colhidas apenas pelos esquilos — tudo abundava, mas, infelizmente, o cenário era de pobreza, pintado em tons assombrosos e dispostos de maneira fantástica naquela terra de belezas. Nas cidades, onde nenhuma voz se fazia ouvir, visitamos as igrejas adornadas por pinturas, obras-primas da arte, ou por galerias de estátuas. Naquele clima agradável, os animais, vendo-se em uma nova liberdade, vagavam pelos maravilhosos espaços e não davam a mínima para nosso aspecto deplorável. Os bovinos brancos nos miravam e passavam devagar por nós. Às vezes, um bando de ovelhas assustadiças, com seus passinhos tamborilantes, sobressaltava-se em algum cômodo outrora dedicado ao repouso de beldades e corria por aí, passando à toda por nós, descendo a escadaria de mármore que dava na rua e adentrando a primeira porta que encontravam, reivindicando para si algum santuário sagrado ou alguma majestosa câmara de conselho. Não mais nos assustávamos com esse tipo de coisa, tampouco com sinais piores de mudança — como quando encontrávamos palácios que haviam se transformado em um mero túmulo tomado por um odor fétido, coalhado de mortos. Quando isso acontecia, percebíamos como a peste e o medo haviam pregado estranhas peças na humanidade, fazendo damas luxuosas fugirem para os campos úmidos e os chalés simples, enquanto, entre carpetes indianos e camas com lençóis de seda, encontrávamos corpos de camponeses rústicos ou cadáveres meio deformados de algum pedinte miserável.



Quando chegamos em Milão, instalamo-nos no palácio do vice-rei. Criamos nossas próprias leis, dividindo os dias e atribuindo tarefas distintas para cada período. Pela manhã, cavalgávamos por campos próximos ou vagávamos pelos palácios à procura de pinturas e antiguidades. À noite, juntávamo-nos para ler ou conversar. Ousávamos ler poucos livros — só nos interessavam aqueles que não representavam de forma cruel as imagens que testemunhávamos em nossa solidão, fazendo-nos lembrar de pensamentos e emoções que nunca mais experimentaríamos. Dissertações metafísicas, ficções que se afastavam demais da realidade e que se perdiam em erros criados por elas mesmas, poemas de um tempo tão longínquo que lê-los era como ler sobre Atlântida e Utopia, assim como discussões sobre a natureza ou sobre a obra de uma mente em particular e, acima de tudo, conversas, variadas e sempre novas, ocupavam nossas horas.

Mesmo quando fazíamos uma pausa em nossa jornada na direção da morte, o tempo mantinha seu ritmo costumaz. O mundo continuava girando, continuamente e sem cessar, entronado em sua carruagem atmosférica, acelerado pela força dos ginetes invisíveis da necessidade inequívoca. E enfim, esta gota de orvalho no céu, este globo portentoso repleto de montanhas e resplandecente de ondas, passou da curta tirania do aquático Peixes e do frígido carneiro de Áries e entrou no radiante domínio de Touro e de Gêmeos. Então, reavivado por ares primaveris, o Espírito da Beleza irrompeu de seu repouso gélido. Com asas amplas e passos leves, ele pintou uma faixa verdejante pela terra, brincando entre as violetas, escondendo-se em meio às folhagens frescas das árvores, chapinhando levemente pelos regatos radiantes em direção ao abismo ensolarado. “Pois ora, o inverno é passado, a chuva cessou. As flores surgiram na terra, a hora do cantar dos pássaros chegou. A figueira já produz seus figos verdes, e as videiras cheias de uvas tenras exalam seu aroma.” Era assim nos tempos do antigo poeta real, e era assim de novo.

Mas como poderíamos, em nossa miséria, saudar a aproximação daquela maravilhosa estação? Esperávamos que a morte não caminhasse mais à sua sombra como antes. Mesmo assim, sozinhos como estávamos, encarávamos o rosto uns dos outros com olhos questionadores, sem ousar revelar nossos pressentimentos e tentando adivinhar qual de nós seria o infeliz sobrevivente depois da morte dos outros três. Nossa intenção era passar o verão no lago de Como, e para lá nos dirigimos assim que a primavera amadureceu e a neve sumiu do cume das montanhas. A dez milhas de Como, aos pés das íngrimes encostas das montanhas ao leste e às margens do lago, havia uma pequena propriedade chamada Pliniana — assim conhecida pois fora construída sobre uma nascente, cujas cheias periódicas foram descritas pelo jovem Plínio em suas cartas. O casarão já caía aos pedaços

quando, em 2090, um nobre inglês o comprara e enchera o lugar de todo tipo de luxo. Havia dois grandes salões, adornados com esplêndidas tapeçarias nas paredes e um chão de mármore, um de cada lado de um pátio. Uma das laterais remanescentes do espaço dava para um grande lago escuro, e a outra era margeada por uma montanha de cuja encosta rochosa irrompia, barulhenta, a celebrada nascente. Lá em cima, murtas rasteiras e tufo de plantas aromáticas cingiam as rochas, enquanto gigantes ciprestes que apontavam para o céu rareavam na atmosfera azulada e, nas reentrâncias entre as colinas, cresciam luxuriantes castanheiros. Foi nesse lugar que fixamos nossa residência para o verão. Tínhamos um amável barquinho no qual navegávamos — ora singrando a extensão central, ora circundando as margens altas e irregulares, repletas de uma vegetação perene cujas folhas brilhantes pendiam sobre a água e cuja imagem era refletida na pequena baía e no regato de águas escuras e translúcidas. Ali brotavam plantas alaranjadas, e pássaros entoavam seus melodiosos cantos. Ali, durante a primavera, a gelada serpente d'água emergia das fissuras entre as rochas e banhava os ensolarados terraços de pedra.

E não éramos felizes naquele recanto paradisíaco? Se algum espírito gentil tivesse soprado em nós o poder do esquecimento, creio que teríamos sido felizes ali, onde as montanhas cheias de escarpas, quase intransponíveis, bloqueavam nossa vista dos campos distantes da terra desolada. Com um pouco de imaginação, podíamos fingir que as cidades ainda vibravam com o burburinho popular e que os camponeses ainda guiavam seu arado, abrindo sulcos na terra, e que nós, cidadãos livres do mundo, estávamos na verdade aproveitando um retiro voluntário, não o irremediável isolamento de nossa espécie extinta.

Ninguém amava tanto a beleza daquele cenário quanto Clara. Antes de deixarmos Milão, seus hábitos e comportamentos haviam mudado um pouco. Ela perdera a alegria, parara de brincar e passara a usar roupas de uma simplicidade quase virginal. A garota nos evitava, indo com Evelyn para cômodos distantes ou recantos silenciosos. Não participava dos passatempos do menino com o mesmo entusiasmo, e sim sentava e lhe assistia com um sorriso triste e afetuoso no rosto, os olhos brilhantes de lágrimas. Mesmo assim, não se queixava. Ela se aproximava com timidez, evitava nosso carinho e não deixava de lado o constrangimento até que alguma discussão séria ou assunto sublime a tirasse temporariamente de seu estado meditativo. Sua beleza crescia como a de uma rosa, abrindo-se com o vento do verão e exibindo pétala após pétala até ferir os sentidos com seu excesso de formosura. Um rubor leve marcava suas têmporas, e seus movimentos pareciam sintonizados a algum tipo de harmonia secreta de doçura insuperável. Redobramos a ternura e atenção que dedicávamos a ela. Ela as aceitava com sorrisos gratos, mas

fugia de nós como um rápido raio de sol refletido por uma onda em um dia de abril.

A única coisa que parecia nos conectar a ela era Evelyn. O rapazinho era um conforto e uma fonte de deleite para todos nós, acima de qualquer palavra. Seu espírito alegre e a inocente ignorância que tinha de nossa vasta calamidade serviam como um bálsamo para nós, cujos pensamentos e sentidos eram continuamente desgastados e atirados na imensidão da tristeza da especulação. Amar, cuidar e divertir o menino era uma tarefa de que todos compartilhávamos. Clara, que de certa forma lhe servia como uma espécie de jovem mãe, aceitava de bom grado a gentileza que dispensávamos a ele. Já eu... Ah, eu — que via em seu semblante claro e em seus olhos carinhosos minha amada e para sempre perdida Idris, renascida naquele rosto gentil — amava tanto meu filho que quase doía. Eu sentia que, ao abraçá-lo forte, eu estava na verdade abraçando um pedaço real e vivo dela, que ali jazia por longos anos de alegria juvenil.

Era costume meu e de Adrian sairmos todos os dias em nosso barquinho para explorar as propriedades adjacentes. Nessas expedições, raramente éramos acompanhados por Clara ou seu pequeno protegido, mas nossa volta era uma ocasião alegre. Evelyn fuçava em nossos achados com uma ânsia infantil, pois sempre levávamos algum presente para nosso companheirinho. Nessas incursões, também descobríamos paisagens belas ou palácios interessantes, para onde íamos todos juntos no final da tarde. Nossas navegações eram maravilhosas, e, em dias de vento bom ou maré correta, cortávamos as ondas. Quando perdíamos a vontade de conversar devido à pressão de nossos pensamentos, eu pegava meu clarinete, cujas notas despertavam memórias e davam descanso para nossas mentes preocupadas. Nessas ocasiões, Clara costumava voltar à habitual disposição para conversar livremente e fazer brincadeiras engraçadinhas. Embora nossos quatro corações fossem os únicos a ainda bater no mundo, os mesmo quatro corações eram felizes.

Certo dia, quando voltamos da cidade de Como com o barco carregado, fomos surpreendidos ao encontrar a praia vazia, pois esperávamos que, como sempre, Clara e Evelyn estivessem nos esperando no porto. Como ditado por minha natureza, não imaginei coisas ruins — considerei apenas um incidente casual. Mas Adrian não concordava. Ele foi acometido por um tremor súbito e por nervosismo, e com veemência me incitou a acelerar a aproximação do barco da costa. Quando chegamos perto o suficiente, ele saltou, caindo parcialmente dentro d'água, e, escalando a margem íngreme de qualquer jeito, correu pela faixa estreita de vegetação que havia entre o lago e a montanha. Corri atrás dele. O jardim e o pátio interno estavam vazios, assim como o casarão, cujos cômodos analisamos um a um. Adrian gritava o nome de Clara e estava prestes a disparar na direção da trilha da

montanha quando a porta de um casebre no fim do jardim se abriu lentamente, e Clara surgiu. Ela não se aproximou de nós, mas se apoiou contra uma coluna da construção. Tinha o rosto pálido e a postura completamente abatida. Adrian correu na direção dela com um grito de alívio e a abraçou de maneira carinhosa. Ela se afastou dele e, sem uma palavra, voltou a entrar no casebre. Seus lábios trêmulos e seu coração desesperado pareciam incapazes de permitir que expressasse nossa desgraça. Pois, enquanto brincavam, o pobre Evelyn fora acometido por uma febre súbita e agora jazia inerte e calado em um pequeno colchão.

Por duas semanas, velamos sem cessar o descanso do pobre menino conforme sua vida definhava sob os ataques da febre tifoide. Seu corpinho e seus traços diminutos enclausuravam o embrião da imensa mente humana. A natureza da humanidade, abundante em paixões e afeições, poderia ter um abrigo naquele coração, cujas batidas aceleradas ficavam cada vez mais frenéticas conforme o fim se aproximava. O mecanismo delicado de suas mãozinhas, agora flácidas e travadas, poderia se encorpar junto aos tendões e músculos que o permitiriam realizar obras belas ou poderosas. Quando adulto, seus delicados pés rosados poderiam caminhar pelos pavilhões e bosques do mundo. Todas essas imagens, porém, tinham pouca serventia, pois sua consciência e sua força já o haviam deixado, e ele apenas esperava o inevitável golpe de misericórdia.

Ficávamos de guarda ao lado de sua cama. Durante os surtos de febre, não falávamos nem olhávamos uns para os outros, observando apenas a respiração entrecortada do menino, o brilho mortal que tingia seu rosto e o fardo da morte que pesava suas pálpebras. É um lugar-comum dizer que palavras não poderiam expressar nossa longa agonia, mas como palavras poderiam evocar sensações cuja torturante agudeza nos atirava nas raízes profundas e nas fundações ocultas de nossa natureza, abalando nosso ser como um terremoto? Como poderiam nos afetar a ponto de nos fazer deixar de confiar em sentimentos familiares — que, como a mãe natureza, nos sustentavam — e passar a nos apegar na vã imaginação ou na enganadora esperança, que logo seriam soterradas pelas ruínas do golpe final? Disse há pouco que passamos duas semanas assistindo às mudanças causadas pela doença em nossa doce criança. É bem possível que esse tempo todo tenha se passado, pois à noite descobríamos o fim de mais um dia, embora cada hora parecesse durar para sempre. A verdade é que nem prestávamos atenção no passar do tempo. Mal dormíamos e mal deixávamos o quarto de Evelyn, exceto quando uma pontada de tristeza nos acometia, e então nos afastávamos dos outros por um curto tempo para que estes não presenciassem nossos soluços e nossas lágrimas. Tentamos poupar Clara daquela cena deplorável, mas foi em vão. Ela não saía do lado do garoto, observando-o. Aqui e ali, arrumava gentilmente seus travesseiros e,

enquanto ele ainda tinha forças para engolir, fazia-o beber alguns goles d'água. O momento da morte enfim chegou: o sangue parou de correr em suas veias, seus olhos se abriram e depois voltaram a se fechar, e, sem nenhum movimento ou suspiro final, o frágil abrigo físico foi abandonado pelo habitante espiritual.

Eu já ouvira que ver o momento da morte com seus próprios olhos ajudava os materialistas a aceitarem-na. Senti justamente o oposto. Aquele era meu filho? Aquela massa inanimada e imóvel? Meu filho era uma criança que se deixava arrebatado por meus carinhos, cuja amável voz vestia de significado seus pensamentos inacessíveis. Seu sorriso era um raio de sua alma, que por sua vez era soberana em seus olhos. Afastei-me daquela imitação do que ele costumava ser. Leve, ó terra, seu pagamento! De boa vontade e para sempre devolvo a você o ser que a mim concedeu. Mas você, cara criança, menino amável e amado: quer seu espírito agora ocupe uma habitação mais adequada, quer seja guardado em meu coração, você viveu enquanto ele viveu.

Acomodamos o corpo sob um cipreste após escavar uma reentrância na rocha para recebê-lo. Depois, Clara disse:

— Se querem que eu viva, levem-me daqui. Há algo neste cenário de beleza transcendental, nestas árvores, nestas colinas e nestas ondas que sussurra sem parar para que eu deixe meu desajeitado corpo e me torne parte dele. Peço do fundo do meu coração que me levem daqui.

Assim, no dia 15 de agosto, demos adeus à nossa propriedade e às receptivas cores daquele lar da beleza. Despedimo-nos também da calma baía, das cachoeiras ruidosas e do pequeno túmulo de Evelyn. Com o coração pesado, seguimos nossa peregrinação na direção de Roma.

## IX

Será que estou tão próximo do fim? Sim! É o fim de tudo. Mais um passo ou dois na direção destes túmulos recém-abertos e será o final do cansativo caminho. Será que consigo cumprir minha missão? Será que posso encher as páginas de palavras capazes de expressar uma grandiosa conclusão? Erga-se, sombria melancolia! Deixe sua ciméria solidão! Traga consigo as obscuras névoas do inferno que absorverão o dia. Traga as pragas e os ares pestilentos que, adentrando as cavernas e vias áreas da terra, encherão as veias pétreas do planeta com corrupção, de modo que nenhuma erva voltará a crescer, as árvores apodrecerão e, no leito dos rios, fluirá bile. As montanhas se decomporão, as poderosas profundezas apodrecerão, e a atmosfera tão cordial que envolve o globo perderá todos os poderes de produção e sustento. Faça isso, triste poder imaginado, enquanto escrevo, enquanto olhos leem estas páginas.

Mas quem irá lê-las? Cuidado, delicadas crias do mundo renascido! Cuidado, criatura bela de coração humano ainda indomado pela preocupação, seu cenho intocado pelo tempo! Cuidado para que o alegre fluxo de seu sangue não seja interrompido, para que seus cachos dourados não fiquem grisalhos e seu doce sorriso não se transforme em rugas fundas e severas! Não permita que o dia leia estas linhas, para que assim não se desgaste, empalideça e morra. Procure um bosque de ciprestes cujos ramos murmurantes produzirão a harmonia adequada. Procure uma caverna, profundamente entranhada nas profundezas da terra, onde não chegue luz alguma exceto aquela que, vermelha e oscilante, força-se por uma única fissura e mancha sua página com a mais fúnebre farda da morte.

Há uma confusão dolorosa em meu cérebro que se recusa a delinear nitidamente os eventos que se seguiram. Às vezes, o brilho do sorriso gentil de meu amigo surge diante de mim, e penso que sua luz se estende pela eternidade e a preenche. Depois, porém, sinto de novo os espasmos agonizantes...

Deixamos Como e, atendendo ao desejo mais profundo de Adrian, decidimos passar por Veneza em nosso caminho até Roma. Há algo peculiarmente atrativo aos

ingleses na ideia de uma cidade cercada pelas ondas e entronada em uma ilha. Adrian nunca a visitara. Descemos pelo Pó e pelo Brenta em um barco. Como os dias se provavam intoleravelmente quentes, descansávamos nos palácios próximos durante o dia e viajavamos durante a noite — quando a escuridão tornava as margens indistintas e nossa solidão menos gritante, e a lua errante iluminava as ondas que se dividiam diante de nossa proa, e o vento noturno enfurnava nossas velas, e o regato murmurante e as árvores oscilantes e o amplo céu combinavam-se em plena harmonia. Clara, havia muito derrotada pela tristeza, deixara de lado boa parte de seu comportamento tímido e friamente reservado, recebendo agora nossas atenções com uma ternura grata. Enquanto Adrian discursava com fervor poético sobre as gloriosas nações dos mortos, sobre o belo planeta e sobre o destino da humanidade, ela se aproximava dele e sorvia seu discurso com um prazer silencioso. Banimos de nossas conversas, e tanto quanto possível de nossos pensamentos, o reconhecimento de nossa desolação. E seria incrível para um habitante de uma cidade, para uma pessoa em meio a uma multidão, o quanto fomos bem-sucedidos nisso. Éramos como um homem confinado em uma masmorra, cujo espaço pequeno e gradeado a princípio aparenta ser obscuro até que, tendo o olho absorvido a pouca luz e se adaptado à escassez, enxerga como o espaço parece perfeitamente iluminado. Era assim que nós, um simples trio no planeta abandonado, multiplicávamo-nos aos olhos uns dos outros, a ponto de parecermos tudo o que existia. Éramos como árvores de raízes enfraquecidas pelo vento, que apoiam umas às outras, resistindo e se apegando ao solo com fervor crescente enquanto a tempestade invernal uiva ao redor. Assim navegamos pelo cada vez mais largo leito do Pó, dormindo quando as cigarras se punham a cantar, acordando com as estrelas. Adentramos o curso mais estreito do Brenta e enfim chegamos à costa da Lagoa de Veneza no alvorecer do dia 6 de setembro. O orbe brilhante se erguia vagarosamente por trás das cúpulas e torres, derramando sua luz penetrante sobre as águas translúcidas. Destroços de gôndolas e outras poucas intactas se espalhavam pela praia em Fusina. Embarcamos em uma delas em direção à viúva filha do oceano, que, abandonada e caída, jazia desamparada sobre suas ilhas escoradas, olhando na direção das distantes montanhas da Grécia. Remamos com calma pela Lagoa até entrar no Grande Canal. As ondas batiam de maneira fúnebre pelos portais destruídos e salões violados de Veneza. Algas marinhas e criaturas das profundezas se espalhavam pelo mármore escurecido enquanto o sal da brisa do mar deformava as obras de arte inigualáveis que adornavam as paredes, e as gaiotas entravam e saíam pelas janelas quebradas. Em meio às aterradoras ruínas dos monumentos ao poder da humanidade, a natureza reafirmava sua ascensão e brilhava ainda mais bela pelo contraste. As águas radiantes mal se agitavam,

enquanto as marolas refletiam o sol para todos os lados. A imensidão azul além de Lido se estendia para longe, sem nenhum sinal de embarcações — tão tranquila e bela que parecia nos convidar a deixar a terra coalhada de ruínas e buscar refúgio da tristeza e do medo em sua plácida vastidão.

Observamos as ruínas da desafortunada cidade do alto da torre da Basílica de São Marcos, e nos viramos com o coração dolorido na direção do mar — que, embora fosse ele mesmo um túmulo, não deixava monumentos e não revelava ruínas. A noite chegou rápido. O sol se punha atrás dos picos nebulosos dos Apeninos, e seus tons dourados e róseos pintavam as montanhas na costa oposta.

— Aquela terra tingida com as últimas glórias do dia é a Grécia — disse Adrian.

Grécia! O som da palavra fez algo despertar no coração de Clara. Ela nos lembrou com veemência que havíamos prometido levá-la mais uma vez à Grécia, túmulo dos pais. Por que ir até Roma? O que faríamos em Roma? Podíamos pegar uma das inúmeras embarcações que havíamos encontrado ali, embarcar nela e seguir diretamente para a Albânia.

Fui contra a ideia devido aos perigos do oceano e à grande distância a que as montanhas que víamos ficavam de Atenas — uma distância que, dada a natureza pouco domada do país, seria quase intransponível. Adrian, que se deleitara com a proposta de Clara, ignorou minhas objeções. Ele dizia que o clima estava favorável: o vento noroeste que soprava nos empurraria até o outro lado do golfo. Lá, em algum porto abandonado, poderíamos encontrar algum leve caiaque grego, adaptado à navegação pretendida. Desceríamos pela costa da Moreia e, passando pelo Istmo de Corinto, sem muita viagem pela terra ou fadiga, enfim alcançaríamos Atenas. Isso parecia loucura aos meus ouvidos. O mar, no entanto, brilhando em milhares de tons púrpura, parecia tão brilhante e seguro, e meus companheiros estavam tão sérios e determinados que, quando Adrian disse “Sei que não é exatamente o que deseja, mas preço que consinta para me agradar”, eu fui incapaz de discordar. À noite, escolhemos uma embarcação cujo tamanho parecia adequado à aventura. Arrumamos as velas e deixamos os cordames em ordem. Descansamos em um dos milhares de palácios da cidade e concordamos em zarpar no alvorecer do dia seguinte.

*Quando o vento, que há muito não agita a superfície plácida, varre  
O mar azulado, eu não mais amo a terra firme;  
O sorriso das profundezas tranquilas onde nada ocorre  
Tenta minha mente inquieta...*



Foi o que disse Adrian, citando a tradução de um poema de Mosco enquanto, à luz clara da manhã, remávamos para longe da Lagoa. Passamos por Lido e chegamos ao mar aberto, e eu continuaria...

*Mas quando o rugido*

*Do grande abismo cinzento do oceano ressoa, e a espuma*

*Se forma sobre o mar, e as vastas ondas quebram...*

Meus amigos disseram que aqueles versos eram um mau agouro. Assim, deixamos as águas rasas animados e, ao alcançar o mar, içamos as velas para aproveitar a brisa favorável. O belo ar da manhã as enfurnou, enquanto a luz do sol banhava terra, céu e oceano. As ondas plácidas se dividiam para deixar passar nossa quilha e, brincalhonas, beijavam as laterais do barco, murmurando boas-vindas. Enquanto a terra ficava cada vez mais longe, a imensidão azul, quase sem ondas e irmã gêmea do cerúleo firmamento, conduzia nossa barca com suavidade. O ar e a água estavam tranquilos e amenos, de modo que nossa mente mergulhou no silêncio. Em comparação com as imaculadas profundezas, a fúnebre terra parecia um túmulo — as rochas altas e as imponentes montanhas não passavam de monumentos, as árvores eram como enfeites de um ataúde, e os regatos e riachos fluíam salobros com as lágrimas pelas pessoas que já haviam partido. Adeus às cidades desoladas, aos campos com sua mistura selvagem de grãos e ervas daninhas, às inúmeras relíquias de nossa espécie perdida. Oceano, entregamo-nos a você! Assim como o patriarca Noé flutuou sobre o mundo alagado, permita que sobrevivamos, pois recorreremos ao seu fluxo perene.

Adrian assumiu o timão, e eu fiquei com os cordames. A brisa vinda da popa direita inflou nossas velas, e, movida por ela, disparamos pela vastidão. O vento morreu perto do meio-dia. O sopro preguiçoso era suficiente apenas para mantermos nosso curso. Como marinheiros vadios e despreocupados com o futuro, conversamos alegremente sobre a viagem e nossa chegada em Atenas. Nosso grupo se instalaria em uma das Cíclades. Lá, entre bosques de murta e uma primavera perpétua, ao sabor de uma maravilhosa brisa marítima, viveríamos longos anos em uma beatífica união — questionaríamos inclusive quanto à existência da morte no mundo.

O sol ultrapassara seu zênite e descia lentamente pelo imaculado plano celeste. Deitado no barco com o rosto voltado para o céu, pensei ter visto em seu azul alguns traços de um branco marmóreo. Eram tão imperceptíveis, porém, tão imateriais, que no instante seguinte cheguei à conclusão de que eram frutos da minha imaginação. Um medo súbito me acometeu, porém, enquanto olhava para o

alto. Levantei-me e corri até a proa, onde o vento soprava gentilmente meu cabelo. Foi quando vi uma linha escura de ondulações surgir no leste, vindo rapidamente em nossa direção. Meus avisos esbaforidos para Adrian foram seguidos pelo estalar das velas, e, quando o vento contrário as atingiu, nosso barco deu um salto. Em um piscar de olhos, uma tempestade se engrossou acima de nós, o sol mergulhou vermelho no oceano, o mar escuro foi tomado pela espuma e nossa barcaça passou a subir e descer pelas ondulações cada vez mais altas.

Quem nos visse naquele momento veria um frágil bote encurralado por ondas famintas e estrondosas, fustigado pelo vento. No leste escuro, duas massas de nuvens de direções opostas colidiram. Relâmpagos dispararam delas, e ouvimos um trovão abafado. As nuvens no sul responderam, e a forquilha de fogo que surgiu no negro firmamento revelou aterradores conjuntos de nuvens, já alcançados e obliterados pelas ondas crescentes. Deus do céu! E nós sozinhos... Nós três, sozinhos, completamente sozinhos, habitantes únicos do mar e da terra — nós três pereceríamos! O vasto universo, suas miríades de mundos e as planícies sem fim que havíamos deixado para trás, assim como a amplitude do mar aberto ao nosso redor, diminuíram diante de meus olhos. O universo e tudo o que ele continha se encolheu para se resumir a um ponto: nosso revoltado barco, que carregava nele toda a gloriosa humanidade.

Uma expressão de desespero tomou o rosto sorridente de Adrian, que murmurou entredentes:

— Eles devem ser salvos!

Clara, tomada por uma pontada de emoção, pálida e trêmula, aproximou-se dele. Adrian deu a ela um sorriso encorajador.

— O que teme, doce menina? Não tema, logo estaremos em terra firme!

A escuridão não me deixava ver as mudanças no semblante dela, mas sua voz saiu límpida e doce quando respondeu:

— Por que temeria? Nem o mar e nem a tempestade podem nos ferir se o poderoso destino ou o grande soberano que o rege não quiser que assim seja. E tampouco sinto o medo intenso de viver mais do que qualquer um de vocês: a morte se abaterá sobre todos nós ao mesmo tempo.

Nesse ínterim, recolhemos todas as velas, exceto uma bujarrona. Assim que pudemos fazê-lo sem correr riscos, mudamos o rumo para correr junto ao vento na direção da costa italiana. A noite escura fazia tudo se misturar. Mal podíamos discernir as cristas brancas das ondas assassinas, exceto quando um relâmpago iluminava brevemente o céu como se fosse dia e absorvia a escuridão. Era quando víamos os perigos que nos envolviam antes de mergulharmos de novo em uma noite ainda mais escura. Ficamos todos em silêncio, exceto Adrian, ao timão, que

fez um comentário encorajador. Nossa pequena barcada obedecia ao leme milagrosamente bem, correndo sobre o topo das ondas como se fosse um filhote do mar, e este um pai protegendo a cria em perigo.

Sentei-me na proa, cuidando do nosso curso. De repente, ouvi as ondas se quebrarem com fúria redobrada. Certamente estávamos perto da costa. Assim que gritei “Bem ali!”, um relâmpago gigantesco tomou a abóbada celeste e nos mostrou por um momento a praia logo adiante. Foi possível ver inclusive as areias e os tufos de junco pintalgados de lama que cresciam próximos à linha d’água que marcava a cheia. O céu voltou a escurecer, e prendemos a respiração com o mesmo alívio que sente alguém que, enquanto cinzas de vulcão enchem o ar, vê uma vasta massa de lava se solidificar no chão imediatamente antes de chegar aos seus pés. Não sabíamos o que fazer, e as enormes ondas nos cercavam — aqui, ali, por todos os lados. Rugiam e quebravam, espirrando a odiosa espuma em nosso rosto. Com considerável dificuldade e correndo grande risco, conseguimos enfim mudar o curso e evitar uma colisão. Incitei meus companheiros a se prepararem para o naufrágio de nossa pequena embarcação e a se agarrarem a algum remo ou tábuas que pudesse ajudá-los a flutuar. Eu era um nadador excelente — eu inclusive não me abalara tanto com a visão do mar naquele estado, assim como um caçador experiente não liga quando ouve uma alcateia de lobos uivando. Eu amava sentir as ondas me envolvendo e tentando me sobrepujar enquanto eu, dono de mim mesmo, movia-me de um lado para o outro, a despeito dos golpes furiosos. Adrian também sabia nadar, mas a fraqueza de seu corpo não permitia que ele sentisse prazer no exercício, além de ter impedido que ele tivesse muita experiência. Mas que poderes um grande nadador teria contra a avassaladora violência do oceano em sua fúria? Meus esforços para preparar meus companheiros se provaram quase inúteis — o rugido do mar impedia que ouvíssemos uns aos outros, e as ondas que quebravam continuamente contra nosso barco me obrigavam a gastar toda minha força na tentativa de tirar a água do casco na mesma velocidade com que entrava. Enquanto isso, a escuridão, palpável e tenebrosa, encurralava-nos, dissipada apenas pelos relâmpagos. Às vezes presenciávamos a queda de raios, que em uma fúria vermelha atingiam o mar, e de tempos em tempos vastas massas d’água deixavam as nuvens para agitar o oceano selvagem, que se erguia em ondas para alcançá-las. A ventania feroz empurrava as paredes de névoa, que se perdiam em meio à mistura caótica do céu com o mar. Nossa amurada se quebrara, e nossa única vela fora retalhada e arrancada pelas correntes de vento. Havíamos removido parte do mastro e tirado todo o peso extra que havia na embarcação. Clara tentou me ajudar a tirar a água do casco, e, quando ela virou os olhos para mirar um relâmpago, pude discernir no tempo do brilho momentâneo que a resignação vencera todos os seus

medos. Somos agraciados com um poder nos piores momentos, um poder que sustenta a febril mente humana e permite que suportemos as mais violentas torturas com uma tranquilidade que em nossos momentos de alegria não seríamos capazes de imaginar. Uma calma, mais medonhamente verdadeira do que a tempestade, fez as batidas do meu coração se acalmarem. Fui tomado pela calma do jogador, do suicida e do assassino quando, respectivamente, o último dado está prestes a ser lançado, o copo de veneno beira a boca e o golpe está em vias de ser desferido.

Horas se passaram assim — horas capazes de envelhecer rostos imberbes e tornar grisalhos os macios fios de cabelo da infância. Horas em que a fúria caótica continuou enquanto cada terrível rajada da tempestade transcendia em fúria a anterior, enquanto nossa embarcação era suspensa pela crista das ondas e depois afundava no vale lá embaixo, enquanto tremia e era atirada por entre precipícios d'água que pareciam pairar sobre ela. Por um momento, o vento parou, e o oceano caiu em um relativo silêncio. Foi um intervalo afobado, porém — o vento, corredor inveterado, havia apenas resolvido acumular forças por um instante antes de disparar, agora com um rugido tenebroso, sobre o mar, fazendo as ondas se chocarem contra nossa popa. Adrian exclamou que o leme se desprendera.

— Estamos perdidos! — exclamou Clara. — Salvem-se! Salvem-se!

Um relâmpago permitiu que eu enxergasse a garota com água na cintura, no fundo do barco. Adrian a pegou antes que afundasse e a segurou em seus braços. Ficamos sem leme, e nosso barco foi atirado de proa contra as gigantes ondas que se acumulavam adiante. Elas quebraram sobre nós e encheram a pequena barca, e ouviu-se um grito — dizendo que aquele era o fim. Quando dei por mim, estava na água, cercado pela escuridão. Quando a luz da tempestade piscou, vi a quilha de nosso barco virado perto de mim. Agarrei-me a ela, segurando firme com os dedos e as unhas enquanto tentava a cada lampejo encontrar meus companheiros. Tive a impressão de ver Adrian não muito longe, abraçado a um remo. Soltei-me e, com uma energia sobre-humana, disparei por entre as águas para tentar agarrá-lo. Quando essa esperança falhou, o amor instintivo pela vida me animou, mas fui acometido também por sentimentos contrários, como se uma vontade hostil combatesse minha ânsia de viver. Encarei as ondas e fui para cima delas, como faria se estivesse diante de um leão prestes a atacar meu peito com as garras. Quando derrotava uma onda, já encarava a próxima, sentindo um orgulho amargo curvar meus lábios.

Desde que a tempestade nos levara até perto da costa, não havíamos nos afastado tanto dela. A cada relâmpago eu via a terra se aproximar, mas o progresso era lento, enquanto cada onda, ao recuar, carregava-me de volta aos abismos

oceânicos. Certa vez, senti meus pés tocarem a areia, mas logo depois me vi de novo no fundo. Meus braços começaram a perder a força, e meu fôlego começou a falhar diante do poder das águas sufocantes. Milhares de delírios cruzaram minha mente — até onde me lembro agora, minha sensação principal era de que seria delicioso deitar a cabeça no solo tranquilo, onde as ondas não mais quebrariam sobre meu corpo enfraquecido e aquele som não ressoaria em meus ouvidos. Esforcei-me em nome desse descanso, não para salvar minha vida — e, de repente, a elevação da costa enfim fez com que eu pudesse tocar o leito com os pés. Levantei-me, mas fui derrubado de novo pelas ondas. A ponta de uma rocha à qual consegui me agarrar permitiu que eu descansasse por um instante, e depois, tirando vantagem do movimento de ir e vir, desapareí. Enfim cheguei à areia seca e caí inconsciente em meio aos juncos enlameados que brotavam dela.

Devo ter ficado ali deitado por muito tempo, pois, quando abri os olhos, tomado por náuseas, deparei-me com a luz da manhã. Tudo havia mudado: um alvorecer cinzento irrompia por entre as nuvens adiante, mostrando aqui e ali as vastas lagoas do mais puro éter do firmamento. A fonte de luz crescia cada vez mais rápido do leste, de trás das ondas do mar Adriático, transformando o cinzento em rosado e inundando céu e mar com um celestial tom dourado.

Uma espécie de estupor seguiu-se ao meu desmaio. Meus sentidos estavam vivos, mas minha memória parecia ter se perdido. A abençoada trégua foi curta: uma cobra se esgueirou até mim para me despertar com uma picada. Como primeira reação, eu deveria ter me sobressaltado, mas meus membros se recusavam a obedecer, meus joelhos tremiam e meus músculos haviam perdido toda a força. Eu ainda acreditava que poderia encontrar um de meus amados companheiros naufragos como eu, meio vivos, na praia. Esforcei-me ao máximo para recuperar a disposição a ponto de usar as funções animais de meu corpo. Torci os cabelos para tirar deles a água salgada, e os raios do sol nascente me agraciaram com um calor maravilhoso. Com o retorno da força ao corpo, a mente em certa medida entendeu o universo de miséria que ela habitaria dali em diante. Corri até a rebentação, gritando o nome de meus amados. O oceano sorveu minha voz, absorvendo-a e respondendo com um rugido impiedoso. Subi em uma árvore próxima. A areia era margeada por uma floresta de pinheiros, e o mar, estendendo-se além do horizonte, era tudo o que eu conseguia discernir. Em vão, expandi as buscas pela praia. O mastro, jogado pela amurada, com os cordames todos enrolados, assim como os restos de uma vela, eram as únicas relíquias de nosso naufrágio. Fiquei ali parado por alguns instantes, torcendo as mãos. Acusei a terra e o céu. Acusei a máquina universal e o poder todo-poderoso que a usara para o mal. Voltei a me jogar na areia. O vento suspirante, imitando um grito humano, fez com que despertasse em

mim uma esperança amarga e falsa. Certamente, se houvesse qualquer barquinho ou canoa por perto, eu teria vasculhado as planícies selvagens do oceano até encontrar os caros restos mortais daqueles que perdera. Depois, abraçando-me a eles, dividiria seu túmulo.

O dia seguiu, cada momento contendo uma eternidade. Ainda assim, enquanto as horas se passavam, eu me surpreendia em como o tempo voava. Mesmo àquela altura, eu ainda não tinha bebido a poção amarga até o último gole: não fora convencido de que perdera tudo, ainda não sentia em cada pulsação, cada nervo e cada pensamento que eu era o último de minha espécie — que eu era O ÚLTIMO HOMEM.

O dia nublara, e uma garoa caía enquanto o sol se punha. Até os céus da eternidade choram, pensei. Assim, que vergonha haveria em um homem mortal se desfazer em lágrimas? Lembrei-me das fábulas antigas que descreviam seres humanos chorando até se desfazerem em fontes incessantes. Ah, era isso, então! Meu destino seria, de certa forma, semelhante à morte aquática de Adrian e Clara. O luto é mesmo fantástico! Ele tece uma rede na qual expressa a miséria de quem o vive em qualquer forma e mudança ao redor. Ele se incorpora em todos os seres vivos, descobre sustento em cada objeto. É como a luz, que preenche todos os espaços e dá cor a todas as coisas.

Em minha busca, afastara-me consideravelmente do ponto em que me arrastara do mar. Cheguei a uma das torres de vigia que margeiam a costa italiana. Fiquei grato pelo abrigo e por encontrar um trabalho no qual pudesse empregar as mãos depois de mirar por tanto tempo a monótona aridez da natureza. Assim, adentrei-na e subi pela longa escada em caracol que levava até a sala de guarda. Até o momento, o destino fora gentil, pois eu não me deparara com nenhum vestígio horrendo dos habitantes anteriores do lugar. Algumas tábuas acomodadas sobre dois cavaletes de ferro e um colchão de palha seca formavam a cama com a qual me deparei. Um baú aberto continha meia dúzia de biscoitos mofados que despertaram meu apetite — que talvez já existisse antes, mas que até o momento eu não notara. Além disso, atormentavam-me também uma sede violenta e ressecante — resultado da água salgada que engolira — e a exaustão de meu corpo. A gentil natureza atribuíra o atendimento dessas necessidades com sensações prazerosas, de modo que eu — eu! — senti-me revigorado e mais calmo quando comi daquele escasso cardápio e bebi um pouco do vinho avinagrado que enchia parcialmente uma garrafa abandonada no abrigo. Enfim me deitei na cama, que não deixava nada a desejar a uma vítima de naufrágio. O aroma terroso das folhas secas era um bálsamo para meus sentidos depois do fedor odioso das algas marinhas. Esqueci-me de meu estado de solidão. Não olhei para o passado nem para o futuro, e meus

sentidos receberam a ordem de repousar. Dormi e sonhei com as mais queridas paisagens de nosso lar — com os camponeses que juntavam feno, com o assovio dos pastores chamando o cachorro para pedir ajuda na missão de trazer o rebanho para o curral, com as vistas e os sons peculiares à vida na montanha de minha infância, que eu esquecera havia muito.

Acordei tomado por uma dolorosa agonia, pois acabei sonhando também com o oceano que, ultrapassando qualquer fronteira, havia carregado para longe dos continentes e das fixas montanhas, junto dos riachos que eu amava, os bosques e os rebanhos. Ele destruía tudo, com o rugido contínuo e sombrio que acompanhara o último naufrágio dos resquícios da humanidade. Quando meus sentidos despertaram totalmente, as paredes da sala de guarda me protegiam, e a chuva tamborilava contra a única janela do cômodo. Como é terrível despertar do sono do esquecimento e receber como saudação de bom-dia o lamento mudo do próprio coração. Retornar da terra dos sonhos fantasiosos para o conhecimento pesado do desastre irreversível! Era desse jeito que eu me sentia, naquele momento e para sempre! A agudez do sofrimento sempre se ameniza com o tempo — de fato, até minha dor cedia em alguns momentos do dia ao prazer inspirado pela imaginação ou pelos sentidos. No entanto, sempre recebia a luz da manhã com a mão apertada forte contra meu coração acelerado, sentindo minha alma alagada pela maré interminável da miséria irremediável. Acordei enfim pela primeira vez em um mundo morto. Acordei sozinho, e o maçante canto fúnebre do mar, audível mesmo sob o som da chuva, fez com que eu me lembrasse do quão miserável me tornara. O ruído soava como uma afronta, uma zombaria — como uma ferroada de remorso na alma. Eu arfei, e as veias e músculos de minha garganta incharam, sufocando-me. Enfiei os dedos nos ouvidos e enterrei a cabeça em meio às folhas do catre, e teria mergulhado em direção ao centro da terra para não mais ouvir aquele gemido cruel.

Mas eu ainda tinha outra missão. Voltei à odiável praia e de novo procurei por todos os lados, e de novo gritei sem ter resposta, erguendo a única voz capaz de fazer vibrar o ar imóvel para dar forma a pensamentos humanos.

Que ser lastimável, desamparado e desconsolado eu era! Meu próprio aspecto e as vestes que usava denunciavam meu desespero. Meu cabelo estava sujo e embaraçado, meu corpo, coberto de lama e sal. Enquanto estava no mar, tinha arrancado as roupas que me sobrecarregavam, e a chuva havia encharcado os trajes de verão que levava comigo. Meus pés estavam descalços, e os brotos de junco e as conchas quebradas os haviam machucado. Por um tempo corri de um lado para o outro, ora escrutinando fervorosamente rochas distantes que, brotando em meio à

areia, por um instante pareciam outra coisa, ora disparando um olhar de reprovação ao mar assassino, censurando-o por sua inexprimível crueldade.

Por um momento, comparei-me com o monarca dos ermos, Robinson Crusóé. Ambos havíamos sido atirados sem companhia alguma na costa — ele na de uma ilha abandonada, eu na de um mundo abandonado. Eu era rico no que se conhecia como bens mundanos. Se deixasse aquele local quase estéril e adentrasse qualquer uma das milhares de cidades do mundo, descobriria suas riquezas à minha disposição: roupas, comida, livros e uma gama de opções de moradia maior até que a dos príncipes dos velhos tempos. Poderia escolher o clima que bem entendesse, enquanto Crusóé era obrigado a se esforçar para adquirir os recursos necessários e morava em uma ilha tropical contra cujos calores e tempestades mal podia se proteger. Vendo a questão desse ponto de vista, quem não teria preferido os deleites sibaritas dos quais eu poderia usufruir, incluindo a recreação filosófica e os amplos recursos intelectuais, à vida de trabalho e perigo? Mesmo assim, ele fora muito mais feliz do que eu: pelo menos podia ter esperanças, e não tê-las em vão. A embarcação de resgate enfim chegou para levá-lo de volta aos conterrâneos e às pessoas queridas, entre os quais os eventos de sua solidão se tornaram uma história a ser contada diante da lareira. Já eu jamais poderia relatar a história de minha adversidade a ninguém — eu não tinha sequer esperança. Ele sabia que, além do oceano que cercava sua solitária ilha, milhares de pessoas viviam iluminadas pelo mesmo sol que o tocava. Já eu era o único ser de semblante humano sob o sol meridional e sob a lua passageira. Era o único que podia articular pensamentos e, quando dormia, tanto o dia quanto a noite eram privados deles. Crusóé fugira de seus companheiros e se aterrorizara ao enxergar uma pegada humana. Já eu teria me ajoelhado e venerado uma marca assim. Um caribenho selvagem e cruel, um canibal implacável ou mesmo alguém pior do que esses incultos, brutos e impiedosos veteranos dos vícios da civilização seria para mim uma amada companhia, um tesouro a ser valorizado. Seria alguém com a natureza similar à minha, feito no mesmo molde e com a mesma matéria. Sangue humano fluiria por suas veias, e uma simpatia humana nos conectaria para sempre. Era inacreditável que nunca mais fosse estar na companhia de outro ser parecido comigo! Nunca mais, nunca mais! Nem depois de muitos anos! O que fazer? Acordar, falar com ninguém, passar intermináveis horas com minha almailhada no mundo como se fosse um ponto solitário cercado pelo vácuo? Será que os dias se seguirão assim sem cessar? Não, não! Há um Deus governando o mundo. O Senhor não trocou seu cetro dourado pelas presas de uma naja. Chega! Vou partir deste túmulo ocêânico, deixar para trás este recanto ermo, isolado de qualquer acesso por sua própria desolação. Deixe que volte a caminhar pelas cidades pavimentadas e adentre o lar



dos homens — muito provavelmente encontrarei visões terríveis, vislumbres enlouquecedores, mas fugazes.

Adentrei Ravena, a cidade mais próxima ao ponto do naufrágio, antes que a segunda manhã do mundo vazio nascesse. Vi muitos seres vivos como bois, cavalos e cachorros, mas nenhuma pessoa entre eles. Entrei em um chalé vazio, subi as escadarias de mármore de um palácio e vi os morcegos e corujas instalados nas tapeçarias. Caminhei com cuidado para não acordar a cidade adormecida. Sem querer, tropecei em um cão, que perturbou o silêncio sagrado com um ganido. Eu era incapaz de acreditar no que via — era como se o mundo não estivesse morto, mas eu estivesse louco. Era como se não tivesse os sentidos da visão, da audição e do tato. Vivia como se enfeitiçado, um feitiço que me fazia testemunhar tudo o que acontecia na terra, exceto os habitantes humanos, que àquela altura estariam realizando suas tarefas do dia. Todas as casas haveriam de estar habitadas, era apenas eu que não percebia. Eu poderia ter me iludido a acreditar em algo similar, e certamente teria me sentido muito melhor. Mas meu cérebro, agarrando-se à razão, recusava-se a ceder a essa imaginação — e embora tenha tentado enganar a mim mesmo, sabia que eu, cria dos homens, durante muito tempo apenas um de muitos, agora era o último sobrevivente de minha espécie.

O sol se pôs atrás das colinas no oeste. Eu comera pela última vez na noite anterior — mas, embora estivesse fraco e cansado, abominava a ideia de me alimentar. Só parei de caminhar pelas ruas solitárias quando o último raio de luz se foi. A noite chegou, e com ela todas as criaturas vivas exceto eu voltaram para a companhia de seus iguais. Meu consolo era abrandar minha agonia mental vivendo em privação — assim, não escolhi o luxo de nenhuma das milhares de camas à minha disposição, mas me deitei no chão, com um degrau gelado de mármore servindo de travesseiro. A madrugada chegou, e só então minhas pálpebras cansadas se fecharam para a visão das estrelas brilhantes e de seu reflexo no piso. Assim passei a segunda noite de minha desolação.

# X

Acordei pela manhã assim que as janelas altas das nobres casas receberam os primeiros raios do sol nascente. Os passarinhos cantavam, empoleirados nos beirais das janelas e nos batentes abandonados das portas. Acordei, e meu primeiro pensamento foi que Adrian e Clara estavam mortos. Eu nunca mais receberia uma saudação de bom dia de um deles ou passaria o dia em sua companhia. Nunca mais os veria. O oceano os roubara de mim, furtara seus corações amorosos de seu peito e entregara à decadência o que me era mais caro do que a luz, a vida ou a esperança.

Eu era um pastor ignorante quando Adrian se dignou a me agradecer com sua amizade. Passara os melhores anos de minha vida com ele. Tudo o que possuíra na vida em termos de bens mundanos, alegria, conhecimento ou virtude eu devia a ele. Ele, com sua personalidade, intelecto e raras qualidades, concedera à minha vida uma glória que, sem ele, jamais teria conhecido. A coisa mais importante que me ensinara era que a bondade, pura e simples, podia existir em um homem. A visão de Adrian comandando, governando e consolando os últimos dias da raça humana era algo digno de fazer os anjos se juntarem para testemunhar.

Minha amada Clara também se fora — ela, última filha dos homens, que exibia todas as virtudes femininas e virginais que poetas, pintores e escultores tentaram, em várias linguagens, tentar expressar. Ainda assim, podia eu lamentar que ela tivesse sido privada já jovem da chegada certa da miséria? Sua alma era pura, e todas as suas intenções eram sagradas. Mas seu coração era o trono do amor, e a sensibilidade que seu amável semblante expressava era profeta de muitas desgraças, não menos profundas ou lamentáveis, porque ela as esconderia para sempre.

Aqueles dois seres cheios de dons haviam sido poupados do naufrágio universal, meus companheiros durante o último ano de solidão. Eu sentira, enquanto haviam estado comigo, todo o valor dos dois. Tinha a consciência de que todos os outros sentimentos, como arrependimento ou paixão, haviam aos poucos se misturado a uma saudosa e persistente afeição por eles. Não me esquecera da mais doce parceira

de minha juventude, mãe de meus filhos, minha adorada Idris, mas via pelo menos parte de seu espírito vivo no irmão — e depois, na ocasião da morte de Evelyn, quando eu perdera a coisa que me fazia lembrar dela, eu havia entesourado sua memória na forma de Adrian, e tentado mesclar as duas ideias. Sondei as profundezas do meu coração e tentei, em vão, elaborar os discursos que poderiam representar meu amor pelos últimos de minha espécie. Quando o arrependimento e a tristeza me acometiam, como de fato acontecia em nosso estado de solidão e incerteza, os tons claros da voz de Adrian, assim como seu olhar fervente, dissipavam a melancolia. Ou então eu era pego de surpresa pela alegria simples e pela doce resignação que o semblante aberto e os olhos azuis de Clara expressavam. Eles eram tudo para mim — os sóis de minha alma escura, o repouso em meu cansaço, o cochilo em meu sofrimento incansável. Pouco — muito pouco, e com palavras desajeitadas, cruas e fracas — expressei o sentimento com o qual me apegava a eles. Queria ter me entrelaçado inextricavelmente aos dois como uma hera para que o mesmo golpe de misericórdia nos tivesse destruído juntos. Teria aceitado me transformar em uma parte deles para que:

*Se a substância enfadonha de minha carne fosse o pensamento,  
neste momento eu estaria junto a eles em seu novo e incomunicável lar.*

Eu nunca mais os verei. Estou privado de conversar com eles, privado de vê-los. Sou como uma árvore destruída por um raio: a casca nunca mais se fechará para cobrir as fibras nuas, e nunca mais sua vida trêmula, arrancada pelos ventos, receberá o opiáceo de um bálsamo momentâneo. Estou só no mundo — mas essa certeza ainda contém em si menos tristeza do que a de saber que Adrian e Clara estão mortos.

O fluxo de pensamento e sentimentos segue sempre o mesmo, embora as margens e as encostas que governam seu curso, assim como o reflexo nas águas, variem. Assim, o sentimento de perda imediata decaiu conforme o de completa e irremediável solidão cresceu com o tempo. Vaguei durante três dias por Ravena — ora pensando nos amados que agora dormiam nas cavernas enlameadas do oceano, ora ansiando pelo grande vazio diante de mim. Estremecia a cada passo, contorcendo-me diante dos sinais que marcavam a passagem das horas.

Por três dias, vaguei de um lado para o outro naquela cidade melancólica. Passei horas indo de casa em casa, prestando atenção para ver se podia detectar algum sinal oculto de existência humana. Às vezes tocava uma sineta, fazendo-a tilintar por cômodos abobadados, e o silêncio era a única resposta ao som. Disse que estava desesperançoso, mas na verdade eu acalentava esperanças. Assim, a

decepção frequentemente envolvia o aço frio e afiado que me perfurava, revolvendo o ferimento purulento. Eu me alimentava como um animal, que só busca a comida quando acometido por uma fome intolerável. Não troquei de roupa nem procurei a proteção de um teto durante todos aqueles dias. Febres ardentes, uma irritação nervosa, um fluxo de pensamento incessante, porém confuso, noites insones e dias cheios de um frenesi agitado me possuíram durante esse tempo.

Quando a febre em meu sangue aumentava, eu era tomado pelo desejo de vagar por aí. Lembro que, no quinto pôr do sol depois do naufrágio, e sem propósito ou objetivo algum, deixei a cidade de Ravena. Eu devia estar muito mal. Se mais delírios tivessem me atormentado, aquela noite certamente teria sido minha última. Enquanto caminhava às margens do Montone, cujo leito eu seguia na direção da nascente, eu olhava melancolicamente para o curso d'água e dizia para mim mesmo que as ondas diáfanas poderiam remediar minhas misérias para sempre. Era incapaz de responder por mim, pois demorara a fugir das flechas envenenadas desse tipo de pensamento, que me atingiam uma após a outra. Caminhei por boa parte da noite, e o cansaço extremo enfim foi maior do que a repugnância por me aproveitar dos lares desertos de outras pessoas da minha espécie. A lua minguante, que acabara de nascer, revelou para mim um chalé cuja entrada bem-cuidada e cujo jardim aparado me fizeram lembrar da minha Inglaterra. Ergui o trinco da porta e entrei. Deparei-me primeiro com a cozinha, onde, guiado pelo luar, encontrei utensílios para acender uma lmparina. Anexo a ela havia um quarto com um colchão coberto por lençóis de um branco nevado. A lenha empilhada na lareira e os restos de uma refeição abandonada ali quase me fizeram acreditar que encontrara o que vinha procurando havia tanto tempo — uma pessoa sobrevivente, uma companheira para minha solidão, um alívio para meu desespero. Preparei-me para evitar a decepção e, vendo que o quarto estava vazio, repeti para mim mesmo que seria prudente examinar o resto da casa. Fingi que não acalentava expectativa nenhuma, mas meu coração batia alto quando eu pousava a mão na maçaneta de cada cômodo, voltando a se quebrar ao encontrar um aposento vazio. Escuros e silenciosos, pareciam túmulos. Então voltei para a cozinha, tentando imaginar que tipo de anfitrião invisível teria deixado ao meu dispor os recursos para que me alimentasse e descansasse. Puxei uma cadeira à mesa e examinei as iguarias com que iria me deliciar. Mas aquele era um banquete morto! O pão estava escurecido e embolorado, e o queijo estava coberto por uma camada de pó. Não ousei examinar os outros pratos. Um grupo de formigas atravessava a toalha da mesa em fila dupla, e todos os utensílios estavam cobertos de poeira, teias de aranha e uma miríade de moscas mortas — tudo gritava como minhas expectativas eram vãs. Lágrimas tomaram meus olhos. Aquela certamente era a cruel manifestação do poder da

destruidora morte. O que eu fizera para merecer que cada nervo exposto fosse revirado? Ainda assim, por que reclamar mais do que antes? O chalé vazio não me trouxe nenhum sofrimento novo — o mundo estava vazio, a humanidade estava morta, e eu sabia muito bem disso. Por que sofrer por um conhecimento e uma verdade já antigos? No entanto, como disse, tivera esperanças mesmo no âmago do desespero, de modo que cada impacto da dura realidade em minha alma trazia consigo uma nova dor. Ela me dizia que, embora ainda não tivesse vivido a lição na pele, nem a mudança de lugar ou mesmo a passagem do tempo aliviaria meu sofrimento — que eu continuaria exatamente como estava, dia após dia, mês após mês, ano após ano, enquanto vivesse. Mal ousei conjecturar quanto tempo isso significava. De fato, eu não estava mais no início da vida adulta, mas tampouco adentrara fundo no vale dos anos. Costumavam dizer que a minha era a flor da idade — acabara de completar trinta e sete anos. Meus membros estavam bem desenvolvidos, e minhas articulações, firmes como quando era pastor nas colinas de Cumberland — e era com essas vantagens que eu começaria o percurso de minha vida solitária. Foi esse tipo de pensamento que invadiu meus sonhos naquela noite.

O abrigo, porém, assim como o descanso menos inquieto do qual usufruí, devolveram-me na manhã seguinte uma parte de saúde e força maior do que a que recuperara em qualquer outra noite desde o naufrágio. Ao vasculhar a casa na noite anterior, encontrara na despensa algumas uvas passas. Foi com elas que quebrei o jejum pela manhã, quando deixei o alojamento e segui na direção de uma cidade que podia ver não muito longe dali. Até onde sabia, aquela era Forli. Adentrei com prazer as ruas largas e tomadas pelo mato. Tudo, verdade seja tida, expressava um excesso de desolação. Mesmo assim, amei perambular pelos locais que haviam sido morada de criaturas como eu. Deleitei-me atravessando rua após rua, fuçando sobrados e repetindo para mim mesmo que, no passado, eles haviam contido seres similares a mim — eu não fora desde sempre aquele infeliz que então era. A ampla praça de Forli, cercada por uma galeria de arcos, recebeu-me com seu aspecto claro e agradável. Eu gostava de pensar que, se a terra fosse repovoada, nossa espécie perdida deixaria para trás relíquias que seriam exposições nada desprezíveis de nossos poderes aos novos habitantes.

Entrei em um dos palácios e abri a porta que dava para um magnífico salão. Surpreendi-me e voltei a encarar o que via com espanto renovado. Quem era aquele selvagem seminu de aparência desgrenhada diante de mim? A surpresa foi momentânea.

Percebi que era eu mesmo, um reflexo que via no grande espelho ao fim do corredor. Não era de se admirar que o amado da principessa Idris não conseguisse reconhecer a si mesmo devido à aparência miserável que ostentava. Ainda vestia as

roupas com que me arrastara meio vivo do mar tempestuoso. Meus cabelos, longos e embaraçados, acumulavam-se em cachos ao redor do rosto. Meus olhos escuros, agora encovados e selvagens, brilhavam por baixo deles. Meu rosto estava descorado pela icterícia que, efeito da miséria e do desleixo, impregnava minha pele, e parte dele estava meio coberta por uma barba de muitos dias.

Mas por que não continuar assim? O mundo está morto, e esses trajes esqueléticos são mais adequados ao luto do que um fútil terno preto. E daquele jeito teria continuado, acho eu, se a esperança — sem a qual não creio que pessoa alguma consiga sobreviver — não tivesse sussurrado para mim que, naquele estado lastimável, eu seria motivo de medo e aversão aos olhos da pessoa que, salva não sabia onde, enfim me encontrasse, conforme eu acreditava com todo o coração. Será que quem me lê zombará da vaidade que fez com que cuidasse de mim pelo bem dessa suposta pessoa? Ou será que perdoará as loucuras da imaginação já meio insana? Posso perdoar a mim mesmo com facilidade: a esperança, por mais vaga que fosse, era tão cara a mim, e qualquer sentimento agradável ocorria tão raramente, que eu cedia imediatamente à ideia que me acalentasse à primeira ou que promettesse qualquer ocorrência do segundo ao meu sofrido coração. Depois de cuidar disso, visitei todas as ruas, vielas e recantos de Forli. As cidades italianas tinham uma aparência de desolação maior do que as da Inglaterra ou França. A praga aparecera por lá antes — e terminara sua jornada e realizara sua obra muito antes do que em nossos países. Provavelmente o último verão já não encontrara mais ninguém vivo em toda a região que incluía a costa da Calábria e os Alpes nortenhos. Minha busca era totalmente vã, mas não me desesperei. A razão, achava eu, estava do meu lado: as chances de que houvesse em alguma parte da Itália um sobrevivente como eu — o último de uma terra abandonada e sem habitantes — não eram nada desprezíveis. Assim, perambulei pela cidade vazia construindo na mente os planos para minhas operações futuras. Eu continuaria a jornada na direção de Roma. Depois que uma pesquisa cuidadosa me provasse que não havia pessoa alguma nas cidades pelas quais passava, eu escreveria em uma parte bem visível de cada recanto, em tinta branca e em três idiomas, que “Verney, o último dos ingleses, instalou-se em Roma”.

Motivado por essa estratégia, entrei em uma loja de tintas e procurei pelos produtos. Era estranho que uma ocupação tão trivial tenha me consolado, e até mesmo me animado. Mas a dor torna fantástico o desespero infantil. À inscrição simples, acrescentei o pedido: “Venha, amigo! Espero por ti! *Deh, vieni! Ti aspetto!*”. Na manhã seguinte, com algo similar à esperança como companhia, deixei Forli e segui em direção a Roma. Até então, lembranças agonizantes e perspectivas terríveis para o futuro me ferroavam quando estava acordado e arrastavam-se comigo até a

cama. Muitas vezes me entreguei à tirania da angústia, e muitas vezes decidi dar um fim rápido ao meu sofrimento. A morte pelas minhas próprias mãos era uma solução cuja viabilidade era até animadora. O que tinha a perder no outro mundo? Se houvesse um inferno e eu estivesse condenado a ele, tornar-me-ia um adepto dos sofrimentos e torturas nele encontrados. O ato em si seria fácil: um fim rápido e certo para minha deplorável tragédia. Mas esses pensamentos sumiram diante da nova expectativa. Segui meu caminho — não como antes, sentindo que cada hora e cada minuto eram como uma era inteira de incalculável dor.

Conforme vagava aos pés dos Apeninos — através dos vales e pelos cumes desolados —, meu caminho me levava na direção de uma terra que fora explorada por heróis, visitada e admirada por milhares. Mas essas pessoas haviam, como a maré, recuado, deixando-me só e abandonado. Mas por que reclamar? Não tinha eu esperança? Relembrei-me disso, mesmo depois que o espírito da animação já me havia deixado. Assim, fui obrigado a convocar toda a coragem que tinha — que não era muita — para evitar uma nova ocorrência daquele desespero caótico e intolerável que seguira o triste naufrágio que, por sua vez, consumara todos os meus medos e aniquilara todas as minhas alegrias.

Levantei-me junto ao sol na manhã seguinte e deixei meu abrigo abandonado. Avancei pelo país sem ninguém, com os pensamentos divagando pelo universo. Sentia-me menos miserável quando pelo menos podia, absorvido pela reflexão, esquecer a passagem das horas. Todo fim de tarde, a despeito do cansaço, eu rejeitava a ideia de entrar em construções para passar a noite — cheguei a ficar sentado por horas à porta do chalé escolhido, incapaz de levantar o ferrolho e me deparar com o vazio dentro dele. Passara muitas noites sobre azinheiras, envolto em neblinas outonais. Muitas vezes me alimentara de medronheiros e castanhas, acendendo uma fogueira, como os ciganos, no chão — isso porque o cenário natural me lembrava de forma menos dolorosa de meu estado desesperançoso e de minha solidão. Contava os dias e levava comigo um galho de salgueiro limpo no qual marcava, conforme a memória permitia, o passar de cada dia desde o naufrágio, e a cada noite adicionava uma unidade à soma melancólica.

Eu começara a escalar uma colina que levava a Espoleto. Ao redor dela se estendia uma planície cercada pelos Apeninos cobertos de castanheiros. Em um dos lados, havia uma ravina escura atravessada por um aqueduto, cujos arcos se apoiavam no vale lá embaixo e atestavam que pessoas haviam se dignado a direcionar esforço e inteligência na construção destinada a adornar e civilizar a natureza. Esta, indomada e ingrata, como num passatempo selvagem deformara as ruínas, fazendo a facilmente renovável e frágil cobertura de flores silvestres e ervas daninhas crescer ao redor da eterna obra. Sentei-me em um fragmento de rocha e

olhei ao redor. O sol pintara de dourado o céu a oeste, e, no leste, as nuvens capturavam o brilho e floresciam em amáveis formas mutantes. O astro se punha em um mundo que continha a mim como seu único habitante. Peguei o galho de salgueiro e contei as marcas. Havia vinte e cinco traços — vinte e cinco dias já haviam se passado desde que outra voz humana acarinhara meus ouvidos ou que outro olhar humano retribuía o meu. Vinte e cinco dias longos e cansativos seguidos por noites escuras e solitárias haviam se misturado aos anos anteriores e se tornado parte do passado — um passado que não merecia ser lembrado, uma parte real e inegável de minha vida. Vinte e cinco dias longos, muito longos.

Ora, era menos de um mês! Por que falar de dias, ou semanas, ou meses? Devo contar os anos em minha imaginação, caso realmente queira descrever o futuro para mim mesmo. Três, cinco, dez, vinte, cinquenta aniversários daquela época fatal se passariam, cada ano contendo doze meses, cada mês parecendo contar com mais do que os vinte e cinco dias que haviam se passado. Seria possível? Será possível? Estávamos acostumados a esperar pela morte com medo — mas por que motivo, visto que este lugar é sombrio? Mas mais terrível e muito mais obscuro era o destino revelado de meu futuro solitário. Quebrei o galho de salgueiro e atirei os pedaços para longe. Não precisava registrar o lento avanço de minha vida, pois meus pensamentos inquietos criavam divisões diferentes daquelas determinadas pela rotação do planeta. Quando olhava para trás e analisava o período desde que ficara sozinho, não fazia sentido atribuir a dias ou horas os espasmos de agonia que de fato haviam marcado o tempo.

Escondi o rosto nas mãos. O cantar dos passarinhos indo dormir e o farfalhar das asas entre as folhas enchiam o ar estagnado do fim da tarde. Os grilos cricrilavam e as pequenas corujas piavam de tempos em tempos. Meus pensamentos eram de morte, mas aqueles sons representavam a vida. Ergui os olhos. Vi um morcego voejar, e o sol afundou lentamente atrás da cadeia de montanhas. A lua crescente e pálida se fez visível, brilhando em um branco prateado em meio ao pôr do sol alaranjado e acompanhada por uma estrela brilhante e solitária, prolongando o crepúsculo. Um rebanho de gado passou pelo vale lá embaixo, desgarrado, seguindo em direção a um local onde poderia beber água. A grama se agitou com a brisa gentil, e o verde-água das oliveiras, mesclado aos olhos pelo luar, contrastava com a folhagem escura dos castanheiros. Sim, aquela era a terra. Não sofrera mudanças e não havia ruínas ou ferimentos em sua amplidão verdejante. Ela continuava a girar e girar, alternando dia e noite no céu, mesmo que os homens não mais a adornassem ou habitassem. Por que não esquecer de tudo isso como um daqueles animais, e assim não mais sofrer o louco tumulto do sofrimento que suportava? Mas ora, que abismo mortal existe entre o estado deles e o meu! Pois



eles não têm a própria companhia? Não têm parceiros, filhotes queridos e lares que, embora incompreensíveis para nós, sem dúvida se tornam mais queridos e valiosos, mesmo a seus olhos, pela sociedade que a gentil natureza criou para eles? Eu, porém, estava sozinho. Eu, no alto daquela pequena colina, mirando as planícies e as montanhas, olhando para o céu e sua população estelar, ouvindo todos os tipos de sons da terra, do ar e das ondas murmurantes — eu não era capaz de expressar meus pensamentos a nenhuma companhia, nem deitar a cabeça dolorida no peito de algum amor ou beber o orvalho embriagante de um olhar retribuído que transcende o fabuloso néctar dos deuses. Eu não deveria reclamar? Não deveria maldizer a máquina assassina que moera as crias da raça humana, meus irmãos e irmãs? Não deveria rogar uma maldição em todas as demais crias da natureza que ousavam viver e desfrutar enquanto eu vivia e sofria?

Ora, não! Hei de disciplinar meu coração aflito para simpatizar com sua alegria. Hei de ficar feliz porque estão assim. Vivam, ó inocentes, escolhidos da natureza. Não sou tão diferente de vocês. Nervos, veias, cérebro, juntas e carne — sou composto das mesmas coisas, e vocês são regidos pelas mesmas leis. Tenho algo além disso, mas é algo que chamo de defeito e não de dom, pois é algo que me leva à tristeza enquanto vocês são felizes. Enquanto pensava nisso, emergiram do bosque próximo um bode, uma cabra e um filhotinho ao lado da mãe. Eles começaram a explorar o gramado na colina. Aproximei-me sem que me percebessem. Peguei um punhado de grama fresca e o estendi. O filhote se aninhou perto da mãe, que se afastou timidamente. O macho se adiantou com os olhos fixos em mim, e eu avancei, ainda segurando o tufo de mato. Baixando a cabeça, ele disparou para me chifrar. Eu era um grande tolo. Sabia disso, e mesmo assim cedi à ira. Peguei um fragmento de rocha capaz de esmagar meu imprudente adversário. Pesei-a na mão, mirei... e a coragem me faltou. Joguei-a longe do alvo, e ela rolou ruidosamente entre as moitas até cair no vale lá embaixo. Meus pequenos visitantes, espantados, galoparam de volta na direção da proteção das árvores. Eu, com o coração sangrando e despedaçado, corri colina abaixo, tentando fugir da miséria através do esforço físico.

Não, não, não viverei em meio à natureza selvagem, inimiga de tudo o que vive. Procurarei as cidades — Roma, a capital do mundo, o diadema das proezas humanas. Entre as ruas históricas, as ruínas sagradas e os estupendos vestígios do empenho humano, eu não iria, como ali, sentir que a humanidade parecia esquecida. Não sentiria que a natureza, pisoteando nossa memória, destruindo nossas obras e proclamando — de colina a colina, de vale a vale, pelas torrentes livre dos limites impostos pelo ser humano, pela vegetação liberta das leis por ele

impostas, pelas construções tomadas pelo mofo e pela vegetação — que o poder da humanidade não existia mais e que a espécie humana fora aniquilada para sempre.

Saudei o Tibre, pois era como se ele fosse uma posse inalienável da humanidade. Saudei a selvagem Campagna, pois cada uma de suas encruzilhadas haviam sido cruzadas pelo homem. Pois seus campos havia muito sem cultivo apenas proclamavam mais distintamente o poder da humanidade, pois havíamos dado um nome honrado e um título sagrado a um local que, de outra forma, não passaria de uma área inútil e estéril. Adentrei a Eterna Roma pela Porta del Popolo e saudei com admiração o espaço honrado pela história. A ampla praça, as igrejas próximas, a longa extensão da Via del Corso e a eminência próxima da Trinità dei Monti pareciam obras feéricas. Estava tudo silencioso, em paz, e extremamente belo. Era fim de tarde, e a população de animais que ainda vivia na poderosa cidade já se retirara para descansar. Não havia som algum além do murmúrio das muitas fontes, cuja suave monotonia era como uma canção para minha alma. Saber que estava em Roma me acalmava, aquela cidade maravilhosa, menos ilustre por seus heróis e sábios do que pelo poder que exercia sobre a imaginação dos homens e mulheres. Decidi repousar naquela noite, com o ardor eterno de meu coração amenizado e meus sentidos tranquilos.

Na manhã seguinte, comecei logo cedo a vagar à procura de esquecimento. Subi até os vários terraços do jardim do palácio Colonna, sob cujo teto eu dormia. Avançando mais depois de alcançar seu nível mais alto, acabei chegando ao monte Cavallo. A fonte brilhava ao sol, e o alto obelisco quase tocava o céu de um azul limpo e escuro. As estátuas em ambos os lados, obras de Fídias e Praxiteles, segundo as inscrições, erguiam-se em sua máxima grandiosidade representando Castor e Pólux, que, com poder majestoso, domavam os animais que se erguiam sobre as patas traseiras ao lado deles. Se de fato haviam sido esses ilustres artistas os responsáveis por esculpir aquelas formas, aquelas proporções gigantes haviam sobrevivido por muitas gerações! E, agora, as obras eram vistas pelo último da espécie que elas haviam sido erigidas para representar e divinizar. Minha existência fora reduzida à insignificância diante de meus próprios olhos quando considerei que aqueles semideuses de pedra haviam vivido mais do que inúmeros humanos, mas aquele último pensamento restaurou minha dignidade segundo meu próprio conceito. A visão da poesia eternizada naquelas estátuas tirou a ardência do pensamento, envolvendo-o apenas em uma idealidade poética.

Repetia para mim mesmo: “Estou em Roma!”. Contemplava, por assim dizer, uma conversa íntima com aquela maravilha do mundo, com a senhora soberana da imaginação, sobrevivente majestosa e eterna passagem de milhões de gerações de homens extintos. Eu tentava aplacar a tristeza de meu sofrido coração aproveitando

ao máximo o lugar que, em minha juventude, ansiara ardentemente por conhecer. Todas as regiões de Roma são repletas de relíquias de tempos ancestrais. Mesmo as mais simples ruas são repletas de colunas truncadas e capitéis quebrados, coríntios e jônicos, cercados de fragmentos brilhantes de granito e pórfiro. Mesmo as paredes das mais pobres habitações escondem pilares sulcados ou rochas portentosas que algum dia fizeram parte do palácio de algum César. A voz de um tempo já morto, em vibrações silenciosas, é soprada por esses objetos imóveis, animados e glorificados como eram pela humanidade.

Abracei as vastas colunas do templo de Júpiter Stator, que sobrevivia no espaço aberto que antes era o Fórum. Encostando o rosto febril em sua gélida perenidade, tentei me livrar da sensação de miséria e abandono, resgatando para o palco assombrado de meu cérebro as memórias vívidas de tempos passados. Deleitei-me com meu sucesso quando imaginei Camilo, os Gracos, Catão e os últimos heróis de Tácito, meteoros de brilho incomparável durante a tenebrosa noite do Império. Conforme os versos de Horácio e Virgílio ou os tempos radiantes de Cícero adentraram os portões abertos de minha mente, senti-me exaltado por um entusiasmo havia muito perdido. Fiquei maravilhado ao pensar que admirava um cenário que eles haviam admirado — um cenário que suas esposas e mães, assim como multidões anônimas, haviam admirado enquanto, ao mesmo tempo, honravam, aplaudiam ou choravam por aqueles espécimes incomparáveis da humanidade. Enfim, eu encontrara consolo. Não havia meramente chegado à histórica Roma — descobrira um remédio para meus vários e mortais ferimentos.

Sentei-me aos pés das vastas colunas. O Coliseu, cujas ruínas nuas haviam sido tomadas pela natureza na forma de um veio verdejante e resplandecente, jazia iluminado pelo sol à minha direita. Não muito longe dali, à esquerda, ficava o Capitólio. Arcos triunfais e as paredes desmoronadas de muitos templos se espalhavam diante de mim. Com dificuldade, decidi fazer um esforço para enxergar a multidão de plebeus e os grupos de nobres patrícios reunidos ao redor. Conforme o diorama das eras desfilava em minha imaginação, eles eram substituídos por romanos modernos — o papa em sua estola branca distribuindo bênçãos aos fiéis ajoelhados, os freis com seus capuzes, as garotas de olhos negros cobertos pelo véu, os barulhentos e bronzeados broncos conduzindo os rebanhos de búfalos e de gado na direção do Campo Vaccino. O romance com que de certa forma dotamos os italianos, mergulhando os pincéis nos tons coloridos do céu e da natureza transcendental, substituiu a grandeza solene da antiguidade. Lembrei-me do monge de preto e dos personagens flutuantes do livro *O italiano*, e de como eu sentira meu coração de menino bater mais forte com a descrição. Resgatei à mente a cena de Corinna subindo até o Capitólio para ser coroada e, passando da heroína para a

autora, refleti sobre como Roma, com seu Espírito Encantado, fora soberana na mente dos criadores até se desvelar diante de mim — último espectador de suas maravilhas.

Fui arrebatado por essas ideias durante muito tempo, mas a alma se cansa depois de voar sem parar. Assim, perdendo altitude enquanto circulava aquele ponto, a minha de súbito caiu dez mil braças — despencando na direção do abismo do presente, da autoconsciência, da tristeza decuplicada. Despertei e afastei aqueles sonhos enquanto acordado. Assim, eu, que havia pouco quase fora capaz de ouvir os gritos da turba romana e de me sentir empurrado pela multidão, voltei a enxergar apenas as ruínas desertas dormitando sob o céu azul. As sombras se estendiam preguiçosas pelo chão, as ovelhas pastavam soltas no Palatino, e um búfalo desfilava vagarosamente pelo Caminho Sagrado que levava ao Capitólio. Eu estava sozinho no Fórum, sozinho em Roma, sozinho no mundo. Uma única pessoa viva — uma única companhia em minha farta solidão — não valeria toda a glória e todo o poder memorável daquela cidade honrada pela história? Um sofrimento duplo, uma tristeza nascida das cavernas cimérias, vestiu minha alma com trajes de luto. As gerações que conjurara em minha imaginação contrastavam mais fortemente com o fim de tudo, com o exato ponto em que, como uma pirâmide, o poderoso tecido da realidade se encerrara — e eu, de vertiginosa altura, via apenas um espaço vazio ao meu redor.

Desses lamentos vagos, passei a um estado de contemplação das minúcias de minha situação. Até o momento, não fora bem-sucedido na realização de meu único desejo: encontrar uma companhia para meu sofrer. Mas não me desesperei. Minhas inscrições nas paredes haviam sido feitas, na maioria, em cidades e vilarejos insignificantes, mas mesmo sem elas era possível que alguém, que como eu acabara sozinho em uma terra abandonada, resolvesse se dirigir, como eu, para Roma. Quanto menores minhas expectativas, mais eu escolhia me apoiar nelas e dirigir minhas ações a essa vaga possibilidade.

Assim, tornou-se necessário que, por um tempo, eu me acostumassem a Roma. Tornou-se necessários que eu olhasse minha desgraça nos olhos — não como um aluno obedecendo sem submissão, mas sim encarando a vida e rebelando-me contra as leis que a regiam.

Mas como poderia me resignar? Sem amor, sem simpatia, sem convivência com ninguém, como poderia encarar o nascer do sol e acompanhá-lo em sua jornada cíclica até as sombras da noite? Por que continuar vivendo? Por que não me despirmo do peso do tempo e, com minhas próprias mãos, libertar o prisioneiro pulsante de meu peito agonizante? Não era covardia o que me continha, pois a verdadeira coragem era continuar aguentando aquilo. A morte carregava consigo uma música

calmante, e seria muito fácil me seduzir e fazer eu me jogar em seu abismo. Mas não. Eu não faria aquilo. Desde o momento em que primeiro pensara sobre o assunto, havia me submetido ao destino e me apresentado como servo da necessidade, o conjunto de leis visíveis de um invisível Deus. Acreditava que minha obediência era resultado de uma profunda razão, de puro sentimento e de um senso exaltado da excelência e nobreza de minha natureza. Se naquela terra vazia, nas estações e em suas mudanças eu visse tão somente a mão de um poder cego, de bom grado deitaria a cabeça na relva e repousaria em seus encantos para sempre. Mas o destino me havia instilado vida quando a praga quase me capturara como presa. Ele havia me puxado pelos cabelos das ondas sufocantes, e através desse milagre me clamara como dele. Eu admitia sua autoridade e me curvava a seus decretos. Sendo essa minha decisão, depois de madura consideração, era duplamente necessário que não abrisse mão do fim da vida e da melhoria de minhas faculdades ao envenenar seu fluxo com lamentos sem fim. Mas como parar de lamentar se não havia ninguém por perto para arrancar a lança que penetrara o âmago de meu coração? Se estendesse a mão, não tocaria nenhum ser cujos sentimentos fossem responsivos aos meus. Eu estava algemado, preso e contido por uma barreira sétupla de solidão. Apenas uma ocupação, se eu conseguisse arrumar alguma, seria capaz de aliviar meu sofrimento insone. Depois de determinar que me instalaria em Roma pelo menos por alguns meses, decidi cuidar da minha acomodação e enfim escolhi um lar. O palácio Colonna era bem adaptado aos meus propósitos. Sua grandeza, suas valiosas pinturas e seus magníficos salões eram calmantes, quiçá estimulantes.

Encontrei os silos de Roma bem abastecidos com grãos, em particular o milho. Era um alimento que precisava de menos habilidade para ser preparado, e por isso o selecionei como meu suprimento principal. Descobri que as dificuldades e a vida sem regras de minha juventude valeriam de algo. Um homem não deixa de lado os hábitos que teve por dezesseis anos. Desde essa idade eu de fato vivera em meio ao luxo, ou pelo menos cercado por todas as conveniências da civilização, mas antes disso fora “inculto como um selvagem, como os fundadores criados por lobos da antiga Roma” — e agora, na mesmíssima Roma, meus talentos como ladrão e pastor, similares aos dos próprios fundadores da cidade, mostravam-se vantagens a seu único habitante. Passei a manhã cavalgando e caçando na Campagna. Depois, demorei-me em várias galerias, mirando inúmeras estátuas, e peguei-me perdido em devaneios diante de diversas belas Madonnas ou maravilhosas ninfas. Perambulei pelo Vaticano cercado de formas marmóreas de divina beleza. Cada divindade de pedra continha em si um júbilo sagrado e a fruição eterna do amor. Elas me olhavam com uma complacência ausente de simpatia, e, não raro em um

tom violento, eu as repreendia pela indiferença suprema. Afinal, tinham formas humanas divinamente manifestas em cada belo membro e em cada detalhe. A forma perfeita trazia consigo a ideia de cor e movimento. Às vezes, parte por zombaria, parte iludindo a mim mesmo, tomava seus corpos gélidos e, interpondo-me entre Cupido e os lábios de Psiquê, beijava o infértil mármore.

Resolvi ler. Visitei as bibliotecas de Roma. Escolhi um volume e, depois de encontrar um recanto reservado e sombreado às margens do Tibre — ou diante do belo templo nos jardins da Villa Borghese, ou sob a velha Pirâmide de Céstio —, tentei me esconder de mim mesmo e mergulhar no assunto descrito pelas páginas diante de mim. Assim como a murta e o fumo-bravo plantados no mesmo solo se apropriam do adubo, da umidade e do ar disponíveis para desenvolver suas várias propriedades, meu luto encontrou sustento e possibilidade de existência. Cresceu no lugar em que, em outra ocasião, cresceria a maná divina para alimentar a meditação radiante. Ah! Enquanto rabisco este papel para listar quais eram as minhas chamadas ocupações, enquanto delimito o esqueleto de meus dias, minha mão treme. Meu coração palpita, e meu cérebro se nega a expressar uma frase ou ideia que permita ver qualquer coisa além do véu do infortúnio inexprimível que cobria aquela realidade mundana. Ó coração desgastado e pulsante! Devo dissecar suas fibras e falar sobre toda a miséria incessante, a terrível tristeza, os lamentos e o desespero que havia? Devo registrar meus muitos lamentos, as maldições violentas que cuspiam contra a natureza torturante e como passei dias no escuro e sem comer, sem nada além do inferno ardente que vivia em meu peito?

Nesse meio-tempo, deparei-me com outra ocupação — uma mais adequada à ideia de disciplinar os pensamentos melancólicos que se espalhavam em meu encaço pelas várias ruínas, pelos vários campos floridos e até pelas reentrâncias montanhosas das quais eu havia emergido em minha juventude.

Pois, durante uma de minhas perambulações pelos lares de Roma, encontrei material de escrita sobre a mesa do escritório de um autor. Partes de um manuscrito jaziam espalhadas por todos os lados. As páginas continham uma erudita dissertação em italiano. Em uma delas havia uma dedicatória à posteridade, cujas palavras haviam sido filtradas e escolhidas dentre as mais belas do harmonioso idioma. Em nome dos perpétuos efeitos daquela obra, o autor legara todo seu esforço.

— Também vou escrever um livro! — exclamei. Mas quem o leria? Para quem eu o dedicaria? Logo depois, com um floreio ridículo — um ato caprichoso e infantil de desespero — escrevi: DEDICADO AOS ILUSTRES MORTOS. ERGAM-SE, SOMBRAS, E LEIAM SOBRE SUA QUEDA! CONTEMPLAM A HISTÓRIA DO ÚLTIMO HOMEM.

Mas este mundo não será populado novamente? Os descendentes de algum casal de amantes sobreviventes, cujo paradeiro desconheço e em inatingível isolamento, não vasculharão as prodigiosas relíquias do mundo anterior à pestilência e buscarão saber como seres capazes de incríveis proezas, de imaginação infinita e poderes divinos partiram de seus lares para algum destino desconhecido?

Escreverei e deixarei nesta cidade antiga o “único monumento do mundo”, um registro de todas essas coisas. Deixarei um monumento à existência de Verney, o Último Homem. A princípio, pensei em falar apenas sobre a praga, sobre a morte e, enfim, sobre a solidão. Porém, demorei-me nos relatos da minha juventude e registrei com zelo sagrado as virtudes de meus companheiros. Eles estiveram comigo durante o cumprimento de minha missão. Enfim cheguei ao fim. Quando ergo os olhos do papel, eles já desapareceram. E, de novo, sinto que estou sozinho.

Um ano se passou desde que me ocupei com esta tarefa. As estações completaram seu ciclo habitual, vestindo a cidade em um traje mutante de insuperável beleza. Um ano se passou, e não mais sei dizer como estou ou quais são minhas perspectivas. A solidão me é familiar, e o sofrimento é meu companheiro inseparável. Tentei encarar a tempestade, tentei ensinar a coragem a mim mesmo, tentei me impregnar com as lições da sabedoria. Mas isso não é suficiente. Meu cabelo está quase todo grisalho. Minha voz, desacostumada a emitir sons, é estranha aos meus ouvidos. Minha própria pessoa, com seus poderes e características humanas, parece a mim uma excrescência monstruosa da natureza. Como expressar em linguagem humana um sofrimento que a humanidade não conhecia até o momento? Como expressar de forma inteligível uma dor que ninguém além de mim será capaz de entender? Pois mais ninguém veio até Roma. E ninguém nunca mais virá. Sorrio amargamente diante da ilusão que por tanto tempo nutri. Sorrio ainda mais quando penso que troquei essa ilusão por outra ainda mais enganadora e falsa, mas à qual me apego com a mesma certeza apaixonada.

O inverno chegou novamente, e os jardins de Roma perderam suas folhas. O vento frio que sopra sobre a Campagna fez com que seus habitantes ferais se abrigassem nas muitas construções da cidade deserta. A água dos vários chafarizes congelou, e a fonte de Trevi silenciou sua música eterna. Fiz alguns cálculos aproximados, ajudado pelas estrelas, para calcular o primeiro dia de um novo ano. Nos velhos tempos, o supremo pontífice costumava sair vestido com todas as pompas para marcar a renovação do ano em uma inscrição no portão do templo de Jano. Nesse dia, subi no topo da catedral de São Pedro e, em sua pedra mais alta, gravei o ano de 2100, o último ano do mundo!

Meu único companheiro foi um cão, um bichinho desganhado, uma mistura de cão de água e cão pastor que eu encontrara cuidando de ovelhas na Campagna. Seu dono estava morto, e mesmo assim ele continuava a cumprir suas tarefas enquanto esperava o retorno do homem. Quando uma ovelha se desgarrava, ele a obrigava a voltar ao rebanho, e de forma diligente afastava qualquer criatura intrusa. Eu esbarrara com esse pastorzinho canino enquanto cavalgava pela Campagna, e por um tempo o observara repetir as lições aprendidas dos homens — agora inúteis, mas não esquecidas. A alegria dele ao me ver foi enorme. Saltou em meus joelhos e correu à minha volta, balançando o rabo e dando latidos curtos e rápidos de prazer. Ele abandonou seu lar para me seguir, e desde então nunca deixou de guardar meu sono e de cuidar de mim, demonstrando imensa gratidão sempre que eu o acarinhava ou falava com ele. Só os passos do cão e os meus foram ouvidos quando adentrei a magnífica nave e avancei pelo corredor da basílica de São Pedro. Subimos a vasta escadaria juntos, e, no topo, realizei o que desejava ao anotar com algarismos grosseiros o último ano. Depois disso, peguei-me pensando no interior e em deixar Roma. Já estava determinado havia algum tempo a deixar a cidade, e naquele momento defini o plano que adotaria para o futuro, depois que deixasse aquele magnífico lar.

O ser solitário é por instinto um andarilho, e era exatamente isso o que eu me tornaria. Junto à mudança de cenário, sempre vem uma esperança de melhora, algo que ajuda a aliviar o fardo da vida. Eu fora um tolo ao permanecer em Roma todo aquele tempo — justo em Roma, conhecida pela malária, a famosa distribuidora da morte. Ainda era possível que, visitando todos os cantos do mundo, eu acabasse encontrando um sobrevivente. Achava que havia grande possibilidade de que as áreas costeiras fossem escolhidas por uma pessoa nessa situação. Imaginava que, deixada sozinha no interior, ela não continuaria onde suas últimas esperanças haviam se extinguido. Provavelmente, como eu, buscaria um parceiro em sua solidão até que a barreira oceânica interrompesse o progresso.

Assim, em direção ao mar — causa de minha miséria, e talvez agora sua cura — eu partiria também. Adeus, Itália! Adeus, ornamento do mundo, incomparável Roma, refúgio deste solitário homem durante longos meses! Adeus, vida civilizada! Adeus, teto garantido e sucessão de dias monótonos! Agora viverei lado a lado com o perigo, e o saudarei com amizade. A morte cruzará perpetuamente meu caminho, e eu a encararei como benfeitora. As dificuldades, o clima inclemente e as tempestades perigosas serão minhas únicas companhias. Recebam-me, espíritos da tempestade! Espíritos da destruição, abram seus braços e me agarrem para sempre! Se um poder mais gentil não decretou outro fim, depois de muita perseverança



devo colher minha recompensa, e novamente sentir meu coração bater ao lado de outra pessoa como eu.

O Tibre — a estrada que a natureza abriu em meio ao continente com suas próprias mãos — corria logo à minha frente, e havia vários barcos espalhados pelas margens. Com alguns poucos livros, provisões e meu cão, eu embarcaria em um deles e fluotaria com a corrente até desaguar no mar. Depois, mantendo a terra ao meu alcance, margearia pelas costas e pelos promontórios ensolarados do azul Mediterrâneo, passaria por Nápoles, seguiria pela Calábria e encararia os perigos gêmeos de Cila e Caríbdis. Enfim, com uma determinação destemida — pois o que tinha a temer? —, deslizaria pela superfície do oceano na direção de Malta e das Cíclades mais ao longe. Evitaria Constantinopla, pois a visão de torres e enseadas tão conhecidas a mim pertenciam a outro estado de existência que não o meu atual. Margearia a costa da Ásia Menor, da Síria e, passando pelo Nilo com suas sete bocas, desviaria novamente para o norte. Seguiria até perder de vista a esquecida Cartago e a deserta Líbia, e alcançaria as colunas de Hércules. Depois, não importa onde, pode ser que as cavernas cheias de lama e as profundezas silenciosas do oceano se tornem meu lar antes que eu cumpra essa longa viagem, ou que a flecha da doença atinja meu coração enquanto flutuo sozinho pelo agitado Mediterrâneo. Pode ser ainda que, em algum lugar que eu aportar, encontre o que procuro — companhia —, ou pode ser que isso não aconteça. Talvez, até o fim dos tempos, decrepito e grisalho — com a juventude já no túmulo, junto àqueles que amei —, este andarilho solitário siga com a vela enfurnada e a mão no leme. Talvez, ainda obedecendo aos ventos do paraíso, cercando promontório depois de promontório, ancorando em baía depois de baía, ainda arando o oceano infinito, deixando para trás minha verdejante Europa natal para descer margeando a costa fulva da África e encarar as tormentas nos furiosos mares do Cabo, eu fundeie meu abatido barco em uma enseada sombreada pelos bosques cheios de especiarias das aromáticas ilhas no longínquo oceano Índico.

Esses são sonhos loucos. Desde então, cerca de uma semana atrás, eles me ocorrem — assim como, no alto da basílica de São Pedro, dominaram minha imaginação. Já escolhi minha embarcação e a carreguei com meus escassos bens. Escolhi alguns poucos livros — os principais são os de Homero e Shakespeare, porém as portas das bibliotecas do mundo estão escancaradas para mim, e a cada parada posso renovar meu acervo. Não tenho expectativa nenhuma de melhoria, mas a monotonia atual me é intolerável. Sou guiado não pela esperança ou pela alegria — é o desespero inquieto e o feroz desejo de mudança que me conduzem. Anseio por me escaramuçar com o perigo, sentir a empolgação do medo, ter alguma tarefa — por menor e mais voluntária que seja — para ocupar cada um dos

meus dias. Quero testemunhar toda a variedade de aparência que o clima pode assumir — quero ler o auspício nos arco-íris e a ameaça nas nuvens, quero tirar lições ou registros que me sejam caros de todas as coisas. Assim, ao longo das costas desta terra deserta, enquanto o sol estiver a pino e a lua crescer e minguar, os anjos, os espíritos dos mortos e o olho eternamente atento do Todo-Poderoso ainda testemunharão o avanço deste pequeno barco tripulado por Verney — O ÚLTIMO HOMEM.

## SOBRE A TRADUÇÃO

Dizem que o passado é um país estrangeiro. O que falar de um livro escrito no passado *e* em um país estrangeiro? E se ele tiver sido escrito no passado e em um país estrangeiro, mas se passar do futuro (desse passado) — futuro esse que, por sua vez, é outro país estrangeiro?

Se parece complicado para você, imagine para mim, a pessoa responsável por traduzir essa maravilhosa salada literário-temporal.

Eu estava bem no comecinho da minha carreira como tradutora (que ainda nem completou dois anos de vida) quando a Plutão me convidou para traduzir *O último homem*. Depois do surto de alegria, da crise de síndrome do impostor e do medo real de acabar assombrada por uma fantasma gótica furiosa caso eu estragasse sua obra, sentamos editor e eu para decidir qual seria a abordagem da tradução.

A palavra escolhida para definir o clima da obra — ainda mais considerando o contexto da pandemia de COVID-19 desde o começo de 2020 — foi: *atual* (leia com uma voz sombria). Assim, pareceu natural optarmos por um texto mais acessível, tanto em vocabulário quanto em construção. A ideia foi aproximar o público leitor da editora desta que está entre as primeiras obras apocalípticas da história, sem perder o charme romântico da escrita da grande matrona da ficção científica.

A esta altura, vale destacar que não sou uma estudiosa da obra, da autora, do tema ou mesmo de literatura. Sou escritora, tradutora de formação tardia e uma apaixonada por histórias e pelo processo de fazer com que qualquer pessoa possa viajar para os países estrangeiros que existem nos livros. Foram essas credenciais que invoquei todos os dias antes de encarar esse desafio.

Como seria apropriado à temática, posso dizer que o processo de tradução de *O último homem* foi uma verdadeira jornada — longa, com suas quase 175 mil palavras, e cheia de percalços. Precisei me aclimatar, me acostumar com os sotaques e tentar decifrar as formas de pensar dos habitantes desse longínquo futuro-do-passado. O processo de pesquisa, meio desesperado e errático no começo, aos poucos foi ficando mais natural e certo. A sensação de estar fazendo algo meu sem estar desfazendo o que Mary Shelley fez há quase duzentos anos foi me dando mais liberdade e segurança.

Nas encruzilhadas mais duvidosas, cheguei a achar que seria mais uma bênção do que uma maldição receber umas visitinhas do espírito da autora. Em vez de gritar ou sair correndo, eu certamente aproveitaria a oportunidade para conferir o que ela quis dizer em algumas passagens e pedir uma autorização de liberdade aqui e ali (o quanto isso fala sobre mim ou sobre os desafios da tradução eu vou deixar para você concluir).

Por sorte, essa não foi uma viagem solitária. Além das conversas frequentes com o editor e preparador da história, o André Caniato, ainda tive o grande privilégio de acompanhar o processo de revisão, ao longo do qual a Fernanda Castro pegou os últimos typos malandros que transformavam a personagem Perdita em uma pobre moça perdida no meio de um mundo assolado por uma praga (não que ela não seja mais ou menos isso, a pobrezinha). Fica aqui o registro da minha dívida eterna e meu agradecimento por terem tratado o ~~meu~~ nosso texto com tanto carinho.

O passeio pelo planeta tomado pela peste tampouco foi tedioso ou sem graça. Mesmo sabendo o teor do desfecho da história (se você ainda não leu o livro, imagino que pelo menos tenha deduzido que o título é um grande spoiler), acompanhei com ansiedade o relato imaginado do embate final da humanidade contra a natureza — mais dramático à medida que uma pandemia também se espalhava pelo mundo do nosso presente.

Junto com o André e com a Fernanda, ri um pouco de algumas inocências científicas, mas também fiquei muito impressionada com algumas previsões e reflexões certeiras. Também nos deleitamos com as expressões mais ousadas da imaginação do futuro, como as descrições dos grandes zepelins conectando as principais cidades da Europa. Espero ter feito um bom trabalho na aproximação da realidade desse país triplamente estrangeiro.

Um abraço do passado do futuro do passado da Mary Shelley,

Jana Bianchi

Outubro de 2020 —

oitenta anos antes de Lionel, o último homem,  
assinar seus relatos

## - AUTORA -

MARY SHELLEY foi uma romancista, contista, dramaturga, ensaísta e biógrafa inglesa. Nascida em 1797, passou anos conhecida principalmente por seus esforços para publicar as obras do esposo e por *Frankenstein, ou o Prometeu moderno* (1818), ainda sua obra mais popular, mas desde a década de 1970 seus outros trabalhos literários têm atraído estudiosos, em especial seus romances históricos, *Valperga* (1823) e *Perkin Warbeck* (1830), o romance apocalíptico *O último homem* (1826) e seus dois últimos romances, *Lodore* (1835) e *Falkner* (1837).

## - TRADUTORA -

JANA BIANCHI é escritora, tradutora de livros, quadrinhos, RPGs e jogos de tabuleiro, editora-chefe da revista *Mafagafo*, co-hostess do podcast Curta Ficção e passeadora de lobisomens. Entre outros, publicou a novela *Lobo de rua* (2016, Dame Blanche) e contos em antologias e revistas como *Aqui quem fala é da Terra* (2018, Plutão Livros), *Trasgo*, *Somnium* e *Dragão Brasil*. No mercado anglófono de fantasia e ficção científica, já publicou não ficção na revista *Strange Horizons* e ficção na revista *Clarkesworld*. Pode ser encontrada no site [janabianchi.com.br](http://janabianchi.com.br) e no Twitter e no Instagram como @janapbianchi.

## - PARATEXTOS -

FÁBIO FERNANDES é autor da coletânea *Interface com o vampiro* e dos romances *Os dias da peste*, *Back in the USSR*, *Love: An Archaeology* e *Under Pressure*.

JÉSSICA REINALDO é formada em história, revisora e criadora de conteúdo sobre terror.

Copyright da tradução © 2020 by Jana Bianchi  
Copyright dos paratextos © 2020 by os autores

Direção editorial: André Caniato  
Tradução: Jana Bianchi  
Preparação: André Caniato  
Revisão: Fernanda Castro  
Design de capa: Paula Cruz  
Projeto gráfico: Paula Cruz e André Caniato  
Produção de e-book: André Caniato

Skull by Egorova Valentina from the Noun Project

1ª edição eletrônica, 2020, v. 1

*Revisado conforme o Acordo Ortográfico de 1990, em vigor no Brasil desde janeiro de 2009.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

---

Shelley, Mary, 1797-1851.  
S545u O último homem [recurso eletrônico] / Mary  
Shelley; tradutora Jana Bianchi. - Pontes  
Gestal: Plutão Livros, 2020.

Formato: EPUB

Requisitos de sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

Título original: The last man

ISBN 978-65-86692-04-4

1. Ficção inglesa. 2. Literatura inglesa -  
Romance. I. Bianchi, Jana. II. Título.

CDD 823

---

Elaborado por Maurício Amormino Júnior - CRB6/2422

# PLUTÃO

PLUTÃO LIVROS

Pontes Gestal - SP

[www.plutaolivros.com.br](http://www.plutaolivros.com.br)

[plutao@plutaolivros.com.br](mailto:plutao@plutaolivros.com.br)

[2020]

Este e-book foi projetado e desenvolvido em novembro de  
2020 para a Plutão Livros.

175 000 palavras

FONTE Adobe Garamond Pro, Roboto e IBM Plex Mono  
SOFTWARE Libre Office, Sigil e calibre